



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Araraquara - SP

MARCELA PASTANA

MUITO PRAZER!?

DISCUSSÕES SOBRE SEXUALIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO SEXUAL

A PARTIR DA ANÁLISE DE REVISTAS FEMININAS E MASCULINAS



ARARAQUARA – S.P.

2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO JÚLIO DE MESQUITA FILHO
CAMPUS DE ARARAQUARA

MARCELA PASTANA

Muito Prazer!?

**Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual
a partir da análise de revistas femininas e masculinas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Escolar da Faculdade de
Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como
requisito para obtenção do título de Mestre em
Educação Escolar.

Linha de Pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia

ARARAQUARA-SP

2014

Pastana, Marcela.

Muito Prazer!? Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir da análise de revistas femininas e masculinas/ Marcela Pastana, 2014. 552 f.

Orientadora: Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia.

Dissertação de Mestrado- Universidade Estadual Paulista.
Programa de Pós-graduação em Educação Escolar. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014.

Dedico esta dissertação a todos(as) aqueles e aquelas que acreditam na transformação dos padrões de gênero, sexualidade, relacionamentos e prazer e que apostam na comunicação e na criatividade para construir, em suas práticas cotidianas e/ou profissionais, espaços de diálogo para que essa transformação aconteça.

Agradecimentos

Desejo imensamente agradecer a todos(as) aqueles(as) que sinto muito prazer por ter em minha vida, por fazerem parte desta trajetória, por contribuírem, cada um(a) ao seu modo, para que eu tenha aprendido a compreender o prazer como sinônimo de diálogo, de aprendizado, de sensibilidade, de imaginação e criatividade. É impossível apresentar de forma justa o quanto vocês me ensinaram e como são ricos os vínculos que construímos juntos(as), então peço desculpas desde já porque não conseguirei contemplar, nestes agradecimentos, todos os muitos motivos que tenho para reconhecer que nada faria sentido sem vocês.

Agradeço muito à minha orientadora, a Professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia. Realmente não tenho palavras para expressar o quanto sou grata, mas, ainda assim, escolho uma: **Confiança**, uma palavra que condensa muito do que ela transmite como educadora e também como grande amiga. Desde as primeiras aulas de graduação, senti grande admiração por como ela demonstra de forma envolvente e inspiradora a grande confiança que sente sobre o que ensina e sobre o que faz. Nas pesquisas de iniciação científica, nos projetos de extensão, nos projetos de estágio e também no decorrer da construção desta pesquisa de mestrado, aprendo com ela a cada dia mais a confiar e acreditar na possibilidade de construir espaços de diálogo e reflexão sobre a sexualidade. Confiança é também uma ótima palavra para descrever nosso vínculo, o que me faz agradecer muito por tudo o que temos feito juntas e torcer muito para que esta parceria esteja apenas começando. Agradeço muito também pela confiança que ela transmite em relação ao meu trabalho, com tanto incentivo e reconhecimento, com tanto carinho e motivação, ingredientes que foram tão importantes para fermentar meu desenvolvimento não apenas acadêmico e profissional, mas também pessoal e afetivo, a grande paixão que sinto por ter a oportunidade de estudar e trabalhar com o tema que amo e por ter a imensa sorte de conviver com alguém tão especial, que admiro tanto. Aproveito e agradeço também à Bruna e à Bea, pela alegre e carinhosa convivência.

Agradeço muito à Professora Lola Aronovich, pela participação nas bancas de qualificação e defesa, pelas preciosas contribuições que realizou para esta pesquisa, tanto a partir da leitura dedicada e das estimulantes sugestões que fez para o meu trabalho, quanto pelas discussões diárias que tenho o grande prazer de acompanhar no blog *Escreva Lola Escreva*. Admiro-a muito por como faz chegar a tantas pessoas, em uma linguagem

acessível, leve e envolvente tantas reflexões críticas que evidenciam a importância do pensamento e das reivindicações feministas na atualidade, transformando o modo de compreender e experienciar o mundo e as relações para seus(suas) muitos(as) leitores(as), grupo do qual sou alegremente grata por fazer parte.

Agradeço muito ao Professor Paulo Rennes Marçal Ribeiro pela participação na banca de defesa, pelas inspiradoras recomendações para o trabalho, que contribuíram para tornar meu olhar para a dissertação mais abrangente e motivado. Agradeço-o muito também por todas as importantes contribuições no decorrer da minha formação. Admiro-o muito por como acredita e se dedica para a área de Sexualidade e Educação Sexual, proporcionando-nos sempre um valioso aprendizado.

Agradeço muito ao Professor Fernando Teixeira Filho, pela participação na banca de qualificação e pelas construtivas sugestões que fez para este trabalho. Agradeço muito também por ter me recebido como aluna especial na disciplina “Sexualidades, Gêneros e Processos de Subjetivação”, na Pós-Graduação em Psicologia de Assis, que foi uma oportunidade de muito aprendizado. Admiro-o muito por como, em parceria com o Professor William Siqueira Peres, a quem também agradeço muito, tornam o campus de Assis um espaço de fértil “desterritorialização”, nos estimulando para imaginarmos novos possíveis que muito desafiam e subvertem os padrões que em outros momentos parecem tão rígidos e resistentes a mudanças. Desde o primeiro evento “Pensando Gênero”, organizado por eles, que tive o grande prazer de participar, as discussões, estranhamentos e “desaprendizados” de Assis tem sido muito inspiradores.

Agradeço muito à Professora Marisa Eugênia Melillo Meira por participar de um momento tão especial como suplente da banca de defesa, e também pela valiosa participação em minha formação, por todo o incentivo, motivação e tranquilidade que nos transmitiu como supervisora do grupo de educação sexual com adolescentes no estágio em Psicologia da Educação. Admiro-a muito por como acredita na educação, na transformação e na ressignificação da realidade por meio da reflexão crítica e também por toda a dedicação que demonstra em relação ao vínculo estabelecido com seus(suas) alunos(as).

Agradeço muito ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara pelo preparo e formação que recebi no decorrer do mestrado e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq pela bolsa concedida, permitindo minha dedicação integral aos estudos e ao desenvolvimento desta pesquisa.

Desde quando pesquisar sobre sexualidade, gênero e prazer era apenas uma intensa vontade que se expressava em diferentes ideias sem ainda direções e contornos definidos, como um sonho um tanto distante, tive o grande prazer de ter ao meu lado alguém que me escutou e apostou nesse sonho e desde então tem sempre me acompanhado, me incentivado e compartilhado comigo, a cada momento, a paixão que temos por estudar e aprender. Agradeço muito a ele, ao Alisson Almeida Bueno, que compartilha comigo também a paixão por dialogar; por dividir ideias, inspirações, questionamentos, experiências, vontades; por digredir, por criar, por viver, enfim, agradeço muito pela enorme felicidade que sinto ao ouvir a voz dele tão carinhosa todos os dias e por como nossa história nos ensinou múltiplos significados muito ricos e inspiradores para a palavra amor.

Agradeço muito e com imenso carinho à minha mãe e ao meu pai, por nossas relações tão próximas e tão acolhedoras, por sempre me apoiarem muito em minhas escolhas, me incentivarem muito em meus estudos e por terem estimulado e valorizado intensamente no decorrer da minha educação, desde bem pequenininha, a imaginação, a criatividade e a paixão por aprender. Agradeço também a toda a minha família, por como sempre incentivaram o olhar crítico para os meios de comunicação e por como apoiaram continuamente meu interesse pela leitura, pela escrita e por dar aulas.

Nesses dois anos, um trocadilho frequente foi entre mestrado e (m)estrada, para expressar como os trajetos Bauru-Araraquara e Bauru-Assis foram muito importantes, oportunidades únicas de aprendizado e desenvolvimento, por terem me aproximado de companhias tão especiais, tanto para as viagens, quanto para a vida acadêmica e profissional, quanto para a construção de maravilhosas amizades. Agradeço às pessoas que viajaram comigo pelos momentos em que compartilhamos tantas experiências, tantas ideias, tanta paixão e convicção pelo que fazemos, tantas longas conversas sobre nossas pesquisas, nossos projetos, nosso dia-a-dia e as histórias que vivemos, conversas que transformam, ressignificam e ampliam meu olhar para o mundo. As viagens com a Sandra Sposito, que admiro tanto por como compreende e atua no campo da Psicologia e da Sexualidade, pelo grande envolvimento e pela busca sempre intensa por reflexões e transformações tanto na vida acadêmica, quanto nas relações cotidianas e também no ativismo político; as viagens com o Márcio Magalhães, que admiro tanto por sempre dedicar um olhar crítico e aprofundado às questões com as quais se envolve, fazendo continuamente provocações tão estimulantes e inspiradoras; as viagens com a Patrícia Cristine Pereira, que admiro tanto pelo comprometimento e a dedicação pelo que faz, que

tive a sorte de conhecer bem de pertinho por termos construído uma animada parceria na realização de grupos de educação sexual que se tornou ainda mais animada e motivadora no decorrer do mestrado; as viagens e as hospedagens com a Simone Cheroglu, que admiro tanto desde a graduação quando compartilhávamos a grande vontade de aprender, de nos envolvermos e nos aprofundarmos nos temas de estudo; as viagens com a Larissa Bulhões D’Incao, que admiro tanto por como acredita e mergulha nos projetos que realiza; as viagens com o Diogo Garcia, que admiro tanto pela alegria que expressa em todos os momentos; ou seja, as viagens com pessoas que tanto gosto e admiro foram, com certeza, o melhor combustível possível para a realização deste mestrado. Não poderia esquecer também da viagem Bauru-Florianópolis, com a Sandra Sposito, o Tom Rodrigues, o Flávio Firmino e a Marina Sposito, viagem digna de um “Top 10 Inspiração”.

Agradeço muito às minhas preciosas amigadas, tanto aqueles(as) que tive a sorte de conviver nesses dois anos, quanto aqueles(as) que, mesmo distantes, estavam sempre próximos, acompanhando o desenvolvimento deste trabalho tanto em encontros presenciais, quanto em conversas pela internet, também em animadas conversas nas mesas de bar e até mesmo olhando para o mar na praia... Pensar em cada um(a) é pensar em formas singulares de inspiração e motivação. Agradeço muito aos (às) maravilhosos(as) amigos(as) Theo Salmeirão, Lídia Fiod Baratella, Juliana Monteiro Steck, Lilian Cristina Castelan, Amanda Guedes, Ana Carla Vieira, Raquel Spaziani, Drielly Lopes, Cristiane Fontes, Luís Natal, Bruno Pereira, Nathaly Lamas Garcez, Juliane de Matos, Roberta Martins, Florêncio Júnior, Jacqueline Oliveira, Sílvio Izidro, Gabriel Greggi Ferreira, Selma Miranda dos Prazeres, Carlos Quagliato, Paloma Rodrigues e Tiago Siebert.

Falando em maravilhosos(as) amigos(as), agradeço especialmente ao Tom Rodrigues e também ao Flávio Firmino e à Simone Simões pelas trocas sempre tão estimulantes, nas reuniões do “Sexualidade, Gênero e Mídia”, nas reuniões do GEPESSEC, nas supervisões do estágio e também no dia-a-dia, com a alegre e inspiradora companhia. Agradeço muito pelas muitas contribuições que trouxeram para cada passo desta pesquisa, pela atenção e pelo carinho que dedicaram no processo de construção deste trabalho, nas tantas discussões sobre as leituras, sobre as análises, sobre a desconstrução de padrões e também nas tantas vezes que me animaram e me ajudaram a “encontrar o tom”.

Agradeço muito a todos(as) que participaram do grupo “Sexualidade, Gênero e Mídia” desde 2011 pelas ricas discussões e também pelas amizades tão especiais que construímos: Alexandre Bertoncini, Amanda Guedes, Cristiane Fontes, Drielly Lopes, Flávio Firmino, Larissa Conti, Maria Carolina Cabau, Mariana Cervi, Marina Leonel, Mayara Bichir, Lucas Vicente Bortoletto, Luis Natal, Natália Ulmi, Simone Simões, Thiago Teixeira,

Tom Rodrigues e também aos(às) que estão participando em 2014. Os encontros semanais do grupo são um espaço onde os temas que estudo e as questões de acredito ganham vitalidade renovada e se ressignificam, com os múltiplos olhares dos(as) participantes com os(as) quais tanto aprendo e tenho tanto carinho.

Agradeço muito a todos(as) os(as) que participaram do estágio em Sexualidade e Educação Sexual desde 2011, a oportunidade de conhecer sobre cada projeto, ouvindo e dialogando semanalmente sobre as múltiplas e ricas experiências, me fascinando com o quanto todos(as) buscam, em suas atuações, construir de forma criativa e dedicada uma compreensão mais abrangente, reflexiva e crítica sobre a sexualidade, me levando a acreditar e apostar cada dia mais na realização de grupos de educação sexual. Esta dissertação com certeza não seria a mesma sem essa oportunidade única de acompanhar projetos tão inspiradores.

Agradeço muito a todos(as) que foram meus(minhas) alunos(as) na matéria “Psicologia da Comunicação”, do curso de Rádio e Televisão, em 2013. Lembrarei sempre com muito carinho de como vocês me receberam de forma tão aberta, permitindo, a cada aula, que os temas discutidos nesta pesquisa ganhassem mais vida, ganhassem mais fôlego, com a forma como, com alunos(as) sempre tão criativos(as), a proposta de realizar a leitura crítica da mídia se tornou tão envolvente, lúdica e repleta de imaginação e inventividade sobre as múltiplas possibilidades de transformar os padrões e atuar de forma diferente. Agradeço muito à Professora Lúcia Leite pela oportunidade e pela confiança que transmitiu ao me convidar para a disciplina.

Agradeço aos(às) Professores(as) do Mestrado em Educação Escolar, especialmente aos(às) Professores(as) da linha de Sexualidade, Cultura e Educação Sexual. Também gostaria agradecer aos(às) Professores(as) do curso de Psicologia da UNESP de Bauru, tão importantes em minha formação, em especial aos(às) que foram supervisores(as) dos estágios que cursei, que foram experiências muito ricas, o Professor Edson Olivari Castro e as Professoras Marisa Eugênia Melillo Meira e Ana Cláudia Bortolozzi Maia. Agradeço também à Professora Patrícia Porchat e à Professora Larissa Pelúcio, que, embora eu não tenha tido a sorte de ter aulas com elas, pude acompanhar algumas das interessantes reflexões que trazem para o campus de Bauru sobre sexualidade e gênero.

Agradeço muito, por fim, a todos(as) aqueles(as) que em algum momento leram ou lerão esta pesquisa, porque foi pensando neles(as) que o trabalho foi escrito. Muito obrigada!!!

PASTANA, Marcela. **Muito Prazer!?** Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir da análise de revistas femininas e masculinas. 2014. 505 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara- SP, 2014.

RESUMO

A educação sexual é um processo que ocorre por toda a vida e envolve diferentes instâncias como a família, a escola, o meio social e os meios de comunicação. Os materiais midiáticos participam no aprendizado sobre sexualidade e gênero e transmitem continuamente padrões e modelos idealizados de feminilidade, de masculinidade, de corpo, de relacionamentos amorosos, de sociabilidade e de práticas sexuais, com muitas imagens e mensagens que afirmam a importância de aproveitar a vida, de divertir-se, de buscar a felicidade e o prazer. Neste sentido, torna-se importante a discussão sobre a forma repressiva como o prazer, ao invés de ser compreendido como um campo de múltiplas possibilidades, passa a ser visto como uma exigência, um dever a ser cumprido, um imperativo acompanhado de modelos normativos sobre como deve ser buscado e sentido. Um dos marcadores que atravessam a construção desses modelos normativos é os padrões de gênero, de forma que a divisão binária entre feminilidade e masculinidade é naturalizada e colocada como determinante de quais serão os gostos, interesses, sentimentos, desejos e prazeres dos sujeitos. Nesta pesquisa qualitativa-descritiva documental foi realizada a análise de conteúdo das edições publicadas em fevereiro de 2012 de 14 revistas femininas e masculinas (*Nova, Boa Forma, Women's Health, Tpm, Capricho, Atrevida, Todateen, Playboy, Sexy, Vip, Men's Health, Trip, Júnior e G*) com o objetivo de identificar o que é representado como prazeroso pelas publicações e de que forma os prazeres valorizados variam de acordo com a segmentação por gênero. A partir da análise foi possível identificar que nas revistas femininas predomina um ideal de “viver bem”, relacionado à busca pelo equilíbrio, pela autoestima e pelo cultivo de si mesma e das próprias relações, de modo que os prazeres valorizados com mais frequência foram o cuidado com a beleza e com o corpo, o relacionamento amoroso e o sexo. As revistas masculinas transmitem um ideal de “boa vida”, em que os excessos, a diversão, o lazer, a liberdade e o consumo são associados aos elementos valorizados com mais frequência como prazerosos: as imagens do corpo feminino, o sexo e as bebidas alcoólicas. A partir da discussão dos resultados encontrados, ressalta-se a importância da abordagem sobre gênero e prazer em projetos de Educação Sexual e a possibilidade de aliá-la à leitura crítica dos meios de comunicação, de forma que os padrões normativos possam ser discutidos, refletidos criticamente e problematizados.

Palavras-chave: Prazer; Gênero; Sexualidade; Educação Sexual; Revistas Femininas; Revistas Masculinas.

PASTANA, Marcela. **Too Much Pleasure?! Discussions about sexuality, gender and sexual education from the analysis of feminine and masculine magazines**. 2014. 505 p. Dissertation (Master's Degree in School Education)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara- SP, 2014.

ABSTRACT

Sexual education is a process that occurs during all life and involves different instances such as the family, the school, the social environment and the media. The media materials participate in the learning process about sexuality and gender and transmit continuously idealized patterns and models of femininity, masculinity, body, love relationships, sociability and sexual practices, with many images and messages that affirm the importance of enjoying life, having fun, searching for happiness and pleasure. Considering this, it becomes important to discuss about the repressive way by which pleasure, instead of being comprehended as a field of multiple possibilities, is seen as an exigency, a duty to be performed, an imperative followed by normative models about what has to be aimed and felt. One of the markers that pervades the construction of these normative models is the gender patterns, in a way that the binary division between femininity and masculinity is naturalized and put as a determinant of what will be the subjects' preferences, interests, feelings, desires and pleasures. In this qualitative-descriptive documental research, it was conducted the content analysis of the editions published in February 2012 of 14 feminine and masculine magazines (*Nova, Boa Forma, Women's Health, Tpm, Capricho, Atrevida, Todateen, Playboy, Sexy, Vip, Men's Health, Trip, Júnior* and *G*), with the objective of identifying what is represented as pleasurable by the publications and how the pleasures represented as positive vary according to the gender segmentation. Based on the analysis, it was possible to identify that in feminine magazines there is the predominance of a "living well" ideal, related to the search for harmony, self-esteem and to the care of oneself and of one's own relations, what is related to the fact that the pleasures valued most frequently were the care about the beauty and the body, love relationship and sex. The masculine magazines transmit an ideal of "good life", in which the excesses, the fun, the leisure, the freedom and the consumption are associated with the elements valued more frequently as pleasurable: images of the women's body, sex and consumption of alcoholic beverages. From the discussion about the results found, it is highlighted the importance of the approach about gender and pleasure in Sexual Education projects and the possibility to ally it with the critical analysis of media materials, making it possible to discuss, reflect critically and problematize the normative patterns.

Keywords: Pleasure; Gender; Sexuality; Sexual Education; Feminine Magazines; Masculine Magazines.

Sumário

Introdução	18
Justificativa e objetivos	30
Método	32
Organização dos capítulos	34
Parte I- Revisão teórica	41
Capítulo 1- O Imperativo de Prazer	42
1.1. Muito prazer?!	43
1.2. O prazer e a construção da subjetividade atualmente	45
1.2.1. O que é subjetividade?	45
1.2.2. O que é prazer?	48
1.2.3. A construção do prazer como imperativo	49
1.2.4. Que prazeres?	52
1.2.4.1. O imperativo de prazer e a moral das sensações	52
1.2.4.2. O imperativo de prazer e a ausência de sentidos para o sofrimento	54
1.2.4.3. O imperativo de prazer e o tempo	57
1.2.4.4. O imperativo de prazer e a visibilidade	58
1.2.4.5. O imperativo de prazer e o apagamento da alteridade	59
1.2.5.1. O imperativo de prazer e os ideais de corpo	60
1.2.5.2. O imperativo de prazer e os ideais de relacionamentos amorosos	63
1.2.5.3. O imperativo de prazer e os ideais de prazer sexual	66
Capítulo 2- Sexualidade e Prazer	72
2.1. O que é sexualidade?	73
2.2. A construção histórica da sexualidade como vinculada ao prazer	76
2.2.1. A influência da expansão dos meios de comunicação	79
2.2.2. A influência da incitação ao consumo	81
2.2.3. A influência da medicalização	88
2.2.4. A influência do surgimento da pílula anticoncepcional	89
2.2.5. A influência dos estudos de Freud	91
2.2.6. A influência dos estudos de Reich	96
2.2.7. A influência da sexologia	99
2.2.8. A influência dos estudos de Foucault	103
2.2.9. O pessoal é político: A influência do movimento feminista	111
2.2.10. A influência do movimento homossexual	129
2.2.11. A influência do surgimento da aids	136
2.2.12. Linha do tempo	139
Capítulo 3- O Aprendizado Sobre os Padrões de Gênero no Decorrer da Educação	145
3.1. O que é gênero?	146
3.2. Como são construídos os ideais de feminilidade e masculinidade?	151
3.3. Como o prazer participa na construção dos padrões de gênero?	153
3.4. Como a violência participa na construção dos padrões de gênero?	156
3.5. O que é o machismo?	157
3.6. Como os padrões de gênero participam no aprendizado sobre sexualidade?	167
3.7. O que é a heteronormatividade?	170
3.8. Qual é a importância da discussão sobre gênero e do combate ao preconceito no espaço da escola?	171

Capítulo 4- A Importância da Discussão sobre Prazer e da Leitura Crítica da Mídia nos Grupos de Educação	176
4.1. O que é educação sexual?	177
4.2. Como a sexualidade e o gênero estão presentes no espaço da escola?	179
4.3. O que são as intervenções em educação sexual?	188
4.4. Qual é a importância da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual?	191
4.5. Como a mídia participa na construção da compreensão sobre sexualidade, gênero e prazer?	203
4.6. Qual é a importância da leitura crítica dos meios de comunicação em grupos de educação sexual?	205
Capítulo 5- Revistas, Gênero e Prazer	209
5.1. As revistas e o prazer	210
5.2. O prazer de ler feminino e as transformações nos padrões de gênero	211
5.3. O surgimento da imprensa feminina	213
5.4. A importância das revistas femininas	215
5.5. O contexto do surgimento das revistas masculinas: transformações nos padrões de gênero no período pós-guerra	217
5.6. Novos ideais de masculinidade: A ética da “good life”	219
5.7. A construção de novos ideais de masculinidade e o surgimento da revista <i>Playboy</i>	220
5.8. A construção de novos ideais de feminilidade e o surgimento da revista <i>Cosmopolitan</i>	224
5.9. A “good life” e a cultura jovem	226
5.10. A construção do ideal de adolescência e o surgimento da revista <i>Capricho</i>	230
5.11. As revistas e a normatização da adolescência	232
5.12. As revistas e a normatização da feminilidade	234
5.13. As revistas e a normatização da masculinidade	242
5.14. Sobre a ausência de revistas masculinas para adolescentes	243
5.15. A construção de modelos identitários de masculinidade homossexual e o surgimento das revistas gays	244
5.16. Sobre a ausência de revistas femininas para lésbicas	248
5.17. Sexualidade, gênero e corpo nas revistas selecionadas	249
5.17.1.1. Revistas femininas para adultas: <i>Nova, Boa Forma, Women’s Health e Tpm</i>	250
5.17.1.2. Sexualidade, gênero e corpo nas revistas femininas para adultas	251
5.17.2.1. Revistas femininas para adolescentes: <i>Capricho, Atrevida e Todateen</i>	257
5.17.2.2. Sexualidade, gênero e corpo nas revistas femininas para adolescentes	258
5.17.3.1. Revistas masculinas para heterossexuais: <i>Playboy, Sexy, Vip, Trip e Men’s Health</i>	261
5.17.3.2. Sexualidade, gênero e corpo nas revistas masculinas para heterossexuais	263
5.17.4.1. Revistas masculinas para homossexuais: <i>G e Júnior</i>	267
5.17.4.2. Sexualidade, gênero e corpo nas revistas masculinas para homossexuais	268
5.18. As revistas hoje	270

Parte II- Análise e Discussão dos Resultados	279
Capítulo 6- O Prazer nas Revistas	280
6.1. As revistas femininas e o ideal de “viver bem”	289
6.2. As revistas masculinas e o ideal de “boa vida”	301
6.3. Prazeres nas revistas femininas e masculinas	311
6.4. Considerações sobre o prazer nas revistas e apresentação das categorias de análise	334
Capítulo 7- Valorização do Cuidado com a Beleza e com o Corpo como Prazer Feminino	347
7.1. Regras e prescrições sobre como a aparência feminina deve ser	348
7.2. Transmissão dos modelos de beleza e corpo como desejados e sonhados	349
7.3. Transmissão dos cuidados com a beleza e o corpo como fáceis, agradáveis e divertidos	351
7.4. Os cuidados com a beleza e com o corpo e o olhar masculino	355
7.5. Transmissão dos cuidados com a beleza e com o corpo como fundamentais para a autoestima	356
7.6. Uso de uma linguagem culpabilizante na abordagem sobre a beleza e o corpo	362
7.7. Uso de uma linguagem bélica na abordagem sobre a beleza e o corpo	363
7.8. Conselhos sobre alimentação	364
7.9. Modelos ideais de beleza e corpo e incitação à competitividade	365
Considerações sobre a valorização do cuidado com a beleza e com o corpo como prazer feminino	366
Capítulo 8- Valorização do Relacionamento Amoroso como Prazer Feminino	371
8.1. Idealização do amor	372
8.2. Regras e prescrições sobre como buscar o relacionamento idealizado a partir da centralidade dada à aprovação masculina	373
8.3. Valorização de relacionamentos românticos, estáveis e monogâmicos	380
8.4. Naturalização da infidelidade masculina	384
8.5. Responsabilização feminina pela conquista e manutenção do relacionamento idealizado	386
8.6. Heteronormatividade	389
Considerações sobre a valorização do relacionamento amoroso como prazer feminino	391
Capítulo 9- Valorização do Sexo como Prazer Feminino	394
9.1. Compreensão instrumental e funcional do sexo	395
9.2. Regras e prescrições para o desempenho e o prazer sexual	397
9.3. Ênfase na beleza feminina como importante para o prazer sexual	404
9.4. Transmissão da sexualidade feminina adolescente como motivo de medos e preocupações	406
9.5. Prazer nas revistas femininas para adolescentes	411
9.6. Prevenção	411
Considerações sobre a valorização do sexo como prazer feminino	411

Capítulo 10- Valorização das Imagens do Corpo Feminino como Prazer Masculino	414
10. 1. O prazer masculino de olhar	415
10.2. O prazer masculino de julgar, avaliar e selecionar	418
10.3. Centralidade dada para o corpo e para a disponibilidade sexual feminina	420
10.4. O desejo masculino como central e a representação do desejo feminino como desejo de ser desejada	423
10.5. Naturalização da redução das mulheres ao corpo	425
Considerações sobre a valorização das imagens do corpo feminino como prazer masculino	426
Capítulo 11- Valorização do sexo como prazer masculino	434
11.1. Valorização do sexo como prazeroso	435
11.2. Centralidade dada para a genitalidade e para aspectos quantitativos das práticas e do desempenho sexual	435
11.3. Associação entre conquistas sexuais e diversão	438
11.4. Ênfase na beleza feminina como importante para o prazer sexual	446
11.5. Compreensão instrumental e funcional do desempenho e do prazer sexual	448
11.6. Heteronormatividade, homofobia e machismo na construção dos padrões de sexualidade masculina	452
Considerações sobre a valorização do sexo como prazer masculino	455
Capítulo 12- Valorização do Consumo de Bebidas Alcoólicas Como Prazer Masculino	458
12.1. Valorização do consumo de bebidas alcoólicas como prazeroso	459
12.2. Valorização do consumo em excesso de bebidas alcólicas	460
12.3. Valorização do consumo de bebidas alcoólicas como associado à maior desinibição sexual feminina	464
12.4. Naturalização da violência	466
Considerações sobre a valorização do consumo de bebidas alcoólicas como prazer masculino.	468
Capítulo 13- Diversão e Lazer nas Revistas Masculinas para Homossexuais	472
Capítulo 14- Diversão e Lazer nas Revistas Femininas para Adolescentes	478
Capítulo 15- Prazer, Gênero e Sexualidade: Síntese dos resultados e considerações sobre possibilidades de atuação em grupos de educação sexual	485
15.1. Sexualidade, Gênero e Prazer: Síntese dos resultados.	486
15.2. Considerações sobre possibilidades de atuação em grupos de educação sexual a partir da análise realizada	495
15.3. Relato de experiências sobre o grupo “Sexualidade, Gênero e Mídia”	514
Considerações Finais	521
Referências	529

Lista de Figuras

Figura 1- Faixa “Pelo Prazer Lésbico” Carregada em um Protesto no Centro de São Paulo Contra a Repressão Policial	131
Figura 2- Submissão Feminina- Campanha Equatoriana Contra o Machismo.....	158
Figura 3- Agressividade Masculina- Campanha Equatoriana Contra o Machismo	158
Figura 4- Reprodução dos Padrões de Gênero- Campanha Equatoriana Contra o Machismo	159
Figura 5: Marcha das Vadias	166
Figura 6: Constituição do Homem Livre	2722
Figura 7: <i>Capricho</i> - Garotos contam sobre a diferença entre meninas para ficar e meninas para namorar.....	2733
Figura 8: Quantidade de Revistas Vendidas Anualmente no Brasil	2755
Figura 9: Capas das Revistas Analisadas Publicadas em Fevereiro de 2012.....	27979
Figura 10: <i>Women’s Health</i> - “Você. Só que Melhor”	2911
Figura 11: “Menina Atrevida: O que ela consome”	2933
Figura 12: <i>Capricho</i> - “Hábitos de Consumo da Leitora”	2944
Figura 13: Consumo no <i>Caderno Capricho da Garota Brasileira</i>	2955
Figura 14: Leitora Imaginada pela Revista <i>Nova</i>	2988
Figura 15: Leitora Imaginada pela Revista <i>Boa Forma</i>	299
Figura 16: Elementos do Ideal de “Boa Vida” na Revista <i>Playboy</i>	3033
Figura 17- Elementos do Ideal de “Boa Vida” na Revista <i>Vip</i>	3033
Figura 18: Leitores Imaginados pelas Revistas <i>Playboy</i> , <i>Vip</i> e <i>Men’s Health</i>	3055
Figura 19: Mulheres nas Revistas <i>Playboy</i> , <i>Vip</i> e <i>Trip</i>	3077
Figura 20: <i>Men’s Health</i> - “Viver Melhor é Fácil!”	3088
Figura 21: Cuidados Pessoais na Revista <i>Men’s Health</i>	30909
Figura 22: <i>Playboy</i> - “O Prazer em Suas Mãos”	4288
Figura 23: Cartaz de Divulgação do Grupo Gênero e Sexualidade nos Mídia- O que você pensa sobre o que você pensa?	5188
Figura 24: O que vai para a cama com você?	5255
Figura 25: Oficina de Elaboração do Lençol com o Grupo “Sexualidade, Gênero e Mídia”.	5266

Lista de Tabelas

Tabela 1- Fatores que Influenciaram na Compreensão da Sexualidade como Vinculada ao Prazer	139
Tabela 2- Informações Sobre as Revistas	277
Tabela 3- O Prazer nas Revistas	335
Tabela 4- O Cuidado com a Beleza e o Corpo como Prazer Feminino	338
Tabela 5- Relacionamento Amoroso como Prazer Feminino	340
Tabela 6- Sexo como Prazer Feminino	341
Tabela 7- Imagens do Corpo Feminino como Prazer Masculino	343
Tabela 8- Sexo como Prazer Masculino	344
Tabela 9- Consumo de Bebidas Alcoólicas como Prazer Masculino	346
Tabela 10- Objetivos Relacionados à Discussão sobre Prazer, Gênero e Sexualidade e à Inserção da Leitura Crítica da Mídia em Grupos de Educação Sexual.....	503

INTRODUÇÃO

A Escola de Normalidades

Em uma escola de idiomas, recebemos a proposta de preparar os alunos e alunas para um exame de proficiência. Formamos dois grupos, que realizariam a prova sobre duas línguas diferentes. O tempo disponível para a preparação era curto, então nos reunimos para pensar nas estratégias didáticas mais pontuais e eficazes.

A primeira língua é repleta de expressões sobre afetos, sentimentos, emoções. As lições iniciais envolvem o aprendizado sobre como conjugar adequadamente verbos como amar, cuidar, agradecer, envolver, acolher... Além da aquisição de um amplo vocabulário, também era fundamental praticar o uso correto do diminutivo para cada uma das palavras aprendidas, para carregá-las de uma conotação carinhosa, essencial para demonstrar fluência e conhecimento sobre as práticas da cultura em que a língua é falada. Foi necessário também praticar a pronúncia, que requer um tom de voz doce, meigo e delicado, com movimentos sutis, de forma que precisaríamos estar atentas e elaborar exercícios para que o grupo não elevasse o tom de voz, não manifestasse atitudes diretas e agressivas e não deixasse transparecer nenhuma emoção que destoasse da ternura e da sensibilidade requeridas. Uma das unidades mais cheia de vocabulários e detalhes que poderiam confundir e estar presentes em “pegadinhas” na avaliação é sobre os produtos de beleza, que requer ter domínio suficiente sobre a diferença entre itens de maquiagem como delineador, curvex e rímel e sobre a forma de aplica-los; conhecer os diversos nomes de tons de corretivos e bases e quais são adequados para cada tipo de pele; saber distinguir entre estrias e celulites e as tecnologias mais recentes para eliminá-las; além de memorizar uma extensa tabela de calorias. Esses são conteúdos que correspondem a um alto nível de exigência nas avaliações. Preparamos então as salas de aula com os recursos pedagógicos mais tradicionais: bonecas e seus acessórios (mamadeiras, chupetas, fraldas, carrinhos); miniaturas de objetos domésticos (fogão, panelinhas, vassouras); livros, filmes e músicas sobre contos de fadas com diferentes personagens princesas que encontram um príncipe e são felizes para sempre e uma penteadeira repleta de diferentes tipos de cosméticos com um imenso espelho para as atividades práticas.

Ao mesmo tempo, precisávamos também cuidar de todos os preparativos para ensinar para o outro grupo a segunda língua, que tem a particularidade de não possuir

vocabulário referente a sentimentos, apenas aqueles ligados à agressividade. Por isso, logo nas primeiras aulas, os recursos utilizados foram diferentes tipos de armas, miniaturas de heróis e outros personagens fortes e musculosos para lutarem entre si e de monstros para serem devidamente destruídos e exterminados. Além do ensino de palavras como coragem, domínio, batalha, guerra, vitória, destruição, entre outras expressões bélicas, foi preciso um intenso treinamento para que a entonação usada fosse devidamente agressiva e violenta, com gritos, movimentos faciais e do corpo que parecessem intimidadores e ameaçadores. Logo percebemos que incluir videogames, com cenas repletas de tiros, efeitos sonoros e visuais como derramamento de sangue tornariam o aprendizado mais estimulante e eficaz. Outra palavra muito necessária é competição, então investimos em jogos de luta, de futebol e corridas de carro, que também seriam eficientes para o aprendizado do vocabulário esportivo e automobilístico, muito requeridos nas avaliações. O aprendizado de expressões competitivas envolve, sobretudo, palavras de ataque e ofensas aos adversários e a todos aqueles que não se expressassem com fluência na língua, que precisavam ser praticadas desde as primeiras lições para serem suficientemente incorporadas e faladas de forma natural e automática nos diversos momentos que poderiam ser adequadas. Uma questão frequente para o qual o grupo deveria estar devidamente preparado era, diante de imagens de mulheres apresentadas na prova, utilizar expressões como “gostosa”, “delícia”, “vou te chupar todinha” e, no caso da prova oral, movimentos com a boca e com a língua que simulassem um tesão intenso, caso estas imagens fossem de mulheres que correspondessem aos padrões estéticos da cultura em que a língua é falada. Se não correspondessem, seria necessário o domínio de expressões como “baranga”, “mal-amada” e outras palavras depreciativas. Decidimos utilizar vídeos pornográficos para tornar o aprendizado mais dinâmico.

Ainda assim, com tantos recursos didáticos disponíveis para ambas as línguas, reconhecemos algumas dificuldades dos alunos e alunas e nos reunimos para pensar em novas estratégias. Foi quando uma das pessoas da equipe sugeriu que utilizássemos, em nossas aulas e como tarefa de casa, a leitura de revistas, que tinham muitas matérias repletas de conteúdos e imagens relacionados ao que deveria ser aprendido. Realizamos então a assinatura, para a primeira língua, de revistas como Capricho, Nova e Boa Forma e, para a segunda língua, da Playboy, da Sexy e da Vip. Elas trouxeram grandes contribuições para a assimilação dos conceitos pelos alunos(as), servindo como eficientes dicionários, e, mais do que isso, como sedutores guias turísticos que fizeram

com que, mais do que preocuparem-se com a prova, os(as) alunos(as) desejassem conhecer todos os lugares nos quais a língua é falada, já que as revistas prometiam que a fluência no idioma daria acesso aos mais diversos privilégios e ao contato com hábitos muito interessantes, apresentando modelos de pessoas muito felizes, realizadas e bem-sucedidas por terem um amplo domínio da língua. Percebemos então, mais do que nunca, como o prazer pode ser uma rica ferramenta pedagógica: aprendendo com prazer e sobre os prazeres que poderiam ter ao aprender, nossos alunos e alunas estranharam muito menos os inúmeros detalhes a serem assimilados e tiveram menos resistências e dificuldades em fazer os exercícios de repetição e de pronúncia, reproduzindo com mais facilidade e desenvoltura as expressões ensinadas.

Os resultados nos exames de proficiência foram muito satisfatórios. Decidimos, então, fazer uma festa de comemoração, que seria interessante também para os dois grupos se conhecerem e confraternizarem. Mas eles(as) estavam tão animados(as) com o aprendizado das novas línguas que resolveram praticá-las durante a festa. Ninguém havia aprendido os dois idiomas, assim, além de pouco conversarem entre si, quando se aproximavam e tentavam, acabavam se queixando de que a outra língua era muito diferente, estranha, ou mesmo absurda e incompreensível. O segundo grupo falava alto, interrompia quando o outro grupo começava a falar e se expressava de forma agressiva, ironizando e depreciando características que notavam no primeiro grupo. Nesse, embora as pessoas falassem muito e com eloquência entre si, não encontravam espaço para se expressarem e dialogarem com o segundo grupo e passaram um bom tempo se questionando, com a preocupação em buscar estratégias sobre como poderiam tentar melhorar a compreensão.

Quando propusemos que no próximo semestre eles(as) poderiam iniciar um novo curso para aprender a outra língua, as reações foram de incômodo e mesmo indignação, já que a língua que tinham aprendido anteriormente passou a ser para eles(as) um sinônimo de identidade, de pertencimento, que expressava seus maiores interesses, desejos e prazeres. E pensar que tudo começou com a busca por aprovação!

.....

A construção dessa estória sobre o aprendizado dos dois idiomas foi inspirada na divisão predominante no contexto cultural em que vivemos dos sujeitos em “femininos” e “masculinos”. Mas, diferentemente de nossa estória, a feminilidade e a masculinidade em nossa cultura não são vistas como dois idiomas que foram ensinados por meio de estratégias específicas para grupos que foram separados a partir de um critério, como uma

característica do corpo: “para lá as pessoas que tem vagina, para cá as pessoas que têm pênis”, do mesmo modo que poderia ter sido: “para lá as pessoas que têm o lóbulo da orelha colado ao rosto, para cá aquelas com o lóbulo separado”. A feminilidade e a masculinidade são vistos como modos de ser, agir e experienciar o mundo naturalmente, inevitavelmente e imutavelmente derivados das características corporais, uma separação óbvia que é assim desde o começo dos tempos e sempre será. Para que essa divisão e a naturalização dessa divisão pudessem ser discutidas e problematizadas, emergiu a partir do pensamento feminista a utilização do conceito de gênero como categoria de análise histórica e política, como abordaremos no terceiro capítulo desta dissertação.

Marina Castañeda (2006), no livro “*O Machismo Invisível*”, ao discutir sobre a rígida divisão entre os padrões de masculinidade e feminilidade, que ocorre como se esses se referissem a universos distintos, afirma que essa separação estabelece:

(...) não uma, mas duas naturezas humanas, separadas e incompatíveis. Encerram homens e mulheres igualmente em universos isolados, em papéis rígidos e invariáveis (...) não apenas empobrece os indivíduos no âmbito individual; afeta igualmente a comunicação e a relação entre as pessoas. Se as mulheres e os homens vivem em registros emocionais diferentes, se percebem e sentem a mesma realidade de maneiras distintas, existirá entre eles um enorme potencial para mal-entendidos. Um não entenderá as reações do outro, as quais parecerão despropositadas e desprovidas de qualquer sentido (...) Não pode haver compreensão, empatia ou apoio se as pessoas falam idiomas afetivos diferentes (CASTAÑEDA, 2006, p. 131; 159).

Os gêneros podem ser pensados, assim, como “idiomas afetivos diferentes”. Os padrões de feminilidade e masculinidade estão presentes na construção das subjetividades, na forma como as pessoas se relacionam, interagem, em como se expressam, se comunicam, se movimentam e também no que silenciam, censuram, escondem, evitam. Como nas palavras de Fernando Teixeira Filho (2013, p. 19), o aprendizado sobre ser mulher e sobre ser homem “(de)limita (im)possibilidades”.

No livro “*Gênero, Sexualidade e Educação*”, Guacira Lopes Louro (1997) assinala como a linguagem é um campo eficaz e persistente na instituição de distinções e desigualdades, ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, sendo facilmente tomada como “natural”. A autora ressalta a importância da compreensão das normas por seu caráter performativo, pelo poder continuado e repetido que essas têm de produzir aquilo que nomeiam. A linguagem não tem apenas a função de descrever e constatar, mas sim, ao nomear, acaba por construir, fazer surgir, produzir o que é nomeado. Sandra Azerêdo (2011) argumenta na mesma direção:

Aprendemos a perceber a linguagem e nosso corpo como sendo processos “naturais”, como algo essencial e necessário, com leis e normas bem precisas, que existem independentes de nós. (...) É assim que se produz o preconceito- através da linguagem, em nossos corpos, num processo de reiteração em que somos agentes, mas no qual não reconhecemos nossa agência, já que faz parte desse processo apagar os traços de nossa participação de modo que as palavras e as coisas apareçam como dadas, naturais, mantendo uma relação direta, imediata entre elas, independente de nós. (...) Nascemos em um mundo povoado com discursos e palavras, palavras que têm um significado em contextos específicos, isto é, palavras que já têm um sentido para as outras pessoas que nasceram antes de nós (AZERÊDO, 2011, p. 28).

Apesar de haver dificuldades no aprendizado de uma língua, há ainda mais dificuldade em “desaprende-la”, especialmente se for a língua que nos foi ensinada desde crianças. Se por exemplo decidirmos, agora, que não concordamos com o fato de termos sido alfabetizados(as) em português, não poderíamos simplesmente deixar de entender o que está escrito nesse texto e nas inúmeras mensagens escritas ao nosso redor, assim como não poderíamos, por iniciativa individual, deixar de entender e assimilar o que escutamos quanto conversamos com alguém que fale português. Podemos aprender uma segunda (ou mais) língua(s), e conviver em uma cultura em que o português não seja mais falado, o que facilitará que um dia esse deixe de ser o idioma predominante do nosso pensamento e de nossa compreensão, mas, ainda assim, o aprendizado da língua nativa não é algo que pode ser apagado por completo. Quando comparo os padrões de gênero aos idiomas, penso, especialmente, nos desafios da desconstrução.

Para pensarmos a desconstrução, é necessário assinalar a importância do reconhecimento do quanto a compreensão normativa e repressiva do gênero e da sexualidade permeou e permeia a nossa própria educação. Deborah Britzman (2010) ressalta como muitas vezes o maior e mais desafiante aprendizado consiste em um desaprendizado. Desaprender requer um contínuo exercício de desvelamento, desestabilização e descristalização diante das contradições com as quais nos deparamos ao olharmos para a nossa própria história, nossas próprias experiências, para o processo de socialização pelo qual passamos, as trajetórias que percorremos e para como a incorporação de padrões, modelos ideais e preconceitos fez parte desse percurso. Esse exercício desafiador é também muito fértil: “não há como negar que a disposição de questionar nosso próprio comportamento e nossas próprias convicções é sempre muito mobilizadora” (LOURO, 1997, p. 141).

Louro (1997) chama a atenção para a importância do questionamento e de atermos nosso olhar, nossa atenção e nossa sensibilidade ao nos propormos a desconstruir as desigualdades:

Sensibilidade que supõe informação, conhecimento e também desejo e disposição política. As desigualdades só poderão ser percebidas- e desestabilizadas e subvertidas- na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução (LOURO, 1997, p. 121).

A autora ressalta a importância de exercitarmos a transformação a partir de nossas práticas cotidianas em que estamos envolvidos(as) e enredados(as). As práticas rotineiras e comuns, os gestos e palavras mais repetidos e banalizados, precisam se tornar alvo de atenção renovada, já que a tarefa mais urgente talvez seja justamente desconfiar do que é tomado como “natural”.

Dentre as práticas cotidianas, podemos destacar o contato com os materiais midiáticos, que podem ser considerados enquanto “pedagogias culturais”, pelo potencial que possuem em estabelecer uma relação de ensino-aprendizado. Por serem permeados por prazer, entretenimento, diversão e humor, tornam-se ainda mais eficazes, eficácia que buscamos explorar na estória que apresentamos, ao descrever as revistas como recursos didáticos, podendo servir como dicionários e também como sedutores guias turísticos para a exploração dos territórios delimitados a partir da divisão binária entre os gêneros. O título dado à nossa estória “A Escola de Normalidades”, foi inspirado na discussão realizada por Jonathan Ned Katz (1996):

A não ser que pressionados por vozes fortes e insistentes, não damos nome à norma, ao normal e ao processo social de normalização, muito menos os consideramos desconcertantes, objetos de estudo. A análise do anormal, do diferente e do outro, das culturas da minoria, aparentemente tem despertado um interesse muito maior (KATZ, 1996, p. 27).

Nossa hipótese ao escolher as revistas como objeto de estudo refere-se à possibilidade de que a investigação sobre elas leve a um movimento de darmos “nome à norma, ao normal e ao processo social de normalização”, estranhando-os, questionando-os, considerando-os desconcertantes. As revistas muitas vezes se apresentam como “manuais”, como “guias”, como “roteiros”, com a proposta de indicar quais são as formas aceitas e desejáveis de ser e viver, ou seja, que ensinam sobre a normalidade. Esta inquietação diante dos padrões de normalidade estava presente no desenvolvimento da

minha pesquisa de iniciação científica¹, em que também foram analisadas revistas, análise que me levou a suspeitar que um dos nomes (não) dados à norma é “prazer”. Revestidas pelos enfáticos convites como “Seja feliz!”, “Divirta-se!”, “Aproveite!” e “Sinta Prazer” estão inúmeras coordenadas, prescrições e instruções que normatizam como o prazer deve ser buscado, como o prazer deve ser sentido, que prazeres devem ser desejados e vividos. Devem, porque há também nas revistas a mensagem do prazer como obrigatório, como uma exigência, um imperativo, questão que será tema do primeiro capítulo desta dissertação.

Como problematiza Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2009), embora seja difícil definir e descrever o que seja a normalidade, essa dificuldade não se reflete na frequência com que determinados comportamentos e identidades são discriminados e estigmatizados por serem considerados como “estranhos”, como “anormais”. As questões: “é normal ser dessa forma?”, “isso que eu desejo é normal?”, “esse comportamento é normal?”, “sentir prazer dessa forma é normal?” angustiam e trazem sofrimento para muitas pessoas. A reflexão e a problematização sobre as angústias, sofrimentos e ansiedades por adequação e aprovação que essas questões expressam se tornam ainda mais necessárias para profissionais da Psicologia, uma área do conhecimento para a qual é muitas vezes atribuída a perigosa posição de “guardiã da normalidade”, como se psicólogas e psicólogos detivessem um saber capaz de delimitar quais são as formas de ser, viver, se comportar, desejar e sentir prazer adequadas e corretas.

Fernando Silva Teixeira Filho (2013) problematiza sobre essa demanda continuamente dirigida a profissionais da psicologia para que expliquem, avaliem, interpretem, desvendem ou mesmo modifiquem e “corrijam” quem os sujeitos são e o que fazem, demanda que é especialmente intensa no que se refere às questões de gênero e sexualidade. O autor alerta sobre o risco de se corresponder a essas expectativas normativas, ressaltando como reproduzir e sustentar concepções que universalizam, essencializam e generalizam elementos que são específicos de cada contexto, de cada

¹ Os resultados da pesquisa “Análise de padrões definidores de normalidade na literatura para adolescentes e jovens” foram apresentados nos artigos: “Análise do tema bullying em revistas femininas para adolescentes” (PASTANA; MAIA, 2013); “Medo, tensão e vergonha: representações negativas de sexualidade na seção Sexo da revista *Capricho*” (PASTANA; MAIA, 2012); “Discussões sobre gênero e vulnerabilidade a partir da análise de matérias sobre sexualidade nas revistas *Capricho* e *Playboy*” (PASTANA; MAIA, 2013) e nos trabalhos: “Padrões normativos em sexualidade e gênero em revistas lidas por adolescentes” (PASTANA; MAIA, 2011); “Caminho certo x Armadilha passageira: A abordagem dos relacionamentos heterossexuais e homossexuais nas colunas de consulta das revistas *Atrévada* e *Todateen*” (PASTANA; MAIA, 2010); “As leis da atração: Algumas reflexões sobre a heteronormatividade a partir da análise da revista *Capricho*” (PASTANA; MAIA, 2010) e “Coisas de macho? A construção do homem heterossexual na revista *Playboy*” (FIRMINO; PASTANA; MAIA, 2012).

experiência acaba por contribuir para alimentar classificações e categorizações que produzem estigmas, desigualdades e sofrimentos. Assim, é importante desnaturalizar e desestabilizar formas de compreensões do mundo e das relações que são tomadas como a-históricas, imutáveis e inquestionáveis.

Durante minha formação no curso de Psicologia uma questão que me despertou especial atenção foi a participação de psicólogas(os) nos meios de comunicação, em que são pedidas (e muitas vezes oferecidas) técnicas, fórmulas, receitas e explicações que descrevam “as coisas como são”, “a realidade como ela é”, por exemplo: “*entenda os diferentes modos de ser de homens e mulheres*”, “*saiba tudo sobre homossexualidade*”, “*aprenda como são os relacionamentos que dão certo*”, enunciados que traduzem uma compreensão engessante e restritiva da subjetividade. Maria Rita Kehl (2002), ao abordar o tema da atuação nos meios de comunicação, ressalta a importância da desconstrução da imagem da Psicologia como portadora de uma função normatizadora e discute como oferecer explicações e prescrições muitas vezes funciona mais como uma forma de apaziguar e silenciar sobre as questões do que propor a reflexão, suscitar indagações. Não cabe ao(a) psicólogo(a) portar um conhecimento que legitime, justifique ou autorize as experiências e desejos dos sujeitos, mas sim, reforçar que a produção de sentidos e significados sobre o que se sente, se pensa e se vive se dá em um processo de construção criado e percorrido de forma singular por cada um(a).

Ter cursado as matérias sobre sexualidade e participado do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC) em minha formação fez com que a reflexão contínua sobre a normatividade e sobre as possibilidades de questionamento e desconstrução passasse a fazer parte da minha forma de ver a profissão e também de olhar para o mundo. As intervenções em educação sexual que participei foram especialmente marcantes nesse sentido. A primeira intervenção foi realizada em uma escola de educação infantil e envolveu a observação do cotidiano escolar, o acompanhamento das atividades das educadoras e das crianças e a elaboração, junto às profissionais, de atividades que permitiram o diálogo aberto com os(as) alunos(as) sobre suas dúvidas e curiosidades². Participei também de uma intervenção com adolescentes do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, em que foi possível estabelecer um espaço de transmissão de informações, discussões e reflexões sobre adolescência, sexualidade, gênero, corpo, relacionamentos, práticas sexuais, prevenção, prazer,

² Esta experiência foi relatada no artigo: “Projeto de Intervenção em Educação Sexual com Educadoras e Alunos de uma Pré-Escola” (MAIA; PASTANA; PEREIRA; SPAZIANI, 2011).

abordando múltiplos aspectos³, no decorrer de encontros semanais realizados em 2010, como parte das atividades do estágio em Psicologia da Educação supervisionado pela Professora Marisa Eugênia Mellilo Meira em 2010, projeto que me levou a acreditar e apostar ainda mais na importância do diálogo sobre sexualidade no espaço da escola. Em 2011 como parte do estágio em Educação Sexual supervisionado pela Professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia planejei e realizei a criação do grupo “Sexualidade, Gênero e Mídia- Um Espaço de Diálogo entre Psicologia e Comunicação”, com estudantes de graduação dos cursos de Psicologia, Jornalismo, Rádio e Televisão, Relações Públicas e Design, no qual, a partir do debate e da análise sobre materiais midiáticos, muitos questionamentos, experiências e reflexões foram compartilhados e ainda são, já que o grupo continua a existir e a ser realizado semanalmente desde então⁴. Em 2012 a questão norteadora das discussões foi a atuação de profissionais da Psicologia nos meios de comunicação⁵, e, em 2013 e 2014, a possibilidade da inserção de atividades que envolvam a leitura crítica da mídia em grupos de educação sexual. No mestrado em Educação Escolar participei em 2012 como estagiária de docência, e em 2013 e 2014 como bolsista didática na supervisão do estágio “Psicologia e Educação: Educação e Orientação Sexual”, tendo a rica oportunidade de acompanhar e supervisionar a elaboração e realização de projetos com diferentes grupos: adolescentes no contexto escolar; adolescentes que vivem em instituições por terem sido afastados da família por terem vivido situações de violência doméstica e/ou sexual; educadores(as) destas instituições; educadores(as) que atuam na educação infantil; familiares de crianças e adolescentes que passaram por situações de violência; idosos(as); pessoas com deficiência e estudantes universitários(as)⁶. Essas experiências contribuíram muito para a minha formação

³ A intervenção em educação sexual com adolescentes foi relatada nos trabalhos: “Educação sexual para adolescentes: problematizando preconceitos e estereótipos através da pedagogia histórico-crítica” (PEREIRA; PASTANA; MEIRA; MAIA, 2010); “Informar x formar: a contribuição da pedagogia histórico-crítica na elaboração de um projeto de educação sexual reflexivo” (PASTANA; PEREIRA; MEIRA; MAIA, 2011) e “Educação sexual na escola: possibilidades de trabalho interdisciplinar” (PASTANA; PEREIRA; MEIRA; MAIA, 2011). A forma como os temas heteronormatividade, diversidade sexual e padrões de gênero foram abordadas foi relatada no trabalho: “Expectativas, receios e surpresas: refletindo sobre os ‘bastidores’ de um projeto em educação sexual” (PASTANA; PEREIRA; MEIRA; MAIA, 2010) e a abordagem sobre sexualidade nos meios de comunicação foi apresentada no trabalho “Discussões sobre sexualidade e mídia com adolescentes em um projeto de educação sexual” (PASTANA; PEREIRA; MEIRA; MAIA, 2010).

⁴ Os encontros realizados no ano de 2011 foram relatados no artigo: “Sexualidade, gênero e mídia: projeto de educação sexual com estudantes de Psicologia e Comunicação” (PASTANA; MAIA, 2013).

⁵ Os encontros realizados no ano de 2012 foram relatados no trabalho: “Discussões sobre a atuação de profissionais da Psicologia na abordagem dos temas sexualidade e gênero nos meios de comunicação” (PASTANA; MAIA, 2013).

⁶ Os objetivos do estágio e os projetos realizados foram relatados no trabalho “Contribuições da Psicologia para a educação sexual: uma proposta de estágio na formação acadêmica” (MAIA *et. al.*, 2012).

profissional e ampliaram minha compreensão sobre as possibilidades de atuação, no campo da Psicologia, em proporcionar espaços de diálogo sobre sexualidade em que os padrões normativos possam ser refletidos criticamente e problematizados.

Como forma de concluir esta apresentação, resgato novamente a discussão de Guacira Louro (2008) sobre a importância de se colocar em questão os processos de normatização, buscando uma disposição anti-normatizadora de viver, pensar e conhecer. A autora discorre sobre como, na busca por desconstruir padrões cristalizados, por desconfiar do que se apresenta como “normal”, “natural”, “correto” e “incontestável” no campo da sexualidade e do gênero, é importante realizar o debate, a reflexão, a provocação mútua, através da valorização de elementos como o questionamento, o estranhamento, a inconformidade, a inquietude e o desassossego. É por isso que a realização desta dissertação se pauta também na importância de que esta discussão seja feita no âmbito dos grupos de educação sexual, espaços que acredito serem férteis para o questionamento da normatividade, o combate ao preconceito e à violência e a promoção de uma visão mais abrangente, crítica e transformadora do gênero e da sexualidade, na mesma direção que explora Deborah Britzman (2010):

Na verdade, tudo o que temos que fazer é imaginar. Com esta idéia, podemos começar a ver que a sexualidade permite desenvolver nossa capacidade para a curiosidade (...) O modelo de educação sexual que tenho em mente está mais próximo de discussões surpreendentes e interessantes, pois quando nos envolvemos em atividades que desafiam nossa imaginação, que nos propiciam questões para refletir (...), nós sempre temos algo mais a fazer, algo mais a pensar (BRITZMAN, 2010, p. 89).

QUESTÕES DE PESQUISA

São muitas as imagens e mensagens que incitam ao prazer em nossa cultura, que exaltam a importância de aproveitar a vida intensamente, de divertir-se, de buscar a felicidade a cada minuto. São muitos os conselhos e recomendações sobre o bem-estar, a beleza, a juventude, a boa forma, a autoestima, a autoconfiança, o amor próprio, o sucesso profissional, a popularidade, a realização amorosa, a satisfação sexual. Quantos ensinamentos não chegam até nós diariamente com a promessa de que, se nos esforçarmos para corresponder aos modelos idealizados, teremos uma vida com muito, muito prazer!?

Escolhemos, para a realização desta pesquisa, materiais em que essas imagens e mensagens são muito presentes: as revistas femininas e masculinas. Todos os meses em suas capas, conteúdos, imagens, anúncios publicitários elas valorizam enfaticamente o prazer.

Que prazeres? Essa foi a questão inicial que norteou nossa análise. Se buscar e sentir prazer é tão incentivado, *quais são os significados predominantes do que seja prazeroso? Que prazeres são representados com mais frequência, valorizados, estimulados, e, considerando a linguagem didática utilizada nas publicações, ensinados?* Diante dessas indagações sobre os prazeres transmitidos como positivos, também foi necessário questionar: *Que prazeres são desvalorizados, desestimulados? E quais prazeres não aparecem, são invisibilizados, desconsiderados?*

Um marcador revelou-se importante, tanto no modo como as revistas são construídas e nas diferenças entre elas, quanto na forma como os prazeres são representados e sobre quais prazeres são predominantemente representados: o gênero. As revistas que analisamos têm na divisão feminilidade/masculinidade um ponto de partida (e de chegada) para a demarcação de quais serão os interesses, as preferências, os desejos e também os prazeres do(a) leitor(a). Diante desse quadro, podemos destacar as questões: *Como a segmentação das revistas em femininas e masculinas influencia no que é representado como prazer? Que prazeres são valorizados como femininos? Que prazeres são valorizados como masculinos?* Chegamos, assim, às questões centrais de nossa pesquisa: *Como os padrões de gênero participam na compreensão do que é valorizado como prazer?* e *Como o prazer participa na compreensão do que é considerado como feminino ou masculino?*

A escolha das revistas como material de análise teve também como influência o fato dessas terem sido estudadas em minha pesquisa de iniciação científica, na graduação

em Psicologia, em que a questão central foi a normatividade. A partir de um levantamento com 100 adolescentes de uma escola pública, sobre quais eram os materiais em que buscavam informações sobre sexualidade, os materiais mencionados com mais frequência foram as revistas *Capricho*, *Todateen* e *Playboy*. A análise realizada buscou identificar os padrões normativos mais presentes, o que era representado como “normal” pelas revistas, e o gênero foi um elemento marcante no reconhecimento desses padrões. Outro aspecto identificado na forma como as revistas representavam a sexualidade foi a constante presença de regras, de prescrições sobre como ser e agir, de coordenadas a serem seguidas. Discutimos como esse movimento de transmissão de regras pode ser repressivo, considerando que a repressão não se relaciona necessariamente a proibições e negações, ao imperativo “não faça!”, mas também a imposições e estimulações, como no imperativo: “faça!”. Este movimento de repressão “às avessas”, em que o prazer é um elemento fundamental na transmissão de regras, nos despertou um grande interesse, de forma que consideramos importante estudá-lo com mais abrangência e especificidade ao elaborar o projeto desta pesquisa. Assim, outra questão que norteou a análise que realizamos foi: *quais são os aspectos repressivos na forma como o prazer é representado nas revistas?*

O tema da sexualidade e da educação sexual perpassa a minha formação, meus projetos atuais e concluídos, o que se reflete na escolha do tema que pesquiso e no olhar que dirijo a ele. Assim, proponho pensar como os resultados obtidos podem ser abordados e discutidos em grupos de educação sexual, acrescentando às questões já apresentadas as perguntas: *Qual é a importância da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual? Qual é a importância da problematização sobre como os padrões de gênero participam na construção da compreensão sobre o prazer em grupos de educação sexual? Qual é a importância da leitura crítica dos meios de comunicação em grupos de educação sexual?* e, por fim, *Como os resultados identificados nessa pesquisa podem trazer contribuições para grupos de educação sexual?*

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

As possibilidades de buscar e sentir prazer, assim como as possibilidades de viver a feminilidade e a masculinidade são múltiplas e plurais. Ainda assim, predomina em nossa cultura a compreensão da divisão binária entre os gêneros como natural, a-histórica e imutável, como se as diferenças corporais fossem determinantes do que as pessoas são, sentem, pensam, fazem, do que imaginam, sonham, desejam, ou seja, a separação entre mulheres e homens gera muitas expectativas e padrões engessantes e restritivos. Com relação ao prazer, há também a predominância de uma compreensão normativa, que delimita formas consideradas como positivas, válidas, adequadas, desejadas e saudáveis de sentir prazer, enquanto outras são condenadas, inferiorizadas e desvalorizadas. Ao considerarmos tanto o gênero quanto o prazer como construções históricas, sociais e culturais, torna-se importante problematizar sobre o caráter normativo que essas construções adquirem, questionar como a singularidade e a multiplicidade das experiências e das relações humanas são apagadas nesse processo de normatização e buscar formas de promover condições que propiciem uma compreensão mais abrangente, crítica, reflexiva e criativa sobre as possibilidades de construção das subjetividades. Nesse sentido, investigar como os padrões de gênero participam na compreensão do que é valorizado como prazer e como a valorização do prazer participa na construção dos padrões de gênero torna-se pertinente e necessário.

Nos meios de comunicação são (re)produzidos e transmitidos muitos padrões sobre gênero e sobre prazer. Dessa forma, a busca por dirigir um olhar crítico e questionador aos meios de comunicação é um movimento importante na discussão sobre a normatividade. Nas revistas de comportamento segmentadas em femininas e masculinas a naturalização da divisão binária entre os gêneros é um pressuposto que norteia a criação e a consolidação dessas publicações, e é continuamente reiterado por elas, em imagens e conteúdos que abordam o quanto pode ser prazeroso corresponder aos ideais transmitidos. Nesse sentido, por priorizarem a abordagem sobre aspectos considerados como prazerosos e situarem a separação entre feminilidade e masculinidade como ponto de partida na produção dos projetos editoriais, as revistas são materiais férteis para a análise sobre prazer e gênero.

Os grupos de educação sexual são espaços onde é possível o diálogo, a reflexão e o questionamento sobre a normatividade. Assim, ao realizarmos a análise sobre gênero e prazer em revistas, consideramos importante pensar sobre formas como a abordagem

sobre prazer e gênero e a leitura crítica dos meios de comunicação possam ser introduzidas nesses projetos. Como afirma Maia (2005) as propostas de educação sexual envolvem a promoção de autonomia, para que as ações e atitudes em relação à sexualidade possam ser escolhas, de fato, e não mera reprodução de regras aprendidas e incorporadas.

OBJETIVO GERAL

Identificar por meio da análise de revistas masculinas e femininas quais são as concepções de prazer predominantes e de que forma os elementos valorizados como prazerosos variam de acordo com o gênero ao qual as publicações se direcionam.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- (a) Investigar quais são e como são transmitidas nas revistas concepções veiculadas ao prazer abordando aspectos como: o corpo, os relacionamentos afetivos, o sexo, as atividades de lazer, entre outros;
- (b) Verificar se as concepções relacionadas ao prazer nas revistas variam de acordo com o gênero do público-alvo ao qual a publicação se direciona, identificando associações entre o prazer e os padrões de feminilidade e masculinidade;
- (c) Identificar se e como as concepções de prazer presentes nas revistas são relacionadas a um modelo repressivo de educação sexual;
- (d) Abordar possibilidades de atuação em grupos de educação sexual que envolvam a discussão sobre a relação entre prazer, sexualidade e gênero, assim como a leitura crítica dos meios de comunicação.

MÉTODO

Esta pesquisa é caracterizada como uma pesquisa qualitativa-descritiva documental que procura ampliar o conhecimento sobre o fenômeno estudado por meio do levantamento de informações oriundas da análise temática de textos publicados.

Para a escolha do material de análise, realizamos inicialmente um levantamento sobre revistas femininas e masculinas, direcionadas para adolescentes e adultos(as) e voltadas ao público heterossexual e homossexual. O primeiro critério de seleção das revistas a serem analisadas foi o gênero: foram escolhidas 7 revistas femininas e 7 revistas masculinas. Para essa escolha, foram consideradas revistas com diferentes propostas editoriais, considerando marcadores como geração e orientação sexual.

Selecionamos 4 revistas femininas voltadas para mulheres adultas: *Nova*, *Boa Forma*, *Tpm* e *Women's Health* e 3 voltadas para adolescentes: *Capricho*, *Todateen* e *Atrevida*. Dentre as masculinas, foram selecionadas 5 revistas voltadas para os homens heterossexuais: *Playboy*, *Sexy*, *Vip*, *Trip* e *Men's Health* e duas voltadas para os homens homossexuais: *G* e *Júnior*. Não foram encontradas revistas masculinas para adolescentes e revistas femininas para mulheres lésbicas, ausência que será discutida no capítulo 5 “Revistas, Gênero e Prazer”.

As revistas foram compradas em uma banca, no mês de fevereiro de 2012. A escolha de um mesmo mês se deu como forma de facilitar a análise comparativa dos temas abordados. O mês de fevereiro foi escolhido por ser o mês do Carnaval, feriado brasileiro muito associado a festas, alegria, diversão, ao prazer de uma forma geral geral, e também ao prazer sexual, o que poderia aumentar a probabilidade da publicação de matérias em que esses elementos estivessem presentes.

O procedimento da análise utilizado foi a análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (1977). Após a seleção dos materiais, foram realizadas as seguintes etapas:

- a) leitura dos materiais para levantamento de temas gerais;
- b) elaboração de agrupamentos temáticos;
- c) realização da análise dos agrupamentos em função da literatura consultada;
- d) análise e discussão dos dados procurando responder ao objetivo geral, aos objetivos específicos e às questões de investigação da pesquisa.

Como afirma Laura Franco (2005), a análise de conteúdo tem início com as buscas iniciais, as impressões decorrentes do contato com os materiais e os primeiros

movimentos de sistematização. Após esse momento, ocorre o estabelecimento de categorias, uma operação que busca identificar elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e realizar um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos com base nos objetivos do estudo.

Quando as leituras iniciais foram concluídas, as matérias das revistas que se relacionavam aos objetivos da pesquisa foram transcritas na íntegra. A partir da transcrição, foi realizada a leitura minuciosa do material para a identificação e o agrupamento dos elementos representados com mais frequência como prazerosos, para o estabelecimento das categorias temáticas. As categorias estabelecidas corresponderam a como o prazer é predominantemente representado nas revistas femininas e masculinas e aos três elementos representados como prazerosos com mais frequência para cada gênero:

- 1) Prazeres nas revistas femininas e masculinas
 - 1.1. As revistas femininas e o ideal de “viver bem”
 - 1.2. As revistas masculinas e o ideal de “boa vida”
- 2) Prazeres Valorizados como Femininos
 - 2.1. Cuidado com a beleza e com o corpo
 - 2.2. Relacionamento amoroso
 - 2.3. Sexo
- 3) Prazeres Valorizados como Masculinos
 - 3.1. Imagens do corpo feminino
 - 3.2. Sexo
 - 3.3. Consumo de bebidas alcoólicas

As especificidades sobre o prazer representadas nas revistas femininas para adolescentes e nas revistas masculinas para homossexuais foram apresentadas em uma categoria à parte.

A partir da apresentação dos resultados organizados em categorias temáticas foi possível realizar a interpretação e a discussão de acordo com a literatura consultada, considerando mais uma vez os objetivos e as questões de investigação levantadas na pesquisa.

Organização dos Capítulos

Esta dissertação está organizada em duas partes: I) Revisão Teórica e II) Análise e Discussão dos Resultados.

A organização dos capítulos da revisão teórica está relacionada aos temas que nortearam a realização da pesquisa: enquanto no primeiro capítulo nos dedicaremos com mais atenção às questões relacionadas ao **prazer**, no segundo apresentaremos o que compreendemos por **sexualidade** e buscaremos elencar que fatores tiveram influência na construção histórica da associação entre sexualidade e prazer. Os padrões de **gênero** serão pensados com mais especificidade em nosso terceiro capítulo, principalmente no que se refere a como são aprendidos no decorrer da educação. Nosso quarto capítulo será dedicado à discussão sobre **educação sexual**, tanto sobre o processo de aprendizado sobre sexualidade que ocorre por toda a vida, quanto pela realização de projetos que têm como proposta abordar intencionalmente o tema, destacando a importância da discussão sobre o prazer e da leitura crítica dos meios de comunicação nesses projetos. Por fim, no quinto capítulo, chegaremos às **revistas**, apresentando como os padrões de gênero e o prazer participam na construção das revistas femininas e masculinas desde o seu surgimento, com um olhar para o percurso histórico assim como para o contexto atual. Tendo em mente esse panorama geral da organização escolhida, apresentaremos agora mais informações sobre os elementos que serão abordados por cada capítulo.

O principal movimento do primeiro capítulo: “**O Imperativo de Prazer**” será acrescentar um ponto de interrogação à expressão “Muito Prazer!”, ou seja, questionar se a intensa valorização do prazer em nossa cultura não acaba por revelar-se repressiva, a partir do processo em que a busca por ter uma vida prazerosa passa a ser convertida em um dever, em uma exigência, com a contínua transmissão de regras e padrões sobre como deve se dar essa busca e sobre quais prazeres são aceitos e incentivados. Para abordarmos como o prazer está relacionado ao modo como as subjetividades são construídas atualmente, apresentaremos o conceito de subjetividade, de prazer e de imperativo de prazer. Discutiremos que prazeres são predominantemente valorizados, considerando os significados atribuídos às sensações, ao sofrimento, ao tempo, à construção da própria imagem e à alteridade. Passaremos então à discussão sobre como os ideais de corpo, de relacionamentos amorosos e prazer sexual são também atravessados pelo imperativo de prazer.

Iniciaremos o segundo capítulo: “**Sexualidade e Prazer**” com a apresentação da compreensão da sexualidade como um conceito amplo, relacionado a fatores culturais, sociais e históricos. Partindo dessa compreensão, abordaremos como a vinculação entre sexualidade e prazer é historicamente recente, tendo sido construída sobretudo a partir do século XX. Para pensarmos sobre os fatores que influenciaram nessa construção, elencaremos algumas transformações que ocorreram- o surgimento da pílula anticoncepcional; o processo de crescente medicalização; a expansão dos meios de comunicação; a maior centralidade dada ao consumo; a organização, as reivindicações e as conquistas do movimento feminista e do movimento homossexual; o advento da epidemia da aids e também os diferentes modos como a sexualidade foi compreendida por autores como Freud, Reich, Foucault e sexólogos(as) como Kinsey, Masters, Johnson e Hite. Esse percurso histórico nos ajudará a reconhecer com maior abrangência como a sexualidade e o prazer são significados atualmente.

No terceiro capítulo: “**O Aprendizado Sobre os Padrões de Gênero no Decorrer da Educação**”, será apresentado o conceito de gênero como relacionado à construção social, cultural e histórica da divisão entre feminilidade e masculinidade, que, apesar de muitas vezes ser compreendida como “natural” e justificada a partir das características do corpo, é aprendida de forma intensa e continuada desde a infância. Apontaremos a importância de considerar como essa divisão muitas vezes gera preconceitos e desigualdades, sendo necessário buscar desnaturalizar esses padrões e compreender de forma mais abrangente o modo como são transmitidos. Abordaremos também como os padrões de gênero atravessam o aprendizado sobre o prazer assim como o prazer atravessa o aprendizado sobre os padrões de gênero, processo no qual também está envolvido o aprendizado sobre a sexualidade. Discutiremos sobre a forte presença do machismo, da violência e da heteronormatividade em nossa cultura, apontando a relevância de que essas questões sejam problematizadas no espaço da escola.

“**A Importância da Discussão Sobre o Prazer e da Leitura Crítica dos Meios de Comunicação em Grupos de Educação Sexual**” será o tema do nosso quarto capítulo, no qual abordaremos como, desde a infância, a sexualidade é muitas vezes transmitida como algo negativo, cercada por silenciamentos, proibições e tabus, sem que haja espaço para o diálogo e para receber informações e esclarecimentos sobre o tema. Apresentaremos o que são os grupos de educação sexual e a possibilidade de serem realizados em diferentes espaços e com diferentes participantes, na busca por promover uma compreensão mais abrangente e crítica sobre a sexualidade. Abordaremos a

importância da discussão sobre o prazer nesses projetos assim como da leitura crítica dos meios de comunicação, considerando como esses participam no aprendizado sobre a sexualidade.

No capítulo 5: “**Revistas, Gênero e Prazer**” apresentaremos dados históricos sobre as revistas discutindo como os padrões de gênero participaram no processo de segmentação e a forma como as próprias revistas contribuem para reforçar a divisão entre os gêneros, não apenas difundindo os ideais de feminilidade e masculinidade mas também contribuindo para construí-los. Apresentaremos como desde o seu surgimento enquanto veículo de comunicação as revistas foram relacionadas ao prazer, tanto pela busca em proporcionar uma leitura prazerosa quanto pela proposta de abordar questões relacionadas a diferentes formas de sentir prazer. Partiremos assim de alguns exemplos sobre o percurso das revistas, como a relação da revista *Playboy* e a construção de novos ideais de masculinidade; a relação da revista *Cosmopolitan* e a construção de novos ideais de feminilidade e a relação da revista *Capricho* e a construção do ideal de adolescência. Após essa discussão sobre a relação entre o percurso histórico das revistas e a construção de ideais, abordaremos com mais especificidade como as revistas contribuem para a normatização da feminilidade, a normatização da adolescência e a normatização da masculinidade, trazendo também informações sobre as revistas masculinas para homossexuais e problematizando sobre a ausência de revistas femininas para lésbicas e revistas masculinas para adolescentes. Em seguida apresentaremos as revistas que serão objetos de nossa análise: *Nova*, *Boa Forma*, *Women's Health*, *Tpm*, *Capricho*, *Atrevida*, *Todateen*, *Playboy*, *Sexy*, *Vip*, *Men's Health*, *Trip*, *G* e *Júnior* e elencaremos algumas pesquisas realizadas sobre como a sexualidade, o corpo e os padrões de gênero são representados nessas publicações. Por fim, apresentaremos alguns dados sobre o mercado de revistas hoje e discutiremos sobre a escolha das revistas como material de estudo.

Na segunda parte, apresentaremos os resultados identificados sobre como o prazer é representado nas revistas e sobre como o que é valorizado como prazer se diferencia com a segmentação por gênero, a partir das categorias: 1) O prazer nas revistas; 2) As revistas masculinas e o ideal de “boa vida”; 3) As revistas femininas e o ideal de “viver bem”; 4) Cuidado com a beleza e com o corpo como prazer feminino; 5) Relacionamento amoroso como prazer feminino; 6) Sexo como prazer feminino; 7) Imagens do corpo feminino como prazer masculino; 8) Sexo como prazer masculino; 9) Consumo de bebidas alcoólicas como prazer masculino; 10) Lazer e diversão nas revistas femininas para adolescentes e 11) Lazer e diversão nas revistas masculinas para homossexuais. A

análise e a discussão dos resultados será apresentada em capítulos organizados a partir das categorias estabelecidas.

No capítulo 6: **“O Prazer nas Revistas”**, discutiremos sobre os elementos valorizados como prazerosos nas revistas femininas e masculinas e sobre como é transmitida essa valorização. Abordaremos como a incitação contínua a ser feliz, a aproveitar a vida e a usufruir de todos os momentos é atravessada por regras, padrões e modelos normativos que delimitam que prazeres devem ser buscados e sentidos, assim como por prescrições sobre como essa busca deve ocorrer. Problematizaremos, assim, como o prazer como imperativo se expressa nas revistas, apontando as diferenças relacionadas à segmentação por gêneros e discutindo como, enquanto nas revistas femininas é predominante “o ideal de viver bem”, com a valorização do equilíbrio, da harmonia, da autoestima, do cuidado consigo mesma, com o próprio corpo, com os próprios relacionamentos em nome da realização nas mais diversas áreas da vida (pessoal, afetiva, social, profissional, sexual); nas revistas masculinas é reforçado continuamente o “ideal de boa vida”, com ênfase para os excessos, as conquistas (pessoais, profissionais, financeiras e, sobretudo, sexuais), a liberdade e a diversão. Por fim, apresentaremos uma síntese sobre que elementos foram valorizados como prazerosos em cada revista analisada assim como uma descrição geral sobre as categorias de análise.

Os capítulos seguintes referem-se aos prazeres valorizados como femininos. No capítulo 7: **“Valorização do Cuidado com a Beleza e com o Corpo como Prazer Feminino”** abordaremos sobre como são muitos os padrões, regras e modelos transmitidos sobre como a aparência feminina deve ser, transmissão que é permeada pela compreensão de que cuidar do corpo e da beleza é um grande prazer feminino e também pela promessa de que dedicar-se aos inúmeros e minuciosos procedimentos estéticos recomendados potencializa as possibilidades de sentir prazer. Problematizaremos como corresponder aos ideais (inalcançáveis) de beleza e corpo é colocado como condição necessária para ser feliz, para amar a si mesma, para ser amada, para ser desejada (sendo dada uma grande centralidade para a necessidade de corresponder às expectativas e desejos masculinos), para ter uma vida sexual satisfatória e mesmo para ter sucesso nas relações sociais e profissionais. Discutiremos como a transmissão desses ideais pode ser repressiva, assinalando como são necessários o questionamento e a desconstrução da vinculação colocada como “natural” entre feminilidade, prazer e vaidade.

A associação também naturalizada entre a feminilidade e a idealização do amor romântico será abordada no capítulo 8: **“Valorização do Relacionamento Amoroso**

como Prazer Feminino”, no qual discutiremos como a transmissão do amor como fonte de felicidade, prazer, satisfação, realização é completude é atravessada pela prescrição de regras e modelos sobre como as meninas e mulheres deve ser e agir, o que faz com que os relacionamentos sejam representados de forma normativa e repressiva. Problematizaremos como as leitoras são sempre pressupostas como heterossexuais, assim como a ênfase dada na importância de que busquem agradar e corresponder aos desejos masculinos, sem que possam expressar o que sentem e desejam abertamente pelo risco da reprovação, tornando os relacionamentos um campo em que não há espaço para a espontaneidade, o diálogo, a compreensão recíproca e a criatividade. Destacaremos a importância do questionamento dos padrões transmitidos e reforçados continuamente nos inúmeros conselhos sobre como conquistar e manter a relação amorosa, considerando como, contrariamente à exigência de se adequarem a um modelo único, as formas de se relacionar, de amar, de sentir e buscar prazer são múltiplas e plurais.

No capítulo 9: “**Valorização do Sexo como Prazer Feminino**” apresentaremos como o sexo nas revistas femininas é valorizado como fonte de prazer, bem-estar, autoestima e saúde, de forma que o prazer sexual é transmitido muitas vezes como um imperativo, como uma meta a ser atingida com base em parâmetros de funcionalidade e produtividade. Problematizaremos como o corpo é com frequência representado como uma “máquina” que requer a “manutenção” correta para “produzir” prazer, com recomendações que se assemelham a um “manual de instruções”. Discutiremos sobre como as representações sobre o sexo são atravessadas por padrões estéticos, como a necessidade de corresponder aos ideais de beleza é transmitida como condição necessária para atrair, ser desejada, para proporcionar e sentir prazer. Abordaremos também como nas revistas femininas para adolescentes as primeiras experiências sexuais são cercadas por representações de medo, vergonha e tensão.

Os resultados referentes aos prazeres valorizados como masculinos serão analisados e discutidos a partir do capítulo 10: “**Valorização das Imagens do Corpo Feminino como Prazer Masculino**”, no qual problematizaremos como nas revistas masculinas voltadas ao público heterossexual a centralidade dada para a exposição de imagens de mulheres nuas ou seminuas vem com frequência acompanhada de mensagens que desvalorizam e mesmo depreciam as mulheres enquanto sujeitos, reduzindo-as apenas ao corpo e à posição de despertarem e satisfazerem os desejos e fantasias masculinos. Os leitores são posicionados como sujeitos do olhar, do desejo, do prazer e como aqueles que julgarão, avaliarão e selecionarão as mulheres de acordo com seus

interesses e preferências, enquanto às mulheres é atribuído apenas o desejo de ser desejada, o prazer em despertar prazer. Destacaremos, assim, a importância do questionamento e da desconstrução da rigidez dessas posições, da forma como os desejos e prazeres são delimitados e engessados a partir dos padrões de gênero rígidos e desiguais.

A centralidade dada ao desejo sexual na construção da masculinidade será abordada no capítulo 11: “**Valorização do Sexo como Prazer Masculino**”, no qual discutiremos como as representações da sexualidade masculina são atravessadas por padrões normativos, com ênfase na genitalidade e na valorização de múltiplas conquistas sexuais. Problematizaremos como as mulheres são representadas como “troféus” a serem colecionados, de forma que um número alto de parceiras e experiências é associado ao status, à liberdade e à diversão. Analisaremos também sobre o destaque dado ao desempenho sexual masculino, abordado predominantemente por uma perspectiva instrumental e funcional. A forma como o sexo é representado nas revistas masculinas permitirá, assim, o questionamento sobre como o machismo, a heteronormatividade e a homobia estão presentes no modo como os padrões de sexualidade masculina são construídos.

No capítulo 12: “**Valorização do Consumo de Bebidas Alcoólicas como Prazer Masculino**” abordaremos a associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e o prazer, a liberdade e a diversão, muitas vezes com a valorização dos excessos. Discutiremos sobre as expectativas de que o consumo de álcool represente um maior número de possibilidades de conquistas sexuais, já que as bebidas alcólicas são associadas a uma maior disponibilidade sexual feminina. Problematizaremos a forma como os padrões de gênero atravessam essas expectativas se relacionam muitas vezes à desvalorização do consentimento feminino, como se coubesse às mulheres, por terem bebido, corresponder aos desejos e vontades masculinas sem expressar desejos e vontades próprias. Destacaremos, assim, como a naturalização de tais padrões e expectativas pode culminar na naturalização de atitudes violentas.

No capítulo 13: “**Diversão e Lazer nas Revistas Masculinas para Homossexuais**” abordaremos como se dá nessas revistas a busca por representar a homossexualidade de forma positiva, como vinculada a um universo de lazer, sociabilidade e diversão, movimento que está presente nas muitas matérias sobre baladas, bares, restaurantes, festas, viagens e também sobre o Carnaval. Serão discutidos aspectos como a valorização do prazer sexual e o combate ao preconceito. Problematizaremos como o modelo de masculinidade homossexual idealizado é atravessado por normatizações,

principalmente no que se refere à valorização de padrões estéticos e de virilidade assim como à centralidade dada para o consumo nas representações sobre prazer e diversão.

A construção de um ideal de adolescência atravessado pelo imperativo de prazer será tema do capítulo 14: “**Diversão e Lazer nas Revistas Femininas para Adolescentes**”. Discutiremos como a busca por aproveitar intensamente cada momento é transmitida como um dever para as adolescentes, com recomendações e prescrições sobre como se divertir em festas, baladas, viagens, no Carnaval e mesmo na escola, representada como um espaço com grande potencial de lazer e entretenimento. Problematizaremos como é transmitido que mais do que se divertirem, é importante que as adolescentes construam uma imagem de felicidade e diversão, o que envolve diversos cuidados com a aparência e regras sobre como ser e agir a partir da centralidade dada para a visibilidade e para a exposição. A normatização se dá também através do consumo, que é significado como necessário para o prazer, para o pertencimento e para a construção da identidade das adolescentes.

Nosso capítulo final: “**Prazer, Gênero e Sexualidade: Síntese dos resultados e considerações sobre possibilidades de atuação em grupos de educação sexual**” será destinado à síntese dos resultados discutidos nos demais capítulos a partir das questões de pesquisa apresentadas na introdução desta dissertação. Destacaremos os principais pontos identificados sobre como a sexualidade, o gênero e o prazer estão presentes nas revistas analisadas e apresentaremos algumas considerações sobre como os resultados de nossa pesquisa indicam possibilidades de atuação em grupos de educação sexual. Como forma de ilustrar os apontamentos sobre as possibilidades, concluiremos com relatos de experiências sobre o grupo “Sexualidade, Gênero e Mídia”.

PARTE I- REVISÃO TEÓRICA

Capítulo 1- O Imperativo de Prazer

1.1. MUITO PRAZER!?

“Seja feliz! Divirta-se! Aproveite! Viva intensamente! Curta! Sorria! Experimente! Anime-se! Realize seus desejos! Liberte-se! Libere-se!”. Recebemos, todos os dias, mensagens que ressaltam a importância do prazer, da felicidade, da satisfação, da realização pessoal, do sucesso, do otimismo, do pensamento positivo, da disposição, da animação, da diversão, da busca por sentir-se sempre bem (mais do que bem, bem de forma superlativa, cada vez melhor!). As revistas, que serão o objeto de análise nesta pesquisa, são um exemplo entre os materiais onde essas mensagens estão presentes, em reportagens sobre comportamento, colunas de aconselhamento e nos mais diversos conteúdos e imagens nas capas, nas matérias, nos anúncios publicitários, que retratam com frequência pessoas sorridentes e radiantes, em cenas paradisíacas e exaltam um êxtase inesgotável, uma eterna farra, uma excitação sem fim. Essas mensagens e imagens nos convidam à identificação, nos convocam a tais sensações, nos intimam para a busca por um prazer imediato, intenso, sem limites.

Os modelos ideais de uma vida prazerosa fazem parte, assim, do caldo de cultura em que estamos mergulhados(as), estão presentes no decorrer de nossa educação e participam na constituição do que somos, do que acreditamos, do que desejamos. Entretanto, a incitação ininterrupta ao prazer e à felicidade pode, ao invés de despertar inspiração e ânimo, provocar sensações de frustração, por não ser possível corresponder a um ideal de realização tão plena e irrestrita. Neste capítulo partiremos de discussões de autores(as) como Maria Rita Kehl (2008; 2009); Jurandir Freire Costa (2004), Benilton Bezerra Júnior (2009; 2010), Pascal Bruckner (2002), Jean-Claude Guillebaud (1996) e João Freire Filho (2010) para abordar sobre como em nossa cultura o prazer é transmitido não apenas como um direito, uma possibilidade, mas como uma obrigação, um dever.

O ponto de exclamação pode ser usado para dar ênfase, destaque, demonstrar alegria, surpresa, contentamento: *“Sinto prazer!”*, *“Senti prazer!”*, *“Será um prazer!”*, e também para expressar uma ordem, uma imposição, um dever: *“Sinta prazer!”*. Os diferentes usos da exclamação podem ser um interessante ponto de partida para pensarmos como o prazer é representado, compreendido e idealizado em nossa cultura. Retomando as expressões: *“Seja feliz! Divirta-se! Aproveite! Viva intensamente! Curta! Sorria! Experimente! Anime-se! Realize seus desejos! Liberte-se! Libere-se!”*, notamos que elas estão no modo imperativo. Quais são os efeitos quando o prazer, a felicidade, a diversão, a satisfação, a liberdade são seguidos pelo ponto de exclamação, expressando

não uma sensação própria, de um sujeito que a conjuga, mas sim, uma ordem? Ordens sobre como devemos nos sentir podem ser compreendidas como um estímulo, uma estratégia de motivação, ou, ao contrário, converter sentimentos e sensações em obrigações é um movimento engessante e restritivo? “*Sinta prazer!*” é uma autorização, um incentivo ou uma convocação autoritária?

Um exemplo das contradições suscitadas pelo prazer como imperativo são os significados atribuídos atualmente ao campo da sexualidade. Muitas vezes, ao invés de negadas, proibidas, interditas, as práticas sexuais são enfaticamente valorizadas, recomendadas, incentivadas. Fazer sexo é transmitido como importante para ter saúde, como essencial em um relacionamento, como fundamental para uma vida feliz. Como viver sem sexo? O prazer sexual deixou de ser visto como nocivo, prejudicial, sujo, errado e passou a ser representado como necessário, e não qualquer prazer, um prazer intenso, satisfatório, relaxante, estimulante, transbordante. Tais representações tão positivas do sexo significam, então, que hoje vivemos um contexto de ampla liberdade para o prazer? Depois de tanta repressão no decorrer da história, estaríamos, finalmente, livres para gozar?

Talvez outras perguntas precisem ser feitas. Antes de pensarmos na relação entre o “*sinta prazer!*” e a liberdade, pode ser fértil nos indagarmos sobre em que condições esse prazer colocado como imperativo pode ou não se realizar:

- Como é nossa relação com nosso corpo? Em um contexto em que se valoriza tanto elementos positivos como a saúde, a beleza, a boa-forma, a disposição, o bem-estar, como os sujeitos compreendem, significam e experienciam o corpo?
- Diante da busca por prazer tão incentivada, como estão nossos relacionamentos, nossos vínculos com as outras pessoas? O prazer é maior se for o prazer do(a) outro(a) também ou será melhor se outros(as) forem excluídos(as) e não tiverem acesso aos mesmos prazeres? O(a) outro(a) é parceiro(a), com quem compartilhamos os prazeres ou um objeto do prazer individual?
- Como é nossa relação com nossas atividades cotidianas, pessoais, sociais e profissionais? Se a realização, a satisfação e o sucesso são tão incentivados, as pessoas estão mais contentes, envolvidas, dedicadas para as ações nas quais se engajam?

Não se trata de uma condenação de uma cultura que valoriza o corpo, os relacionamentos, a satisfação, a realização. Nada se tornaria mais fácil se o corpo fosse visto como fonte de dor, sofrimento e pecado, se as relações com os(as) outros(as) fossem

representadas como frustrantes, arriscadas, incômodas e se a vida pessoal e profissional fossem colocadas como motivo de renúncias e sacrifícios. Não se trata de ser contra a positividade, contra a felicidade, contra o prazer. E sim, a favor da reflexão sobre as contradições entre ideais tão cultuados e as condições que viabilizam (ou inviabilizam) a busca por esses ideais. Para isso discutiremos neste capítulo como são construídas as idealizações, que modelos de prazer e felicidade são predominantes e como esses ideais e modelos podem revelar aspectos repressivos. Iniciaremos pela discussão sobre a relação entre o prazer e os modos de construção da subjetividade atualmente.

1.2. O prazer e a construção da subjetividade atualmente

1.2.1. O que é subjetividade?

O que é subjetividade? O que faz de um ser um sujeito? O que nos leva a olhar para um “ente” e reconhecer um sujeito? Essas são algumas das perguntas colocadas por Benilton Bezerra Júnior (2009) na conferência “*Novas fronteiras de subjetivação*”, para introduzir como o tema da subjetividade suscita questões que requerem uma contínua elaboração.

Pensar a subjetividade significa considerar como cada um(a) de nós tem aspectos que são singulares, próprios, uma forma única de experienciar o mundo, o eu, as relações, o corpo; uma trajetória que não se repete, que não se confunde com a de outras pessoas. A subjetividade implica também a linguagem, que traz a possibilidade de se expressar, de conhecer e reconhecer a realidade psíquica (a própria e a de outros sujeitos).

Bezerra Júnior (2009) destaca como sermos seres de linguagem é um dos efeitos de nossa intensa dependência em relação a aqueles(as) que cuidaram e cuidam de nós. Nós humanos somos uma espécie precoce, nascemos antes de sermos capazes de sobreviver sozinhos, precisamos, assim, sempre de alguém que cuide, que proteja, que acolha, que ensine, que nos reconheça, nos propicie condições para nos desenvolvermos: “através de doação, primeiro de leite, de cuidado de carinho, de calor, de afeto, estabilidade, depois com palavras, palavras, palavras, o que é o mundo, o que é ser um sujeito, o que é ser feliz...” (BEZERRA JÚNIOR, 2009, s/p).

Por sermos seres de linguagem, não é possível pensar a formação da subjetividade apenas buscando respostas na natureza. Diferentes sujeitos em diferentes momentos e diferentes lugares organizaram formas de vida que são muito diversas da nossa, muito distantes do que conhecemos e que inclusive podem parecer distantes do que somos capazes de entender. Essa questão também é abordada por Maria Rita Kehl (2009, p. 23):

"Como seres de linguagem, os falantes são necessariamente seres de história, a um só tempo atravessados pela língua e capazes de fazer dela matéria plástica, transformável de acordo com suas necessidades expressivas".

Para pensar a subjetividade é necessária, assim, a contextualização: Como é a sociedade em que vivemos? Como é a cultura em que vivemos? Em que momento histórico vivemos? Ser um sujeito terá diferentes significados em diferentes condições e circunstâncias. Cada contexto se relaciona a determinadas visões de mundo, determinadas noções do que existe, do que não existe, do que é certo, do que é errado, do que é bom, do que é ruim e também do que é compreendido como prazeroso ou desprazeroso e sobre quais prazeres são ou não aceitos e valorizados.

Benilton Bezerra Júnior (2009), Maria Rita Kehl (2002), Luís Cláudio Figueiredo e Pedro Luiz Ribeiro Santi (2004) descrevem como enquanto nas sociedades tradicionais havia uma hierarquia, em que o valor do indivíduo era muito menor que o da coletividade, apenas recentemente na história emergiu a concepção do indivíduo como um valor universal. A experiência psicológica, que envolve a noção de uma interioridade e a ideia de que é o sujeito o responsável por inventar a si mesmo, por criar e narrar a própria vida, só se torna possível na sociedade moderna, a partir do Renascimento, no século XVII. O Iluminismo traz a concepção de que o universo deve ser conhecido em seus segredos pela razão humana e a vida deixa de ser vista como regida por leis divinas, transcendentais, passando a ser compreendida como aquilo que os sujeitos fazem dela, individualmente e coletivamente:

Todos sentem que parte de suas experiências é íntima, que mais ninguém tem acesso a elas. (...) Com frequência, sentimos alegria e tristezas intensas e procuramos escondê-las. A possibilidade de mantermos nossa privacidade é altamente valorizada por nós e relacionada ao nosso desejo de sermos livres para decidir nosso destino. (...) Ainda com maior frequência, temos a sensação de que aquilo que estamos vivendo nunca foi vivido antes por mais ninguém, de que nossa vida é única, de que o que sentimos e pensamos é totalmente original e quase incomunicável (FIGUEIREDO; SANTI; 2004, p. 18-19).

Essa forma de sentirmos e pensarmos nossas experiências, embora pareça tão intrínseca e espontânea, não é natural, nem universal. A visão que temos hoje de nós mesmos(as) como sujeitos autônomos, capazes de iniciativa, dotados de pensamentos, sentimentos e desejos próprios é fruto de um intenso e contínuo processo de construção.

As mudanças na construção da subjetividade são também acompanhadas por mudanças na forma como é compreendida a busca por prazer e pela felicidade. Vera

França (2010) no capítulo: “*A Felicidade ao Seu Alcance: Que felicidade, e ao alcance de quem, afinal?*”, discorre sobre essa questão:

E qual é a felicidade que se busca hoje, qual é o conteúdo que ela se apresenta? Não se trata mais da vida de boa qualidade no seio da polis, não é a salvação da alma e o alcance da vida eterna, não está na construção de um mundo novo onde todos possam ser felizes: ela está ‘dentro de cada um’, ‘ao alcance de cada um’, e é resultado de um investimento pessoal. Esta é a privatização da felicidade que alcançamos nas últimas décadas, significando o direito, mas também um dever que nos impulsiona e nos atormenta (FRANÇA, 2010, p. 217).

Com as transformações na forma de compreender a felicidade, mudam também as formas de compreender e lidar com o sofrimento, como aponta Maria Rita Kehl (2002, p. 82):

O fato é que o sujeito moderno, voltado para os ideais pós-revolucionários de felicidade- ou, se quisermos, para os ideais burgueses de comodidade e bem-estar-, é alguém que desaprendeu a sofrer. Não sofre com a bravura de um estóico, com o espírito de sacrifício de um súdito leal, nem com a resignação esperançosa de um cristão. Esses “modos de sofrer”, modos de subjetivação que forneciam um sentido ao sofrimento nas sociedades pré-modernas, desapareceram de nossas formações sociais.

Pensar sobre o prazer, sobre a felicidade e sobre o sofrimento, implica, assim, considerar como a subjetividade é construída atualmente. Bezerra Júnior (2009) destaca que o fato de hoje nos sentirmos criadores(as) do que vivemos influencia em nossos modos de sentir. Enquanto em outras organizações sociais a felicidade e o sofrimento seriam significados pelo destino, pela divindade, por autoridades, hoje nós nos interrogamos: “*o que me faz feliz?*”, “*o que preciso fazer para viver com mais prazer?*”, “*por que estou sofrendo?*”, “*por que estou vivendo o que estou vivendo?*”, “*o que fiz para que minha vida seguisse esse rumo?*”, “*o que eu tenho a ver com a construção da minha vida tal como ela se apresenta para mim?*”. Embora a vida implique, sim, criação, tais interrogações tão aut centradas estão veiculadas à fantasia de que somos totalmente livres para nos determinarmos,

(...) escondendo o fato de que nossa vida, na verdade, é determinada de forma intensíssima por coisas que nos atravessam e que vem da nossa relação com o campo no qual nós emergimos, com o campo da cultura, com o campo dos valores, das leis, do imaginário social, mediados pelas figuras mais importantes que nos criaram desde que nós somos pequenos. Então nós somos o tempo todo determinados por coisas que

a gente não sabe que nos determinam, essa é a ideia forte de inconsciente (BEZERRA JÚNIOR, 2009, s/p).

O fato das subjetividades serem singulares não significa, então, que sejam individualmente construídas. Nós aprendemos a ser quem somos em um mundo compartilhado no qual interagimos, no qual nos formamos e nos transformamos. Nesse sentido, para a discussão sobre o prazer, é importante partirmos da compreensão de que a subjetividade não se refere a uma essência, a algo intrínseco, natural e imutável, mas sim, está em contínua formação e transformação. Com base nesta concepção abordaremos o percurso histórico sobre como o prazer tem sido compreendido nas últimas décadas e sobre que compreensões predominam atualmente. Antes, apresentaremos os significados relacionados ao conceito de prazer.

1.2.2. O que é prazer?

Para a definição do conceito de prazer, podemos partir do que afirma Jurandir Freire Costa (2004):

Prazer é o conjunto de fenômenos afetivos correspondentes ao estado de satisfação. Qualquer prazer representa a manutenção de uma satisfação obtida ou a incorporação de novas satisfações ao repertório do eu. Sentimos prazer ao preservar ou expandir a área de satisfação à qual temos acesso, e dor ou desprazer ao perder terreno nessa área (...) Os prazeres são plurais, mutáveis e de diversas ordens (COSTA, 2004, p. 91).

Os prazeres são plurais, mutáveis e de diversas ordens. Isso se reflete no fato de que a própria palavra “prazer” pode ser associada a múltiplos significados, como é possível identificar em definições dadas por alguns dicionários atuais:

1. Sensação agradável oriunda da satisfação de desejo, alegria, contentamento; 2. Boa vontade, agrado; 3. Satisfação sexual, gozo (HOUAISS, 2004, p. 588).

1 Alegria, contentamento, júbilo. 2 Deleite, gosto, satisfação, sensação agradável. 3 Boa vontade; agrado. 4 Distração, divertimento. 5 Emoção agradável que resulta da atividade satisfeita (MICHAELIS ONLINE, 2013, s/p).

1. Sentimento agradável que alguma coisa faz nascer em nós; 2. Deleite, gozo, delícia; 3. Gosto, desejo; 4. Alegria, contentamento; 5. Boa vontade, agrado; 6. Distracção, divertimento (DICIONÁRIO PRIBERAN DA LÍNGUA PORTUGUESA ONLINE, 2013, s/p).

O prazer pode ser compreendido como satisfação, como sensação gostosa e gratificante; e/ ou como descarga, como alívio de tensões, como eliminação de sensações desagradáveis; e/ ou como sensações intensas que excitam e estimulam; e/ ou como apaziguamento, como anestesia; e/ ou como bem-estar, equilíbrio, harmonia, tranquilidade; e/ou como ligado ao lúdico, à inventividade, à criatividade, à imaginação; e/ou como distração, entretenimento, diversão, lazer; e/ou como sinônimo de outros sentimentos e sensações tidos como positivos, como felicidade, alegria e realização.

É importante considerarmos essa pluralidade de elementos ligados à compreensão do prazer para discutirmos como o prazer se tornou um valor central em nossa cultura.

1.2.3. A construção do prazer como imperativo

A crescente valorização do prazer ocorreu principalmente a partir da segunda metade do século XX. Na emergência e na consolidação da sociedade capitalista, a produção era o elemento central, havendo, assim, a valorização da renúncia, do sacrifício e do adiamento dos prazeres para que os esforços fossem dirigidos exclusivamente ao trabalho. Nas últimas décadas, entretanto, o consumo recebe uma centralidade cada vez maior, processo que vem acompanhado pelo incentivo para que as pessoas aproveitem, usufruam, vivam intensamente e com prazer.

A maior difusão dos meios de comunicação teve uma grande participação na propagação dos ideais de uma vida prazerosa, como discutiremos com mais especificidade ao abordarmos a história do surgimento das revistas masculinas, femininas e para adolescentes no quinto capítulo: “Revistas, Gênero e Prazer”. A construção dos ideais foi bastante marcada pela expansão da publicidade que, em busca de convencer os(as) consumidores(as) sobre as vantagens de comprar as mais diversas mercadorias, passou a recorrer a inúmeras estratégias como a exaltação da felicidade.

A relação entre a publicidade e prazer é abordada por Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2010) no capítulo “*Uma história da construção do direito à felicidade no Brasil*”. A autora analisa como em anúncios brasileiros, até a década de 1920, era rara a utilização de palavras positivas, sendo mais frequente o apelo a discursos dramáticos, como nas propagandas de remédios que, ao invés de prometerem a sensação de alívio, veiculavam “desenhos de feridas horripilantes, semblantes transtornados por dores e padecimentos insuportáveis (...). Caveiras e outras alusões à morte faziam parte do cotidiano” (SANT’ANNA, 2010, p. 183). Esse quadro passou a mudar com o desenvolvimento industrial e urbano, que foi acompanhado de uma crescente idealização

da beleza e da juventude. “Sinta esse prazer!” era um slogan que sintetizava as mensagens dos anúncios no final da década de 1950, período em que também ocorreu o acesso aos primeiros antidepressivos. A autora aponta como marco a declaração da Organização das Nações Unidas, em 1945, que passou a acrescentar na definição de saúde a “aquisição de um bem-estar infinito” (SANT’ANNA, 2010, p. 188).

“Nos tornamos a primeira sociedade da história em que as pessoas sentem-se infelizes por não serem suficientemente felizes”, afirma Pascal Bruckner (2002, p. 47) no livro *“A Euforia Perpétua- Ensaio sobre o dever da felicidade”*. O autor problematiza como é desconcertante que a busca por um ideal possa resultar justamente no seu contrário: o aprendizado sobre avaliar todas as experiências pelo ângulo do prazer culmina no esforço por evitar todo e qualquer conflito, o que pode gerar, justamente, mais conflitos, acompanhados de sensações como culpa e constrangimento por não corresponder aos modelos idealizados. Essa contradição também é abordada por Jurandir Freire Costa (2004, p. 64): “quanto mais falamos em minimizar o sofrimento e otimizar o prazer, mais nos privamos de prazer e mais nos atormentamos com os sofrimentos que não podemos evitar”.

Com a tarefa de instaurar a felicidade, há uma incessante catalogação e contabilização em que são listadas as infelicidades a serem eliminadas. Luto, dor e doenças passaram a ser vistos praticamente como “tabus”, destoantes do culto ao prazer e à diversão. Sobre a sensação de insuficiência continuamente alimentada, Bruckner (2002, p. 14) afirma:

Seja feliz! é um imperativo que, por trás da aparência de amabilidade, se revela uma terrível injunção paradoxal, um comando ao qual é difícil escapar. É como se a felicidade esperada fugisse à medida em que se corre atrás dela, de modo que a promessa de satisfação passa a ser vivida como um débito com uma divindade sem rosto, que nunca é possível saldar (BRUCKNER, 2002, p. 14).

No livro *“A Tirania do Prazer”*, Jean-Claude Guillebaud (1999) discute como enquanto proclamamos estar livres dos tabus, das cautelas hipócritas e das pressões morais de outras épocas, encobrimos com uma capa de permissividade o peso consequente da compreensão do prazer como obrigação.

O prazer obrigatório está substituindo o prazer proibido. O gozo é enfrentado como se fosse uma prova, que leva à obrigação ou ao fracasso. (...) Antes as pessoas se lançavam ao prazer como um combate sem esperança. Agora são os prazeres que se jogam sobre nós (GUILLEBAUD, 1999, p. 124).

A valorização do prazer pode revelar-se, assim, bastante repressiva. Embora haja uma tendência a associar a palavra “repressão” a práticas como proibições, negações, reprovações, interdições, ou ainda, omissões e silenciamentos, a repressão também pode ocorrer por meio de prescrições, incentivos, e da transmissão e valorização de determinadas regras, padrões e modelos, que, ao serem internalizados e compreendidos como desejáveis pelos próprios sujeitos, geram a sensação de culpa, insuficiência e desajuste caso não sejam alcançados. Nas palavras de Marilena Chauí (1984, p. 13):

(...) a repressão não é uma imposição exterior que despenca sobre nós, mas também um fenômeno sutil de interiorização das proibições e interdições externas (e, conseqüentemente, também das permissões) que se convertem em proibições e interdições (e permissões) internas, vividas por nós sob a forma do desagrado, da inconveniência, da vergonha, do sofrimento e da dor (e dos sentimentos contrários a estes, no caso da obediência ao permitido). Nossos sentimentos poderão ser disfarçados, ocultados ou dissimulados desde que percebidos ou sentidos como incompatíveis com as normas, os valores e as regras de nossa sociedade. Costuma-se dizer que a repressão perfeita é aquela que já não é sentida como tal, isto é, aquela que se realiza como auto-repressão, graças à interiorização dos códigos de permissão, proibição e punição de nossa sociedade.

“Costuma-se dizer que a repressão perfeita é aquela que já não é sentida como tal”. O prazer como dever é transmitido por meio de imagens sedutoras de sucesso, diversão, felicidade, realização, satisfação, o que dificulta o reconhecimento sobre como os modelos ideais se convertem em exigências e atuam de forma repressiva. Mas, para buscar corresponder a esses modelos ideais, são mobilizados muitos esforços e investimentos. A repressão pode se dar de modo ainda mais intenso justamente por ser sutil. Maria Rita Kehl (2009) também aponta como com a valorização do prazer que os modelos e padrões carregam, torna-se difícil identificá-los como repressivos:

Os ideais parecem não exigir das pessoas mais do que a disposição de usufruir dos prazeres do presente, de cultivar o corpo e entregar-se às fantasias associadas aos apelos do consumo (...). É difícil, até mesmo para os críticos e descontentes, imaginar as condições de superação de uma ordem social sustentada bem menos por estratégias de interdição do que por estratégias de sedução (KEHL, 2009, p. 95; 101).

Ao longo das discussões desta dissertação, ao utilizarmos a expressão “repressão às avessas”, estaremos nos referindo a esse movimento de imposição de padrões não por meio da coerção, mas por meio da idealização e da ênfase no quão prazeroso pode ser corresponder a eles. Considerando, assim, como a valorização do prazer é atravessada por

modelos ideais, normas, regras e padrões, abordaremos a seguir como a transmissão do prazer como um imperativo não corresponde à estimulação de formas múltiplas e plurais de buscar e sentir prazer, mas sim, é acompanhada pela delimitação de quais prazeres serão aceitos e incentivados.

1.2.4 Que prazeres?

Embora haja a convocação contínua para que os sujeitos se entreguem aos prazeres, essa convocação não se refere a qualquer prazer. Discursos imperativos como “*Seja feliz!*” e “*Sinta prazer!*” são com frequência acompanhados de mensagens e prescrições que valorizam a busca por corresponder aos modos de ser e viver valorizados culturalmente. Como afirma João Freire Filho (2010a), na apresentação do livro “*Ser Feliz Hoje- Reflexões sobre o imperativo de felicidade*”, são construídos modelos ideais que correspondem a “versões específicas da vida feliz” (FREIRE FILHO, 2010a, p. 22). Discutiremos sobre estas “versões específicas” a partir de cinco eixos: O imperativo de prazer e a moral das sensações; O imperativo de prazer e ausência de sentidos para o sofrimento; O imperativo de prazer e o tempo; O imperativo de prazer e a visibilidade e O imperativo de prazer e o apagamento da alteridade.

1.2.4.1. O imperativo de prazer e a moral das sensações

Festas, farra, animação, diversão e êxtase: a valorização do prazer em nossa cultura corresponde à valorização da disposição inesgotável, da atividade ininterrupta, da agitação sem limites. Como afirma Maria Rita Kehl (2008, p. 14):

O prazer, em nossa era, está intimamente vinculado ao movimento e à atividade. Os corpos têm que dar provas contínuas de que estão vivos, saudáveis, alertas, gozantes. Ao trabalho moçada! A quietude não tem nenhum prestígio na era da publicidade, das *raves* embaladas a *ecstasy*, dos filmes de ação.

Somos regidos, segundo Jurandir Freire Costa (2004), por uma moral das sensações, em que a busca por excitações intensas é vista como uma motivação central para nossas ações: “tudo vale a pena se o prazer não é pequeno” (COSTA, 2004, p. 176). Música alta, drogas estimulantes, orgasmos sexuais, atividades físicas e esportivas que exijam um alto desempenho do corpo são alguns dos prazeres valorizados atualmente, denominados pelo autor como “prazeres extáticos”. Eles têm em comum o fato de serem intensos, imediatos, mas efêmeros, por durarem exatamente o tempo entre o começo e o

fim de um processo de excitação.

Uma das propriedades do prazer extático é a completa dependência do objeto estimulante, sendo difícil gozar extaticamente com os recursos da própria vontade e da própria imaginação. A sensibilidade dificilmente se excita com o que apenas fantasiou, com o que criou por si mesma sem experimentar: “De fato, escolher a felicidade extática significa reduzir a liberdade do eu para produzir, reter e diversificar prazeres. A hipoteca é onerosa” (COSTA, 2004, p. 94).

Há a necessidade da renovação constante do estímulo, o que torna o prazer restrito às situações imediatas do presente. O futuro conta pouco, é o tempo atual que importa. O passado também é desvalorizado, já que os prazeres rememorados são muito menos intensos que os experimentados. Fora o instante do gozo, a sensação é emocionalmente obsoleta: “O gozo com as sensações é prisioneiro do presente, da realidade-cenário, sem memória e sem história” (COSTA, 2004, p. 237).

Costa (2004) contrapõe os “prazeres extáticos” aos “prazeres mitigados”, que são os prazeres duradouros, estáveis, conquistados por meio de um processo contínuo e mantidos no tempo. São exemplos de prazeres mitigados: atividades lúdicas; deleite com a criação e a fruição de obras artísticas e científicas; sentimentos ternos como o conforto, a serenidade, o carinho, a ternura, a alegria.

Rubem Alves (2012), no livro “*Varições Sobre o Prazer*”, estabelece uma distinção semelhante, em que as propriedades atribuídas por Costa (2004) aos prazeres extáticos são definidas enquanto propriedades do “prazer” e as propriedades dos prazeres mitigados são definidas como atreladas à “alegria”:

O prazer só acontece se o corpo tiver a posse de seu objeto. O prazer do sorvete só existe se houver um sorvete a ser lambido. O prazer do suco de pitanga só existe se houver suco de pitanga a ser bebido. (...) O prazer se farta logo. (...) Quantos copos de suco de pitanga sou capaz de tomar antes que o corpo diga “Não aguento mais!?”. O prazer tem vida curta. (...) A alegria não precisa da posse do objeto desejado para existir. Lembro-me do rosto de um amigo- ele já morreu-, mas esta simples memória me traz alegria, junto com uma pitada de tristeza. Sentimos alegria lendo uma obra de ficção, um objeto que nunca existiu pode nos dar alegria (...). Que seres estranhos nós somos, capazes de nos alegrar comendo frutos inexistentes! A alegria nunca se farta. A alegria pede mais alegria. Alegria é fome insaciável (...) (ALVES, 2012, p. 86-87).

Para compreendermos a distinção estabelecida por Costa (2004) entre prazeres extáticos e prazeres mitigados é importante considerar também a discussão realizada pelo autor sobre a diferença entre sentimentos e sensações. *Sentimentos* são estados afetivos

que aprendemos a reconhecer como: satisfação, sofrimento, medo, pesar, decepção, frustração, raiva, temor, gratidão, carinho, ternura, entusiasmo, preocupação com o outro, amor etc. São hábitos afetivos criados pela prática da introspecção, da intimidade, da narração autobiográfica e dos relatos compartilhados da vida emocional. *Sensações* são respostas mentais semelhantes às respostas sensoriais que damos aos estímulos corporais. São todos os estados afetivos, corporais ou psíquicos que são imediatamente sofridos pelos organismos humanos e se referem, principalmente, ao prazer, ao desprazer e à dor.

De modo geral, aprendemos a reconhecer as sensações com a ajuda de indicadores corporais localizáveis ou não em órgãos específicos. Sensações são mais ou menos fortes e duradouras, e sua principal característica é a de ser regulada pelo trinômio dor, prazer, desprazer. O que produz dor e desprazer tende a ser violentamente repudiado e o que produz prazer, a ser buscado. (...) Os sentimentos, ao contrário, dispensam o referente da imagem corporal para serem reconhecidos e sua aceitação ou rejeição independem da dor, desprazer e prazer. Sentimentos como piedade, compaixão, pena, indignação, reprovação ou mesmo culpa e remorso são reconhecíveis sem auxílio de imagens ou estímulos corpóreos e não dependem de prazer para serem desejados (COSTA, 1998, p. 210-211).

Por vivermos na “moral das sensações” com um maior acesso a estímulos excitantes e agradáveis disponíveis, nos habituamos a procurar prazeres fáceis de encontrar, comprar e instrumentalizar. Desta forma, decepções, frustrações e sentimentos passam a ser compreendidos como insuportáveis:

Pouco a pouco, aprendemos a querer dos “sentimentos” o que esperamos das “sensações”. Ou seja, assim como na gramática das sensações aprendemos a repudiar com veemência toda dor ou qualquer desprazer, também queremos evitar sentimentos que nos façam sofrer (COSTA, 1998, p. 214-215).

1.2.4.2. O imperativo de prazer e a ausência de sentidos para o sofrimento

“Um estado de completo bem-estar físico, mental e social” é a definição de saúde apresentada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) a partir de 1945. É possível notar, assim, que ao invés de “ausência de doenças”, a saúde passa a ser compreendida a partir de um modelo ideal, o que suscita a demanda de muitas preocupações, esforços e cuidados para ser buscado. Eva Illouz (2011) problematiza sobre os possíveis efeitos dessa definição:

Quando se postula um ideal de saúde indefinido e em interminável expansão, todo e qualquer comportamento pode ser rotulado,

inversamente, de “patológico”, “doentio”, “neurótico”, ou, em termos mais simples “inadaptado” ou “disfuncional”, ou ainda, em linhas mais gerais “não autorrealizado” (ILLOUZ, 2001, p. 71).

Desde a criação dos primeiros psicofármacos, na década de 1950, a expansão da psiquiatria teve forte influência não somente no campo da saúde mental e outras áreas de atuação médica, mas também nos mais diferentes espaços sociais e no imaginário cultural, transformando as formas de compreender a felicidade e o sofrimento, como discute Benilton Bezerra Júnior (2010) no capítulo: “*A Psiquiatria e a Gestão Tecnológica do Bem-estar*”. Dificuldades, conflitos e ansiedades, que antes eram aceitos como parte inerente das experiências humanas, passam a ser vistos como passíveis de serem eliminados pela intervenção médica e farmacológica, com a construção de um ideal de “bem-estar” cada vez mais inatingível. Nas palavras do autor:

(...) surge uma noção de boa vida que se mede pela fruição de um bem-estar superlativo, um sentir-se “mais do que bem”, fruto da competência na gestão da vida e no uso dos dispositivos de controle e eliminação do sofrimento e otimização das potencialidades vitais (BEZERRA JÚNIOR, 2010, p. 120).

Dentre esses dispositivos de controle, eliminação do sofrimento e otimização das potencialidades vitais estão os recursos farmacológicos, consumidos em índices cada vez maiores, em um processo de crescente medicalização da subjetividade. No livro “*O Tempo e o Cão- A Atualidade das Depressões*” (2009) Maria Rita Kehl (2009) apresenta dados da Organização Mundial de Saúde de que cerca de 121 milhões de pessoas no mundo receberam o diagnóstico psiquiátrico de depressão. A autora comenta esse quadro:

O que mais nos espanta, diante desses números, é que vivemos em uma sociedade que parece essencialmente anti-depressiva, no que se refere tanto à promoção de estilos de vida e ideais ligados ao prazer, à alegria e à saúde, quanto à oferta de novos medicamentos para o combate da depressão (KEHL, 2009, p. 50- 51).

Kehl (2009) problematiza como estados de ânimo espontâneos passaram a ser descritos pela psiquiatria e pela publicidade da indústria farmacêutica como sintomas que requerem tratamento. Proliferaram critérios diagnósticos que incluem manifestações de tristeza, desânimo, luto e irritabilidade como “transtornos” indicativos de depressão. Foi propagada a ideia de que as dores da vida devem ser todas dispensadas, aliviadas, em nome de um suposto bem-estar. Com a tarefa de instaurar a felicidade, há uma incessante catalogação e contabilização das infelicidades a serem eliminadas, cada vez mais, em

maiores quantidades e em detalhes mais minuciosos: “Assistimos a uma patologização generalizada da vida subjetiva, cujo efeito paradoxal é a produção de um horizonte cada vez mais depressivo” (KEHL, 2009, p.52).

A indeterminação crescente do lugar do sofrimento e do não-sofrimento torna escassos os recursos subjetivos para lidar com as adversidades. A riqueza do trabalho psíquico passa a ser vista como supérflua e a proposta de se buscar uma vida sem perturbações, dores e faltas acaba por ter o efeito contrário: as vidas são esvaziadas de sentido, de criatividade e de valor. A intolerância ao conflito faz com que a busca pela felicidade e pela saúde psíquica passe a ser reduzida a projetos de conforto, segurança e autoafirmação, o que é muitas vezes entendido como sinônimo de medicalização:

Uma aliança entre os ideais de precisão científica e de eficiência econômica que produz uma versão fantasiosa da vida humana como um investimento no mercado de futuros, cujo sentido depende de se conseguir garantir, de antemão, os ganhos que tal investimento deverá render (KEHL, 2009, p. 56).

Ao discutir sobre a compreensão de saúde mental presente no Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM), Paulo Vaz (2010) problematiza como a definição de “normalidade” também se pauta em um modelo inalcançável:

(...) Normal, segundo o DSM-IV, seria aquele que tem um nível superior de funcionamento num grande número de atividades, que nunca é superado pelos problemas que enfrenta ao longo de sua vida e que é procurado pelos outros em razão de suas numerosas qualidades, aquele que não apresenta sintomas (VAZ, 2010, p. 160).

Mariana Pombo (2011), na dissertação “*A Depressão na Contemporaneidade: Mídia e produção de uma subjetividade vulnerável*”, discute como a idealização da felicidade e do prazer suscita a constante dúvida sobre a possibilidade de se sentir melhor, a constante desconfiança de que não se está sentindo felicidade e prazer suficientes. É alimentada assim a sensação de falha, de fracasso pessoal diante da distância entre o que se é e entre o que se deseja ser:

(...) a simples imaginação sobre quão mais prazerosa a vida poderia ser ou sobre quanto mais de riqueza e reconhecimento se poderia obter caso se esforçasse mais já garante a frustração consigo mesmo e a dificuldade em aceitar realizações aquém das expectativas (POMBO, 2011, p. 63).

A busca pela felicidade e pelo prazer são assim, vistos como empreendimentos individuais, cujo sucesso ou fracasso depende de cada um. Esta questão será abordada também no tópico a seguir, sobre o imperativo de prazer e o tempo.

1.2.4.3. O imperativo de prazer e o tempo

Uma palavra-chave para compreendermos como o prazer e a felicidade são significados atualmente é “produtividade”. No capítulo “*A Felicidade na Era de sua Reprodutibilidade Científica: ‘Construindo pessoas cronicamente felizes’*”, João Freire Filho (2010b) apresenta a análise de diferentes discursos de publicações científicas, com falas de profissionais e pesquisadores(as) que abordam a busca pela felicidade a partir do parâmetro de metas empresariais, com ênfase na competência individual em administrar a própria vida, na capacidade empreendedora bem-sucedida em otimizar a própria performance para ter um desempenho com máxima funcionalidade: “A felicidade se insinua, no imaginário popular e científico, como um projeto de engenharia individual, orientado por uma legião de especialistas (...)” (FREIRE FILHO, 2010a, p. 14).

Pascal Bruckner (2002) assinala o contraste na forma como o tempo livre é compreendido: se antes era visto como um momento de descanso e ócio, de suspensão das tarefas e responsabilidades, hoje é cercado por exigências de rendimento tão ou mais intensas que as horas de trabalho. Combate-se o tédio, propagando-se a importância de viver em estado de criatividade 24 horas por dia. É adotada em relação às sensações uma lógica de rendimento equivalente à do sistema industrial: o prazer deve ser maximizado, potencializado, rentável; divertir-se deve corresponder a um desempenho ininterrupto, a uma acumulação de resultados maníaca.

Maria Rita Kehl (2009) discute como “*Aproveitar bem o tempo!*” é um dos imperativos da vida contemporânea. Nesse sentido, é importante considerarmos a contradição presente no uso da própria expressão “tempo livre” e questionarmos se a forma como o tempo é experienciado realmente corresponderia à liberdade. Como problematizam Beatriz Albino, Priscila Hammes e Alexandre Vaz (2011), ao mesmo tempo em que as práticas de lazer, diversão e entretenimento são representadas como uma compensação das pressões do cotidiano, uma anestesia para as preocupações e tensões, divertir-se acaba convertendo-se em mais uma obrigação, mais uma tarefa a ser cumprida.

A marcação que caracteriza o tempo do trabalho invade cada vez mais a experiência de temporalidade, mesmo nas horas ditas de lazer (...) Não me refiro ao ócio, essa forma de lazer tão desvalorizada em nossos dias,

mas às atividades de lazer, marcadas pela compulsão incansável de produzir resultados, efeitos de diversão, que tornam a experiência de lazer tão cansativa e vazia quanto da produção. Nada causa tanto escândalo, em nosso tempo, quanto o tempo vazio. É preciso “aproveitar” o tempo, fazer render a vida, sem preguiça e sem descanso (KEHL, 2009, p. 125).

É reforçado o desejo de “*tudo ao mesmo tempo e agora!*”. Grande parte das ações cotidianas exigem respostas rápidas a estímulos contínuos. Essa velocidade possui efeitos para a subjetividade, já que para que o ritmo acelerado seja cumprido é preciso que devaneios, fantasias e digressões sejam evitados. A busca por eliminar tais atividades psíquicas “improdutivas” resulta em um empobrecimento da imaginação, que é justamente o que provém sentido à vida: “Hoje é possível viver com saúde durante oito ou nove décadas sem perder a sensação de que o tempo continua curto, de que a vida é a soma de instantes velozes que passam sem deixar marcas significativas” (KEHL, 2009, p. 149). Como uma forma de buscar compensar a ausência dessas “marcas significativas”, a exposição contínua de imagens que registram momentos felizes e de prazer se torna uma prática frequente, como discutiremos a seguir.

1.2.4.4. O imperativo de prazer e a visibilidade

A busca por corresponder aos ideais de uma vida prazerosa está diretamente atrelada à visibilidade, à exposição. Mais do que aproveitar e se divertir, é preciso construir continuamente uma imagem de felicidade, prazer e divertimento, como aborda Fernanda Bruno (2005, p. 62):

(...) o ideal de realização é inseparável de um cuidado com a imagem e com o olhar do outro (...) Basta pensarmos na proliferação dos discursos e manuais de marketing pessoal, auto-imagem, auto-ajuda e auto-estima: em todos eles, a palavra de ordem é- “primeiro é preciso parecer realizado para depois ser realizado” ou ainda “é preciso ser visto como bem-sucedido, para depois tornar-se bem-sucedido” (BRUNO, 2005, p. 62).

O prazer e o divertimento não são relacionados com a vontade, com a espontaneidade, com a expressão de sensações próprias, mas sim, como resultados a serem exibidos de uma tarefa devidamente cumprida, tarefa que requer esforços, dedicação e cuidado: a construção da própria imagem. Como afirma João Freire Filho (2010b): “Na era da felicidade compulsiva e compulsória, convém aparentar-se bem-adaptado ao ambiente, irradiando confiança e entusiasmo, alardeando uma personalidade desembaraçada, extrovertida e dinâmica” (FREIRE FILHO, 2010a, p. 17).

A construção da própria imagem é pensada como elemento fundamental para a possibilidade de receber atenção, valorização, reconhecimento. A rejeição é uma grande ameaça. Jurandir Freire Costa (2004) discute como a ênfase no que é exposto, visibilizado, na aparência de felicidade e diversão faz com que predomine uma desconfiança persecutória, a representação dos(as) outros(as) como observadores(as) incômodos(as) e invasivos(as) de nossos possíveis desvios. Aquele(a) com quem nos relacionamos é pressuposto(a) ou como alguém que nos inveja ou como um(a) suposto(a) acusador(a) que pode nos humilhar justamente por ser uma corporificação das normas que tanto nos esforçamos para corresponder. Nesse sentido, a dimensão da alteridade é comprometida, como discutiremos a seguir.

1.2.4.5. O imperativo de prazer e o apagamento da alteridade

Realização e satisfação pessoal, autoestima, autoconfiança, fortalecimento de si: esses elementos são vistos como ingredientes fundamentais na busca por prazer, o que evidencia como essa busca é transmitida como autocentrada, dependente da vontade e da dedicação de cada um(a). Como discute Fernanda Bruno (2005) recebemos continuamente a mensagem de que tudo é possível, nada nos impede de ser como desejamos, basta nos esforçarmos, e, caso fracássemos em corresponder aos ideais de felicidade, esse fracasso deve também ser visto como uma falha individual.

O que importa é o poder do próprio desejo, a força da própria vontade, como se não houvesse pressões, restrições e coerções sociais. João Freire Filho (2010b), problematiza como o culto ao potencial individual de expansão e superação de limitações contribui para que não sejam reconhecidos os fatores culturais relacionados a essas limitações, fatores que precisam ser questionados e superados.

Joel Birman (2010) discute como os prazeres valorizados são atrelados à exaltação do eu, à promoção de si mesmo como valor, o que faz com que a sociabilidade adquira um caráter de “roleta rivalitária” (BIRMAN, 2010, p. 28), em que todas as fichas devem ser apostadas em si próprio(a). As relações com os(as) outros(as) são marcadas pela competitividade, que é evidenciada pela divisão constantemente anunciada entre “vencedores(as)” e “perdedores(as)”. O senso de alteridade é esvaziado quando somos incitados(as) a nos preocuparmos continuamente com o julgamento e a avaliação dos(as) outros(as).

A questão do esvaziamento das relações, marcadas pela competitividade e pela avaliação também é abordada por Paula Sibilia (2010). A autora assinala como a busca

pela felicidade não é vista como um campo de criatividade, de inventividade, de múltiplos possíveis, mas sim, torna-se circunscrita na obsessão pela imagem de felicidade, que precisa ser atestada pelo reconhecimento, pela admiração e também pela inveja despertada nos outros: “(...) numa busca paradoxal pela satisfação individual e pela autoestima, essa dinâmica tão contemporânea pode dar à luz subjetividades extremamente vulneráveis, escravizadas pela lisura do próprio umbigo” (SIBILIA, 2010, p. 207).

1.2.5. O imperativo de prazer e os ideais de corpo, relacionamentos e prazer sexual

No decorrer deste capítulo, vimos como a compreensão do prazer como um imperativo vem acompanhada da construção de modelos ideais sobre os prazeres a serem buscados. Discutimos a relação entre o imperativo de prazer e as sensações, o sofrimento, o tempo, a visibilidade e a alteridade. Neste momento abordaremos os temas que serão desenvolvidos com mais especificidade no decorrer desta dissertação: o corpo, os relacionamentos e a sexualidade. Apresentaremos como na transmissão da valorização de “versões específicas da vida feliz” (FREIRE FILHO, 2010a, p.22) são privilegiados aspectos como ter um corpo belo e em forma, correspondendo aos padrões vigentes; encontrar a realização amorosa em um relacionamento permeado por complementariedade e romantismo, assim como ter uma vida sexual excitante e satisfatória, já que sentir prazer sexual e ter múltiplos orgasmos seria fundamental para a saúde e para o bem-estar. Esses elementos foram representados com frequência como prazerosos na análise que realizamos das revistas femininas e masculinas. No capítulo 5: “Revista, Gênero, Sexualidade e Prazer” e na discussão dos resultados, abordaremos como os padrões de gênero atravessam o modo como esses prazeres são valorizados. Neste momento, teremos como foco o modo como eles são alvo de intensas idealizações e como essas idealizações podem ser repressivas, por gerarem sensações de frustração, autocobrança e insuficiência.

1.2.5.1. O imperativo de prazer e os ideais de corpo

Beleza, boa forma, juventude, saúde, vitalidade, disposição, vigor são elementos muito idealizados e associados à busca por uma vida feliz e prazerosa. Nos deparamos diariamente com múltiplos conselhos e recomendações sobre como controlar a alimentação, sobre a importância de praticar exercícios físicos, sobre como nos dedicarmos para cada mínimo detalhe no cuidado da aparência. Para pensarmos sobre a busca por prazer é importante, assim, considerarmos a centralidade dada ao “corpo”. O

“corpo” aqui é colocado, inicialmente, entre aspas, para lembrar como ainda é forte a concepção do “corpo” como circunscrito ao campo do biológico, da anatomia, da fisiologia, da natureza. Como argumenta Silvana Goellner (2007) no capítulo “*A Produção Cultural do Corpo*” é necessário estranhar e problematizar como é redutora essa concepção:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (GOELLNER, 2007, p. 29).

Como ocorre a produção cultural do corpo atualmente? O corpo recebe grande centralidade na construção das subjetividades, ou melhor, a imagem do corpo, alvo de muitos modelos idealizados de beleza, boa forma, saúde e atratividade. Essa centralidade não corresponde a uma maior aceitação, ao estabelecimento de uma relação mais positiva das pessoas com os próprios corpos, mas sim, é relacionada a um grande número de exigências de que todos(as) se esforcem, se dediquem, invistam tempo e dinheiro na busca pelos padrões transmitidos. É continuamente alimentada a associação entre a necessidade de corresponder a esses padrões e a busca por uma vida feliz e prazerosa, como problematiza Maria Rita Kehl (2002) no artigo “*Com que corpo eu vou?*”:

Acima de tudo, o corpo que você veste, preparado cuidadosamente à custa de muita ginástica e dieta, aperfeiçoado por meio de modernas intervenções cirúrgicas e bioquímicas, o corpo que resume praticamente tudo o que restou do seu ser é a primeira condição para que você seja feliz (KEHL, 2002, s/p).

A força repressiva dos modelos ideais pode ser evidenciada pela forma como aqueles e aquelas que não correspondem e/ou não buscam corresponder aos padrões de corpo tidos como adequados tornam-se alvo de avaliação, julgamento e podem sofrer discriminação e preconceito. Jaqueline Martins (2006), na dissertação “*Tudo menos ser gorda- A literatura infantil e o dispositivo de magreza*” analisa como já nos livros para crianças há a intensa associação entre o corpo gordo e o desleixo, o descuido, a irresponsabilidade consigo mesmo(a) e a falta de amor próprio. A autora apresenta diferentes histórias infantis em que os(as) personagens gordos(as) são alvo de piadas, deboches e humilhações. Essa análise evidencia como o aprendizado sobre quais modelos

de corpo são valorizados é intenso desde a infância.

Os inúmeros e incessantes cuidados com o corpo, colocados como indispensáveis para uma vida prazerosa, acabam por acarretar cobranças, exigências, culpas, sensações de desajuste, insegurança e insuficiência. No capítulo “*Em Busca da Felicidade Lipoaspirada: Agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma*”, Paula Sibilia (2010) aborda esta relação destrutiva das pessoas contra si mesmas e contra os próprios corpos:

Seja nas academias de ginástica ou nos consultórios dos cirurgiões plásticos, seja nas sessões dos vigilantes do peso ou nos salões de beleza, seja sobre a balança ou diante do espelho, acusa-se o corpo de ser inadequado- e, por tal motivo, este recebe sua merecida punição (...) Como explicar tamanho desconforto com relação à materialidade orgânica do corpo, numa época que supostamente o enaltece como nunca e optou por mergulhar sem culpas em toda a leveza do bem-estar? (SIBILIA, 2010, p. 198-201).

A questão levantada por Sibilia (2010) reflete a contradição entre o culto à imagem do corpo e a contínua insatisfação diante do corpo enquanto organismo humano. São crescentes os números de ocorrências de distúrbios alimentares, de complicações graves decorrentes da realização de cirurgias plásticas como a lipoaspiração e de danos provocados pela ingestão excessiva de inibidores de apetite e anabolizantes.

Tudo isso se apoia em uma complexa rede de valores e crenças, de acordo com a qual ser velho, feio ou gordo- ou o fato de se ter um corpo imperfeito em qualquer uma de suas acepções- constitui uma falha de caráter individual (...) que se deveria evitar a qualquer custo ou pelo menos, ocultar vergonhosamente da visão alheia (SIBILIA, 2010, p. 206).

No capítulo “*A Personalidade Somática de Nosso Tempo*”, Jurandir Freire Costa (2004) aborda como as injunções culturais sobre a imagem do corpo estão diretamente ligadas à construção da subjetividade e incidem de forma intensa sobre o desejo de ser desejado(a) e o medo da rejeição. Com a valorização dada atualmente à visibilidade, é forte a vulnerabilidade ao olhar do outro, o que culmina no temor do desinteresse, na insegurança diante da possibilidade de não ser visto(a), reconhecido(a), admirado(a). Com o fortalecimento da crença do que somos o que mostramos, o que aparentamos, o corpo se converte em uma vitrine compulsória.

1.2.5.2. O imperativo de prazer e os ideais de relacionamentos amorosos

A idealização do amor romântico é muito frequente em nossa cultura, com a representação do casal como fonte de realização, felicidade e completude, acompanhada da concepção de que é na vida a dois que é possível encontrar compensação para as frustrações em outras esferas da vida. Laura Kipnis (2005) no livro “*Contra o Amor- Uma polêmica*”, discute sobre como o amor é idealizado como uma força misteriosa e dominante, essencial para nos sentirmos importantes e interessantes, representado como o principal meio de se conseguir satisfação, conexão, atenção, compreensão, o que faz com que a relação amorosa seja buscada persistentemente: “Prostramo-nos nos portais do amor, ansiosos para entrar, como aqueles que não se cansam de aguardar do lado de fora das cordas de algum clube exclusivo (...)” (KIPNIS, 2005, p. 9).

No livro “*Sem Fraude Nem Favor- Estudos sobre o amor romântico*” Jurandir Freire Costa (1998) problematiza como embora nos discursos sobre o amor seja acentuado o caráter involuntário e incontrolável das sensações e sentimentos, são muitas as regras, padrões, valores e crenças envolvidos na forma como compreendemos e experienciamos nossos relacionamentos e nas expectativas alimentadas em torno deles. O aprendizado sobre o amor envolve um contínuo e intenso processo social e cultural.

No livro “*O Paradoxo Amoroso- Ensaio sobre as metamorfoses da experiência amorosa*”, Pascal Bruckner (2011) aponta como a linguagem do amor como um sentimento especial e único é transmitida num aprendizado que vem desde muito cedo na infância, como nas histórias infantis, em que o “final feliz” é atrelado ao encontro de um par romântico. São também muitos os artefatos culturais (músicas, filmes, poesias, novelas, revistas, anúncios publicitários) que representam o amor de forma idealizada, representações que são repetidas continuamente e participam na construção de um roteiro, delimitando contornos de quais são as formas tidas como certas, válidas e valorizadas de desejar, sentir e se relacionar, alimentando crenças, valores e expectativas sobre o amor que precedem as experiências e relacionamentos vividos por cada sujeito: “O amor é antes de tudo um burburinho que nos cochicha no ouvido as mais belas promessas: nós o veneramos antes de vivê-lo como ação, ensaiamos essa peça anos a fio sem compreendê-la” (BRUCKNER, 2011, p. 74).

A presença da idealização do amor nos materiais midiáticos é também abordada por Jane Felipe (2007), no capítulo “*Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade*”. A autora analisa como o

amor é representado como uma experiência profunda e arrebatadora, atrelado a juramentos, promessas e pactos. São comuns expressões como “*você é meu mundo*”, “*eu não existo sem você*”, “*nasci para te fazer feliz*”. É construída assim a compreensão de que aqueles(as) que não vivem um relacionamento amoroso e que não correspondem às idealizações românticas serão infelizes e frustrados(as). Essa questão também é abordada por Jurandir Freire Costa (1998, p. 34):

Quando não realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade culpando a nós mesmos, aos outros ou ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar.

Ainda que o aprendizado sobre o amor romântico seja permeado pela transmissão de padrões, há uma grande dificuldade para que esses padrões sejam identificados e reconhecidos como repressivos, justamente por serem vistos como tão positivos e desejáveis. A compreensão sobre o amor é permeada por muitas regras que são, ao mesmo tempo, “tácitas e compartilhadas por todos” (BRUCKNER, 2011, p. 50), podendo culminar em sensações de cobrança, insegurança e desajuste quando não são correspondidas. Ao questionar sobre a “naturalidade” atribuída ao amor, Kipnis (2005) argumenta:

Pense na onipresente e canglorosa propaganda que reflete em nossa psique a cada hora: milhões de imagens de casais apaixonados aparecendo para nós nas telas de cinema, em aparelhos de televisão, cartazes, revistas, puxando-nos incessantemente para o trem do amor. Cada superfície bidimensional disponível alardeia o amor. (...) Mas se empenhar-se no amor é o triunfo do espírito humano, ou da natureza humana, ou é consumadamente “normal”, por que exige gastos tão grandes em relações públicas? (KIPNIS, 2005, p. 28).

A transmissão da realização amorosa como uma tarefa individual a ser cumprida alimenta um amplo mercado de serviços. São muitas as dicas, conselhos, receitas, intervenções, terapias e técnicas continuamente oferecidas. A lucrativa exploração mercadológica da insatisfação amorosa é comentada ironicamente por Kipnis (2009):

Verifique a prateleira de auto-ajuda em relacionamentos na livraria do seu bairro, seus conselhos do chão ao teto, cada livro com uma lógica interna complicada ou sistema complexo que em geral envolve questionários de múltipla escolha, acrônimos, gráficos, bolinhas, (...) complicados algoritmos sobre não aceitar encontros para sábado à noite depois da terça-feira, ou ficar no telefone mais do que a raiz quadrada do número de dias desde a última ligação (KIPNIS, 2009, p.33-37).

São muitas as prescrições, passadas de forma minuciosa. Kipnis (2005) relaciona essa grande quantidade de instruções a serem seguidas ao fato de que os relacionamentos passam a ser vistos como algo que exige muitos “investimentos”, muitos “cálculos”, muito “trabalho”, ou seja, a vida amorosa passa a ser pensada a partir da mesma lógica do mercado, com exigências tão ou mais rigorosas que a vida profissional. Os desejos passam a ser pensados tendo como referência os contratos e negociações, o que torna os relacionamentos equivalentes a uma “fábrica doméstica policiada por uma rígida disciplina” (KIPNIS, 2005, p. 28). Assim como em um emprego, nos relacionamentos e na intimidade as pessoas estão sempre atendendo a exigências com o propósito de serem, de alguma forma, “promovidas”.

A lógica mercadológica também está presente na expectativa de que os relacionamentos apresentem sempre mudanças estimulantes, excitações inéditas, inovações. Contardo Calligaris (2001) aponta como a paixão pelo novo e a rejeição à mesmice é continuamente alimentada, por ser fundamental para nosso sistema de produção pautado no consumo, o que abrange não só a relação com objetos, mas também com as outras pessoas. As novidades não devem estar só nas vitrines, mas também nas nossas vidas, nas nossas experiências íntimas. Jurandir Freire Costa (1998) também aponta as contradições entre uma cultura que idealiza a vida em casal como fonte de completude, ao mesmo tempo em que incita continuamente o individualismo, a vaidade e o imediatismo:

Quando se tornou um sentimento a mais na dieta dos prazeres a quilo, o amor passou a ser visto como qualquer coisa ou pessoa na cultura do consumo: perdeu o interesse, lata do lixo! (...) Nada nos parece mais bizarro e tedioso do que aventuras sem orgasmo e sofrimentos sem remédio à vista. (...) Em suma, vivemos numa moral dupla: Queremos um amor imortal e com data de validade marcada (COSTA, 1998, p. 20-21).

É possível notar como a intensa idealização do amor romântico, ao invés de significar uma maior valorização dos relacionamentos, pode culminar justamente no contrário, em uma maior dificuldade para se relacionar. É grande o contraste entre as expectativas alimentadas e as possibilidades encontradas. Idealiza-se o casal como fonte privilegiada de prazer, idealização que é muitas vezes regida por uma ética analgésica, que não admite sofrimentos e conflitos, enquanto relacionar-se envolve, necessariamente, contradições, incompatibilidades, dificuldades, faltas: “Eu ainda acredito no grande amor, ouvimos frequentemente. Mas é nas pessoas que se deve acreditar, vulneráveis,

imperfeitas, não em uma abstração, ainda que admirável” (BRUCKNER, 2011, p. 112).

“Acredito que, sem uma crítica à idealização do amor-paixão romântico, temos poucas chances de propor uma vida sexual, sentimental ou amorosa mais livre”, afirma Costa (1998, p. 35). O autor ressalta que a importância de questionarmos o amor não o torna irrelevante, não significa que esse sentimento seja uma coleção de invenções sentimentais, como se os ideais culturais fossem trapos de papel. Nossa experiência amorosa consiste em uma mistura de ilusão e realidade, de ganhos e perdas, de avanços e recuos no campo das relações humanas. Nesse sentido, devemos repensar a posição idealista de que o amor é o núcleo da realização de nossas vidas, mas também a posição condenatória, que demoniza o amor sem reconhecer o quanto muitas vezes ele traz satisfação, prazer e alegria.

Nossas experiências amorosas estão relacionadas a como construímos nosso espaço no mundo, como significamos o que vivemos e construímos nossa identidade. O que compartilhamos com o(a) outro(a) constitui e dá sentido a nós mesmos(as), o que pode ser um processo estimulante, criativo e inventivo. Em síntese, podemos destacar o que diz Costa (1998, p. 22): “Nem crédulos, nem desconfiados, talvez a melhor pergunta sobre o amor seja aquela dirigida à nossa vontade de potência: como fazer da vida aquilo que queremos e não a cópia do que quiseram por nós?”.

1.2.5.3. O imperativo de prazer e os ideais de prazer sexual

“*Sexo quente!*”, “*Tesão avassalador!*”, “*Loucuras entre os lençóis!*”, “*Mapa do êxtase!*”, “*Receitas afrodisíacas!*”: essas expressões podem facilmente ser encontradas em materiais midiáticos como programas televisivos, anúncios publicitários, matérias de jornais, revistas e sites da internet que prometem desvendar todos os mistérios do sexo e ensinar técnicas infalíveis sobre como sentir prazer: “*Reacenda a paixão!*”, “*Revolucione sua vida sexual!*”, “*Faça-o delirar!*”, “*Descubra sensações indescritíveis!*”. Assim como nas expressões apresentadas no começo deste capítulo, é possível notar que essas frases também estão no modo imperativo, também se referem a uma convocação, a uma ordem para que prazeres sejam buscados e experimentados.

Atualmente, é frequente a concepção de que há uma maior liberdade sexual, principalmente pela forma como desejos, práticas e experiências sexuais antes condenados e proibidos, hoje não são somente permitidos, mas estimulados e incentivados. É nesse sentido que se torna importante considerar como ocorre uma “repressão às avessas”. Partindo da definição de Marilena Chauí (1984, p. 9) sobre a

repressão sexual como “um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade”, é possível identificar como, apesar de ser menos constante a interdição “não faça”, muitas normas, regras e valores são transmitidas por meio do imperativo “faça!”. O principal aspecto desta forma de repressão é a dificuldade em ser reconhecida enquanto tal, já que, apesar de gerarem culpa e sofrimento, os padrões são vistos como valorizados e desejados pelos próprios sujeitos.

A grande exposição de mensagens, imagens e conteúdos sobre sexo, corpo e erotismo nos meios de comunicação contribui para a impressão de que há uma maior liberdade. Mas o fato de que atualmente o sexo é um assunto muito falado, muito mostrado, muito debatido e muito exposto através de imagens, dicas, conselhos, notícias, depoimentos, polêmicas, pode muitas vezes ocultar elementos bastante normativos de nossa compreensão da sexualidade hoje. Muitos preconceitos permanecem e ainda há linhas muito rígidas que delimitam e engessam o que é aceito, esperado e valorizado com relação aos relacionamentos, ao corpo, ao gênero, à sexualidade. A grande frequência com que o assunto é abordado não significa, necessariamente, uma compreensão mais ampla e abrangente da sexualidade em sua diversidade, em seus aspectos múltiplos e plurais.

Nesse sentido, são importantes as discussões trazidas por Michel Foucault (1988) no livro “*A História da Sexualidade- A Vontade de Saber*”, que abordaremos no próximo capítulo. Foucault (1988) afirma que a transformação do sexo em discurso não consiste apenas em uma forma de narrá-lo, conhecê-lo, descrevê-lo, mas sim, de produzi-lo, controlá-lo e regulamentá-lo. A sexualidade passa a ser vista como algo que, mais do que compreendida, precisa ser gerida, tornada útil, controlada e monitorada. Rosa Maria Bueno Fischer (2003) parte da teoria foucaultiana para problematizar a intensa abordagem sobre o sexo pela mídia e a infinidade de discursos sobre como devemos ser e agir:

Hoje não haveria um lugar, um dia de nossa vida, em que não sejamos chamados a cuidar de nosso corpo ou a olhar para a nossa própria sexualidade. Corpos de tantos outros e outras nos são oferecidos como modelo para que operemos sobre nosso próprio corpo para que o transformemos, para que atinjamos (ou que pelo menos desejemos muito) um modo determinados de sermos belos, magros, atletas, saudáveis, eternos. Da mesma forma, somos chamados compulsivamente a ouvir e a falar de sexo e sexualidade, como se ali estivesse toda a nossa verdade como sujeitos. (...) Tal normalização é experimentada a partir de ensinamentos a que temos acesso

cotidianamente e que funcionam pela redundância, pela possibilidade tecnológica quase infinita de a informação fazer-se outra e sempre a mesma, dirigida a pessoas cada vez mais ávidas de repetirem para si mesmas que um dia, quem sabe, viverão melhor, serão mais felizes, estarão mais bonitas, poderão viver mais livremente e com mais prazer sua sexualidade. Assim o presente se torna angustiada, ansioso, eufórico, desesperançado e isso nos faz sentir-nos em débito com um prazer na verdade mais idealizado do que vivido, e com uma imagem e um corpo que não sabemos, não podemos ou não conseguimos alcançar (FISCHER, 2003, p. 49).

Não desfrutar de uma vida sexual intensa com as mais diversas e prazerosas experiências passa a ser interpretado como inadequação e fracasso. É como se as pessoas tivessem “prestar contas” da própria vida sexual, que se torna sinal de status e de adaptação. São recomendados e prescritos muitos esforços para se alcançar o prazer idealizado, o que, ao invés de gerar a satisfação prometida, pode alimentar uma insegurança permanente. Pascal Bruckner (2011) situa as revistas femininas e masculinas como instrumentos privilegiados de transmissão dessa compreensão da sexualidade, assim como a televisão, o cinema e a mídia em geral, que se tornam os principais responsáveis pela exposição ininterrupta de modelos normativos, lado a lado com a mensagem de que não corresponder a eles é motivo de vergonha e inferioridade. O autor questiona como uma forma de viver a sexualidade baseada no esforço para corresponder a modelos pode ser chamada de liberdade.

No livro “*A Tirania do Prazer*”, Jean-Claude Guillebaud (1999) discute como o prazer sexual é compreendido hoje como uma função, sempre acompanhado da noção de disfunção. A saúde sexual é pensada a partir de parâmetros aritméticos, em que a avaliação quantitativa (quantos? com que intensidade? para que resultados?) e o conceito de desempenho são centrais. No próximo capítulo apresentaremos como os estudos e pesquisas de sexólogos(as) contribuíram para a construção dessa compreensão, em que as proibições do passado foram substituídas por uma meta de expansão mensurável, com justificativas científicas e prescrições terapêuticas. A sexualidade passou a ser associada diretamente à saúde, ao cuidado e ao controle, com a visão do sexo como uma espécie de “ginástica”, com exercícios que visam à produção de prazer:

(...) o discurso contemporâneo desenvolveu-se no sentido desta interminável recomendação olímpica, assimilando a sexualidade a um "exercício" que exige destreza, obstinação e treinamento. O sexo, assim despossuído de toda significação simbólica, torna-se simples funcionamento muscular. (...) Quanto ao prazer, função corporal aperfeiçoável, também ele deve se desenvolver segundo receitas, de acordo com um único imperativo: o de um desempenho excelente e

mensurável (GUILLEBAUD, 1999, p. 145).

No artigo “*Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?*”, Maria Rita Kehl (1981) discute sobre a compreensão do corpo como algo a ser vigiado e controlado, um corpo máquina, um corpo coisa, que precisa de constante manutenção e reparos para funcionar adequadamente, para “produzir” prazer, “produzir” orgasmos. A autora assinala como a compreensão da sexualidade como algo a ser administrado para ter um “bom funcionamento” está associada à visão do sexo como um elemento de adaptação à sociedade, um fator de equilíbrio emocional. O sujeito só se sentirá ajustado quando considerar que cumpriu seu dever de ter prazer, que garantiu a manutenção adequada de seu “corpo máquina”, capaz de produzir orgasmos ainda que em condições adversas, em condições em que o corpo está recusando esse desempenho. Aprender a regular o próprio funcionamento no campo sexual contribui para que se aprenda a regular-se também em outras áreas:

Acho que, nesse momento, a repressão serve basicamente a um empobrecimento *afetivo* da relação sexual. Ela serve basicamente para que a relação sexual seja um gesto de pouca emoção; que o sexo seja um tipo de teatro onde o emocional continua ileso, sem questionar nosso cotidiano, nosso dia-a-dia, nosso trabalho, nosso supermercado. Hoje nós podemos praticar o sexo numa continuidade, com o ritmo da produção. A nossa vida está organizada, nós produzimos nós consumimos e nós praticamos sexo (KEHL, 1981, p. 105, grifo da autora).

Pascal Bruckner e Alain Finkielkraut (1981) discutem como o prazer sexual passa a ser regido pela mesma lógica da produtividade do trabalho, em que o casal tem o orgasmo como principal tarefa a ser executada. É preciso obedecer à sequência excitação, descarga, relaxamento; de forma previsível, calculável, mensurável. A disciplina que rege a coreografia sexual é tão clara que exige que se secundarize todas as outras partes do corpo. Gozar é uma responsabilidade para a qual os parceiros se esforçam, suam, se aplicam, se dedicam com seriedade. A melhor relação sexual é aquela em que não há falhas, obstáculos, inconvenientes. Dessa forma, a última coisa que a relação sexual realmente pode ser é uma relação. Relação implica alteridade, e o contato com o outro envolve falta, envolve diferença, envolve desencontro, o(a) outro(a) nunca está onde o meu desejo e minha ansiedade o situam.

“Como é possível viver uma sexualidade, uma sensualidade, um erotismo ‘adaptado’ em uma sociedade em que não há o direito do livre uso do tempo, do livre uso do espaço, do intercâmbio de emoções?”, questiona Kehl (1981, s/p). Bruckner (2011, p.

168) também problematiza as condições de intensa estimulação, velocidade e aceleração que caracterizam o momento em que vivemos e a dificuldade em conciliar a exigência de produtividade e hiperatividade com nossos afetos e desejos:

É no espaço da galeria comercial, da rede, da tela, que a vida escoia sem tempo morto 24 horas por dia e eu posso me apoderar de todos os produtos, deslizar de um canal para outro, comprar e me comunicar com a Terra inteira. Nossa vida amorosa e pulsional supõe atrasos, intervalos, interrupções, exaltações, nada dessa vastidão contínua que é o universo do supermercado mundial.

Para que a sexualidade, a sensualidade e o erotismo pudessem ser vividos livremente seria preciso também condições mais livres para aproveitar o tempo, o espaço, a sensibilidade, as emoções.

Pois, possivelmente, não há revolução sexual sem revolução alimentar, auditiva, tátil, perceptiva, vestimentar, olfativa, sentimental, ungular, cosmética, epidérmica, manual, anal, mental, cervical, vesicobiliar, hepática, gastreteróclita, intestinal, da medula empedernida, vaginal, clitoridiana, monte-de-venusiana, lingual, labial, celular, em sua sem uma revolução anatômica, física, nuclear, química, relacional. Mais vale dizer que a revolução sexual como redenção do corpo total apenas através do exercício dos órgãos genitais é uma aberração, uma imbecilidade tão monstruosa quanto o puritanismo hipócrita das gerações anteriores (BRUCKNER; FINKIELKRAUT, 1981, p. 43).

Guillebaud (1999) discute como a forma como compreendemos o prazer sexual hoje, como uma obrigação, um dever, um imperativo, ao invés de intensificar esse prazer, pode resultar em um aniquilamento do desejo. Há uma atrofia da imaginação. As fantasias, antes reprimidas ou reprovadas, hoje passam a ser continuamente convocadas, como tesouros frágeis, “órfãs necessitadas que merecem nossa solicitude” (GUILLEBAUD, 1999, p. 130). Há a permanente recomendação de que se cultive as fantasias, enriquecendo-as, sob o risco delas desaparecem. Isto revela uma nova inquietação: “a verdadeira questão não é mais a da luta contra a repressão do desejo e sim a de prevenir sua falência” (GUILLEBAUD, 1999, p. 131). Neste antagonismo entre o desejo e os excessos de permissão, há o medo de um possível esgotamento do erotismo.

A intensa valorização do prazer, convertido em um dever, em uma obrigação, pode, assim, culminar no enfraquecimento de elementos necessários ao prazer, como o desejo, a fantasia, a imaginação, a criatividade e a sensibilidade. Como afirma Kehl (2006, s/p):

Seria ótimo, se não fosse obrigatório. (...) Seríamos livres se não nos sentíssemos obrigados a dar provas permanentes de nossa capacidade de gozar. Seríamos mestres do hedonismo se não estivéssemos tão vigilantes em relação às performances (...) Seria ótimo, enfim, se estes corpos estreitamente vigiados não tivessem perdido algumas de suas capacidades básicas, essenciais ao próprio prazer (KEHL, 2006, s/p).

Imperativos, modelos ideais, normas, regras, padrões atravessam a relação entre sexualidade e prazer. No capítulo seguinte abordaremos como essa relação é historicamente recente, discutindo sobre alguns elementos que contribuíram para construí-la.

Capítulo 2- Sexualidade e Prazer

2. Sexualidade e prazer

Pecado, sujeira, imoralidade. Transgressão, desafio, clandestinidade. Reprodução da espécie, dever procriativo, continuidade da célula familiar. Romantismo, complementariedade, amor conjugal. Saúde, bem-estar, satisfação. Aventura, excitação, inovação. Se fôssemos escolher algum desses grupos de palavras para indicar quais são os significados predominantes sobre sexo e sobre o prazer sexual, qual escolheríamos? A que momentos históricos e/ou contextos culturais cada grupo de palavras nos remete? Algum desses grupos seria descartado ou selecionado facilmente, ou esses significados coexistem ou mesmo se mesclam no modo como compreendemos a sexualidade?

Neste capítulo, o processo de construção da compreensão sobre a sexualidade será nosso foco principal. Apresentaremos algumas mudanças que aconteceram nas últimas décadas, desde o começo do século XX, pensando sobre como ocorreu a crescente vinculação entre sexualidade e prazer. Essas questões serão importantes também para as discussões que serão realizadas nos próximos capítulos, sobre como os padrões de gênero atravessam a compreensão sobre o prazer (capítulo 3), sobre como a relação entre sexualidade e prazer, atravessada pelos padrões de gênero, tem sido transmitida pelas revistas femininas e masculinas desde seu surgimento (capítulo 5) e sobre a importância da abordagem sobre o prazer em grupos de educação sexual (capítulo 4).

“A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos” (BRASIL, 1997, p. 81). Essa afirmação está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, justificando a relevância da abordagem sobre o tema sexualidade nas escolas. No decorrer deste capítulo, veremos como essa compreensão sobre a sexualidade é historicamente recente e apresentaremos alguns fatores que foram influentes para a consolidação dessa compreensão. Inicialmente, partiremos da definição do conceito de sexualidade.

2.1. O que é sexualidade?

No artigo “*Conceito Amplo de Sexualidade*”, Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2010) apresenta como o conceito de sexualidade refere-se a um fenômeno social, que permeia a forma como as pessoas experienciam seus corpos, prazeres, fantasias e desejos. A sexualidade envolve a expressividade humana, a vivência dinâmica dos afetos e as representações simbólicas às quais o desejo se vincula. A autora aponta a importância de

compreendermos a sexualidade enquanto um conceito amplo, que abrange dimensões subjetivas, sociais, culturais, históricas e políticas. Para compreender como a sexualidade é vivenciada é preciso considerar os padrões normativos, as regras, os valores e crenças de cada cultura.

A abrangência e o caráter histórico do conceito de sexualidade são questões abordadas por Marilena Chauí (1984), no livro “*Repressão Sexual- Essa nossa (des)conhecida*”. A autora assinala que o surgimento do conceito, no século XIX, corresponde ao deslocamento da compreensão do sexo como uma função natural de reprodução da espécie para a compreensão da sexualidade como um fenômeno que engloba diversos elementos como a necessidade, o prazer, o desejo, a imaginação e a simbolização. Jon Van Ussel (2007), em um livro também chamado “*A Repressão Sexual*”, problematiza como embora o significado da expressão “sexual” hoje nos pareça evidente, o termo carrega esse percurso histórico recente, que relaciona a sexualidade a inúmeros aspectos da vida, dentre eles:

(...) o amor, o erotismo, a sensualidade, o prazer; o vestuário, a nudez, o pudor, a tradição e a moralidade; o casamento, a família, a união livre, (...) relações sexuais extraconjugais; os beijos e as carícias, a pornografia e a censura; (...) a emancipação da mulher; a homossexualidade, a contracepção (...) (USSEL, 2007, p. 5).

No capítulo “*Sexualidade também tem história*”, Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2005) também parte da concepção da sexualidade como um conceito amplo, que envolve práticas, sentimentos, desejos e percepções e a forma como esses são representados. O autor diferencia o termo sexualidade do termo sexo:

(...) o sexo é o conjunto de práticas, atitudes e comportamentos vinculados ao ato sexual, resultante das concepções existentes sobre este ato sexual. O conceito de sexualidade só foi criado no século XIX e está voltado para o saber (...) enquanto o sexo está voltado para o fazer- as práticas e atitudes sexuais no cotidiano do indivíduo e dos grupos. Tanto a significação da sexualidade quanto a prática do sexo são construídos culturalmente (RIBEIRO, 2005, p. 18).

Maia (2010) discorre sobre como ainda predomina no senso comum a compreensão da sexualidade como sinônimo de sexo, que também é muitas vezes restrito apenas à genitalidade. Essa compreensão se torna evidente, por exemplo, quando diante da proposta de se discutir sexualidade nas escolas, os temas abordados se reduzem a explicações sobre o aparelho reprodutor, descrições de métodos anticoncepcionais e de

prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, sem considerar aspectos mais amplos e diversos tanto das práticas sexuais quanto da sexualidade como um todo.

Para trabalhar com o tema da sexualidade considerando sua abrangência, é um desafio superar essa redução, assim como problematizar a concepção que circunscreve o sexo e a sexualidade apenas no campo do biológico, de uma suposta “natureza”, essencializando o modo de olhar para o corpo, as relações, os prazeres e os desejos. Como destaca Chauí (1984, p. 22): “Nenhuma cultura lida com o sexo como um fato natural bruto, mas já o vive e compreende simbolicamente, dando-lhe sentidos, valores, criando normas, interditos e permissões”.

A importância da crítica ao determinismo biológico é também enfatizada por Alípio de Souza Filho (2009) ao abordar como é limitante para a compreensão da sexualidade a reificação reducionista de processos e realidades (mesmo os biológicos) em termos de uma natureza fixa, impedindo que sejam consideradas suas relações com práticas culturais e sociais que são dinâmicas e diversas. As explicações biologizantes acabam por fazer crer que a realidade construída da dominação social, cultural e política é natural, universal, necessária e imutável.

Gayle Rubin (2003), no artigo “*Pensando o Sexo: Notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade*” assinala a importância de se combater o essencialismo sexual:

A fome na barriga não dá pistas sobre a complexidade da culinária. O corpo, o cérebro, os genitais, a capacidade para a linguagem são necessários para a sexualidade humana. Mas eles não determinam seus conteúdos, suas experiências e suas formas institucionais. Além de que nós nunca encontraremos um corpo não mediado por significados conferidos pela cultura. (...) A sexualidade é tão produto da atividade humana como o são as dietas, os meios de transporte, os sistemas de etiqueta, formas de trabalho, tipos de entretenimento, processos de produção e modos de opressão (RUBIN, 2003, s/p).

Sobre a desconstrução da compreensão da sexualidade como algo “natural”, que existe dentro de nós como uma essência desde que nascemos, algo dado, a-histórico e universal, Guacira Lopes Louro (2010, p. 9), no capítulo “*Pedagogias da sexualidade*”, argumenta:

(...) a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, não há nada de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é- ou não-

natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas.

Louro (2010) assinala, assim, dois pontos importantes para a compreensão do conceito da sexualidade: 1) a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é cultural, social e política e 2) a sexualidade não é natural, e sim, aprendida, construída ao longo da vida e essa construção pode se dar de múltiplas formas.

Jeffrey Weeks (2010), no capítulo “*Corpo e sexualidade*”, ressalta, assim como Louro (2010), a importância de investigarmos as crenças, ideologias e imaginações de cada cultura para compreendermos os significados atribuídos à sexualidade. O caráter histórico do conceito pode ser evidenciado pelas muitas mudanças que têm acontecido:

(...) sobre o sentido da sexualidade em nossa cultura, o lugar que damos ao sexo em nossas vidas e em nossos relacionamentos, sobre a identidade e o prazer, a obrigação e a responsabilidade, e sobre a liberdade de escolha. Muito dos pontos fixos pelos quais nossas vidas sexuais foram organizadas têm sido radicalmente questionados durante o último século (WEEKS, 2010, p. 54).

Nesse sentido, para compreendermos os significados atribuídos culturalmente à sexualidade nos dias de hoje, nos focaremos no tópico a seguir nas mudanças que ocorreram no último século.

2.2. A construção histórica da sexualidade como vinculada ao prazer

No livro “*O Orgasmo e o Ocidente: Uma história do prazer do século XVI a nossos dias*”, Robert Muchembled (2007) descreve como em diferentes momentos históricos, o sexo foi compreendido de forma negativa, cercado por proibições e tabus e associado à sujeira, à vergonha e à culpa. O autor ressalta como foi marcante a força da religião cristã para a vinculação entre sexo e pecado, e como, posteriormente, os discursos médicos e jurídicos também exerceram grande influência ao classificarem inúmeras práticas como ilegítimas e/ou perversas e patológicas. Assim como Muchembled (2007) diferentes autores(as) realizaram uma ampla revisão sobre as diferentes formas de compreender o prazer sexual em diferentes períodos históricos, da Antiguidade até os dias de hoje. Dentre esses(as) autores(as) podemos mencionar: Jean-Claude Guillebaud, no livro “*A Tirania do Prazer*”, Jon Van Ussel, (2007), no livro “*A Repressão Sexual*” e Stephen Garton (2009) no livro “*História da Sexualidade- Da antiguidade à revolução sexual*”.

Neste momento, nos concentraremos nas informações sobre as mudanças que aconteceram desde o começo do século XX, que foram muitas e intensas, sobretudo a partir dos anos 1950. A partir de análises realizadas por autores(as) como Michel Bozon (2004), no livro “*Sociologia da Sexualidade*”, Jonathan Katz (1996), no livro “*Invenção da Heterossexualidade*”, Dagmar Meyer, Carin Klein e Sandra dos Santos Andrade (2007) no artigo “*Sexualidade, Prazeres e Vulnerabilidade: Implicações educativas*” e Veronique Mottier (2008), no livro “*Sexuality- A very short introduction*”, podemos destacar, dentre essas mudanças:

- A centralidade dada ao sexo no debate social;
- Desassociação crescente entre as práticas sexuais e a reprodução;
- Surgimento e maior difusão de métodos anticoncepcionais com o controle feminino, como a pílula;
- Expansão de campos do conhecimento científico direcionados para estudos e pesquisas sobre o sexo e a sexualidade;
- Maior participação das mulheres na vida profissional e intenso crescimento no acesso aos estudos, desde a alfabetização até a universidade, o que possibilitou maior autonomia para muitas delas;
- Muitos avanços, conquistas e reivindicações contínuas de movimentos sociais que tem entre suas questões a busca por transformações no campo da sexualidade, como o movimento feminista e o movimento homossexual;
- Retirada da homossexualidade do rol de doenças psiquiátricas;
- Ampliação de direitos e flexibilização de padrões morais relacionados ao divórcio e a diferentes configurações familiares;
- Adiantamento na idade média do casamento e aumento do número de pessoas que não se casam;
- Diminuição das expectativas em torno da virgindade feminina e maior aceitação de relações sexuais que não eram inseridas no contexto do casamento;
- Diminuição da idade de início das práticas sexuais, principalmente entre as mulheres;

- Aumento na frequência e na aceitação de práticas sexuais além da penetração vaginal, como o sexo oral, o sexo anal, a masturbação, o uso de acessórios sexuais etc.;
- O prazer sexual passou a ser considerado como um direito tanto para homens quanto para mulheres.

Teria havido, com tantas transformações, uma “revolução sexual”? Essa interpretação está presente em diferentes narrativas culturais sobre o período das décadas de 1960 e 1970. Entretanto, muitas vezes o teor “revolucionário” do período é contestado, não pelo questionamento do impacto provindo dessas mudanças, mas sim, com a problematização da compreensão de que elas teriam ocorrido em um processo único e uniforme, sem que sejam levados em consideração os múltiplos elementos envolvidos, assim como as muitas contradições e resistências.

Stephen Garton (2009) descreve como os movimentos sociais como o movimento feminista e o movimento de gays e lésbicas tiveram forte influência, tanto em diferentes mudanças que aconteceram quanto no questionamento de que essas mudanças se inseriram em um contexto “revolucionário”, já que ainda havia muitos padrões e normas a serem rompidos e superados. Nas palavras de autor: “O entusiasmo pela revolução sexual desapareceu, em parte porque as feministas, os gays e as lésbicas desenvolveram críticas mais sofisticadas das relações entre identidade sexual, sexualidade e política” (GARTON, 2009, p.341). Ainda neste capítulo, abordaremos como o movimento feminista e o movimento homossexual influenciaram na construção da compreensão sobre a sexualidade e sobre o prazer.

Jeffrey Weeks (1985), no livro “*Sexuality and its Discontents: Meanings, myths and modern sexualities*”, aponta como muitas das mudanças atribuídas aos anos 60 e 70, ou já estavam ocorrendo desde o começo do século ou tiveram início apenas nas décadas seguintes. O autor afirma que pensar sobre a chamada “revolução sexual” significa menos conhecer sobre fatos marcados em duas décadas no calendário e mais reconhecer a construção simbólica de um período. Para pensarmos sobre essa construção simbólica, abordaremos a seguir influência dos meios de comunicação, do aumento do incentivo ao consumo e o do processo de crescente medicalização para as mudanças na compreensão sobre a sexualidade e sobre o prazer.

2.2.1. A influência da expansão dos meios de comunicação na compreensão sobre sexualidade e prazer.

O século XX foi marcado por um intenso desenvolvimento tecnológico, o que envolveu a expansão dos meios de comunicação, com o surgimento e a popularização do rádio, do cinema, da televisão, da publicidade e, posteriormente, dos computadores e da internet. Stephen Garton (2009) relaciona como essa expansão participou na transmissão da valorização da sexualidade como prazerosa:

A disponibilidade e popularidade da rádio, dos jornais, dos manuais baratos sobre o casamento e revistas de aconselhamento, tudo isso serviu para divulgar a importância do prazer sexual, do controlo da natalidade, da felicidade conjugal e do papel da atracção sexual no amor (...) Havia muitos conselhos em livros e revistas populares sobre o que fazer e como fazê-lo bem feito (GARTON, 2009, p. 288- 291).

A ênfase no prazer sexual presente nos diferentes materiais como revistas, livros de aconselhamento, programas de rádio e anúncios publicitários foi também acompanhada pela maior valorização do prazer nas demais esferas da vida, com a construção de ideais associados ao lazer e à diversão, que aconteceu principalmente no período pós-guerra com o processo crescente de urbanização e a expansão no número de bares, teatros, cinemas, clubes noturnos, salões de dança etc. No capítulo 5: “Revistas, Gênero e Prazer”, abordaremos esse processo ao discutirmos sobre a forma como as revistas masculinas, femininas e para adolescentes participaram na construção e na transmissão do prazer como um ideal.

Carla Bassanezi (2006) discute como diversos elementos da cultura americana passaram a permear a cultura brasileira principalmente a partir da música e do cinema de Hollywood, que se tornaram uma importante fonte de entretenimento no país nas décadas de 1950 e 1960:

A influência cultural norte-americana tem no cinema e na música suas principais portas de entrada. O prestígio dos Estados Unidos aumenta ao mesmo tempo em que decresce a influência europeia e a valorização de antigas tradições e formalismos. O *american way of life* torna-se modelo invejável de muitos grupos das classes médias brasileiras. E as estrelas de Hollywood inspiram comportamentos e valores, especialmente na juventude. Além disso, posições político-econômicas tomadas pelo Brasil de acordo com interesses norte-americanos propiciam a crescente interferência dos Estados Unidos nos assuntos internos brasileiros (BASSANEZI, 1996, p. 50).

Tito Sena (2007) destaca que um dos elementos da cultura americana absorvidos no Brasil através dos meios de comunicação foi a associação, muito alimentada no período pós-guerra, entre feminilidade e domesticidade. O rádio, ao mesmo tempo em que era visto como companhia para as mulheres no lar, contribuía para transmitir esse modelo ideal de feminilidade.

Nas décadas de 1960 e 1970, os meios de comunicação foram um espaço em que a ideia de uma “revolução sexual” foi bastante difundida. O prazer sexual, antes silenciado e proibido, passou a ser amplamente exposto, valorizado, incentivado. O cinema, a partir das décadas de 1960 e 1970, deixou de remeter ao sexo apenas por meio de metáforas e passou a apresentar cenas mais explícitas, nos filmes de grande bilheteria e principalmente na indústria nascente de filmes pornográficos. A literatura também passou a expressar o sexo mais diretamente, tanto nos livros de ficção, quanto nos muitos manuais publicados sobre como obter prazer sexual, com instruções minuciosas e detalhadas. Programas de rádio e televisivos também ofereciam aconselhamentos e propagavam os muitos benefícios de uma vida sexual radiante e prazerosa. As revistas masculinas e femininas, em suas capas, imagens, conteúdos, anúncios publicitários e propostas editoriais foram um meio de intensa transmissão da valorização do prazer, em um processo que também será abordado com mais especificidade no nosso quinto capítulo. Por enquanto podemos ressaltar como duas revistas muito vendidas no período que continuam a ser publicadas até os dias de hoje, *Playboy* (fundada por Hugh Hefner, em 1954) e *Cosmopolitan* (que passou a ser editada por Helen Gurley Brown, em 1962), foram importantes veículos da noção do sexo como revolucionário:

Em 1962, a jornalista Helen Gurley Brown aconselhava as <<simpáticas raparigas solteiras>> a dizerem sim ao sexo. Os homens, declarou, eram <<muito mais divertidos à dúzia>>. De modo similar, Hugh Hefner, editor da *Playboy*, atacava a <<anti-sexualidade feroz>> e o <<antierotismo tenebroso>> da América, proclamando o <<fim do puritanismo>>. (...) Para Brown, Hefner e outros, a <<revolução sexual>> transformou-se num lema publicitário e fontes de enormes lucros. As suas revistas (...) e manuais de aconselhamento venderam-se aos milhões a consumidores ávidos da fantasia de um sexo sem culpa (...) (GARTON, 2009, p. 175).

A questão da “revolução sexual” ter se tornado um lema publicitário fonte de muitos lucros foi também abordada por Jeffrey Weeks (1985), que descreve como o sexo passou a ser visto como artifício para a venda das mais diversas mercadorias, desde carros até sabonetes. A exploração das imagens do corpo feminino, de formas cada vez mais

explícitas, passou a ser uma estratégia muito frequente. As mulheres eram representadas como “livres”, não enquanto sujeitos de desejo e de escolha, mas sim, enquanto consumidoras. As mensagens de que elas deveriam agradar e corresponder às expectativas se multiplicaram e os padrões de corpo e beleza tornaram-se cada vez mais irrealis e inalcançáveis, o que explicita como os discursos sobre a “revolução” não correspondiam à valorização da busca pela expansão da liberdade das mulheres para viver o prazer, mas sim, pela expansão dos lucros das indústrias da moda e dos cosméticos. Esses aspectos também serão abordados com mais especificidade no capítulo 5. Neste momento, nos focaremos no processo descrito por Jonathan Katz (1996, p. 188) de “comercialização do sexo e sexualização do comércio”.

2.2.2. A influência da incitação ao consumo na compreensão sobre sexualidade e prazer

Jeffrey Weeks (1985) aponta como uma crítica frequente à ideia de que houve uma “revolução sexual” refere-se a como a crescente valorização do prazer está relacionada não a uma ruptura da ordem social vigente, mas sim, à expansão do capitalismo e à intensificação da associação entre o sexo e o consumo:

By the 1970s explicit sexuality (or at least of a heterosexual sort) pervaded the social consciousness from newsstands to televisions, from private clubs to theatres and cinema, from advertising billboards to street life. A new community of knowledge projected sex into all corners of social life (...) the increasing separation of eroticism from procreation, itself in part a product of technological developments within capitalism with the development of efficient means of birth control, opened up the way for the proliferation of new desires as the pursuit of pleasure become an end itself. Much of this was potentially liberating, as the sex-procreation nexus was definitively broken up. But at the same time it provided the possibility for the commoditization of pleasure (WEEKS, 1985, p. 63; 70)⁷.

No capítulo “*Para a alegria do capital*” do livro “*A Tirania do Prazer*”, Jean-Claude Guillebaud (1999, p. 101) afirma ter havido uma “revanche da mercadoria”, com

⁷ Tradução nossa: “Por volta da década de 1970 a sexualidade explícita (ou pelo menos a sexualidade heterossexual) invadiu a consciência social estando presente desde em bancas de revistas a televisões, de clubes privados a teatros e cinemas, de anúncios publicitários à vida nas ruas. Uma nova comunidade de conhecimento projetou sexo em todas as esquinas da vida social. (...) a crescente separação entre erotismo e procriação, ela mesma um produto de desenvolvimentos tecnológicos relacionados ao capitalismo com o desenvolvimento de meios eficientes de controle de natalidade, abriram o caminho para a proliferação de novos desejos assim como para a busca por prazer tornar-se um fim em si mesma. Muito destas coisas eram potencialmente libertadoras, com a ligação sexo-procriação sendo definitivamente rompida. Mas ao mesmo tempo foi propiciada a possibilidade de mercantilização do prazer”.

a mercantilização dos prazeres. Atualmente, a permissividade sexual não contraria os interesses do mercado, ao contrário, serve a eles. Como argumenta Pascal Bruckner (2011, p. 168), no capítulo “*Existe uma revolução sexual?*”:

O fato de um novo hedonismo ter desabado sobre o mundo ocidental e facilitado a circulação dos corpos é motivo de alegria; seria ingênuo não relacionar esse movimento às mutações do mercado que, em nome de seus interesses bem explicitados, se insurge contra o ordem moral. O famoso slogan situacionista “Viver sem tempo morto e gozar sem entraves” era um ideal comunista. Pretendia ser libertário, tornou-se publicitário. A questão não é condená-lo, mas constatar a que ponto o hedonismo (...) se tornou o novo conformismo que brande a bandeira da transgressão para incensar o estado de fato. O sexo permitia conciliar êxtase e contestação: hoje ele é o produto mais seguro da sociedade mercantilista.

Nesse trecho Bruckner (2011) remete a como as reivindicações referentes ao prazer como revolucionário foram apropriadas e ressignificadas pela lógica do consumo. Sobre os grupos que defendiam a potencialidade transformadora do prazer entre suas contestações, Carlos Alberto Pereira (1980), no livro “*O que é Contracultura?*”, aborda como a boemia era intensamente valorizada entre os *beats*, na década de 50, que influenciaram a organização dos *hippies* para a criação de estilos de vida alternativos, que envolvessem a experimentação e a busca por novos modos de sensibilidade e percepção. Para ambos os grupos o desprezo pelas rígidas regras sociais, a ludicidade e o prazer eram formas não apenas de escape, mas também de questionamento às instituições, à família, à política, ao exército e à sociedade de uma forma geral. O lema hippie “Faça amor, não faça a guerra” ilustra como a sexualidade era compreendida como um dos recursos de oposição à ordem vigente.

Timothy Miller (2012) no livro “*The Hippies and American Values*”, destaca como o prazer pelo prazer e a diversão pela diversão eram considerados pelo movimento *hippie* como fins não apenas válidos mas também elevados, princípio que se refletia tanto no uso de substâncias como a maconha e o LSD, quanto no incentivo às práticas sexuais consensuais que dispensavam a necessidade de vínculos formais. Acreditava-se que a vida centrada no hedonismo romperia os padrões repressivos e possibilitaria novas formas de pensar, novas formas de sentir, novas formas de viver e explorar o mundo.

(...) sex was understood as an expression of humanness, a mean of human communication that operated at the deepest levels of being. (...) As for sex- like eating, like walking in the fresh air, like all human activity- it should recreate us, help us to find one another, make us real, and tangible as the earth. It should put us together again, body an soul,

male and female, in harmonious intercourse (MILLER, 2012, p. 54-55)⁸.

Guillebaud (1999) e Bruckner (2011) analisam como, enquanto nos anos 60 cabelos compridos, roupas coloridas, estilos musicais, festivais, uso de substâncias, discursos sobre o pacifismo e sobre a psicodelia foram símbolos da busca por transformações e da insatisfação com a ordem social, principalmente por parte de jovens das camadas médias urbanas, logo esses elementos antes transgressores foram convertidos em ícones de mercado tendo seus significados esvaziados pela inserção na corrida pelo lucro.

Usando de uma artimanha imprevisível, a História acabou transformando a recente “subversão” de antes em elemento constitutivo da ordem estabelecida; e as liberdades reivindicadas, em pilares da máquina de mercado. (...) houve a apropriação de uma revolta, de uma utopia e de uma linguagem pelos defensores do lucro, ostensivamente indiferentes, de sua parte, a tudo que não seja explorável ou quantificável. Viva o sexo, com a condição de que ele dê lucro! (GUILLEBAUD, 1999, p. 95; 107)

O prazer sexual, antes visto como potencialmente transformador, foi cada vez mais assimilado pela ordem social. Alguns padrões foram rompidos nesse processo, entretanto, muitos permaneceram e mesmo se reforçaram, como ressalta Weeks (1985), ao indicar como o prazer que passou a ser tão alardeado, exposto e promovido circunscrevia-se apenas ao prazer heterossexual. Permaneceram intensos os preconceitos contra a homossexualidade que alimentavam diferentes formas de repressão, violência e perseguição. Desta forma, o prazer tão “liberado” estava na verdade restrito aos parâmetros da sexualidade normativa. Essa questão será abordada com mais especificidade no tópico sobre o movimento homossexual.

Como abordamos no tópico anterior, a forma como as mulheres passaram a ser representadas, como objeto do desejo e do prazer masculino, a partir da exploração de imagens do corpo feminino como estratégia para vender os mais diversos produtos também foi base para o questionamento sobre a ocorrência de uma “revolução”. Elisabeth Fraterrigo (2009) afirma como, na busca pela promoção da venda de mercadorias, houve

⁸ Tradução nossa: “(...) o sexo era compreendido como uma expressão de humanidade, um meio para a comunicação humana que operava nos níveis mais profundos do ser. (...) Para o sexo- assim como para comer, andar no ar fresco, como para todas as atividades humanas- deveria ser recreativo para nós, nos ajudar a encontrarmos um(a) ao(à) outro(a), tornar-nos reais, e tangíveis como a Terra. Deveria nos unir novamente, corpo e alma, masculino e feminino em uma relação harmoniosa” (MILLER, 2012, p. 54-55).

a objetificação das mulheres, tratadas com frequência como mercadorias para o consumo masculino.

A questão do sexo como produto se revela ainda mais evidente se pensarmos na grande expansão da pornografia. Revistas, filmes, programas de televisão, livros, músicas, esculturas, objetos, sex shops, casas de prostituição, casas de massagem, saunas, serviços de acompanhante, serviços de sexo pelo telefone e pela internet, motéis, entre outros, são exemplos de produtos ou serviços ofertados com cada vez mais frequência envolvendo o movimento crescente de conversão do prazer sexual em uma força lucrativa.

“Pornografia é diversão”, definem Eliane Moraes e Sandra Lapeiz (1984, p. 113) no livro “*O que é pornografia?*”. As autoras relacionam como, em uma sociedade que se organiza cada vez mais em torno do consumo, principalmente em torno do consumo individual e autocentrado, os materiais pornográficos são recursos que correspondem à demanda de excitação e satisfação fáceis, rápidas e acessíveis, privilegiados como fonte de prazer justamente por não exigirem grandes esforços nem gerarem grandes consequências: “Os sentidos marcadamente embriagados, absorvidos pelo objeto que dá prazer efêmero, fazendo com que os problemas e as preocupações desapareçam (...). Pornografia é diversão que se esgota rápido e exige mais (...)” (MORAES; LAPEIZ, 1984, p. 113-114).

Moraes e Lapeiz (1984) relacionam como a forma como os materiais pornográficos são predominantemente consumidos em práticas privadas, com frequência solitárias e/ou mesmo em segredo, ao mesmo tempo em que corresponde à tendência crescente de individualização dos prazeres, também reflete como, mesmo que se afirme que hoje há maior aceitação e “liberdade” para o sexo, a excitação e o prazer sexual permanecem cercados por silenciamentos, censuras e tabus, cerceamento que também se torna lucrativamente explorado. Assim, a pornografia pode também ser definida como: “(...) o discurso por excelência veiculador do obsceno: daquilo que se mostra e deveria ser escondido (...) A pornografia grita e cala, colocando lado a lado o escândalo e o silêncio” (MORAES; LAPEIZ, 1984, p. 115).

No capítulo “*A pornografia na história*”, Jorge Leite Júnior (2006) aborda como as representações sobre o sexo e sobre as práticas sexuais foram muito presentes em diferentes sociedades e diferentes períodos históricos, sendo, inclusive, compreendidas como um modo de crítica e contestação em alguns contextos, como instrumento de oposição à moralidade, à hipocrisia e às formas de controle social, político e religioso. O

autor aponta como a relação entre a pornografia e o mercado é recente, tendo início no final do século XIX, principalmente a partir do aperfeiçoamento de tecnologias de impressão que promoveram o barateamento da produção. Desde então a indústria da pornografia passa a se desenvolver de modo a conquistar um enorme vigor, consolidando-se assim como um setor de produtos e serviços em contínua expansão, responsável por movimentar um grande volume de dinheiro e recebendo cada vez mais destaque na economia. Enquanto no começo do século os materiais pornográficos circulavam principalmente de forma clandestina, a partir da década de 1970, mesmo com as muitas resistências enfrentadas, foram oficializadas diferentes medidas de legalização.

Leite Júnior (2012) descreve como com a aura de clandestinidade e proibição que ainda se associa ao termo “pornografia”, muitas das empresas responsáveis pela comercialização de produtos e serviços que envolvem o sexo e a excitação sexual consideram indesejável a classificação “pornográfica”, preferindo denominarem-se a partir de termos como “mercado erótico” ou “entretenimento adulto”. Dentre essas empresas, estão as editoras que produzem as revistas masculinas que serão analisadas nesta pesquisa: *Playboy*, *Sexy*, *Vip*, *Trip*, *Men’s Health*, *G* e *Júnior*, que apresentam-se como revistas eróticas ou como revistas com conteúdos e ensaios eróticos.

A origem do termo “erotismo” relaciona-se a *Eros*, o deus grego do amor e da paixão carnal, e o termo “pornografia” deriva da palavra *pornógrafos*, que significa, em grego, “escritos sobre prostitutas”. Os dois termos são usados em referência ao sexo e suas representações, embora tenha sido estabelecida, sobretudo no imaginário ocidental, uma diferença valorativa entre eles: a pornografia é associada ao explícito, à excitação de desejos considerados mais desregrados, excessivos e mesmo imorais, enquanto o erotismo vincula-se comumente às representações artísticas, sugestivas e sublimes, a uma forma mais delicada, sentimental e espiritualizada de representar o sexo. O erótico despertaria o desejo através da insinuação, enquanto o pornográfico seria caracterizado por escancarar os corpos e as práticas sexuais, sem limites ou pudores. É importante, no entanto, reconhecer como a contraposição entre os dois termos, mais do que uma forma de classificar as representações sobre o sexo e o prazer sexual, implica uma luta simbólica, bastante imbricada com a busca por estabelecer uma distinção social. Nas palavras de Leite Júnior (2006, p. 33-34):

Sendo erotismo e pornografia os dois lados de uma mesma moeda de prazeres, desejos e comportamentos, a pornografia é sempre o lado maldito. Se ela passar para a outra face, automaticamente torna-se

“erotismo”, pois agora pertence ao campo do já organizado e legítimo socialmente (...) como disse o escritor francês Alain Robbe-Grillet: a pornografia é o erotismo dos outros (...). Nesta frase pode-se notar a crítica à idéia de uma concepção elitista na qual “a minha vida sexual (e do meu grupo)” é saudável, segura, bela, repleta de sentimentos e verdadeiramente prazerosa-erótica; enquanto “a dos outros” é promíscua, perversa, animalesca, vulgar, grotesca e frustrante, ou seja, pornográfica.

O processo de crescente vinculação entre sexo e consumo envolve o movimento em que tanto a chamada “arte erótica” com seu enaltecimento da sutileza das emoções, quanto as produções pornográficas consideradas mais “grosseiras” e “obscenas”, tornam-se ambas mercadorias que têm como finalidade obter lucros, propósito que é potencializado com a segmentação em mercados próprios:

(...) grupos de elite compram livros de “arte erótica”, classes médias compram revista Playboy, enquanto os mais pobres adquirem “revistinhas de sexo explícito” cujo tratamento gráfico dado às imagens é menos cuidadoso e o papel mais barato. (...) A diferença então encontra-se no acabamento gráfico, no reconhecimento da editora, no local da compra e, claro, no preço, sendo todos estes fatores distintivos e balizadores dos grupos sociais (LEITE JÚNIOR, 2006, p. 26).

No capítulo “*How to look at pornography*”, Laura Kipnis (1996) defende que conhecer sobre a produção pornográfica é uma forma fértil de investigar sobre como a cultura lida com os prazeres, fantasias, desejos e interdições. Ao mesmo tempo em que a pornografia tem grande inserção e receptividade entre diferentes públicos, é também alvo de muitas críticas e questionamentos por parte de diversos grupos sociais. A autora ressalta como, seja mobilizando desejos e interesses, seja mobilizando críticas e resistências, dificilmente a pornografia não suscita nenhuma reação, o que evidencia como estudar sobre o tema pode ser relevante para conhecermos sobre quais são as concepções e ansiedades sociais em relação ao sexo. Uma análise sobre a grande difusão dos materiais pornográficos possibilita explicitar, por exemplo, como nossa compreensão sobre sexualidade é permeada por regras e padrões aprendidos em um processo repleto de interditos, invisibilizações e hipocrisias, com o estabelecimento de uma forte vinculação entre desejo, prazer e vergonha. Desta forma, mais do que apenas artefatos para a masturbação individual, os materiais pornográficos são um interessante ponto de partida para a investigação sobre como se dá a construção dos significados culturais acerca do sexo e da sexualidade. Kipnis (1996, p. X) argumenta, assim, que a pornografia não deve ser considerada como uma categoria coerente e estável, sendo importante nos

perguntarmos sobre: “(...) what pornography means as a form of culture, and why it's so meaningful to our culture, especially now”⁹.

Beatriz Preciado (2008) relaciona a pornografia com as formas de produção de prazer e também de construção da subjetividade predominantes atualmente. Enquanto recursos que visam desencadear a excitação e modificar a sensibilidade, transformando a sexualidade em espetáculo, de forma direta ou indiretamente comercializável, os materiais pornográficos e sua produção cada vez mais intensa e acelerada provocam efeitos bastante amplos. Ao discutir sobre o grande potencial de produção de capital da indústria pornográfica, a autora destaca como também foi marcante a expansão da indústria farmacêutica no século XX, de forma que ambas- a pornografia e a farmacologia- passaram a ter grande influência na organização social e na construção subjetiva. Vivemos, segundo a autora, em uma era “farmacopornográfica”:

El capitalismo farmacopornográfico podría definirse como un nuevo régimen de control del cuerpo y de producción de la subjetividad que emerge tras la Segunda Guerra Mundial, con la aparición de nuevos materiales sintéticos para el consumo y la reconstrucción corporal (como los plásticos y la silicona), la comercialización farmacológica de sustancias endocrinas para separar heterossexualidad y reproducción (como la píldora anticonceptiva, inventada em 1947) y la transformación de la pornografía en cultura de masas. (...) A este capitalismo le interesan los cuerpos y sus placeres, saca beneficio del carácter politoxicómano y compulsivamente masturbatório de la subjetividad moderna (PRECIADO, 2010, p. 113)¹⁰.

No capítulo “*La era farmacopornográfica*” do livro “*Testo Yonqui*” Preciado (2008) discorre sobre como no período da Guerra Fria os Estados Unidos investiram mais dinheiro na investigação científica sobre o sexo e a sexualidade do que qualquer outro país do mundo ao longo da história, o que gerou um grande número de intervenções, tratamentos e medicamentos. Esse intenso investimento no campo médico e farmacológico, assim como a grande expansão do mercado pornográfico, se relacionam a como a sexualidade se converteu em uma força produtiva. O modo como a

⁹ Tradução nossa: “(...) o que a pornografia significa como uma forma de cultura, e por que é tão significativa para nossa cultura, especialmente agora”.

¹⁰ Tradução nossa: “O capitalismo farmacopornográfico poderia definir-se como um novo regime de controle do corpo e de produção da subjetividade que emerge a partir da Segunda Guerra Mundial, com a aparição de novos materiais sintéticos para o consumo e a reconstrução corporal (como os plásticos e o silicone), a comercialização farmacológica de substâncias endócrinas para separar heterossexualidade e reprodução (como a pílula anticoncepcional, inventada em 1947) e a transformação da pornografia em cultura de massas. (...) A este capitalismo interessam os corpos e seus prazeres, extraindo benefício do carácter politoxicómano e compulsivamente masturbatório da subjetividade moderna” (PRECIADO, 2010, p. 13).

medicalização teve influências na compreensão sobre sexualidade e prazer será abordado no tópico a seguir.

2.2.3. A influência da medicalização na compreensão sobre sexualidade e prazer

No decorrer do século XX a forma de compreender e experienciar o corpo, os desejos, os prazeres, as práticas sexuais e também a subjetividade passaram a ter cada vez mais a influência dos discursos médicos, com a popularização de descrições sobre o que seria ou não saudável, o que seria ou não patológico, o que seria ou não funcional. Como descreve Michel Bozon (2004):

A medicalização da sexualidade é parte de um processo mais geral de medicalização da sociedade, que consiste em atribuir uma natureza médica a representações, práticas e problemas que, até então, não eram apreendidos nesses termos. Dessa redefinição de uma realidade já existente como um problema médico decorrem desdobramentos clínicos sob a forma de exames, diagnósticos e tratamentos (BOZON, 2004, p. 141).

Esse processo, que teve início no século XIX com estudos que se destinavam a definições, classificações e categorizações das chamadas “perversões”, foi expandido por diferentes fatos no decorrer do século XX como: 1) o surgimento da pílula anticoncepcional que, ao mesmo tempo em que promoveu uma maior autonomia das mulheres no que diz respeito às escolhas reprodutivas, também favoreceu um maior controle médico do corpo feminino, fazendo crescer a presença do acompanhamento ginecológico que passou a ser difundido como necessário desde a puberdade e também como imprescindível no decorrer da gravidez e principalmente no parto; 2) o investimento posterior em outras tecnologias reprodutivas, que permitem que a relação sexual deixe de ser necessária para a procriação, que passa a ser possível através da realização de procedimentos médicos; 3) as pesquisas da sexologia sobre aspectos fisiológicos da resposta sexual, que foram base para a consolidação de uma visão funcional sobre o prazer e levaram à criação de propostas de tratamentos como a terapia sexual; 4) a investigação para a criação de medicamentos para as chamadas “disfunções”, como o Viagra para a disfunção erétil (lançado em 1998), também relacionada a concepção médica da sexualidade como funcional e 5) nos anos 80, o surgimento da epidemia da aids, que contribuiu para uma difusão intensa dos discursos médico e sanitário na abordagem sobre o sexo e sobre o prazer sexual. Como sintetiza Bozon (2004, p. 150):

Nas construções contemporâneas da sexualidade, os discursos e as práticas da medicina e da psicologia clínica têm um papel essencial. Eles produzem descrições técnicas elaboradas da atividade sexual, fisiológicas ou psicológica, permitindo novas abordagens normativas da sexualidade, centradas na questão do bom funcionamento sexual (...) a influência das representações médicas do desejo, do prazer e da sexualidade responsável vai muito além daqueles que recorrem aos tratamentos. Ela renova os cenários culturais da sexualidade, na medida em que cria, entre os indivíduos, a capacidade de avaliar seus próprios gestos sexuais e se preocupar com funcionamentos não convencionais, de modo aparentemente técnico.

Abordaremos ainda neste capítulo sobre o crescimento da presença do discurso médico a partir da epidemia da aids; sobre as pesquisas, estudos e propostas de tratamento da sexologia e sobre as teorizações sobre a sexualidade no campo da Psicologia de Sigmund Freud e Wilhelm Reich. A seguir, discutiremos a influência do surgimento da pílula anticoncepcional na compreensão sobre sexualidade e prazer.

2.2.4. A influência do surgimento da pílula anticoncepcional na compreensão sobre sexualidade e prazer

Michel Bozon (2004) dedica a primeira parte do livro “*Sociologia da Sexualidade*” para relacionar as transformações que ocorreram no campo da sexualidade com as mudanças na construção da subjetividade moderna. O autor descreve como o enfraquecimento da associação entre as práticas sexuais e a procriação teve influências marcantes na forma como compreendemos a nós mesmos(as), as relações, a sexualidade e o prazer. É importante destacar os efeitos dessa desassociação em ampliar a dimensão de escolha na vida das mulheres:

Durante muito tempo, a reprodução foi considerada natural e óbvia, inscrita na organização e na representação androcêntrica do mundo e das coisas. A posição subordinada das mulheres na reprodução era apenas um dos múltiplos aspectos da inferioridade do feminino no mundo social e sensível (...). Foi só a partir dos anos 1960 que as formas de contracepção mais confiáveis, medicalizadas e sob o controle das mulheres difundiram-se mais amplamente nos países desenvolvidos, dentro de um novo contexto histórico-social de aumento da autonomia feminina (BOZON, 2004, p. 31; p. 39-40).

A comercialização do primeiro contraceptivo oral ocorreu em larga escala a partir de 1961, pelo laboratório Searle. Tito Sena (2007) descreve alguns dados do processo de desenvolvimento, que ocorreu entre 1951 e 1956, conduzido pelos médicos americanos Gregori Goodwin Pincus e John Rock. As pesquisas contaram com o financiamento de Katharine Dexter McCormick, uma bióloga muito envolvida na luta pelos direitos das

mulheres, e também de Margareth Higgins Sanger, enfermeira, parteira e também ativista do movimento feminista. Sanger foi a responsável por abrir, em 1916, a primeira clínica de controle de natalidade e planejamento familiar dos Estados Unidos, chegando a ser presa por essa iniciativa.

A maior autonomia das mulheres em relação à sexualidade e à reprodução cresceu com a ampliação do acesso à pílula, entretanto, é importante considerar como são muitos os obstáculos enfrentados no campo da saúde sexual e reprodutiva, principalmente no que se refere a resistências religiosas e políticas. Um exemplo é como, até os dias de hoje a Igreja Católica mantém a posição do Concílio Vaticano, em 1962, de condenação do uso da pílula anticoncepcional e do preservativo. Em muitos países, como o Brasil, o aborto não é legalizado (somente em três casos: quando a vida da gestante está ameaçada, quando há a anencefalia do feto ou quando a gestação se deu em decorrência de um estupro), mesmo com muitas reivindicações feministas que defendem que ele representa um direito das mulheres sobre seu próprio corpo e sua própria vida. Alguns países em que a interrupção voluntária da gravidez passou a ser autorizada foram os Estados Unidos, em 1973 e a França, em 1975.

Bozon (2004) aborda também sobre os tratamentos para a reprodução assistida, como a inseminação artificial e a fecundação em vitro, que passaram a ser desenvolvidos a partir do início da década de 1980. Embora esses tratamentos sejam menos frequentes, também representam o processo de desassociação entre sexo e procriação, vinculação que na maior parte da história foi vista como natural, inevitável e imutável. Guacira Louro (2000, p. 9) também menciona as tecnologias reprodutivas ao comentar sobre a desestabilização dessa compreensão:

Se as transformações sociais que construíam novas formas de relacionamento e estilos de vida já se mostravam, nos anos 60, profundas e perturbadoras, elas se acelerariam ainda mais, nas décadas seguintes, passando a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais. As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de “realidade”; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer. Jornais e revistas informam, agora, que um jovem casal decidiu congelar o embrião que havia gerado, no intuito de adiar o nascimento de seu filho para um momento em que disponha de melhores condições para criá-lo; contam que mulheres estão dispostas a abrigar o sêmen congelado de um artista famoso já morto; revelam a batalha judicial de indivíduos que, submetidos a um conjunto complexo de intervenções médicas e

psicológicas, reclamam uma identidade civil feminina para completar o processo de transexualidade que empreenderam. (...) Todas essas transformações afetam, sem dúvida, as formas de se viver e de se construir identidades de gênero e sexuais. Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto.

Desde o surgimento da pílula, até o desenvolvimento mais recente de novas tecnologias reprodutivas, que promovem inclusive a possibilidade de ter filhos(as) sem que seja necessária a relação sexual, é marcante a desestabilização da noção de que a única finalidade do sexo seria a reprodução. Antes mesmo dessas tecnologias médicas e científicas serem desenvolvidas, essa compreensão passou a ser questionada e desconstruída, como veremos a seguir, ao apresentarmos como Sigmund Freud influenciou na compreensão sobre sexualidade e prazer.

2.2.5. A influência dos estudos de Freud na compreensão sobre sexualidade e prazer

O pensamento de Sigmund Freud exerceu grande influência no deslocamento da concepção do sexo como atrelado à reprodução para uma maior ênfase na vinculação com o prazer, que foi afirmado como uma dimensão necessária e saudável da sexualidade humana. Desde a publicação, em 1905, dos “*Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*”, a sexualidade passou a ser compreendida de forma mais abrangente, como um aspecto que está presente desde a infância e que possui grande importância na vida psíquica e na relação entre as pessoas. Como aponta Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2010), além de ter sido o primeiro a abordar a existência da sexualidade infantil, enfrentando muitas resistências por essa afirmação, Freud foi também quem desassociou o conceito de sexualidade da genitalidade, contribuindo para a construção de uma compreensão mais ampla sobre a sexualidade e sobre o prazer.

A definição dada por Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, no “*Dicionário de Psicanálise*”, apresentada por Marilena Chauí (1984) é interessante para pensarmos as contribuições da Psicanálise para a compreensão da sexualidade e também da relação entre sexualidade e prazer:

O Dicionário de Psicanálise, de Laplanche e Pontalis, considera que a sexualidade não se confunde com um instinto sexual porque um instinto é um comportamento fixo e pré-formado, característico de uma espécie, enquanto a sexualidade se caracteriza por grande plasticidade, invenção e relação com a história pessoal de cada um de nós. Nesse dicionário, sexualidade não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações

e atividades, presentes desde a infância(...). A sexualidade não se confunde com um instinto, nem com um objeto (parceiro), nem com um objetivo (união dos órgãos sexuais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo. Não se reduz aos órgãos genitais (...) porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém(...) (CHAUI, 1984, p.14- 15).

Com o pensamento de Freud, emergem concepções inovadoras que destoavam da compreensão da sexualidade até então, como: 1) a independência entre o desejo sexual e a procriação; 2) a independência entre o desejo sexual e o objeto erótico; 3) a independência entre o prazer e os órgãos genitais, já que todo o corpo é compreendido como fonte de possibilidades de sensações prazerosas.

No artigo “*Sexualidade Recontextualizada*”, Maria Rita Kehl (2000) afirma que foi a partir do conceito de sexualidade que a teoria psicanalítica se organizou, tendo grandes influências na forma como compreendemos a sexualidade humana. Para a psicanálise, o trabalho psíquico se alimenta de energia sexual e a origem do desejo sexual é psíquica, concepção que desconstrói o caráter naturalizante predominante até então:

Freud desnaturou o sexo e os processos de sexuação humanos. Mostrou que o desejo sexual se origina de nossa inclusão na cultura através da linguagem, e que o sexo biológico é insuficiente para determinar se nos identificamos como homens ou mulheres (...). Mostrou também que a pulsão é diferente do instinto animal em sua mobilidade e sua indeterminação, capaz de variar em sua força, capaz de mudar de alvo, de objeto e direção conforme as vicissitudes do campo social que encontre pela frente para se satisfazer (...) pois para os humanos o ato erótico é sempre criação de linguagem, atravessada pelas formações culturais (KEHL, 2000, s/p).

No capítulo “*O desejo de realidade*”, Kehl (1990) discute como a atividade sexual não se encontra circunscrita enquanto uma ocupação do corpo, mas sim, se configura enquanto linguagem, criação de significados e troca simbólica, que envolve: “investigação, no próprio corpo e no corpo do outro, sobre a falta, o desejo alheio, os mistérios do prazer, os limites do ego e da consciência, limites entre a fantasia e a realidade” (KEHL, 1990, p. 379).

Ao discutir criticamente as contribuições do pensamento freudiano para a compreensão que temos atualmente sobre a sexualidade, Jonathan Katz (1996) aponta como foi marcante a afirmação de Freud de que o desejo erótico não tinha como objetivo a reprodução, e sim, o prazer, e que estava presente em todas as pessoas, como busca pulsional pela satisfação, tanto em adultos quanto em crianças, tanto em homens quanto

em mulheres, tanto em heterossexuais quanto em homossexuais. O prazer recebe grande centralidade na obra freudiana, não só nas discussões sobre a sexualidade, mas nas construções teóricas sobre a vida psíquica e as relações humanas de uma forma geral: “O sentido da vida é dado pelo prazer”, afirmou Freud, em 1920.

O prazer é colocado por Freud como a essência da intimidade humana, do casamento, da vida familiar e até mesmo da civilização, embora prazeres civilizados estejam sujeitos às restrições da sociedade. Os termos prazer, satisfação e gratificação aparecem em todos os seus textos, significando o seu compromisso com a busca secular da felicidade neste mundo (...) (KATZ, 1996, p. 70).

A importância dada ao prazer na obra freudiana não refere-se, no entanto, à afirmação de que a busca por prazer deva significar o esforço por obter um estado pleno de felicidade e satisfação irrestritas (significado presente nos discursos que transmitem o prazer como imperativo, como vimos no capítulo 1). Para Freud, a dinâmica da vida psíquica é marcada sobretudo pelo conflito. Para compreendermos melhor essa concepção, apresentaremos brevemente algumas das ideias do autor acerca da felicidade, do prazer e sobre a formulação dos conceitos “princípio do prazer” e “princípio da realidade”.

No livro “*Mal-estar na Civilização*”, publicado em 1910, Freud apresenta suas reflexões sobre como dificilmente a felicidade é experimentada como uma sensação constante e contínua, ao contrário:

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada (...) se prolonga, ela produz tão somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas (FREUD, 1930/2010, p. 9).

Freud compreende que, embora a felicidade seja uma finalidade das ações humanas, na maior parte do tempo a busca predominante não é por intensos sentimentos de prazer, mas sim, por evitar o sofrimento e o desprazer.

É importante considerar, assim, como a definição de Freud sobre o “princípio do prazer” não se refere aos prazeres possíveis que buscamos e obtemos no dia-a-dia, nossas pequenas satisfações e realizações. O princípio do prazer foi concebido como a tendência da energia psíquica em buscar descarga imediata e total, uma tendência incondicional que

exige o caminho mais curto e visa a aniquilação das tensões, o repouso absoluto e, portanto, é impossível ser plenamente obtida. Caso a exigência de descarga total se realizasse, a vida psíquica se esfacelaria. O princípio da realidade, que se contrapõe ao princípio do prazer, é o princípio que se refere às satisfações possível, como explica Maria Rita Kehl (2002, p. 99):

O que chamamos normalmente de prazer, no sentido dos pequenos prazeres que nos concedemos no dia a dia, é justamente o que alimenta a tensão vital, o que se ergue contra a tendência ao repouso do princípio do prazer, ainda que sua qualidade também seja a de promover pequenas descargas psíquicas; são descargas parciais, no entanto.

Juan-David Nasio (2007, p. 49) esclarece na mesma direção:

(...) um certo grau de insatisfação é vital para conservarmos nossa consistência psíquica. (...) Se a insatisfação é viva mas suportável, o desejo continua vivo e o sistema psíquico continua estável. Se, ao contrário, a satisfação é demasiado transbordante ou a insatisfação é demasiado penosa, o desejo perde seu eixo e a dor aparece.

O princípio da realidade, é, assim, chamado por Maria Rita Kehl (2002, p. 91) também como “princípio do prazer possível” (p. 91), por ser relacionado à capacidade de modificações concretas nas relações e nas circunstâncias. Enquanto a demanda de satisfação total do princípio do prazer suscita antes angústia do que prazer, o princípio da realidade permite o trabalho psíquico que viabilizará caminhos substitutivos para o prazer total irrealizável.

Visto dessa maneira, o conceito de prazer, articulado não ao princípio do prazer mas ao princípio da realidade, teria um valor ético no pensamento freudiano (...) O princípio da realidade, princípio do prazer possível, nasce da articulação do desejo com o pensamento e com as marcas do real (KEHL, 2002, p. 92).

Tendo esclarecido brevemente sobre algumas questões da psicanálise acerca da felicidade e do prazer, retomaremos nesse momento aos pontos sobre sexualidade na teoria freudiana que foram alvo de questionamentos e problematizações.

A forma como a heterossexualidade é colocada como correspondente à normalidade está entre esses pontos. Como vimos, Freud promoveu avanços ao contestar que o desejo sexual teria um único objeto adequado e possível. Como descreve Katz (1996), as reflexões freudianas sobre a sexualidade foram marcadas por críticas às repressões excessivas e desnecessárias que geram sofrimento psíquico, como a exigência

de que haja um único tipo de vida sexual para todas as pessoas, com apontamentos sobre como mesmo o tão aceito amor genital heterossexual é sujeito a muitas restrições, dentre elas insistência na importância do casamento e da monogamia. A própria heterossexualidade exclusiva foi compreendida por Freud não como um instinto sexual natural e primitivo, mas como um produto social limitado de um desenvolvimento restritivo. Ainda assim, em diferentes momentos dos textos freudianos o prazer heterossexual é privilegiado:

Do início ao fim de seus ensaios Freud proclama o ato sexual normal de homens e mulheres normais como objetivo normal do desenvolvimento sexual normal desses indivíduos normais. Embora a palavra heterossexual não seja muito empregada por ele, o termo normal é repetido inúmeras vezes referindo-se ao amor sexual de mulheres e homens uns pelos outros. Ao mesmo tempo em que o rebelde Freud questiona frequentemente de modo devastador a idéia de sexualidade normal, o conformista Freud foi um grande defensor da sexualidade normal. Nessa era de valorização da ciência, a palavra normal, substitui natural como termo com o qual evocar uma nova ética heterossexual (KATZ, 1996, p. 89).

O reforço da moral vigente na teoria freudiana é também comentado por Chauí (1984, p. 22): “O risco do reforço à repressão sexual ou do conservadorismo aparece até mesmo num estudioso como Freud, que revolucionou tudo quanto se sabia e se dizia sobre a sexualidade”.

Jurandir Freire Costa (1995) aborda a questão da compreensão da normalidade em Freud e realça que, apesar de o autor usar muito o conceito e pouco explicá-lo, nas poucas vezes em que definiu “normalidade” relacionou-a não a um modelo a ser buscado, mas às exigências culturais.

Outro ponto bastante questionado refere-se à abordagem de Freud sobre o prazer sexual feminino. Katz (1996) menciona como exemplo a compreensão em diferentes momentos repetida de que haveria um orgasmo vaginal, superior e mais “maduro” que o orgasmo clitoriano. Essa compreensão foi contestada pela sexologia, como veremos mais adiante neste capítulo.

Maria Rita Kehl (2000) problematiza sobre o lugar dado à mulher na teoria freudiana, já que apesar de ter contestado muitas das crenças sobre sexualidade da época, Freud não rompeu com a dicotomia entre natureza e cultura presente na filosofia iluminista e no pensamento científico do século XIX e contribuiu para alimentar a divisão feminilidade-natureza x masculinidade-cultura. Ainda assim, a proposta de tratamento psicanalítico da cura pela palavra foi um elemento que influenciou as transformações que

ocorreram no sentido de romper com o intenso silenciamento ao qual as mulheres do século XIX no período vitoriano eram submetidas. Enquanto antes o diagnóstico de histeria levava a procedimentos como banhos frios, aplicação de eletrochoques e isolamentos, a criação da psicanálise foi baseada justamente na escuta de Freud pela escuta.

O século XX assistiu a uma aproximação entre os campos do masculino e do feminino numa dimensão que Freud jamais poderia imaginar, e em grande parte, com a contribuição da própria psicanálise. A psicanálise deu voz ao sofrimento das mulheres, trazendo à luz a infelicidade sexual e existencial (...) contribuindo para demolir a convicção burguesa de que, conquistando um casamento, filhos e segurança de um lar, uma mulher não teria nada mais a querer da vida (KEHL, 2000, s/p).

Foram muitos os equívocos cometidos por Freud nessa escuta, o que se evidencia no modo como até nas últimas obras o desejo feminino era visto como fonte de perplexidade e de incompreensão. Entretanto, é necessário considerar como o posicionamento de mulheres como sujeitos do próprio discurso teve efeitos para além dos tratamentos conduzidos por ele.

É também no final do século XIX que algumas mulheres letradas começam a escrever e publicar suas confissões, memórias e diários, constituindo assim um campo identificatório entre mulheres (...). A psicanálise contribuiu na criação desta rede de depoimentos e testemunhos que produziram, há cem anos, os significantes de uma “identidade feminina”, diferente dos ideais de feminilidade produzidos pelos discursos de autoridade, da autoria homens (médicos, filósofos, teólogos e moralistas da época), com os quais as mulheres tinham que se identificar para se tornarem mulheres “de verdade” (KEHL, 2000, s/p).

A questão da importância da literatura e da produção literária para transformações na vida de muitas mulheres será abordada no capítulo 5: “Revistas, Gênero e Prazer”. Neste momento apresentaremos as teorizações sobre sexualidade de Wilhelm Reich que, embora tenha se baseado inicialmente na teoria psicanalítica, se afastou do pensamento freudiano por defender a sexualidade como uma força intrinsecamente natural, positiva e saudável.

2.2.6. A influência dos estudos de Reich na compreensão sobre sexualidade e prazer

“Potência orgástica é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo da energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo”. Essa

definição, escrita por Wilhelm Reich no livro “*A Função do Orgasmo*”, publicado em 1927, ilustra como Reich compreendia o sexo como uma força inata e positiva, relacionada a uma disposição natural para o prazer da gratificação genital, força que seria reprimida pela cultura, compreensão que tornou o questionamento ao poder repressivo da moral capitalista burguesa um aspecto central de suas reflexões. Jean-Claude Guillebaud (1999), no livro “*A Tirania do Prazer*”, cita essa definição na análise realizada sobre a influência do pensamento Reichiano para a forma como o prazer sexual foi representado no decorrer do século XX. O autor sintetiza algumas das ideias reichianas mais influentes:

Reich via a família como uma fábrica de ideologias autoritárias e de estruturas mentais conservadoras, e defendia a liberação sexual de crianças e adolescentes e a repolitização da vida cotidiana, sobretudo da sexualidade (...). Reich está convencido, e o declarou seguidamente, que a sexualidade humana é naturalmente harmoniosa e pacífica. Somente as alienações sociais e as repressões da sociedade autoritária fazem esta sexualidade desviar-se para o patológico. A natureza humana é naturalmente boa; a sexualidade é naturalmente sadia. A maior parte das doenças psíquicas têm origem na repressão, desde a infância, da atividade genital (GUILLEBAUD, 1999, p. 49-51).

Guillebaud (1999) descreve como Reich acreditava que a liberação sexual era fundamental para a transformação da ordem social, o que o fez criar a Associação Para uma Política Sexual Proletária (SEXPOL), associada ao Partido Comunista. Reich buscou, inicialmente, aliar a Psicanálise e o Marxismo, mas rompeu com Freud já na década de 1920. Suas polêmicas propostas geraram diversas resistências, a ponto de ter sido expulso tanto da Associação Psicanalítica Internacional quanto do Partido Comunista. Foi exilado para os Estados Unidos um pouco antes da Segunda Guerra Mundial e foi perseguido, a partir de 1956, pelo FBI americano, em um momento em que estava pesquisando uma substância que chamava de “orgônio” para fins como a cura do câncer e da impotência.

Jean-Claude Guillebaud (1999) e Veronique Mottier (2008) discorrem sobre como as ideias de Reich foram influentes no crescente movimento de politização da sexualidade que ocorreu na década de 60, com a busca pela promoção da liberação do desejo sexual “natural” da repressão burguesa, a partir de um projeto mais amplo de subversão do sistema capitalista. Era frequente a crítica sobre como o capitalismo “transforma o corpo em insensibilizados instrumentos produtores” (GUILLEBAUD, 1999, p. 54) por meio da repressão sexual. A repressão da sexualidade estaria a serviço da ordem vigente, já que a

energia que seria direcionada à sexualidade era inibida para ser direcionada exclusivamente à produção.

Guillebaud (1999) afirma que Reich desempenhou “um papel essencialmente mitológico” (GUILLEBAUD, 1999, p. 46) nas revoltas que ocorreram, como nas mobilizações estudantis. Os lemas presentes nos protestos de maio de 68 ilustram a influência do pensamento reichiano: “O prazer sem limites”, “É proibido proibir”, “Quanto mais faço amor, mais vontade tenho de fazer a revolução” (GUILLEBAUD, 1999, p. 43). Alípio de Souza Filho (2008), no artigo: “*Sexualidade e Política: Maio de 68 e depois...*” descreve:

Maio de 68 começou com o sexo. Os estudantes da Universidade de Paris-Nanterre (instituição que recebia aqueles que não conseguiam ingressar na Sorbonne, e, por isso, universidade periférica e contestatária na crise criada pela massificação do ensino), iniciaram sua revolta contra as ‘autoridades conservadoras da Universidade’. Autoridades que já haviam proibido, em março de 1968, uma conferência sobre a obra de Wilhelm Reich (morto em 1957), tido como defensor do livre prazer sexual entre os jovens (...)-, os dirigentes não viam o pensamento de Reich como algo que devesse ser discutido na Universidade- (SOUSA FILHO, 2008, p. 1).

Sousa Filho (2008) discute os efeitos que as mobilizações de maio de 68 surtem até os dias de hoje na compreensão sobre a sexualidade e sobre o prazer. A contestação de autoridades como o Estado e a família e a posição contracultural que se construiu no curso dos movimentos, manifestações, criações intelectuais, artísticas e políticas envolveram o questionamento das normas vigentes sobre sexualidade:

Maio deixou marcas culturais e introduziu novos interlocutores, isso é inequívoco. Feminismo e movimento gay são dois exemplos no âmbito da discussão sobre a sexualidade. As idéias sobre a sexualidade dos anos 60: no corpo e na sexualidade, reúnem-se todos os elementos sociais da sujeição e da dominação. A revolta do corpo e a revolta sexual são políticas e revolucionárias (SOUSA FILHO, 2008, p. 4).

O fortalecimento do movimento feminista e do movimento gay serão abordados mais adiante, ainda neste capítulo. Nesse momento, importa assinalar como o combate à repressão sexual como forma de questionamento e contestação da ordem vigente teve influências da concepção de Reich da sexualidade como força natural e essencialmente positiva.

A visão de Reich da energia sexual como algo a ser “liberado” também teve influência no desenvolvimento das terapias sexuais propostas pela sexologia, questão que abordaremos no tópico a seguir.

2.2.7. A influência da sexologia na compreensão sobre sexualidade e prazer

A sexologia teve início no século XIX, com estudos e investigações sobre o diagnóstico e o tratamento das chamadas “perversões”. No século XX, o foco mudou, e o principal tema das pesquisas desenvolvidas passou a ser a anatomia e a fisiologia da resposta sexual humana, em busca da construção de conhecimentos científicos sobre o prazer sexual e sobre a chamada “sexualidade normal”, como descreve Stephen Garton (2009) no capítulo “*Normalizar a sexualidade*”. Segundo Michel Bozon (2004), as pesquisas da sexologia contribuíram para o processo de “racionalização do prazer”, em que o orgasmo se converteu no principal objeto de estudo, principalmente o orgasmo feminino. Em um movimento inédito, estavam ausentes na abordagem sobre sexo referências à reprodução e à gravidez, já que o orgasmo passou a ser visto como: “a finalidade, a prova e a realidade profunda da sexualidade; e também a unidade de medida da atividade sexual” (BOZON, 2004, p. 51).

Conhecer sobre os estudos dos(as) pesquisadores(as) Alfred Kinsey, Willian Masters, Virgínia Johnson e Shere Hite permite identificar elementos significativos sobre como a sexologia contribuiu para transformar a compreensão sobre a sexualidade e sobre o prazer. Na tese “*Os Relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das Ciências Humanas*”, Tito Sena (2007) apresenta e analisa criticamente os dados obtidos pelas pesquisas desses autores(as), contextualizando as mudanças que estavam ocorrendo nos períodos em que os estudos foram realizados e também as mudanças que a divulgação dos resultados encontrados desencadearam.

Os dois trabalhos mais importantes de Alfred Kinsey foram os relatórios “*Sexual Behavior of The Human Male*”, publicado em 1948, e “*Sexual Behavior of the Human Female*”, publicado em 1953. Esses relatórios foram baseados numa mostra sem precedentes de 18.000 participantes que responderam a extensas entrevistas sobre seus comportamentos sexuais. Masters e Johnson investigaram em laboratório as reações fisiológicas de 694 voluntários(as) e observaram mais de 10.000 orgasmos masculinos e femininos em 11 anos de estudo. Os resultados dessas observações foram publicados em 1966 no livro “*Human Sexual Response*”. O segundo livro, “*Human Sexual Inadequacy*”,

publicado em 1970, foi resultado de trabalhos clínicos de tratamento da disfunção sexual, a partir de atendimentos de 790 pessoas. Shere Hite foi uma pesquisadora sexual feminista que utilizou como método de pesquisa questionários respondidos individualmente e anonimamente e enviados pelos(as) participantes pelo correio. 3.019 formulários foram enviados pelas participantes mulheres e 7.239 pelos participantes homens. Os resultados foram divulgados em diferentes livros como “*The Hite Report on Female Sexuality*”, publicado em 1976 e “*The Hite Report on Men and Male Sexuality*”, publicado em 1981.

Dentre os dados obtidos pelas pesquisas de Kinsey, os que tiveram maior impacto foram o índice de 95% dos homens que afirmaram ter se envolvido em práticas consideradas na época como ilegais ou imorais, sendo a masturbação a mais comum; e o índice de 37% dos homens que relataram terem experimentado encontros homossexuais envolvendo o orgasmo. Esses números levaram ao questionamento da noção da perversão, já que, a partir deles, grande parte da população poderia ser considerada “perversa”. A afirmação de que a homossexualidade seria exclusiva de uma “minoria pervertida” foi contestada, o que contribuiu para a desestabilização da concepção da normalidade como uma disposição natural e inata. Tito Sena (2007) assinala como, para compreender o impacto da pesquisa de Kinsey, é importante considerar como, na maioria dos estados americanos no início do século XX, o sexo extra-conjugal, o sexo oral e o sexo anal eram crimes previstos em lei.

Outra questão abordada por Kinsey referia-se ao prazer sexual feminino:

Alfred Kinsey encontrou provas de uma marcada liberalização sexual, especialmente entre as mulheres nascidas depois de 1900: a incidência da masturbação, das carícias e das relações sexuais pré-conjugais aumentou dramaticamente, em particular após a Primeira Guerra Mundial. Ele atribui essa <<nova libidinosidade>> das mulheres às campanhas feministas contra a prostituição, que encorajavam os homens a procurarem satisfação sexual no namoro e no casamento, e à influência de autores como Havelock Ellis e Sigmund Freud, cujas ideias sobre a importância do sexo para o bem-estar físico e mental estavam disseminadas pelos meios de comunicação (GARTON, 2004, p. 318).

Tito Sena (2007) afirma que a difusão dos resultados dos relatórios foi também muito favorecida pela cobertura dos meios de comunicação de massa, que divulgaram transcrições e interpretações de partes dos livros, transformando-os em objetos de debates rotineiros nos espaços públicos e privados.

Kinsey compreendia o sexo como inerente à natureza, possível de ser mensurado, sendo o orgasmo um indicador simples e objetivo da atividade sexual. As experiências

que não fossem seguidas por orgasmos não eram consideradas. As respostas sexuais de homens e mulheres eram descritas como fisicamente iguais e como divididas nas fases de excitação e clímax.

Masters e Johnson foram os primeiros a investigar a resposta sexual de homens e mulheres independentemente. Dentre os resultados observados em seus experimentos, o reconhecimento da importância da estimulação do clitóris para o prazer sexual feminino recebeu grande atenção, por contrariar o que era afirmado até então pela sexologia e também pela psicanálise sobre a “naturalidade” e a “superioridade” do orgasmo vaginal. A ampla capacidade feminina para ter orgasmos também surpreendeu e contrastou com as concepções predominantes no período. Sobre o prazer sexual masculino, uma conclusão dos pesquisadores que teve bastante repercussão foi a ausência de relação entre o tamanho do pênis e o desempenho sexual. Os estágios de uma relação sexual foram descritos como divididos em excitação, platô, orgasmo e resolução, uma definição que se tornou clássica desde então.

Stephen Garton (2009) assinala como foram muitas as transformações suscitadas na compreensão sobre o prazer sexual, especialmente o prazer sexual feminino, entretanto, o caráter normativo desses estudos e pesquisas se evidencia no modo como a busca por prazer era pensada basicamente como circunscrita à conjugalidade. A satisfação sexual era valorizada por ser compreendida como necessária para a manutenção do relacionamento amoroso heterossexual. Os investimentos eram direcionados principalmente para tratamentos de casais que relatavam estarem insatisfeitos sexualmente, inaugurando o campo bastante lucrativo da terapia sexual. Bozon (2004) também identifica a presença da normatividade, tanto nas pesquisas de Kinsey, quando nas de Masters e Johnson. Nas palavras do autor:

Em sua grande pesquisa, realizada em 1940 nos EUA e publicada em 1948- acontecimento social para uns e escândalos para outros- Kinsey realizou a contagem dos orgasmos atingidos pelos indivíduos, em função das maneiras de obtenção do prazer, com a finalidade de estabelecer a proporção de indivíduos que conseguem ou conseguiram orgasmos durante poluções noturnas, contatos homossexuais, relações com animais ou no decorrer das relações extraconjugais. Apesar dessa aparência provocadora, é possível perceber com clareza que, para Kinsey, o centro e a finalidade da atividade sexual correspondem à obtenção de orgasmos dentro do casamento. As relações pré-maritais são apenas uma preparação para isso, e as relações extraconjugais um complemento ou substituto.

(...) Para Masters e Johnson, a união através do prazer (pleasure bond) é a própria base do casamento. Quando ela apresenta disfunções é absolutamente necessário restaurar a função erótica. (...) O ato sexual bem-realizado torna-se a forma suprema de comunicação entre os cônjuges e de bem-estar para ambos. Este sábio hedonismo, que propõe um modelo único de realização sexual, estritamente inscrito no quadro de um casal heterossexual estabelecido e decidido a cooperar de acordo com as regras, foi o ponto de partida para uma abundante literatura de aconselhamento e para o desenvolvimento de um novo corpo de especialistas, os sexólogos (BOZON, 2004, p. 51- 52).

Shere Hite, por sua vez, dedicou grande atenção para os padrões assimétricos entre homens e mulheres e criticou a forma como Masters e Johnson retrataram um modelo de sexualidade “normal” que envolveria o orgasmo de ambos os parceiros em uma relação heterossexual com penetração. Hite explorava em suas pesquisas como a maioria das mulheres eram capazes de experienciar orgasmos, apenas não pela penetração, mas com a estimulação do clitóris, e defendia que o menor número de mulheres em comparação aos homens que relatavam sentir prazer durante a relação sexual era uma questão cultural, e não biológica:

The fact that women can orgasm easily and pleurably whenever they want (many women several times in a row) shows beyond a doubt that women know how to enjoy their bodies; no one needs to tell them how. It is not female sexuality that has a problem (‘dysfunction’) but society that has a problem in its definition of sex and the subordinate role that definition gives to women (HITE, 1986, citada por MOTTIER, 2008, p. 63)¹¹.

Hite problematizava como as mulheres eram ensinadas a dar prazer aos homens ignorando os próprios desejos:

the pattern of sexual relations predominant in our culture exploit and oppresses women. It has institutionalized out any expression of women’s sexual feeling except for those that supports male needs (...) Our model of sex and physical relation is culturally (not biologically) defined and can be redefined- or undefined” (HITE, 1986, citada por MOTTIER, 2008, p. 63)¹².

¹¹ Tradução nossa: “O fato que as mulheres podem ter orgasmos facilmente e prazerosamente quando quiserem (muitas mulheres por várias vezes em sequência) mostra sem dúvidas que as mulheres sabem como aproveitar e sentir prazer com seus corpos, ninguém precisa mostrá-las como. Não é a sexualidade feminina que tem um problema (‘disfunção’) mas a sociedade que tem um problema em sua definição do sexo e o papel subordinado que essa definição dá às mulheres” (HITE, 1986, citada por MOTTIER, 2008, p. 63).

¹² Tradução nossa: “o padrão das relações sexuais predominante em nossa cultura explora e oprime as mulheres. Ele tem deixado de fora institucionalmente qualquer expressão dos sentimentos sexuais das mulheres a não ser aqueles que correspondam às necessidades masculinas (...) Nosso modelo de sexo e de

Hite compreendia, assim, a valorização do prazer sexual feminino como uma questão política:

O direito ao orgasmo tornou-se uma questão política para as mulheres. Embora não haja nada de errado com o fato de não ter orgasmos, assim como não há nada de errado em enfatizar e compartilhar o prazer do outro, há alguma coisa de errado quando isto se torna um padrão, quando o homem sempre tem o orgasmo e a mulher não. (...) É hora de recuperarmos nossos corpos, de começarmos a usá-los nós mesmas para o nosso próprio prazer (HITE, 1979 citada por Sena, 2010, p. 69).

Para concluir este tópico, podemos elencar algumas das influências exercidas pela sexologia na compreensão sobre o sexo e o prazer sexual: 1) a transmissão da concepção do prazer sexual como saudável, recomendável e fonte de bem-estar; 2) a realização de pesquisas e a produção de conhecimentos sobre a sexualidade e o prazer sexual feminino considerado de uma forma autônoma, e não como dependente da sexualidade masculina; 3) a contestação da existência de um orgasmo vaginal que seria melhor e superior ao orgasmo clitoriano; 4) a constatação da importância da estimulação no clitóris para o orgasmo feminino; 5) a transmissão da concepção da masturbação como uma prática saudável que ao invés de prejudicar, aumenta o conhecimento do próprio corpo e a capacidade para ter orgasmos.

É possível notar que, assim como para Reich, a sexologia é pautada por um modelo biológico da sexualidade, compreendida como uma força inata. Essa compreensão foi questionada principalmente por teóricos(as) da Antropologia e das Ciências Sociais que, em discussões que foram intensas principalmente a partir da década de 70, defenderam que a sexualidade consiste em uma construção social. Michel Foucault teve importância marcante para essa compreensão, como abordaremos no tópico a seguir.

2.2.8. A influência dos estudos de Foucault na compreensão sobre sexualidade como uma construção social

Vimos nos tópicos anteriores como a crescente valorização do prazer sexual foi muitas vezes acompanhada da compreensão do sexo como uma força natural, essencialmente positiva, que infelizmente é alvo de repressão por parte da cultura, precisando, assim, de esforços para que seja liberada e possa se manifestar de forma espontânea trazendo mais saúde, felicidade e bem-estar para as pessoas. Alguns grupos

relação física é culturalmente (não biologicamente) definido e pode ser redefinido, ou indefinido” (HITE, 1986, citada por MOTTIER, 2008, p. 63).

acreditaram que essa liberação apenas se daria a partir de uma revolução, com a superação da ordem social capitalista; outros grupos investiram na construção de conhecimentos científicos para que tratamentos conduzidos por especialistas pudessem promover experiências sexuais mais livres e satisfatórias. Mudanças como a expansão de informações e instruções sobre como sentir prazer e a crescente aceitação da exposição pública de conteúdos e imagens relacionados ao sexo foram compreendidas como um avanço para que essa força natural fosse finalmente desprendida dos tabus, proibições e concepções negativas que predominaram por tanto tempo na história. Cresceram as expectativas de que nosso potencial para o prazer, intrínseco à natureza humana, poderá, finalmente, ser realizado.

Para a introdução da análise feita por Michel Foucault sobre a sexualidade, um exercício que pode ser fértil é a releitura do parágrafo anterior com um olhar de estranhamento, colocando, para cada afirmação, o questionamento: “Será?”, assim como é feito por Tansin Spargo (2006, p. 11), ao perguntar: “Será que a sexualidade sempre esteve esperando que nós a libertássemos das amarras sociais, e que, junto com ela, libertássemos também a nós mesmos?”.

No primeiro volume da “*História da Sexualidade*”, publicado pela primeira vez em 1976, Foucault denominou como “hipótese repressiva” a concepção da sexualidade como uma força natural, que teria sido alvo de intensa repressão principalmente durante a época vitoriana, mas que teria passado por uma progressiva liberação no decorrer do século XX. Foucault contesta diferentes elementos presentes nessa hipótese e afirma:

- 1) A sexualidade não é uma característica ou um fato natural na vida humana, mas uma categoria construída relacionada a fatores históricos, sociais e culturais;
- 2) O século XIX não teve como aspecto principal a intensa repressão da sexualidade, mas sim, uma imensa proliferação de discursos sobre o sexo e
- 3) A repressão da sexualidade não se dá apenas pelo silenciamento, por proibições e interdições, mas sim, pelo modo como, colocado em discurso, o sexo passa a ser controlado, administrado e normatizado em nome da manutenção de relações de poder específicas.

O livro recebe o nome de “*A Vontade de Saber*”, que se relaciona justamente ao fato de que, ao invés de silenciado e negado, o sexo foi falado, exposto, descrito, narrado, não apenas para conhecê-lo e compreendê-lo, mas sim, para regulá-lo e controlá-lo de formas cada vez mais insidiosas.

Dentre seus emblemas, nossa sociedade carrega o do sexo que fala. Do sexo que pode ser surpreendido e interrogado e que, contraído e volúvel ao mesmo tempo, responde ininterruptamente. (...) presa de uma imensa curiosidade pelo sexo, obstinados em questioná-lo, insaciáveis a ouvi-lo e ouvir falar nele, prontos a inventar todos os anéis mágicos que possam forçar sua descrição. Como se fosse essencial podermos tirar desse pequeno fragmento de nós mesmos, não somente prazer, mas saber e todo um jogo sutil que passa de um para o outro: saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber (...) (FOUCAULT, 1988, p. 72).

O período investigado por Foucault foi o século XIX, com uma análise minuciosa dos inúmeros discursos produzidos sobre o tema, como o discurso religioso, o discurso jurídico, o discurso médico, o discurso psiquiátrico, o discurso sexológico, o discurso pedagógico, entre outros, muitas vezes centrados na confissão, prática inaugurada pela religião cristã. Para compreender sobre o prazer é preciso, assim, considerá-lo como inserido em uma rede de prazer-saber-poder:

(...) inventamos um outro prazer: o prazer da verdade do prazer, prazer de sabe-la, exibí-la, descobrí-la, de fascinar-se ao vê-la, dizê-la, cativar e capturar os outros através dela, de confiá-la secretamente, desalojá-la por meio de astúcia; prazer específico do discurso verdadeiro sobre o prazer (...). Os livros científicos, escritos e lidos, as consultas e os exames, a angústia de responder às questões e as delícias de se sentir interpretado, tantas narrativas feitas a si mesmo e aos outros, tanta curiosidade, confidências tão numerosas e cujo escândalo é sustentado (não sem algum tremor) por seu dever de verdade, a irrupção e fantasias secretas, cujo direito de murmurar para quem sabe ouvi-las se paga tão caro, em suma, o formidável “prazer na análise” (no sentido mais amplo deste último termo) que o Ocidente desde há vários séculos fomentou sabiamente, tudo isso forma como que fragmentos errantes de uma arte erótica, veiculados em surdina pela confissão e a ciência do sexo (FOUCAULT, 1988, p. 70).

Ao elaborar a História da Sexualidade, Foucault não teve como objetivo apresentar diferentes comportamentos sexuais em diferentes culturas e épocas, mas sim, realizar a análise sobre como a sexualidade passou a ser compreendida como o lugar privilegiado para se investigar a verdade profunda dos sujeitos. Desde o confessionário cristão, em que os indivíduos eram incitados a revelar a verdade sobre si através da confissão de seus pecados diante da autoridade do padre; passando pelos consultórios, em que eram incitados a revelar a verdade sobre si através da confissão de seus sintomas diante da autoridade do médico; passando pelos tribunais e prisões, em que eram incitados a revelar a verdade sobre si através da confissão de seus crimes diante da autoridade de juízes; passando pela escola, pela família, por diferentes instâncias sociais em que essa incitação à revelação da verdade diante de uma autoridade encobria o fato de que, ao

invés de revelada, essa verdade estava sendo inventada, produzida, nas próprias relações de poder nas quais a incitação ocorria.

O poder para Foucault, explica Louro (2009b), não é compreendido como na noção tradicional como algo que alguém possui é que é disputado por aqueles(as) que não o possuem, em uma relação em que alguém é dominante e outro alguém é dominado, mas sim, a dinâmica do poder atua em uma espécie de rede, exercido a partir de múltiplos pontos e que também produzem resistências. Assim, ao investigar os discursos da Igreja, da Medicina, da Psiquiatria, da Sexologia, da Pedagogia, entre outros, Foucault(1988) realizava o questionamento sobre:

(...) sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano (FOUCAULT, 1988, p. 16).

A História da Sexualidade escrita por Foucault é, assim, a história dos discursos sobre a sexualidade e sobre o modo como esses discursos constroem os sujeitos e as experiências. O chamado dispositivo da sexualidade passou a ser estudado como o conjunto encadeado de técnicas de incitação dos corpos, de nomeação dos prazeres e de sofisticados mecanismos de vigilância e controle sobre os desejos. Como comenta Marilena Chauí (1984, p. 186):

Ora, diz Foucault, essas estratégias acabam sexualizando tudo, criando uma verdadeira “monarquia do sexo”, na qual não só o sexo é vigiado e regulado, mas sobretudo torna-se fonte da inteligibilidade de nosso ser. Para sabermos o que somos, temos de conhecer nossa sexualidade.

Rosa Fischer (1996) discute como a colocação do sexo em discurso e o caráter confessional desse movimento sobrevive nos dias de hoje, inclusive nos contextos midiáticos, em que a sexualidade permanece como um campo privilegiado de uma intensa discursividade, pensada como um grande segredo a ser revelado e decifrado, como a chave da verdade mais profunda do indivíduo e seus prazeres. São muitas as instruções, prescrições, regras a serem seguidas:

Nos textos da mídia, a discursividade sobre “que fazer de si mesmo” passa sempre por uma “revelação de si”. A base das produções textuais, em geral, é a confissão que os próprios sujeitos fazem de sua vida íntima, de sua precariedade humana, dos seus desejos, dos seus pecados ou até dos simples atos do seu cotidiano (...). Pode-se observar o quanto

se faz falar do sexo, o quanto se expõem os medos e as alegrias do prazer sexual, falado até a exaustão, sem que isso signifique chegar a uma paz e a uma clareza desveladora do segredo. Sempre há o que se perguntar, sempre se encontram formas de perscrutar essa fonte inesgotável de verdade, talvez justamente porque, como numa caça desvairada ao alvo, fosse necessário jamais apanhá-lo (FISCHER, 1996, p. 85; 99).

Como afirma Jeffrey Weeks (2010) Foucault não acreditava que a sexualidade pudesse ser uma forma de resistência ao poder, justamente por estar demasiadamente envolvida nos modos pelos quais o poder atua. Weeks (2010) esclarece sobre o conceito de “bio-poder”, elaborado por Foucault, para se referir à forma como o controle sobre o sexo significa o controle sobre a vida, tanto a vida do corpo, quanto a vida da espécie; tanto a vida dos indivíduos, quanto a vida das populações.

Na medida em que a sociedade se tornou mais e mais preocupada com as vidas de seus membros- pelo bem da uniformidade moral, da prosperidade econômica; da segurança nacional ou da higiene e da saúde- ela se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento do corpos e com as vidas sexuais dos indivíduos. Isso deu lugar a métodos intrincados de administração e de gerenciamento; a um florescimento de ansiedades morais, médicas, higiênicas, legais; e a intervenções voltadas ao bem-estar ou ao escrutínio científico, todas planejadas para compreender o eu através da compreensão e da regulação do comportamento sexual (WEEKS, 2010, p. 37).

Marilena Chauí (1984) destaca a associação entre o dispositivo de sexualidade e o bio-poder:

O essencial, diz Foucault, é perceber que os recursos e as estratégias produziram algo até então inexistente: a sexualidade (...). Assim, em lugar de encontrarmos repressão sexual, nos deparamos com a produção da sexualidade como um saber que diz o verdadeiro e o falso sobre o sexo, e cujo ponto de partida foram regras e técnicas para maximizar a vida, para o crescimento demográfico e controle familiar da população (CHAUÍ, 1984, p. 185).

Foucault (1988) não nega a existência da repressão, mas sim, questiona que essa seja o elemento central para a compreensão sobre como a sexualidade foi construída historicamente:

É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental

e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna (FOUCAULT, 1988, p. 17).

Ao abordar as correntes teóricas que influenciaram Foucault, Weeks (2010) aponta como a compreensão da sexualidade apresentada por Freud partia da desestabilização da ideia de que o sexo, a masculinidade, a feminilidade e a identidade de uma forma geral possuíssem uma “natureza” sólida. Freud enfatizou o caráter de construção desses elementos a partir da inserção de cada sujeito na cultura, apontando para a importância de pensar sobre a relação entre processos psíquicos, dinâmica social e mudança histórica. Sobre a influência da psicanálise, Foucault (1988) menciona:

Que o sexo não seja ‘reprimido’, não é de fato uma asserção muito nova. Há muito tempo já foi dito por psicanalistas. Eles recusaram a maquinaria simples que facilmente se imagina em falar em repressão; a idéia de uma energia rebelde a subjugar pareceu-lhes inadequada para decifrar a maneira como poder e desejo se articulam; eles os supõem ligados de modo mais complexo e mais original do que esse jogo entre uma energia selvagem, natural e viva provinda de baixo, que aumenta sem cessar, e uma ordem que tenta lhe opor obstáculo de cima; não se trata de imaginar que o desejo é reprimido, pela boa razão de que é a lei que é constitutiva do desejo e da falha que o instaura (FOUCAULT, 1988, p. 79-80).

Foucault (1988) atribui a Freud também a iniciativa de romper com as teorias predominantes no século XIX, que explicavam as chamadas “perversões” a partir dos parâmetros da hereditariedade e da degenerescência.

Para sintetizar o que foi apresentado até aqui, sobre o livro “*A Vontade de Saber*”, podemos recorrer à definição de Foucault (1988, p. 100) sobre a sexualidade: “(...) não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder tenta pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico”.

Nos livros “*O Uso dos Prazeres*” e “*O Cuidado de Si*”, segundo e terceiro volumes de “*História da Sexualidade*”, Foucault analisou as abordagens do sexo no contexto de antigas formações sociais e éticas que contrastavam com as da modernidade ocidental. Ele se concentrou nas técnicas de si gregas e romanas, práticas através das quais indivíduos tentavam transformar-se para atingir estados particulares de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. Enquanto no primeiro volume Foucault se propôs a descrever como a sexualidade como conhecemos hoje foi construída por movimentos de repressão e incitação de determinados prazeres, nos dois volumes seguintes o principal foco foi sobre as éticas sexuais antigas, como uma forma de exemplificar como em outras

culturas não é dada a mesma centralidade à sexualidade e ao prazer sexual. No livro “*O Uso dos Prazeres*”, Foucault (1984, p. 11) apresenta como objetivo:

Analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção sobre eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser.

Entre os gregos e os romanos, o que hoje é visto como prazer sexual era apenas um dos prazeres em um amplo espectro de outros prazeres corporais, que eram compreendidos como controláveis pela razão e pela vontade. Na cultura greco-romana, desejo e práticas sexuais não eram vistos, como são hoje, como a verdade crucial da experiência humana.

Foucault acreditava que o descentramento sexual do prazer promoveria mais liberdade, questão que é abordada por Marilena Chauí (1984, p. 182):

A idéia central de Foucault é que a liberação sexual, se for possível, não passa pela crítica da repressão sexual, mas pelo abandono do discurso da sexualidade e do objeto sexo e pela descoberta de uma nova relação com o corpo e com o prazer. Isso significa não só a crítica da medicina, da pedagogia, do direito, da psicanálise e da sexologia, mas também a crítica de suas críticas, pois estas permanecem no mesmo campo definido pelas estratégias do discurso definido da sexualidade.

Assim, o próprio movimento de abordar criticamente a forma como as pessoas compreendem e experienciam a sexualidade, como fez Chauí (1984) em seu livro “*Repressão Sexual- Essa nossa (des)conhecida*” e como buscamos fazer aqui, nesta dissertação, seria contraditório à proposta de Foucault de abandonar o discurso da sexualidade e do objeto sexo. Nesse sentido, concordamos com Chauí (1984, p. 182): “Se, por um lado, consideramos os estudos de Foucault luz que ilumina o tema da repressão sexual, entretanto, não temos certeza de que escolheríamos sua solução. Ainda cremos no inconsciente e no desejo”.

No artigo “*Foucault e a Terapêutica dos Prazeres*”, Jurandir Freire Costa (1999) dedica-se à análise sobre a questão do prazer na obra foucaultiana e apresenta criticamente como não há uma definição precisa sobre ao que Foucault se refere quando defende o prazer como base para a criação de novas formas de existir:

O prazer é uma palavra chave na reflexão de Foucault sobre a ética. Mas a forma como a noção é apresentada e discutida nem sempre parece estar à altura do ideal foucaultiano de uma vida bela, criativa e livre. A questão é: como fazer do prazer alicerce da ética sem reforçar o atual

culto obsessivo, massificado e consumista do corpo e das sensações? Em outros termos, se o prazer é o toque indelével da “estilística da existência”, o que pode distinguir a arte de viver de Foucault dos “hollywood-self”, dos Playboyleft ou dos Marie Claireself? (...) Na verdade, penso que os problemas teórico-epistemológicos da noção de prazer são pouco relevantes para os estudos de Foucault. Esses problemas, refletem, antes de mais nada, as indecisões e imprecisões das imagens de uma vida ideal, cujo esboço começava a ser feito quando ele veio a morrer. (...) A noção de ética como ascese dos prazeres é, em certos aspectos, uma colagem dos melhores momentos da Grécia, de Roma e das “califórnia” de hoje. O sonho, como qualquer sonho- ficou inacabado e o que restou dele é uma verdadeira utopia onde só Foucault poderia habitar (COSTA, 1999b, p. 1; p. 9-10).

A análise de Costa (1998) está relacionada às discussões do autor sobre a moral das sensações, que abordamos no primeiro capítulo, ao falarmos sobre o imperativo de prazer.

As análises de Foucault presentes nos livros “*O Uso dos Prazeres*” e o “*Cuidado de Si*”, também receberam críticas pela escolha do autor em se basear, para a reflexão sobre a ética, nas relações da Antiguidade Grega, que eram marcadas pela hierarquia e pela desigualdade. Como problematizam Martha Narvaz e Henrique Caetano Nardi (2011, p. 59) a partir da provocativa questão- “Foucault e a ética como estética da existência: mas a existência de quem?”:

Em busca de que nova ética estaria Foucault? Não haveria uma contradição importante na busca por uma existência bela, por uma ética como estética da existência e como prática da liberdade a partir do modelo sexista e escravagista da Grécia Antiga? Que nova ética poderia ser construída a partir de relações tão desiguais? Existência bela de quem, para quem e às custas de quem? A busca por uma existência bela era privilégio de quem na Grécia Antiga? Provavelmente, a resposta seria a de que a escolha por uma existência bela era possível apenas aos cidadãos que podiam, inclusive, dedicar-se ao ócio e à construção do governo e da maestria de si às custas da exploração do trabalho das mulheres e dos escravos (NARVAZ; NARDI, 2011, p. 62).

Nesse artigo, chamado “*Problematizações feministas à obra de Michel Foucault*”, Narvaz e Nardi (2011) assinalam como, embora a complexa análise sobre as relações de poder presentes na obra do autor tenham trazido muitas contribuições para o pensamento feminista, as principais críticas feministas à Foucault referem-se ao fato de como as questões de gênero são negligenciadas nas discussões sobre a construção da subjetividade. Um exemplo é como são muitas as descrições das práticas eróticas entre os homens na Grécia Antiga, estando ausente a abordagem sobre o erotismo feminino.

Essa questão também foi discutida pelo psicanalista Nestor Braunstein (2007), ao problematizar a forma como o prazer é representado:

Na obra do historiador e desconstrutor os prazeres aparecem como indiferenciados e as referências concretas se dirigem sempre ao prazer dos homens, que eles podem alcançar com homens, mulheres ou adolescentes. Um capítulo inteiro da História da Sexualidade intitula-se “A mulher”, sem qualquer referência à sexualidade feminina. Todo discurso gira em torno do casamento e do lugar que a mulher ocupa como guardiã do lar do homem (...). Que ninguém espere encontrar uma linha sobre a mulher como sujeito do “prazer” (...). Por que? Por ser a categoria da feminilidade uma invenção sexista? Para evitar cair nas armadilhas do dispositivo da sexualidade (...)? Por uma negativa geral em diferenciar? Inclino-me a pensar “mal”, a acreditar que Foucault não podia admitir outro prazer sexual que não o masculino (BRAUNSTEIN, 2007, p. 173).

Foi possível identificar, a partir das críticas apresentadas, como o apagamento do sujeito feminino no trabalho de Foucault é alvo de muitas problematizações. Entretanto, a maior parte dos(as) críticos(as) acreditam, assim como Narvaz e Nardi (2011), que considerar a ausência da discussão sobre gênero nas teorizações sobre o dispositivo de sexualidade é algo importante não para descartar essas teorizações, mas sim, para que elas possam avançar ainda mais. As ricas análises de Foucault sobre as relações de poder permitiram o questionamento sobre como, em uma sociedade em que os discursos sobre sexo tanto proliferam, não são todos(as) que recebem credibilidade e legitimidade para produzir esses discursos, como afirma Chauí (1984, p. 186): “nessa sociedade falante e tagarela, não é todo mundo que tem direito à fala. Mulheres e homossexuais, por exemplo, estão destinados ao silêncio. Outros falam por eles e deles”. Nesse sentido, nos dedicaremos nos tópicos a seguir a abordar como as mobilizações e reivindicações de feministas e de gays e lésbicas contribuíram para a quebra desse silêncio, para a construção de novas posições ativas, contestadoras e vigorosas, com a criação de novos discursos sobre a sexualidade, sobre a subjetividade e sobre o prazer.

2.2.9. O pessoal é político: A influência do movimento feminista na compreensão sobre sexualidade e prazer

A politização da sexualidade tornou-se uma questão central para as mobilizações feministas nas décadas de 1960 e 1970, no momento chamado de “segunda onda” do feminismo. Com a adoção do lema “o pessoal é político” as experiências privadas passaram a ser alvo de reflexão crítica e busca por transformações principalmente em relação à subordinação feminina:

Within the context of this politicization of the ‘private’, sexuality was intensely discussed and problematized. It was central to an important part of feminist theory and activism since the 1970s, including issues such as the right to sexual pleasure, the right to say ‘no’, political lesbianism, and debates around contraception, abortion, rape, sexual abuse, pornography, prostitution, and sexual harassment; most of the issues that mainstream politics had conventionally defined as part of the ‘private’ sphere of the family and the individual citizen (MOTTIER, 2008, p. 60)¹³.

A vida privada, a subjetividade, as relações afetivas e familiares, o corpo, a sexualidade e o prazer eram temas antes considerados como menores e sem importância, e foram ressignificados a partir da própria crítica às armadilhas e limitações de uma sociedade que os colocava como sem valor. O que antes era escondido e silenciado passa a receber visibilidade e dizibilidade, o que gerou forças para a afirmação do prazer e para o combate às mais diversas formas de violência, desigualdade e exclusão, como afirma Margareth Rago (2003, s/p), no artigo “*Os feminismos no Brasil: dos ‘anos de chumbo’ à era global*”:

(...) os feminismos, seja enquanto modo de pensamento, seja enquanto conjunto de práticas políticas, sociais e sexuais, tem contribuído enormemente para a crítica cultural contemporânea. Para além da desconstrução de configurações ideológicas, conceituais, políticas, sociais e sexuais que organizam nosso mundo, os feminismos deram visibilidade às formas perversas da exclusão que operam no mundo público. Ao mesmo tempo, propuseram formas alternativas de organização social e sexual fundamentais para a construção de relações mais igualitárias não apenas entre os gêneros, já que se trata fundamentalmente da construção de um novo conceito de cidadania, num campo em constante mutação (RAGO, 2003, s/p).

Guacira Lopes Louro (1997) apresenta como o feminismo como movimento social organizado teve como marco inicial o chamado “sufragismo”, com manifestações pelo direito das mulheres ao voto que ocorreram principalmente na virada do século XIX para o século XX, sendo chamado, posteriormente, de “primeira onda” do feminismo. No final da década de 60, teve início a chamada “segunda onda”, que, além de reivindicações sociais e políticas também foi marcada pelo desenvolvimento de construções teóricas, em que militantes feministas inseridas no mundo acadêmico deram início ao campo chamado

¹³ Tradução nossa: “No contexto desta politização do ‘privado’, a sexualidade foi intensamente discutida e problematizada. Era central para uma parte importante da teoria e do ativismo feminista desde a década de 70, incluindo questões como o direito ao prazer sexual, o direito de dizer ‘não’, o lesbianismo político e debates sobre contracepção, aborto, estupro, abuso sexual, pornografia, prostituição e assédio sexual; a maior parte questões que a política hegemônica havia convencionalmente definido como parte da esfera ‘privada’ da família e do(a) cidadão(ã) individual”

de “Estudos da Mulher”, com a busca por questionar a invisibilidade a que as mulheres foram submetidas na construção de conhecimentos históricos e científicos.

Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e 'contaminando' o seu fazer intelectual- como estudiosas, docentes, pesquisadoras- com a paixão política. (...) Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. As segregações social e política a que estas mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito- inclusive como sujeito da Ciência (LOURO, 1997, p. 16-17).

A publicação do livro “*O Segundo Sexo*”, por Simone de Beauvoir, em 1949, foi um importante marco para impulsionar esse processo de questionamento da invisibilidade, carregando já no título a ideia de que a mulher seria construída historicamente como secundária diante da cristalizada concepção do masculino como sujeito universal. “*O Segundo Sexo*” contribuiu assim para a compreensão da feminilidade enquanto construção, como evidencia a afirmação “Ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher” que até os dias de hoje inspira muitas análises. Simone de Beauvoir teve grande influência para que o movimento feminista, lado a lado com a reivindicação de direitos, passasse a incorporar em suas discussões a investigação e a crítica sobre o processo de construção social, cultural, histórico, político e também científico das desigualdades entre homens e mulheres.

A divisão questionada por Beauvoir que atribuía ao masculino a esfera pública, do trabalho e da política, e ao feminino a esfera privada, da domesticidade, da afetividade e dos cuidados com as crianças e com a família, foi desestabilizada temporariamente no decorrer das guerras, em que, por um número alto de homens estarem servindo ao exército, foi intensamente estimulada a participação das mulheres em empregos que até então eram vistos como unicamente masculinos. No período pós-guerra, entretanto, foram muitos os investimentos para restaurar essa divisão, eram muitos os discursos que alimentavam a idealização da família nuclear e do casamento, da domesticidade e da reprodução como campos “naturais” de realização feminina. Os efeitos desses investimentos podem ser notados no fato de que, nos Estados Unidos, houve uma diminuição drástica do número de mulheres que chegava à educação universitária no meio da década de 1950, como descreve Tito Sena (2007), que aponta também como, enquanto em 1945 havia mais de 6 milhões de mulheres engajadas como força de trabalho, a maioria esmagadora foi demitida com o fim da guerra.

Foi a partir da análise crítica desse contexto em que a domesticidade, o casamento e a maternidade eram idealizados como fontes de realização por serem relacionados à “essência” da feminilidade, que a feminista Betty Friedan publicou “*A Mística Feminina*”, em 1963, contestando essas idealizações e afirmando que o modelo do “paraíso doméstico” correspondia, na verdade, a esforços para limitar o acesso feminino às possibilidades da cultura, da política, do trabalho remunerado e do espaço público de uma forma geral. A imagem feminina como mãe e esposa exemplar, zelosa ao marido, aos filhos e à casa, embora estivesse sendo afirmada como um grande sonho e uma grande fonte de realização, consistia em uma mistificação que gerava muitas sensações de insuficiência, culpa e frustração nas mulheres que estavam infelizes e insatisfeitas diante desse modelo. A insatisfação e a infelicidade, embora contantes, não eram reconhecidas como legítimas, o que fazia com que muitas mulheres se enxergassem como impotentes e incapazes de mudar as condições em que viviam, culminando em um número cada vez mais alto do que Friedan (1963) chamou de “o problema sem nome”. No trecho a seguir é possível notar o papel dos meios de comunicação na transmissão desses ideais, com a busca por convencer as mulheres que os motivos da infelicidade residiam nelas mesmas e que, para aliviá-las, elas precisariam se esforçar para corresponder ao modelo (sem nunca questioná-lo):

Nos anúncios de televisão, as bonitas garotas continuavam a sorrir empunhando toalhas de prata e o artigo principal do Time sobre <<A dona de casa dos subúrbios, o fenômeno americano>>, afirmava: <<Têm uma vida agradável demais para se lembrarem de ser infelizes>>. (...) Alguns diziam ser o velho problema: educação. A mulher estava recebendo educação cada vez mais elevada, de maneira que se sentia infeliz em seu papel de dona de casa. (...) Alguns educadores sugeriram a sério que se deixasse de admitir a mulher nas faculdades (...). Especialistas em economia doméstica sugeriram um preparo mais realista para as futuras donas de casa, tal como aulas práticas nos ginásios. Educadores sugeriram grupos de debate sobre administração do lar e da família. Meia dúzia de artigos surgiram nas grandes revistas oferecendo <<cinquenta e oito maneiras de tornar mais estimulante o seu casamento>>. Não passava mês em que não surgisse um novo livro, de autoria de psiquiatra ou sexologista, dando conselhos técnicos sobre a melhor maneira de se obter uma vida sexual mais satisfatória. (...) Recebiam toda espécie de conselhos do crescente exército de consultores matrimoniais, psicoterapeutas e psicólogos sobre a melhor maneira de se adaptar ao papel de dona de casa. Em pleno século XX ninguém sugeriu um novo caminho para a realização da mulher americana (FRIEDAN, 1971/1963, p. 22-25).

A influência dos meios de comunicação, especialmente das revistas, na transmissão dos ideais de feminilidade e masculinidade será discutida com mais abrangência no capítulo 5: “Revistas, Gênero e Prazer”.

A compreensão da feminilidade como construída foi de grande importância para as mobilizações feministas, para o questionamento dos ideais de domesticidade e para que fosse reivindicada a ampliação de possibilidades profissionais, econômicas, sociais, afetivas e sexuais. A luta contra a opressão e contra a submissão foi a pauta central para a criação do movimento “Womens’ Liberation”, em 1964, nos Estados Unidos. Essa luta também foi intensa no contexto brasileiro, como afirma Margareth Rago (2013):

O Brasil se tornou conhecido, dentre outras dimensões, por possuir um dos movimentos feministas mais importantes da atualidade. Desde os anos 1970, em meio à violenta ditadura militar que se estabeleceu no país entre 1964 e 1985, muitas mulheres se uniram e passaram progressivamente a criar novos modos de existir, ocupando os espaços públicos, desenvolvendo novas formas de sociabilidade, reivindicando direitos e transformando a vida social, política e cultural (...) (RAGO, 2013, p. 35).

“Como as mulheres têm transformado o mundo e a si mesmas?” foi a questão norteadora do livro de Margareth Rago (2013): “*A Aventura de Contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*”. A autora buscou compreender as mudanças desencadeadas pelos feminismos no Brasil nas últimas quatro décadas, partindo de narrativas autobiográficas de sete militantes feministas, envolvidas em questões sociais, acadêmicas e políticas, como a luta pela reparação contra os danos causados pela ditadura militar (três delas viveram na clandestinidade, em exílio político e/ou foram presas); a luta pelos direitos das prostitutas; o ativismo pelo diálogo entre Igreja Católica e reivindicações feministas; além de produções literárias e construções teóricas nos campos da Sociologia, da Filosofia, da Psicanálise, entre outros. Nas palavras de Rago (2013, p. 5):

Educadas, entre os anos de 1950 e 1960, para a virgindade, o casamento monogâmico indissolúvel, a maternidades e os cuidados com a família e para a passividade e o silêncio, abriram caminhos próprios, singulares (...). Com suas práticas concretas e com seus modos de pensar feministas produziram importantes rupturas e sucessivos deslocamentos no imaginário social, especialmente no que tange às questões da moral, da sexualidade e dos modelos de feminilidade e corporeidade que lhes deveriam ter servido de referência. Criticaram e desconstruíram os modos tradicionais de produção da subjetividade e propuseram outros (...) (RAGO, 2013, p. 35).

“*Nós Mulheres*” e “*Mulherio*” foram dois periódicos brasileiros produzidos por mulheres, fundados em 1976 e 1981, respectivamente, que tiveram grandes contribuições na difusão dos pensamentos feministas. Na dissertação “*Corpo, Sexualidade e Prazer- Um olhar historiográfico sobre periódicos feministas de Brasil e Argentina (1974-1985)*”, Maria Cristina de Oliveira Athayde (2010), em sua análise sobre como os temas corpo, sexualidade e prazer eram abordados, cita um artigo publicado em 1977 no “*Nós Mulheres*”, em que a sexualidade era definida como:

(...) uma fonte inesgotável de prazeres físicos e psicológicos, de enriquecimento e de ampliação da afetividade. Infelizmente, porém, nem todas as mulheres conseguem usufruir de seu corpo pois são, muitas vezes, usadas de forma brutal como objeto sexual do marido, ou então tratadas como meras máquinas de parir filhos (...) é preciso enxergar o próprio corpo não como instrumento de prazer do outro, mas como fonte de prazer para ambos; é preciso ver que o sexo é bom, saudável e que o amor é uma das necessidades mais vitais de homens e mulheres (NÓS MULHERES, 1977, p. 13 citado por ATHAYDE, 2010, p. 126).

Maria Rita Kehl era colunista do *Mulherio*, e questões sobre sexualidade e prazer eram muito abordadas por ela, como nos trecho a seguir, de artigos sobre o corpo e sobre a repressão sexual:

A maior beleza é a do corpo livre, desinibido em seu jeito próprio de ser, gracioso porque todo ser vivo é gracioso quando não vive oprimido e com medo. É a livre expressão de nossos humores, desejos e odores; é o fim da culpa e do medo que sentimos pela nossa sensualidade (...); é a conquista do direito e da coragem a uma vida afetiva mais satisfatória (...) (MULHERIO, 1982, p. 14-15 citado por ATHAYDE, 2010, p. 146).

Pobres das nossas subjetividades. (...) Adornaram tanto o encontro sexual de elementos pirotécnicos, acrobáticos, espetaculares, que o encontro dançou. (...) mas com isso perdemos também (...) a integração entre sexualidade e a afetividade, entre a expressão do desejo e a expressão da carência, entre a possibilidade do orgasmo e a possibilidade da subjetividade (MULHERIO, 1981, p. 22, citado por ATHAYDE, 2010, p. 147).

Os trechos apresentados refletem a compreensão da sexualidade a partir da perspectiva do direito ao prazer, e o próprio prazer era abordado de uma forma crítica às opressões e às normas sociais.

Para pensarmos as intersecções entre feminismo, sexualidade e prazer, um material interessante é o livro “*Pleasure and Danger: Exploring female sexuality*”, em que esses temas são abordados de forma intensa e abrangente. O livro foi editado por

Carole Vance, em 1984, a partir da IX Conferência Feminista “*Toward a Politics of Sexuality*” que aconteceu em 1982 nos Estados Unidos, na faculdade de Barnard localizada em Nova York. Participaram mais de 800 mulheres nas palestras, oficinas e atividades artísticas conduzidas por 30 feministas, dentre elas a própria Carole Vance, Amber Hollibaugh, Dorothy Alisson, Ellen Carol Dubois, Carol Munter, Gayle Rubin, Kate Millet, Linda Gordon, Meryl Altman, Paula Webster e Sharon Thompson, cujos capítulos comentaremos a seguir. Embora o contexto seja a década de 1980, o livro apresenta questões muito atuais que refletem um debate que continua vivo e necessário.

A relação entre prazer e perigo na experiência da sexualidade feminina, presente no título do livro, é refletida a partir de diferentes olhares, principalmente na direção da valorização da autonomia feminina, da liberdade e da possibilidade de experiências sexuais prazerosas. É marcante no decorrer das falas a preocupação com o combate e o enfrentamento à violência e à opressão sexual, preocupação que é acompanhada pela busca por não reforçar uma concepção do sexo como “naturalmente” negativo e perigoso para as mulheres. Sobre qualquer concepção que culmine em uma ideia de “naturalidade”, Carole Vance (1984b) acentua: “Feminist work on sexuality starts from the premise that sex is a social construction which articulates at many points with the economic, social and political structures of the material world. Sex is not simply a 'natural' fact”¹⁴ (VANCE, 1984b, p. 444).

“*Pleasure and Danger: Toward a politics of sexuality*”, é o título do primeiro capítulo, no qual Carole Vance (1984a) defende a importância da busca por uma compreensão feminista da sexualidade como ligada ao prazer, à satisfação e à gratificação, considerando a complexidade que faz parte desse tema: “The hallmark of sexuality is its complexity: its multiple meanings, sensations, and connections”¹⁵ (VANCE, 1984, p. 5). Pensar a sexualidade em sua complexidade envolve valorizar suas expressões, como a exploração do corpo, a curiosidade, a intimidade, a sensualidade, a excitação, os desejos, as fantasias, a formação de vínculos, a construção de sentidos, as práticas sexuais e também combater os inúmeros mitos, prescrições e generalizações distorcidas que cercam esses elementos.

¹⁴Tradução nossa: “O trabalho feminista sobre sexualidade começa a partir da premissa que o sexo é uma construção social que articula em muitos pontos com estruturas econômicas, sociais e políticas do mundo material. Sexo não é simplesmente um fato ‘natural’” (VANCE, 1984, p. 444).

¹⁵ Tradução nossa: “A marca da sexualidade é sua complexidade: seus múltiplos significados, sensações, conexões” (VANCE, 1984a, p. 5).

Sexuality poses a challenge to feminist inquiry, since it is an intersection of the political, social, economic, historical, personal and experiential, linking behavior and thought, fantasy and action. That these domains intersect does not mean that they are identical. Feminists need sophisticated methodologies and analyses that permit the recognition of each discrete domain as well as their multiple intersections (VANCE, 1984a, p. 16)¹⁶.

Para a construção da compreensão da sexualidade como vinculada ao prazer, é necessário o combate à opressão, que envolve, além do enfrentamento da violência e da coerção, também a busca por transformar o silenciamento, a escassez de informações sobre sexo acessíveis para as mulheres e a invisibilização da imensa multiplicidade de modos de desejar e sentir prazer. Vance (1984a, p. 8) assinala que o sexo não pode ser um tabu também no pensamento feminista: “We cannot create a body of knowledge that is true to women’s lives, if sexual pleasure cannot be spoken about safely, honestly, and completely”¹⁷.

Gayle Rubin (1984), no capítulo que se tornou referência para muitas discussões sobre a sexualidade desde então: “*Thinking Sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality*”, defende a criação de uma teoria radical sobre o sexo que busque identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça e a opressão sexuais, por meio de ferramentais conceituais refinadas e linguagem crítica que promovam uma compreensão rica sobre a sexualidade na sociedade e na história.

Rubin (1984) afirma que o sexo é sempre político, e assinala como embora muitas vezes a sexualidade seja considerada um tema sem importância, como um desvio de preocupações mais sérias, os conflitos em torno da questão têm um imenso peso simbólico, mobilizando ansiedades sociais e grande intensidade emocional.

No capítulo é descrito o contexto do final do século XIX em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, no qual eram organizadas campanhas educacionais e políticas para a valorização da castidade; para a criminalização da prostituição e de práticas homossexuais; contra o aborto, contra o acesso a informações sobre controle de natalidade e contra a pornografia; ataques à literatura, à pintura e a outras formas de artes

¹⁶ Tradução nossa: “A sexualidade coloca um desafio para a investigação feminista, por ser uma intersecção do político, do social, do econômico, do histórico, do pessoal e do experiential, vinculando comportamento e pensamento, fantasia e ação. O fato destes domínios serem interligados não significa que sejam idênticos. As feministas precisam de metodologias sofisticadas e análises que permitam o reconhecimento de cada discreto domínio assim como suas múltiplas intersecções (VANCE, 1984a, p. 16).

¹⁷ Tradução nossa: “Nós não podemos criar um corpo de conhecimentos que seja verdadeiro para a vida das mulheres se o sexo não puder ser discutido de forma segura, honesta e completa” (VANCE, 1984a, p. 8).

que envolviam o sexo e a nudez; combate à masturbação por meio de um intenso controle, principalmente entre crianças e jovens, fatos que evidenciam como o sexo era visto como negativo e perigoso. A autora ressalta como é importante considerar esses elementos para compreender seus efeitos no modo como a sexualidade é vista hoje: “The consequences of these great nineteenth-century moral paroxysms are still with us. They have left a deep imprint on attitudes about sex, medical practice, child-rearing, parental anxieties, police conduct and sex law” (RUBIN, 1984, p. 268)¹⁸. Um exemplo é como, por mais que não sejam mais utilizadas em nossa cultura técnicas como amarrar as crianças para que não toquem seus genitais ou extirpar o clitóris de meninas pequenas, ainda sobrevive culturalmente a noção do sexo como prejudicial às crianças que motiva diferentes esforços educativos de vigilância e controle.

Ainda entre as décadas de 40 e 70 do século XX era intensa a perseguição contra aqueles(as) que não correspondiam ao modelo de sexualidade propagado pelo sonho americano, como as prostitutas, os gays e as lésbicas. “Salve nossas crianças”, lema de uma campanha, evidencia como a suposta necessidade de preservar a infância servia como justificativa para essas perseguições. Bares e outros espaços frequentados por homossexuais e prostitutas eram invadidos e fechados, o que gerou resistências e mobilizações contra a repressão, como discutiremos no próximo tópico, sobre o movimento homossexual.

Também nesse capítulo, Rubin (1984) realiza uma ampla problematização sobre como há a maior aceitação e valorização cultural de práticas sexuais relacionadas ao casamento, à reprodução e ao amor, em detrimento do exercício da capacidade erótica com curiosidade, criatividade e prazer. São muitas as resistências diante da compreensão de que o que é prazeroso para uns(umas) pode ser repulsivo para outros(as) e muitos os esforços para a construção de um único modelo de sexualidade ideal. A autora defende:

A democratic morality should judge sexual acts by the way partners treat one another, the level of mutual consideration, the presence or absence of coercion, and the quantity and quality of the pleasures they provide. Whether sex acts are gay or straight, coupled or in groups, naked or in underwear, commercial or free, with or without video, should not be ethical concerns (RUBIN, 1984, p. 283)¹⁹.

¹⁸ Tradução nossa: “As consequências desses grandes paroxismos morais do século XIX ainda estão conosco. Eles deixaram uma grande marca nas atitudes sobre o sexo, prática médica, criação de crianças, ansiedades parentais, conduta policial e legislação sexual” (RUBIN, 1984, p. 268).

¹⁹ Tradução nossa: “Uma moralidade democrática deveria julgar os atos sexuais pela forma através das quais um parceiro trata o outro, o nível de consideração mútua, a presença ou ausência de coerção, e a

Rubin (1984) afirma que a relação entre feminismo e sexo é complexa. Como a sexualidade é um elo nas relações entre os gêneros, muito da opressão das mulheres está relacionada à sexualidade. Assim, há grupos feministas que condenam a pornografia, a prostituição, o sadomasoquismo, entre outras práticas, por considerar que elas não apenas reproduziriam, mas seriam a fonte das questões da opressão entre os gêneros. Abordaremos algumas dessas posições mais adiante. Para Rubin (1984) gênero e desejo erótico, apesar de serem relacionados, não são questões idênticas, formam a base de duas arenas distintas da prática social. A autora considera essencial separar analiticamente o gênero da sexualidade para refletir com mais precisão sobre as opressões existentes.

A visão predominantemente negativa do sexo presente no pensamento feminista do século XIX é tema de análise do capítulo escrito por Ellen Carol Dubois e Linda Gordon (1984) “*Seeking Ecstasy on the Battlefield: Danger and pleasure in nineteenth-century feminist sexual thought*”. As autoras apresentam como muitas das teorizações feministas naquele período foram centradas no tema da prostituição, pensada principalmente de forma negativa, como obstáculo para a liberdade das mulheres. Foi no século XIX que surgiu também, ainda que minoritária, a corrente chamada pró-sexo, que defendia o amor livre e contestava as coerções da família e do casamento tradicionais. No século XX as análises sobre a prostituição envolveram uma maior complexidade e houve o crescimento do foco em questões como o combate à violência sexual e ao estupro.

O principal questionamento do capítulo é com relação à ênfase no sexo como perigoso, fonte de coerções e violências, e o pouco espaço dado às discussões sobre o prazer. Há a problematização da posição cristalizada das mulheres como vítimas, e não como sujeitos do desejo e do prazer sexual. As autoras elencam uma série de mudanças que contribuíram para que o prazer possa ser vivido e compreendido de forma mais abrangente, como:

Women have possibilities for sexual subjectivity and self-creation today that did not exist in the past. We have a vision of sexuality that is not exclusively heterosexual nor tied to reproduction. We have a much better physiological understating of sexual response, and a vision of ungendered parenting. We have several strong intellectual traditions for understanding the psychological and social formation of sexuality. Perhaps most important, we have today at least a chance at economic

quantidade e qualidade dos prazeres que eles proporcionam. Quer os atos sejam heteros ou gays, em casal ou em grupo, nus ou com roupa íntima, comercial ou não comercial, com ou sem vídeo, não deveriam ser preocupações éticas” (RUBIN, 1984, p. 283).

independence, the necessary material condition for women's sexual liberation (DUBOIS; GORDON, 1984, p. 43)²⁰.

Esses avanços são relacionados pelas autoras à difusão das teorias e práticas feministas, que contribuíram para grandes mudanças nas condições de vida das mulheres e também para ampliar a compreensão da sexualidade.

“A truly radical feature of feminism has been the permission we have given each other to speak”²¹, afirma Paula Webster (1984, p. 385), no capítulo “*The Forbidden: Eroticism and taboo*”. No decorrer do capítulo é destacada a importância de o feminismo ter criado espaços onde experiências que antes eram tidas como privadas e silenciadas passaram a ser ditas em voz alta, compartilhadas e discutidas. Corpo, intimidade, família, maternidade, relacionamentos entre homens e mulheres e entre mulheres, violência doméstica, violência sexual foram assuntos que receberam atenção e passaram a ser considerados não como individuais, mas como coletivos e políticos. Ainda assim, a autora ressalta, pouco espaço é dado para o diálogo sobre o prazer sexual, apontando a importância para que esse espaço seja construído. Dentre as questões a serem debatidas a autora elenca:

(...) the quiescent sexual state women find themselves in that women's sexuality is like that-calm, passive, romantic and other-directed. We are seen and come to see ourselves as tame and easily satisfied, more interested in giving than getting pleasure (...) Women's attachment to magical thinking (for example, men are lustful, women are not; my lover control my sex life; I have no desires that are not nice; if I am very attractive, I will have good sex) is supported by irrational fears and major denials (WEBSTER, 1984, p. 394-395)²².

No capítulo “*Desire for the future: Radical hope in passion and pleasure*”, Amber Hollibaugh (1984) lamenta que muitas mulheres, quando são perguntadas sobre suas

²⁰ Tradução nossa: “As mulheres têm hoje possibilidades para a subjetividade sexual e autocriação que não existiam no passado. Nós temos uma visão da sexualidade que não é exclusivamente heterossexual nem atada à reprodução. Nós temos uma compreensão fisiológica muito melhor da resposta sexual e uma visão da parentalidade não dividida por gênero. Nós temos diversas tradições intelectuais fortes para o entendimento da formação psicológica e social da sexualidade. Talvez o mais importante, nós temos hoje pelo menos a chance da independência econômica, a condição material necessária para a liberação sexual da mulher” (DUBOIS; GORDON, 1984, p. 43).

²¹ Uma característica radical do feminismo tem sido a permissão que nos demos e nos damos umas as outras para falar.

²² Tradução nossa: “o estado sexual adormecido em que as mulheres se encontram no qual a sexualidade feminina é assim- calma, passiva, romântica e direcionada para o outro. Nós somos vistas e acabamos por ver a nós mesmas como doces e facilmente satisfeitas, mais interessadas em dar do que receber prazer (...) O vínculo feminino ao pensamento mágico (por exemplo, homens são libidinosos, mulheres não são; meu amante controla minha vida sexual; eu não tenho desejos que não sejam legais; se eu sou muito atraente, eu terei sexo bom) são sustentadas por medos irracionais e grandes negações” (WEBSTER, 1984, p. 394-395).

fantasias sexuais, afirmam não tê-las ou não se sentem confortáveis para responder. É como se o campo dos desejos e das fantasias fosse exclusivamente masculino, cabendo às mulheres apenas as idealizações românticas. A autora destaca a importância das reivindicações feministas sobre o direito de dizer “não”, sobre a necessidade de combater crenças ainda frequentes sobre a imposição dos desejos masculinos como irrefreáveis e a concepção de que as mulheres devem sempre satisfazê-los. A essa questão da importância do consentimento feminino a autora acrescenta que, além da valorização do “não” em contextos em que não há desejo, é importante que o feminismo busque promover também a valorização do “sim” quando o há, ou seja, buscar que as mulheres possam se sentir à vontade e confiantes para expressarem as próprias vontades sem serem julgadas ou reprovadas e sem sentirem-se constrangidas e culpadas.

We must build a movement that validates the right for a woman to say yes (...); a movement that thinks we haven't heard enough about sex rather than too much, and which reclaims an eroticism not defined by a simple political perspective or narrow vision which insists on excluding women to sustain its standards. (...) We must start from where we are right now, from the real bodies we live in, the real desires we feel (HOLLIBAUGH, 1984, p. 408)²³.

No capítulo "*Public Silence, Private Terror*", Dorothy Alisson (1984) afirma que dentre as contribuições feministas para a questão do prazer está o aprofundamento da análise sobre o silêncio, sobre o que as mulheres são ensinadas a **não** dizer, a **não** demonstrar. A autora problematiza como na educação feminina é alimentada a sensação de que tudo o que é expresso pode ser inadequado e condenável, seja o desejo sexual, seja a ausência de desejo sexual, seja o desejar de forma diferente do que é esperado: “How might our lives be different, I began to ask, if we were not being constantly subject to this fear of ourselves and each other?” (ALISSON, 1984, p. 112)²⁴.

No capítulo “*Beyond Politics? Children and Sexuality*”, Kate Millet (1984) aborda como a compreensão negativa do sexo é transmitida desde muito cedo na infância a partir de silenciamentos, proibições e de uma intensa vigilância da curiosidade, da exploração

²³ Tradução nossa: “Nós devemos construir um movimento que valide o direito de uma mulher para dizer sim(...); um movimento que pense que nós não ouvimos o suficiente sobre sexo ao invés de afirmar que ouvimos demais, e que reivindique um erotismo que não seja definido por uma perspectiva política simples ou por uma visão estreita que insiste em excluir as mulheres para sustentar seus padrões (...) Nós devemos começar de onde estamos agora mesmo, de nossos corpos reais nos quais vivemos, dos desejos reais que sentimos” (HOLLIBAUGH, 1984, p. 408).

²⁴ Tradução nossa: “Como nossas vidas seriam diferentes, eu começo a questionar, se nós não fossêmos constantemente sujeitas a este medo de nós mesmas e uma(um) do(a) outro(a), umas(os) das(os) outras(os)?” (ALISSON, 1984, p. 112).

do próprio corpo e das interações com outras crianças, alimentando a associação entre o prazer, a vergonha e a culpa. Os órgãos genitais não são nem mesmo nomeados diretamente e as referências sobre eles são permeadas por uma visão de segredo e sujeira, com a condenação da masturbação por meio de censuras, repreensões e castigos. A autora lamenta: “I think adults have been all too effective, not only in poisoning sexuality but also in preventing children from understanding or experiencing it” (MILLET, 1984, p. 218)²⁵ e destaca como o controle é ainda maior para as meninas:

Parental policing of young females is the one great, unexamined oppression, not only in their lives but in our own as adult women. Women in general are controlled, I think, through shame (...). The effects of the ascription of nameless guilt attend us all our lives and do very much harm, most of it unexamined (MILLET, 1984, p. 220)²⁶.

Millet (1984) destaca, assim, como o reconhecimento sobre como ocorre esse intenso controle na infância é importante para a compreensão crítica sobre a sexualidade e o prazer.

Além do silenciamento sobre a sexualidade, a educação feminina desde a infância é também permeada pela transmissão de rígidos padrões sobre o corpo, como aborda Carol Munter (1984) no capítulo “*Fat and the Fantasy of Perfection*”. A autora destaca como é continuamente ensinada a associação entre beleza e aceitação, reconhecimento, aprovação e a possibilidade de atrair e despertar desejo. Assim, meninas e mulheres aprendem continuamente a desejar ter o corpo de acordo com os padrões como uma via de acesso à vida idealizada.

A ideia de que emagrecer e intervir sobre o corpo geraria uma espécie de “redenção” contribui para sustentar uma relação de aversão e rejeição das mulheres contra o próprio corpo, as próprias sensações, os próprios desejos, os próprios odores e as muitas reações espontâneas e mudanças que ocorrem consigo mesmas. Esta relação negativa com o corpo enfraquece e restringe muito a relação das mulheres com o mundo: “(...)how we feel about our bodies has much to do with how we feel about ourselves. And how we feel about ourselves has everything to do with being unempowered, (...) with feeling that our

²⁵ Tradução nossa: “Eu penso que os adultos têm sido muito eficazes, não apenas em envenenar a sexualidade, mas também em evitar que as crianças a entendam ou a experienciem” (MILLET, 1984, p. 218)

²⁶ Tradução nossa: “O policiamento dos pais de jovens mulheres é uma grande e não examinada opressão, não apenas em suas vidas mas nas nossas próprias enquanto mulheres adultas. Mulheres em geral são controladas, eu penso, através da vergonha (...). Os efeitos da inscrição de uma culpa sem nome nos acompanha por toda a nossa vida e faz muitos estragos, muitos deles não examinados” (MILLET, 1984, p. 220).

survival rests on pleasing them, the others” (MUNTER, 1984, p. 228)²⁷. A autora problematiza como a busca por um ideal de corpo, apesar de ser apresentada como relacionada ao sexo, está muito mais atrelada ao desejo de aprovação e reconhecimento. A prioridade dada para agradar tem pouca conexão com o prazer sexual feminino, ao contrário, contribui para que ele seja pouco considerado.

A sensação de impotência é alimentada em um processo que leva as mulheres a acreditarem que, para solucionarem conflitos e conseguirem o que desejam, precisam, antes, modificar o corpo, fantasia que contribui para apagar, para impedir que sejam imaginadas outras perspectivas de ação:

Fat, in this society, is a vehicle for fantasies of transformation and perfection. In other words, if I'm fat, I can keep imagining that I could be different. I can imagine that if I lose weight, not only me but my life will take a new shape (...) If I'm thin, I'll be popular. If I'm thin, I'll turn people on. If I'm thin, I'll have great sex. If I'm thin, I'll be rich. If I'm thin, I'll be admired. If I'm thin, I'll be sexually free (...). (MUNTER, 1984, p. 229-230)²⁸.

As expectativas listadas pela autora continuam, o que evidencia como há a representação de perder peso como algo que desperta efeitos mágicos. A preocupação em emagrecer absorve muito da dedicação que poderia ser direcionada para a transformação de questões mais objetivas e que realmente pudessem ter efeitos nas vidas concretas e possíveis das mulheres.

Outro aprendizado que ocorre na vida das mulheres desse a infância se refere à idealização do amor romântico, como discute Sharon Thompson (1984) no capítulo: “*Search for Tomorrow: On feminism and the reconstruction of teen romance*”. Ao realizar cerca de 150 entrevistas entre 1978 e 1983 com adolescentes, principalmente entre 15 e 16 anos, a autora notou que, ao perguntar sobre sexo e prazer sexual, a maior parte das narrativas eram sobre descobertas, ansiedades, alegrias e frustrações de experiências amorosas.

²⁷ Tradução nossa: “(...) como nos sentimos sobre nossos corpos está muito relacionado com como nos sentimos sobre nós mesmas. E como nos sentimos sobre nós mesmas tem tudo a ver com a sensação de sermos desprovidas de poder, (...) com o sentimento de que nossa sobrevivência é baseada em agradá-los, os outros” (MUNTER, 1984, p. 228)

²⁸ Tradução nossa: “A gordura, na nossa sociedade, é um veículo para fantasias de transformação e perfeição. Em outras palavras, se eu sou gorda, eu posso ficar imaginando que eu poderia ser diferente, eu posso imaginar que se eu perder peso, não apenas eu mesma mas a minha vida terá uma nova forma (...) Se eu for magra, serei mais popular. Se eu for magra, excitarei as pessoas. Se eu for magra, terei sexo melhor. Se eu for magra, eu serei rica. Se eu for magra, serei admirada. Se eu for magra, serei sexualmente livre (...)” (MUNTER, 1984, p. 229-230).

These were the stories that teenage girls spend hundreds of hours telling each other, going over and over detail and possibility as part of the process of constructing and reconstructing sexual and existential meaning for themselves. At the same time, the stories were lived in the telling (THOMPSON, 1984, p. 351)²⁹.

Foram frequentes relatos que atribuíam às experiências elementos mágicos, vinculados ao “destino”, como se a busca por um parceiro estivesse “escrita nas estrelas”. A autora ressalta a presença da concepção de que é a experiência do amor que dá sentido às vidas femininas. Mesmo que a maior parte das garotas tivesse outros planos e expectativas para o futuro, era em torno do relacionamento amoroso e do casamento que giravam as maiores idealizações.

Com relação às narrativas sobre experiências sexuais, Thompson (1984) se surpreendeu com como eram pouco frequentes os relatos sobre sentirem prazer e terem orgasmos. A autora defende que o diálogo sobre sexualidade com as adolescentes é muito necessário e pode ser bastante rico:

Consciousness raising at puberty could be very important to young girls (...) Projects focusing on romantic disappointment could speak directly to the concerns of teenage girls. We must acknowledge and explicate the difficulty of transforming the relation between the genders and speak to why that transformation is worth the pain of change (THOMPSON, 1984, p. 377)³⁰.

Ao analisar livros sobre sexo e sobre relacionamentos publicados nas décadas de 1960 e 1970 no capítulo “*Everything They Always Wanted you To Know: The ideology of popular sex literature*”, Meryl Altman (1984) descreve como a maior parte deles era escrito em formato de manual, como um “passo-a-passo” com modelos e prescrições sobre como deveria ser a vida feminina. O título do capítulo, que diz “Tudo o que sempre quiseram que você saiba”, é uma alusão provocativa ao livro “Tudo o que você sempre quis saber sobre sexo”, publicado em 1969 por David Reuben e que teve um alto número de vendas. Altman (1984) afirma que embora a grande visibilidade e popularidade adquirida por esses materiais com “informações” sobre sexo tenha sido muitas vezes

²⁹ Tradução nossa: “Essas eram as histórias que as garotas adolescentes passavam centenas de horas contando uma para as outras, passando e passando por cada detalhe e possibilidade como uma parte do processo de construção e reconstrução do significado sexual e existencial para elas mesmas. Ao mesmo tempo, as histórias eram vividas ao serem contadas” (THOMPSON, 1984, p. 351).

³⁰ Tradução nossa: “Grupos de formação de consciência na puberdade poderiam ser muito importantes para garotas jovens (...). Projetos com foco em frustrações românticas poderiam falar diretamente com as preocupações das meninas adolescentes. Nós devemos conhecer e explicar as dificuldades de transformar as relações entre os gêneros e falar por quê estas transformações valem a pena, valem a dor da mudança (THOMPSON, 1984, p. 377).

recebida como uma forma de “liberação”, neles estava presente uma intensa normatização.

Altmann (1984) problematiza como passou a ser construído um modelo de feminilidade ligado à insatisfação, seja por ausência de prazer, seja por dificuldades de encontrar um parceiro amoroso ou então por não conseguir estar à altura das expectativas do parceiro. Passam a se dirigir a elas muitos conselheiros, em sua maioria homens, ensinando-as sobre como se ajustar a partir dos parâmetros de valorização do casamento e da dependência diante da autoridade masculina.

A autora assinala como, nesses livros, tanto a repressão quanto tentativas de combater e denunciar a repressão são despolitizadas. A repressão é colocada em um passado distante e a-histórico, com o qual o presente é comparado e afirmado como um momento de liberdade.

Sexualidade e perigo, sexualidade e prazer, sexualidade e repressão, sexualidade e liberdade, sexualidade e infância, sexualidade e amor, sexualidade e corpo... Foram muitos os temas abordados no evento e no livro “*Pleasure and Danger: Exploring female sexuality*”. A realização da conferência suscitou resistências, inclusive por parte de alguns grupos feministas, o que ilustra como a abordagem sobre sexualidade no movimento é também permeada por contradições. Uma semana antes do evento, grupos que se identificavam como parte do movimento anti-pornografia fizeram telefonemas para sedes de grupos de mulheres e para a Universidade, afirmando que a compreensão de sexualidade que seria apresentada era anti-feminista. Dois dias antes, 1500 cópias do texto base elaborado pela organização foram confiscadas. Sobre o ocorrido, Carole Vance (1984c, p. 437) argumentou:

Where is a safe space to talk about sex? Perhaps the women's movement could be that place. (...) Safety requires curiosity, good will, the suspension of judgment, and belief that our diverse sexualities both require acknowledgment and visibility. It would be ironic if in our zeal to create sexual safety for women, we came to police and silence ourselves just as we accuse men of wishing to do. It would be tragic if such a program is taken up in the name of feminism. But we are at the beginning of a long exploration, and we have succeeded in taking some steps forward. I remain optimistic that women will continue to explore and expand the bounds of sexual discourse, envisioning a world in which women can be sexual and safe, a world which makes possible

sexual autonomy and choice. The lesson of the conference is simple: there is no safe space unless we make one³¹.

Para conhecermos as diferentes perspectivas de pensadoras e ativistas feministas sobre a sexualidade, o livro “*Feminist Thought- A more comprehensive introduction*” de Rosemarie Tong (2009) é um material rico e esclarecedor. Organizado em capítulos sobre correntes denominadas como feminismo liberal, feminismo radical, feminismo marxista, feminismo psicanalítico, feminismo focado no cuidado, ecofeminismo, feminismo multicultural, feminismo pós-colonial, feminismo da terceira onda e feminismo pós-moderno, o livro apresenta os debates feministas sobre diferentes questões e ilustra como, embora haja divergências em muitos pontos, é marcante a multiplicidade de ideias que inspiraram muitas ações e busca por mudanças.

A forma como as mudanças relacionadas à sexualidade e ao prazer apresentadas neste capítulo são interpretadas é um dos pontos que gera discussão. Para alguns grupos, o maior controle reprodutivo a partir do acesso à pílula, o maior conhecimento sobre a resposta sexual a partir dos estudos dos(as) sexólogos, o maior acesso a informações com a maior visibilidade do sexo em meios de comunicação e a flexibilização nos padrões morais em relação à virgindade feminina e às experiências sexuais fora do contexto do casamento são pensados como fatores que favorecem uma maior liberdade sexual para as mulheres. Para outros grupos, entretanto, essas mudanças e o modo como foram consideradas como “revolucionárias” contribui, ao contrário, para que as mulheres tenham menos consciência sobre o quanto são submetidas ao poder masculino e sobre o quanto essas mudanças se referem a uma expansão dos privilégios e da dominação dos homens. Ao invés de mais livres as mulheres estão mais vulneráveis por aprenderem que, para sentir prazer, precisam saber seduzir, conquistar e agradar os parceiros. Uma questão bastante discutida nesse sentido é a expansão da pornografia, que significaria, ao invés de uma maior abertura social em relação ao sexo, uma intensificação do movimento de

³¹ Tradução nossa: “Onde é um lugar seguro para falar sobre sexo? Talvez o movimento das mulheres pudesse ser este lugar (...) Segurança requer curiosidade, boa vontade, suspensão de julgamentos e a convicção de que nossas sexualidades diversas podem todas demandar conhecimento e visibilidade. Seria irônico se em nosso zelo por criar segurança sexual para mulheres, nós passássemos a policiarmos e silenciarmos a nós mesmas exatamente do mesmo modo como acusamos os homens de desejarem fazer. Seria trágico se um programa como este fosse conduzido em nome do feminismo. Mas nós estamos no começo de uma longa exploração, e nós temos tido sucesso em dar alguns passos para frente. Eu continuo otimista de que mulheres continuarão a explorar e expandir os limites do discurso sexual, visionando um mundo no qual mulheres podem ser sexuais e seguras, um mundo no qual seja possível autonomia sexual e escolha. A lição desta conferência é simples: Não há espaço seguro a não ser que criemos um”.

naturalizar a violência masculina e objetificar as mulheres, representando-as como a serviço dos desejos, das fantasias e do prazer dos homens.

Alguns grupos consideram que, embora seja frequente a objetificação das mulheres na pornografia, os materiais pornográficos podem ser interessantes para estimular a fantasia e para a superação de censuras e tabus. Esses grupos defendem ser necessário combater a violência sem, com isso, alimentar uma visão negativa sobre a sexualidade.

Há grupos que defendem que sejam estabelecidas restrições legais para práticas que sejam nocivas e degradantes para as mulheres, dentre elas a produção e o consumo da pornografia, a prostituição e o sadomasoquismo. Para outros grupos, porém, o mais importante é que as pessoas envolvidas nas práticas sexuais consentam, já que a existência de restrições legais pode contribuir para alimentar julgamentos morais e a estigmatização de práticas que difiram da norma, negligenciando como são múltiplas as formas de buscar prazer e satisfação. Essa compreensão é contestada pelos grupos que discordam a partir do argumento de que muitas mulheres não têm condições de reconhecer como, mesmo em práticas consentidas, pode haver opressão e reprodução da desigualdade, o que torna necessário combatê-las.

A desigualdade entre homens e mulheres que predomina na sociedade de uma forma geral é reproduzida e permeia o âmbito das relações heterossexuais, de forma que o sexo é compreendido por alguns grupos como marcado por opressão, violência e perigo. Há também grupos que, concordando com essa concepção, defendem que é preciso libertar-se da heterossexualidade por meio da abstinência, do autoerotismo ou de relações exclusivamente lésbicas, nas quais o prazer pode ser experimentado e reinventado de forma mais livre e criativa.

As tecnologias reprodutivas também são motivos de controvérsias. Para alguns grupos, métodos contraceptivos como a pílula assim como procedimentos de reprodução assistida significam um avanço, por ampliarem a possibilidade das mulheres decidirem se e quando ter filhos(as). Para outros grupos, esses procedimentos significariam, na verdade, uma maior submissão feminina ao poder médico, um maior controle e cerceamento do corpo das mulheres.

A forma como a feminilidade e a masculinidade são compreendidas também não envolve consenso. Para alguns grupos, a divisão entre feminilidade e masculinidade precisa ser suspensa, para que todas as pessoas possam ser tanto femininas quanto masculinas e/ou nem femininas nem masculinas. Para outros grupos, é preciso valorizar

a feminilidade porque, para haver avanços, é necessário promover características como dedicação, cuidado, gentileza, apoio, empatia, compaixão, ternura, intuição e sensibilidade, e combater características consideradas como masculinas como agressividade, poder, controle, competitividade e frieza. Há também grupos que acreditam que pensar a feminilidade e a masculinidade como dois pólos de uma oposição é uma compreensão reducionista, já que representar “a mulher” no singular, como uma identidade, não abrange como são muitas as diferenças como raça, etnia, identidade sexual, identidade de gênero, idade, religião, nível de educação, profissão, status conjugal, condição de saúde etc.

Ao apresentarmos esses diferentes posicionamentos, nosso objetivo foi ilustrar como são muitos os debates e apontar como refletir sobre as questões colocadas pode ser mais fértil que defender posições cristalizadas, seja a favor, seja contra. Concordamos com o que afirma Tong (2009): “Although all feminist perspectives cannot be equally correct, there is no need here for a definitive final say. Instead there is always room for growth, improvement, reconsideration and expansion (...)” (TONG, 2009, p. 9)³².

As questões sobre a sexualidade, prazer e gênero também foram centrais nos questionamentos e reivindicações de ativistas gays e lésbicas, como veremos no tópico a seguir, sobre o movimento homossexual.

2.2.10. A influência do movimento homossexual na compreensão sobre sexualidade e prazer

A ampliação de possibilidades de viver desejos, prazeres e relacionamentos para além da normatividade recebeu bastante ênfase nas reivindicações do movimento homossexual, principalmente a partir da década de 60, em que outros movimentos sociais, como o movimento feminista de segunda onda e o movimento pelos direitos civis da população negra, também estavam passando por um momento de crescente organização e mobilização. Richard Miskolci (2012) aponta elementos em comum entre esses três movimentos:

De forma geral, esses movimentos afirmavam que o privado era político e que a desigualdade ia além do econômico. Alguns, mais ousados e de forma vanguardista, também começaram a apontar que o corpo, o

³² Tradução nossa: “Ainda que não seja possível que todas as perspectivas femininas estejam certas, não há necessidade aqui para um dito final definitivo. Ao invés disso, há sempre espaço para crescimento, desenvolvimento, reconsideração e expansão” (TONG, 2009, p. 9)

desejo e a sexualidade, tópicos antes ignorados, eram alvo e veículo pelo qual se expressavam relações de poder. A luta feminista pela contracepção sob o controle das próprias mulheres, dos negros contra os saberes e práticas racializadores e dos homossexuais contra o aparato médico-legal que os classificava como perigo social e psiquiátrico tinham em comum demandas que colocavam em xeque padrões morais (MISKOLCI, 2012, p. 22).

Os padrões morais e a difusão de uma imagem negativa da homossexualidade eram alimentados pelos discursos religiosos, jurídicos, médicos, psiquiátricos e estavam presentes mesmo entre os grupos de esquerda. Alípio de Sousa Filho (2008) descreve como, nas manifestações de maio de 68, na França, alguns dos líderes proibiram a presença de homossexuais, assim como de panfletos e cartazes que abordassem reivindicações do movimento gay, pois isso “desonraria” as mobilizações. Foi em reação a esse contexto que Guy Hocquenghem disse a frase que veio a se tornar como um lema: “o buraco de nosso cu é público e revolucionário”.

A politização da sexualidade foi de grande importância na organização e na expansão do movimento homossexual. Um marco para a luta contra a exclusão e o preconceito foi a Revolta de Stonewall, que teve início no dia 28 de julho de 1969, na cidade de Nova York. Gays, lésbicas, travestis e demais frequentadores(as) de um bar chamado Stonewall Inn se rebelaram e protestaram contra a repressão policial e contra as intensas discriminações que sofriam. O embate físico e as manifestações duraram quatro dias. Um ano depois, mais de 10 mil pessoas marcharam pela cidade reafirmando a luta contra o preconceito e as reivindicações por direitos. A partir de então, o dia 28 de junho passou a ser chamado de “Dia do Orgulho Gay”, data que teve adesão em diferentes países. Os anos que se seguiram à revolta foram também marcados pelo crescimento de comunidades gays nas cidades americanas, como aborda Néstor Perlongher (1987):

(...) o surgimento explosivo do Gay Liberation- a partir do confronto entre gays e policiais no bar Stonewall, de Nova Iorque, em 1969- daria lugar posteriormente a certa "territorialização" das populações homossexuais norte-americanas (...). Houve verdadeiras migrações para os grandes guetos gays (bairros inteiros habitados só por homossexuais) de Nova Iorque e Califórnia. A cidade de São Francisco, (...) se converteria na capital do mundo gay; (...) verdadeiros laboratórios de experimentação sexual (PERLONGHER, 1987, p. 55).

Principalmente nas décadas de 60 e 70, foi intenso o combate à discriminação, a reivindicação de direitos e a busca por visibilizar experiências que até então eram

relegadas à clandestinidade, como inferiorizadas e condenáveis. Nas palavras de Miskolci (2007, p. 107):

Na década de 1970, ainda marcada pela contracultura e propostas de mudanças sociais profundas, muitos desses grupos propunham a abolição dos papéis sexuais, a transformação da instituição familiar, a desconstrução das categorias monolíticas da homo e da heterossexualidade, o desenvolvimento de um novo vocabulário do erótico e, sobretudo, a compreensão da sexualidade como prazerosa e relacional ao invés de reprodutiva ou definidora de um status moral aceitável ou reprovável socialmente (MISKOLCI, 2007, p. 107).

Perlongher (1987) discute como, no Brasil, a década de 70 também foi marcada pela difusão de grupos gays e pelo chamado “desbunde”, com a maior ocupação de espaços como algumas áreas de grandes cidades, onde em seguida proliferaram estabelecimentos comerciais como boates, bares, saunas etc. Também era forte a repressão policial, com a mobilização de grupos para combatê-la.

Figura 1- Faixa “Pelo Prazer Lésbico” Carregada em um Protesto no Centro de São Paulo Contra a Repressão Policial



Fonte: Livro “*O que é Homossexualidade*” (FRY; MACRAE, 1991, p. 93).

No Brasil, o “Núcleo de Ação pelos Direitos Homossexuais”, foi o primeiro grupo homossexual organizado, que surgiu em maio de 1978, em São Paulo, e depois passou a ser chamado de “SOMOS- Grupo de Afirmação Homossexual”. No artigo “*Movimento Homossexual no Brasil: Reconstituindo um histórico*”, Regina Facchini (2003, p. 90), ao apresentar o ideário do grupo, menciona que: “o prazer era visto como bem supremo”.

Entre o final da década de 1970 e o começo da década de 1980 ocorreu o período da ditadura militar constantemente chamado de “abertura política”, com o processo de relativo abrandamento da censura, favorecendo que as questões relacionadas à reivindicação de direitos pudessem ser abordadas. No mesmo ano de criação do grupo

SOMOS, 1978, surgiu o jornal “*Lampião da Esquina*”, organizado por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais, com a proposta de ressaltar os aspectos políticos, criativos e prazerosos da homossexualidade e também abrir um diálogo com outros grupos que sofriam preconceito e discriminação. A forte presença da repressão pode ser evidenciada, como descrevem Peter Fry e Edward MacRae (1991), pelo fato de que, em 1979, foi instaurado um inquérito policial contra os editores do jornal, acusados de infringir a Lei da Imprensa por contrariarem “a moral e os bons costumes”: “Apesar de estas ações policiais e judiciárias serem arquivadas depois de complicadíssimos trâmites legais, o fato é que os editores do *Lampião* passaram por meses de intimidação e humilhação” (FRY; MACRAE, 1991, p. 22).

Na composição original do Grupo SOMOS, apenas homens participaram, mas, gradativamente, algumas mulheres se envolveram na organização, com a proposta de formar um grupo misto. Em 1979 há uma cisão interna, com a formação do “Grupo Lésbico-Feminista”, cisão que refletiu, como descreve Tânia Pinafi (2011), conflitos presentes no Movimento Homossexual:

(...) ainda que gays e lésbicas trabalhassem conjuntamente contra a opressão resultante de uma sociedade heteronormativa, as assimetrias de poder existentes no Movimento Homossexual Brasileiro defraglaram contendas que, algumas vezes, resultaram na formação de novos grupos. (...) a militância política das lésbicas junto com os gays foi marcada por uma série de confrontos que até hoje ainda não foram amplamente visibilizados pela literatura, em parte, devido ao recorrente hábito de se narrar a história do Movimento Homossexual a partir do protagonismo dos gays (PINAFI, 2011, p. 15; 20).

Pinafi (2011) narra também sobre o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO), que ocorreu em 1980, na Universidade de São Paulo, e reuniu cerca de 200 pessoas. Dentre os temas da programação, o debate que reuniu o maior número de participantes tinha como título “A questão lésbica. O machismo entre homossexuais e papéis sexuais”, o que ilustra como essa discussão estava presente. Fry e MacRae (1991) também comentam sobre os pontos ressaltados pelas mulheres lésbicas sobre a participação no Movimento Homossexual junto aos homens gays:

Desde os debates na USP, várias mulheres haviam sido atraídas aos grupos homossexuais, embora sempre estivessem em minoria. Apesar de inicialmente não pleitearem nenhum tratamento especial- afinal, reinava a ideologia da igualdade total-, logo começaram a sentir a necessidade de terem pelo menos um subgrupo exclusivo para elas, onde pudessem discutir com mais profundidade os seus problemas específicos, difíceis de levantar e desenvolver em reuniões com

participação predominantemente masculina. Foi nessa época que elas começaram a ter contatos mais próximos com os grupos feministas atuantes em São Paulo desde meados da década de 1970. Deste contato resultou uma aguçada sensibilidade das sutilezas do machismo até enxergarem sua presença mesmo no movimento homossexual. Começava a ficar evidente para elas que, mesmo entre os militantes homossexuais, apesar da ideologia de igualdade, eram os homens que dominavam as discussões e as tomadas de decisão. Além disso, elas reclamavam da misoginia pouco disfarçadas nas brincadeiras e nas formas de tratamento usadas pelos homens. (...) (FRY; MACRAE, 1991, p. 27-28).

Peter Fry e Edward MacRae (1991) abordam como também ocorreram conflitos entre as lésbicas e o movimento feminista. Embora ambos os grupos se mobilizassem por questões muito próximas relacionados ao combate ao machismo, algumas militantes feministas argumentavam que, diante da imagem que era feita, principalmente entre os meios de comunicação, das feministas como “Mulher-Macho” e “Sapatão”, seria necessário buscar desvincular a ideia de que mulheres que reivindicam os próprios direitos e buscam autonomia seriam, conseqüentemente, mulheres lésbicas.

As dificuldades enfrentadas na relação entre grupos gays e grupos lésbicos, assim como entre grupos lésbicos e grupos feministas, ilustram como questões como o machismo e a homofobia, relacionados à representação continuamente transmitida tanto da masculinidade quanto da heterossexualidade como superiores, têm uma força muito intensa, que atravessa a formação de todos(as), e é capaz de se fazer presente mesmo em contextos em que a proposta é questionar as desigualdades e transformar a ordem vigente. O aprendizado sobre os padrões de gênero e a heteronormatividade no decorrer da educação, assim como o machismo e a homofobia, serão abordados com mais especificidade no próximo capítulo. No capítulo 5: “Revistas, Gênero e Prazer”, será possível reconhecer como muitas destas dificuldades descritas ainda sobrevivem, já que a maior parte das revistas voltadas ao público feminino e masculino partem do pressuposto dos(as) leitores(as) como heterossexuais e, embora haja publicações voltadas aos homens gays, não há revistas direcionadas às mulheres lésbicas.

Para relacionarmos as discussões realizadas até aqui, sobre as mobilizações do movimento homossexual, sobretudo a partir da década de 70, com o percurso que apresentamos no decorrer deste capítulo, sobre o processo que ocorreu no século XX de crescente vinculação entre sexualidade e prazer, é interessante apresentarmos as discussões apresentadas por Jonathan Katz (1996) no livro “*A Invenção da Heterossexualidade*”. O autor assinala como com o enfraquecimento da associação entre

práticas sexuais e reprodução, seria esperado que enfraquecesse também a condenação de práticas sexuais entre homens e entre mulheres, que foi por muito tempo na história justificada a partir do argumento de não serem procriativas. A condenação perderia o sentido, afinal, ter filhos(as) deixou de ser visto como a única razão legítima para as relações sexuais. Entretanto, não foi nessa direção que as mudanças aconteceram- a reprovação sobreviveu e adquiriu novas justificativas e formatos. Enquanto antes as práticas sexuais e relações eram classificadas como reprodutivas (valorizadas) e não reprodutivas (condenadas), no século XX a divisão heterossexualidade-homossexualidade se estabeleceu e ganhou o status de uma separação natural, como se houvesse uma essência que distinguisse os dois grupos e justificasse a valorização do primeiro e a inferiorização do segundo. O caráter construído e recente dessa divisão pode ser evidenciado por como o termo heterossexual só teve sua primeira aparição nos dicionários de língua inglesa como sinônimo de “sexualidade normal” em 1934, e o termo homossexual, definido inicialmente como “paixão mórbida por alguém do mesmo sexo”, apenas alguns anos antes, em 1909. Ainda assim, nas últimas décadas, muitas explicações têm sido criadas para justificar essa divisão a partir de argumentos biológicos, buscando nos hormônios, nos genes, na fisiologia, diferenças que possam assegurar que tratam-se de identidades distintas. Mesmo que nenhuma das muitas pesquisas que tentaram comprovar essas explicações tenha sido conclusiva, esses argumentos tornaram-se comuns e foram muito divulgados, principalmente pelos meios de comunicação. O autor destaca o caráter construído e ideológico desta divisão e questiona a busca por explicações biológicas:

Não haveria um motivo para a divisão hetero/homo se os heteros não estivessem acima dos homos em uma hierarquia social de prazeres superiores e inferiores (...) Heterossexual e homossexual se referem a um sistema de domínio historicamente específico- de sexos e erotismos desiguais socialmente. Então faz tanto sentido procurar na biologia a causa do sentimento heterossexual quanto o faz procurar os determinantes fisiológicos da mentalidade do escravo ou do senhor (...) Somente a extrema arrogância do olhar heterossexualizados nos permite ver a divisão hetero/homo da sociedade ocidental moderna como baseada na biologia, na natureza ou na evolução (...) (KATZ, 1996, p. 178; 190- 191).

Uma importante conquista para o movimento, relacionado às muitas mobilizações que ocorreram, foi a decisão da Associação Americana de Psiquiatria (APA), em 1973, de retirar a homossexualidade da lista de desordens mentais do DSM-II. Essa mudança suscitou resistências e discordâncias de grupos sociais, como grupos religiosos ou mesmo

no campo da medicina. Sena (2007) menciona o documento da APA relacionado a essa decisão:

The proponents of the view that homosexuality is a normal variant of human sexuality argue for the elimination of any reference to homosexuality in manual of psychiatric disorders because it is scientifically incorrect, encourages an adversary relationship between psychiatric and the homosexual community, and is misused by some people outside our profession who wish to deny civil rights to homosexual (APA Document Reference no. 730008, 1973:01 citado por SENA, 2007, p. 146)³³.

No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia publicou em 1999 a resolução que prevê que os(as) psicólogos(as) não devem abordar a homossexualidade como patologia, distúrbio ou perversão, mas como uma das muitas formas de expressões possíveis das sexualidades. Mais do que não abordar como doença, é apontado como compromisso dos(as) profissionais da Psicologia a contribuição para a reflexão sobre o preconceito e a busca pelo combate e a desconstrução de discriminações e estigmatizações.

Katz (1996) aborda como, com o surgimento da epidemia aids, a divisão heterossexualidade-homossexualidade e a força da influência do discurso médico na compreensão dessa divisão ganhou um novo fôlego, sendo evocada com intensa frequência:

Em 1992, (...) pela primeira vez na história a palavra heterossexual apareceu quase diariamente nos jornais e em outros meios de comunicação dos Estados Unidos, geralmente na companhia explícita de homossexual. Essas palavras foram empregadas com muita frequência nas reportagens sobre o movimento pelos direitos civis dos homossexuais e o movimento dos ativistas que protestavam contra a reação inadequada do governo à epidemia de Aids (KATZ, 1996, p. 171- 172).

Miskolci (2012) descreve como nos Estados Unidos houve uma recusa estatal em reconhecer o surgimento da aids como emergência de saúde pública, recusa que refletiu a força dos valores conservadores e suscitou uma radicalização entre ativistas, com a formação da coalisão *ACT UP* e do grupo *Queer Nation* (expressão que poderia ser traduzida como Nação Bicha, Nação Anormal ou Nação Esquisita): “A ideia por trás do

³³ Tradução nossa: “Os defensores da visão de que a homossexualidade é uma variante normal da sexualidade humana argumentam pela eliminação de qualquer referência à homossexualidade no manual de desordem psiquiátricas porque é cientificamente incorreto, encoraja uma relação de oposição entre a psiquiatria e a comunidade homossexual e é usado de forma incorreta por algumas pessoas fora da profissão que desejam negar direitos civis às pessoas homossexuais” (APA Document Reference no. 730008, 1973:01 citado por SENA, 2007, p. 146).

Queer Nation era a de que parte da nação foi rejeitada, foi humilhada, considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação” (MISKOLCI, 2012, p. 24). A noção de “*queer*” dará origem, assim, a um novo movimento, que recusa a busca por assimilação ou aceitação e se pauta no combate aos valores morais violentos que estabelecem as fronteiras rígidas entre os(as) que são aceitos(as) e os que são inferiorizados(as), desprezados(as) e humilhados(as). Esse movimento influenciará o surgimento da “Teoria *Queer*”, que será abordada no capítulo 3.

Diferentemente dos Estados Unidos, no Brasil o enfrentamento da epidemia aproximou o Estado e o movimento social. Os(as) ativistas passaram a se organizar de forma mais institucionalizada e centrada na luta por direitos civis. Considerando o impacto da epidemia assim como as reações que ocorreram, discutiremos, a seguir, a influência do surgimento da aids na compreensão sobre sexualidade e prazer.

2.2.11. A influência do surgimento da aids na compreensão sobre sexualidade e prazer

A vinculação entre sexualidade e prazer, cuja construção abordamos no decorrer deste capítulo, sofreu um forte abalo a partir da emergência da epidemia da aids: “With the advent of aids, sexuality moved away from its connections with liberation to become once again fraught with anxieties and risks” (MOTTIER, 2008, p. 75)³⁴.

Os primeiros diagnósticos foram registrados no início da década de 80. A forma alarmante como a doença foi divulgada e a ênfase na possibilidade da transmissão por práticas sexuais contribuiu para alimentar reações de pânico em torno da sexualidade. Discursos conservadores apontavam a aids como uma “punição” para a intensa expansão de práticas sexuais relacionadas à busca por prazer, como se fosse uma consequência da chamada “revolução sexual”. Jeffrey Weeks (2010, p. 24) parte das ideias de Susan Sontag para discutir como a aids tornou-se uma poderosa metáfora para a cultura sexual: “Muitas pessoas (...) apresentavam a AIDS como um efeito necessário do excesso sexual, como se os limites do corpo tivessem sido testados e não tivessem passado no teste da ‘perversidade sexual’”.

A ideia de “castigo” era forte sobretudo com relação às práticas que contrariavam a ordem sexual vigente, como as práticas homossexuais, o que se evidencia no fato de que a doença chegou a ser chamada de “peste gay” (PERLONGHER, 1987, p. 8). Sobre

³⁴ “Com o advento da aids, a sexualidade se distanciou de suas conexões com a liberação para se tornar mais uma vez carregada de ansiedades e riscos” (MOTTIER, 2008, p. 75).

o pânico sexual, Richard Miskolci (2012, p. 23) afirma: “No mundo todo, essa reação teve consequências políticas jamais superadas e também na forma como as pessoas aprenderam sobre si próprias, sobre a sexualidade, e na maneira como vivenciam seus afetos e suas vidas sexuais até hoje”.

Néstor Perlongher (1987) discute como os meios de comunicação contribuíram para a construção de um clima de pânico sexual:

A televisão desempenha um papel decisivo no procedimento, que chega a beirar o obscuro de espetacularização da morte: mostram-se, por exemplo, cenas de dois rapazes gays de mãos dadas, e logo depois um paciente carcomido (...); panorâmicas do gueto gay, seguidas de martírio do hospital (...). O interesse que o show de subinformação satisfazia nas massas tinha algo de deleitação mórbida. Cruas descrições das vicissitudes do coito anal, da profundidade da penetração, da força da felação e da letalidade do beijo ganharam as salas familiares, complementadas com dados sobre os promíscuos e suas diabólicas performances. Um verdadeiro coquetel de sexo e morte (...) (PERLONGHER, 1987, p. 53; 63).

Perlongher (1987) afirma como a influência do poder médico nos discursos sobre a sexualidade alcançou uma expansão sem precedentes com a onipresença da abordagem sobre o tema nos meios de comunicação.

Da mesma maneira que a AIDS transcendeu, no início, a dor particular de suas vítimas para se estender aos corredores dos “guetos” como um poderoso mecanismo de moralização e controle, derivado das ondas de pânico, o fantasma parece abandonar os difusos limites dos circuitos minoritários para apavorar também os heterossexuais. Assim, a AIDS, que começou sendo vista como uma “doença homossexual”, é agora anunciada como uma ameaça às famílias (PERLONGHER, 1987, p. 9).

Na tese “*Adolescência em Discurso- Mídia e Produção de Subjetividade*”, Rosa Maria Bueno Fischer (1996) discute sobre a grande expansão de materiais direcionados para o público adolescente que aconteceu na década de 1990 e assinala como a aids foi um tema intensamente evocado na construção de espaços que orientavam e prescreviam como deveria ser a sexualidade dos(as) jovens, com uma ampla proliferação dos discursos preventivos:

(...) esse fato faz com que se multipliquem as pesquisas, estudos e estatísticas sobre o governo sexual dos mais jovens; provoca a criação de grupos interinstitucionais, governamentais ou não, interdisciplinares- todos buscando apoio nos meios de comunicação, sobretudo da TV-, fazendo proliferar as minúcias da intimidade adolescente, o testemunho que, a partir da pergunta básica "Porque você

não usa camisinha", coloca em evidência o poder curioso dos adultos e uma complexa rede de saberes (FISCHER, 1996, p. 191).

Atualmente, ainda são muitos os discursos que evocam a relação entre sexualidade e perigo, sexualidade e doença, sexualidade e culpa, reforçando uma compreensão negativa da sexualidade. Há assim um contraste, entre esta estratégia vista como “preventiva” de cercar a sexualidade com representações de riscos e preocupações, e a frequência com que os mais variados discursos, principalmente aqueles presentes nos materiais midiáticos, enfatizam que uma vida sexual intensa e satisfatória é fundamental para a felicidade e a realização pessoal, como discutimos no primeiro capítulo, quando abordamos como o prazer é representado não apenas como uma possibilidade, mas como um dever, um imperativo. Dagmar Meyer, Carin Klein e Sandra Andrade (2007, p. 28) argumentam na mesma direção:

Nas culturas em que vivemos – e hoje talvez de forma muito mais intensa e explícita do que em outras épocas –, o amor e a sexualidade têm sido significados como dimensões indissociáveis da vida humana. Para além disso, sua realização prazerosa nos tem sido apresentada não apenas como um direito de todos os seres humanos, mas como um “imperativo” ao qual todos/as estamos submetidos e a partir do qual somos valorados/as, classificados/as e posicionados/as como mais ou menos bem-sucedidos e saudáveis (...) se considerarmos a discussão feita sobre a centralidade do prazer na cultura contemporânea, sobre a relação indissociável que se estabelece, aí, entre sexualidade e prazer, (...) é preciso dar-se conta de que essas relações são muito pouco problematizadas e trabalhadas no contexto das práticas chamadas de educação sexual (...). E quando o são, isso é feito com um tom moralista e prescritivo que explora muito pouco as implicações disso sobre as escolhas (ou falta de escolhas) das crianças e jovens com os quais trabalhamos.

As intervenções em educação sexual e a forma frequentemente alarmista e negativa ao invés de informativa e reflexiva dos discursos preventivos nessas práticas serão discutidas no quarto capítulo desta dissertação: “A Importância da Discussão Sobre o Prazer e da Leitura Crítica da Mídia em Grupos de Educação Sexual”. Neste momento importa destacar como as discussões realizadas até aqui tiveram como objetivo apresentar como a compreensão sobre a sexualidade, sobre o prazer e sobre a vinculação entre sexualidade e prazer que temos hoje está relacionada à influência de múltiplos fatores, que participaram na forma como essa compreensão é construída socialmente, culturalmente e historicamente.

2.2.12. Linha do tempo: Diferentes fatores que influenciaram na compreensão da sexualidade como vinculada ao prazer

Como forma de sintetizar as questões que abordamos no decorrer deste capítulo, organizamos a tabela a seguir, em que os diferentes fatos discutidos estão apresentados cronologicamente:

Tabela 1: Diferentes Fatores que Influenciaram na Compreensão da Sexualidade como Vinculada ao Prazer

Quando?	O que?	Como influenciou na compreensão sobre sexualidade e prazer?
1905	Publicação dos “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”, de Sigmund Freud.	Freud contestou a vinculação direta entre sexualidade e reprodução, afirmando que a sexualidade é um aspecto central da vida humana, relacionada à busca por prazer e presente desde a infância. Freud defendeu que a sexualidade não pode ser reduzida a um instinto, à finalidade procriativa ou à genitalidade, por ser atravessada pela linguagem e pela simbolização do desejo, caracterizada pela plasticidade, mobilidade e indeterminação, com múltiplos alvos, objetos e expressões. As teorizações de Freud contribuíram para uma conceituação mais ampla sobre a sexualidade, sobre a participação dessa por todo o desenvolvimento e também influenciaram na maior valorização da busca por prazer.
1927	Publicação do livro “A Função do Orgasmo” por Wilhem Reich.	Para Reich a sexualidade é uma força naturalmente positiva e saudável, relacionada à “potência orgástica”- a capacidade inata do organismo para descarregar completamente a excitação sexual e para a gratificação genital. As análises de Reich sobre como essa potência é inibida pela cultura, sobretudo pela moral burguesa, o levaram a defender a transformação da ordem social capitalista para possibilitar a liberação sexual. A defesa de Reich sobre a importância de uma revolução influenciou a mobilização de grupos que passaram a compreender a sexualidade como uma questão política, como nas revoltas estudantis. A noção de uma potência inata para o orgasmo influenciou o

		desenvolvimento de estudos sobre a resposta sexual em busca de técnicas e tratamentos para facilitar a obtenção de prazer.
1948	Publicação do Primeiro Relatório de Alfred Kinsey “<i>Sexual Behavior of The Human Male</i>”.	A partir da realização de entrevistas sobre o comportamento sexual, Kinsey apresenta resultados sobre como eram frequentes na população americana práticas que até então eram consideradas culturalmente como perversas, imorais ou mesmo condenadas como crimes, como a masturbação, o sexo oral, o sexo anal e experiências homoeróticas envolvendo orgasmos. A ampla divulgação e os debates gerados a partir dos resultados contribuíram para o questionamento dos padrões morais assim como da noção de “perversão”. O estudo de Kinsey foi também pioneiro e abriu espaço para a realização de outros estudos sobre o comportamento sexual humano.
1949	Publicação do livro “<i>O Segundo Sexo</i>” de Simone de Beauvoir	A afirmação de Beauvoir de que a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher, que corresponde à compreensão da feminilidade como culturalmente construída, motivando análises e questionamentos críticos sobre a subordinação e a invisibilização feminina no decorrer da história, teve grande influência para a emergência da segunda onda do Feminismo, na década de 60. A segunda onda teve na compreensão de que “o pessoal é político” um eixo central, defendendo, dentre outras reivindicações, o direito feminino à sexualidade e ao prazer sexual.
1954	Surgimento da revista <i>Playboy</i>, fundada por Hugh Hefner	Na construção da “ideologia” para a revista <i>Playboy</i> , Hefner argumentava que o acesso masculino às imagens de nudez feminina era importante para um desenvolvimento sexual saudável, investindo na construção de um novo modelo de masculinidade associado ao prazer, à diversão e à liberdade de viver múltiplas experiências sexuais fora do contexto do casamento.
1961	Início da comercialização em	Por ser um método contraceptivo que depende do controle das próprias mulheres, mais seguro e

	larga escala da pílula anticoncepcional nos Estados Unidos.	eficaz do que os métodos mais frequentes anteriormente, a pílula anticoncepcional contribuiu para uma maior autonomia das mulheres na decisão sobre se e quando ter filhos(as), tendo assim forte influência na desassociação entre práticas sexuais e reprodução.
1962	Revista <i>Cosmopolitan</i> passa a ser editada por Helen Guy Brown e direcionada para o público feminino	Em livros e matérias da revista <i>Cosmopolitan</i> sobre a vida da mulher solteira, Brown defendia a experiência do prazer sexual como um direito feminino e como positiva também antes do casamento, como forma das mulheres conhecerem e conquistarem os possíveis parceiros. Contribuiu para a construção de um novo modelo de feminilidade em que a sedução, o investimento na beleza e na atratividade, o sexo e a busca por parceiros amorosos receberam grande valorização.
1963	Publicação do livro “<i>Mística Feminina</i>” de Betty Friedan	Friedan questionou o ideal de domesticidade, problematizando como o modelo que associava a feminilidade unicamente aos papéis de dona de casa, esposa e mãe trazia insatisfação e infelicidade para as mulheres, defendendo, a partir desse questionamento, o direito das mulheres de acesso ao trabalho, aos estudos, à política e à esfera pública de uma forma geral. A “ <i>Mística Feminina</i> ” teve grande influência no movimento feminista da segunda onda.
1966	Publicação do livro “<i>Human Sexual Response</i>”, com resultados das observações sobre a resposta sexual observadas em laboratório por Willian Master e Virgínia Johnson	A partir de experimentos em que observavam a resposta sexual de homens e mulheres, Masters e Johnson afirmaram a importância do clitóris para o prazer sexual feminino, a ampla capacidade feminina para experienciar orgasmos e a independência entre o tamanho do pênis e o desempenho sexual. Os dados obtidos serviram como base para a criação de tratamentos para a insatisfação sexual, inaugurando um novo campo bastante lucrativo da terapia sexual. Os estudos da sexologia contribuíram para a construção de uma compreensão funcional do corpo, da sexualidade e da resposta sexual.

Maio de 1968	Mobilizações estudantis	Em um momento de intenso questionamento da ordem social e de contestação da autoridade de instâncias como o Estado e a Família, predominava a compreensão do corpo e da sexualidade como campos de sujeição e opressão, com a valorização do combate à repressão sexual e da busca por prazer como questões revolucionárias.
1969	Revolta de Stonewall	Frequentadores(as) gays, lésbicas, bissexuais e travestis do bar Stonewall Inn, na cidade de Nova York, protestaram contra o preconceito e contra a repressão policial em manifestações que duraram quatro dias e tiveram início no dia 28 de junho, data em que passou a ser celebrado em diferentes lugares do mundo o “Dia do Orgulho Gay”.
1969	Festival de Woodstock	O festival aconteceu entre 15 e 18 de agosto em uma fazenda na cidade de Bethel, nos Estados Unidos, reunindo mais de 400 mil pessoas no evento que foi anunciado como “3 dias de paz e música” e ficou conhecido como representativo do forte momento vivido pela contracultura e, mais especificamente, pelo movimento hippie. O lema “Faça amor, não faça a guerra”, proclamado no período, ilustra como a sexualidade e o prazer foram significados como uma forma de contraposição à ordem social vigente e contestação da violência e da repressão em nome de novas formas de sensibilidade, percepção e experimentação.
1974	Decisão da Associação de Psiquiatria Americana de retirar a homossexualidade do rol de doenças mentais	A partir de reivindicações do movimento homossexual, a homossexualidade deixa de ser considerada como uma categoria psiquiátrica passível de ser submetida a tratamentos para a cura. Essa decisão contribui, assim, para a luta contra a patologização das sexualidades que não correspondem aos padrões vigentes.
1976	Publicação do “<i>Hite Report on Female</i>”	A partir da análise de questionários que foram enviados e respondidos por diferentes mulheres, a sexóloga feminista ressaltou como a questão do prazer sexual feminino é mais relacionada aos

	<i>Sexuality</i> ” de Shere Hite	padrões culturais que aos fatores biológicos, mencionando como exemplo a facilidade com que grande parte das mulheres chega ao orgasmo na masturbação, mas não durante a relação com penetração. Hite defendia o direito das mulheres ao prazer sexual e contribuiu para o questionamento sobre a relação entre os padrões de gênero e a sexualidade.
1976	Publicação do primeiro volume da “História da Sexualidade” de Michel Foucault	Foucault contestou a hipótese repressiva analisando como, ao invés de negado e silenciado, o sexo foi alvo de uma intensa proliferação de discursos no decorrer do século XIX. O autor defendeu, assim, que a sexualidade não é uma característica ou um fato natural da vida humana, mas um dispositivo histórico constituído por relações de poder. As análises de Foucault tiveram forte influência nos estudos realizados desde então que buscam desnaturalizar a sexualidade e investigar como relações desiguais e excludentes são construídas e reproduzidas.
1982	Confirmação do primeiro caso de aids no Brasil	A epidemia da aids abalou a vinculação que vinha sendo construída entre sexualidade e prazer, com intensas preocupações em torno da doença e a proliferação de discursos preventivos que muitas vezes contribuíram para cercar o sexo de representações negativas como perigo, ameaça e mesmo pânico. Inicialmente foi bastante difundida a noção da doença como “castigo” pela maior permissividade sexual e também como “peste gay”, com o conceito de “grupos de risco” influenciando em um acirramento das discriminações contra aqueles(as) que não correspondem aos padrões normativos de sexualidade vigentes.
1998	Criação do Viagra	A produção de uma pílula para o tratamento da disfunção erétil reflete a compreensão do prazer sexual como uma função orgânica passível de ser medicalizada, corrigida e aperfeiçoada, compreensão construída principalmente a partir do desenvolvimento da sexologia.

A partir das discussões realizadas neste capítulo, é possível compreender como os fatos apresentados não se referem a uma sequência, a um percurso linear, mas sim, representam como as influências se deram a partir de múltiplos movimentos, conflitos, resistências e avanços em diferentes direções e envolveram formas diversas e por vezes contrárias de compreender e representar a sexualidade e o prazer. Abordamos no início do capítulo como enquanto para alguns grupos essas mudanças foram interpretadas como “revolucionárias”, concepção que foi muito reforçada nos meios de comunicação, como nas revistas; para outros, ainda há muitas questões a serem transformadas para que uma “revolução” seja possível, para que a sexualidade e o prazer possam ser experienciados de forma mais ampla, mais positiva e mais livre, sobretudo no que diz respeito à desigualdade entre os gêneros e à estigmatização de práticas sexuais dissidentes da norma. Compartilhamos dessa posição, e, no capítulo a seguir, discutiremos sobre a relação entre o prazer e os padrões de gênero, o machismo e a heteronormatividade, abordando como a construção dos padrões de feminilidade e masculinidade atravessam o aprendizado sobre a sexualidade e também como esse processo de construção se relaciona com o prazer.

Capítulo 3

O Aprendizado Sobre os Padrões de Gênero no Decorrer da Educação

3.1. O que é gênero?

O conceito de gênero refere-se a como a compreensão do que é considerado como feminino ou masculino em cada cultura é construída socialmente e historicamente. Meninos e meninas, homens e mulheres, são geralmente descritos(as) em termos de uma oposição, como se fossem naturalmente diferentes, como se houvesse uma essência intrínseca que os(as) distingue e, como justificativa para essa oposição, com frequência é utilizado o argumento das diferenças corporais, como se essas fossem capazes de determinar quais ideias, gostos, hábitos, interesses, preferências, atitudes, desejos, sentimentos e prazeres uma pessoa pode ou não pode ter. Para ser sustentada, a divisão entre feminilidade e masculinidade é alimentada por uma transmissão intensa e contínua de ideais, regras, padrões e modelos, desde muito cedo na infância. Rígidos limites são estabelecidos e reforçados sobre o que é tido como aceito e valorizado para cada gênero, o que muitas vezes faz parecer que meninos e meninas, homens e mulheres, pertencem a universos diferentes, falam línguas diferentes, possuem modos de ser incompatíveis e mesmo incompreensíveis entre si.

Apesar de a separação ser tão naturalizada e essencializada, o processo por meio do qual aprendemos a nos reconhecer e nos identificar enquanto mulheres e homens não é linear, progressivo e harmônico; não é possível corresponder de forma completa ou mesmo satisfatória aos ideais de feminilidade e masculinidade, de modo que os conflitos, contradições e fissuras decorrentes da dificuldade em se adequar aos padrões podem ser um interessante ponto de partida para o questionamento e a problematização da normatividade. Como afirma Guacira Lopes Louro (1997, p. 27-28), no livro *“Gênero, Sexualidade e Educação”*:

(...) as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento (...) elas estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo.

Louro (1997) apresenta como o conceito de gênero passou a ser utilizado a partir do pensamento feminista como uma categoria de análise histórica e política, na busca por se contrapor à noção de um sexo biológico, que muitas vezes foi e ainda é utilizada para legitimar desigualdades justificando-as a partir de características dos corpos. Podemos mencionar como exemplos concepções muito difundidas como: *“homens são mais ativos,*

porque têm pênis; mulheres são mais passivas e receptivas, porque têm vagina; mulheres são mais sensíveis e afetuosas, porque têm útero; homens são mais agressivos e infíeis, porque produzem mais testosterona”. Pensar nessas diferenciações a partir do conceito de gênero permite compreender como a feminilidade e a masculinidade não são naturais, essenciais, intrínsecas, mas sim, construções culturais, históricas e linguísticas, construídas sempre no âmbito das relações sociais. O uso do conceito de gênero representa a busca por identificar os processos que instituem a divisão normativa, uma ferramenta teórica e política para desvelar como as assimetrias são produzidas e reproduzidas.

No artigo *“Teorias e Políticas de Gênero: fragmentos históricos e desafios atuais”*, Dagmar Estermann Meyer (2004) também descreve como foi a partir do pensamento feminista que teve início o processo de contestação de que as características anatômicas e fisiológicas determinam o que as pessoas são e podem ser. Um grupo de estudiosas anglo-saxãs começou a utilizar o termo *“gender”*, traduzido para o português como gênero, a partir do início da década de setenta. Com o conceito de gênero as feminilidades e masculinidades passam a ser pensadas no plural, considerando a imensa multiplicidade de manifestações e experiências possíveis.

“O gênero é (...) um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana”, afirma Joan Scott (1994), no artigo que tornou-se uma importante referência para os estudos de gênero desde a sua primeira publicação, em 1989: *“Gênero: Uma categoria útil para análise histórica”*. No artigo a autora descreve como os objetivos iniciais do uso do conceito entre historiadoras(es) foi ressaltar o caráter fundamentalmente social das diferenças entre homens e mulheres, assim como destacar o aspecto relacional da masculinidade e feminilidade. Scott (1994) propõe, como definição, que o gênero seja compreendido como um elemento constitutivo das relações sociais e como a forma primeira de significar as relações de poder.

Dagmar Meyer (2004) apresenta como há diferentes usos do termo gênero nos diversos movimentos teóricos e políticos. A principal diferença diz respeito à compreensão do gênero como oposto à noção de sexo biológico ou como complementar a essa. Na concepção de que há complementariedade, gênero se refere a traços culturais que se inscrevem sobre corpos sexuados. Assim, entender o feminino e o masculino como construção social e cultural não entra em conflito com a concepção de uma natureza biológica universalizável do corpo e do sexo, que antecede o gênero. A concepção de que

há oposição é defendida principalmente por feministas pós-estruturalistas, a partir do argumento de que não apenas o gênero é uma construção, mas que também são construídos culturalmente o corpo, o sexo e a natureza, não havendo algo que seja essencialmente biológico e natural. Essa posição teórica é sustentada principalmente a partir do pensamento de autores como Michel Foucault e Jaques Derrida. Sobre os pontos de intersecção entre diferentes teorias e diferentes formas de compreender o conceito de gênero, Meyer (2004) afirma:

De forma mais geral, no entanto, pode-se dizer que as diferentes definições convergiam em um ponto: com o conceito de gênero pretendia-se colocar em xeque a equação- que resultava em diferenças reconhecidas como sendo inatas e essenciais- na qual se articulava um determinado modo de ser a um sexo anatômico que lhe seria 'naturalmente' correspondente', para argumentar que as diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas (MEYER, 2004, p. 14).

No livro *“Reinvenção do Corpo- Sexualidade e gênero na experiência transexual”*, Berenice Bento (2006) apresenta perguntas que podem auxiliar a identificar quais são algumas questões presentes no debate atual sobre gênero:

O que é gênero? Como ele se articula com o corpo? Existe um nível pré-discursivo, compreendido como pré-social (...)? O gênero seria os discursos formulados a partir de uma realidade corpórea, marcada pela diferença? O gênero seria a formulação cultural dessas diferenças? Existe sexo sem gênero? Como separar o corpo/estrutura do corpo/resultado? Como separar a parte do corpo que não foi construído desde sempre por expectativas e suposições do corpo original que não está maculado pela cultura? Onde está a origem? (BENTO, 2006, p.86).

No capítulo *“Estudos de Gênero: O universal, o relacional e o plural”*, Berenice Bento (2006) propõe organizar analiticamente as diferentes posições teóricas, destacando três tendências explicativas sobre as relações entre os gêneros, a sexualidade e o corpo:

- **A compreensão universal** parte da busca pela desnaturalização dos gêneros por meio do questionamento dos processos históricos que legitimaram a subordinação das mulheres. Masculinidade e feminilidade são consideradas em uma perspectiva de oposição com um caráter universal. Foi um marco importante para essa concepção a publicação da obra *“O Segundo Sexo”*, de Simone de Beauvoir, em que a autora realiza problematizações críticas a partir da compreensão do homem como sujeito universal e da mulher como seu outro absoluto. A principal crítica à compreensão universalista é a pouca atenção dada a como a masculinidade é

também construída.

- **A compreensão relacional** foi consolidada a partir de uma série de estudos realizados ao longo da década de 1990, em que um dos fios condutores foi a premissa de que o feminino e o masculino se constroem relacionalmente e não a partir de uma oposição absoluta. Não seria mais o estudo da feminilidade, mas das feminilidades, e as masculinidades também passaram a ser estudadas, com a desconstrução do modelo de homem universal, “naturalmente viril, competitivo e violento” (BENTO, 2006, p. 74). Joan Scott foi uma referência central. A categoria gênero passou a ser pensada em sua articulação com outros marcadores como classe social, nacionalidade, religiosidade, etnia e orientação sexual.
- **A compreensão plural** refere-se à emergência dos Estudos *Queer*. As problematizações de Judith Butler sobre a necessidade de desvincular o gênero de uma estrutura binária pautada na pressuposição da heterossexualidade como natural foram de especial importância. Butler questionou também a concepção do corpo-sexo como uma matéria fixa para o qual o gênero dá forma e significado:

As questões que irão marcar o terceiro momento dos estudos de gênero dizem respeito à problematização da vinculação entre gênero, sexualidade e subjetividade, perpassadas por uma leitura do corpo como significativa em permanente processo de construção e com significados múltiplos (BENTO, 2007, p. 80).

Nesse sentido, é importante conhecer algumas das ideias de Judith Butler para compreendermos o debate atual sobre sexo e gênero. As questões a seguir, apresentadas no livro “*Problemas de Gênero- Feminismo e subversão da identidade*”, ilustram as problematizações da autora que contestam a compreensão do gênero como uma interpretação cultural de um sexo biológico e natural:

(...) O que é o sexo? É ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam estabelecer tais “fatos” para nós? Teria o sexo uma história? Possuiria cada sexo uma história ou histórias diferentes? Haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma (BUTLER, 2003, p. 25).

Butler (2003) defende que ao invés das diferenças entre os gêneros serem um efeito das diferenças entre os sexos, o sexo é um efeito do gênero, que, por sua vez, é efeito de discursos, se constrói performativamente. Nesse sentido, torna-se central o conceito de performatividade, utilizado por Butler a partir da leitura realizada por Derrida da teoria dos atos de fala de Austin, segundo a qual a prática discursiva performativa é aquela que produz, que torna realidade aquilo que nomeia. Compreender os gêneros como performativos implica reconhecer que, embora “ser homem” e “ser mulher” sejam pensados como algo natural e permanente, como uma substância fixa e essencial, o que ocorre é uma ilusão de substância, criada a partir de um processo intenso e contínuo de produção ficcional.

“O gênero é um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que ‘fazemos’, e não algo que ‘somos’”, afirma Sara Salih (2013, p. 67), ao esclarecer sobre a teoria da performatividade de Butler. Não haveria, assim, nenhuma essência por trás do gênero, nenhuma estrutura pré-discursiva que anteceda como o gênero se constrói por atos, como explica Patrícia Porchat (2007):

Pelo conceito de performatividade, aquilo que se acredita ser “homens” e “mulheres” “de verdade” encontra uma explicação na repetição e sedimentação de normas de gênero que, ao longo do tempo, terminaram por criar a ilusão de uma substância “mulher” e de uma substância “homem” numa aparente a-historicidade. Roupas, gestos, olhares, falas, define-se um conjunto de estilos corporais que aparecem como formação natural dos corpos que, por imposição das normas de gênero, se dividem em dois sexos relacionados um ao outro (PORCHAT, 2007, p. 81-82).

Butler em sua obra recusa a ideia de uma identidade fixa e estável, e essa recusa abrange a compreensão sobre a identidade de gênero. É contestado, assim, que a expectativa de coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo possa ser cumprida. O aprendizado de que os gêneros “inteligíveis” são aqueles que atendem a essa expectativa de coerência alimenta a exclusão, gerando grande sofrimento para aqueles e aquelas que buscam se enquadrar e para aqueles e aquelas que não se enquadram. Como assinala Porchat (2007), o uso que Butler faz do conceito de gênero tem como objetivo claro dar conta do “abjeto”, do que é considerado como inabitável, invivível. Trata-se de uma atitude política.

Levando em consideração que Butler parte de uma postura militante e que tem em vista um alcance político de suas colocações, podemos resumir suas questões do seguinte modo: em primeiro lugar, qual é a

necessidade de se organizar a sociedade em termos de homens e mulheres como gêneros estanques na medida em que essa divisão- que define os gêneros um em relação ao outro- não coincide com o que desde há muito se vê pelo mundo? (PORCHAT, 2007, p. 73).

No tópico a seguir discutiremos como a divisão binária que pauta a construção dos ideais de feminilidade e masculinidade não corresponde às experiências, possibilidades e condições concretas na vida dos sujeitos, mas sim, relaciona-se a uma intensa produção ficcional.

3.2. Como são construídos os ideais de feminilidade e masculinidade?

Berenice Bento (2006) discute como desde antes do nascimento, quando procura-se um(a) médico(a) para descobrir se o bebê será uma menina ou um menino, a resposta a essa pergunta produz diferentes expectativas, planos e preparativos para a criança que irá nascer. O que é tido como “natural” é na verdade revestido por uma série de ações e idealizações:

Enquanto o aparelho da ecografia passeia pela barriga da mãe, ela espera ansiosa pelas palavras mágicas que irão desencadear essas expectativas: mágicas no sentido de criarem realidades. Logo depois, o médico dirá o sexo da criança e as expectativas serão materializadas em brinquedos, cores, modelos de roupas e projetos para o futuro filho ou filha antes mesmo de esse corpo vir ao mundo (BENTO, 2006, p. 88).

Bento (2006, p. 13) parte de Judith Butler para descrever os padrões de gênero enquanto “ficções sociais impositivas”. Para que tais ficções adquiram o caráter de naturalidade, há um processo longo e ininterrupto de sedimentação, de uma contínua produção naturalizante. A masculinidade e a feminilidade são resultados de reiterações contínuas, de uma série de atos que repetem, renovam, revisam e consolidam as normas de gênero, como gestos, palavras, olhares e posturas. Podemos tomar como exemplo o ato cotidiano de se vestir, que evidencia como mesmo os pequenos detalhes são carregados de significado, já que peças, cores e tamanhos são divididos como adequados ou inadequados de acordo com os padrões de gênero.

A forte presença de expectativas sobre como meninos e meninas, homens e mulheres devem ser, e o esforço contínuo dos sujeitos para corresponderem a tais expectativas demonstra como os padrões de gênero atuam enquanto idealizações:

As idealizações são as bases para a reprodução das normas de gênero. Quando se pergunta: “O que é ser mulher/homem?” ou “O que o/a leva a sentir-se mulher/homem?”, são articulados enunciados que funcionam

como idealizações. (...) Os sujeitos, buscando realizar essas idealizações, passam a agir por pressuposições (BENTO, 2006, p. 94).

O ideal de feminilidade envolve bondade, compreensão, passividade, sensibilidade, vaidade e a valorização do amor, do casamento e da maternidade. O ideal de masculinidade envolve atividade, competitividade, agressividade, virilidade. Jane Felipe e Alexandre Toaldo Bello (2009) afirmam que homens e mulheres que correspondem aos ideais de gênero vigentes podem ser considerados enquanto entes ficcionais, já que são poucos aqueles e aquelas que conseguem se aproximar minimamente dos modelos preconizados pela norma:

Desde que nascemos, instâncias sociais fazem muitos investimentos para que nos tornemos como o “modelo” de masculinidade e feminilidade normatizados ou, ao menos, nos aproximemos (...) desses entes ficcionais que são os homens e as mulheres que dão conta de todos os ideais normativos que dizem respeito às formas de como masculino e feminino devem ser (FELIPE; BELLO, 2009, p. 141-142).

Pensar os padrões de gênero enquanto idealizações envolve, assim, enfatizar o caráter ficcional dos modelos de masculinidade e feminilidade. Desta forma, identificar e descrever os padrões vigentes não significa, necessariamente, identificar aspectos que estão objetivamente presentes na experiência de ser homem ou de ser mulher, mas sim, reconhecer elementos presentes nessa experiência enquanto expectativas, modelos, exigências. Problematizar sobre o quanto tais padrões são inalcançáveis se torna importante justamente pela grande influência e pelo grande impacto que exercem no modo como homens e mulheres veem e compreendem a si mesmos(as).

Descrever o gênero enquanto ideal não significa, de forma alguma, considerá-lo como algo que se circunscreve num campo abstrato, fantasiado, fruto de divagações, sem relação direta com a realidade. Ao contrário: embora as exigências sejam inalcançáveis, irrealizáveis, é justamente a forma como as relações sociais se organizam de modo a oferecer e prometer vantagens, recompensas e consequências positivas para aqueles e aquelas que mais se aproximem dos modelos, que mais tenham sucesso no esforço em corresponder aos padrões, que torna possível que os ideais exerçam uma pressão tão forte.

A criatividade, a imaginação e o desejo, aspectos da vida relacionados ao prazer, são também educados a partir da divisão entre os gêneros. Para compreendê-los, é necessário assinalar a importância de que os modelos ideais de feminilidade e masculinidade sejam vistos enquanto construções, enquanto ficções, enquanto mitos.

3.3. Como o prazer participa na construção e na reprodução dos padrões de gênero?

Embora a divisão rígida dos gêneros entre feminino e masculino gere hierarquias, discriminações e exclusões, a separação entre o que é aceito e desejável para meninas e mulheres ou para meninos e homens muitas vezes é transmitida não por meio de imposições e regras coercitivas, mas sim, de forma sutil e naturalizada, como nas práticas cotidianas que envolvem prazer, diversão e entretenimento. Exemplos dessas práticas são as brincadeiras infantis, as atividades de lazer e o contato com os mais diversos artefatos midiáticos como filmes, músicas, programas televisivos etc.

Ruth Sabat (2001) no artigo “*Pedagogia Cultural, Gênero e Sexualidade*”, Carlos Wolff (2006), na dissertação “*Como é ser menino e menina na escola: um estudo de caso sobre as relações de gênero no espaço escolar*” e Dulce Whitaker (1995) no artigo “*Menino-Menina: sexo ou gênero?*” discutem como as brincadeiras e brinquedos infantis são muito marcados pela separação rígida entre os gêneros. Para as meninas, é incentivado o uso de brinquedos relacionados ao cuidado, como casinha, escolinha, bonecas. Para os meninos, são oferecidos brinquedos relacionados à agressividade, como heróis, soldados, monstros, armas. É comum também que esportes que envolvam competitividade, como o futebol, o judô e outras lutas, sejam vistos como masculinos, enquanto atividades que requerem delicadeza, como a costura e o ballet, sejam representadas como femininas.

Falar sobre brincadeiras, jogos, esportes, sobre o lúdico, é falar justamente sobre o que envolve, diverte, alegra, distrai e entretém... ou seja, sobre o que é prazeroso. A separação de brinquedos por gênero evidencia, assim, como o aprendizado sobre a feminilidade ou sobre a masculinidade é permeado pelo prazer.

O prazer está presente no aprendizado dos padrões de gênero também na forma como determinadas regras e modelos são transmitidos não como obrigações, mas de modo idealizado. Elisabeth Badinter (1985) no livro “*O Mito do Amor Materno*” descreve como os discursos que afirmavam que as mulheres deviam viver circunscritas ao espaço doméstico, limitadas às funções de esposa e mãe não eram transmitidos por meio de imposições, mas sim, com afirmações sedutoras sobre o quão prazerosas essas funções seriam:

O imperativo econômico e social não teria tido nenhuma possibilidade de ser compreendido pelas mulheres, se não fosse corroborado, ao mesmo tempo, por um outro discurso, mais gratificante e exaltante (...) Não falava a linguagem do dever, das obrigações e do sacrifício, mas a da igualdade, do amor e da felicidade (BADINTER, 1985, p. 161).

Ainda nos dias atuais há o aprendizado por parte das meninas e mulheres de que devem ser as principais (ou mesmo as únicas) responsáveis pelas tarefas domésticas, pelos cuidados com as crianças e com a família. Muitas vezes a busca por corresponder a esse modelo não é compreendida como um esforço para se adequar a padrões impositivos, mas sim, como um desempenho de funções que as mulheres foram “naturalmente” designadas a cumprir e por isso “naturalmente” devem encontrar prazer e realização ao exercê-las.

Outra mensagem frequentemente transmitida às mulheres é que corresponder aos ideais de corpo e beleza lhes trará mais oportunidades de prazer, felicidade e sucesso. Padrões rígidos e inalcançáveis de como deve ser a aparência feminina circulam culturalmente, acompanhados da concepção de que as meninas e as mulheres buscam corresponder a eles não porque há expectativas e cobranças sociais, mas porque realmente desejam se adequar a esses padrões e poderão sentir-se felizes e satisfeitas ao alcançá-los. No livro "*O Mito da Beleza- Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*", Naomi Wolf (1992) discorre sobre como a associação entre vaidade e feminilidade foi sustentada por uma série de interesses históricos, econômicos e políticos, como o crescimento das indústrias dos cosméticos, das dietas, das cirurgias plásticas e da pornografia. A autora descreve como enquanto o movimento feminista conquistou inúmeros avanços com a desestabilização de mitos como os da domesticidade, da passividade e da castidade, os modelos de beleza tornaram-se cada vez mais irreais e inatingíveis. A promessa da beleza como prazer foi muito eficaz para a consolidação do mito, com a contínua afirmação de que o cuidado com a aparência viabilizaria que as mulheres valorizassem a si mesmas, transformassem a si mesmas e tornassem-se melhores e mais próximas dos próprios sonhos.

No livro "*Sem Fraude Nem Favor- Estudos sobre o amor romântico*", Jurandir Freire Costa (1998) discute como o amor romântico também adquire um caráter mítico em nossa cultura, revestido por expectativas de que o casal deva se completar, ser fonte de felicidade inesgotável e satisfação irrestrita, o que acarreta sensações de frustração e culpabilização quando essas expectativas não são alcançadas. São muitos os padrões e regras transmitidos sobre como ser e agir na busca pelo amor idealizado. Vera Lúcia Pereira Alves (2002), na tese "*Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de autoajuda*", ressalta como a idealização do amor romântico é também atravessada por padrões de gênero, considerando como a transmissão de modelos sobre como alcançá-lo é ainda mais incisiva para as meninas e mulheres, com a concepção predominante

culturalmente de que elas são as principais responsáveis por conquistar e manter o relacionamento amoroso, com o intenso aprendizado de que devem ser dóceis, meigas, delicadas, passivas e dedicadas para corresponder aos desejos e expectativas masculinos. Assim, o mito do amor romântico pode contribuir para naturalizar a submissão feminina, a partir da concepção de que as mulheres “essencialmente” dependem da aprovação, da atenção e dos cuidados de um homem para serem felizes.

Com relação aos ideais de masculinidade, as afirmações de que o homem deve sempre ser forte, competitivo, agressivo, viril também se ancoram na possibilidade do prazer como recompensa. Há a construção de expectativas de que a vida dos homens que correspondem aos modelos vigentes é repleta das mais diversas conquistas, havendo uma grande ênfase nas conquistas sexuais. Como aponta Adriane Peixoto Câmara (2007):

É possível afirmar que está associada à representação de masculinidade um caráter bastante hedonista: tudo precisa ter/ser uma grande fonte de prazer, sempre. Dentre os prazeres mais exaltados, certamente o prazer sexual encontra uma maior importância através do estímulo à vivência plena dos desejos e fantasias sexuais e através da admiração dos corpos femininos (...) (CÂMARA, 2007, p. 62).

Sócrates Nolasco (1993), no livro “*O Mito da Masculinidade*”, discute a centralidade conferida ao desejo sexual heterossexual nos ideais de masculinidade. Por serem desde crianças incentivados a falarem e demonstrarem interesse por mulheres e por sexo, há a concepção comum de que os homens têm mais liberdade e maior acesso ao prazer sexual. Entretanto, o autor afirma ser importante considerar o quanto esse interesse é fortemente restrito à heterossexualidade e à genitalidade. Diversas partes do corpo devem permanecer impensáveis como fonte de prazer, muitas sensações e desejos devem ser ignorados. Os genitais devem ser separados das demais partes do corpo e o corpo deve ser separado das emoções. Essa separação já seria um motivo suficiente para o questionamento sobre a sexualidade masculina estar realmente atrelada à liberdade.

Rose Nogueira (1985), no livro “*Macho, Masculino, Homem*” questiona como um modelo de masculinidade que pressupõe que se evite os sentimentos pode estar relacionado a uma vida sexual prazerosa e satisfatória:

O homem acreditou no mito que se fez dele. (...) Em relação ao sexo, nem se fala, nada mais resta saber. (...) Mas será que alguém que evita tanto o contato, que dificilmente exprime afeto ou que tem tanta vergonha de seu próprio corpo, pode ter uma boa vida sexual? (NOGUEIRA, 1985, p. 62).

A associação entre masculinidade e hedonismo e entre masculinidade e prazer

sexual, assim como a associação entre feminilidade e o prazer em cuidar da beleza e a busca pela realização amorosa serão também abordadas no capítulo 5: “Revistas, Gênero e Prazer”, em que discutiremos como esses elementos permeiam o processo de segmentação das revistas em femininas e masculinas e também como são reproduzidos continuamente por elas. A seguir, discutiremos como a violência se faz presente no processo de aprendizagem dos padrões de gênero.

3.4. Como a violência participa na construção e na reprodução dos padrões de gênero?

A relação entre a violência e os ideais de masculinidade é abordada por Sócrates Nolasco (2001) no livro *“De Tarzan a Homer Simpson: Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais”*. O autor problematiza como a violência é estimulada das mais diversas formas no decorrer do processo de socialização masculina, como um elemento-chave na constituição da subjetividade. A partir de comportamentos agressivos, meninos e homens se sentem correspondendo às expectativas de desempenho do grupo social, reconhecidos e valorizados. Como não são incentivados a expressar o que sentem de outras formas, a agressividade é muitas vezes confundida com a assertividade.

No capítulo *“Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação infantil”*, Jane Felipe e Alexandre Bello (2009) ressaltam como, para corresponderem ao ideal de masculinidade, meninos e homens devem rejeitar qualquer característica que corresponda ao que é tido culturalmente como feminino, vigiando e controlando em si mesmos comportamentos que possam destoar da norma e dirigindo a mulheres e a homossexuais uma postura de depreciação e superioridade, postura que envolve e alimenta a violência.

No livro *“XY: Sobre a identidade masculina”* Elisabeth Badinter (1993) também discorre sobre como a violência participa na construção dos ideais de masculinidade, em que é continuamente reforçada a representação de que os homens estão sempre sendo postos à prova. A masculinidade, muito mais do que um conceito descritivo, é compreendida como imperativo: “Seja homem!”. Alguns dos modos socialmente difundidos de “testar” e “comprovar” a masculinidade são os esportes competitivos que envolvem o controle do corpo e o desprezo pela dor e os treinamentos militares, onde disciplina, obediência, conformismo, zombarias e humilhações são parte da rotina.

Marina Castañeda (2006) aponta como a agressão física por parte dos homens é estimulada, por ser transmitida a compreensão de que nunca se deve “levar desaforo para a casa”. É aceitável socialmente que homens gritem, ajam impulsivamente, agridam, humilhem. Há assim, uma naturalização da violência, compreendida como tipicamente masculina.

3.5. O que é o machismo?

No livro “*O Machismo Invisível*”, Marina Castañeda (2006) aborda como a divisão dos gêneros em feminino ou masculino implica uma hierarquização, em que o masculino é representado como superior. A autora define o machismo como o conjunto de crenças, atitudes e condutas que partem dessa compreensão excludente e hierarquizante. Uma pretensa “natureza masculina” é usada para justificar características como a agressividade, o desejo sexual impulsivo e difícil de ser controlado, o ciúme, a possessividade e a incapacidade de falar sobre as próprias emoções. Fernando Seffner (2003) discute também como o machismo está diretamente relacionado à naturalização e à essencialização dos padrões de gênero:

Atribuir a um homem o adjetivo de macho, no senso comum, significa referendar algo que seria natural e instintivo, produto da biologia, inscrito no seu corpo, um comportamento que decorreria de forma natural pelo fato do homem ter o pênis (SEFFNER, 2003, p. 201).

Castañeda (2006) ressalta que o combate ao machismo não se refere a colocar os homens como inimigos, ou mesmo a masculinidade, mas sim, questionar uma certa noção de masculinidade, intrinsecamente relacionada a uma determinada noção de feminilidade que são a base do machismo. O problema é a oposição radical entre masculino e feminino, que prejudica a todas e todos. Ela propõe:

O que podemos fazer? Antes de tudo, é imprescindível compreender os esquemas de gênero que afetam a auto-imagem, as expectativas e os projetos de vida de meninos e meninas, de homens e mulheres. Tais esquemas funcionam como barreiras invisíveis entre os sexos: servem para manter a distância, a incompreensão e, certamente a desigualdade. Para tanto, devemos questionar todos os estereótipos relacionados às capacidades e ao trabalho de uns e de outras. Essa tarefa deve começar com a educação, desde a mais tenra infância (CASTAÑEDA, 2006, p. 265).

Um exemplo interessante para pensarmos sobre a conscientização e o enfrentamento ao machismo é a campanha “*Reacciona Ecuador, el machismo es violencia*”, que fez parte do “*Plano Nacional de Erradicação da Violência de Gênero*”,

implementado no Equador em 2008. Houve a produção de uma série de vídeos com o objetivo de combater as práticas que naturalizam a violência de gênero (ANDES, 2013). Em um dos vídeos³⁵ que constituem a campanha são apresentadas cenas sobre como os gêneros são construídos desde a infância, como o menino brincando com armas e acessórios de luta e a menina cuidando de bonecas e utilizando produtos de beleza. As cenas a seguir, em que, após abrirem caixas de presente, o adolescente recebe uma luva de boxe e a adolescente recebe uma algema, ilustram a problematização sobre como os padrões de gênero a agressividade masculina e a submissão feminina são transmitidas culturalmente como esperadas, incentivadas, desejáveis e prazerosas:

Figura 2- Submissão Feminina- Campanha Equatoriana Contra o Machismo.



Fonte: Vídeo da Campanha “*Reacciona Ecuador- el machismo es violencia*” (2008)

Figura 3- Agressividade Masculina- Campanha Equatoriana Contra o Machismo



Fonte: Vídeo da Campanha “*Reacciona Ecuador- el machismo es violencia*” (2008)

³⁵ Para acessar o vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=NTxUWQ2IE6s>

Na sequência do vídeo, quando ambos se casam e têm filhos, as crianças recebem os mesmos presentes:

Figura 4- Reprodução dos Padrões de Gênero- Campanha Equatoriana Contra o Machismo



Fonte: Vídeo da Campanha “*Reacciona Ecuador- el machismo es violencia*” (2008)

A narrativa diz: “O machismo é um mal que se aprende”. A campanha propõe, ao combater o machismo, combater problemas sociais associados a ele como a violência doméstica contra mulheres e crianças, a violência sexual, o assédio nas ruas e no ambiente de trabalho, o desrespeito e a inferiorização de mulheres, o consumo em excesso de bebidas alcoólicas e outras drogas, entre outros.

O combate ao machismo, à violência e à desigualdade entre os gêneros são temas atuais e muito importantes, embora muitas vezes se afirme que hoje vivemos em uma sociedade em que predomina a igualdade de oportunidades e de direitos entre homens e mulheres. Judith Butler, em entrevista concedida à Patrícia Porchat (2010) afirma como embora alguns grupos descrevam o momento que vivemos como “pós-feminismo”, como se as questões feministas tivessem sido superadas, ainda há muito a ser feito pelo fim da hierarquia de gênero, pelo fim da desigualdade econômica, pelo combate à violência e pela desconstrução das muitas concepções arraigadas sobre o que as mulheres são ou não capazes, aspectos que evidenciam o quanto essas lutas continuam necessárias e,

felizmente, muito vivas.

No livro “*Backlash- O Contra-ataque na luta não declarada contra as mulheres*”, Susan Faludi (2001) apresenta como durante a década de 1980, diante dos avanços alcançados pelas conquistas feministas, passou a ser muito difundido, principalmente pelos meios de comunicação, que não haveria mais motivos para reivindicações e mobilizações, já que a igualdade já teria sido conquistada. A autora problematiza essa mensagem apresentando diferentes questões que refletem como o machismo persiste e ilustram a importância da busca por transformações nos padrões de gênero para combater as desigualdades:

- As mulheres constituem o maior número de adultos na faixa da pobreza;
- Recebem menos que os homens pelos mesmos serviços;
- Atuam em atividades com menor remuneração e, mesmo quando possuem mais tempo de escolaridade, recebem salários menores do que homens menos qualificados;
- Realizam a maior parte das tarefas domésticas e do cuidado com os(as) filhos(as);
- Estão em menor número em cargos políticos representativos;
- Sofrem com frequência violência doméstica e sexual, sendo que em muitos lugares as leis são inexistentes ou pouco efetivas.

Marjorie Rodrigues (2010), na monografia “*Backlash à Brasileira- A construção do feminino em veículos jornalísticos impressos*”, ao discutir sobre o contexto brasileiro no que se refere aos direitos das mulheres e à violência de gênero, aponta como avanço a Lei Maria da Penha, promulgada em 2006, em que a violência contra a mulher é definida e tipificada e são estabelecidas penas e medidas restritivas que visam manter o agressor distante da mulher agredida. A autora apresenta os dados trazidos pelo Mapa da Violência 2010, baseado em estudos feitos pelo Instituto Sangari entre 1997 e 2007:

Quanto à violência doméstica, apesar da lei Maria da Penha estar estimulando denúncias e chamando mais atenção para o fato deste ser um problema endêmico, há dificuldades para a sua efetiva aplicação. **Uma mulher é assassinada a cada duas horas no país.** A maioria delas é morta por ex-namorados, maridos ou companheiros (RODRIGUES, 2010, p. 13-14, grifo nosso).

Uma mulher é assassinada a cada duas horas no país. Rodrigues (2010) discute como embora seja evidente a necessidade de problematizar os elementos presentes em

um contexto social onde a violência seja tão intensa e frequente, ainda é muito comum o movimento de isentar o agressor e deslocar a “culpa” das violências sofridas para as mulheres, principalmente aquelas que apresentam comportamentos que destoem do padrão tradicional de esposa, dona de casa e mãe. Ainda predomina a concepção da mulher como propriedade, cujo corpo e desejo sexual devem ser controlados e reprimidos. Na análise realizada de matérias publicadas em revistas e jornais brasileiros, a autora identifica como os casos de violências contra a mulher cometidas por parceiros ou ex-parceiros são retratados com frequência como “crimes passionais”, como se o amor e o ciúme fossem elementos explicativos para atos como agressões ou assassinatos.

Maria Cecília de Souza Minayo (2005), no artigo “*Laços Perigosos Entre Machismo e Violência*” assinala a importância de considerar como é cristalizada a associação entre a virilidade e a imposição da força e a concepção de que cabe ao homem o controle do corpo, da sexualidade e dos desejos da parceira, de modo que as agressões são muitas vezes afirmadas como “atos corretivos” das condutas das mulheres que destoem do que é esperado e aceito para o feminino.

No blog “*Escreva Lola Escreva*”, Lola Aronovich aborda com frequência sobre o alto número de violências contra a mulher, apresentando relatos, notícias, depoimentos, discussões, análises críticas e problematizações sobre o machismo. O trecho a seguir, sobre a semana do dia 17 de fevereiro de 2012, exemplifica como em um período muito curto são muitas as agressões que ocorrem:

(...) seis mulheres foram estupradas, duas mortas, numa festa de aniversário na Paraíba; uma menina de 12 anos foi estuprada dentro de um ônibus no Rio; em Pernambuco, no meio da rua, um marido espancou sua mulher e enteada de 13 anos com pedaços de pau (as pessoas filmaram as agressões, mas ninguém apartou); em Minas, uma mulher de 64 anos foi estuprada e morta em sua casa; no Rio Grande do Sul, uma moça quase tem sua vida arruinada por um stalker, e precisa de proteção policial; em Santa Catarina, um marido ateou fogo à mulher, e, em Sergipe, mais um marido ateou fogo, mas neste caso nas partes íntimas da mulher (ARONOVICH, 2012e, s/p).

Estupros, assassinatos, espancamentos, insultos, ameaças e diferentes formas de desrespeito aos direitos sexuais e reprodutivos são formas de violência que, como problematiza Sandra Azerêdo (2011) ocorrem com muita frequência no Brasil e os números das incidências continua a crescer. No livro “*Violência Sexual no Brasil: Perspectivas e desafios*”, organizado por Cecília de Mello e Souza e Leila Adesse (2005), são apresentados dados sobre a incidência das ocorrências de violência:

(...) 43% das mulheres pesquisadas pela Fundação Perseu Abramo em 2001, em todo o território nacional, relataram que já sofreram alguma forma de violência sexual e doméstica, sendo que 13% relatam ter sofrido estupro conjugal ou abuso e 11% afirmaram já ter sofrido assédio sexual (SOUZA; ADESSE, 2005, p. 25-26).

Souza e Adesse (2005) apresentam a problematização sobre como as ocorrências de violência sexual são subnotificadas, devido ao baixo número de denúncias e a falta de mecanismos apropriados para o registro. Como exemplo é mencionada a estimativa do Ministério da Saúde de que menos de 10% dos casos chegam às delegacias. Alguns dos motivos apontados para a dificuldade em denunciar e buscar ajuda são os sentimentos de vergonha, constrangimento e medo das possíveis implicações, sobretudo quando a violência ocorre em meios intrafamiliares (na maior parte das vezes os agressores são conhecidos e próximos da vítima). Há também a questão de como a violência é naturalizada e banalizada, sendo frequente o receio de que a denúncia seja recebida com descrédito pelas instâncias judiciárias e de segurança pública, com o risco de que as pessoas que sofreram violência sejam submetidas a novas formas de violência por não serem reconhecidas com o devido cuidado e seriedade ou mesmo culpabilizadas.

Na dissertação “*Violência Sexual Infantil: Compreensões de professoras sobre conceito e prevenção*”, Raquel Baptista Spaziani (2013) aborda a violência sexual na infância e afirma que essa se caracteriza pela assimetria de poder e idade entre o agressor e a vítima, que não é capaz de consentir de maneira autônoma com as práticas sexuais em que é envolvida. Na maior parte das vezes a violência ocorre no âmbito familiar, de forma que as relações de parentesco e afinidade podem contribuir para reações como complacência e medo. Muitas pessoas só conseguem falar sobre a violência que sofreram na adolescência ou na vida adulta, por temerem ser culpabilizadas e também acusadas pela desestruturação da família, além do medo de que as ameaças do agressor se cumpram. Os agressores mais frequentes são os pais, padrastos, parentes ou pessoas (na grande maioria das vezes homens) que têm grande proximidade com a criança ou adolescente, em uma relação de dependência e de confiança. Spaziani (2013) menciona a pesquisa realizada por Habigzang, Ramos e Koller (2011) em que foi apresentado que, em 94,8% dos casos de violência sexual, os agressores eram homens que conviviam na residência com a criança. A autora destaca como os padrões de gênero se fazem presente no quadro da violência sexual na medida em que a grande maioria dos agressores são homens, a grande maioria das vítimas são meninas, e os meninos, quando vitimizados, temem sofrer discriminação e serem estereotipados como homossexuais.

“Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar”, *“Casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família”*, *“Roupa suja se lava em casa”* e *“Briga de marido e mulher não se mete a colher”* foram afirmações apresentadas em uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa em Estatística Aplicada- IPEA, divulgada em março de 2014, que teve como objetivo identificar percepções da população acerca da violência. Foram entrevistadas 3.810 pessoas, e mais da metade dos(as) participantes concordaram totalmente ou parcialmente com estas afirmações, 65% diante da primeira frase, 63% diante da segunda, 89% e 82% diante das duas últimas, que se referem a ditados populares, ou seja, ilustram como a questão da naturalização da violência é difundida popularmente. O título da pesquisa é *“Tolerância Social à Violência Contrária às Mulheres”* e foi possível identificar, a partir dos dados sobre estas afirmações apresentadas, como ainda são muito frequentes concepções que reduzem a questão da violência ao âmbito privado, negligenciando todo o aprendizado social e cultural que naturaliza a submissão feminina e a agressividade masculina, como se o alto índice de violências devesse ser solucionado apenas no contexto da casa e da família, e não com o questionamento e a transformação de concepções e atitudes machistas da sociedade como um todo.

“Os homens devem ser a cabeça do lar”; *“Toda mulher sonha em se casar”* e *“Uma mulher só se sente realizada quando tem filhos”* também foram afirmações em que mais da metade dos(as) participantes concordaram totalmente ou parcialmente (64% para a primeira, 79% para a segunda e 59,5% para a última). O conteúdo destas frases remete à divisão binária entre os gêneros e a como essa divisão estabelece quais serão os planos, projetos e possibilidades para mulheres ou para homens. Através da realização feminina de casar-se e ter filhos, assim como atribuir aos homens uma posição necessariamente de domínio ilustra como a compreensão machista é restritiva e negligencia as muitas possibilidades de relações e projetos para o futuro.

Foi bem menor a aceitação diante de afirmações explícitas sobre a violência física ou psicológica. 91% dos(as) participantes concordaram, totalmente ou parcialmente, que *“Homem que bate na esposa tem que ir para a cadeia”*; 89% discordaram, totalmente ou parcialmente, da afirmação: *“Um homem pode xingar e gritar com sua própria mulher”* e 83,6% discordaram que *“dá para entender que um homem rasgue ou quebre as coisas da mulher se ficou nervoso”*. O relatório da pesquisa relaciona esses dados com os investimentos em políticas públicas e em relação à conscientização da população sobre a violência física, principalmente desde a promulgação da Lei Maria da Penha, em 2006. A

concepção machista muito utilizada para legitimar a violência, que afirma que “*É da natureza do homem ser violento*”, recebeu a discordância de 74% dos(as) participantes, o que pode ser compreendido como um importante avanço. Ainda assim, se considerarmos que 21,5% dos(as) participantes concordaram, torna-se claro que ainda há muito a ser feito na busca pela desconstrução do machismo.

Enquanto a aceitação da violência física parece ter diminuído, o mesmo não pode ser dito em relação à violência sexual. “*Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros*”, foi uma afirmação que recebeu a concordância, total ou parcial de 58,5% dos(as) entrevistados(as), responsabilizando as atitudes femininas pela violência masculina. O mesmo ocorre com a frase “*Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas*”, que teve a concordância de 26% dos(as) participantes, revelando como uma ideia tão absurda como a correspondência entre a forma de vestir-se e merecer ataques ainda assim recebe aceitação.

Lia Zanotta Machado (1998) no artigo “*Masculinidade, Sexualidade e Estupro: As construções da virilidade*” problematiza como o estupro está relacionado com a naturalização de que o desejo sexual masculino consiste em um forte impulso que o homem não consegue controlar, assim como com a desvalorização do consentimento feminino, já que, culturalmente, o “não” da mulher não é compreendido como uma manifestação da própria vontade, mas como estratégia de sedução.

Apoderar-se do corpo da mulher” é o que se espera da função viril. O “não” da mulher, ou o “medo” da mulher, aparecem como constitutivos do desejo masculino. O estupro é muito mais o lugar do exercício da afirmação da identidade masculina especular, em que a subjugação do corpo da mulher reassegura sua identidade masculina (MACHADO, 1998, p. 251).

Ianni Barros Luna (2006) problematiza como a violência sexual é muitas vezes pensada a partir de explicações que se reduzem à condenação da vítima (como reprovações em relação às roupas que ela estaria usando), à demonização do agressor e à afirmação da fatalidade de ambas as condições, o que faz com que o estupro adquira um aspecto de inevitabilidade e culmina em um silenciamento que perpetua a incompreensão e a imobilidade diante do quadro social em que a violência se constrói. As representações com relação à violência sexual remetem a algo absurdo, bárbaro, em um movimento de distância e outrificação. Tais representações contrastam com a grande frequência com que a violência acontece, sua cotidianidade que é tão invisibilizada. Muitas vezes a violência sexual é compreendida como um “acidente”, uma exceção, um desvio do que é

aceito e esperado, o que oculta como o imaginário hegemônico do gênero e da sexualidade é permeado por violência, por poder e por hierarquia.

O quadro em que a violência sexual, embora continuamente alimentada, é vista como uma “exceção”, um “acidente”, é relacionado a como em nossa sociedade está presente uma cultura do estupro, como afirma Lola Aronovich (2012c, s/p):

Eu digo que cultura de estupro é quando temos uma sociedade que tolera e até incentiva o estupro, e que está sempre pronta para culpar a vítima. Costumo dar alguns exemplos (...): se você foi vítima de estupro e estiver procurando ajuda, será mais fácil encontrar na internet vídeos pornôis com simulações de estupro, mostrando estupro como algo excitante, do que instruções tratando de delegacias e exames de corpo de delito.

Em janeiro de 2011, em uma Universidade do Canadá, um policial que ministrou uma palestra sobre segurança afirmou que, para diminuir a incidência de estupros no campus, as mulheres deviam tomar cuidado para não vestirem-se como “sluts”, como vagabundas, vadias. Foi assim que teve início a “Slut Walk”, que no Brasil recebe o nome de “Marcha das Vadias”. Lola Aronovich (2011, s/p), ao relatar sobre o ocorrido, comenta:

(...) faz parte do senso comum culpar a vítima. (...) Homens não estupram mulheres pelas roupas que elas vestem. (...) Assim como não são levados por um desejo sexual incontrolável. Tudo isso é ficção. Homens estupram pelo poder que isso dá. O afrodisíaco é a sensação de poder, de humilhação, de controle, muito mais que o sexo em si. Estupro está muito mais relacionado com violência que com sexo.

Infelizmente, vivemos numa cultura em que nós, mulheres, somos ensinadas a ter muito medo, a nos sentirmos ameaçadas o tempo todo, a não reagir, a não denunciar, a nos sentirmos culpadas. Em suma, ouvimos desde pequenas como devemos nos comportar para evitar o estupro (não vista essas roupas, não ande naquela rua, não saia à noite, cuidado com todos os homens), mas ninguém diz o óbvio. Ninguém ensina os homens a não estuprar. E deveria ser este o foco, certo? Afinal, se um terço das mulheres no mundo é vítima de algum tipo de abuso sexual, é sinal de que tem alguém abusando. E não é um ou outro maníaco isolado. São homens comuns. Calcula-se que entre 70% e 80% dos estupros são cometidos por conhecidos (pais, padrastos, tios, avôs, irmãos, amigos), não por um estranho numa rua escura que não se contém ao ver uma moça de minissaia (ARONOVICH, 2011, s/p).

Em um post de maio de 2012, Lola Aronovich (2012d) relata como as marchas cresceram e são hoje realizadas em diferentes cidades. A figura 5, a seguir, foi montada a partir de imagens publicadas no blog “*Escreva Lola Escreva*”, que se referem a

materiais de divulgação e fotografias das marchas em diferentes localidades.

Figura 5: Marcha das Vadias



Fonte: Blog *Escreva Lola Escreva* (2013) e Acervo Pessoal

“Don’t tell us how to dress, tell men not to rape³⁶” e “Ninguém perguntou o que meu estuprador vestia”, são frases que se contestam a ideia de que as roupas femininas podem, de alguma forma, “provocar” o estupro. “Isso não é um evento sobre sexo, é sobre violência”, diz o cartaz de divulgação da Marcha das Vadias de Recife, evidenciando o combate à violência. “Meu Corpo, Minhas Regras”, do mesmo cartaz e a frase “Meu Corpo, Minha Revolução” escrita no corpo de uma ativista, mostram como a autonomia das mulheres em relação ao próprio corpo é também uma das pautas reivindicadas, assim como o prazer, como é possível notar no cartaz de divulgação da Marcha de Brasília: “Sou feminista porque não abro mão do meu prazer só pra agradar outra pessoa”. O cartaz “Sem Vergonha” se relaciona à contestação de como o prazer é atrelado à vergonha para as mulheres e remete também à expressão “sem vergonha” que é utilizada pejorativamente como forma de desvalorização de comportamentos femininos. O cartaz: “Nossos sonhos e desejos não cabem em uma sociedade machista” ilustra como o

³⁶ Tradução Nossa: “Não diga às mulheres como se vestir, diga aos homens para não estuprarem”.

enfrentamento à violência e a busca por autonomia, por sonhos, desejos e prazer envolve o combate ao machismo.

Retornando à pesquisa do IPEA, é também possível identificar a presença de concepções machistas no fato de que, ao mesmo tempo em que há um alto nível de concordância de que “*Toda mulher sonha em casar*”, 54,9% dos(as) participantes concordaram totalmente ou parcialmente com a frase “*Tem mulher que é para casar, tem mulher que é para a cama*”, na qual está presente o movimento cultural frequente de que as mulheres serão avaliadas e julgadas de acordo com seus comportamentos sexuais. Nesse sentido, discutiremos a seguir como os padrões de gênero influenciam no aprendizado dos padrões sobre a sexualidade feminina e a sexualidade masculina.

3.6. Como os padrões de gênero estão presentes no aprendizado sobre a sexualidade?

O aprendizado sobre os padrões de gênero e o aprendizado sobre a sexualidade, são processo muito imbricados, já que a transmissão da divisão binária entre feminilidade e masculinidade envolve a delimitação sobre quais comportamentos, desejos e prazeres são aceitos, incentivados e valorizados e também quais são reprovados, inferiorizados e silenciados para cada gênero. Como vimos anteriormente, para o modelo normativo de masculinidade vigente, o desejo sexual heterossexual é um elemento central. É frequente a representação de que os homens possuem um impulso sexual sempre forte e presente, difícil de ser contido, havendo a valorização de que a vida sexual comece o mais cedo possível e com o maior número possível de parceiras e experiências sexuais. Ainda que o desejo heterossexual seja tão valorizado, ele é fortemente centrado na genitalidade, de modo que expressões de afeto como ternura, cuidado e carinho são tidas como não masculinas. Já para o modelo normativo de feminilidade, há uma intensa valorização do romantismo, de forma que o prazer sexual geralmente é representado como vinculado ao amor idealizado. E esse amor idealizado é transmitido como heterossexual, com ênfase na importância de que meninas e mulheres se esforcem para agradar e corresponder às expectativas dos parceiros e possíveis parceiros. Predomina uma responsabilização feminina por conquistar e manter o relacionamento, sendo o sexo colocado, muitas vezes, como uma estratégia para alcançar esses objetivos. Há assim, modelos idealizados, regras, padrões e expectativas muito diferentes em relação à sexualidade feminina e à sexualidade masculina, que alimentam, mais uma vez, a compreensão de que mulheres e homens pertenceriam a universos distintos, fariam línguas distintas, teriam formas de viver e se relacionar muito diferentes e mesmo incompatíveis entre si.

O aprendizado sobre a sexualidade, e, mais especificamente, o aprendizado sobre as formas desvalorizadas socialmente sobre como viver o prazer sexual, pode ser evidenciado pelos insultos e ofensas frequentes em nossa cultura: enquanto “puta”, “vadia” e “rodada”, são algumas das agressões direcionadas para as garotas e mulheres como condenação do exercício da sexualidade feminina que não corresponda aos modelos de recato, submissão e passividade vigentes, “viado”, “boiola” e “bicha” são exemplos de xingamentos dirigidos aos garotos e homens que apresentem qualquer comportamento ou desejo que destoe da norma da masculinidade heterossexual.

No livro “*Promiscuidades*”, Naomi Wolf (1997) partiu de autobiografias, das próprias lembranças e de histórias compartilhadas em conversas com outras mulheres para discutir sobre como é o aprendizado em nossa cultura sobre a sexualidade feminina. A autora ressalta como “promíscua” é um termo para uma mulher que tenha passado por qualquer tipo de passado sexual e reflete as mensagens conflitantes recebidas pelas garotas e mulheres sobre sexo:

Todos os dias, uma de nós, garotas adolescentes, poderia ouvir, em conversas no pátio da escola ou nas ruas, os seguintes termos: “puta”, “vaca” e naturalmente “piranha”. Nós fingíamos não lhes dar atenção repetidamente, mas sempre tínhamos a sensação de que uma pequena nódoa ficava guardada, uma demonstração de sujeira. É claro que sabíamos que essas palavras se referiam a nós, aos nossos corpos, aos nossos desejos (WOLF, 1997, p. 243).

Richard Miskolci (2012) ao problematizar sobre o peso dos xingamentos e ofensas no aprendizado sobre os padrões de sexualidade e gênero, afirma:

As pessoas aprendem sobre sexualidade ouvindo injúrias com relação a si próprias ou com relação aos outros. (...) quer você seja a pessoa que sofre a injúria, é xingada, é humilhada; quer seja a que ouve ou vê alguém ser maltratado dessa forma, é nessa situação de vergonha que descobre o que é sexualidade. É claro que (...) tudo é pior pra quem é humilhado e maltratado, mas também não é nada agradável alguém quem mesmo não sendo xingado- descobre que seu colega está sendo humilhado e maltratado por causa disso. É assim que as normas se fazem valer (...) pois essas violências se dirigem a todos e todas, apenas em graus diferentes (MISKOLCI, 2012, p. 33).

Miskolci (2009) afirma ser um engano frequente a ideia de que os(as) que sofrem com a imposição de ideais normativos são somente aqueles(as) vistos(as) como “desviantes”, “estranhos”, “anormais”, aqueles(as) que são discriminados(as) e estigmatizados(as). É preciso levar em consideração o quanto todas as pessoas são atingidas e prejudicadas pelo peso desses ideais. A compreensão de que há uma única

forma correta, saudável e válida de se viver o gênero e a sexualidade mobiliza em todos(as) esforços e preocupações desgastantes para se adequar ao modelo, e também o medo da rejeição e da punição caso isso não ocorra. O peso da normatividade gera limitações e restrições que negligenciam a multiplicidade das formas possíveis de se viver prazeres e desejos, que vão muito além daquelas cerceadas pela norma.

A importância de desconstruir a força dos xingamentos e ressignificar as formas de ser e viver condenadas e estigmatizadas foi um ponto de partida para o surgimento da Teoria *Queer*. O termo “*queer*”, que em inglês significa “estranho” e é utilizado principalmente para desqualificar pessoas homossexuais, é reapropriado e colocado como disparador de críticas e questionamentos, como um veículo de transformação e abertura.

Veja-se, por exemplo, a proposta queer de repensar o aprendizado a partir da experiência da humilhação e do xingamento. Quer dizer, é você tomar o que não era nem considerado passível de ser feito como ponto de partida. É ressignificar como fundamental o que antes não era trazido ao discurso como questão: a normalização pela injúria e pela humilhação (MISKOLCI, 2012, p. 48).

A Teoria *Queer* parte, assim, da abjeção para questionar e buscar subverter as normas sociais. Miskolci (2012) define o abjeto como algo pelo qual alguém sente horror ou repulsa, de modo que se torna temido como contaminador, poluidor, impuro, nauseante. As pessoas são induzidas socialmente a recusarem em si mesmas o que é considerado pela coletividade como sujo, incorreto, anormal. Sobre a relação entre sexualidade e abjeção, o autor discute:

A sexualidade envolve desejo, afeto, autocompreensão e até a imagem que os outros têm de nós. A sexualidade tende a ser vista, por cada um de nós, como nossa própria intimidade, a parte mais reservada, às vezes até secreta, de nosso eu. Assim, não surpreende que a sociedade tenha encontrado nela um meio de normalizar as pessoas. Foi a partir de uma maneira de tornar essa sensação mais íntima, mais preciosa e pessoal em algo que é motivo de chacota, xingamento e humilhação. A abjeção acaba sendo maior via sexualidade porque ali se unem sentimentos mais profundos, em que a pessoa se sente em confronto com a ordem social (MISKOLCI, 2012, p. 40).

A Teoria *Queer*, como afirma Miskolci (2009), tem como proposta uma analítica da normalização, uma crítica aos ideais culturais normativos, não apenas repensando os modelos de recusa, mas também de aceitação, em busca não de assimilação, mas de desnaturalização, questionamento e transformação dos padrões vigentes. Dentre esses padrões, está a heteronormatividade, que discutiremos a seguir.

3.7. O que é a heteronormatividade?

A heteronormatividade se relaciona à compreensão da heterossexualidade como a única forma normal, natural, positiva, saudável, desejável, válida ou mesmo possível de se viver a sexualidade. Guacira Lopes Louro (2009), no capítulo “*Heteronormatividade e Homofobia*” discute como a produção e a reiteração da heteronormatividade é sustentada pelo suposto alinhamento entre sexo-gênero-sexualidade, ou seja, a partir do pressuposto de que “por natureza” os seres humanos nascem como macho ou fêmea; o que os tornará inevitavelmente divididos em dois gêneros complementares- masculino e feminino; complementariedade que supõe que há uma única forma de desejo- o desejo do homem pela mulher e da mulher pelo homem; desejo que deverá ser realizado necessariamente em práticas entre um homem e uma mulher.

A heteronormatividade culmina na negação, na reprovação e na inferiorização de identidades e práticas que não correspondam às normas de gênero e à heterossexualidade, estando relacionada, assim, à homofobia. Embora o termo “fobia” remeta a reações emocionais e a expressões individuais de medo, repulsa e rejeição, o conceito de homofobia é utilizado para abranger aspectos sociais, culturais e políticos presentes na manifestação do preconceito e da discriminação. Como discute Rogério Diniz Junqueira (2009):

É preciso, então, considerar a existência de um variado e dinâmico arsenal de normas, injunções disciplinadoras e disposições de controle voltadas a estabelecer e a determinar padrões e imposições normalizantes no que concerne a corpo, gênero, sexualidade e ao que lhe diz respeito, direta ou indiretamente. A homobofia, nesse sentido, transcende tantos aspectos de ordem psicológica, quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e intersexo, etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única seqüência sexo-gênero-sexualidade centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero (JUNQUEIRA, 2009b, p. 375).

Fernando Teixeira Filho (2013) argumenta na mesma direção:

Visando a manutenção do estatuto de normalidade e naturalidade da heterossexualidade, a homofobia aparece como uma defesa psíquica e social (preconceito) que visa afastar todo e qualquer questionamento ou desestabilização da naturalização da norma(lidade) da conduta heterossexual, fundando, assim, bases para a construção do masculino e do machismo. Suas armas são inúmeras, mas todas têm como

princípio a produção de opressão em relação a todos aqueles que ousam sentir, experimentar ou dizer de suas práticas sexuais diversas da heterossexualidade, de modo que estas pessoas passam a serem estigmatizadas (TEIXEIRA FILHO, 2013, p. 136).

No livro “*A Experiência Homossexual*”, Marina Castañeda (2007) discute como somos educados desde a infância de acordo com referências e códigos que validam e legitimam o desejo e as práticas heterossexuais. A autora discorre sobre como esse caráter de “normalidade” atribuído à heterossexualidade culmina na homofobia:

A homofobia preenche várias funções importantes nos heterossexuais. Legitima sua própria orientação sexual; faz-lhes sentir que seus valores morais e seus costumes sexuais são naturais e até mesmo superiores; permite a eles se sentirem orgulhosos de sua masculinidade ou femilidade. Sejam ou não felizes nas suas relações amorosas, desfrutem ou não de suas vidas sexuais, pelo menos têm a satisfação de se sentir “normais”. A homofobia tem como função primordial, portanto, “normalizar” a heterossexualidade e lhe dar um verniz de superioridade moral que talvez não existisse em outra situação (CASTAÑEDA, 2007, p. 145).

Louro (2009) afirma que o status de normalidade e naturalidade atribuído à heterossexualidade é mantido por meio de investimentos continuados e repetitivos, através de estratégias e táticas aparentemente sutis. A heterormatividade adquire consistência- e invisibilidade- justamente porque é empreendido um processo continuado e constante pelas mais diversas instâncias sociais. Dentre essas instâncias, está a escola, como discutiremos a seguir.

3.8. Qual é a importância da discussão sobre gênero e do combate ao preconceito no espaço da escola?

A escola é um espaço educativo e de socialização no qual crianças, adolescentes e jovens passam grande parte do tempo e vivem diferentes formas de aprendizado, por meio dos conteúdos transmitidos no decorrer das aulas e estudos e também nas interações e vínculos que se estabelecem. Assim, é importante destacar como os padrões, os preconceitos e as violências que ocorrem na sociedade no geral também estão presentes no espaço da escola, o que torna necessária a reflexão sobre como será o posicionamento de educadores e educadoras diante dessas questões.

Marcadores como classe, raça/etnia, gênero, orientação sexual e padrões estéticos atravessam as relações cotidianas de forma que muitas vezes as diferenças não são respeitadas e valorizadas, mas sim, tornam-se fonte de hierarquias, estigmatizações e

exclusões. “*Eles me chamam de feia, macaca, chata e gorda. Eu fico muito triste*”, foi uma frase dita por uma das participantes da pesquisa realizada por Anderson Ferrari (2010), com estudantes de uma escola pública de Ensino Fundamental em Minas Gerais, que deu nome ao artigo do autor que discute as práticas de agressividade e humilhação que ocorrem, cotidianamente, entre alunos(as), entre professores(as) e alunos(as), entre professores(as), entre funcionários(as), ou seja, envolvem todos(as) aqueles(as) que estão presentes no espaço da escola. O fato daqueles(as) que destoam dos padrões vigentes serem alvos de piadas, provocações, deprecições e ofensas constitui em uma intensa violência que participa na construção das subjetividades, tanto daqueles(as) que sofrem, quanto daqueles(as) que praticam e dos(as) que presenciam as discriminações.

“A violência e a discriminação que sofrem todos aqueles que são considerados diferentes é intolerável, (...) é uma tarefa fundamental da escola educar para superar as condições que produzem essa violência”, afirmam Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Ari Fernando Maia (2009; pp. 45-56), no capítulo “*Educação para as questões de gênero e diversidade sexual*”. Os autores assinalam a importância do reconhecimento sobre como os padrões são reproduzidos de forma irrefletida, sendo reforçados modelos ideais que contribuem para a manutenção da discriminação e do preconceito. Exemplificam apontando a importância discussão sobre as imagens presentes nos livros didáticos:

(...) as imagens padronizadas dificilmente correspondem às realidades dos alunos- e dos professores, mas continuamos a reproduzi-las impensadamente. Por exemplo: modelos de família padrão e sempre feliz, composta pela mãe, pai, menino e menina, modelos de pessoas, a maioria branca, magra, corpo perfeito, sem deficiência, modelos de casais heterossexuais que expressam felicidade e harmonia etc. (MAIA, MAIA, 2009, p. 62).

Lúcia Facco (2009) também aborda a questão da apresentação de modelos idealizados nos materiais didáticos, problematizando sobre como a família é representada:

O reforço de uma família-padrão totalmente idealizada e impossível para a maioria das crianças brasileiras não permite a identificação e, muito menos, a discussão dos problemas sociais que as afligem, ao mesmo tempo que faz que essas crianças se sintam inferiores, já que não têm uma família como a mostrada nos livros escolares. A mensagem subentendida é: se são mostradas nos livros escolares, é porque devem ser as famílias “certas” (FACCO, 2009, p. 77).

Como afirma Richard Miskolci (2012): “é no ambiente escolar que os ideais coletivos sobre como deveríamos ser começam a aparecer como demandas e até mesmo como imposições, muitas vezes de uma forma muito violenta” (MISKOLCI, 2012, p. 39).

Muitas vezes aqueles(as) que são inferiorizados compartilham dos sentidos que estabelecem a exclusão e incorporam a noção de inadequação, por terem sido socializados(as) inseridos(as) na mesma lógica discriminatória. No decorrer do processo educativo, aqueles(as) que sofrem pelo preconceito também aprenderam a compreender as características pelas quais são discriminados como indesejáveis, passíveis de reprovação e rejeição.

Maia e Maia (2009), ao ressaltarem a importância do combate à violência de gênero, discutem como muitos padrões são reproduzidos de forma irrefletida. É importante que os(as) educadores(as) tenham um espaço para olharem para a própria história, para a própria trajetória de educação sexual, para reconhecerem os próprios preconceitos e como eles foram aprendidos. É necessário buscar identificar e problematizar como concepções e atitudes discriminatórias podem estar presentes na prática profissional sem que sejam reconhecidos e compreendidos de forma crítica. São enumeradas algumas ações frequentes sobre as quais é preciso haver a reflexão e a busca por transformação:

- A reprodução de opiniões, piadas, crenças, estereótipos, enfim, de discursos que reproduzem ou naturalizam as desigualdades de gêneros.
- A ausência de reflexão sobre as características que constituem a identidade masculina ou feminina que existe e se constrói continuamente em cada educador e em cada aluno.
- A naturalização das diferenças de gênero, acompanhada pela avaliação desigual do desempenho e das habilidades dos alunos segundo os preconceitos existentes sobre essas diferenças.
- A constante vigília sobre os supostos desvios nos corpos, condutas e identidades dos alunos, visando enquadrar a todos nos padrões heteronormativos.
- A adoção de materiais didáticos ou a elaboração do currículo escolar sem considerar os vieses de gênero presentes em ambos.
- A ausência de discussão sobre a ocorrência de situações violentas que envolvem discriminação a partir dos gêneros (MAIA; MAIA, 2009, p. 59).

O silenciamento sobre as questões de gênero, sobre o preconceito e a violência não corresponde, de forma alguma, a uma posição neutra. Como afirma Rogério Junqueira (2009) evitar esses temas e recobri-los com silêncio pode ser uma forma muito eficaz de sustentar as normas e preservar intacto todo um quadro de desigualdade e opressão.

Desta forma, é necessário problematizar como muitas vezes a postura dos educadores(as) diante das situações de discriminação é de omissão, minimizando as atitudes violentas e considerando que se tratam de brincadeiras “naturais” e esperadas entre os alunos e alunas. Há também situações em que os(as) profissionais incentivam ou

mesmo agem de forma preconceituosa, como se marcar e inferiorizar os(as) considerados(as) diferentes fosse uma forma de pressioná-los(las) para corresponder aos padrões vigentes. Um exemplo é a postura frequente diante da homofobia. No artigo “*Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia*”, Zulmira Borges e Dagmar Meyer (2008) problematizam como é recorrente que sejam dirigidas atitudes “corretivas” aos(às) estudantes que destoam das normas de gênero e sexualidade, como encaminhar para a direção, chamar a família para uma reunião na escola, advertir sobre a importância de se adequar aos padrões. Isso é feito, muitas vezes, com a justificativa de ser para o “bem” do(a) aluno(a):

A norma heterossexual é tão estruturante das relações sociais que, certamente, as professoras agem dessa forma por acreditarem que a educação das crianças de modo adequado consiste em encaixá-las na norma que é heterossexual e facilitar sua convivência dentro de uma cultura que é heteronormativa e homofóbica (BORGES; MEYER, 2008, p. 65).

No capítulo “*Um corpo estranho na sala de aula*”, Miskolci (2005) afirma que marcar os sujeitos que são considerados como “estranhos” faz parte da imposição da mensagem de que todos(as) devam corresponder aos modelos de normalidade, o que envolve rejeitar e depreciar os(as) que não correspondem. As discriminações não são simplesmente “acidentes” que acontecem de forma inesperada no espaço da escola, mas são, muitas vezes, ensinadas e estimuladas no contexto escolar. As problematizações de Rogério Junqueira (2008) no capítulo “*Escola e Enfrentamento à Homofobia: Pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator da melhoria da educação de todos*”, seguem na mesma direção:

De formas sutis e variadas- e sempre de maneira insidiosa- a homofobia faz parte de nossas rotinas diárias. Ela é consentida e ensinada nas nossas escolas. Está no livro didático, perpassa nossas concepções curriculares e as relações pedagógicas. Aparece na hora da chamada, nas brincadeiras e nas piadas (aparentemente “inofensivas” e até usadas como instrumento didático). Está nos bilhetinhos, carteiras, quadras, paredes dos banheiros, na dificuldade de ter acesso ao banheiro. Move muitas brigas no intervalo e no final das aulas. Está nas rotinas de ameaças, intimidação, chacotas, humilhações, marginalização, exclusão etc. (JUNQUEIRA, 2008, p. 36).

A homofobia se manifesta de forma ainda mais explícita na intensa violência sofrida por travestis, transexuais e transgêneros, que muitas vezes não tem o direito da permanência no espaço escolar ou mesmo do acesso garantido, como discute Wiliam

Siqueira Peres (2009) no capítulo “*Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira*”:

É importante lembrar que quando uma travesti chega à escola, ela já viveu alguns transtornos na esfera familiar e comunitária, apresentando uma base emocional fragilizada que a impede de encontrar forças para enfrentar os processos de estigmatização e a discriminação que a própria escola, com seus alunos, professores, funcionários e dirigentes, exerce, dada a desinformação a respeito do convívio com a diferença e suas singularidades. A intensidade da discriminação e do desrespeito aos quais as travestis são expostas nas escolas em que desejam estudar leva, na maioria das vezes, a reações de agressividade e revolta, ocasionando o abandono dos estudos ou a expulsão da escola, o que conseqüentemente contribui para a marginalização, pois bem sabemos da importância dada aos estudos e à profissionalização em nossa sociedade (PERES, 2009, p. 246).

A necessidade do combate à homofobia se evidencia por como a violência homofóbica é recorrente e mesmo naturalizada em nossa cultura. Como assinala Rogério Diniz Junqueira (2007), no Brasil é registrado um assassinato por motivo homofóbico a cada três dias.

Junqueira (2008) e Miskolci (2012) ressaltam como para que o contexto escolar possa ser um espaço de transformação e combate à violência e ao preconceito, é preciso, antes, que a escola seja reconhecida como recorrente reprodutora de violência e preconceito. É necessário, para aqueles(as) que trabalham com a educação, um processo contínuo de reflexão crítica e questionamento: “A gente vai educar para quê? Qual forma de educar pode transformar as normas e convenções culturais, flexibilizá-las ao invés de impô-las ferreamente e às custas da humilhação de alguns ou do sofrimento de todos/as?” (MISKOLCI, 2012, p. 20). Junqueira (2009, p. 36) assinala como, apesar dos muitos desafios, são também muitas as potencialidades do espaço escolar:

Mesmo com todas as dificuldades, a escola é um espaço no interior do qual e a partir do qual podem ser construídos novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimentos, sobretudo se forem ali subvertidos ou abalados valores, crenças, representações e práticas associados a preconceitos, discriminações e violências de ordem racista, sexista, misógina e homofóbica.

Um dos espaços onde podem ser construídos novos padrões de aprendizado e onde o preconceito, a discriminação e as diferentes formas de violência podem ser alvo de reflexão crítica, questionamento e problematização é o espaço dos projetos de Educação Sexual, que discutiremos no capítulo a seguir.

Capítulo 4

A Importância da Discussão sobre Prazer e da Leitura Crítica da Mídia nos Grupos de Educação Sexual

4.1. O que é educação sexual?

Como abordamos no segundo capítulo, a sexualidade é um conceito amplo que envolve a subjetividade, a afetividade, os desejos, os prazeres, as fantasias e a construção de vínculos. Assim, a sexualidade está presente por toda a nossa vida, desde que nascemos. O aprendizado sobre a sexualidade ocorre também desde a infância, com a assimilação de concepções, valores, padrões e regras presentes na cultura em que se está inserido(a), transmitidos a partir da relação com muitas instâncias como a família, a escola, o círculo social, os meios de comunicação, entre outras. A esse processo de aprendizado, que envolve tanto ações diretas, explícitas e intencionais, quanto não intencionais, implícitas e sutis, damos o nome de **educação sexual**.

Ao discutirem sobre a educação sexual na infância Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Ari Fernando Maia (2005) no livro “*Sexualidade e Infância*”; Guacira Lopes Louro (1997) no livro “*Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*”; Judite Guerra (2005) na dissertação “*Dos segredos sagrados: sexualidade e gênero no cotidiano de uma escola infantil*” e Maria Cecília Pereira Silva (2007) no livro “*Sexualidade começa na infância*” apontam como o aprendizado sobre sexualidade envolve, muitas vezes, um intenso silenciamento. As crianças expressam com frequência curiosidade e desejo de conhecer o próprio corpo e as sensações prazerosas que esse pode proporcionar; de conhecer o corpo dos(as) outros(as); de entender sobre as diferenças anatômicas entre meninas e meninos e sobre as separações culturalmente estabelecidas entre o que é considerado como feminino e como masculino; de receber explicações sobre como acontece o nascimento, a gravidez, a reprodução, o sexo, dentre outras questões sobre o desejo, sobre o prazer e sobre os relacionamentos; além de dúvidas que surgem diante do contato com imagens e conteúdos sobre sexo e sexualidade em materiais midiáticos. O interesse e a curiosidade infantis são com frequência recebidos pelos adultos com reações de constrangimento e repreensão, tornando o campo da sexualidade uma área recoberta pelo segredo, restringindo a possibilidade de compreensão e contribuindo para que o sexo, o corpo e o prazer sejam vistos como algo proibido, errado, sujo, fonte de culpa e vergonha. No cotidiano da família e da escola, as perguntas, os jogos sexuais e a masturbação infantil são muitas vezes alvos de reprovação, de condenação e de monitoramento:

Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas,

limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle (LOURO, 2010, p. 27).

Enquanto as crianças aprendem com os adultos a reconhecer e nomear diferentes reações e sensações como alegria, tristeza, raiva, fome, medo, cansaço, quando essas sensações e reações referem-se à sexualidade o aprendizado não ocorre da mesma forma. Como aponta Jurandir Freire Costa (2002) ou essas reações e sensações não são nomeadas, ou são nomeadas sem a carga afetiva e de prazer (como nas descrições médico-fisiológicas), ou são descritas a partir de expressões valorativas como “é feio”, “é errado”, “é proibido”.

As emoções ligadas ao sexo permanecem vagas e indeterminadas até que, na puberdade e na idade adulta, novas regras de uso, agora apoiadas em exemplos de conduta, venham esclarecer sua significação. A idéia de que a “experiência sexual” é, pela própria natureza, imprecisa e indizível, já faz parte da definição que damos, em nossos hábitos linguísticos, do que são os sentimentos e sensações sexuais(...). Em outras palavras, aprender o que é sexo é aprender ao mesmo tempo o que é proibido e permitido em matéria de sexo (COSTA, 2002, p. 146-147).

Há o intenso aprendizado de regras sobre o que pode ou não pode ser dito, o que pode ou não pode ser feito, o que pode ou não pode ser mostrado, o que evidencia, como afirma Laura Kipnis (1996), como a educação envolve inúmeras exigências de controle sobre o corpo, em que as reações corporais são muitas vezes transmitidas como motivo de nojo, vergonha e constrangimento.

O controle da sexualidade na adolescência é uma questão abordada por Jorge Luiz Vargas Montardo (2008) que discute como a curiosidade, o desejo e o prazer são cercados por representações de riscos, perigos, ameaças e armadilhas. É recorrente a compreensão de que, com as transformações hormonais da puberdade, emergiria um desejo sexual forte e intenso que requer cuidados e vigilância, já que os(as) adolescentes seriam, “naturalmente”, imaturos(as), inconsequentes e irresponsáveis. Assim, é reforçada a concepção da sexualidade como algo negativo, como algo a ser contido e monitorado.

Ainda que não haja o diálogo, o esclarecimento e a formação intencional sobre as questões relacionadas à sexualidade, são muitas as mensagens que consolidam o aprendizado de padrões e regras sobre o corpo, a nudez, o gênero, o amor, o casal, o sexo. Embora predomine a ideia de que hoje há mais liberdade, permanecem muito presentes

concepções que revestem a sexualidade de uma conotação ilícita, permeada por interditos. Como problematiza Michel Dorais (1994), mesmo na idade adulta, são muitas as restrições acerca do que pode ser expresso abertamente.

Segredo, silêncio, vergonha, constrangimento, nojo, proibições, interdições, sujeira, culpa: se elementos tão carregados negativamente perpassam o aprendizado sobre sexualidade, torna-se relevante reconhecer como pode ser contraditório que sejam transmitidas com tanta frequência em nossa cultura mensagens que veiculam o sexo ao prazer e afirmam a importância de uma vida sexual satisfatória para a saúde, para o bem-estar, para a felicidade, como discutimos nos capítulos 1 e 2. É necessário considerar essa contradição para pensarmos como abordar a relação entre sexualidade e prazer em grupos de educação sexual, questão que discutiremos no decorrer deste capítulo. Antes, apresentaremos alguns exemplos sobre como os temas sexualidade e gênero estão presentes no espaço da escola.

4.2. Como a sexualidade e o gênero estão presentes no espaço da escola?

Como forma de sintetizar as discussões que realizamos até aqui, apresentaremos algumas cenas que se referem à presença dos temas sexualidade e gênero no contexto escolar, elaboradas a partir de experiências que vivi em intervenções em educação sexual. Não são relatos diretos, mas sim, situações criadas a partir de aspectos que se destacaram nas intervenções desenvolvidas. Após a apresentação das cenas apontaremos alguns elementos sobre a importância do diálogo sobre sexualidade e gênero com crianças, adolescentes e na formação de educadores(as).

Contexto I: Sexualidade e Gênero na Educação Infantil.

A semana estava muito quente e as crianças estavam agitadas. As educadoras decidiram que, na sexta-feira, a atividade seria “banho de esguicho”. Escreveram para as famílias pedindo que fossem trazidos biquínis e sungas. As crianças adoraram a proposta e chegaram alegres à escola naquele dia. Todas participariam, do grupo 2 ao grupo 6 (o número dos grupos se referia à idade das crianças).

1 *Enquanto se trocavam, algumas crianças diziam, umas para as outras: “se você mostrar o seu pipi eu te mostro minha perereca!”. Quando a professora entrou na sala, uma aluna perguntou a ela: “Por que as meninas não têm pipi?”. A professora*

sentiu-se constrangida e, tentando mudar de assunto, respondeu rispidamente “porque sim, porque são meninas, você trouxe a sua toalha, onde está?”.

2 *Uma aluna do grupo 5 se escondeu, quieta, no canto da sala. Depois que todas as crianças saíram, a professora foi conversar com ela, que parecia estar triste e envergonhada. Quando a professora perguntou sobre o motivo de não querer participar do banho de esguicho, ela respondeu: “estou muito gorda, todos vão rir de mim”. A professora buscou consolá-la dizendo: “você é muito nova para se preocupar com isso!”.*

3 *As crianças estavam no pátio, eufóricas. Começaram a fazer bolinha de sabão usando o shampoo. Duas amigas começaram a ensaboar uma à outra, e as demais crianças começaram a imitá-las. Uma das funcionárias interrompeu a brincadeira, gritando, nervosa: “Podem parar! Isso não se faz!” Ao ver que dois meninos estavam se ensaboando, repreendeu: “O que é isso? Vocês estão parecendo dois viadinhos!”.*

4 *Um aluno de três anos está brincando no banho com um urso de borracha cor-de-rosa. O irmão dele, do grupo seis, quando o vê, tira o brinquedo da mão dele e joga no chão dizendo: “Este urso é um urso gay!”.*

5 *Os meninos das turmas mais velhas iniciaram uma brincadeira: todos deviam abaixar a sunga, rapidamente e o desafio é que as educadoras não percebessem. Mas logo elas estranharam tantos risos e, sem identificarem exatamente do que a brincadeira se tratava, resolveram intervir e anunciaram que todos estavam de castigo, sem poderem continuar a participar do dia do banho.*

6 *Um dos meninos, que tinha por volta de 4 anos, se afastou do grupo e ficou em um canto, mexendo e brincando com o próprio pênis. Uma funcionária, ao notá-lo, repreendeu imediatamente: “pode tirar a mão daí! Tão pequeno e já é tarado desse jeito!”.*

7 *No final do dia, quando as crianças já tinham ido para a casa, as educadoras conversavam sobre como o dia tinha sido cansativo. Uma das professoras sugeriu: “acho que não devemos mais propor atividades como esta, causam muita confusão!”. Uma funcionária ressaltou: “essas crianças estão muito precoces, não sei o que acontece, devem estar assistindo muita televisão e as famílias não fazem nada!”. As outras concordaram e lamentaram, uma delas enfatizou: “O mundo está perdido!”.*

Contexto II: Sexualidade e Gênero no Ensino Fundamental

O ano está chegando ao fim em uma escola do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Todos(as) estão participando da organização de uma festa de formatura para as turmas do quarto ano. Os alunos e alunas demonstram muitas ansiedades e expectativas com relação a esse momento, que será de comemoração e despedida.

8 *As meninas escolheram uma música para dançarem na festa e se reuniram para preparar e ensaiar a coreografia. Ao apresentarem para a professora a música escolhida e a dança que planejaram, ela fica muito decepcionada e incomodada, pois se trata de um funk, repreendendo-as: “se vocês dançarem isso na festa, o que as famílias vão pensar da escola? Que aqui nós formamos vadias? Que estamos preparando vocês para rodar bolsinha na esquina? O que é isso, vocês precisam saber se comportar, daqui a pouco vão começar a namorar e garoto nenhum vai levar a sério meninas que não prestam!”.*

9 *As meninas, frustradas e irritadas, se reúnem para pensar uma nova música. Danilo, que faz aulas de jazz fora da escola, pede para participar e ajudar na coreografia. Quando os outros meninos veem Danilo ensaiando com as colegas, começam a cantar, em coro “bichinha, viadinho, bichinha, viadinho”, e colam um desenho do garoto vestido de bailarina dizendo “sou a Danila”.*

10 *A professora responsável pela turma conta para a professora de educação física sobre a situação e pede para que ela mesma escolha a música e monte a coreografia, para evitar novos conflitos. As duas decidem que, para que tanto meninas quanto meninos participem, o melhor é fazer uma dança em pares, como uma valsa, e que, para impor que todos(as) participem, a apresentação valerá nota na matéria de educação física.*

11 *Os(as) alunos(as) não ficaram muito contentes com a decisão das professoras. Na hora de escolher os pares, novo conflito: os meninos em sua maioria não querem dançar, as meninas querem escolher com quem dançarão e muitas delas querem dançar com o mesmo menino, e começam a brigar entre si. As professoras decidem que os pares serão de acordo com o tamanho e um menino reage de forma agressiva, dizendo: “eu não quero ficar perto dessa menina preta, gorda e horrível. Ela fede!”. A garota começa a chorar.*

12 *Com os pares escolhidos por ordem de tamanho, Luana dançará com Alexandre, por quem está apaixonada. Eles quase não conversam, então dançar juntos pode ser uma oportunidade de se aproximarem. Durante a aula de inglês, o professor surpreende Luana lendo uma revista, que está escondida por um livro. O professor pega a revista e começa a fazer piadas para a sala toda com o título da matéria “Dicas para conquistar o gato dos seus sonhos”.*

13 *Uma aluna do quarto ano não quer participar dos ensaios nem da festa de formatura. Quando as professoras perguntam o porquê, ela fica em silêncio, se retrai, não quer explicar. Outra aluna da escola, que é sua vizinha, conta para a professora de educação física, em tom de fofoca: “Os pais dela se separaram ano passado, e agora a mãe dela está morando com uma mulher, virou sapatão. Ela está com vergonha, com medo de que elas venham na festa e todos descubram esse segredo”.*

14 *Paula, Maria e Rita são três alunas do quarto ano que moram em um abrigo, para onde se mudaram quando eram mais novas por terem sofrido alguma forma de negligência e violência na família. Naquela semana, era aniversário da mãe de Rita, que ela não via há 3 anos. Quando recebeu o convite de formatura, que começava com “Prezados pais”, Rita começou a chorar e as amigas tentaram consolá-la.*

15 *No dia da festa de formatura, a diretora fez um discurso, antes da apresentação da dança. Diz: “Essa é a primeira de muitas conquistas. Hoje, estão se formando no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, logo terminarão o Ensino Médio, farão faculdade e terão um emprego em algo que gostam muito. Escolhemos para a dança um baile para representar também algo que acreditamos muito: no amor, nos laços que ligam a família. Encontrar alguém que ame, casar e ter filhos também serão futuras conquistas, em uma vida repleta de realização e felicidade. Palmas para a entrada e para o futuro dos formandos!”*

Contexto III: Sexualidade e Gênero no Ensino Médio.

Uma psicóloga é convidada a trabalhar em uma escola de Ensino Médio, principalmente com os(as) alunos(as) do terceiro ano, diante da demanda de que este é um momento que eles sentem muita ansiedade, dificuldades para se concentrarem nas aulas e se organizarem nos estudos, têm muitas dúvidas sobre a escolha profissional e muita insegurança com relação ao vestibular.

16 *Um funcionário procura a psicóloga para relatar uma situação que aconteceu na matrícula. Chegou para se inscrever uma garota de cabelos compridos,*

maquiada, usando um vestido colorido. Na hora da apresentação dos documentos, o funcionário se surpreendeu: o nome escrito no documento era Vítor. A futura aluna sentou-se, quieta. A mãe fez o pedido para que os(as) professores(as) fossem avisados(as) para, na hora da chamada, dizerem ao invés de Vítor, “Vic”, o nome social de sua filha. O funcionário, confuso, responde que imagina que essa medida não será possível.

17 Um aluno procura a psicóloga para falar sobre os conflitos que está vivendo com relação à escolha profissional. Ele está decidido a fazer Arquitetura, gosta muito e tem habilidades para desenhar, e é muito interessado pelo curso. Entretanto, a família não aceita, diz que Arquitetura é um curso para “gays” e que não aceitarão este “estilo de vida”. Dizem que ele deve fazer um curso de “macho”, como engenharia ou medicina. O aluno tem uma namorada, não se identifica como homossexual e não sabe como lidar com as resistências da família, afinal, depende financeiramente deles(as) para poder fazer a faculdade.

18 Dois alunos namoravam, e terminaram o relacionamento na semana anterior, por iniciativa da garota. O garoto, com raiva da decisão dela, postou fotos da ex-namorada nua em uma rede social, e enviou para todos(as) da escola. A mãe da aluna fez um boletim de ocorrência e procurou a psicóloga pedindo providências, pois todos(as) estavam condenando a garota por ter tirado fotos pelada, chamando-a de “vadia” e “piranha”.

19 Uma aluna procura a psicóloga muito nervosa, chorando, contando que fez o teste e descobriu que está grávida e que prosseguir com a gravidez significa interromper todos os seus planos, de estudar, passar em um vestibular e fazer faculdade. Ela está decidida a fazer um aborto, e está pensando em formas de conseguir o dinheiro. Pede ajuda à psicóloga sobre o que fazer.

20 Os (as) alunos(as) criaram uma página em uma rede social onde postam fotos, narram e comentam histórias que acontecem no colégio, dentre elas relatos de festas, paqueras, namoros e outras interações entre os(as) adolescentes. Ao visitar a página, a psicóloga se surpreende com o número frequente de provocações e deboches, muitos deles com teor machista e homofóbico. Pensando em propor uma intervenção envolvendo os(as) professores(as) da escola para o enfrentamento à violência e ao preconceito, abre o tópico “Melhores Aulas” para conhecer mais sobre a relação entre os(as) professores(as) e os(as) alunos(as). Mais um susto: nos comentários sobre os momentos mais animados das aulas, muitos(as) adolescentes relatam piadas dos(as)

próprios(as) professores(as) que envolvem estereótipos e estigmatizações relacionados à sexualidade e ao gênero.

Discussão

As cenas apresentadas ilustram como, assim como um espaço de ensino, a escola é um espaço de convivência, socialização, trocas e descobertas tanto entre educadores(as) e alunos(as) quanto entre as crianças e entre os(as) adolescentes. Além de ser um espaço permeado por experiências de prazer- o prazer de aprender, o prazer de conhecer, o prazer de interagir, o prazer de se desenvolver- é também no contexto escolar que determinadas formas de ser e se comportar são transmitidas como corretas, válidas, desejáveis e outras são condenadas, desvalorizadas ou silenciadas.

Com relação ao aprendizado sobre o corpo, podemos destacar a partir da descrição sobre o dia do banho de esguicho na escola de Educação Infantil, como a curiosidade, o interesse e o prazer expressos em relação ao próprio corpo e ao corpo dos(as) outros(as) são muitas vezes abordados com censuras, proibições e silenciamentos. Ao invés de respondidas e esclarecidas, as dúvidas são recebidas com reações evasivas ou de repreensão, assim como as brincadeiras, comportamentos e comentários relacionados à sexualidade. Diante da alegria das crianças em descobrirem-se (no duplo sentido do termo, usando menos roupas e podendo olhar e conhecer mais os corpos que geralmente estão vestidos) as educadoras demonstraram sensações de incômodo e constrangimento (como nas cenas 1, 3, 5, 6 e 7), o que está relacionado com a história de educação sexual que elas mesmas receberam. Como afirma Ana Cláudia Maia (2005), no capítulo “*Diálogos sobre a Sexualidade com a Criança*”:

Toda criança é muito curiosa. Temos tendência a estimular essa curiosidade quando se trata de assuntos como a natureza, a língua, a história, etc., mas não o fazemos quando se trata da sexualidade. Por quê? Porque este é um assunto que inibe muito os adultos e que eles acham que seria melhor se fosse esquecido! (...) O problema é que o tema é cercado de tabus, o que acaba por culminar em uma situação em que há pouco diálogo (MAIA, 2005, p. 121).

Ao abordarem a questão da formação de educadores(as) no artigo “*Reeducação Sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a*”, Mary Neide Damico Figueiró, Heloísa de Oliveira Kawata e Karen Mayumi Nakaya (2010) discorrem sobre a importância de um espaço para que os(as) educadores(as) possam voltar-se para as próprias vivências e representações, repensando os tabus, os medos e preconceitos que fizeram parte da própria história de educação sexual. A abordagem do tema sexualidade

não se esgota no preparo técnico, didático e instrumental, mas implica uma atividade contínua de reflexão crítica.

Nas cenas apresentadas foi possível notar, por parte das(os) educadoras(as) o uso de expressões vagas como “*Isso não se faz!*” (cena 3), “*Tire a mão daí!*” (cena 6), uso que evidencia como, além de não haver um diálogo aberto e esclarecimentos sobre o corpo e sobre a sexualidade, muitas vezes os aspectos que se referem a esses temas não são nem mesmo nomeados. Enquanto em outras situações diriam “não coce a ferida” ou “tire o dedo do nariz”, em relação ao contato com os órgãos genitais ou a práticas de masturbação e jogos sexuais, o que é alvo de repreensão acaba nem mesmo sendo dito em voz alta. Sem que tenham a possibilidade de compreender o que motiva essas reações, as crianças assimilam que o corpo e a sexualidade são cercados por uma aura de proibição, culpa e vergonha. Outro exemplo sobre expressões utilizadas ocorre quando a educadora diz que um dos meninos é “*tarado*” (cena 6), em um movimento que atribui ao olhar infantil a malícia adulta, ensinando mais uma vez que um comportamento é condenado sem que haja diálogo, explicações e esclarecimentos sobre o que causou incômodo. Logo as crianças aprendem que devem censurar suas curiosidades, evitá-las, ou então manifestá-las de forma escondida, como ocorreu no caso dos meninos que brincavam de abaixar a sunga o mais rapidamente possível, em que o principal desafio do jogo era que as educadoras não percebessem (cena 5).

Desde cedo na infância, são também aprendidos padrões normativos e preconceitos, como quando um irmão repreende o outro por brincar com o urso rosa, afirmando que o urso seria “*gay*” (cena 4). Muitas vezes, são os(as) próprios(as) educadoras(as) que, ao invés de desconstruírem, reforçam esses padrões, como a professora que, ao se dirigir a dois amigos que se ensaboavam, condenou-os dizendo que pareciam “*dois viadinhos*” (cena 3). Como afirma Lúcia Facco (2009) as crianças reproduzem, na interação entre elas, os padrões que foram aprendidos com os adultos. Com a forte presença do preconceito homofóbico em nossa sociedade, é frequente que as crianças aprendam que palavras como “*bicha*”, “*viado*”, “*gay*”, são utilizadas como ofensas, como xingamentos, de forma depreciativa, antes mesmo de ser possível entenderem o que essas palavras significam. Assim, os preconceitos são alimentados e ensinados continuamente, desde muito cedo. A omissão, em situações como essa, contribui para que a discriminação seja reforçada.

No contexto do Ensino Fundamental, para demonstrar reprovação diante da coreografia apresentada pelas meninas, a educadora referiu-se à possibilidade delas serem

vistas como “*vadias*” e também utilizou termos como “*rodar bolsinha na esquina*” e “*não prestar*” (cena 8). Esses termos representam como é ensinado às meninas, desde cedo, que aquelas que se comportam diferente das expectativas de recato, docilidade e passividade, relacionadas ao modelo de feminilidade vigente, poderão ser discriminadas e inferiorizadas, assim como uso dos termos “*bicha*” e “*viadinho*” (cena 3; cena 9) como depreciativos está relacionado à reprodução das normas vigentes que inferiorizam meninos e homens que não correspondem ao modelo valorizado de masculinidade heterossexual. Novamente é preciso ressaltar que esses padrões são base para diversos preconceitos e estigmatizações e, ao invés de reproduzidos, precisam ser discutidos e desconstruídos no espaço da escola.

Os padrões normativos relacionados ao gênero, ao corpo, à raça/etnia e à heteronormatividade são também reproduzidos pelos(as) próprios(as) alunos(as), em situações que muitas vezes envolvem atitudes que discriminam, depreciam e humilham colegas, como na situação ocorrida no Ensino Fundamental em que o aluno que dança jazz recebe ofensas homofóbicas por meio de insultos e de um desenho (cena 9); na situação em que a aluna de Ensino Médio ao ter sua foto difundida na internet passa a ser desrespeitada e chamada de “*vadia*” e “*piranha*” (cena 18); nas provocações e deboches publicados na página do colégio em uma rede social (cena 20) e na situação da escolha de pares na formatura em que um aluno humilha a colega chamando-a de “*gorda, preta, horrível e fedida*” (cena 11). As violências vividas e presenciadas tornam-se parte do processo de constituição da subjetividade, de forma que os padrões são assimilados e têm forte influência nos próprios sujeitos que sofreram ou temem sofrer discriminação. Já na Educação Infantil há o exemplo da aluna que não quer participar do banho do esguicho com medo de ser alvo de piadas por considerar-se gorda (cena 2), enquanto no Ensino Fundamental a aluna não quer participar da formatura pela possibilidade de ser alvo de fofocas e comentários depreciativos por sua mãe se relacionar com uma mulher (cena 13). Ao invés de sentirem-se protegidos(as) no espaço da escola, com frequência as crianças e adolescentes sentem-se muito expostos(as) ao preconceito, o que se evidencia no receio da mãe e da filha no momento da matrícula diante do risco do nome social da aluna não ser respeitado na hora da chamada (cena 16).

Diante de tantos preconceitos, muitas vezes a postura da escola é reiterá-los ao invés de combatê-los, de formas explícitas e também de formas aparentemente sutis, que com frequência passam despercebidas, como quando o convite da formatura se dirige apenas aos “*pais*”, mesmo que seja conhecido que há crianças na escola que não vivem

com a família (cena 14) e como no discurso da cerimônia em que é reforçado que o destino esperado é que os(as) alunos(as) cresçam, casem-se e tenham filhos (cena 15).

A partir das cenas apresentadas sobre diferentes contextos escolares podemos, assim, destacar como as(os) próprias(os) educadoras(es) não encontram em sua formação e em seu cotidiano espaços de diálogo e reflexão para que as resistências e o desconforto sentidos possam ser elaborados e ressignificados, de forma que a reação mais frequente é que situações que envolvam os temas sexualidade, corpo e gênero sejam evitadas pelo receio de que provoquem “*confusões*”, sem que haja a possibilidade dos(as) profissionais reconhecerem a própria responsabilidade na educação das crianças e adolescentes e o fato de que, seja por meio do diálogo aberto, seja por meio de proibições e condenações, seja por meio da esquivas e do silêncio, seja por meio de explicações vagas e distorcidas, todas(os) no espaço da escola educam sexualmente. Ao acusarem a educação dada pela família ou influências como as do grupo social e a da mídia e pensarem que o “*mundo está perdido!*” (cena 7), não percebem a escola como um espaço onde o esclarecimento, a transmissão de informações e o diálogo podem acontecer. Esse quadro evidencia a importância da abordagem sobre sexualidade e gênero na formação inicial e continuada de educadores(as), para possibilitar que tenham um espaço de discussão, reflexão e preparo para as experiências que encontrarão em suas práticas profissionais.

Sexualidade e gênero são, assim, temas muitos presentes no espaço na escola, desde as primeiras dúvidas na Educação Infantil até o momento da escolha profissional; desde a curiosidade repreendida pelas crianças sobre como nascem os bebês até a ocorrência da gravidez não planejada na adolescência que muitas vezes faz com que os estudos sejam interrompidos; desde a condenação de que os meninos brinquem com objetos classificados como femininos e vice-versa até o momento em que uma pessoa trans deixa de frequentar a escola por ter sofrido humilhações e ser desrespeitada em momentos como a chamada e o uso do banheiro; desde as ilustrações no livro didático que representam apenas a família nuclear que corresponde aos padrões vigentes até os(as) alunos(as) que discriminam e ofendem colegas que não correspondem a esses mesmos padrões; desde o primeiro dia de aula em que são formadas filas separadas entre meninos e meninas até a expectativa de que os(as) alunos(as) dançam em pares na formatura. É na escola que crianças e adolescentes se encontram, convivem, interagem, aprendem, se desenvolvem, constroem compreensões sobre o mundo. As situações relatadas e muitas outras que ocorrem no contexto escolar evidenciam a necessidade de preparo e da postura ética de educadores(as) para contribuírem para quebrar quadros de preconceito,

discriminação e violência e para promover uma compreensão mais ampla, com mais reflexão crítica e autonomia sobre a sexualidade, sobre o gênero e sobre as relações humanas de forma geral. É a partir da aposta na importância da formação e do diálogo que apresentaremos a seguir o que são as intervenções em educação sexual.

4.3. O que são as intervenções em educação sexual?

As intervenções em educação sexual referem-se à construção de um espaço de diálogo e reflexão, com o objetivo de transmitir informações e promover uma compreensão mais abrangente e crítica sobre a sexualidade, o que envolve a problematização e o questionamento de padrões, preconceitos e estereótipos e o enfrentamento à desigualdade e à violência.

Como vimos no primeiro tópico deste capítulo sobre a educação sexual, o aprendizado sobre informações, concepções e valores relacionados à sexualidade ocorre durante toda a vida, muitas vezes de forma não intencional, implícita, sem que seja estabelecida uma relação consciente e refletida com esse aprendizado. Nas intervenções em educação sexual são desenvolvidas atividades para que esta relação consciente e refletida possa acontecer.

Os objetivos buscados e as estratégias utilizadas nas intervenções em educação sexual podem variar conforme o perfil dos(as) participantes e o contexto em que os encontros ocorrem, mas há alguns elementos em comum que são importantes para serem considerados, como apontam Gisele Volpato dos Reis e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2005):

A primeira característica é ser combativa: combater o preconceito, a discriminação, a desigualdade, os estereótipos. (...) precisa ser reflexiva, para que o aluno questione sobre estas desigualdades, estabeleça juízo de valores, não ser passivo, não aceitar tudo o que é imposto como modismo. Também precisa ser crítica, para ajudar o aluno a construir sua própria escala de valores, a partir de uma consciência crítica que o capacite a ver, questionar, julgar e agir. Outra característica, que, no entanto não pode ser isolada, é que a orientação sexual³⁷ precisa também ser informativa. Deve fornecer informações científicas a respeito da anatomia e da fisiologia sexual e das doenças sexualmente transmissíveis. E ainda, possibilitar que seu aluno encontre um espaço para debater e entender seus medos, ansiedades e angústias. Esta quarta característica, no entanto, tem de estar ancorada nas características anteriores (REIS; RIBEIRO, 2005, p. 38-39).

³⁷ O uso do conceito “Orientação Sexual” por alguns(mas) autores(as) refere-se à educação sexual intencional. Outros termos utilizados são “educação em sexualidade” e “educação para a sexualidade”.

No artigo “*Educação Sexual: Princípios para a ação*”, Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2011) também ressaltam a importância de que a transmissão de informações ocorra lado a lado com a realização de reflexões e questionamentos, com esclarecimentos sobre os fatores sociais, culturais e históricos envolvidos em nossa compreensão sobre a sexualidade. As intervenções podem contribuir para que as pessoas reconheçam e pensem criticamente sobre os próprios valores e concepções, considerando a importância da comunicação e do respeito mútuo nas relações interpessoais, elementos que favorecem que as escolhas no campo da sexualidade se deem de forma mais consciente e autônoma.

Quando uma intervenção em educação sexual se inicia, é comum que os(as) participantes expressem interesse e curiosidade, e façam muitas perguntas. No capítulo “*Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola*”, Mary Neide Damico Figueiró (2009) afirma que, diante das inúmeras dúvidas e questões que surgem, o mais importante não é apenas oferecer respostas pontuais, mas estabelecer um diálogo, sinalizar a importância de poder conversar de forma aberta e franca sobre o assunto, estimulando a curiosidade e o desejo de aprender.

No capítulo “*Sexualidade no Contexto Contemporâneo: Um desafio aos educadores*”, Vera Lucia Bahl de Oliveira (2009) discute como, além de receberem novas informações, em uma intervenção em educação sexual os(as) participantes têm a oportunidade de revisitar e refletir os aprendizados anteriores, que ocorreram em âmbitos como a família, a escola, os grupos de amigos, as religiões e os meios de comunicação. O incentivo para que os(as) participantes se posicionem, se envolvam, reflitam, discutam, argumentem, compartilhem questões e experiências contribui para que eles(as) possam construir uma compreensão mais abrangente tanto do que aprenderam no decorrer da educação, quanto do que virão a aprender.

As intervenções em educação sexual podem ser realizadas com diferentes grupos: com educadores(as), crianças, adolescentes, universitários(as), profissionais de diferentes áreas, casais, famílias, gestantes, idosos(as), pessoas portadoras de deficiência, pessoas que sofreram situações de violência de gênero e/ou violência sexual, pessoas que cometeram situações de violência, entre outros, e também em diferentes espaços: escolas, creches, abrigos, hospitais, campi universitários e outras instituições. Discutimos algumas dessas possibilidades no artigo: “*Contribuições da Psicologia para a Educação Sexual: Uma proposta de estágio na formação acadêmica*” (MAIA; PASTANA; GUEDES; RODRIGUES; GARCIA, 2012).

Quando destacamos que as intervenções em educação sexual são realizadas em grupos, não estamos considerando apenas que será reunido um determinado número de pessoas que participarão das atividades propostas. O conceito de “grupo”, aqui, refere-se a um processo que abrange a construção de vínculos, visando que todos(as) os(as) participantes possam sentir-se envolvidos(as) e integrados(as) para criarem, juntos(as), em uma relação de respeito e confiança, um espaço onde possam trocar experiências, impressões, pensamentos, sentimentos, dúvidas, de forma que todos(as) reconheçam que a participação de cada um(a) enriquece e é fundamental para o grupo que se forma. Como afirmam Margarida Serrão e Maria Clarice Baleeiro (1999, s/p):

O grupo vai além das pessoas que o compõem. É algo mais que a soma de seus membros. (...) Cada integrante do grupo traz uma riqueza de experiências, conhecimentos e possibilidades, que vão se revelando ao longo do processo, na construção do seu próprio saber. (...) Um grupo se forma quando todos encontram nele seu lugar, lugar flexível, garantindo a cada um sua importância, seu significado.

A formação do grupo não é um processo que ocorre automaticamente, logo nos primeiros encontros, mas um movimento contínuo em que a participação ativa de todos(as) é estimulada em cada atividade, em cada discussão. Quando realizamos uma intervenção em educação sexual com alunos(as) da mesma classe em uma escola, por exemplo, mesmo que os(as) alunos(as) se conheçam e convivam cotidianamente, esse contato anterior não significa que eles já constituam um grupo. A formação do grupo de educação sexual se dará no decorrer dos encontros, com atividades que visem intencionalmente a integração e a promoção de vínculos entre os(as) participantes. As intervenções em educação sexual não são práticas expositivas, em que os(as) educadores(as) transmitem conteúdos e os(as) participantes escutam, aprendem e são avaliados(as) pelo que assimilaram, mas sim, como já destacamos, visam o movimento contínuo de diálogo e reflexão, o que é favorecido e potencializado pela construção do grupo. Nesse sentido, considerando os diferentes elementos condensados no conceito de “grupo” que apresentamos, nesta dissertação utilizaremos tanto “intervenção em educação sexual” quanto “grupos de educação sexual” para nos referirmos às práticas que visam a construção de uma compreensão mais abrangente, reflexiva e crítica sobre a sexualidade.

4.4. Qual é a importância da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual?

Abordar o tema sexualidade considerando os fatores sociais, históricos e culturais envolve reconhecer a grande importância dada ao prazer sexual nos dias de hoje, a forma como é incentivado, recomendado e mesmo prescrito como fonte de satisfação, bem-estar, saúde e felicidade. Como vimos no capítulo 2, a vinculação entre sexualidade e prazer refere-se a uma construção historicamente recente, que se fortaleceu principalmente no decorrer do século XX. No primeiro capítulo discutimos como a valorização do prazer muitas vezes é atravessada pela transmissão de modelos e regras, transmissão que converte o prazer em uma tarefa, uma exigência, como um dever a ser cumprido, tornando-o um imperativo. Ao mesmo tempo em que a associação entre sexo e prazer é tão persistentemente convocada, principalmente nos discursos midiáticos, o mesmo não ocorre nos discursos educativos, sobretudo nos que se referem à prevenção, em que a dimensão prazerosa da sexualidade poucas vezes é mencionada, já que o foco recai nos riscos, problemas e possíveis consequências negativas a serem evitadas. Reconhecer as múltiplas possibilidades de prazer relacionadas à sexualidade, compreendendo o prazer como vinculado à singularidade, à criatividade, à imaginação, às fantasias, à formação de vínculos e ao processo de construção de significados, assim como problematizar criticamente a forma como o prazer é transmitido atualmente como um imperativo são objetivos importantes a serem buscados nos grupos de educação sexual.

Algumas críticas frequentes a como a discussão intencional sobre sexualidade tem sido realizada, principalmente no espaço das escolas, são sobre como essa se dá predominantemente em tom de alerta, com o objetivo de prevenir a ocorrência da gravidez não planejada e da contração de doenças sexualmente transmissíveis, sobretudo a aids. São transmitidas mensagens negativas, que associam o sexo à preocupação, ao risco, com o uso frequente de uma linguagem prescritiva e imperativa sem que haja discussões e reflexões mais abrangentes. Também há a predominância da transmissão de informações biológicas sobre o aparelho reprodutor e sobre as práticas sexuais com instruções sobre o uso do preservativo, frequentemente pensadas apenas no contexto de relações heterossexuais. Outro aspecto que tem se revelado pouco efetivo é a abordagem do tema apenas de forma pontual, por meio de palestras ou aulas descontextualizadas. Nesse sentido, é fundamental considerarmos a importância da abordagem sobre o prazer na realização de grupos de educação sexual. Para discutirmos sobre essa importância,

podemos tomar como ponto de partida um exemplo que ilustra as críticas que elencamos:

“Em uma palestra para adolescentes organizada por médicos(as) e psicólogos(as), são passados slides que falam sobre o aparelho reprodutor feminino e masculino, com os nomes e funções de cada órgão; descrições sobre o ciclo menstrual com ênfase em explicações sobre o período fértil; apontamentos sobre como ocorre a ejaculação e como os espermatozoides podem ou não fecundar o óvulo. Nesse momento são apresentados uma série de métodos contraceptivos como a pílula, o DIU, o diafragma; há o aviso sobre a ineficácia da tabelinha e é ressaltado que o preservativo é o método mais seguro, que deve ser utilizado em todas as relações, não apenas para a prevenção da gravidez mas também para evitar a contração de doenças. Como forma de enfatizar a afirmação da necessidade do uso do preservativo, são mostradas uma série de imagens de órgãos genitais com feridas e verrugas e fotos de pessoas doentes ou mortas por terem contraído alguma das doenças que são minuciosamente descritas em seus sintomas e formas de contaminação, especialmente a aids. A camisinha feminina é mencionada, mas é dado foco para a camisinha masculina, com a demonstração de como deve ser usada- como guardar, como abrir a embalagem, o passo-a-passo sobre como colocar no pênis e como tirar após a ejaculação. Para exemplificar, é narrada a situação em que um casal heterossexual usa o preservativo no contexto da penetração vaginal. São também lidos em voz alta depoimentos de adolescentes que engravidaram, com relatos sobre a falta de aceitação da família; sobre a falta de apoio e a ausência do parceiro, com exemplos de meninas que idealizaram que a gravidez seria uma forma de manter o relacionamento, mas que com o anúncio da gravidez houve a separação; sobre as dificuldades financeiras e a falta de condições para arcar com as responsabilidades de criar uma criança; sobre a necessidade de ficar em casa cuidando do bebê ao invés de sair e se divertir com os(as) amigos(as); sobre a evasão escolar, as dificuldades para voltar a estudar e encontrar um emprego. No final, para fixar o que foi aprendido, os(as) organizadores(as) colam no mural da instituição em que a palestra ocorreu um cartaz que diz, em letras maiúsculas: ‘USE CAMISINHA’.”

As situações narradas condensam alguns dos elementos que precisam ser problematizados sobre a forma como a discussão intencional sobre sexualidade tem sido

constantemente realizada:

- A utilização de um tom negativo, de alerta, que tem como objetivo suscitar o medo da ocorrência da gravidez não planejada e da contração da aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Há a ênfase na associação entre sexo e riscos, perigos e preocupações;
- A predominância da transmissão de informações sobre a anatomia e a fisiologia, com concepções sobre o corpo e sobre o sexo circunscritos no âmbito biológico, sem que sejam pensados e abordados de forma mais abrangente, em seus aspectos sociais e culturais;
- O uso do preservativo é recomendado principalmente a partir do tom imperativo “Use camisinha!”, com a prescrição de que as práticas sexuais devam ser alvo de planejamento e controle, sem que essas práticas sejam pensadas de forma contextualizada e relacionada às diferentes possibilidades de circunstâncias vividas pelos(as) participantes;
- As explicações no geral se referem a relações heterossexuais e versam principalmente sobre a penetração do pênis na vagina, negligenciando as múltiplas formas de relações e as múltiplas formas de práticas sexuais;
- Há a ênfase na responsabilização feminina pela prevenção e pelas possibilidades de sofrer consequências negativas caso essa não ocorra;
- A abordagem sobre sexualidade ocorre apenas de modo pontual, em uma palestra, sem que haja um vínculo entre os(as) profissionais e os(as) participantes, ao invés da formação de um grupo com um espaço de diálogo onde possa haver o compartilhamento de experiências, o esclarecimento de dúvidas, discussões e reflexões sobre as questões levantadas.

Os pontos elencados evidenciam a importância de serem pensadas formas de discutir sobre a sexualidade que abordem aspectos saudáveis e prazerosos. Jimena Furlani (2005), ao analisar livros paradidáticos de educação sexual, também identificou a presença dos padrões acima discutidos. A autora problematiza:

A abordagem exclusivamente orgânica, corporal, reprodutiva e higienista tem sido uma das críticas mais recorrentes da educação sexual, em todos os seus níveis e épocas. Os professores se limitam a falar de sexo apenas como atividade reprodutiva, sem considerar as múltiplas manifestações da sexualidade, como desejo, amor, paixão, prazer, medo e sensibilidade (FURLANI, 2005, p. 43).

Naomi Wolf (1997) parte das próprias experiências vividas em aulas sobre educação sexual para ressaltar como o prazer, principalmente o prazer feminino, é negligenciado pelas explicações dadas:

As alterações hormonais sobre as quais eles falavam eram vinculadas à menstruação, não ao desejo feminino. Nunca cheguei a ter a percepção de ser aceitável ou sequer reconhecido que as garotas pudessem querer explorar sua sexualidade (...) Nada de clitóris, lábios, orgasmos, apenas ereção e ejaculação. Nossas escolas usavam esses materiais enigmáticos, projetados para instilar ansiedade a respeito do odor menstrual em meio a informações de educação sexual (WOLF, 1997,p. 195).

No livro *“Educação Sexual Além da Informação”*, Paulo Rennes Marçal Ribeiro (1990) ressalta a importância de reconhecermos o conteúdo emotivo, lúdico e prazeroso da sexualidade. O autor discute como o desejo e a corporeidade são deslocados e apagados não apenas quanto o tema é abordado, mas do processo educativo como um todo, de forma que resgatá-los e abordá-los nos grupos de educação sexual é uma forma de contribuir para uma compreensão mais abrangente da sexualidade e das relações humanas de um modo geral.

Inserir a discussão sobre o prazer sem que seja quebrado o tom predominantemente normativo e prescritivo pode ter também um alcance muito limitado. Imaginemos que, no exemplo da palestra descrita anteriormente, os(as) organizadores(as) buscassem utilizar o prazer como estratégia para convencer sobre a importância do preservativo a partir do relato de uma história de um casal de adolescentes:

“João e Maria namoram há alguns meses e se amam muito. Os dois decidiram que chegou a hora certa para a primeira relação sexual. João conversou com adultos que confia e aprendeu sobre tudo o que preciso para o uso correto do preservativo. Maria foi ao ginecologista e começará a tomar pílulas, ela está se sentindo muito segura porque João é carinhoso, atencioso e romântico. Ela comprou velas e mudou a decoração do quarto para tornar esse momento ainda mais especial. Os dois são muito inteligentes e sabem que sexo com prevenção é muito mais prazeroso”.

Nessa história há mais uma vez elementos que precisam ser problematizados: A vinculação entre prazer sexual e amor romântico, com idealizações como “hora certa” e “momento especial”; a representação de que o sexo acontecerá entre um casal heterossexual e o prazer inserido em um modelo normativo de relacionamento amoroso

e estável.

Furlani (2005) aponta como quando há a tentativa de ir além do discurso biologicista, um movimento comum é que a ênfase recaia no amor e na afetividade, com mensagens que afirmam que as pessoas fazem sexo porque se amam, porque é uma forma de expressar que se gostam muito. Helena Altmann (2005), na tese “*Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola*” também problematiza como quando a sexualidade é associada ao prazer, esse prazer muitas vezes é pensado como circunscrito a uma relação heterossexual estável, seja com o viés reprodutivo, seja com o viés romantizado.

A predominância do caráter prescritivo sobre as primeiras experiências sexuais, que muitas vezes recai em representações normativas de um relacionamento idealizado é abordada por Altmann (2007) no artigo “*Educação Sexual e Primeira Relação Sexual: Entre expectativas e prescrições*”, que afirma que são muitos os discursos que transmitem que: “(...) essa passagem deve ser minuciosamente preparada no que diz respeito a com quem ela irá ocorrer, em que tipo de relação e em que momento da relação. Ela deve ser algo ‘muito elaborado’ dentro de um relacionamento considerado ‘normal’” (ALTMANN, 2007, p. 349).

Altmann (2007) problematiza a representação de que a relação deve acontecer com um(as) parceiro(as) estável, o compromisso deve ser “sério”, tendo o amor romântico como referencial, já que outras formas de relações e outras motivações para desejar fazer sexo que não sejam relacionadas ao vínculo amoroso são invisibilizadas ou desvalorizadas:

Mais do que prescrever o uso do preservativo, prescrevia-se um tipo de relação: heterossexual e com algumas etapas a serem seguidas. Assim, a importância da camisinha era destacada sempre dentro de um padrão idealizado de relacionamento e não dentro de relacionamentos sexuais de um modo geral, independentemente de quais fossem suas características e configurações. Outras formas de relacionamento eram, direta ou indiretamente, desvalorizadas ou, no mínimo, não consideradas (ALTMANN, 2007, p. 351-352).

No artigo “*Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas*”, Dagmar Meyer, Carin Klein e Sandra dos Santos Andrade (2007) discutem como muitas vezes o prazer é colocado como argumento para que determinados comportamentos e práticas sejam adotados, mas de forma avulsa e descontextualizada, que não propicia a reflexão. Afirmações como: “*Use camisinha porque sexo é prazer!*”, “*Use camisinha*

para sentir prazer de forma mais segura!”, podem significar um avanço diante de mensagens como *“Use camisinha porque aids mata!”*, mas, ainda assim, são imperativos que refletem uma abordagem sobre a sexualidade superficial, que omite os muitos elementos e fatores envolvidos na forma como os sujeitos vivem e compreendem as situações em que estão inseridos.

Em síntese, podemos destacar como na inserção da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual, é fundamental considerar como as formas de se relacionar, de sentir, de desejar, de fantasiar, de buscar e experienciar o prazer são múltiplas e plurais, não podendo ser reduzidas e cerceadas por posições imperativas, normativas e/ou prescritivas.

No artigo *“Educação Sexual: Ética, liberdade e autonomia”*, Helena Altmann e Carlos José Martins (2009) ressaltam a importância de que os(as) participantes possam refletir criticamente acerca das escolhas e decisões que realizam no campo da sexualidade:

Notadamente, a sexualidade está permeada de preceitos éticos e morais que regem nossas condutas. (...) Alguns nos dizem o que não devemos fazer e outros, o que devemos. Também dentro das escolas, os preceitos morais que regem a sexualidade são muitos e, não raro, norteiam trabalhos de educação sexual (ALTMANN, MARTINS, 2009, p. 66).

Meyer, Klein e Andrade (2007) afirmam que, ao invés de apontar determinadas práticas sexuais como “certas” (uso do preservativo) e “erradas” (contração de doenças, gravidez não planejada) e reforçar uma relação de passividade diante das informações recebidas, é necessário pensar como inserir as temáticas trabalhadas no campo das experiências vividas pelos sujeitos, considerando os sentidos construídos nas trajetórias singulares, que não podem ser reduzidas ao que se encaixa nas expectativas e padrões vigentes.

Dentre esses padrões estão os padrões de gênero. Como vimos no capítulo anterior, em nossa cultura é forte a aprendizagem que relaciona, para as meninas e mulheres, a associação entre sexualidade e prazer ao romantismo, à vivência de um relacionamento idealizado e à importância de agradar o parceiro; enquanto para os meninos e homens a associação entre sexualidade e prazer é relacionada à satisfação imediata do desejo, tido como sempre forte, presente e difícil de ser contido.

Altmann (2007), Meyer, Santos, Oliveira, Wilhelms (2004) e Wolf (1996) discutem como no decorrer da história de educação sexual, ocorre um aprendizado intenso

para as meninas de que serão julgadas, avaliadas e classificadas a partir do número de parceiros e experiências sexuais que tiverem, principalmente se essas relações não acontecerem no contexto de um relacionamento com vínculo afetivo. Já para os meninos, há o aprendizado também intenso de que eles serão mais valorizados quanto maior for o número de parceiras e experiências. Há a pressão para que as garotas aprendam a “se preservar” e também para que saibam “conter” os parceiros, que supostamente sentem um desejo sexual irrefreável. Essa lógica é reproduzida quando, por exemplo, os garotos aprendem a dividir as garotas em “fáceis” e “difíceis” e também no vocabulário utilizado para pensar as relações, em que os garotos são aqueles que “conquistam” e as garotas são aquelas que “cedem”, o que pressupõe que o desejo é sempre masculino.

“O garoto sabe quando a garota é ou não é mais virgem?”; “Posso perder o hímen sem que faça sexo, com absorvente interno ou o banco da bicicleta, por exemplo?”; “Fazer sexo oral tira a virgindade?”; “A primeira relação sexual sempre sangra?”; “Se não sangrar na primeira vez ele pensará que eu não era virgem?”; “O corpo de uma garota muda quando ela não é mais virgem?”; “É possível perceber se uma garota é virgem pelo tamanho do quadril?”. Essas perguntas, feitas com frequência em grupos de educação sexual com adolescentes, ilustram o peso das representações sobre sexualidade feminina que tornam as primeiras experiências relacionadas não ao desejo, à descoberta e ao prazer, mas ao medo, ao nervosismo e às preocupações. A própria expressão “perder a virgindade” demonstra como a primeira relação sexual é compreendida de forma negativa, como uma perda, como aborda Altmann (2007).

Além da marcante assimetria nas aprendizagens feminina e masculina sobre o prazer, outro padrão a ser considerado é a heteronormatividade. O prazer valorizado, transmitido como adequado, positivo, normal e saudável é o prazer heterossexual, de forma que são inferiorizadas e mesmo não mencionadas outras formas de prazer que não correspondam à norma. É fundamental que esses elementos sejam considerados para que não sejam reproduzidos acriticamente e naturalizados em grupos de educação sexual, em que é necessário buscar formas de desconstruí-los.

Jorge Luiz Vargas Montardo (2008) na dissertação *“Do Pecado ao Perigo: Discursos sobre educação sexual para adolescentes brasileiros no século XX”* e Raquel Pereira Quadrado (2008) no capítulo *“A adolescência como construção sociocultural e histórica”* discutem como a abordagem naturalizante da sexualidade está associada a uma abordagem também naturalizante do desenvolvimento, o que implica na reiteração da concepção de que o desejo sexual será algo que despertará na puberdade, com as

mudanças hormonais, dirigido a alguém do sexo oposto, devido à finalidade reprodutiva. A adolescência, dessa forma, é circunscrita como uma “etapa” biológica em que meninos se sentirão atraídos por meninas e vice-versa pelo motivo evolutivo da procriação. Pode parecer contraditório que uma explicação como essa, que parte da reprodução como finalidade das práticas sexuais, seja dada em intervenções que têm dentre os objetivos a prevenção da gravidez, mas, ainda assim, esse direcionamento é muito comum.

Essa associação entre adolescência e o “despertar” da sexualidade acarreta algumas distorções, como a compreensão da infância como assexuada, que faz com que as dúvidas, curiosidades e interesses infantis sejam repreendidos e negados, e a compreensão de que os(as) adolescentes devem ser controlados(as) e contidos(as), que a finalidade da intervenção dos(as) adultos(as) seja “apagar incêndios”, ou seja, inibir e adiar as expressões da sexualidade adolescente.

Outra questão importante a ser pensada sobre a associação entre sexualidade e prazer é como, em nossa cultura, é frequente a associação entre prazer e descompromisso, ausência de responsabilidades e preocupações. Para as pessoas de um modo geral e para os(as) adolescentes de forma mais incisiva, são direcionadas continuamente mensagens que transmitem modelos ideais de uma vida prazerosa como: “*aproveite muito sem pensar no depois!*”, “*curta o momento como se fosse o último!*”, “*enlouqueça de prazer!*”, vinculando o prazer ao descontrole, aos excessos, à satisfação instantânea de desejos e ao alívio imediato de tensões, convertendo o prazer em um imperativo, como discutimos no primeiro capítulo. Meyer, Klein e Andrade (2007) também analisam como é recorrente nos discursos midiáticos o uso de expressões como “*sair da rotina*”, “*innovar*”, “*experimentar sensações novas*” em referência ao prazer sexual e problematizam o contraste entre os significados atribuídos ao que é prazeroso culturalmente e as representações predominantes nos discursos preventivos, que dão centralidade para elementos como a responsabilidade, o planejamento e o controle. Altmann (2005) também aborda como os padrões de sexualidade, principalmente com relação à sexualidade masculina, destoam do modo de gerir prazeres e desejos valorizados pelos discursos preventivos:

(...) esse modo de divulgação do uso da camisinha pressupõe racionalização e controle da relação, a qual não é relacionada ao inesperado ou até mesmo ao descontrole. Essa expectativa de controle subjacente à prática educativa parece pouco condizente com a realidade, conforme têm atestado vários estudos. Na cultura brasileira, a sexualidade masculina hegemônica é freqüentemente associada ao

descontrole e racionalizar os “impulsos sexuais” acaba sendo visto como não condizente com a virilidade (ALTMANN, 2005, p. 172).

Contraditoriamente, a associação entre sexualidade e prazer nos discursos preventivos pode ser evocada apenas em nome da finalidade de controle, sem que haja uma compreensão mais ampla e reflexiva sobre os significados culturais atribuídos ao prazer. Por exemplo, quando a discussão da gravidez não se insere em uma reflexão mais ampla sobre escolhas e sobre projeto de vida, mas sim, é feita a partir de advertências sobre os “estragos” que pode provocar, o “desastre” que significa ter um(a) filho(a) “antes da hora”, o argumento utilizado para sustentar essa posição alarmista é que a adolescência não deve ser uma época de compromissos e responsabilidades, apenas de prazer. Muitos(as) adolescentes trabalham, ajudam nas tarefas domésticas e nos cuidados com os(as) irmãos(ãs) ou outros membros da família, além das responsabilidades escolares, de forma que descrever a adolescência como momento de pura diversão desprovido de compromissos e obrigações é algo ilusório. O ideal de adolescência como momento de aproveitar a vida intensamente e divertir-se a todo o momento não corresponde às possibilidades concretas ou acessíveis de muitos(as) adolescentes, de modo que evocá-lo para ressaltar a importância da prevenção ao invés de promover a reflexão e a valorização de escolhas conscientes, é uma posição normativa.

Com relação à gravidez, a prescrição tão continuamente repetida de que a adolescência não é o momento “certo” não envolve a reflexão abrangente sobre como, culturalmente, é muito valorizada a associação entre feminilidade e maternidade, de forma que ter um(a) filho(a) é colocado como realizar um sonho, como cumprir um destino. A gravidez também é recoberta por idealizações românticas, como se o nascimento de uma criança pudesse expressar ou mesmo resgatar a felicidade de um casal, como uma prova do amor que sentem. Outra concepção frequente é de que ser mãe ou pai significa maturidade, independência, com a expectativa de que, tendo um filho, passarão a serem tratados(as) de forma diferente, como adultos(as). Advertir sobre as possíveis consequências negativas de uma gravidez como uma estratégia de prevenção, sem que haja o diálogo sobre os diferentes significados que circulam e como esses significados são construídos, revela-se, assim, um movimento que desconsidera os muitos fatores envolvidos no campo das experiências vividas. Propiciar o diálogo sobre esses significados e experiências é um movimento que permite que os desejos, planos e escolhas dos(as) adolescentes sejam refletidos ao invés de prescritos e normatizados.

Para o diálogo sobre os significados acerca da gravidez na adolescência é também

necessário considerar como esses significados são atravessados por padrões de gênero. Altmann e Martins (2009) problematizam como é frequente nas concepções sobre o tema de uma forma geral e também em discursos preventivos, a maior responsabilização feminina, tanto no sentido de prevenir que a gravidez ocorra, quanto em relação aos cuidados com a criança caso a jovem torne-se mãe. A responsabilidade masculina pela paternidade muitas vezes não é considerada ou é relacionada apenas ao auxílio financeiro. Os autores destacam como, na abordagem sobre a prevenção, sobre a maternidade e sobre a paternidade, é fundamental que a construção social das diferenças entre os gêneros seja discutida.

(...) a suposta maior responsabilidade da mulher por prevenir a gravidez ou por criar os/as filhos não pode ser vista como uma consequência do fato de mulheres terem útero, ovário, engravidarem, parirem etc. (...) Trata-se antes de uma construção social, dos significados construídos para a maternidade e para a paternidade na nossa sociedade (ALTMANN; MARTINS, 2009, p. 73).

Problematizar sobre a desigualdade entre os gêneros é um dos movimentos necessários para promover a reflexão sobre como as ações e escolhas em relação à sexualidade são atravessadas por múltiplos elementos e envolvem a importância da responsabilidade.

Se a ética é uma prática refletida da liberdade, trata-se de exercitar tal prática em relação às questões suscitadas pelo campo. Em nosso caso, em torno dos temas da sexualidade, encorajando os/as atores/as a debater acerca das decisões e escolhas a serem feitas. Não há definição prévia que possa eximir ou poupar o sujeito das eventuais angústias inerentes aos dilemas das escolhas (ALTMANN, MARTINS, 2009, p. 69).

Os autores também assinalam que o movimento de afirmar qual seria o momento “adequado” ou “inadequado” de ter relações sexuais e também de ter filhos(as) se relaciona a transmissão de modelos, e não a reflexão sobre os contextos vividos.

Na dissertação “*A Construção Social do Problema da Gravidez na Adolescência*”, Maria Inês de França Roland (1994) ressalta que é importante considerar como a compreensão da gravidez na adolescência como algo a ser evitado é historicamente recente, relacionada às expectativas sociais de um prolongamento do período de escolarização e de adiamento do ingresso no mercado de trabalho. Há a idealização de uma trajetória socialmente esperada e incentivada, em que os estudos, o namoro e o casamento devem preceder o nascimento de um(a) filho(a). Tanto aqueles(as) que não

cumprem essas expectativas ao longo da vida, quanto aqueles(as) que rompem com a sequência esperada, principalmente as mulheres, são vistos(as) com julgamentos negativos e reprovação. A autora destaca como o controle social pautado nessa trajetória ideal é mais incisivo em relação às jovens de classes mais baixas e solteiras:

O argumento de que as adolescentes devem passar por uma certa sequência de eventos ao longo e suas vidas- onde a escolarização prolongada seria seguida pelo casamento e a maternidade-, está presente na construção social do chamado problema da gravidez na adolescência. As adolescentes grávidas frustram as expectativas sociais em relação ao seu futuro (embora nada garantido que não engravidando responderão a essas expectativas) (...). Mesmo porque, o modelo ideal de família conjugal não se aplica à maioria das jovens. Nem todas as mulheres podem estudar e se profissionalizar, posto que nem todas as mulheres têm condições econômicas para frequentarem escolas. A maior parte das adolescentes grávidas é pobre, porque também é pobre a maioria dos jovens brasileiros (ROLAND, 1994, p. s/p).

Para problematizar esse movimento, a autora menciona como, para muitas adolescentes, a gravidez é vista como uma saída para formar a própria família e se afastar da família de origem, principalmente quando o contexto familiar envolve diferentes formas de violência. Assim, torna-se importante olhar de forma crítica para a imagem predominantemente alimentada da adolescente grávida como uma “menina ingênua, solteira, seduzida e abandonada à própria sorte” (ROLAND, 1994, s/p).

Assim, para além do discurso preventivo, que representa a gravidez como um problema a ser evitado, são muitos os significados que circulam sobre essa experiência, sendo importante que, ao invés de receberem prescrições normativas, os(as) participantes nos grupos de educação sexual possam dialogar e refletir sobre esses significados.

Realizar uma intervenção que corresponda à conscientização sobre os direitos sexuais e reprodutivos significa promover condições para que os(as) participantes conheçam os recursos disponíveis para ampliar as possibilidades de escolha e possam refletir sobre as condições nas quais ocorrem essas escolhas.

Muitas pessoas, não apenas adolescentes, nunca tiveram a oportunidade de conversar sobre sexualidade, esclarecer as dúvidas e dialogar sobre diferentes experiências e significados de forma aberta. Esse silenciamento contribui para que as ações nesse campo aconteçam de modo irrefletido e para que haja limitações no reconhecimento dos próprios desejos, na construção ativa dos próprios planos e na conscientização sobre as próprias escolhas.

Nesse sentido, uma palavra-chave para pensarmos as discussões nos grupos de

educação sexual é a autonomia. O processo de aprendizado sobre a sexualidade e os padrões de gênero, assim como de construção da subjetividade de uma forma geral, não se dá de forma individual, mas sim, se insere em um contexto histórico, social e cultural, contexto que é muitas vezes marcado por relações desiguais. É necessário, então, que a reflexão sobre as escolhas envolva também a reflexão sobre o contexto em que essas escolhas são feitas, como argumenta Flávia Biroli (2013, p. 82):

Considerar suas escolhas- e o grau de autonomia nelas envolvido- é considera-las a partir (...) de sua inserção no contexto de relações sociais concretas. O fato de que são socialmente constituídas e motivadas não significa, no entanto, que os indivíduos não façam escolhas e que estas não tenham impacto na definição das suas vidas. Mas significa que são feitas em meio a pressões, interpelações e constrangimentos que não são necessariamente percebidos como tal.

É importante que nos grupos de educação sexual haja espaço para que algumas dessas pressões, interpelações e constrangimentos sejam reconhecidos e refletidos.

Altman e Martins (2009) ressaltam como, para que as intervenções em educação sexual envolvam o compromisso com a promoção da autonomia, é necessário incentivar que os(as) participantes reconheçam a importância que os relacionamentos e as experiências sexuais envolvam o respeito mútuo, a não violência, o cuidado com o corpo e com o prazer (tanto o próprio quanto o da(s) pessoa(s) com quem se relaciona), a igualdade de condições e a responsabilidade.

A partir das discussões realizadas até aqui, é possível assinalar a importância de que a linguagem prescritiva e normativa não seja reproduzida, mas sim, problematizada em grupos de educação sexual, para que a inserção da abordagem sobre o prazer envolva a compreensão de que as formas de se relacionar, os desejos e as práticas são múltiplos e diversos, não havendo um único modelo “adequado” e “saudável”. É preciso que os(as) participantes encontrem espaço para refletir sobre as próprias experiências, sobre as próprias concepções e sobre o processo como elas foram aprendidas, para que as informações sejam transmitidas de modo contextualizado e relacionado a essa compreensão mais abrangente e crítica sobre a própria trajetória de educação sexual. O questionamento dos padrões de gênero, da heteronormatividade e de uma visão que restringe a sexualidade, o corpo e o desenvolvimento ao campo do biológico revela-se assim muito necessário, justamente para que a busca por prazer possa ser pensada para além dos modelos normativos, não como algo “natural”, mas como uma construção que está em contínuo movimento de formação e transformação.

A transmissão de modelos normativos sobre sexualidade, gênero e prazer é muito frequente na cultura de uma forma geral, e também através dos meios de comunicação, que são cada vez mais presentes na vida das pessoas e influentes em como aprendem a compreender a si mesmas e ao mundo. Nesse sentido, é importante refletir sobre como se dá essa transmissão e esse aprendizado, questão que abordaremos nos tópicos a seguir.

4.5. Como a mídia participa na construção da compreensão sobre sexualidade, gênero e prazer?

Programas televisivos, filmes, anúncios publicitários, músicas, jornais, revistas, sites da internet: atualmente os meios de comunicação são cada vez mais presentes no cotidiano, e através deles são transmitidas muitas representações sobre o corpo, sobre os relacionamentos, sobre a feminilidade, sobre a masculinidade, sobre o sexo, sobre o prazer. Embora ainda seja frequente o silenciamento da família, da escola e de outros grupos sociais sobre temas relacionados à sexualidade, na mídia há uma exposição intensa e constante do assunto. Não é possível separar o que, ao longo de nossa educação, aprendemos com familiares, professores(as), amigos(as), do que aprendemos a partir dos conteúdos midiáticos, porque as representações difundidas pelos meios de comunicação somam-se e diluem-se na nossa forma de ver e compreender o mundo.

Como discutem Guacira Lopes Louro (2008) no artigo “*Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*”, Jane Felipe (2006) no artigo “*Representações de Gênero, Sexualidade e Corpo na Mídia*”, Rosa Maria Bueno Fischer (2008) no artigo “*Mídia, Juventude e Educação: modos de construir o outro na cultura*” e Dagmar Meyer (2009) no capítulo “*Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero*”, a relação dos sujeitos com os materiais midiáticos possui um grande potencial de aprendizagem, com a transmissão, a reprodução e a produção de formas de ser, entender e viver as diversas experiências, inclusive aquelas relacionadas ao gênero e à sexualidade. Dessa forma, esses materiais podem ser considerados “pedagogias culturais” que, mais do que distraírem, entreterem, divertirem, proporcionam aprendizados intensos justamente por serem tão atrativos e envolventes. Nas palavras de Louro (2008):

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito e dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médica mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse

processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos. Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular? (...) Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais (LOURO, 2008, p. 18).

No capítulo “*Sexualidades contemporâneas*”, Guacira Lopes Louro (2004) discute como, nos meios de comunicação, os grupos dominantes não apenas têm a voz para falar sobre si, mas também para falar sobre os demais, construindo representações que têm poderosos efeitos de verdade. Os discursos da mídia contribuem para que grupos sexuais, de gênero, étnicos, raciais ou de classe mantenham-se impedidos e marginalizados: “Algumas identidades são tão ‘normais’ que não precisam dizer de si; enquanto outras se tornam ‘marcadas’ e, geralmente, não podem falar por si” (LOURO, 2004, p. 67). A mídia é considerada como um espaço em que ocorrem poderosos processos educativos, que não apenas transmitem conhecimentos, valores e verdades, mas também produzem identidades, formando e constituindo os sujeitos. A autora ressalta a importância de analisar como as identidades são representadas nos meios de comunicação, como lhes são atribuídos significados sociais, ordenamentos, hierarquias e diferenciações; quais identidades gozam de privilégio, legitimidade e autoridade e quais são desvalorizadas, representadas como desviantes e ilegítimas.

Trabalhos como os de Guacira Louro (2007), Rosa Fischer (2008) e Dagmar Meyer (2009) têm destacado problemas na forma como os meios de comunicação compreendem e abordam as diferenças sociais e culturais, tratando aqueles(as) que não se encaixam nos padrões vigentes como um “outro” a normalizar ou a excluir. Muitas vezes, quando os grupos que diferem dos padrões são representados, isso ocorre de forma pontual e deslocada e é dado um tom de “novidade” ao que é retratado, o que faz com que a “diferença” seja vista como uma característica daqueles(as) que não correspondem à norma, os(as) considerados(as) “anormais”, “estranhos(as)”, negligenciando o fato de que a dimensão da diferença está presente em todas as pessoas, em todas as relações.

É possível destacar como nos materiais midiáticos predominam massivamente imagens de pessoas brancas, magras, jovens, que correspondem aos padrões estéticos vigentes, o que indica um processo que negligencia a diversidade presente em nossa

cultura. Com relação à sexualidade e ao gênero, são muitos os estereótipos que fortalecem a divisão binária entre feminilidade e masculinidade e que naturalizam o relacionamento heterossexual como a única forma de se relacionar esperada ou mesmo possível. Podemos pensar, por exemplo, considerando o aprendizado na infância, como são muitos os efeitos possíveis para uma criança negra, uma criança obesa, uma criança com deficiência, uma criança em uma família homoparental, entre outras situações, se deparar cotidianamente com representações midiáticas em que suas experiências são apagadas.

Os meios de comunicação participam, assim, na construção de como alguém deve ser para ser visto(a) como “normal”, reconhecido(a), aceito(a) e valorizado(a). Além da onipresença de imagens apenas de pessoas que correspondem aos padrões vigentes, são dados inúmeros conselhos e dicas para que todos e todas busquem corresponder a tais padrões. São apresentados depoimentos de pessoas felizes e realizadas por corresponderem ao modelo ou por terem lutado para corresponder e conseguido, muitas delas famosas, celebridades, ídolos. Há também a desvalorização e mesmo a depreciação dos(as) que destoam das normas, por exemplo, por meio de piadas.

Flávia Azevedo (2010) discorre sobre como as instituições midiáticas formam um sistema carregado de valores e padrões de conduta que são transmitidos constantemente aos indivíduos que, embora sejam atingidos direta ou indiretamente, nem sempre têm consciência dessa influência no modo como vivem, compreendem e se relacionam com outras pessoas.

No livro “*Videologias*”, Maria Rita Kehl e Eugênio Bucci (2004) discutem como, por serem tão presentes em nosso cotidiano, as representações transmitidas pelos veículos midiáticos muitas vezes são naturalizadas, banalizadas, como se mostrassem “o mundo como é”, “as coisas como são”, dificilmente sendo tomadas como objeto de nossa atenção e de nosso questionamento. Muitos padrões são assim aprendidos e reproduzidos sem que sejam pensados de forma reflexiva e crítica. Os grupos de educação sexual podem ser um espaço propício para a discussão sobre os padrões transmitidos nos materiais midiáticos, como discutiremos a seguir.

4.6. Qual é a importância da leitura crítica dos meios de comunicação nos grupos de educação sexual?

O espaço dos grupos de educação sexual é um contexto privilegiado para o diálogo e a reflexão crítica sobre os meios de comunicação, com a promoção da discussão

intencional sobre o que é transmitido e aprendido por meio desses. Com o objetivo de combater preconceitos e estigmatizações, é um movimento fértil a análise de como os veículos midiáticos participam na construção de hierarquias em que determinadas formas de ser e se comportar são valorizadas e estimuladas, enquanto outras são inferiorizadas ou excluídas.

Rosa Fischer (2008) defende que é preciso “desmanchar” os materiais midiáticos através de um trabalho pedagógico sério e criativo, com uma leitura criteriosa da esfera cultural, com questões sobre como cada um(a) de nós participa dos processos de produção de sentido em nossa sociedade; qual a distância ou proximidade entre a forma como somos representados(as) e a forma como vemos a nós mesmos(as); de que modo os sujeitos são representados ou excluídos das narrativas midiáticas. Como defende Richard Miskolci (2005), é preciso quebrar o silêncio sobre a possibilidade das sexualidades, dos gêneros e dos prazeres não seguirem um modelo único e as discussões sobre as representações presentes nos produtos midiáticos podem ser um caminho fértil para isso.

A reflexão sobre como determinados modos de ser e viver são priorizados enquanto outros são invisibilizados auxilia na discussão sobre como a mídia participa na transmissão de modelos ideais, de padrões normativos e preconceitos. Alguns desses ideais e padrões geram sensações de desajuste e de insuficiência, quando, por exemplo, as pessoas se frustram e se culpam por não corresponder aos modelos predominantes de corpo, de beleza, de felicidade, de relacionamentos, de feminilidade, de masculinidade etc. Estabelecer um olhar crítico diante dos padrões pode contribuir para uma experiência mais saudável com relação a si mesmo(a) e às próprias relações.

Apontar como todo processo de produção dos materiais midiáticos envolve seleção, edição, posicionamento sobre o que será mostrado ou não contribui para desconstruir a noção naturalizante de que o que é apresentado corresponde a um retrato neutro e fiel da realidade, de que mostra as coisas como são. A compreensão de que o que é mostrado na mídia constitui um olhar entre muitos, uma posição entre muitas, e que a forma predominante de abordar os assuntos pode ser questionada e transformada contribui para que seja estabelecida uma relação menos passiva com os meios de comunicação. Proporcionar um espaço em que os(as) participantes possam refletir a relação que estabelecem com os materiais midiáticos significa também propiciar o movimento de que eles(as) possam reconhecer como, muitas vezes, reproduzem acriticamente o que é transmitido. A leitura crítica dos meios de comunicação pode contribuir também para um posicionamento que defenda a transformação na forma como

os conteúdos midiáticos hoje naturalizam a violência, a desigualdade e diferentes formas de preconceito.

Os estereótipos e preconceitos não estão presentes apenas nos meios de comunicação, mas nas mais diversas situações e contextos do cotidiano, como foi abordado ao discutirmos o contexto escolar. Mas a busca pelo desenvolvimento de uma visão crítica sobre os discursos midiáticos se revela também importante porque, ao desenvolver uma postura de questionamento e problematização do que é transmitido através deles, essa postura pode se estender para outros momentos em que os padrões são reproduzidos e reforçados. Por exemplo, se há a discussão sobre a pouca representatividade ou a ausência de pessoas negras, deficientes, gordas, homossexuais, transexuais nos programas televisivos (a não ser de forma depreciativa nos de humor), haverá também o posicionamento crítico diante dos diversos mecanismos de invisibilização, exclusão e estigmatização presentes no dia-a-dia, inclusive diante de piadas, gozações, apelidos e brincadeiras que antes poderiam parecer “inofensivos”.

Os meios de comunicação proporcionam distração, diversão, entretenimento. Criar um espaço para que cada um(a) possa refletir sobre como é a relação que estabelece com a mídia, sobre quais são os materiais e conteúdos que despertam interesse, não significa que o olhar crítico culminará em uma rejeição, na escolha de não ter mais contato com esses materiais, mas sim, de assumir uma posição mais consciente diante deles.

Os meios de comunicação são também um espaço onde é possível buscar informações, conhecer mais sobre diversos assuntos, de forma que ressaltar a importância da atenção e do olhar crítico para os materiais que se têm acesso pode contribuir também para escolhas mais conscientes sobre o que ler, o que pesquisar, como se informar. Berenice Mendes Bezerra (2009) discute como o desenvolvimento da capacidade crítica potencializa o uso criativo, propicia a possibilidade de cada sujeito “entender o que faz, o que consome, o que deseja, e assim expressar de modo mais rico o mundo que vive” (BEZERRA, 2009, p. 324).

Estimular que os(as) participantes dos grupos relatem sobre quais são os materiais com os quais têm mais contato; compartilhem o que desperta interesse neles(as); dialoguem sobre seus gostos e preferências e busquem olhar para esses materiais com mais atenção, identificando quais são os padrões presentes; opinando, se posicionando, expressando o que concordam ou discordam, debatendo entre si; trocando diferentes olhares, impressões e interpretações; imaginando no que esses materiais poderiam ser diferentes; elaborando como seria se eles(as) mesmos(as) fossem responsáveis por

produzi-los; construindo eles(as) mesmos(as) alguns materiais (como vídeos, músicas, matérias de jornais e/ou revistas, sites); realizando análises sobre o processo de produção, sobre as escolhas, sobre as mensagens que são transmitidas explicitamente e implicitamente entre outras atividades pode ser um exercício muito fértil para que uma posição mais ativa, criativa e crítica seja construída coletivamente, no decorrer de um processo, possibilitando uma nova forma de experienciar o contato com os meios de comunicação. Se os temas sexualidade, gênero e prazer estiverem presentes nesses diálogos, nessas análises, nessas construções e exercícios realizados, também será possível desenvolver um olhar mais atento, aberto, crítico e criativo para as múltiplas possibilidades de ser e viver que vão muito além dos padrões normativos tão frequentemente reproduzidos.

No capítulo a seguir e na análise dos resultados, serão apresentadas diferentes informações sobre as revistas: como surgiram; como é o processo de segmentação por gêneros; como essa segmentação é influenciada e influencia a construção de ideais de feminilidade e masculinidade; como ocorre nas diferentes revistas a normatização da sexualidade, do corpo, dos relacionamentos, do prazer; permitindo, assim, reunir exemplos e discussões possíveis para serem realizadas em atividades que envolvam a leitura crítica da mídia em grupos de educação sexual. As revistas são materiais com uma linguagem muito acessível e cativante, que buscam construir uma relação de proximidade, cumplicidade, identidade e pertencimento com seus(suas) leitores(as), transmitindo, com essa linguagem, muitos modelos, regras, padrões. Discuti-las e analisá-las pode ser, assim, um exercício interessante para que os(as) participantes reconheçam e reflitam criticamente sobre como é estabelecida a relação com os meios de comunicação, identificando como essa relação pode se dar de forma mais ativa e criativa.

Capítulo 5-
Revistas, Gênero e Prazer

5.1. As revistas e o prazer

É íntima a relação entre as revistas e o prazer. Desde seu surgimento enquanto veículo de comunicação, as revistas se diferenciaram tanto pelo foco em temas transmitidos como prazerosos (relacionados à fantasia, à imaginação, aos desejos, à subjetividade), quanto pela busca por proporcionar uma leitura agradável e gratificante. Em comparação com os jornais, por exemplo, que têm como preocupação a credibilidade e a busca por retratar a realidade fielmente a partir de informações diretas e objetivas, nas revistas há um maior espaço para o sonho, para a distração e para o entretenimento, com a abordagem de temas mais variados e amenos e o uso frequente de cores, imagens e ilustrações. A própria linguagem utilizada reflete esse processo de diferenciação, transmitindo proximidade, cumplicidade e intimidade. Como descreve Dulcília Buitoni (1990):

Esse armazém sortido e agradável, que é a revista, sempre representa uma fruição(...). Acima de tudo, a leitura de uma revista parece mais gostosa do que a de um jornal, seja pelo conteúdo ou até pela forma como é lida. Não se leem revistas somente para informação, muitas vezes, o ato de folheá-las já é um prazer (BUITONI, 1990, p. 18).

A ênfase na leitura das revistas como prazerosa também é discutida por Marina Scalzo (2006), no livro “*Jornalismo de Revista*”:

(...) o texto de revista precisa ter um tempero a mais. Diferente do leitor de jornal, o de revistas espera, além de receber a informação, recebe-la de forma prazerosa (...) costume dizer que, em revista, bom texto é o que deixa o leitor feliz (SCALZO, 2006, p. 76).

Scalzo (2006, p. 13) destaca como desde as publicações iniciais as revistas buscavam oferecer um espaço de fantasia: “as revistas nasceram (...) sob o signo da mais pura diversão- quando traziam gravuras e fotos que serviam para distrair seus leitores e transportá-los a lugares onde jamais iriam, por exemplo”. Buitoni (1990) ao apresentar um histórico sobre as primeiras revistas publicadas, assinala como além de matérias ilustradas sobre diferentes lugares, havia também matérias sobre beleza, moda, decoração e amor, nas quais conteúdos e gravuras estimulavam desejos e incitavam ao sonho, à busca por uma vida idealizada, diferente da realidade cotidiana.

Devido a este foco em interesses e prazeres subjetivos, as revistas foram compreendidas, desde seu surgimento, como um veículo voltado principalmente para as mulheres, o que se relaciona à divisão culturalmente estabelecida entre feminilidade,

subjetividade e vida privada em contraposição à associação entre masculinidade, objetividade e vida pública. Scalzo (2006) assinala como, ainda hoje, embora existam revistas para homens, as revistas femininas são produzidas e compradas em número muito maior.

Antes de discutirmos sobre o início e a consolidação da imprensa feminina, apresentaremos como o acesso das mulheres à leitura contribuiu para mudanças nos padrões de gênero.

5.2. O prazer de ler feminino e as transformações nos padrões de gênero

Para compreendermos a história do surgimento das revistas femininas, é importante, inicialmente, pensarmos como historicamente as mulheres passaram a ter acesso à alfabetização e sobre a importância da leitura no processo de construção da feminilidade.

No livro “*Deslocamentos do Feminino*”, Maria Rita Kehl (1998) discute como foi principalmente a partir do século XIX, no contexto europeu, que o hábito da leitura passou a fazer parte da vida das mulheres:

A “fúria de ler” se apossou das mulheres que, no século XIX, tinham acesso às simples condições de um pouco de privacidade e do usufruto de um tempo liberado das tarefas domésticas- e tudo isso apesar da reprovação de grande parte dos pais e maridos. Mudanças nos hábitos de leituras (isolamento individual ao invés dos serões familiares de leitura em voz alta), curiosidades desesperadas pelas convulsões políticas recentes, desejo de participação que compensasse a solidão da vida doméstica, tudo isso somado ao surgimento dos folhetins que aumentaram muito a circulação da literatura romaneada, criaram para as mulheres a possibilidade de, através do livro, aventurarem-se num domínio até então exclusivamente masculinos (KEHL, 1998, p. 78).

Por meio de livros, jornais e revistas as mulheres puderam conhecer mais sobre as transformações, os ideais e anseios de seu tempo.

No livro “*Transformações da Intimidade*”, Anthony Giddens (1993) ressalta como o acesso à leitura foi responsável por mudanças na forma como as mulheres viviam, se relacionavam e enxergavam a si mesmas. O autor compara o impacto da alfabetização feminina nas transformações dos padrões de gênero às mudanças desencadeadas pelo acesso à pílula anticoncepcional, considerando como ambas contribuíram para romper o padrão da feminilidade como circunscrita ao espaço doméstico e atrelada necessariamente ao papel de esposa e mãe. Ao passarem a circular no espaço privado, livros, jornais e

revistas trouxeram para as mulheres informações e conhecimentos sobre a vida pública, antes considerada como inadequada e inacessível para elas.

O crescimento da leitura entre as mulheres se associa também ao crescimento da florescente indústria de novelas e romances escritos por e para mulheres. Como aponta Giddens (1993, p. 55):

O consumo ávido de novelas e histórias românticas não era em qualquer sentido um testemunho de passividade. (...) a literatura romântica era (e ainda é hoje) também uma literatura de esperança, uma espécie de recusa. Frequentemente rejeitava a idéia da domesticidade estabelecida como o único ideal proeminente (GIDDENS, 1993, p. 55).

Kehl (2008) assinala como a literatura passou a ter o papel de enriquecimento da imaginação, de compensação das frustrações e de rompimento do isolamento em que as mulheres viviam para abrir vias fantasiosas de gratificação. Além dos romances e novelas, outro gênero muito difundido no século XIX foi a “escrita de si”, como em diários e cartas. As fantasias, desejos, decepções e ambições, embora vividas em segredo, longe do espaço público, podiam agora ser compartilhadas com uma multidão de outras leitoras.

Como discute Margareth Rago (2013) no livro *“A Aventura de Contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade”*, o acesso das mulheres às produções literárias abriu um campo para que elementos como a sensibilidade, a emotividade, os relacionamentos, a subjetividade e o prazer pudessem ser abordados, não apenas na ficção, mas, posteriormente, com a entrada e o crescente número de mulheres nas Universidades, em estudos e pesquisas científicas. Antes, quando não lhes era permitido pronunciarem-se publicamente, os discursos sobre a feminilidade eram produzidos e reproduzidos pelos homens, tornando as mulheres um objeto a ser contado, descrito, explicado e classificado a partir de uma suposta “natureza feminina”. Com o gradual crescimento do acesso das mulheres à produção desses discursos ocorreram transformações, como expressa a autora:

(...) de um lugar estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade e excluído para o mundo da natureza, associado à ingenuidade, ao romantismo e à pureza, o feminino foi recriado social, cultural e historicamente pelas próprias mulheres (RAGO, 2013, p. 25).

Houve muita resistência para que a possibilidade do acesso das mulheres à alfabetização e à educação como um todo pudesse acontecer. Era forte o temor de que uma formação igualitária poderia minar os fundamentos da sociedade e ameaçar a

feminilidade, afirmações que eram com frequência difundidas por profissionais como médicos e pedagogos. Buitoni (1990) aponta como a dificuldade de acesso aos estudos aconteceu também no Brasil:

Seguindo os costumes portugueses, devido à influência moura, a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa. Vivia cozinhando e fazendo rendas; raramente os pais deixavam as filhas estudarem, sob a alegação de que elas poderiam assim manter correspondências amorosas não consentidas. O hábito de enviar as filhas à escola só foi absorvido pelas famílias de posse por volta da metade do século XIX. Então, se os homens letrados eram poucos, as mulheres alfabetizadas formavam um número bem reduzido (BUITONI, 1990, p. 36).

Maria Celeste Mira (1997) aponta como no início do século XIX, 84% das pessoas no Brasil eram analfabetas, o que se aproximava da porcentagem de alfabetizados(as) em países como a França e a Inglaterra na mesma época. A leitura só fazia parte dos hábitos de uma pequena elite culta e rica. Até cerca da metade do século, frequentar a escola só era permitido aos homens. Ainda predominava a compreensão de que a alfabetização das mulheres representava um risco à virtude. Mesmo quando começam a frequentar a escola, os materiais que eram permitidos para a leitura eram muito restritos.

O impacto do acesso à leitura nas possibilidades de transformação na vida das mulheres se evidencia tanto pelas resistências para que a alfabetização fosse permitida às meninas, quanto pela “fúria de ler” (KEHL, 1998, p. 78) daquelas que tinham acesso, com a grande curiosidade, desejo de conhecer e o prazer sentido com a leitura, que fizeram com que houvesse uma grande expansão dos materiais impressos produzidos tanto para mulheres quanto por mulheres. É importante pensar sobre como ler abriu portas para uma nova maneira de conhecer e experienciar o mundo para compreendermos a influência exercida pela imprensa feminina desde seu surgimento, que discutiremos a seguir.

5.3. O surgimento da imprensa feminina

No livro “*Imprensa Feminina*”, Dulcília Buitoni (1990) aborda o surgimento e o crescimento da imprensa feminina a partir do fim do século XVII, descrevendo seu início, na Inglaterra, e também sobre as primeiras publicações no Brasil, dois séculos depois. A autora considera que jornais e revistas podem ser vistos como termômetros dos costumes de cada época.

Os jornais começaram a existir em torno do século XVII, em função do progresso

dos correios que permitiu a distribuição. Embora não houvesse distinção explícita de público na imprensa geral, essa era predominantemente produzida, direcionada e lida por homens, porque eles eram o maior número de alfabetizados e tinham também maior acesso.

O primeiro periódico feminino de que se tem notícia, *Lady's Mercury*, surgiu em 1963, na Inglaterra. A França foi o país onde a imprensa feminina teve maior crescimento, tendo servido como modelo para a imprensa brasileira. Enquanto a imprensa feminina desempenhava um papel importante na Europa já no século XVIII, no Brasil nem imprensa havia. Foi no século XIX que ocorreu a permissão para o funcionamento do primeiro jornal.

O primeiro periódico feminino brasileiro foi o carioca *O Espelho Diamantino*, em 1827, trazendo temas como política, literatura, belas-artes e moda. Em 1852 são criadas duas publicações: *O Jornal das Senhoras* e *O Jornal das Moças Solteiras*. A divisão do público feminino entre “senhoras” e “moças solteiras” evidencia como nesse contexto o casamento demarcava fronteiras rígidas, principalmente com relação aos temas que seriam permitidos.

A forma como as revistas partiam dos ideais vigentes de feminilidade e os reforçavam pode ser notada nos nomes escolhidos para as publicações, que buscavam representar atributos tidos como femininos:

Com nomes de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina, ou mencionando a mulher e seus objetivos tivemos no Rio, São Paulo e outras cidades: A Camélia, A Violeta, o Lírio, A Crisálida, A Borboleta, O Beija-Flor, A Esmeralda, A Grinalda, O Leque, o Espelho, Primavera, Jornal das Moças, Eco das Damas e assim por diante (BUIIONI, 1990, p. 41).

A *Revista Feminina*, fundada por Virgínia de Souza Salles, em 1914, circulou por 22 anos, até 1936, e pode ser considerada como precursora das revistas brasileiras modernas destinadas às mulheres. A longa duração foi possível pelo esquema comercial, pois a revista era propriedade da Empresa Feminina Brasileira que fabricava e comercializava produtos destinados às mulheres, sendo assim um exemplo da vinculação entre a imprensa, a indústria nascente e a publicidade.

Maria Celeste Mira (1997) discute como as publicações femininas surgidas no Brasil a partir dos anos 30 têm uma forte relação com o cinema americano, em que predominavam narrativas que se construía em torno de um relacionamento amoroso, heterossexual e romântico, com a perspectiva de encontrar a felicidade no amor. Foi nesse

cenário que surgiram as fotonovelas, um setor importante de publicações na imprensa feminina. Em 1952, foi lançada a revista *Capricho*, que se tornou a revista de fotonovelas de maior sucesso, tendo ultrapassado em 1961 a venda de 500 000 exemplares. A partir dos anos 70, esse formato entrou em declínio, provavelmente devido ao crescimento e à consolidação das telenovelas.

A moda foi um elemento que impulsionou o crescimento da imprensa feminina e também teve o crescimento impulsionado por ela. A difusão dos moldes de costura nos Estados Unidos fez com que fossem buscados novos espaços de divulgação. A própria palavra inglesa “magazine”, utilizada para nomear as revistas, é derivada da francesa “magazin”, da mesma origem árabe de armazém, o que está relacionado a como as revistas eram vistas como um espaço para que fossem vendidas mercadorias variadas. Ainda hoje o incentivo ao consumo é um motor para a publicação de revistas femininas, como pode ser notado na discussão a seguir, realizada por Scalzo (2006, p. 44-45):

Revistas, na verdade, podem ser chamadas de “supermercados culturais”. Elas refletem a cultura dos lugares, o estilo de vida e, numa sociedade consumista como a que vivemos, não é de se estranhar que, apesar da crise econômica, as revistas que incentivam a febre pelas compras estejam em alta e representem uma tendência significativa no mercado editorial. Na França, essas revistas estão sendo chamadas de magalogues (uma junção de magazines, revistas, com catalogues, catálogos). São publicações que, como o próprio nome sugere, unem os dois formatos: mostram as tendências de moda, beleza e decoração e fornecem, em igual medida, o serviço para que o leitor possa comprar os produtos utilizados nas produções fotográficas.

A partir da apresentação de alguns dados sobre a história do surgimento das revistas, podemos reconhecer como, desde o início, o incentivo ao consumo e temas como moda, beleza e relacionamentos amorosos estavam presentes. É importante considerar a presença e a persistência no tempo da abordagem desses temas para pensarmos a relação entre as revistas femininas e a construção dos ideais de feminilidade, que discutiremos com mais especificidade mais adiante.

5.4. A importância das revistas femininas

Nas revistas femininas há a constante reiteração dos padrões vigentes, com a associação entre a feminilidade e a beleza, a moda e o amor, sendo forte a influência dos interesses de anunciantes com o constante incentivo ao consumo. Ainda assim, como discute Naomi Wolf (1996), é também nas revistas femininas que está o espaço onde esses padrões foram com frequência discutidos e questionados.

Wolf (1992; 1996) e Buitoni (1981) problematizam como embora a imprensa em geral declare-se voltada para todos os públicos, para os “homens” enquanto “sujeitos universais”, é facilmente identificável como os temas considerados como masculinos são priorizados e abordados com uma constância muito maior. O espaço dado a temas considerados como femininos é pequeno e geralmente restrito, como nos encartes destinados especificamente às mulheres dos grandes jornais. Assim como as mulheres enquanto leitoras não são priorizadas, também não é incentivada e propiciada a participação de mulheres na decisão do que será transmitido e no processo de produção de grande parte dos conteúdos abordados. Nas palavras de Wolf (1992):

A cultura em geral adota um ponto de vista masculino do que é notícia ou não. Por esse motivo, a decisão do campeonato de futebol americano sai na primeira página enquanto uma modificação na legislação sobre creches vem escondida num parágrafo de página interna. (...) Os jornais relegam as questões femininas para a “página das mulheres”. A programação de notícias da televisão destina as “reportagens femininas” para o horário diurno (WOLF, 1992, p. 92).

Os assuntos tidos como femininos são representados como menores, banais, fúteis. Buitoni (1981) e Wolf (1992; 1996) ressaltam ser necessário reconhecer o quanto a desvalorização desses assuntos está relacionada à desvalorização social de tudo o que seja considerado como da esfera do feminino. A rígida separação historicamente estabelecida entre a masculinidade associada ao espaço público e a feminilidade associada ao espaço privado acaba por alimentar a compreensão de que a privacidade, a intimidade, o cotidiano, os relacionamentos, as emoções são questões menores, sem importância. Apesar de ser muito necessária a crítica ao fato dos temas abordados nas revistas femininas se reduzirem a essas questões, é importante também o questionamento e a desconstrução da ideia de que tais aspectos sejam pequenos e bobos:

Essas necessidades muito válidas do ser humano- o que comer; o que vestir; como morar; como amar- traduzem-se em desejos que foram tratados pela imprensa feminina. (...) A imprensa em geral geralmente não consegue mexer tanto com os sentimentos e a vida diária concreta das pessoas (BUITONI, 1981, p. 69).

A desvalorização do que é relacionado à esfera do feminino está diretamente relacionada à desvalorização frequentemente dirigida à imprensa feminina, e aos produtos dirigidos a mulheres no geral:

A imprensa em geral, que visa o conjunto do público e não um sexo determinado, seria o verdadeiro jornalismo, lugar onde se lida principalmente com o fato público. (...) Mas uma imprensa que tem mais de duzentos anos e atinge milhões de leitoras não reunirá vários pontos defensáveis? (...) Imprensa feminina não é jornalismo, afirmam muitos. Hoje, com o desenvolvimento da publicidade, as revistas femininas só serviriam de pretexto para o catálogo de anúncios ficar mais interessante (BUITONI, 1981, p. 11).

Na discussão realizada por Naomi Wolf em 1996, a autora ressaltou que, apesar de todas as críticas recebidas pela imprensa feminina, a abordagem sobre interesses e preocupações femininas ocorre de forma mais frequente que em muitos outros espaços da cultura, com discussões sobre temas tão invisibilizados como aborto, divórcio, pílula anticoncepcional, estupro, violência doméstica, independência econômica, desejo e liberdade sexual. A autora relacionou a maior abordagem desses temas ao fato de que as revistas são construídas principalmente por mulheres e para mulheres. Hoje, com o crescimento do acesso à internet, podemos considerar que há melhores condições tanto de busca por informações quanto de produção de materiais. Mesmo com a maior pluralização de fontes, a imprensa feminina permanece como um veículo de grande alcance, capaz de atingir um número alto de pessoas em diferentes segmentos da população. Desta forma, como defende Wolf (1996), o papel das revistas femininas, ao invés de diminuído e depreciado, deve ser considerado muito sério.

5.5. O contexto do surgimento das revistas masculinas: transformações nos padrões de gênero no período pós-guerra.

O surgimento das revistas masculinas foi impulsionado pelas transformações nos ideais de masculinidade (e também contribuiu para impulsioná-las). Essas transformações estão relacionadas principalmente ao contexto americano pós-guerra em que houve o deslocamento do ideal de “breadwinner” (provedor, “ganhador do pão”) em que a masculinidade era associada às responsabilidades e compromissos com o sustento da família para o ideal de uma masculinidade vinculada ao consumo, à diversão e ao lazer.

A ruptura da “ética do breadwinner” foi discutida por Barbara Ehrenreich (1983), no livro *“The Hearts of Men- American dreams and the flight from commitment”*. Antes dessa ruptura, o homem que não atendesse ao modelo de pai, marido e provedor não era considerado como adulto completo ou como masculino completo. A maturidade era associada à aceitação dos papéis sociais. O casamento, assim, não era apenas uma prova de maturidade, mas também uma forma de exercê-la por meio de uma série de tarefas. A autora descreve como até os anos 50, se um homem não se casasse, se cuidasse sozinho

da própria casa, comendo fora e fazendo os afazeres domésticos, seria considerado imaturo, homossexual latente e egoísta. Essa ética passa a entrar em colapso a partir dos anos 50, de forma que, no final dos anos 70 e no começo dos 80, as pressões para que o modelo fosse correspondido já não eram tão fortes. Com a quebra, o homem que adia o casamento, que evita mulheres que podem se tornar financeiramente dependentes e que se dedica para os próprios prazeres já não é considerado suspeito, e sim, saudável.

Bill Osgerby (2001), no livro *“Playboys in Paradise- Masculinity, youth and leisure-style in modern America”* aponta como a ênfase na vida familiar, na ética do trabalho, da moderação e da honra, foi uma força poderosa na emergência da classe média tradicional americana nos séculos XVIII e XIX. A divisão entre os gêneros era central para a organização familiar, com esferas separadas e diferenciadas por status e autoridade: o feminino era subordinado, relacionado ao campo do privado, do doméstico, dos cuidados com os(as) filhos(as) e com o lar; e o masculino como dominante, relacionado à esfera pública, atividades cívicas, ocupacionais e do sustento da casa e dos dependentes. O homem de classe média do final do século XIX era caracterizado por seu autocontrole, sua busca por empreendedorismo, produtividade, respeitabilidade e responsabilidade.

A quebra na ordem social sustentada pela divisão entre masculino = público, feminino = privado, em que a família heterossexual reprodutiva era a unidade central, modificou os padrões de masculinidade e feminilidade. Com a desestabilização do ideal do homem enquanto provedor, responsável pelo sustento da família e dos filhos, que tinha no trabalho o centro de sua identidade enquanto homem, houve também o questionamento do ideal de feminilidade atrelado à maternidade e ao lar, principalmente com o crescimento do ingresso de mulheres de classe média no mercado de trabalho e o maior acesso aos estudos.

Elisabeth Fraterrigo (2009) problematiza como, embora tenham ocorrido muitas mudanças, ainda era esperado das mulheres que fossem dóceis, delicadas, gentis, atenciosas, dedicadas, solícitas, pacientes e passivas, tanto no ambiente de trabalho, com os chefes e colegas, quanto nas relações de uma forma geral. Mesmo com o maior acesso aos estudos e ao trabalho, ousadia e ambição não eram tidas como características desejáveis. Na carreira, não era incentivado que se especializassem e investissem em formação, já que o emprego deveria corresponder a um período temporário enquanto não se casassem. Desta forma, foi naturalizado que elas tivessem acesso apenas a cargos de menor remuneração. A possibilidade de ascensão passou a ser relacionada com a oportunidade de conquistar um parceiro que lhe proporcionasse as condições materiais

desejadas.

Assim, havia uma certa distância entre as mudanças e conquistas vividas pelas mulheres e a possibilidade de desfrutar a liberdade que passou a ser tão valorizada pelos homens. Isso se refletia também na questão da desigualdade econômica. A proclamada independência pelo acesso à vida profissional era na verdade limitada, devido aos baixos salários em cargos pouco valorizados, de forma que a ascensão social feminina passou a ser atrelada ao charme e à possibilidade de conquistar e se relacionar com os homens. Ao mesmo tempo em que padrões eram quebrados, a divisão entre masculinidade e feminilidade era mantida, com novos aspectos.

5.6. Novos ideais de masculinidade: A ética da “good life”

Até o começo do século XX, eram a produção, o trabalho, o esforço e o sacrifício e não o consumo, a diversão e o lazer os focos compreendidos como legítimos para as energias do homem de classe média. Por volta de 1920, a economia americana já não dependia da simples produção de mercadorias, e sim da contínua revigoração das demandas de consumo. No período após a Segunda Guerra Mundial essas transformações se aceleraram e se intensificaram, com a cultura de classe média se tornando cada vez mais permeada por uma valorização do consumo orientada para o lazer.

Elisabeth Fraterrigo (2009) discute sobre os significados construídos para o ideal que passou a ser bastante difundido na cultura americana: “good life” (boa vida). Esse conceito, invocado por políticos, intelectuais e publicitários da sociedade pós-guerra, estava relacionado à valorização de aspectos como conforto, segurança e abundância que se fortaleceu com a prosperidade do período, em que se tornou possível para a família de classe média o acesso a um campo expandido de lazer e consumo.

A autora realiza uma ampla discussão sobre a distância entre a liberdade masculina que passou a ser valorizada com os ideais de lazer e diversão e as possibilidades de acesso à liberdade disponíveis para as mulheres. Para os homens, com a nova ética do prazer, as obrigações e compromissos da família passam a ser visto como um peso, como cobranças desgastantes, que, se não podiam ser evitados, deviam, ao menos, ser adiados, prolongando a fase de solteiro para ser dedicada às aventuras, ao lazer e à diversão. Para as mulheres, o casamento não deixa de ser valorizado, mas passa a ser o sonho a ser realizado mais tarde. Enquanto esse sonho não acontecesse, o acesso a meios profissionais e sociais passou a ser apontado como um meio para conhecer possíveis pretendentes. O compromisso conjugal deixa de ser condição necessária para se ter relações sexuais, mas,

enquanto o casamento continua a ser a perspectiva almejada para as mulheres, para os homens a possibilidade de um relacionamento tornar-se estável passa a ser representada como um risco, uma ameaça à liberdade. Divertir-se, no masculino, significa ter muitas conquistas sexuais. Mulheres que busquem o casamento com a possibilidade de dependência financeira passam a ser vistas como “parasitas”. O destino idealizado para o dinheiro ganho pelos homens deixa de ser o sustento da família e passa a ter como foco os prazeres do consumo: carros, aparelhos tecnológicos, entretenimento, passeios e viagens. A idealização da liberdade, da aventura e da diversão foi muito mais associada ao masculino.

A desigualdade entre os gêneros e os privilégios masculinos presentes nessas representações passaram a ser analisadas sob um olhar crítico principalmente com o pensamento feminista da segunda onda, que apontava como as mulheres foram posicionadas somente como acessórios da “good life” propagada para os homens, como objetos do prazer masculino, e não parceiras iguais na busca por ela.

5.7. A construção de novos ideais de masculinidade e o surgimento da revista *Playboy*

O ideal de “good life” foi intensamente difundido pela revista *Playboy*, que posteriormente serviu de modelo para a criação de outras revistas masculinas. Na época em que a revista foi lançada (e ainda nos dias de hoje) conteúdos como estilo de vida, gastronomia, decoração, moda, beleza etc. eram considerados como tipicamente femininos. Bill Osgerby (2001) aponta como a presença das mulheres, na capa, nos pôsteres, nos ensaios fotográficos, foi essencial para afirmar a revista enquanto direcionada inquestionavelmente para um leitor heterossexual. A nudez não era necessária apenas para vender a revista, mas também para preservá-la de afirmações sobre não ser masculina, neutralizando qualquer acusação e propiciando aos leitores uma passagem segura para o campo do narcisismo e do consumo.

Após a publicação do relatório Kinsey, em 1984, foram muitas as reações de condenação sobre a afirmação das práticas homossexuais serem frequentes. Fraterrigo (2009) descreve como Hefner compreendeu o contexto homofóbico como propício para argumentar que ter acesso a imagens de mulheres nuas desde cedo seria saudável para o desenvolvimento dos jovens, afirmando que a nudez na revista, ao invés de ameaçar a sociedade americana, a protegeria.

A defesa da heterossexualidade como “saudável”, assim, já não estava atrelada à afirmação do casamento e do papel masculino de provedor, mas sim, ao desejo por muitas

mulheres e aos objetivos da acumulação de conquistas e da diversão. Barbara Ehrenreich (1981) aborda como perdeu força a acusação de que, por evitarem o casamento, os homens não seriam “suficientemente heterossexuais”, com a construção dos leitores da *Playboy* como “compulsivamente heterossexuais”. A mensagem principal transmitida por meio das fotos de mulheres nuas não era o erotismo, mas a fuga, a fuga do papel de provedor: “The breasts and bottoms were necessary not just to sell the magazine, but to protect it. (...) In every issue, every month, there was a Playmate to prove that a playboy didn’t have to be a husband to be a man” (EHRENREICH, 1981, p. 51).³⁸

A possibilidade da acusação de imaturidade também foi enfraquecida, deixando de ser um rótulo indesejável, já que “maturidade” seria sobre compromissos, obrigações, impostos e hipotecas, enquanto a *Playboy* seria sobre diversão. Osgerby (2001) também discute como por meio da celebração do universo masculino como um universo narcísico e de consumo, *Playboy* consolidou a crescente hegemonia de uma classe média para quem a responsabilidade, a domesticidade e o conservadorismo deixaram de ser os valores dominantes, em nome da busca intensa por prazer. Com o foco no lazer, estilo de vida, e na divulgação de mercadorias, *Playboy* passou a ser associada à sofisticação e elegância. Por meio das entrevistas com nomes importantes das artes e da política a revista conquistou uma imagem de relevância social. A proposta era valorizar o prazer autônomo e desinibido, rejeitando a autonegação e o conformismo. O sucesso do império da *Playboy* entre o fim dos anos 50 e nos anos 60 marcou as transformações nas articulações da masculinidade dominante, com uma identidade masculina mais apropriada para as demandas de uma sociedade baseada no consumo, no lazer comercial e no entretenimento, com a obsessão da busca individual da felicidade.

Em um movimento bastante inédito para meados dos anos cinquenta, *Playboy* incentivava seus leitores a resistirem ao casamento e aproveitarem os prazeres que as mulheres tinham a oferecer sem se envolverem afetivamente e, principalmente, economicamente. Uma das principais propostas de *Playboy* foi dar status ao homem solteiro. Pode não ter sido um programa revolucionário, mas com certeza causou rupturas.

Até então, as revistas masculinas associavam o prazer a atividades fora de casa, no espaço público, e a intenção de Hefner era propor um espaço masculino no ambiente doméstico, como descreve Beatriz Preciado (2010) no livro “*Pornotopia: Arquitetura y*

³⁸ Tradução nossa: “Os peitos e bundas não eram necessários apenas para vender a revista, mas para protegê-la. (...) Em toda publicação, todo mês, havia uma Playmate para provar que o playboy não precisava ser um marido para ser um homem” (EHRENREICH, 1981, p. 51).

sexualidade en <<Playboy>> durante la guerra fria”. As mulheres poderiam até ser bem vindas, mas apenas como convidadas, talvez poderiam até mesmo passar a noite, mas nunca como esposas. A conformidade ao casamento era vista como uma morte lenta, que impediria os homens de desfrutarem da boa vida, da “good life”.

No capítulo “*Playboy Joins the Battle of The Sexes*”, Barbara Ehrenreich (1983) inicia com uma fala de Hugh Hefner, fundador da revista, de que não desejava que seus editores se casassem ou tivessem noções bobas como “togetherness”, lar e família. A autora cita também uma pesquisa publicada na revista sobre os leitores: “Approximately half of Playboy readers are free men and the other half are free in spirit only” (EHENREICH, 1983, p. 43)³⁹. Para ser livre, o homem deveria ser solteiro.

Um manifesto foi publicado em um artigo de 1963, que dizia que, se o homem estivesse cansado com a correria e a rotina de trabalho, ele poderia ganhar muito dinheiro trabalhando em casa, sem precisar viajar, sem ter horários a atender, sem precisar acordar com o despertador, sem precisar vender, sendo o próprio chefe, em um trabalho fácil, sem pressão, em que só era necessário trabalhar uma parte do dia, permitindo passar a maior parte do tempo como quisesse, relaxando, assistindo TV, jogando cartas, conversando... “Incredible though it may seem, the offer is completely legitimate. More than 40.000.000 Americans are already so employed... the wives” (EHENREICH, 1983, p. 46)⁴⁰. Segundo o autor do artigo, homens que sacrificavam a si mesmos, cuidando para fornecer à família comida, roupas, móveis, eletrodomésticos, carros, clubes, férias, estavam investindo em seu próprio funeral. O homem deveria dar um basta ao papel de provedor, e para isso, *Playboy* oferecia um modelo alternativo, segundo o qual os homens poderiam passar a gastar com eles mesmos, com produtos como bebidas, cosméticos, roupas etc.

Ehrenreich (1981) pontua que, ao contrário da impressão de “rebeldia”, nada poderia estar mais em conformidade com o contexto da cultura americana naquele momento que defender uma forma de vida pautada nos prazeres do consumo. Após a depressão e a guerra, a economia passou a ser regida por uma moral consumista, principalmente por meio do lazer e do entretenimento. Emergia uma nova ética, a “fun morality”, moralidade da diversão. Se Hefner se descrevia como um “rebelde”, era na verdade por levar a nova moralidade muito a sério. O imperativo era aproveitar, e os

³⁹ Tradução nossa: “Aproximadamente metade dos leitores de Playboy são homens livres e a outra metade é livre apenas em espírito” (EHENREICH, 1983, p. 43).

⁴⁰ Tradução nossa: “Por mais incrível que possa parecer, a oferta é completamente legítima, com mais de 40.000 americanos(as) que já estão assim empregados(as): as esposas” (EHENREICH, 1983, p. 46).

antigos papéis marido, esposa, mãe e provedor, não eram nada divertidos.

Entretanto, o ataque da *Playboy* ao papel convencional masculino em nenhum momento se estendeu ao papel profissional. *Playboy* se opunha à função de manter um casamento monogâmico e não a de ter um emprego socialmente aceito e valorizado- ao contrário, o trabalho era posto como essencial para desfrutar dos prazeres do consumo. A filosofia da *Playboy* incluía fornecer inspiração para que os homens se esforçassem em seus trabalhos, desenvolvessem suas capacidades e subissem rumo ao sucesso, dando motivações para que os homens enfrentassem um mundo competitivo e vissem a realização profissional como um prazer pessoal. Hefner defendia que os homens deviam ganhar dinheiro, mas não dividi-lo. A mensagem transmitida era clara: se você pode conseguir sexo em serviços imediatos, não se envolva em um “contrato a longo prazo”.

Já a vida profissional das mulheres não era tão valorizada, ao menos não por motivos profissionais. Hefner afirmava que a presença de mulheres bonitas era importante para a motivação dos funcionários e o crescimento das companhias. Tinham como papel massagear o olhar masculino e serem “eye candies” (colírios, “balas para os olhos”) (FRATERRIGO, 2009, p. 126), compensando os homens do cansaço e das frustrações das dificuldades do dia de trabalho.

Hefner defendia que o sexo deveria deixar de ser associado ao pecado, e também ao romance, sendo parte de um período saudável de diversão e experimentação antes do casamento. Ainda que normas do comportamento sexual aceitável estivessem se tornando mais liberais tanto para homens como para mulheres, uma dupla moralidade permaneceu nos significados da experiência sexual. No novo e glamouroso mundo do consumo hedonista, desigualdades de gênero foram mais difíceis de serem quebradas.

Fraterrigo (2009) discute como mesmo com tantas transformações, as relações de gênero permaneceram estruturadas na dominação heterossexual masculina. Ainda que tenha proclamado tanto a liberdade sexual, a filosofia da *Playboy* estendeu e naturalizou a coisificação das mulheres, objetivadas pelo olhar masculino. Longe de serem representadas como participantes iguais e ativas nas fantasias de liberdade, as mulheres foram construídas como mercadorias para o consumo dos homens. Assim, ao invés de abrir caminhos para a liberdade sexual das mulheres, *Playboy* contribuiu muitas vezes para expandir e intensificar a submissão sexual feminina.

Osgerby (2001) agora como a maior parte das historiadoras apresenta críticas à objetificação das mulheres, mas há também análises que destacam o quanto houve um crescimento da independência feminina ao ser apresentada uma alternativa ao modelo

convencional, já que, ao invés de restringir as possibilidades de escolhas femininas ao casamento, à maternidade e à monogamia passaram a ser transmitidas imagens que rompem a posição de passividade e representam as mulheres como independentes e confiantes sexualmente.

Ehrenreich (1983) ressalta como os antigos papéis foram abandonados sem que, com isso, fossem abandonadas também certas atitudes sexistas ligadas a esses papéis, como a expectativa da submissão feminina, por um lado, e a compreensão das mulheres como uma ameaça para os homens, como possíveis parasitas, por outro. A autora discute sobre a importância da liberdade ser pensada em termos que não coloque uns como sujeitos, e outros como objetos. Ela propõe:

I can see no other ethical basis for a reconciliation than the feminist principle- so often repeated- that women are also persons, with the same needs for respect, for satisfying work, for love and pleasure- as men. (...) Then I finally would hope that we might meet as rebels together- not against each other but against a social order that condemns so many of us to meaningless and degrading work in return for a glimpse of commodified pleasures, and condemns all of us to the prospect of mass annihilation. If we can do this, if we can make a common commitment to ourselves and future generations, then it may also be possible to rebuild the notion of personal commitment, and to give new strength and shared meaning to the words we have lost- responsibility, maturity, or even, perhaps, manliness (EHRENREICH, 1983, p. 182)⁴¹.

5.8. A construção de novos ideais de feminilidade e o surgimento da revista *Cosmopolitan*

A revista *Cosmopolitan*, assim como a *Playboy*, foi lançada nos Estados Unidos no período pós-guerra e tanto refletiu as transformações nos padrões de gênero quanto contribuiu para impulsioná-las.

No capítulo “*Os grandes segmentos internacionais: revistas masculinas e femininas e as mudanças dos costumes no século XX*”, da tese “*O Leitor e a Banca de Revistas*”, Maria Celeste Mira (1997) descreve como a revista buscava alcançar e abordar

⁴¹ Tradução nossa: “Não consigo ver nenhuma outra base ética para a reconciliação que não o princípio feminista- repetido com tanta frequência- de que mulheres também são pessoas, com as mesmas necessidades por respeito, por trabalho satisfatório, por amor e por prazer- que os homens. (...) Então eu finalmente esperaria que nós possamos nos encontrar como rebeldes juntos(as)- não uns(umas) contra os(as) outros(as) mas contra uma ordem social que condena tantos de nós ao trabalho sem sentido e degradante em troca de vislumbres de prazeres transformados em mercadoria, e condena a todos(as) nós ao prospecto de uma aniquilação em massa. Se nós podemos fazer isso, se nós podemos fazer um compromisso comum conosco e com as futuras gerações, então também pode ser possível reconstruir a noção de compromisso pessoal, e dar nova força e significado compartilhado para as palavras que perdemos- responsabilidade, maturidade, ou mesmo, talvez, masculinidade” (EHRENREICH, 1983, p. 182).

a vida das mulheres que passaram a trabalhar fora de casa, ter a própria fonte de renda e ganhar gradativamente independência e autonomia. A editora Helen Gurley Brown, responsável pelas principais diretrizes editoriais, havia publicado antes dois best sellers que retratam as novas experiências e os novos ideais de feminilidade que estavam sendo estabelecidos: *Sex and the Single Girl*, lançado em 1962 e *Sex and the Office*, em 1969.

Fraterrigo (2009) aponta como nesses dois livros Brown apresentava um estilo de vida vibrante para a mulher solteira ao invés do lamento por não estar casada, com propostas alternativas sobre como aproveitar a vida sem ter as obrigações como o cuidado com a casa e com a família. O duplo padrão sexual foi questionado, e o exercício da sexualidade se tornou parte de um estágio prolongado da vida de solteira, uma expressão da independência feminina.

A nova identidade feminina em construção passou a ser articulada ao trabalho remunerado e ao consumo. O trabalho era visto como uma forma de se conseguir parceiros, além de ser necessário para conseguir dinheiro para se vestir, se maquiar e decorar o apartamento para recebê-los. Com muitas dicas sobre moda, compras, maquiagem e perfume, a prioridade era ser desejada, investindo muito esforço em dietas, exercícios e procedimentos de beleza para atrair os homens.

Nos conselhos dados por Brown havia a indicação de que, a não ser que houvesse perspectiva de casamento, a mulher não deveria gastar com o relacionamento, já que era função masculina pagar para levar as garotas para sair. Deviam esperar por presentes e encorajar os homens a dá-los, sendo essa a troca sexual implícita no “date”. Morar sozinha era sexy e significava independência. A sexualidade era então uma forma de buscar complementar a renda com presentes, jantares e viagens.

A mulher deveria deixar que os homens abrissem as portas, carregassem os pacotes, acendessem seus cigarros e não deveriam ver os pedidos deles para beijá-las ou transar com elas como inconvenientes, e sim como um elogio. Chefes escolhiam secretárias e datilógrafas com base na aparência. Eram comuns os avanços sexuais. O quadro que a geração posterior de feministas identificaria como assédio sexual era representado por Brown como uma diversão inofensiva. A “*single girl*” deveria estimular e excitar os colegas homens, para compensá-los do tédio do cotidiano do emprego e do casamento.

O escritório era um lugar de encontro sexual, se a mulher não estivesse conhecendo homens interessantes no ambiente de trabalho, era aconselhado que mudasse de emprego. Brown afirmava: “the girls wore their prettiest pants to work”

(FRATERRIGO, 2009, p. 96)⁴². Era a partir da aparência e do “*sex appeal*” que a mulher avançaria. O valor das mulheres não era pela competência, e sim, pela atratividade física e disponibilidade sexual.

As mulheres contratadas deveriam ser sexy e sexualmente disponíveis, mas não competitivas. As que competiam eram vistas negativamente, como masculinizadas. Ainda que estivesse se tornando uma mulher mais independente, o espaço social permanecia como um espaço do homem, já que cabia a ele o acesso ao poder e ao dinheiro. Fraterrigo (2009) aponta como, devido às diferenças no poder aquisitivo, os homens iam de táxi para o trabalho e as mulheres a pé, e havia piadas que descreviam esse contexto como uma forma de oferecer a eles uma bela vista no caminho para o trabalho.

Embora a “*single girl*” fosse celebrada por sua autonomia e direito ao prazer, essa celebração se dava desde que não fossem ultrapassados os limites dos desejos masculinos. A nova imagem da garota solteira refletia, assim, as desigualdades sociais e econômicas da vida das mulheres. Fraterrigo (2009) problematiza como a proclamada independência era na verdade limitada, contingente ao seu charme e aos seus relacionamentos com os homens. Se tornar muito ambiciosa era desvalorizado, era necessário corresponder às expectativas delimitadas pela divisão entre os gêneros, ainda que o casamento, a maternidade e a domesticidade estivessem sendo desestabilizados. Este quadro passou a ser contestado nos anos 70, pelas feministas da segunda onda, com as demandas de salários e oportunidades iguais e os protestos contra o assédio sexual e as discriminações sofridas pelas mulheres.

5.9. A “good life” e a cultura jovem

A crescente valorização do prazer no período pós-guerra influenciou mudanças nos padrões de masculinidade e feminilidade, contribuindo também para a construção de um novo ideal de juventude, com a produção da imagem do(a) “teenager” associada ao lazer, ao entretenimento e ao consumo. A adolescência passou a ser definida por um estilo particular de vida, de sociabilidade e de busca por prazer.

Elisabeth Fraterrigo (2009) e Bill Osberby (2001) discutem como o conceito de “teenager” abrangeu mais do que um termo descritivo para um grupo geracional, consolidando o surgimento de uma nova ética, a “fun morality”, ética da diversão, em que tudo deve ser prazeroso sem que sejam necessários compromissos ou esforços. Beatriz

⁴² Tradução nossa: “as mulheres usavam suas calcinhas mais bonitas para trabalhar” (FRATERRIGO, 2009, p. 96)

Preciado (2010) contextualiza essas transformações na sociedade americana apontando como a explosão de natalidade do pós-guerra teve como resultado um número de cerca de 10 milhões de jovens que passaram a ser almeçados pela publicidade e pelo marketing como consumidores em potencial, como um foco mercantil sem precedentes.

Houve a expansão do campo das diversões e da vida noturna, o que teve influência nas transformações dos códigos de moralidade, principalmente com relação aos comportamentos sexuais, com mais informalidade e casualidade nos rituais de paquera, namoro e intimidade. Em espaços onde não havia o controle da família, os casais passaram a ter muitas opções para seus encontros: cinemas, teatros, parques, bares, clubes de dança etc. Se consolidou, assim, um mundo direcionado para a interação, onde foram criados novos estilos de sociabilidade.

Outro ponto importante para pensarmos o estabelecimento de uma cultura orientada para o lazer é a reorganização da escolarização. Osgerby (2001) e Fraterrigo (2009) apontam como, na cultura americana, desde as primeiras décadas do século XX, houve um aumento do número de alunos(as) frequentando o ensino médio e também a expansão dos campi universitários, o que teve ramificações culturais importantes. Um período mais prolongado de estudos significou que muitos passavam mais tempo próximos dos colegas do que da família. Com isso, a casa passa a ser vista não como um lugar de socialização, mas como um espaço para comer e dormir. Nas universidades cresceram também o número de repúblicas, em que os jovens encontravam novos estilos culturais e rituais sociais com ênfase na interação, no lazer e no consumo.

Além das transformações objetivas, foram muitas as transformações subjetivas que culminaram em um novo ideal de adolescência. Como afirma Contardo Calligaris (2000), no livro "*A Adolescência*": "A adolescência não é só o conjunto das vidas dos adolescentes. É também uma imagem ou uma série de imagens que muito pesa sobre a vida dos adolescentes" (CALLIGARIS, 2000, p. 5). O autor discute como a adolescência é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época, sustentada por um prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam. Associada a sonhos de liberdade e de fuga, e, ao mesmo tempo, a pesadelos de violência e desordem, a adolescência é muitas vezes representada como uma caricatura monstruosa, fonte de desconfiança e repressão preventiva, mas também é colocada como um forte argumento de marketing que a toma como objeto de admiração e inveja, com uma espécie de culto publicitário a esse tempo da vida.

“A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir”, diz Maria Rita Kehl (2005, p. 1) no artigo “*A Juventude Como Sintoma da Cultura*”. A autora assinala como essa valorização da juventude é recente, já que por muito tempo homens e mulheres passavam a receber reconhecimento apenas ao ingressar na fase produtiva e reprodutiva da vida. O que compreendemos hoje como adolescência é bastante novo, tendo início com a modernidade e a industrialização.

Calligaris (2000) descreve a adolescência como um mito inventado no começo do século XX, que se fortaleceu sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Esse mito sustenta a adolescência como uma espécie de “moratória social”. Enquanto o(a) adolescente já tem a maturação necessária para ser capaz de produzir e se reproduzir, tendo assimilado e solidificado o valor social dado às relações amorosas e sexuais e ao campo produtivo, profissional, financeiro e social, ainda assim, aprende que por algum tempo, provavelmente por mais de dez anos, ficará sob a tutela dos adultos, preparando-se para viver as condições para as quais já poderia se considerar pronto(a). A moratória que caracteriza a adolescência pode ser definida então como um tempo de suspensão entre a chegada à maturação do corpo e a autorização para realizar o que a sociedade valoriza. Essa moratória foi instaurada a partir da modernidade tardia, sendo um fenômeno historicamente recente.

Para descrever a adolescência como uma fase, uma etapa, e circunscrevê-la no tempo, utiliza-se geralmente como critério as mudanças fisiológicas da puberdade, o que leva muitas vezes à compreensão da adolescência como um fato natural, causado por modificações no corpo e transformações hormonais. Mas ainda que a puberdade seja tomada como um início, as tentativas de definir quando a adolescência acaba são problemáticas. Em outras culturas, o equivalente à adolescência seriam ritos de iniciação, muitas vezes acompanhados de provas a serem superadas. Já em nossa cultura há a indefinição do que é preciso se superar para se chegar à idade adulta e mesmo do que significa ser adulto. Como afirma Calligaris (2000, p. 33):

A contradição a moratória torna-se ainda mais enigmática para o adolescente na medida em que essa cultura parece idealizar a adolescência como se fosse um tempo particularmente feliz. Como é possível? Em nossa cultura, a passagem para a vida adulta é um verdadeiro enigma. A adolescência não é só uma moratória mal justificada, contradizendo valores cruciais como o ideal de autonomia. Para o adolescente, ela não é só uma sofrida privação de reconhecimento e independência, misteriosamente idealizada pelos

adultos. É também um tempo de transição, cuja duração é misteriosa (CALLIGARIS, 2000, p. 33).

Kehl (2008) também discute como a adolescência na modernidade tem o sentido de uma moratória, um período dilatado de espera para os que já não são crianças, mas também não são incorporados à vida adulta. O período de dependência se torna cada vez mais prolongado com o aumento progressivo do período de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho e, mais recentemente, a maior escassez de empregos. Devido a essa dependência e ao adiamento da inserção na esfera produtiva, os jovens passam a ser caracterizados pelo seu potencial consumidor, definidos como uma nova e valorizada fatia de mercado. Nas palavras da autora:

Nessas circunstâncias, a adolescência só poderia se tornar uma idade crítica. Mas como, na economia capitalista, do boi se aproveita até o berro, essa longa crise que alia o tédio, a insatisfação sexual sob alta pressão hormonal, a dependência em relação à família e a falta de funções no espaço público, acabou por produzir o que as pesquisas de marketing definem como uma nova fatia de mercado. A partir daí – viva o jovem! Passou a ser considerado cidadão porque virou consumidor em potencial (KEHL, 2008, p. 46).

Ser jovem se tornou um slogan, um apelo publicitário, associado à busca de prazeres, da felicidade e da identidade a partir de uma enxurrada de mercadorias direcionada a eles(as). A associação entre adolescência e consumo transformou a imagem do(a) adolescente como uma criança grande, desajeitada e inibida para um modelo de beleza, liberdade e sensualidade para todos os outros grupos geracionais.

Ainda que desfrutar as condições de consumo seja privilégio das classes sociais mais altas, as imagens difundidas pela publicidade e pela mídia sobre a adolescência dão base a identificações em todas as classes sociais, de modo que a idealização da busca de prazeres, sensações, desfrute do corpo e da liberdade tem o potencial de abranger todos(as) os(as) adolescentes e mesmo as crianças e adultos(as). Nas falas, nos gestos, nas atitudes, nas roupas: traços considerados como “típicos” do “estilo adolescente” passam a ser valorizados e adotados de forma cada vez mais generalizada. Há assim o que Kehl (2005) denomina como “teenagização” da cultura, bastante relacionada ao imperativo de prazer. Como é um ideal para todos(as), o(a) adolescente se torna um ideal para si mesmo(a), empurrado(a) para buscar tornar-se a cópia do próprio estereótipo.

5.10. A construção do ideal de adolescência e o surgimento da revista *Capricho*

As revistas direcionadas para adolescentes podem ser um interessante material para a reflexão sobre a adolescência atualmente e também para pensarmos como foi construída historicamente a compreensão que temos hoje sobre adolescência. Um exemplo é como acompanhar as mudanças ocorridas no percurso da revista brasileira *Capricho* desde o seu lançamento, em 1952, até os dias de hoje, em que se tornou a revista para adolescentes mais vendida da América Latina (PUBLIABRIL, 2013), permite que sejam reconhecidos alguns elementos da adolescência como construção.

Até a década de 1970 a *Capricho* trazia na capa o aviso “desaconselhável para menores de 18 anos”. No início, a revista era destinada à publicação de fotonovelas, em uma época em que a televisão ainda era uma novidade. Com o desenvolvimento de novelas televisivas, as fotonovelas perdem força, e, a partir da década de 1980, *Capricho* passa a ser dedicada a temas mais variados. Esse percurso foi abordado por autoras como Rosa Fisher (1996), Maria Celeste Mira (1997), Raquel Miguel (2005) e Marina Scalzo (2006).

Na dissertação “*De ‘moça prendada’ à ‘menina super poderosa’ : um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na revista Capricho (1952-2003)*”, Raquel Miguel (2005) descreve como entre a década de 50 e meados de 70, o público da revista era composto por mulheres jovens, em busca de um casamento, noivas ou casadas, que tinham como objetivo constituir um lar e serem ótimas esposas, donas de casa e mães. O uso de uma linguagem jovem, e o direcionamento da publicação para idades cada vez menores teve início na década de 60. A imagem da adolescência como um período crítico, conflituoso, problemático passou a ser construída a partir da década de 70, servindo de justificativa para a vigilância, a intervenção constante e a necessidade de controle e orientação das adolescentes: “A primeira menção feita à adolescência nos números da *Capricho* consultados foi em 17 de fevereiro de 1982 em uma pequena matéria intitulada ‘A adolescência é uma idade chata e perigosa. Mesmo!’” (MIGUEL, 2005, p. 184).

Foi no ano de 1985 que *Capricho* passou por uma mudança editorial passando a ser declaradamente destinada às adolescentes, entre 15 e 20 anos, que até então não tinham uma revista dedicada exclusivamente a elas. O slogan “Miau! A revista da gatinha”, desenvolvido pelo publicitário Washington Olivetto, expressa essa mudança que foi bem-sucedida, com um significativo aumento na circulação. Antes disso, os slogans tinham sido “A revista da moça moderna”, “A revista mensal da juventude

moderna” e “Revista mensal da mulher moderna”. Marina Scalzo (2006) aborda como uma dificuldade enfrentada na época se referia à ausência de anunciantes interessados em divulgar seus produtos para o inexplorado mercado adolescente, já que havia a compreensão de que o consumo nessa faixa etária não era significativo. Essa compreensão mudou, e muito, nos dias de hoje, e o crescimento das revistas pode ser considerado como um dos fatores que contribuiu para essa transformação.

No capítulo “*Como Ser uma ‘Adolescente Liberada’ no Terceiro Milênio*”, João Freire Filho (2007) discute como o ideal de adolescência presente hoje nas páginas da revista *Capricho* tem na ideia de “autenticidade” um elemento central, o que se reflete no slogan utilizado desde 2005: “Seja Diferente. Seja Você”. A autenticidade refere-se à autoestima, à independência, à autonomia para fazer escolhas e para buscar prazer. Ser autêntica é colocado como sinônimo de ter um estilo próprio, estilo que é criado a partir de padrões de consumo, que, articulados, tornam-se um modo de expressão pessoal. Os estilos de vida são construídos de forma reflexiva e lúdica, como forma de tornar o corpo uma “vitrine” dos próprios gostos, interesses, preferências, da própria personalidade. Para isso, é colocada como fundamental a “parafernália da feminilidade” (p. 141), constituída por maquiagens, cosméticos, roupas, acessórios etc. Cultivar a própria personalidade é também representado como um jeito de aumentar as chances de conquistar os garotos, o que continua a ser colocado como objetivo principal das adolescentes. As garotas nas páginas da *Capricho* são representadas como arrojadas, dinâmicas, e, ao mesmo tempo, dependentes da atenção e da aprovação masculinas. O gênero permanece sendo um elemento estruturante.

Na dissertação “*Adolescência em Discurso- Mídia e Produção de Subjetividade*”, Rosa Maria Bueno Fischer (1996) descreve como a década de 90 foi marcada pela expansão do mercado destinado aos(as) adolescentes, expansão que participou na construção de como a adolescência passou a ser compreendida e vivida. Houve uma intensa valorização da vida privada (cuidado com o corpo, com a aparência, com a saúde, com a sexualidade, com os relacionamentos familiares e afetivos) em detrimento da abordagem sobre o contexto social, econômico e político, o que contrastou com a imagem de contestação e rebeldia que havia sido construída anteriormente, como quando houve a intensa participação em movimentos como os “cara-pintadas”, em 1992, na ocasião do impeachment do presidente Fernando Collor. A autora analisou materiais midiáticos lançados naquele período, como o caderno *Folhateen* do jornal *Folha de São Paulo*, o seriado *Confissões de Adolescente*, o programa televisivo *Programa Livre* e também a

revista *Capricho*. Identificou como elementos em comum nesses produtos a imagem de uma adolescência imatura, despreparada, irresponsável e inconsequente e apontou como a epidemia da aids e o crescimento no número de adolescentes grávidas eram argumentos frequentes para essa representação. A mídia passou a ser vista como um espaço pedagógico, em que seriam ensinadas as formas corretas e adequadas de agir. A afirmação da função didática dos meios de comunicação foi acompanhada de um questionamento cada vez maior da autoridade da família e da escola. Passou a ser frequente a participação de profissionais de áreas como a medicina, a psicologia, a sexologia para falarem sobretudo sobre questões privadas, como o corpo, a saúde e a sexualidade, com informações, esclarecimentos e orientações sobre como se comportar. Além do discurso científico, os ídolos e celebridades também eram colocados como referência de sucesso e realização, como modelo sobre como a vida deveria ser. Com a idealização de um modo de vida harmônico e feliz, passou a ser enfatizada a importância do aprendizado sobre como julgar, avaliar e modificar os próprios comportamentos. A mensagem transmitida é que os(as) adolescentes deveriam olhar para si mesmos(as), explorar a si mesmos(as), descobrir a si mesmos(as), aprender sobre si mesmos(as), encontrar o melhor para si mesmos(as).

Foi também na década de 90 que surgiram as revistas *Atrevida* (em 1994) e *Todateen* (em 1995), com temas comuns aos da revista *Capricho* que naquele momento já eram considerados “típicos” do universo feminino adolescente: moda, beleza, corpo, sexualidade, amor e ídolos. Fischer (1996) discute como muitos dos padrões que eram transmitidos pelas revistas femininas adultas passaram a ser dirigidos para as garotas, com transformações e adaptações para uma linguagem “jovem”.

5.11. As revistas e a normatização da adolescência

As revistas femininas para adolescentes trazem em suas páginas, nas capas, imagens, conteúdos, anúncios publicitários etc. modelos idealizados sobre como a adolescência deve ser. Predomina um tom normativo permeado por regras e prescrições, conselhos e instruções a partir da ênfase na importância das adolescentes serem aceitas, desejadas, admiradas e valorizadas, principalmente pelo olhar masculino.

A construção dos ideais de feminilidade e adolescência implica na exclusão de muitas formas de ser que não correspondem à identidade tida como desejável. Mencionaremos a seguir algumas pesquisas realizadas sobre as revistas adolescentes que trazem exemplos sobre como essas se dirigem a um público específico, imaginado,

idealizado de acordo com os padrões normativos vigentes, de forma a silenciar, omitir e excluir a diversidade e pluralidade de formas de viver a adolescência.

Rosa Fischer (1996) ao analisar diversos discursos da mídia acerca da adolescência, dentre eles a revista *Capricho*, ressalta que o recorte de classe faz com que muitos(as) não sejam nem mesmo incluídos no termo “adolescentes” ou “tens”, recebendo apenas a nomeação de “menores”. Esses(as) em nenhum momento são mencionados(as) nas páginas das revistas, muito menos na publicidade, aparecendo apenas na condição de “outros(as)”, nas estatísticas oficiais, nas reportagens sobre problemas sociais, nas páginas policiais dos jornais.

Carolina dos Santos de Oliveira (2009) analisa o discurso sobre as adolescentes negras veiculados na revista *Atrevida*, e discute o quanto essas são representadas apenas por meio de aparições pontuais e deslocadas do conteúdo geral da revista, já que a interlocutora e público-alvo privilegiada é a adolescente branca. Em um país tão fortemente miscigenado, as adolescentes negras, nas escassas vezes em que são representadas, são abordadas de forma homogênea, como se todas tivessem sempre o mesmo tom de pele, a mesma textura de cabelo, e, principalmente, a mesma concepção de beleza. Nas palavras da autora:

As adolescentes negras aparecem pontualmente em episódios em que são convidadas a "corrigir" e "educar" seus corpos em nome, segunda a revista, não apenas da beleza, mas da "saúde". (...) Essa adolescente negra é convidada a manipular e modificar seu corpo. Ela é sempre alertada de que pode melhorar, mas sempre com muito trabalho. Trabalho expresso em expressões comumente associadas aos cabelos crespos e corpos negros: lidar, domar, rebeldes, indisciplinados (OLIVEIRA, 2013, s/p).

Oliveira (2009) ressalta ainda o quanto a revista se pauta na manutenção do discurso hegemônico sobre beleza, gênero e raça, reiterando o lugar de cada grupo social na escala de valores predefinidas de acordo com os padrões vigentes.

Raquel Miguel (2005) discute sobre o pressuposto de que as adolescentes a quem as revistas se dirigem sejam sempre heterossexuais. Nas poucas vezes em que a atração de meninas por meninas é abordada, há um movimento de negação, como se o sentimento e o desejo por meninas correspondesse apenas a uma “fase”, a uma confusão, uma admiração passageira. Patrícia Silva (2006), ao analisar as representações de sexualidade nas revistas *Capricho*, *Todateen* e *Atrevida* entre 2003 e 2005, também discute a ausência de temas como a homossexualidade, a transexualidade e a violência sexual.

Márica Figueira (2002) e Fernanda Niemeyer e Maria Kruse (2008) analisaram as representações de corpo produzidos e veiculados pela Revista *Capricho*, destacando o quanto é ensinado que o sucesso e a realização dependem da construção de um corpo aceito e valorizado de acordo com os padrões estéticos vigentes, e que o fato de ser gorda e/ou feia simbolizam irresponsabilidade, desleixo, descuido e falta de amor próprio.

As pesquisas aqui mencionadas sobre revistas para adolescentes trazem importantes reflexões sobre como as diferenças são representadas nas revistas, evidenciando um quadro de exclusão em que não há espaço para a adolescente pobre, a adolescente negra, a adolescente homossexual, a adolescente gorda, a adolescente portadora de deficiência, entre tantos outros grupos que são silenciados e negados, de modo a encontrarem nas páginas das revistas a afirmação de que se distanciam da normalidade, que destoam do ideal, do desejável, e mesmo do aceitável, através de um discurso que legitima as desigualdades e incita a rejeição. Como discute Miguel (2005), sobre a revista *Capricho*:

Ao examinar as edições da *Capricho*, fica claro que esta revista não contempla a diversidade, a pluralidade das adolescências, acompanhadas das diferenças culturais, sociais, de gênero, raciais, regionais e nacionais. O modelo disseminado por este veículo midiático é o de adolescência dominante, da adolescência padrão e naturalizada, vista como uma fase difícil da vida, conflituosa pela qual todas pessoas passam, que serve como modelo de identificação para as demais adolescentes, tendo o outro como referência para encontrar a si mesma (MIGUEL, 2005, p. 55).

5.12. As revistas e a normatização da feminilidade

5.12.1. O ideal de beleza e a normatização da feminilidade

Nas revistas femininas para adolescentes e para adultas está presente a intensa associação entre feminilidade e vaidade. Dulcília Buitoni (1981), Maria Celeste Mira (1997), Núcia Oliveira (2005) e Naomi Wolf (1992) discutem como a ligação entre a imprensa feminina e a valorização da moda e da beleza está historicamente relacionada ao fato de que o surgimento e a consolidação das revistas femininas acompanharam e foram influenciados pela expansão das indústrias de roupas e cosméticos, que ocorreu principalmente nas décadas de 50 e 60, com a consequente demanda por mais espaços de publicização.

Na tese “*Corpo, beleza e gênero: rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1980)*”,

Nucia Alexandra Silva de Oliveira (2005) teve como objetivo discutir como os discursos sobre beleza são permeados pelos padrões de gênero. A autora aponta mudanças na forma como a beleza é compreendida em diferentes períodos. Antes da década de 30, a beleza era vista como um dom, predominava a concepção de que pessoas nasciam ou não nasciam belas. A partir de meados dos anos 50 e começo dos anos 60, passou a ser reforçada a ideia de que modificar o corpo não era só possível, como também necessário, com ênfase no prazer da transformação corporal. Nos anos 70 houve a intensificação do discurso de que a beleza poderia melhorar a vida das mulheres, trazendo mais amor-próprio, confiança e liberdade. A promessa de que por meio dos cuidados com a aparência cada mulher se tornaria uma “nova” pessoa se difundiu justamente em um período marcado por intensas transformações decorrentes das lutas feministas e pela idéia de emancipação feminina. Sobre a relação entre a crescente valorização da beleza e o contexto de conquistas das mulheres a autora discute:

(...) mais do que nunca era preciso afirmar o embelezamento como um prazer e principalmente como algo que poderia significar liberdade ou felicidade para a mulher. A beleza logo se tornou símbolo e significado de liberdade, emancipação e auto-estima. Ser bela era também ser livre e feliz. E a recíproca era igualmente verdadeira. Enfim, não há liberdade, prazer ou felicidade maior do que cuidar (ou lutar) para ter uma bela aparência, diriam as revistas e reforçariam os anunciantes (OLIVEIRA, 2005, p. 72).

A autora ressalta como, além de não corresponder as reivindicações do movimento feminista, a associação entre liberdade e beleza acabava por banalizá-las.

No livro “*O Mito da Beleza- Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*”, Naomi Wolf (1992) discorre sobre como a identidade feminina é diretamente associada à beleza pelos mais variados discursos, e o quanto essa associação acaba por tornar as mulheres inseguras, culpadas e vulneráveis à aprovação e ao reconhecimento externo. O conjunto dessas representações é descrito pela autora como “mito da beleza”, um mito sustentado por interesses históricos, econômicos e políticos. Um exemplo é como as indústrias das dietas, dos cosméticos, das cirurgias plásticas estéticas e da pornografia geram bilhões de dólares todos os anos.

Wolf (1992) também problematiza como ao mesmo tempo em que houve diversos avanços conquistados pelo movimento feminista, com muitos obstáculos legais e materiais sendo vencidos pelas mulheres, as imagens de beleza feminina se tornaram cada vez mais inalcançáveis, com modelos irrealistas e rígidos. Enquanto os direitos do controle

da reprodução possibilitaram um maior domínio da mulher sobre o próprio corpo, paralelamente os ditames que pregam o embelezamento, o emagrecimento e o rejuvenescimento abalaram esse domínio.

Antes o consumo feminino era muito mais direcionado para produtos de limpeza e eletrodomésticos, o que tornava frequentes as mensagens que representavam a possibilidade de sujeira e de descuido com a casa como fonte de insegurança e culpa. Com a maior presença das mulheres no mercado de trabalho, a centralidade dada ao “problema” feminino de tornar o espaço doméstico impecável deslocou-se para as preocupações com a beleza. Como o pavor de engordar ou de envelhecer mobiliza muito tempo e muito dinheiro, as mulheres agora são incitadas a uma tripla jornada: acumular suas carreiras com as funções de cuidar da casa e de ser profissional da beleza, já que é ensinado a elas que só merecerão o que desejam caso correspondam aos padrões estéticos vigentes.

O mito da beleza pode ser relacionado com elementos como o grande aumento no número de cirurgias plásticas, o crescimento de casos de distúrbios relacionados à alimentação, a intensa expansão do mercado pornográfico e também com a onipresente exploração de imagens da beleza feminina pela publicidade.

Wolf (1992) discute também como as revistas femininas difundem de forma contínua e repetitiva a afirmação de que, ao seguirem os conselhos oferecidos, as mulheres podem se transformar e realizar as mudanças que desejam. Transformação e mudança constituem um discurso sedutor, ainda mais para as mulheres, que por tanto tempo na história eram consideradas como incapazes ou impossibilitadas de realizar a maior parte das coisas que imaginavam. As revistas afirmam continuamente que as mulheres podem sempre melhorar, podem ser quem elas quiserem, trazendo sensações ambivalentes.

Fischer (1996) discute sobre o movimento constante das revistas em incitar as leitoras para identificarem em si mesmas suas “anormalidades”. É incentivado um contínuo autoexame para que sejam reconhecidos os elementos a serem modificados. São propostos inúmeros procedimentos de cuidado para que se possa corresponder ao modelo normativo de feminilidade. Principalmente nas reportagens sobre moda e beleza, são comuns termos como “corrigir”, “esconder” e “disfarçar”, sustentando a compreensão de que há sempre algo errado, inadequado e impróprio, nas leitoras e em seus corpos.

O sentimento de humilhação, de desprezo por si mesma, de profunda insatisfação e inferioridade, a respeito do próprio corpo, é produzido

sistematicamente (...) Corrigir o desvio é sujeitar-se à busca da imagem ideal, (...) depois de bem identificada a “falha”. Nenhum lugar é melhor do que as revistas femininas para compreender esse modo eficaz de subjetivação da mulher (...) A descoberta do “erro do corpo”, mostrada com graça e bom humor ou ironia e sofisticada agressividade, vem acompanhada da promessa mágica de transformação: os exercícios propostos, os produtos sugeridos, os cuidados ensinados passo a passo incitam a identificação e a procura de “defeitos”, à medida que oferecem as respectivas soluções. Não importa tanto que todas as técnicas sejam ou não aplicadas: importa que se fala muito e sempre de um corpo que precisa ser cuidado, aperfeiçoado, mantido “em forma”, para ser desejado pela própria mulher e pelo Outro (FISCHER, 1996, p. 220).

5.12.2. O ideal de amor e a normatização da feminilidade

No livro “*Mulher de Papel- A representação da mulher na imprensa feminina brasileira*”, Dulcília Buitoni (1981) discute como a representação da felicidade como necessariamente atrelada ao amor é central na construção dos ideais de feminilidade. Há a associação entre o amor e uma consciência mágica, já que a realização afetiva é colocada como uma anestesia para as dificuldades da realidade, com o poder de resolver e/ou compensar todos os problemas. A mensagem constantemente transmitida é que, quando há prazer e felicidade a dois, as outras questões do mundo deixam de importar, deixam de fazer sentido.

A idealização do amor pode atuar de forma bastante normativa. Rosa Fischer (1996) destaca como os conselhos das revistas femininas são sempre direcionados de acordo com a associação da construção da mulher enquanto “mulher para o homem”. Todo o modo de ser feminino é proposto a partir da dependência do olhar, do desejo, da aprovação e do interesse masculinos.

A importância da realização amorosa na identidade feminina passa pela valorização de características como a delicadeza, a meiguice, a doçura, a discrição, a preocupação em agradar, o romantismo, colocadas como fundamentais para a conquista e para o relacionamento. Desde a infância, há o aprendizado por parte de cada menina de que, para ser amada, é necessário seguir uma série de regras, atender a uma série de exigências e expectativas sobre como ser, pensar, se comportar, cuidar da beleza. Como discutem Rosa Fischer (1996), Luciana Lira (2009), Paula Miranda-Ribeiro e Ann Moore (2003), esse aprendizado é reforçado pelo modo como os homens, nas revistas femininas, e principalmente os garotos, nas revistas para adolescentes, são colocados na posição de conselheiros, de autoridade. São frequentes as matérias em que eles são convidados para avaliar o comportamento feminino, reforçando a ideia de que as

mulheres e garotas são constantemente observadas, vigiadas, julgadas, criticadas. As leitoras não recebem espaço para comentar, discutir e questionar o que é afirmado pelos garotos e homens sobre elas. Assim, o que pode ser entendido é que a opinião deles é a que vale, de forma que a leitora deve adaptar seu comportamento para se encaixar nos padrões propostos por eles. A mensagem transmitida é que elas devem aprender de que forma os homens pensam, como “naturalmente” os homens são, para buscarem ser e agir do modo que eles dizem que elas devem ser.

Com a transmissão de que cabe às mulheres aprender sobre como os homens são para compreendê-los e aceitá-los, elas são posicionadas como as verdadeiras responsáveis para que o relacionamento dê certo. Há a concepção de que os homens resistem “naturalmente” ao compromisso, não sabem expressar sentimentos nem dar importância a eles, desejam apenas ter o maior número de parceiras e experiências possível, sendo necessários muitos esforços femininos para aprenderem como lidar com eles para transformá-los. Não há a valorização do diálogo e da compreensão mútua, não é considerada a possibilidade de ambos os parceiros se expressarem e construir juntos uma forma positiva e satisfatória de se relacionarem.

São rígidos os padrões de gênero que posicionam as mulheres como sempre em busca de um relacionamento amoroso e os homens como sempre evitando-os a qualquer custo, apenas interessados em sexo. Para as mulheres, o sexo é colocado como um “artifício” para assegurar a relação, como se o prazer sexual tivesse o poder de atrair, conquistar, perpetuar ou revitalizar o amor. Vera Alves (2002) destaca em sua análise dos livros de autoajuda como a responsabilidade pelo sucesso na conquista e no relacionamento amoroso é atribuída às mulheres. A elas são dadas várias recomendações sobre como identificar erros e falhas no próprio modo de ser e de se comportar e são dados conselhos para corrigi-los, já que são esses “defeitos” que a impedem de encontrar um grande amor. Mais do que buscar um parceiro, a mulher deve buscar tornar-se a parceira ideal, esforçando-se para adequar-se continuamente ao que os homens podem esperar dela:

As mulheres recebem dos autores destas obras uma grande incumbência: a de ser a responsável pela vida conjugal. A ela cabe selecionar, cuidadosamente um parceiro, ter absoluto controle sobre seus comportamentos na fase da conquista, gerenciar suas emoções também durante o casamento, ficar o tempo todo alerta quanto à avaliação moral que recai sobre suas condutas, mas, acima de tudo, corrigir-se sempre, por ser desde o início considerada inadequada (ALVES, 2002, p. 44).

Caso a mulher falhe em atingir os ideais transmitidos (agradar e atrair os homens, no geral; ter sucesso em conquistar o homem por quem se apaixona e viver com ele um relacionamento romântico, estável e monogâmico em que o parceiro é atencioso, carinhoso, dedicado e apaixonado) são dirigidos a ela conselhos e recomendações para que verifique onde está errando, que esforços precisa realizar para agir da forma adequada e necessária para que a busca pelo relacionamento romântico idealizado dê certo.

Não há nas revistas espaço para a reflexão e o questionamento do ideal imposto, das regras sobre como o relacionamento deve ser, assim como não há espaço para o reconhecimento e a problematização dos padrões de gênero presentes, que sustentam a representação da mulher como alguém que deve sempre agradar e que só se realizará se for amada.

5.12.3. O ideal de bem-estar e a normatização da feminilidade

Desde os anos 60, a vida privada, o desenvolvimento pessoal e a sexualidade ganharam crescente importância, o que foi acompanhado e também impulsionado pela difusão das revistas femininas. Eva Illouz (2011) relaciona esse processo ao crescimento do que denominou como “cultura terapêutica”, que corresponde à difusão da compreensão e do incentivo para que o “eu” entenda e modifique a si mesmo em busca do bem-estar, da felicidade individual e da autorrealização. É expandido o foco nos sentimentos e a busca por compreendê-los, interpretá-los, expressá-los e expô-los de forma franca e sincera. A autora aponta as revistas femininas como um veículo de difusão da cultura terapêutica, por incentivarem a intensificação da relação com o “eu” por meio da constante presença de narrativas, depoimentos, conselhos e consultas a profissionais de áreas como Psicologia, Sexologia, Medicina etc.

Na dissertação “*A Cultura ‘Psi’ das Revistas Femininas (1970-90)*”, Dulcina Tereza Bonati Borges (1998) analisa a inserção dos discursos da Psicologia e da Psicanálise no espaço das revistas femininas a partir da década de 70. Essa inserção se deu principalmente a partir do propósito de orientar o comportamento feminino, oferecendo para as mulheres conselhos e guias norteadores para os conflitos pessoais, afetivos e sexuais, marcados por um caráter de valorizar o prazer, o corpo e a individualidade.

A cultura “psi” constrói um novo sistema de compreensão e organização das condutas, investido pela autoridade conferida à ciência. Cresce a afirmação da individualidade enquanto um plano privilegiado, com centralidade para as questões

privadas do cotidiano e o incentivo à busca por uma maior autenticidade nas relações. São oferecidas receitas para instrumentalizar a subjetividade e a intersubjetividade para promover desenvolvimento. As promessas de autorrealização são recobertas por um apelo sedutor de que é necessário intervir, investir, trabalhar, gerir o potencial humano. As soluções colocadas são individualizantes, sendo forte o caráter de adaptação e ajustamento. Esse movimento ocorre justamente em um momento em que a censura e a repressão política se instauravam progressivamente no país. É em torno do corpo, da beleza, da juventude, que passam a ser concentradas as mais diversas formas de atenção.

João Freire Filho (2007) aponta como historicamente a linguagem das conquistas, avanços e transformações relacionada às mobilizações feministas é apropriada por um vocabulário que desloca a importância da busca por mudanças coletivas para o plano das ações individuais, esvaziando a criticidade em relação aos fatores sociais, culturais e políticos e alimentando explicações autocentradas, de forma que termos como “autoestima”, “autoconfiança” e “autorrealização” tornam-se elementos-chave.

Borges (1998) exemplifica sobre a privatização e a individualização de questões relacionadas a esfera mais amplas a partir da análise sobre como as revistas abordaram o crescimento do ingresso feminino na vida profissional. O tema não era pensado a partir das determinações sociais, das possibilidades e limitações presentes no contexto daquele momento, mas sim, descrito a partir de elementos autocentrados como iniciativa, responsabilidade, comprometimento, seriedade, capacidade de aceitar desafios. Se a mulher encontrava-se em uma posição de dependência e submissão não era devido a condições da cultura, mas sim, a falhas da própria mulher em crescer, se desenvolver e se realizar.

Observa-se que a busca da “realização pessoal”, fórmula ambígua que pressupõe conciliar o trabalho com a condição de esposa sedutora, atraente, e de mãe disponível e afetuosa, reforça o individualismo, ao associar esta realização a atividades exclusivas do sujeito (BORGES, 1998, p. 161).

Ao discutir sobre a constante presença de termos como “autoestima”, “autoconfiança” e “autorrealização” nas revistas femininas, Maria Celeste Mira (1997) aponta como a mulher é incitada a conhecer e controlar a si mesma para sempre buscar aperfeiçoar-se, em um contínuo processo reflexivo em que as leitoras são colocadas como responsáveis por monitorar e modificar as próprias formas de ser e de se comportar, revendo-as e revendo-se constantemente. Essa importância do controle sobre si ganha

cada vez mais como centro o corpo: é ele que precisa ser aperfeiçoado, monitorado e modificado.

Laura Kipnis (2005) problematiza como o incentivo para que sejam feitas mudanças e transformações na própria forma de ser, de se comportar e de se relacionar para se adaptar a modelos contribui para apagar a possibilidade de questionar e transformar os próprios modelos impostos. Com tantos conselhos e prescrições que apontam a falha como individual, dificilmente o contexto social mais amplo será alvo de reflexão e crítica. A descrença torna-se a sensação predominante diante da possibilidade de mudanças nas condições sociais, culturais e políticas. Esforços por transformações coletivas são vistos como bobagem, como perda de tempo, enquanto os esforços para transformar o próprio eu, a própria vida pessoal e o próprio corpo são naturalizados, incentivados e insistentemente prescritos.

“Pedagogias do bem-estar” é o conceito utilizado por Beatriz Albino, Priscila Hammes e Alexandre Vaz (2011) para discutir as prescrições normativas sobre como buscar uma vida plena, repleta de prazer e felicidade, muito presentes em materiais midiáticos como as revistas voltadas para o público feminino. São valorizados elementos como o equilíbrio, a harmonia, o relaxamento, o otimismo, que devem ser buscados a partir de diversos procedimentos, exercícios, consumo de produtos, mentalizações e outras práticas relacionadas ao cuidado de si. Os autores discutem como lado a lado com a valorização do bem-estar estão regras e padrões normativos sobre o que significa sentir-se bem e sobre o que é necessário para isso. Os conselhos são sempre dados circunscrevendo os conflitos e contradições na esfera do privado, sem que sejam considerados elementos e contextos mais amplos. As preocupações femininas são reduzidas ao cuidado com o corpo, com a própria individualidade e com os relacionamentos afetivo-sexuais.

Albino, Hammes e Vaz (2011) problematizam como o ideário de satisfação e a busca por prazer podem, paradoxalmente, desencadear sensações de frustração e ansiedade, quando não se corresponde aos ideais de bem-estar almejados. Por meio de conselhos para “viver melhor” delimita-se uma série de prescrições normativas sobre o que é considerado como adequado, desejável e esperado. Os discursos das “pedagogias do bem-estar” reforçam o caráter de imposição e instrumentalização do prazer e propõem uma forma de gerenciar a vida, organizada em torno de uma norma, uma forma ideal de viver que ignora e negligencia as particularidades e singularidades de cada um(a), já que felicidade, prazer, bem-estar e liberdade não são consumíveis, prescritíveis ou receitáveis

por meio de instruções e técnicas.

5.13. As revistas e a normatização da masculinidade

As revistas podem ser consideradas como um roteiro para os desejos e prazeres masculinos, apoiado nos padrões de gênero que circulam em nossa cultura. Como aponta Adriane Peixoto Câmara (2007):

É possível afirmar que as revistas se constituem como um espaço de grande circulação de representações acerca da masculinidade e da feminilidade. Isso significa apontar que as revistas não atuam num espaço vazio ou neutro de significados, muito pelo contrário. As reportagens expostas, assim como os ensaios fotográficos estão atravessados por representações e significados presentes na cultura, constituindo os sujeitos (CÂMARA, 2007, p. 14).

Câmara (2007) ressalta como há nas revistas masculinas o uso de uma linguagem pedagógica, que estabelece uma relação de ensino-aprendizagem com o leitor principalmente no que diz respeito a como corresponder os ideais de masculinidade, de desejo e desempenho sexual. Assim, mesmo que o “ser homem” seja transmitido como algo “natural”, fruto da “essência” e dos “impulsos”, as revistas masculinas são um exemplo sobre como a masculinidade é alvo de constantes e reiterados investimentos e normatizações.

No livro “*Macho, Masculino, Homem*”, Rose Nogueira (1986) identifica como nas revistas masculinas o homem retratado é sempre aquele que tem alto poder aquisitivo e acesso aos mais diversos prazeres, vive cercado de mulheres bonitas que são compreendidas como possibilidades de desfrute para o momento, concretiza fantasias de conquista, concorda com o sistema político, não presta atenção ao mundo à sua volta a não ser nos itens de consumo, não tem problemas existenciais, jamais sofre de angústia ou tristeza, não chora, não tem momentos de intimidade, não sente culpa, remorso, afeto ou carinho. Palavras como glória, sucesso e poder são as mais frequentes e não possuir essas características é significado como um grande obstáculo para o acesso ao prazer.

Um exemplo de como os padrões de gênero e a heteronormatividade influenciam na construção das revistas é a constante presença da exposição de corpo de mulheres como objeto do olhar, do desejo e do prazer masculinos. Há a predominância da redução da mulher ao corpo, e o corpo representado é aquele que corresponde aos ideais estéticos vigentes (mulheres jovens, magras e brancas), com medidas perfeitas e destaque para a beleza e a sensualidade. As mulheres são idealizadas como sempre disponíveis para

satisfazer os desejos e fantasias masculinas, sem nunca apresentarem obstáculos e resistências aos homens. Alguns estudos sobre essas questões serão apresentados no tópico “Padrões de sexualidade, gênero e corpo nas revistas masculinas para heterossexuais”.

Michel Dorais (1994), no livro “*O Erotismo Masculino*” e Sócrates Nolasco (1993), no livro “*O Mito da Masculinidade*”, abordam como o contato com materiais eróticos e pornográficos é compreendido e incentivado como parte da educação sexual de garotos e homens, como importante para formar e garantir a masculinidade heterossexual. Como assinala Câmara (2007), as imagens do corpo feminino não apenas reproduzem, mas produzem os desejos masculinos.

5.14. Sobre a ausência de revistas masculinas para adolescentes

A sexualidade e a adolescência são temas muito abordados nos meios de comunicação, principalmente no que se refere a discursos sobre a sexualidade feminina. Entretanto, poucos são os materiais sobre sexualidade destinados especificamente para os garotos adolescentes. Essa ausência pode ser relacionada ao fato de que, mesmo que as revistas masculinas adultas se declarem voltadas para maiores de 18 anos, os adolescentes são uma parte significativa dos leitores almejados e alcançados por essas revistas, havendo, inclusive, uma expectativa cultural de que os conteúdos pornográficos presentes nelas participem de forma “didática” na educação sexual dos jovens. Michel Dorais (1997), Maria Celeste Mira (1997), Sócrates Nolasco (1993) e Veet Vivarta (2003) abordam como além das revistas, é incentivado que o acesso a filmes, vídeos, sites na internet etc., faça parte das descobertas e do aprendizado masculino sobre o sexo. Os autores problematizam sobre o quanto estão presentes nesses materiais modelos ideais de masculinidade a serem alcançados e apontam como para os adolescentes em suas primeiras experiências, tais modelos, ao invés de esclarecer, podem gerar mais dúvidas e inseguranças.

A expressão de inseguranças e dúvidas por parte de meninos e homens não recebe espaço, mas sim, reprovação e censura, como discute Marina Castañeda (2006, p. 216) no livro “*O Machismo Invisível*”: “conforme as concepções do machismo, o homem sempre sabe o que faz em matéria de sexualidade” (CASTAÑEDA, 2006, p. 216). São alimentados ideais de um desejo sexual ininterrupto, uma potência sexual permanente e um desempenho sem falhas, o que culmina em fortes pressões e expectativas difíceis de serem cumpridas.

Uma premissa central da visão machista é que o desejo sexual é o que faz o homem. Os verdadeiros homens são sempre “ardentes”, prontos para o ato sexual a qualquer momento: aquele que recusa uma oportunidade tem uma masculinidade ambígua; aquele que não a aproveita tem uma virilidade duvidosa (...) Muitos homens, para demonstrar sua masculinidade, acham importante exibir desejo continuamente e aludir constantemente à sua vida sexual (CASTAÑEDA, 2006, p. 208-209).

A expressão de dúvidas e inseguranças, é, assim, transmitida como incompatível com o ideal de masculinidade, o que se evidencia em concepções como “homem que é homem sabe tudo sobre sexo”, “homem que é homem nasce sabendo”, de forma que, enquanto são muitos os conselhos, orientações e instruções dirigidos às meninas sobre sexualidade e relacionamentos, há um silenciamento diante das primeiras experiências e das experiências masculinas no geral, silenciamento que se reflete na ausência de revistas masculinas voltadas ao público adolescente.

5.15. A construção de modelos identitários de masculinidade homossexual e o surgimento das revistas gays

As revistas gays têm como proposta a construção de um espaço de reconhecimento e posituação da homossexualidade masculina. Em um contexto social em que os desejos e as relações entre homens são negados, invisibilizados e estigmatizados, as publicações investem em elementos como visibilidade, valorização e pertencimento. São frequentes as matérias que abordam o tema do preconceito, do combate à homofobia e da luta por direitos. Há também a constante exposição de um universo repleto de diversão, sociabilidade, festas, baladas, viagens, entre outros contextos de alegria e prazer em contraste com a imagem de sofrimento e exclusão tão frequentemente alimentada pelo preconceito, como analisam Antonio Carvalho (2010), Willian Magalhães (2009) e Leonel Cardoso dos Santos (2010).

Entretanto, nas revistas gays pode também ocorrer a normatização, com o engessamento da homossexualidade em padrões e modelos. Como discutimos anteriormente sobre as demais revistas, a segmentação do mercado editorial baseia-se em marcadores identitários como gênero, idade, classe social e orientação sexual (MIRA, 1997). O surgimento de revistas voltadas ao público masculino homossexual parte de pressupostos sobre quem os homens gays são, do que gostam, pelo que se interessam, ao mesmo tempo em que participam na construção dessas identidades, gostos e interesses, fornecendo referências sobre como os homens gays devem compreender e reconhecer a

si mesmos. Essa problematização é realizada por Flávia Azevedo (2010), Antonio Carvalho (2010) e Isadora Lins França (2009).

A possibilidade dos veículos midiáticos direcionados ao público homossexual enquanto espaços de discussão e reivindicação política pode ser exemplificada pelo jornal “*Lampião da Esquina*”, que foi publicado entre os anos 1978 e 1981, com um conselho editorial que reunia jornalistas, escritores e intelectuais reconhecidos na vida cultural brasileira, com a proposta de quebrar a compreensão de que aqueles que sentem atração por homens são inferiores e infelizes; ridicularizar tabus e ressaltar os aspectos criativos e prazerosos da sexualidade. Willian Magalhães (2009), ao realizar a análise da publicação, aponta como além do foco na discussão política sobre a homossexualidade, também houve a busca por retratar a luta por direitos de outras minorias, com a publicação, por exemplo, de um número considerável de matérias relacionadas ao feminismo, com a discussão de questões como aborto e estupro.

A partir da segunda metade da década de 90, surgiram diversas publicações jornalísticas voltadas para o público gay, com menor atenção à ação política e maior foco no entretenimento, no lazer e no consumo. Os leitores homossexuais não eram representados como parte de um movimento de contestação e reivindicação de direitos, mas sim, como consumidores de um mercado em potencial. Alguns exemplos são a revista *G*, lançada em 1997, a revista *Homens*, em 1998, a revista *Somos Brasil*, lançada em 2000 e a revista *Júnior*, lançada em 2007.

Como afirma Isadora Lins França (2010), na tese “*Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*”, a criação de novos segmentos de mercado não consiste apenas em atender a demandas de grupos pré-existentes, mas sim, em realizar o movimento de constituir e estabelecer determinados grupos. A relação entre as revistas e o fortalecimento e/ou a produção de identidades pode ser exemplificada pela descrição apresentada por Antonio Carvalho (2010), sobre a revista *G*:

Desde seu nascimento até os dias atuais, *G* possui a característica de ser feita pelo gay para o gay e falando sobre assuntos de interesse gay. Ao representar o mundo à sua volta, agendar determinados assuntos e definir os conteúdos, a revista é produzida predominantemente por homossexuais. De forma resumida, ela procura se afirmar como uma abordagem gay pelo olhar gay, uma estratégia encontrada para alcançar o público ao qual se destina, no caso, homossexuais do sexo masculino (CARVALHO, 2010, p. 4).

Ao mesmo tempo em que essa descrição pode ser vista como positiva, por indicar um movimento de pertencimento, de construção e fortalecimento de um grupo, ela também pode ser problematizada por reforçar a concepção de que haveria uma “essência gay”, que difere e separa os homens homossexuais de outras pessoas e grupos. Jonathan Katz (1996) aponta como a divisão entre heterossexualidade e homossexualidade é historicamente recente e Jurandir Freire Costa (2002) problematiza a naturalização dessa divisão, como se os seres humanos necessariamente se separassem em “homossexuais” e “heterossexuais”, separação que sustenta a compreensão de que homens que sentem desejo, atração, se relacionam e/ou praticam sexo com outros homens compartilham uma identidade, uma estrutura comum, como se o desejo erótico fosse definidor e decisivo do que as pessoas irão gostar, pensar, sentir, fazer, buscar.

Marina Castañeda (2007), ao problematizar sobre a segmentação de espaços de sociabilidade, cita o exemplo de como, muitas vezes, em um estabelecimento destinado ao público gay, a única coisa em comum entre os homens que ali se encontram é a orientação sexual, embora haja o pressuposto de que, por serem homens que se sentem atraídos por homens, eles terão os mesmos interesses, os mesmos estilos, os mesmos assuntos, os mesmos desejos. A reflexão de Castañeda (2007) a partir dos bares também pode ser estendida para pensarmos a definição das revistas enquanto direcionadas ao “público gay”.

No prefácio do livro “*Prazeres Dissidentes*”, Adriana Piscitelli (2009) discute como os espaços midiáticos e de sociabilidade destinados ao público gay ao mesmo tempo em que promovem integração, reivindicam legitimidade e contribuem para a positivação de fantasias, desejos e práticas homossexuais, suscitando, assim, deslocamentos e rupturas nos limites da sexualidade normativa, também se configuram como espaços em que novas normatizações, desigualdades e exclusões são geradas. Camilo Albuquerque de Braz (2009), no capítulo “*Silêncio, Suor e Sexo: Subjetividades e diferenças em clubes para homens*”, discorre sobre a ênfase mercantil na constituição de espaços denominados como “GLS”, em que o público valorizado é aquele “de alto poder aquisitivo e capital simbólico distintivo” (BRAZ, 2009, p. 211). Em sua pesquisa etnográfica sobre os clubes de sexo para homens, destaca como a divisão entre os corpos desejáveis e não desejáveis é atravessada por marcadores sociais de diferença como gênero, geração, raça e classe social.

A problematização sobre como a quebra de estigmas coexiste com a normatização também é realizada por França (2010). A autora descreve alguns elementos da trajetória

histórica de como os espaços de sociabilidade direcionados aos homossexuais passaram por transformações, motivadas, principalmente, pelo crescimento da associação entre homossexualidade e consumo. “Gueto” era uma palavra muito utilizada principalmente nos anos 1980, para descrever lugares de diversão e sociabilidade voltadas ao público homossexual masculino, muitas vezes com conotação negativa. A partir dos anos 90, a vida noturna passou a ser desvincilhada das noções de clandestinidade e marginalidade, passando a ser associada ao entretenimento, integrada ao crescimento urbano e legitimada por investimentos públicos e privados. Foi principalmente a partir dos anos 2000 que a música eletrônica, o uso de drogas sintéticas e a exibição de corpos musculosos passaram a ser elementos cada vez mais associados à noite gay. Houve também um grande crescimento do reconhecimento dos empresários do setor de lazer noturno gay como profissionais do entretenimento. A autora relaciona as revistas voltadas ao público homossexual masculino a esse contexto, por apresentarem com frequência descrições e recomendações de estabelecimentos de lazer e também por estarem relacionadas ao investimento em construir uma nova imagem do “mundo gay”, como “aberto, iluminado, colorido e sofisticado”, com “glamour, visibilidade e volume” (FRANÇA, 2010, p. 62).

Alegria, descontração, irreverência e prazer, festas, baladas, viagens e “fervos” são elementos muito presentes nas páginas da revista *G*, como analisa Leonel Cardoso dos Santos (2002) no artigo “*A Construção de Posições Identitárias na Revista G Magazine: Intersecções entre homossexualidades e consumo*”. O autor problematiza como a homossexualidade não é compreendida como uma identidade política, mas como uma identidade mercadológica, com a busca normativa da assimilação por meio do consumo: “O homem homossexual das reportagens analisadas é o gay branco, 'gostosão', rico, 'baladeiro', feliz e mantenedor de 'moldes' de masculinidade hegemônica” (SANTOS, 2010, p. 9).

Flávia Azevedo (2010), na monografia “*Uma Leitura Queer da Revista Júnior*” também discorre sobre a questão da normatização:

Há constantemente (...) a reiteração da masculinidade hegemônica, exaltando o “masculino”, o “macho”, o músculo não só como sinal do padrão de beleza que deve ser desejado e perseguido, mas também da saúde e da masculinidade vigorosa que os gays, como homens que são, precisam possuir. Se, por um lado, essa aproximação contínua da masculinidade dominante represente rejeição às atribuições que o senso comum dispensa aos gays como supostamente delicados, fracos, “menos homens”; por outro, é notada uma naturalização de características que, supostamente, seriam típicas do grupo como sensibilidade, interesse por marcas, elegância e bom gosto, criando uma

certa masculinidade que instaura hierarquias internas no próprio grupo que busca constituir. Afinal, quantos dentre os gays têm acesso a este mundo do consumo, para ficar na questão mais simples (AZEVEDO, 2010, p. 16).

A autora assinala como o movimento mercadológico de converter grupos sociais, mesmo os estigmatizados, em consumidores em potencial, acaba por reduzir os sujeitos a uma “fatia de mercado”, alimentando uma visão estereotipada e normativa sobre como as pessoas são e devem ser, como ocorre na transmissão da mensagem de que o conhecimento, a aceitação e a valorização estão atrelados à adequação aos modelos hegemônicos de estética e masculinidade.

No livro “*A Experiência Homossexual*”, Castañeda (2007) compara o processo de reconhecimento da homossexualidade com o aprendizado de uma língua estrangeira. “O homossexual que se assume como tal não tem modelos, nem experiências, nem aprendizagens anteriores; desconhece as regras e não fala a língua” (CASTAÑEDA, 2007, p. 46). Pensando nas metáforas que utilizamos na estória “Escola de Normalidades” trazida no início desta dissertação, seriam as revistas gays como um dicionário para o novo idioma? Ou então um guia de turismo, em que conduz para a exploração de novos espaços? Ou, se considerarmos o caráter normativo que muitas vezes esse “guia” transmite e esse dicionário “traduz”, as revistas contribuiriam mais para limitar a expressão de sentimentos e desejos do que para expandi-la? Essa normatização restringiria os espaços a serem descobertos e explorados apenas aos campos regidos pelos padrões de consumo? As tantas imagens de diversão, alegria e prazer promovem uma compreensão positiva sobre a homossexualidade ou contribuem para alimentar a sensação de inadequação e exclusão daqueles que, além de viverem em um contexto social preconceituoso, não têm acesso às condições necessárias para corresponder ao ideal transmitido? Essas são algumas questões que podem ser férteis para acompanhar nossas leituras e análises das revistas voltadas ao público homossexual masculino.

5.16. Sobre a ausência de revistas direcionadas para mulheres lésbicas.

Embora sejam muitas as revistas femininas, não há revistas voltadas para mulheres lésbicas. As revistas femininas, no geral, dão intensa importância para questões como o amor romântico idealizado, a busca por um relacionamento e a vida em casal, questões que são sempre atravessadas pelo pressuposto de que a atração, o interesse, os desejos e os sonhos femininos necessariamente e “naturalmente” são por um parceiro homem, além da centralidade dada ao olhar e à aprovação masculina. Assim, mais do que a negligência

e o apagamento da possibilidade de se sentir atraída, desejar e se relacionar com mulheres, é construída uma relação de equivalência entre feminilidade e heterossexualidade, como se a dedicação para o relacionamento amoroso com um parceiro fosse condição para a felicidade e a realização femininas.

O fato de não haver revistas direcionadas para o público homossexual feminino e de serem poucas as revistas direcionadas para o público homossexual masculino evidencia a força da heteronormatividade em nossa cultura, com o apagamento, a desvalorização, a inferiorização e mesmo a condenação de formas de ser, viver, desejar e buscar prazer que não correspondam ao modelo heterossexual. Somada à forte homofobia em nossa sociedade, com a presença contínua das mais diversas formas de preconceito e discriminação, está a desigualdade entre os gêneros, em que a feminilidade, assim como a homossexualidade, é apagada, desvalorizada e inferiorizada. Para as mulheres lésbicas, as violências se mesclam e se sobrepõem.

Como discutem Tânia Pinafi (2011), Livia Toledo (2008; 2013) e Marina Castañeda (2007), para a compreensão da invisibilização do desejo e da sexualidade lésbica, é necessário considerar como historicamente há a invisibilização do desejo e da sexualidade feminina. A associação entre a feminilidade e a esfera privada, que, mesmo tendo passado por transformações, ainda não foi rompida, culmina em muitas restrições das possibilidades das mulheres de expressarem a própria voz, se posicionarem e manifestarem as próprias vontades. O incisivo controle se evidencia no fato de que, por muito tempo, às mulheres era limitado o acesso a qualquer forma de informação sobre o corpo, sobre o sexo, sobre o prazer, e, mesmo nos dias de hoje, privar as mulheres de esclarecimento e conhecimento ainda é visto como uma forma de “preservá-las”. Assim, se para as mulheres no geral não há o aprendizado sobre como reconhecer e valorizar os próprios desejos, tantas vezes invisibilizados, para as mulheres lésbicas a violência adquire força ainda maior com a dupla condenação do desejo feminino e do desejo homoerótico. A ausência de revistas para lésbicas pode ser interpretada, assim, como um exemplo dessa invisibilização.

5.17. Sexualidade, gênero e corpo nas revistas selecionadas.

No decorrer deste capítulo abordamos como as revistas femininas e masculinas contribuíram na construção de ideais de masculinidade, feminilidade e adolescência, processo que envolveu diversas formas de normatização. Neste momento, apresentaremos informações gerais sobre as revistas selecionadas e nos concentraremos

nos padrões relacionados à sexualidade, ao gênero e ao corpo presentes nos quatro segmentos: revistas femininas para adultas (*Nova, Boa Forma, Women's Health, Tpm*), revistas femininas para adolescentes (*Atrevida, Capricho, Todateen*), revistas masculinas para heterossexuais (*Playboy, Sexy, Vip, Trip*) e revistas masculinas para homossexuais (*G e Júnior*), partindo, para isso, da revisão de pesquisas que tiveram essas revistas como material de análise.

5.17.1.1. Revistas femininas para adultas: *Nova, Boa Forma, Women's Health e Tpm*

A revista *Nova* foi lançada em 1973 pela Editora Abril, como versão brasileira da revista americana *Cosmopolitan*, publicada desde a década de 60. No contexto do surgimento da revista, a proposta editorial de *Nova* foi influenciada pelo pensamento feminista, principalmente com relação à valorização do maior acesso das mulheres à vida profissional e à busca pelo prazer sexual. Atualmente os principais temas abordados são beleza, amor e sexo e a tiragem média é de 288.430 exemplares. Giovana Lopes Feijão (2012), Roselane Neckel (2007), Gabriela Boemler Hollenbach (2005) e Maria Celeste Mira (1997) são autoras que tiveram a revista *Nova* como objeto de análise.

A revista *Boa Forma* surgiu como uma edição especial de *Nova* sobre beleza, exercícios físicos e dietas, publicada em 1982. Em 1986 tornou-se uma publicação independente da Editora Abril, voltada para mulheres adultas, com foco nestes mesmos assuntos. A tiragem média atual é de 260.580. *Boa Forma* foi analisada por autores(as) como Sandra dos Santos Andrade (2002), Beatriz Albino e Alexandre Vaz (2001) e Maria Celeste Mira (1997).

A revista *Women's Health* foi criada nos Estados Unidos em 2005, pela Editora Rodale, especializada em temas como saúde, cuidados com o corpo em bem-estar. Em 2008 foi lançada no Brasil, pela Editora Abril, com a proposta de apresentar orientações para mulheres com bases científica sobre temas como hábitos saudáveis, nutrição, fitness, beleza e comportamento. A tiragem média atual é de 95.550 exemplares. Leila Freiras (2012), Eledinéia Luza (2010), Maria de Lourdes Paniago e Poliana Nogueira (2010) foram autoras que analisaram a *Women's Health*.

A revista *Trip para Mulheres- Tpm* foi lançada pela Editora *Trip* em 2001 voltada ao "universo feminino", com o objetivo de se contrapor ao discurso predominante das revistas femininas presentes no mercado e questionar a predominância de modelos de feminilidade irreais e inatingíveis. Diante do dado de que 25% das pessoas que liam a revista masculina *Trip* eram mulheres, em sua maioria jovens e de escolaridade elevada,

houve a decisão de lançar uma nova revista voltada para esse público. A *Tpm* possui uma fórmula que mistura jornalismo, humor e narrativas confessionais de editoras convidadas, repórteres e leitoras. Há entrevistas, reportagens, ensaios fotográficos masculinos e de moda, seções fixas e colunas. Atualmente a tiragem média é de 50.000 exemplares. A *Tpm* foi analisada nas pesquisas de Fernanda Burbulhan e Rafael Guimarães (2011), Bruna Mariano Rodrigues (2011), Auxiliadora Aparecida Matos e Maria de Fátima Lopes (2008), Juliana Ogawassara (2007), Patrícia Rocha da Silva (2006), Gabriela Hollenbach (2005) e Grahal Benatti (2005).

5. 17. 1.2. Sexualidade, gênero e corpo nas revistas femininas para adultas

Sexualidade, gênero e corpo são temas frequentes nas quatro revistas femininas adultas selecionadas. O cuidado com a beleza é um tema que recebe bastante espaço e destaque em todas elas, principalmente na *Boa Forma* e na *Women's Health*, que têm como objetivo central discutir a estética, a saúde e o bem-estar. A revista *Nova* tem uma ênfase maior nos relacionamentos e na sexualidade, enquanto a revista *Tpm* busca construir uma proposta editorial que questione os elementos predominantemente associados à feminilidade. A seguir apresentaremos algumas análises realizadas sobre essas revistas.

Na dissertação “*Sexualidade em Revista: As posições de sujeito em Nova e TPM*”, Gabriela Boemler Hollenbach (2005) aponta como desde as publicações iniciais, a revista *Nova* teve como propósito falar abertamente sobre sexo. Foi a primeira revista feminina brasileira a utilizar a palavra “orgasmo”, já na capa da primeira edição. Embora outras revistas também abordassem o tema sexo no contexto da década de 70, eram mais discretas e cautelosas.

A abordagem sobre sexo da revista *Nova* e também de outras revistas publicadas na década de 70 é discutida por Roselane Neckel (2007) no artigo: “*A ‘Sexualidade’ e ‘Vida a Dois’ nas Revistas Femininas e Masculinas nos Anos de 1970*”. A autora descreve algumas transformações que ocorreram nesse período, como a crescente valorização do prazer sexual nos relacionamentos e a representação do orgasmo como essencial para o equilíbrio psíquico, mental e físico. Termos que antes eram restritos à medicina e à psicologia como “frigidez”, “impotência”, “auto-erotismo”, “neuroses sexuais” e “maturidade sexual” passaram a ser muito utilizados nos discursos midiáticos. As revistas femininas traziam predominantemente uma compreensão funcionalista do prazer, apresentado a partir de conselhos e técnicas a serem seguidos. Havia também o tom de

alerta: era preciso tomar cuidado, pois a “revolução sexual” teria gerado ameaças para o casamento, por abrir espaço para o sexo sem compromisso. Ainda que o prazer fosse valorizado, as mulheres eram advertidas para não confundirem liberdade com fazer sexo sem amor, já que o sexo prazeroso era representado como uma forma de alimentar o amor, ter uma melhor relação com o parceiro e mesmo de “salvar” o casamento.

Atualmente, o prazer sexual continua a ser um tema muito valorizado nos conteúdos da *Nova* e ainda permanece a vinculação desse prazer ao relacionamento heterossexual romântico, com afirmações sobre a interdependência entre sexo e amor, como afirma Hollenbach (2005):

A normalidade, portanto, encontra-se na prática intensa de sexo com o “homem amado”, “homem dos sonhos” ou “gato especial”, indicando que os sonhos das leitoras imaginadas por *Nova* conformam-se aos ideais do amor-paixão romântico. Tal enunciado repete-se nas incontáveis matérias que dão dicas para o casal “incendiar na cama” e “invadir territórios inflamáveis”, no horóscopo do mês, nos testes, nas matérias de caráter informativo, nas páginas de moda e nas confissões de personagens anônimas e famosas (HOLLENBACH, 2005, p. 84).

Atrair, conquistar e manter um homem é representado como a principal forma de ter uma vida interessante.

Todos os esforços das mulheres para se tornarem mais bonitas, magras, bem vestidas, interessantes, independentes financeiramente e até inteligentes estão direcionadas para a conquista de um homem (...), como se este fosse o objetivo máximo da existência feminina (HOLLENBACH, 2005, p.78).

O relacionamento amoroso heterossexual é representado como fundamental para a realização pessoal da mulher, mas os homens são representados como arredios a qualquer forma de compromisso, resistentes em se relacionar. Por isso, a revista assume o papel de “ensinar” como convencer o parceiro e mantê-lo em um relacionamento monogâmico e estável, que é pressuposto como “naturalmente” o que todas as leitoras desejam. O sexo é representado como uma forte estratégia para que esse desejo se realize.

Na dissertação “*A Vida Sexual Politicamente Correta em Revista*”, Giovana Lopes Feijão (2012), ao analisar edições atuais da revista *Nova*, publicadas entre 2007 e 2009, identifica como preparo, criatividade e diversificação são considerados como necessários para uma vida sexual prazerosa. É preciso aprender, experimentar, descobrir o maior número possível de toques, estimulações, posições, fantasias. O vocabulário para se referir às práticas sexuais é muitas vezes próximo do vocabulário das dietas, das

ginásticas e de outros cuidados recomendados com o corpo e com a saúde. A autora aponta a presença da representação de que uma vida sexual é fundamental para o bem-estar do corpo e da mente.

Hollenbach (2005) afirma que *Nova* se pauta na “eterna possibilidade de intensificação do prazer” (HOLLENBACH, 2005, p. 78). Sentir mais prazer e um prazer melhor é um imperativo que atravessa todos os conteúdos. Assim, é possível notar por meio da história da revista o percurso entre a compreensão do prazer como direito, apropriada dos discursos feministas, e a compreensão do prazer como dever, com a transmissão de uma série de regras sobre como viver, como ser feliz, como gozar sem entraves. A autora identifica também que o prazer na revista *Nova* vem associado ao mito da “supermulher”, aquela que é, simultaneamente excelente profissional, excelente namorada, excelente parceira sexual, excelente mãe e sempre em dia com os cuidados com a beleza.

Na tese “*O Leitor e Banca de Revistas*”, Maria Celeste Mira (1997) descreve que sexo, relacionamentos amorosos, moda, beleza e vida profissional são representados como fonte de prazer para *Nova*. Outro prazer central, desde as primeiras publicações da revista, é o prazer de consumir. O consumo é representado como diretamente atrelado à feminilidade, à independência feminina e à liberdade de expressar-se, criar e cultivar o próprio estilo, transformar-se e reinventar-se.

Na dissertação “*Discurso, Mídia e Memória na (Re)Construção da História da Sexualidade Feminina*”, Leila Freitas (2012) descreve como na revista *Women's Health* os cuidados com o corpo envolvem a ênfase na beleza, na saúde e na sexualidade, eixos que são considerados como essenciais para os projetos de vida femininos. No artigo “*Análise Crítica do Discurso das Capas de Women's Health no Brasil*”, Eledinéia Luza (2010) discute como a questão da estética é diretamente associada à busca pela felicidade. Embora o nome da revista seja “*Women's Health*”, ou seja, “saúde da mulher”, a beleza recebe prioridade maior que a saúde. Na análise comparativa entre as revistas *Men's Health* e *Women's Health*, realizada por Maria de Lourdes Paniago e Poliana Nogueira (2010) no artigo “*Memória discursiva e práticas de subjetivação na mídia: Men's Health x Women's Health*”, as autoras identificam que na revista masculina o sexo recebe mais destaque, enquanto na revista feminina há mais matérias sobre relacionamento e maior ênfase na importância do cuidado com a aparência tanto para o próprio bem-estar quanto para a sedução.

Na dissertação “*Uma Boa Forma de Ser Feliz: Representações de corpo*

feminino na revista Boa Forma”, Sandra dos Santos Andrade (2002) discute as representações de corpo feminino presentes na revista *Boa Forma*, a partir da análise de um programa de dieta alimentar e exercícios físicos, chamado “Desafio de Verão”, editado pela revista nos anos de 1999, 2000 e 2001. A partir dos resultados obtidos a autora destaca como, ao aconselhar, a revista exerce poder não através de coerção, mas sim de práticas sofisticadas de convencimento, de forma a atrelar cuidado com o corpo e prazer. O controle de si passa a ser associado ao autoconhecimento, a autoestima e ao amor próprio. A insatisfação feminina é alimentada, levando a disposições incisivas sobre o corpo como cirurgias plásticas, dietas, ginásticas, uso de medicamentos e produtos, ou seja, na medida em que incita a mulher a se fiscalizar em busca de falhas e erros, a revista oferece técnicas e produtos a serem consumidos para solucioná-los. A necessidade de agradar o homem é considerada como constitutiva da identidade feminina e uma importante finalidade do cuidado com o corpo.

No artigo “*O Corpo e as Técnicas para o Embelezamento Feminino: Esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma*”, Beatriz Staimbach Albino e Alexandre Fernandez Vaz (2008) discutem como na revista *Boa Forma* há instruções e prescrições minuciosas sobre como as mulheres devem cuidar e trabalhar cada centímetro do corpo, com esforço, dedicação e disciplina. É reforçada a associação entre corpo e identidade, com a compreensão de que as dietas, ginásticas e outros cuidados são formas das leitoras criarem e recriarem a si mesmas. Ao mesmo tempo em que o embelezamento e o emagrecimento são representados como preocupações, há também a mensagem de que eles devem ser vividos com prazer, como gostosos e agradáveis.

Aos mecanismos disciplinares de outrora se combinam os que potencializam o corpo no sentido da obrigatoriedade do gozo como sinônimo de felicidade seja na forma de novas subjetivações que fazem viver, ou ainda como dispositivos des-subjetivadores, resultantes de um processo não unicamente de desprezo pelo corpo, mas, ao contrário, de uma maximização do interesse por ele (ALBINO; VAZ, 2008, p. 217).

A proposta editorial da revista *Tpm* é se contrapor aos modelos de feminilidade predominantes em outras revistas. A revista afirma se dirigir a mulheres inteligentes, com interesses diversificados, ousadas e livres. Ao comparar a revista *Tpm* com a revista *Nova*, Hollenbach (2005) aponta como embora a centralidade para a vida amorosa e a dependência do olhar masculino sejam questionados, um aspecto que permanece central é a associação entre feminilidade e beleza. As leitoras de *Tpm* deixariam de ter como principal preocupação em relação à beleza a necessidade de agradar e seduzir os homens,

mas compreenderiam os cuidados com o corpo e com a aparência como uma forma de se dedicarem ao próprio prazer e bem-estar. Assim, o consumo de moda, maquiagem, cosméticos, entre outros produtos é associado à construção de um estilo próprio e a uma identidade bem-sucedida, de forma que a centralidade dada para consumir também não é questionada.

No artigo “*Corpo e Gênero: Uma análise da revista Trip Para Mulher*”, Auxiliadora Aparecida de Matos e Maria de Fátima Lopes (2008) afirmam que a revista contesta os padrões inalcançáveis de beleza, ao mesmo tempo em que deixa claro que não está fazendo uma apologia ao “desleixo” e ao “descuido”. A vaidade é valorizada e representada como uma forma de cultivar a feminilidade.

Na dissertação “*Da TRIP à TPM: Um estudo sobre a produção de significados no mercado de revistas*” de Grahal Benatti (2005) e no artigo “*Relações de Gênero, Mídia Escrita e Contemporaneidade: Análise do discurso nas revistas Trip e Tpm*” de Fernanda Burbulhan e Rafael Siqueira Guimarães (2011), são apresentadas análises comparativas das revistas *Trip* e *Tpm*, com o objetivo de investigar quais são as alterações na abordagem a partir da segmentação por gênero. Burbulhan e Guimarães (2011) destacam como a presença dos padrões de gênero fica evidente já no fato da editora decidir, ao invés de direcionar a revista tanto para homens quanto para mulheres, manter duas publicações diferentes, uma especificamente para o público masculino e outra para o público feminino. A divisão é naturalizada, como se fosse compreensível e inquestionável o fato de serem necessárias duas revistas diferentes de acordo com o gênero. Essa naturalização acaba também por reforçar a separação de assuntos tidos como masculinos (política, cultura, esportes) e femininos (moda, beleza, relacionamentos, decoração).

Benatti (2005) aponta a questão de que as revistas são mercadorias, produzidas com a finalidade de gerar lucro. O aspecto comercial faz com que os anúncios sejam essenciais. Como o público interfere diretamente no valor do anúncio, a distinção de gênero pode ser vista não apenas como uma questão de vontade editorial, mas como forma de atrair anunciantes. Criar uma nova revista, direcionada para mulheres, é uma forma de possibilitar uma nova margem de lucro para a empresa. O mercado atua assim como um fator limitante ou gerador de restrições estratégicas.

No artigo “*O Homem na Tpm: A representação do corpo masculino na mídia impressa*”, Juliana Sayuri Ogassawara (2007) descreve como nos ensaios de *Tpm* há a predominância da forma clássica de beleza masculina, com corpo atlético e músculos torneados sem demasia. Há também a predominância de homens brancos. Nenhum dos

modelos apresenta excesso de peso ou magreza excessiva. Os olhos e o sorriso são acentuados pela iluminação, com o objetivo de dar um ar dócil e delicado, enquanto o corpo é marcado pela rigidez, principalmente no tórax, nos braços e no abdome. A autora discute como embora os ensaios fotográficos sejam nomeados como sensuais, são muito parecidos com os ensaios de moda, inclusive com a descrição minuciosa das roupas usadas pelo modelo no rodapé ou no final das sessões, com informações sobre as peças, os acessórios, a grife e os valores. A presença do ensaio masculino também delimita o público como mulheres heterossexuais.

Ogawassara (2007) discute também como a presença do ensaio masculino é associada à delimitação da revista enquanto predominantemente voltada para mulheres heterossexuais. A autora apresenta a afirmação do editor da *TPM* de que as leitoras gostam de projetar no modelo o namorado ou o marido. Ele afirma também que, diferentemente dos leitores de *Trip*, as mulheres dão mais importância a ideais românticos, como companhia, respeito, gentileza e maturidade. Assim, o texto do ensaio sensual inclui uma entrevista que aborda o sucesso profissional, os relacionamentos (com a apresentação do entrevistado como um namorado ou marido fiel e bondoso, muitas vezes como um bom pai), o trabalho e a sexualidade: “Apesar de se despirmos e exibirmos os músculos, o homem em *Tpm* é coberto por representações de um namorado romântico, um marido fiel, um profissional bem-sucedido” (OGASWASSARA, 2007, p. 13).

Benatti (2005) destaca os diferenciais da *Tpm* com relação a outras revistas: nela são utilizadas fórmulas mais narrativas ou argumentativas, que são mais abertas, com um maior espaço para a crítica. Não é utilizado a fórmula de "manual", não são convidados(as) especialistas para darem explicações e conselhos. Também não há testes ou horóscopos, a não ser que sejam trazidos de forma humorística.

No artigo “*Narradoras da Revista TPM: Uma ruptura com a narrativa jornalística tradicional*”, Patrícia Rocha da Silva (2006) discute como na revista *Tpm* as(os) narradoras(es) assumem-se como "eu", contam as próprias histórias, posicionam-se sobre os assuntos e eventos narrados, fazem confidências e interpelam as(os) leitoras(es), apresentando-se de forma concreta, inclusive informando sobre os próprios (des)conhecimentos e possíveis preconceitos sobre o tema que será narrado. Há assim uma ruptura com o tom utilizado predominantemente pelas revistas femininas, em que há controle, ordens, prescrições.

No artigo “*Novas representações da mulher: um estudo dos editoriais da revista TPM*”, Bruna Mariano Rodrigues (2011) buscou identificar nos editoriais representações

de mulher recorrentes na revista: a mulher que não se encaixa em padrões; a mulher "poderosa", autônoma, independente, corajosa, ousada; a mulher que tem sua individualidade valorizada, que não busca conselhos e recomendações e sim formar as próprias ideias e opiniões; e a mulher culta e bem informada com maior acesso à educação, à formação e à informação. Segundo Benatti (2005), a mulher representada por *Tpm* tem objetivos profissionais, está aberta a novas experiências, tem opiniões fortes e é independente.

No capítulo “*Sexualidade na Revista TPM*”, Hollenbach (2005) afirma que a revista *Tpm* representa a sexualidade como uma forma de exercer ativamente o domínio sobre o próprio corpo e os próprios desejos. A palavra sexo foi encontrada poucas vezes na análise feita pela autora, mas, ainda que fale menos de sexo do que as outras revistas, há a associação entre felicidade e uma vida sexual ativa.

Hollenbach (2005) também aponta como a *Tpm* defende que não há uma única forma de vivenciar a sexualidade. A homossexualidade é abordada com naturalidade, e é discutida de forma ampla principalmente na “Coluna do Meio”, escrita por Milly Lacombe. Na análise realizada por Auxiliadora Matos e Maria Lopes (2008) as autoras descrevem que a Coluna do Meio está presente desde a quinta edição, abordando o tema da homossexualidade feminina a partir das narrativas pessoais da colunista. Ela fala sobre temas como a intolerância, o preconceito, as relações familiares com os(as) filhos(as) homossexuais e o direito à maternidade e à paternidade dos casais homossexuais.

5.17.2.1. Revistas Femininas Para Adolescentes: *Capricho*, *Atrevida* e *Todateen*.

A revista *Capricho* foi lançada pela Editora Abril em 1952, com a publicação de fotonovelas. Apenas na década de 80 as adolescentes foram definidas enquanto público alvo da revista, como um grupo separado das mulheres adultas. Os principais temas abordados atualmente são moda, beleza, corpo, relacionamentos amorosos, ídolos e sexualidade. Atualmente a tiragem média é de 207.224 exemplares. João Freire Filho (2007), Raquel Gurgel (2007), Marina Scalzo (2006), Raquel Miguel (2006) Márcia Luiza Figueira (2002) e Rosa Fischer (1996) foram autores(as) que realizaram estudos sobre a revista *Capricho*.

A revista *Atrevida* foi lançada pela Editora Símbolo em 1994 e passou a ser publicada pela Editora Escala em 2009. Os principais temas abordados são beleza, moda, amor, relacionamentos, comportamento, sexualidade e ídolos. A revista é mensal e a tiragem média atual é de 146.000 exemplares. A revista *Todateen* é publicada

mensalmente pela Editora Alto Astral desde 1995. Amor, moda, beleza, relacionamentos e comportamento são os temas principais. A tiragem média atual é de 85.000 exemplares. As revistas *Atrevida* e/ou *Todateen* foram material de análise nas pesquisas de Patrícia Conceição da Silva (2010; 2006), Carolina Oliveira (2009), Luciane Lira (2009), Michelle Bronstein (2008) e Daniela Santos (2006).

5.17.2.2. Sexualidade, Gênero e Corpo nas Revistas Femininas Para Adolescentes

As pesquisas sobre as revistas femininas para adolescentes ressaltam a presença do caráter normativo e prescritivo, com a transmissão de regras, aconselhamentos e receitas para a adequação a um ideal de feminilidade constituído por características como delicadeza, dedicação, cuidado, vaidade e romantismo. A importância do olhar masculino, com o incentivo para que as adolescentes busquem agradar e corresponder às expectativas dos garotos também é um elemento identificado com frequência, como será possível notar nas análises descritas a seguir.

Na dissertação “*Como se Constrói uma Mulher: Uma análise do discurso nas revistas brasileiras para adolescentes*”, Luciane Lira (2009) realizou a análise de edições de oito revistas brasileiras: *Atrevida*, *Capricho*, *Todateen*, *Smack!*, *Atrevidinha*, *Atrevida Fashion*, *Loveteen* e *Teen Mania*, publicadas no período de maio e junho de 2007 e assinalou como, nessas revistas, a leitora é sempre pressuposta como heterossexual e o garoto é posicionado como personagem indispensável para a vida da adolescente, como alvo de conquista e também como um modelo de condutas que é constantemente acionado para validar ou rechaçar as atitudes das garotas.

Na dissertação “*A Heteronormatividade Ensinada ‘Tintim por Tintim’: Uma análise das revistas Atrevida e Capricho*”, Patrícia Conceição da Silva (2010) também discute como a heterossexualidade é um elemento central na idealização da trajetória de vida das adolescentes, havendo o pressuposto de que todas estão em busca de um relacionamento amoroso, pressuposto que norteia as diversas instruções e prescrições sobre como agir, principalmente no que diz respeito a agradar os parceiros e possíveis parceiros.

Na dissertação “*Ideais de Mulher: Estética, visões de corpo e de relações afetivo-sexuais veiculados pela mídia escrita em revistas direcionadas ao público jovem no contexto brasileiro*”, Daniela Barsotti Santos (2006) realizou uma análise de 22 edições das revistas *Capricho* e *Todateen*, no período de junho a dezembro de 2002. Na discussão dos resultados, destaca a presença de padrões de gênero dicotômicos e a forma como as

matérias são construídas como manuais sobre como agradar. Ensina-se como olhar, como movimentar-se, vestir-se, que assuntos devem ser falados, com que tom de voz, trazendo uma artificialidade aos relacionamentos e perpetuando o padrão feminino associado à delicadeza, fragilidade e passividade.

No artigo: “*A Mulher de Capricho: uma análise do perfil das leitoras através dos tempos*”, Raquel Torres Gurgel (2007) realizou a análise de edições da revista *Capricho* publicadas entre 1971 e 2008 em busca de identificar mudanças e permanências na forma como a leitora é representada. Inicialmente a revista era voltada para mulheres casadas, que recebiam conselhos principalmente sobre como agradar o marido para manter a paz conjugal. A leitora a quem a revista se dirigia tinha como prioridades o casamento e o lar. Nas revistas atuais, a busca por agradar permanece, mesmo que não seja centrada no contexto do casamento e na figura do marido. Permanecem também os conselhos para que a leitora busque corresponder às expectativas e atender as vontades masculinas, escondendo e disfarçando o que possa provocar reprovação ou desagrado. Além da busca por agradar, é preciso que essa busca seja disfarçada e as atitudes femininas pareçam autênticas, já que também é preferência dos garotos que elas sejam espontâneas e "tenham personalidade".

Na dissertação “*De 'Moça Prendada' à 'Menina Super Poderosa': Um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na Revista Capricho (1952-2003)*”, Raquel de Barros Pinto Miguel (2005) realizou uma análise comparativa de edições da revista *Capricho* desde sua criação, em 1952, até o ano de 2003. A autora destaca como é nas questões relacionadas aos padrões de gênero que o discurso tradicional sobrevive com maior intensidade, indicando como está arraigada a naturalização das diferenças entre homens e mulheres. São sempre colocadas formas de como agradar os garotos, conquistá-los e mantê-los e é frequente o tom de julgamento e condenação com relação aos comportamentos das leitoras para que cumpram os padrões determinados, desde as primeiras edições analisadas.

Miguel (2005) discute também como a maneira de lidar com a sexualidade adolescente acompanha a história da construção das adolescências. Enquanto entre as décadas de 50 e 70 a relação sexual era pouco mencionada, já que era esperado que acontecesse dentro do casamento e com fins reprodutivos, a partir da década de 80 a revista passou a abordar a busca por prazer, o orgasmo feminino, a masturbação feminina, o aborto, a ereção, a ejaculação precoce, as zonas erógenas, a virgindade e os métodos contraceptivos. Na década de 90, as respostas foram ficando cada vez mais técnicas e

impessoais, e, a partir de 1997 é possível notar uma maior incidência de temas como o início da vida sexual, uso da camisinha e prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis. Com o aumento no número de casos de adolescentes contaminadas pelo vírus HIV e a preocupação com a gravidez, a abordagem sobre a sexualidade passou a apontar mais os riscos e a importância da proteção.

Na monografia “*A Sexualidade Construída nas Páginas das Revistas Adolescentes: Um estudo de caso de Atrevida, Capricho e Todateen*”, Patrícia Conceição da Silva (2006) buscou identificar como as revistas *Atrevida*, *Capricho* e *Todateen* representam a sexualidade na adolescência, destacando como nas matérias predomina o tom didático, principalmente nas seções de perguntas e respostas, com a consulta a especialistas como ginecologistas, psicólogos(as), terapeutas, sexólogos(as), educadores(as) sexuais. Os temas mais recorrentes são a primeira relação sexual e os métodos de contracepção, principalmente a camisinha. As dúvidas sobre a primeira vez geralmente são respondidas com representações idealizadas sobre como reconhecer o momento “certo” para agir sem arrependimentos futuros. Além das idealizações, é recorrente a abordagem sobre o medo da gravidez, sendo raras discussões sobre o prazer.

Na tese “*Adolescência em Discurso- Mídia e Produção de Subjetividade*”, Rosa Maria Bueno Fischer (1996) discute sobre as representações de sexualidade feminina presentes na revista *Capricho* e aponta a predominância elementos negativos como dor, nervosismo, dúvida, doença, medo, vergonha, pressão e arrependimento. São também repetidas continuamente expressões idealizadas sem definição precisa, como “pessoa certa”, “hora certa”, “momento certo”, recobrimdo de uma aura mágica e de romantismo as preocupações e tensões que são apresentadas. Com relação à prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis, muitas vezes as mensagens transmitidas destacam a resistência dos parceiros e reforçam a responsabilização feminina pelos cuidados.

Na análise realizada por Santos (2006) das revistas *Capricho* e *Todateen*, a autora destaca como enquanto os garotos são representados como sempre interessados em sexo e sem buscar vínculos afetivos, as garotas são representadas como sempre buscando relacionamentos, estando ausentes discussões sobre o desejo e a satisfação feminina.

São muitos os conteúdos das revistas sobre os cuidados com a beleza e com o corpo, como discute Márcia Luiza Machado Figueira (2002) na dissertação “*Representações de Corpo Adolescente Feminino na Revista Capricho: saúde, beleza e moda*”. A partir da análise de edições da *Capricho* publicadas nos anos de 2000 e 2001,

a autora discute como os atributos físicos são considerados as principais qualidades femininas, através das quais as meninas poderão ser reconhecidas e valorizadas. É incentivada a construção de um corpo jovem, belo e saudável; um corpo para ser visto, sustentando um look, numa forma publicitária de falar, de vestir e de pensar. Administrar ganhos e perdas de calorias, malhar, cuidar da pele, trabalhar os músculos, estar na moda, são atividades associadas ao amor próprio; enquanto ser gorda e/ou feia simbolizam irresponsabilidade, desleixo, descuido consigo mesma.

As representações sobre corpo e beleza foram também tema do artigo “*Constituindo Sujeitos Anoréxicos: discursos da revista Capricho*”, de Fernanda Niemeyer e Maria Henriqueta Luce Kruse (2008), que analisaram 21 edições publicadas entre 2005 e 2007, período em que foi divulgada a campanha anti-anorexia. A campanha consistia na apresentação de "dicas" sobre como reconhecer o problema e recomendações sobre como buscar ajuda quando identificá-lo. As autoras problematizam sobre as contradições e incoerências da publicação da campanha, já que os fatores listados como sinais de alerta para o reconhecimento dos quadros de anorexia são muito próximos dos procedimentos recomendados e incentivados nas matérias sobre dietas e exercícios físicos, como contar calorias, fazer regimes com frequência, evitar programas que envolvam comida, passar muitas horas na academia, não ter comidas que engordem em casa, usar roupas para disfarçar o corpo etc. Assim, enquanto diz combater “atitudes anoréxicas”, a revista contribui para que as adolescentes sintam-se inadequadas e inseguras com relação ao próprio corpo, alimentando um medo intenso de engordar, com a divulgação contínua de um modelo único de beleza irreal e inalcançável, em que ser magra é colocado como fundamental. As autoras apontam a importância da discussão sobre como os discursos midiáticos, como na campanha anti-anorexia da *Capricho*, participam na construção do que afirmam combater.

5.17.3.1. Revistas Masculinas Para Heterossexuais: *Playboy*, *Sexy*, *Vip*, *Trip* e *Men's Health*.

Playboy foi a primeira revista masculina publicada pela Editora Abril. Por ter sido lançada no período da ditadura militar, em que o uso de nomes internacionais não era permitido no Brasil, *Playboy* circulou inicialmente, a partir de 1974, com o nome de "Homem", passando a adotar o título definitivo em 1978. Embora os 135 mil exemplares iniciais tenham se esgotado rapidamente, a revista enfrentou dificuldades no começo para conseguir anunciantes, já que havia fortes resistências em associar os produtos veiculados

com a nudez e a pornografia. Mas assim como a revista americana, a *Playboy* brasileira buscou consolidar-se como uma revista “erótica”, com a afirmação de que as imagens de nudez feminina correspondiam a trabalhos artísticos. A revista se expandiu e se estabeleceu principalmente pelas mulheres nas capas e nos ensaios, mas também pelas reportagens e entrevistas. Assim como a maior parte das revistas masculinas, o tom predominante é irônico, são frequentes representações depreciativas das mulheres, assim como posicionamentos preconceituosos e machistas. A tiragem atual é de 167.147 exemplares. Rafael Aragão (2010), Edney Souza (2009), Thays Babo e Bernardo Jablonski (2005), Renata Domit (2004) e Maria Celeste Mira (1995) são autores(as) que realizaram pesquisas sobre a *Playboy* brasileira.

A revista *Sexy* surgiu em 1992, publicada pela editora Rickdan. O principal diferencial de *Sexy* inicialmente era a presença de ensaios fotográficos em que a nudez era explorada de forma mais explícita e apelativa, com poses e ângulos mais ousados que *Playboy*, sua principal concorrente. Outro aspecto marcante da revista é a linguagem de humor e ironia, que, apesar de presente nas demais revistas masculinas, é especialmente acentuado na *Sexy*. Mais recentemente, em 2004, devido à queda do número de vendas, principalmente pela maior disseminação de conteúdos eróticos e pornográficos pela internet, a revista passou por reformulações editoriais, tornando a abordagem da nudez mais próxima da *Playboy*. As propagandas publicitárias não são tão numerosas quanto em outras publicações e também não exibem marcas tão elitizadas como jóias, ternos, perfumes caros etc. Alguns dos principais produtos são tênis esportivos, cervejas e outras bebidas, camisinhas e produtos de cuidados pessoais. A tiragem média atual é de 88.000. A revista *Sexy* foi analisada por Adriane Peixoto Câmara (2007).

A revista *Vip*, publicada pela Editora Abril, foi inicialmente um encarte da revista *Exame*, revista de negócios direcionada para executivos. Recebia o nome de *Vip Exame* e foi publicada pela primeira vez em 1981. Em 1994 passou a ser publicada de forma independente e tinha como proposta se diferenciar do modelo predominante de revistas masculinas como a *Playboy*, deixando de utilizar a fórmula da nudez, abordando principalmente temas que até então eram considerados como característicos das revistas femininas, como moda, cuidados com o corpo, saúde, comportamento e relacionamentos (heterossexuais). A principal mudança editorial aconteceu em 1997, quando a revista buscou tornar-se visualmente mais atraente e com um foco maior no lazer e na diversão, passando também a trazer ensaios sensuais, sem a presença da nudez explícita. A tiragem

média atual é de 71.470 exemplares. Caroline Casali (2006), Richard Miskolci e Oswaldo Lara (2006) e Marko Monteiro (2001) realizaram análises da revista *Vip*.

“Trip” é uma palavra da língua inglesa que significa viagem, o que remete à proposta editorial da revista *Trip* de representar temas que indiquem uma saída do cotidiano, que quebrem o que é comum e corriqueiro, com destaque para a alteridade, para o inusitado. A revista foi lançada em 1986, pela Editora *Trip*, inicialmente como uma publicação ligada ao universo do surf. O foco não era na prática profissional do esporte, mas sim, no “estilo de vida”, com matérias sobre como os atletas pensam, agem e vivem suas vidas. A ênfase no surf diminui gradativamente. Os esportes continuam a ser abordados, mas com menor atenção para a adrenalina e a para a prática de esportes radicais, predominante no início, e cada vez mais pelo viés da saúde, do cuidado com o corpo e com o bem-estar. Muitas reportagens são escritas no estilo “gonzo”, estilo jornalístico mais próximo da ficção, que utiliza a experiência do repórter como ponto central, além do humor e da narrativa. A tiragem média atual é de 45.000 exemplares. A *Trip* foi analisada por Fernanda Burbulhan e Rafael Guimarães (2011) e Grahal Benatti (2005).

A revista *Men's Health*, destinada a abordar a questão da saúde para os homens, é publicada pela Editora Abril desde 2006, como uma versão da revista americana, que foi lançada em 1987, nos Estados Unidos, pela editora Rodale, uma editora especializada em saúde e alimentação. Publicada em mais de 46 países, com cerca de 24 milhões de leitores, é a revista masculina mais vendida no mundo desde 2006. No Brasil a tiragem média atual é de 139.750 exemplares. Com o slogan “O prazer de ser homem”, a revista aborda temas relacionados ao estilo de vida: saúde, fitness, nutrição, relacionamentos, moda, viagens, carreira e finanças. Rebeca Seixas (2012) e Giovana Lopes Feijão (2010) realizaram análises sobre a *Men's Health*.

5.17.3.2. Sexualidade, Gênero e Corpo nas Revistas Masculinas Para Heterossexuais

O número alto de revistas masculinas publicadas no Brasil pode despertar a impressão de que há publicações voltadas para diferentes públicos com interesses variados. Essa impressão não se confirma no que diz respeito às representações de masculinidade. Marko Monteiro (2000), na dissertação "*Masculinidade em Revista: um estudo da Vip Exame, Sui Generis e Homens*", apresenta a questão de não ser possível afirmar que as revistas abordem as masculinidades, no plural, mas sim uma masculinidade rígida e estereotipada. O autor problematiza como as propostas editoriais criadas de

acordo com diversos “estilos de vida” não envolvem uma pluralização do que significa ser homem.

As revistas podem ser consideradas como um roteiro para esse modelo padronizado de masculinidade, como discute Adriane Peixoto Câmara (2007), na dissertação “*Gênero e Sexualidade na Revista Sexy*”, ressaltando que os principais elementos presentes nesse roteiro são a heteronormatividade e o machismo. Os homens são definidos pelo desejo heterossexual, o que muitas vezes culmina na representação das mulheres como um objeto, com a utilização de uma linguagem irônica e depreciativa, em que elas são inferiorizadas e descritas apenas como interessantes para o sexo, de forma que relações como o namoro e o casamento recebem manifestações de desprezo. A mensagem transmitida: Não é a mulher como companhia que importa, mas sim, o prazer sexual que ela pode oferecer. Aquelas que não correspondem ao padrão de beleza e juventude colocado como necessário para a atratividade sexual só aparecem como alvo de deboche.

A representação depreciativa das mulheres e dos relacionamentos afetivos também é identificada por Caroline Casali (2006) na análise da revista *Vip*, apresentada na dissertação “*Revistas: Configuração do relacionamento entre homem e mulher como estratégia da segmentação do público*”. A autora destaca como há uma associação reducionista das mulheres à beleza e à disponibilidade sexual. Nas entrevistas, por exemplo, informações pessoais ou profissionais são omitidas ou diminuídas e é conferido um tom de irrelevância ao que é dito pelas entrevistadas. Quando os entrevistados são homens, há perguntas sobre o que eles pensam, o que fazem, com ênfase em sucessos e realizações, enquanto com as mulheres as perguntas giram em torno de aspectos do corpo e sexuais. Os relacionamentos estáveis são alvo de ironia, com a valorização de um grande número de parceiras e da infidelidade.

O tema dos relacionamentos na revista *Playboy* foi abordado por Thays Babo e Bernardo Jablonski (2005) no artigo “*Folheando o Amor Contemporâneo nas Revistas Femininas e Masculinas*”. Os autores destacam o quanto é rígida a perspectiva das divisões de gênero, de forma que as mulheres são sempre colocadas como em busca de relacionamentos e os homens como evitando-os a qualquer custo, apenas em busca de sexo. Há também o estímulo às relações casuais e à infidelidade. É predominante a valorização do prazer masculino, um prazer marcado pelos aspectos visuais e pela perfeição estética. Informações sobre as doenças sexualmente transmissíveis e as formas de prevenção estão praticamente ausentes, como se uma revista destinada ao prazer não

pudesse ser "contaminada" com preocupações sobre doenças e riscos.

Na dissertação “*A Nova Mulher e o Novo Homem: Modelos de gênero na contemporaneidade*”, Renata Simone Domit (2004), analisou edições da *Playboy* publicadas entre as décadas de 1970 e 1980, por ser um período em que as reivindicações feministas no Brasil estavam muito presentes. A autora identificou na revista o discurso de menosprezo diante dessas reivindicações e dos avanços conquistados, acompanhados de conselhos irônicos sobre a possibilidade de tirar “proveito” das mulheres que estariam agora “liberadas”. Em um período de transformações nos padrões de gênero, havia a marcante insistência em definir a mulher como existindo em função dos desejos do homem, com o empenho para deixar intacto o ideal masculino de conquistar muitas parceiras, silenciosas, passivas, disponíveis para o olhar e para a satisfação masculina, ideal presente nas imagens de nudez e nos conteúdos de uma forma geral.

Na dissertação “*Playboy: A estética do Inatingível*”, Edney Souza (2009) compara edições da *Playboy* publicadas no Brasil entre 1975 e 2005, identificando mudanças e permanências. No início, eram fotografadas principalmente top models e atrizes de destaque; hoje, são mais comuns as celebridades de sucesso momentâneo. O autor afirma que enquanto anteriormente as “coelhinhas” eram representadas como “troféus”, hoje, são apresentadas como se fizessem parte de um “catálogo”, como produtos em promoção em uma prateleira de supermercado, com ênfase na quantidade e no caráter descartável. A linguagem dos ensaios reproduz bastante a linguagem publicitária, divulgando um objeto a ser consumido. O que não mudou no decorrer das décadas foi a posição da mulher como aquela que desperta o desejo e deve satisfazer sexualmente o homem. Desde o começo também estavam presentes dicas e regras sobre como ser um conquistador, hoje com mais ênfase no caráter imediatista e no número de conquistas.

Adriane Câmara (2007) identificou um alto número de matérias na revista *Sexy* sobre o desempenho sexual, sobre a qualidade técnica, a quantidade e a variedade de experiências. A presença destes elementos na *Playboy* foi analisada por Rafael Aragão (2010) no artigo “*O Hegemônico Não Existe ou Por Que os Homens Querem Ser Playboys*”. O autor teve com objeto de análise a seção de cartas “Playboy Responde”, em que o conteúdo envolve conselhos de sedução e performance sexual, como sugestões de posições e regiões sensíveis do corpo feminino. As perguntas identificadas com maior frequência, nas 24 edições analisadas, se referiam a técnicas e informações sobre o pênis (tamanho, formato e outras características e medições), sobre a ereção e a ejaculação, revelando uma compreensão bastante genitalizada do sexo e do prazer sexual. O autor

problematiza que o pênis é representado como se fosse “a superfície de contato do homem com o mundo” (ARAGÃO, 2010, p. 10).

A revista *Men's Health* se diferencia das demais revistas por dar mais destaque aos cuidados com o corpo, com prescrições de treinos aeróbicos e de musculação, regimes de carboidratos e proteínas, uso de produtos e outros procedimentos na busca pelo modelo de corpo valorizado: forte, potente, viril. A sedução e a performance sexual são associados à conquista desse modelo, com ênfase, assim como nas demais revistas, no prazer sexual masculino, como discute Rebeca Seixas (2012) na dissertação “*Seja Homem!': Construção de masculinidade na revista Men's Health Brasil*”:

De modo geral, os enredos sexuais propostos por *Men's Health*, além de manter a virilidade inquestionável e o controle masculino do que acontece na cama (e em outros lugares), busca incutir no leitor um sentimento de *expertise* em relação ao prazer feminino que, infelizmente, não vem acompanhado de uma compreensão dos sentimentos e da subjetividade das mulheres, ou, pelo menos, nada que extrapole o objetivo de leva-lás para a cama (SEIXAS, 2012, p. 87).

O corpo tem recebido importância crescente nas revistas masculinas, como discute Marko Monteiro (2001) no artigo “*Corpo e Masculinidade na Revista VIP Exame*”. O autor descreve que a *Vip* foi uma das primeiras a direcionar temas como moda, beleza e saúde para o público masculino. A forma como esses temas são abordados é acompanhada por uma preocupação contínua em adaptar a linguagem e estimular o consumo sem que seja desestabilizada a divisão binária entre os gêneros.

No artigo “*Transformações da Intimidade? Corpo e identidade na revista VIP*”, Richard Miskolci e Oswaldo Lara (2006) realizaram uma análise dos ensaios de moda publicados na revista *Vip* em 2005. Os autores descrevem a revista como “um guia de compras através do qual o consumo se converte em ferramenta de construção de subjetividade” (MISKOLCI; LARA, 2006, p. 2) e enfatizam a presença das marcas de pertencimento de gênero, classe, raça e cor do leitor, com o delineamento de um perfil que se restringe ao homem heterossexual, de classe alta ou média alta e branco. A principal característica ressaltada nos homens representados por *Vip* é a heterossexualidade. Nos ensaios é frequente a presença de mulheres, em poses provocantes e sedutoras, a quem são direcionados olhares de desejo dos homens fotografados. Na maioria das fotos, essas mulheres são brancas e loiras.

Os padrões de gênero foram foco das análises das revistas *Trip* e *Tpm*, publicações da mesma editora voltadas, respectivamente, para o público masculino e feminino,

comparadas por Grahal Benatti (2005) na dissertação “*Da TRIP à TPM: Um estudo sobre a produção de significados no mercado de revistas*” e por Fernanda Burbulhan e Rafael Siqueira Guimarães (2011) no artigo “*Relações de Gênero, Mídia Escrita e Contemporaneidade: Análise do discurso nas revistas Trip e Tpm*”. Enquanto na *Tpm* a proposta editorial envolve o questionamento dos padrões de feminilidade, a *Trip*, mesmo descrevendo-se como “alternativa” às outras revistas por abordar com mais frequência questões culturais e políticas, não se contrapõe aos padrões de masculinidade. O espaço dado às mulheres, no geral, se restringe ao ensaio fotográfico, o que contribui para reforçar a compreensão da masculinidade como sinônimo de heterossexualidade. São fotografadas mulheres jovens que correspondem aos padrões estéticos vigentes, que, no geral, não são famosas. Há uma busca por se distanciar do caráter apelativo de outras revistas, como é afirmado na entrevista realizada com o editor:

(...) a gente vai seguir certos critérios, centímetros quadrados de pele exposta, quer dizer, o que está mostrando ali, o que vai resultar em venda. (...) Que seja **vendável** a mulher, uma mulher que tenha apelo, que o homem ache gostosa, atraente, queira comprar a revista, mas ao mesmo tempo aquilo não se confunde de maneira nenhuma com a *Sexy* ou a *Vip*, ou com outras revistas do gênero, que tenha a nossa cara (BENATTI, 2005, p. 71, grifo nosso).

Mesmo que seja afirmado que os ensaios possuem uma outra proposta, uma outra “cara”, sobrevive a descrição da mulher enquanto “vendável”, aspecto presente nas cinco revistas masculinas voltadas para o público heterossexual- *Playboy*, *Sexy*, *Men’s Health*, *Vip* e *Trip*- aqui discutidas.

5.17.4.1. Revistas Masculinas Para Homossexuais: *G* e *Júnior*.

A revista *G* foi lançada em 1997, com a proposta de diferenciar-se das publicações gays anteriores, com um formato maior, melhor cuidado gráfico e a ambição de não se restringir especificamente ao público homossexual masculino. Foi a primeira revista do segmento a publicar nus de homens famosos, como jogadores de futebol, atores, cantores e participantes de reality shows. No início, a revista tinha o título de “*Banana Louca*”, que durou até o quarto número. Devido aos ensaios de nudez masculina, a publicação da revista gerou resistências, muitos jornalistas não assinavam o conteúdo publicado e colaboravam através de pseudônimos e também as bancas relutavam em aceitar vender a revista. Assim, houve a criação de uma rota de distribuição alternativa, em saunas, boates, bares e espaços voltados para o público gay. Gradativamente houve a inserção no

mercado, até ser alcançada a circulação nacional. Em 2008 a revista foi comprada pelo grupo norte-americano *Ultra Friends*, mudando sua proposta editorial, tornando-se mais sexualizada, com mudanças no formato de publicação e na equipe de produção. A quantidade de ensaios de nudez duplicou enquanto algumas seções foram reduzidas ou suprimidas, sobretudo aquelas que tinham conteúdo reflexivo foram substituídas por conteúdos como moda, beleza e entretenimento. Atualmente a tiragem média é de 10.000 exemplares. Antonio Carvalho (2010), Willian Magalhães (2009) e Gabriel Rodrigues (2007) realizaram análises sobre a revista *G*.

A revista *Júnior* foi lançada em outubro de 2007, em um contexto em que o Brasil possuía a maior Parada Gay do mundo e também o maior número de Paradas por ano. Foi criada grupo *MixBrasil*, um grupo muito articulado no que diz respeito à mídia LGBT, responsável por diferentes eventos e veículos, como o portal *MixBrasil*, o mais acessado do segmento. O projeto foi encabeçado pelo editor André Fischer, com experiência de 13 anos no portal. Na primeira edição, ele define como idealizou a revista: “assumida sem ser militante, sensual sem ser erótica, cheia de homens lindos, com informações para fazer pensar e entreter” (FISCHER, 2007, p. 11). *Júnior* não tem fotos de homens nus apesar de terem uma carga erótica, e tem um conteúdo mais voltado para consumo e estilo. Assim, enquanto a revista *G* quase não há anúncios de empresas não segmentadas, que não de produtos e serviços voltados para o público gay, a revista *Júnior* tem anúncio de diferentes empresas de roupas, calçados, cosméticos, livros e produtos musicais, companhias aéreas, entre outras. A análise da revista *Júnior* foi realizada por Flávia Azevedo (2010).

5.17.4.2. Sexualidade, Gênero e Corpo nas Revistas Masculinas Para Homossexuais

As fotos sensuais e/ou de nudez são constantes nas revistas voltadas para o público masculino, tanto heterossexual, quanto homossexual. Nas revistas voltadas ao público heterossexual, são muitas as imagens do corpo feminino que visam despertar interesse e excitação, compreendidas culturalmente, muitas vezes, como “didáticas” na educação sexual masculina. As imagens eróticas e pornográficas são com frequência apontadas em relatos de homens homossexuais como parte do processo do reconhecimento do desejo homoerótico, seja pela ausência de excitação diante de imagens de mulheres, seja pela busca por imagens de nudez masculina, que são viabilizadas por algumas revistas e se tornam cada vez mais acessíveis com a difusão da internet.

Gabriel Rodrigues (2007), na dissertação “*Corpos em Evidência- Uma perspectiva sobre os ensaios fotográficos de 'G Magazine'*”, define a revista como “repleta de prazeres proibidos” (RODRIGUES, 2007, p. 46), já que nela estão presentes prazeres que são barrados pela cultura no geral, como o prazer masculino de olhar com desejo para o corpo masculino nu: “A revista torna-se a mola propulsora, a ignição que dará partida ao processo de manifestação de um prazer sexual marcado como fora do padrão moral estabelecido” (RODRIGUES, 2007, p. 47).

A questão da nudez como aspecto central foi discutida por Antonio Carvalho (2010), no artigo “*Pode Chamar de G: Notas sobre um projeto editorial*”. A revista *G* tem cerca de quatro ensaios por edição, o que evidencia a importância dada para o para o desejo, o prazer e a excitação sexual. Nas imagens de nudez total ou parcial, predomina o destaque para o pênis ereto e para a bunda dos modelos fotografados. As principais características dos homens que posam para os ensaios são serem jovens, com corpos fortes e musculosos, de acordo com os padrões estéticos e de virilidade vigentes, como analisa Sandro Braga (2002), na dissertação “*Efeitos de Discurso Sobre a Nudez com Nome Próprio: Inflexões do masculino na revista G Magazine*”. O autor também aponta como as imagens são muitas vezes fotografadas em cenários que remetem às características tidas como tipicamente masculinas, como atividade, agressividade, poder, controle, dominação, competitividade. Muitas das edições mais vendidas são as que têm na capa jogadores de futebol, esporte muito vinculado aos padrões de masculinidade. É também frequente que os homens fotografados declarem-se heterossexuais e que haja nos conteúdos e imagens da revista a rejeição a características associadas culturalmente à homossexualidade, como trejeitos delicados, fragilidade e sensibilidade.

Além da virilidade, força, potência, energia, as imagens também buscam transmitir elementos como diversão, alegria, excitação e prazer:

Os homens jovens, musculosos, belos, viris, potentes, cheios de energia que estampam as páginas da publicação em poses íntimas/sexuais instauram uma atmosfera de sensualidade e prazer nas páginas da revista e convidam o leitor a se deleitar, a curtir, a aproveitar os divertimentos da vida (...) os modelos fotografados são sempre apresentados como pessoas que aproveitam a vida ao máximo, frequentam baladas, são cobiçados, admirados, jovens, bonitos, charmosos e populares. São eles os referenciais a serem seguidos pelos leitores. São eles os espelhos nos quais devem se inspirar rumo a uma vida prazerosa (CARVALHO, 2010, p. 8-9).

A questão da incitação a um modelo idealizado de vida prazerosa também é

identificada por Flávia Azevedo (2010) na revista *Júnior*. O público para o qual a revista se dirige é formado por homens jovens, com poder aquisitivo e interesse em atingir o corpo correspondente ao padrão vigente, sendo muitos os produtos oferecidos para esse objetivo. O padrão de corpo é reforçado por meio de capas, matérias e, principalmente, anúncios publicitários, que associam a aparência valorizada à aceitação social.

A transmissão de padrões normativos e o forte apelo ao consumo, é, assim, uma característica presente na abordagem sobre sexualidade, gênero e corpo nas revistas masculinas para homossexuais, assim como nas revistas masculinas para heterossexuais e nas revistas femininas para adultas e adolescentes, o que ilustra como as revistas são um importante material para as discussões sobre como esses elementos são aprendidos e sobre a normatização. Nesse sentido, apresentaremos a seguir informações sobre o mercado de revistas atualmente e sobre a importância da escolha das revistas como objeto de pesquisa.

5. 18. As Revistas Hoje

Alguns questionamentos podem “assombrar” os(as) pesquisadores que escolhem as revistas como material de análise: *“Para que estudar revistas? Ninguém mais lê revistas! Com a internet, as pessoas procuram o que quiserem nos sites de busca e passam a maior parte do tempo livre nas redes sociais. Quem vai até a banca para comprar algo para ler? Quem está disposto(a) a pagar por uma assinatura? Aliás, quem é que lê alguma coisa nos dias de hoje? As pessoas querem imagens em movimento, querem sons, querem ação... Nada de leitura! As revistas estão em extinção!”*.

As revistas estão em extinção? Essa é uma ideia muito difundida. No dia 26 de maio de 2013, ano em que esta dissertação estava sendo elaborada, diante da notícia da morte do empresário Roberto Civita, presidente do Grupo Abril, aos 76 anos, muitos sites anunciaram que grandes revistas seriam fechadas, como a revista masculina *Playboy* e a revista feminina para adolescentes *Capricho*, publicadas, respectivamente, há 40 e 61 anos pela editora. Diante dos tantos comentários sobre a ameaça de fechamento, surgiram as perguntas: O encerramento dessas revistas significa que elas estão ultrapassadas, que não correspondem mais ao contexto atual? Os padrões de masculinidade e feminilidade, tão intensamente (re)produzidos por elas, estariam também ultrapassados, com uma maior flexibilização e pluralização de representações decorrentes da expansão de outros espaços midiáticos? Estudar revistas significaria pensar sobre um período que, se ainda não acabou, está próximo do fim? Essas questões apontam para a importância de pensar sobre

as mudanças no mercado de revistas e, mais especificamente, as mudanças que passam as revistas analisadas.

Maria Celeste Mira (1997), no capítulo “*A Constituição do Mercado de Revistas e a Origem da Editora Abril*”, narra como a Editora Abril foi fundada, desde a primeira publicação de “*O Pato Donald*”, em 1950. Os quadrinhos importados da Disney continuaram a ser o elemento central para as vendas da editora nascente, com a publicação, em 1952 das primeiras histórias do “*Mickey*”, em 1961, do “*Zé Carioca*” e em 1963 do “*Tio Patinhas*”. As condições de impressão e distribuição naquele período eram muito precárias, já que a indústria gráfica só se desenvolveria de forma mais avançada a partir de meados da década de 1960. Assim como os quadrinhos estavam relacionados ao cinema da Disney, o outro grande investimento da Editora Abril também estava ligado à grande expansão da indústria cinematográfica: a publicação de fotonovelas, com grande influência do cinema de Hollywood. Foi assim que em 1952 foi lançada a *Capricho*, que teve um grande sucesso, chegando a ultrapassar em número de vendas 500 000 exemplares. A grande vinculação inicial entre as revistas e o cinema foi gradativamente se enfraquecendo, principalmente a partir da maior difusão da televisão.

A primeira revista masculina da editora só seria publicada em 1975, como uma adaptação da *Playboy* americana, que havia sido fundada por Hugh Hefner em 1954.

“Nesta banca tem *Homem*”. Nos cartazes espalhados pelas bancas de jornal, um indisfarçado apelo ao machismo do homem brasileiro procurava chamar sua atenção para o lançamento da primeira revista masculina da Editora Abril. Como resultado, os 135 mil exemplares iniciais esgotaram-se em poucos dias. Estando o título *Playboy* proibido de circular em território nacional, a editora resolve lança-la como a Revista do *Homem* (MIRA, 1997, p. 170).

A descrição de Mira (1997) sobre a entrada da revista *Playboy* no Brasil acompanhada por “um indisfarçado apelo ao machismo do homem brasileiro” é interessante para nos perguntarmos se a ameaça do fim da revista poderia significar, de alguma forma, que as concepções machistas que essa carrega também estariam perdendo a força.

Diante da possibilidade do encerramento, passei a acompanhar a página das revistas na rede social “facebook” com mais atenção. Alguns meses se passaram e as revistas anunciadas não foram fechadas. Não foram substituídas por plataformas digitais.

Inclusive, foi possível notar a estratégia da utilização da internet para impulsionar mais vendas, como no “manifesto” a seguir, que foi amplamente divulgado nas redes sociais:

Figura 6: Constituição do Homem Livre



Fonte: Página da revista *Playboy* na rede social Facebook (2013)⁴³

“Nós homens, nascemos livres”, é anunciado pela constituição. O tom utilizado no anúncio é claramente irônico em relação às reivindicações feministas:

A liberdade é o nosso maior patrimônio. Por isso, nesta edição histórica de seus 60 anos de criação, PLAYBOY traz a Constituição do Homem Livre. Jamais nos verão numa passeata reivindicando nossos direitos. Com exceção dos jogos de futebol, não gostamos de muito homem junto. Por isso aqui vai este manifesto. Nossa declaração de princípios. Sejam os que somos. Sem culpas nem preocupações. Não vamos ceder- a não ser, é claro, que seja com segundas intenções. Faz parte do jogo.

Dentre as “leis” anunciadas, estão: “Adoramos ver uma bela bunda passar”; “Não existe amizade desinteressada entre homem e mulher”; “Trocamos uma de 40 por duas de 20. Especialmente juntas”; “100% dos homens querem transar com duas mulheres ou mais”, que evidenciam a forte presença do machismo e da heteronormatividade nessa constituição, que foi publicada não na “*Revista do Homem*”, da década de 70, mas no segundo semestre de 2013, nos anúncios publicitários da revista impressa, com tiragem média de 166.481 no período e também na página da *Playboy* na rede social facebook,

⁴³O endereço para o acesso à página é: <https://www.facebook.com/playboybrasil>

com mais de 2 milhões de seguidores(as). Assim, mesmo que a força da revista pareça abalada pela maior disponibilidade de outros materiais na internet, principalmente materiais pornográficos, pelo menor investimento publicitário nas revistas de uma forma geral e também pelo fato de que o “Império” da *Playboy*, que era formado por clubes, casas noturnas, mansões e outros espaços que foram gradativamente fechando as portas, é necessário olhar com atenção para outros espaços que tem sido criados e ocupados. A *Playboy* realmente concorre com muitos outros materiais que estão sendo produzidos e difundidos em larga escala para o público masculino, mas talvez isso não corresponda a um enfraquecimento das representações sobre as mulheres e sobre os homens que a *Playboy* contribuiu para consolidar, mas sim, uma maior potencialização dessas. Ter 2 milhões de seguidores(as) em uma rede social ilustra como, embora de uma forma menos concentrada do que com a assinatura de revistas, as mensagens de *Playboy* continuam alcançando muitas pessoas, todos os dias.

Houve também notícias que anunciaram o fim da revista *Capricho*, que estaria passando por dificuldades já que as adolescentes hoje têm muito mais acesso à internet para buscar as informações que desejam. Assim, uma revista que mantém, desde 1952, muitos padrões de feminilidade, principalmente no que diz respeito às regras sobre a necessidade de agradar os garotos, perderia o prestígio diante das modernas formas de se relacionar no século XXI. Essa hipótese também não se confirmou. Vejamos a imagem a seguir:

Figura 7: *Capricho*- Garotos contam sobre a diferença entre meninas para ficar e meninas para namorar



Fonte: Site da *Capricho* (2013)

Essa matéria, em que garotos são consultados para descrever as “diferenças” entre “meninas para ficar” e “meninas para namorar” foi publicada em agosto de 2013 no site e, diante de muitas críticas por parte de grupos feministas nas redes sociais⁴⁴, foi retirada

⁴⁴ Mais informações sobre as críticas podem ser lidas no post “Site da revista *Capricho* é bombardeado de críticas feministas por causa de posts machistas” no blog “*Consciência*”:

do ar. Entretanto, longe de ser uma exceção, o conteúdo machista dessa postagem está muito presente nas matérias da revista impressa e do site, como abordaremos em nossa análise. Trouxemos esse exemplo para ilustrar como ao invés de ser sido encerrada, a revista continua a ser publicada, tendo um grande número de leitoras(es) tanto da versão impressa quanto da página da internet, que é hoje o site para adolescentes mais acessado da América Latina segundo a descrição do site da Editora Abril:

Hoje são mais de 1,8 milhões de leitoras por edição. A revista é líder absoluta na comunicação com as garotas brasileiras! (...) Paralelo ao sucesso da revista, a marca CAPRICHÔ também tem grande poder no mundo digital. CAPRICHÔ.com.br é um dos maiores site teens do mundo. Em mobile, mais de 100 mil assinaturas pagas de SMS e MMS CAPRICHÔ. A CAPRICHÔ também está presente nas redes sociais mais acessadas pela menina como: facebook, twitter, instagram e youtube, e também está presente toda semana no celular da garota com a CAPRICHÔ Week. (...) Além de tudo isso, CAPRICHÔ conta uma operação de licenciamento com mais de 10 milhões de produtos vendidos em 2013 (PUBLIABRIL, 2014, s/p).

Assim como a *Playboy* e a *Capricho*, as revistas de uma forma geral tem investido na internet como uma forma de atrair anunciantes e aumentar o número de vendas. É alta a competição pelo investimento publicitário, já que há um número cada vez maior de veículos midiáticos voltados a diferentes públicos onde é possível anunciar. Ainda assim, o número de revistas publicados não tem diminuído, ao contrário, antigas publicações se mantêm e muitas aumentam o número de vendas e novas publicações surgem a cada ano. Diferentes análises apontam como o mercado de revistas brasileiro, ao invés de uma retração, está passando, na verdade, por um processo de expansão.

De acordo com a consultoria “OThink” o período entre 2006 e 2010 foi marcado por um crescimento anual médio de 4,4%, com a venda de 330 milhões de exemplares em 2010. O maior número de vendas correspondeu aos segmentos populares, mas houve também o fortalecimento de publicações com o preço mais elevado. O crescimento pode ser notado no gráfico a seguir:

http://consciencia.blog.br/2013/08/site-da-revista-capricho-e-bombardeado-de-criticas-feministas-por-causa-de-posts-machistas.html#.U1_gR1c9UuQ, no post “Menina pra ficar ou pra namorar?” - como violentar meninas desde sempre” do blog “*Cientista que Virou Mãe*”: <http://www.cientistaqueviroumae.com.br/2013/08/menina-pra-ficar-ou-pra-namorar-como.html> e no post “O Feminismo, firme e forte, não precisa de novidades”, do blog “*Escreva Lola Escreva*”: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/12/o-feminismo-firme-e-forte-nao-precisa.html>.

Figura 8: Quantidade de Revistas Vendidas Anualmente no Brasil



Fonte: Consultoria Othink (2012)⁴⁵

Segundo a Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER), em 2012 o Brasil contava com 336 editoras registradas, responsáveis pela publicação de 5.913 títulos diferentes com a venda de 412 milhões de exemplares.

Sobre os lucros, um segmento que se destaca é o das revistas femininas, que faturou, segundo o Instituto Verificador de Circulação- IVC, R\$800 milhões de reais em receita bruta em 2011, com a venda de cerca de 150 milhões de exemplares⁴⁶.

Como afirmamos anteriormente, embora haja o crescimento do número de títulos e assinaturas, não tem ocorrido a expansão da receita em publicidade, o que é relacionado, pela ANER, à concorrência com outros espaços da mídia. A televisão ainda é priorizada, por ter maior alcance. Em 2011, enquanto revistas como *Capricho* e *Playboy* tiveram crescimentos expressivos em número de assinantes, de 37% e 17%, respectivamente, a participação das revistas sobre o mercado publicitário total manteve-se estável em 7,5%, segundo matéria publicada na revista Valor⁴⁷. A principal estratégia que está sendo

⁴⁵ Os dados estão disponíveis na página: <http://knowledge.othink.com/index.php/brasil-2050/104-no-ano-2050-havera-livros-revistas-e-jornais-impresos-em-papel>

⁴⁶ Estes dados são discutidos na matéria “Revistas femininas faturam R\$800 milhões em 2011” disponível no endereço: <http://propmark.uol.com.br/midia/40287:faturamento-de-revistas-femininas-bate-recorde>

⁴⁷ A matéria “Aner: Mercado de revistas cresce em títulos, mas não em publicidade” está disponível no endereço: <http://www.valor.com.br/empresas/1004028/aner-mercado-de-revistas-cresce-em-titulos-mas-nao-em-publicidade#ixzz2yKOx36au>

utilizada pelas revistas é a produção para diferentes plataformas, como sites e aplicativos para tablets e smartphones, tendo havido o investimento de cerca de R\$ 5 bilhões em 2010.

Marina Scalzo (2006) no livro “*Jornalismo de Revista*” discute sobre como a concorrência por anunciantes é cada vez maior, tanto para as revistas entre si quanto entre as revistas e outros meios, o que faz com que aumente o foco em modelos voltados para a circulação, como as revistas populares. Outra estratégia que tem sido frequente é o movimento de mesclar conteúdos com o formato de “catálogos”, ou seja, produtos são anunciados não apenas nos espaços reservados para a publicidade, mas também nas matérias de uma forma geral. Sobre o lucro mais alto de revistas voltadas para mulheres, é importante considerar como as revistas tem sido consideradas como predominantemente femininas desde seu surgimento, como abordamos no decorrer deste capítulo, e a expansão dessas publicações teve grande participação de indústrias como a da moda e a dos cosméticos.

O maior espaço ocupado pelas revistas femininas se reflete nos materiais de nossa análise. Se somarmos a tiragem média das sete revistas voltadas para adultas e adolescentes, chegamos ao número de 1.132.784 exemplares. A soma da tiragem média das revistas masculinas tem como resultado 541.367, ou seja, um pouco menos que a metade das femininas. É importante considerar que as duas revistas voltadas para o público masculino homossexual, *Junior* e *G*, são as que tem a menor tiragem (20.000 e 10.000, respectivamente) e são também as que encontram mais dificuldade em atrair anunciantes. Mesmo entre as revistas femininas e masculinas para heterossexuais, a *Tpm*, feminina de menor tiragem, de 50.000 exemplares, apresenta um número maior que sua versão masculina *Trip*, com 45.000, embora tenha sido lançada 15 anos depois, o que reflete como há um investimento maior em revistas para o público feminino. A revista masculina com maior tiragem é a *Playboy*, com 167.147, enquanto a feminina é a revista *Nova*, com 288.430. Esses números podem ser visualizados na tabela a seguir, na qual são apresentadas as revistas que serão objeto de nossa análise organizadas segundo a tiragem média em ordem decrescente:

Tabela 2: Informações Sobre as Revistas

Revistas	Ano de Lançamento	Editora	Público-Alvo	Tiragem Média
Nova	1973	Abril	Feminino Adulto	288.430
Boa Forma	1986	Abril	Feminino Adulto	260.580
Capricho	1952	Abril	Feminino Adolescente	207.224
Playboy	1975	Abril	Masculino Heterossexual	167.147
Atrevida	1994	Escala	Feminino Adolescente	146.000
Men's Health	2006	Abril	Masculino Heterossexual	139.750
Women's Health	2008	Abril	Feminino Adulto	95.550
Sexy	1992	Rickdan	Masculino Heterossexual	88.000
Todateen	1994	Alto astral	Feminino Adolescente	85.000
Vip	1994	Abril	Masculino Heterossexual	71.470
Tpm	2001	Trip	Feminino Adulto	50.000
Trip	1986	Trip	Masculino Heterossexual	45.000
Júnior	2007	Mix Brasil	Masculino Homossexual	20.000
G	1997	Ultra Friends	Masculino Homossexual	10.000
			Total:	1.674.151

Circulam assim, ao todo, 1.674.151 exemplares das revistas que serão objeto de nossa análise, número que se relaciona a como é grande o alcance que as mensagens transmitidas por elas podem obter.

Para pensarmos o alcance dessas mensagens, é importante olharmos para os dados numéricos, mas também considerarmos, como fizemos no decorrer deste capítulo, como as representações presentes nas revistas estão relacionadas com as representações que circulam na cultura de uma forma geral. Buscamos mostrar como a construção dos projetos editoriais está relacionada aos contextos históricos nos quais as revistas surgiram e são publicadas; assim como abordar como as revistas participam na construção de ideais e influenciam mudanças, especialmente em relação aos padrões de gênero, à sexualidade e ao prazer, que são temas desta dissertação. A segmentação das revistas em femininas e masculinas parte de pressupostos e contribui para reforçar esses pressupostos sobre o que é ou não prazeroso para homens e mulheres, como discutiremos com mais especificidade na apresentação dos resultados da análise dos materiais de divulgação e das edições de

fevereiro de 2012 das revistas selecionadas. Considerando que analisamos a edição de um único mês, buscamos, a partir da revisão de pesquisas realizadas sobre as diferentes revistas, encontrar informações que permitam um olhar mais contextualizado e embasado sobre as publicações selecionadas. Essa revisão nos permitiu identificar diferentes padrões sobre a sexualidade, sobre o gênero, sobre o corpo, sobre os relacionamentos que foram apontados pelos(as) autores(as) dos estudos, o que propicia uma compreensão mais abrangente para a discussão dos dados. O procedimento de análise de conteúdo, como proposto por Bardin (1977), foi realizado para a organização dos resultados em categorias temáticas, que serão apresentadas e discutidas a seguir, na segunda parte do nosso trabalho.

PARTE II

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Figura 9: Capas das Revistas Analisadas Publicadas em Fevereiro de 2012



Fonte: Nova, Boa Forma, Women's Health, Tpm, Capricho, Atrevida, Todateen, Playboy, Sexy, Vip, Men's Health, Trip, G, Júnior (2012)

Capítulo 6- O Prazer nas Revistas

6. O Prazer nas Revistas.

Prazer, felicidade, satisfação, realização, diversão. As catorze revistas analisadas têm em comum o convite enfático para aproveitar a vida:

“Como se fosse o único. (...) Não perca a chance de aproveitar cada minuto da sua vida” (*CAPRICHÔ*, fevereiro de 2012, p. 6);

“Aprender a aproveitar e a ter prazer em cada fase” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 10);

“A vida é o aqui e o agora - e o presente precisa ser muito bem vivido” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 10);

“Presente: Cuidado para não ser um cara que gasta a maior parte do tempo avaliando o passado e planejando o futuro. Certifique-se da importância do hoje, a força motriz do seu dia-a-dia” (*MEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 111);

“Aproveitem sempre da melhor forma possível (...). Seja feliz da maneira que puder! O importante é ter atenção para aproveitar tudo numa boa. Divirta-se!” (*G*, fevereiro de 2012, p. 15);

“Diversão como lema” (*JÚNIOR*, fevereiro de 2012, p. 55);

“5 sacadas espertas para você se divertir cada vez mais (...) Se não é divertido, você não está fazendo certo” (*MEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 8);

“Quais são seus sonhos? Independente do que seja, acredite neles e corra atrás. Você tem 100% de chance de realizá-los. (...) Fazer acontecer é realidade. Divirta-se!” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 82);

“Bloco da Alegria (...) O bom-humor é o melhor remédio para o tédio” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 4);

“Viva melhor!” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 58);

“Viver melhor é fácil!” (*MEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, capa).

Ser feliz, viver melhor, aproveitar o máximo possível de cada minuto, aprender a ter prazer a cada fase, tornar o presente muito bem vivido, se divertir cada vez mais, agir sempre numa boa, com alegria e bom humor, realizar os próprios sonhos, fazer acontecer... Há nas revistas uma incitação contínua ao prazer, à felicidade e à diversão; nas chamadas de capa, nas imagens, nos editoriais, nas matérias, são muitos os discursos que estimulam e incentivam que as pessoas vivam de forma mais plena e satisfatória.

Além da valorização do prazer, há nas revistas coordenadas sobre como o prazer pode ser buscado, como o prazer pode ser sentido. A construção de cada edição é como a criação de um cardápio, que oferece muitas opções a serem experimentadas com a promessa de tornar a vida deliciosa. Ou então como um livro de receitas, com instruções sobre os ingredientes e procedimentos necessários para dar sabor a cada momento. Há também a construção das revistas nos moldes de um roteiro, um guia com indicações passo-a-passo sobre como devem ser percorridos os caminhos do prazer.

Cardápio, receita, roteiro, guia... Uma característica que se sobressai é o caráter prescritivo: o prazer é valorizado, mas há determinadas formas incentivadas de se buscar prazer que serão aprendidas por meio de instruções e modelos. Por mais que as opções oferecidas possam parecer diversificadas, uma leitura mais atenta revela a presença de padrões que se repetem e se sobressaem, padrões muitas vezes normativos e repressivos. É possível identificar alguns desses padrões e a forma como são transmitidos nas descrições das revistas apresentadas nos materiais de divulgação:

“BOA FORMA é um guia completo para a mulher moderna que gosta de se cuidar: aborda beleza, nutrição, atividade física e vida saudável em proporção equilibrada, com o passo a passo para a mulher ficar mais bonita da cabeça aos pés e de dentro para fora” (MÍDIA KIT BOA FORMA, 2013, p. 3, grifos nossos);

“A revista NOVA oferece a melhor orientação para que a leitora possa se sentir realizada, ter sucesso em sua vida profissional, ser feliz no seu relacionamento e ficar com a autoestima nas alturas. (...) A revista que ajuda a mulher a ter sucesso em todas as conquistas (...) NOVA pode ser considerada a Bíblia da mulher que deseja sempre mais da vida.” (MÍDIA KIT NOVA, 2013, p. 7, grifos nossos);

“A adolescência é a fase de maiores mudanças e descobertas da vida e, por isso mesmo, de mais dúvidas e incertezas. A *Atrevida* é um guia para atravessar esta fase sem traumas” (MÍDIA KIT ATREVIDA, 2013, p.2, grifo nosso);

“A *VIP* o ajuda a aproveitar da forma mais prazerosa possível, sendo um guia bem-humorado essencial para que ele se relacione melhor com as

mulheres, curta todos os prazeres da vida e, claro, se torne um homem mais completo” (*MÍDIA KIT VIP*, 2013, p. 2, grifo nosso).

“*Guia*”, “*Guia completo*”, “*Guia bem-humorado*”, “*passo a passo*”, “*a melhor orientação*” e mesmo “*Bíblia*” são algumas das expressões utilizadas que ilustram o caráter prescritivo presente nas revistas. Caso as instruções didáticas sejam seguidas, algumas recompensas prazerosas são oferecidas: *Boa Forma* se propõe a ensinar a leitora a cuidar do corpo e da beleza “*da cabeça aos pés e de dentro pra fora*”, *Nova* afirma que ajudará a mulher a ter sucesso e realização em todas as conquistas, *Atrevida* se apresenta como um suporte emocional para atravessar as dúvidas e incertezas da adolescência “*sem traumas*”, e *Vip* promete auxiliar o leitor a se tornar um homem mais completo, se relacionar com mulheres, “*aproveitar da forma mais prazerosa possível*” e “*curtir todos os prazeres da vida*”. A forma como os prazeres são representados vem assim acompanhada do movimento de cada revista de se posicionar, ao mesmo tempo, enquanto competente, como aquela que está autorizada a ensinar e instruir como sentir prazer; e como cúmplice, parceira, com a utilização de uma linguagem próxima, ou mesmo íntima, que transmite que a revista acompanhará a leitora ou o leitor nos prazeres desfrutados e conquistados. Essa construção de uma relação de proximidade e cumplicidade pode ser ilustrada pelos trechos a seguir, também dos materiais de divulgação:

“*CAPRICHO* é a melhor amiga da adolescente brasileira: bem-humorada, esperta, ajuda a enfrentar os dilemas do período e informa sobre tendências da moda e beleza e sobre o mundo das celebridades” (*MÍDIA KIT CAPRICHO*, 2013, p. 2, grifo nosso);

“*ATREVIDA* (...) Seu objetivo é ser a melhor amiga da menina que quer estar informada, sempre bonita e por dentro do mundo das celebridades” (*MÍDIA KIT ATREVIDA*, 2013, p. 2, grifo nosso);

“*WOMEN’S HEALTH* inspira suas leitoras como uma amiga próxima, que busca os mesmos objetivos e almeja um estilo de vida balanceado” (*MÍDIA KIT WOMEN’S HEALTH*, 2013, p. 5, grifo nosso);

“Playboy é a parceira ideal para desfrutar as melhores coisas da vida: as mulheres mais lindas, viagens, esportes, aventuras, carros” (PUBLIABRIL, 2013, s/p, grifo nosso).

Ensinar sobre moda e beleza, informar sobre celebridades, inspirar para um modo de vida balanceado, ajudar a enfrentar os dilemas da adolescência: as revistas são aquelas capazes de orientar as leitoras e leitores não apenas sobre como conseguir o que desejam, mas também sobre o que devem desejar. No exemplo sobre a *Playboy*, ao mesmo tempo em que a revista se apresenta como “*a parceira ideal para desfrutar as melhores coisas da vida*”, logo essas “*melhores coisas*” são elencadas: viagens, esportes, aventuras, carros e mulheres, sendo importante notar como elas são colocadas como o primeiro item na lista de “*coisas*”. Os trechos elencados exemplificam como, ao se apresentarem como parceiras ou amigas como estratégia para transmitir cumplicidade e confiança, as revistas estabelecem um espaço propício para a transmissão de padrões.

A valorização de determinados elementos como interessantes e prazerosos não é colocada como uma reprodução de modelos normativos, mas sim, é representada como correspondendo fielmente aos desejos e preferências de leitores e leitoras. Outro exemplo desse movimento é a matéria “**Como conseguir o que você quer**”, da revista *Capricho*, em que a adolescente recebe as instruções: “ **siga estes conselhos para seus planos virarem realidade**” (p. 77). É apresentada uma lista de metas a serem alcançadas como: emagrecer, conquistar um namorado, vencer a timidez e fazer mais amigos, ir bem na escola e parar de brigar tanto com a família. Apesar da expressão “*você quer*” ser utilizada no título, a dimensão do desejo de cada leitora é apagada e substituída por desejos pré-definidos, que supostamente corresponderiam aos planos das adolescentes (de todas elas). Para cada uma das “metas” são apresentados conselhos sobre “**como fazer dar certo**” (p. 75). “*Dar certo*” significa, aqui, corresponder ao modelo de adolescência idealizado: o de uma adolescente magra, com um relacionamento romântico, sociável, com um bom desempenho na escola e boas relações familiares. Já na capa a promessa é anunciada: “**Planos possíveis (...) A gente mostra como!**”. Assim, com a promessa de ajudar a realizar os planos, a revista participa na construção da imagem de uma adolescência ideal a ser buscada.

Outro exemplo pode ser notado no editorial da revista *Boa Forma*, que tem como título “**Linda da Cabeça aos pés**” e anuncia: “**A hora é agora: esta edição é um superguia para começar já o projeto “corpo dos sonhos”**” (p. 10). Mais uma vez a ideia

da revista como guia é evocada, e mais uma vez a revista é colocada na posição de quem conhece sobre os “*sonhos*” das leitoras e sobre o que é necessário para realiza-los. No caso desse projeto, os “*sonhos*” se referem principalmente ao emagrecimento e também ao cuidado com o cabelo, a pele e a maquiagem. Embora seja marcante o caráter prescritivo, ele é revestido por uma linguagem motivacional, como um incentivo: “*A hora é agora!*”.

Nas revistas *Vip* e *Men's Health*, as expressões “guia” e “roteiro” são utilizadas para ensinar sobre diversão. No editorial, *A Men's Health* anuncia: “**MH montou um guia pra você se divertir a valer e com qualidade. (...) Um roteiro simples e bem amarrado para uma diversão impagável.**” (p. 8), enquanto na seção “**Boa Vida**”, em uma matéria sobre Las Vegas, a *Vip* apresenta: “**O roteiro infalível dos seus últimos dias de liberdade na terra da diversão**” (p. 30). Mulheres, sexo e bebidas alcoólicas são elementos comuns a ambos os roteiros. É possível notar nos trechos a promessa de que, se as coordenadas forem seguidas, o resultado será “*infalível*”, e os leitores terão uma “*diversão impagável*”.

Oferecendo em suas páginas “guias” sobre prazeres, fantasias, desejos e sonhos, as revistas buscam corresponder aos ideais das(os) leitoras(es) e gerar identificação. Mas, longe de apenas descreverem e representarem os ideais, as revistas participam na construção desses. Ocupando esta posição de ensinar, de apontar passo-a-passo tudo o que é preciso para sentir prazer, ser feliz, aproveitar cada momento da vida, fazer com que os sonhos se realizem, conquistar cada desejo, as revistas participam na padronização e na normatização do que significa ter prazer, o que significa ser feliz, o que significa desejar e o que deve ser desejado.

Esse movimento de padronização e normatização negligencia a dimensão subjetiva do desejo, as singularidades de cada sujeito ao agir e realizar escolhas, já que apresenta receitas e soluções únicas, como se as situações fossem as mesmas e acontecessem da mesma forma para todas(os), e como se os diferentes modos de lidar com as experiências vividas pudessem ser traduzidas e reduzidas a um manual de instruções, e não compreendidas e escolhidas a partir do movimento ativo e criativo de cada um(a). Esse apagamento da dimensão da singularidade pode ser relacionado ao que discute Maria Rita Kehl (2004):

É ameaçador que alguém saiba de nós antes de nós, que alguém nos diga quem nós somos, o que nós devemos fazer (...). A suposta onisciência da Outro nos dispensa do trabalho de pensar e de

simbolizar, o que nos constitui como sujeitos de desejo (KEHL, 2004, p. 98).

As revistas se colocam na posição deste Outro que é supostamente onisciente, que conhece tudo sobre o que os sujeitos desejam e sobre o que é necessário para que esses desejos sejam realizados, ditando regras sobre quem as pessoas devem ser e sobre como devem agir. E essas regras, ao invés de serem transmitidas a partir de imposições diretas, são passadas por meio de enunciados positivos e sedutores, que afirmam a importância de ser feliz e sentir prazer e apresentam as prescrições não como exigências normativas, mas como se os modelos apresentados expressassem as vontades mais íntimas de quem lê, como se correspondessem a uma representação fiel do que as (os) leitoras(es) mais desejam, do que as(os) leitoras(es) mais sonham. É como se às revistas coubesse apenas o papel de ajudar as(os) leitoras(es) a buscar o modelo ideal, e não o papel de participar na construção e na reiteração desse modelo.

As revistas, assim, ao abordarem a questão do prazer e da felicidade, o fazem a partir da transmissão de modelos ideais. Podemos identificar a presença desses ideais no trecho a seguir, da seção “Perfil”, da revista *Nova*:

“Vivemos a era da insatisfação. E isso parece pesar mais para nós, mulheres. Não adianta ser magra, tem que estar sarada. Não basta ter o emprego que ama, tem que ser promovida todo ano. E o mais feliz dos casamentos pode ser colocado em dúvida se não tiver a dose certa de surpresas e realizações- e sexo bom, claro. Com tantas cobranças, é quase impossível encontrar alguém 100% feliz” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 34).

Nas revistas femininas a felicidade é associada à habilidade em obter realização nas mais diversas áreas da vida: pessoal, amorosa, social, familiar, profissional (ou escolar, no caso das adolescentes). A leitura desse trecho da revista *Nova* pode despertar a impressão de que os padrões estão sendo questionados. É possível imaginar que a matéria se trata de uma crítica ao peso dessas exigências que geram tanta insatisfação: ter o corpo ideal, o emprego ideal, o casamento ideal, relações sexuais ideais etc. Essa impressão é contrariada pela forma como a matéria continua:

“Aí você conhece Flávia Alessandra. (...) Linda, apaixonada pelo marido (o ator Otaviano Costa) e com um corpo que em nada indica uma mulher de 37 anos e duas filhas (...)” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 34).

Ao invés de questionado, o ideal transmitido é reiterado, afirmado enquanto possível, a partir do exemplo de uma atriz como referência. É um movimento comum nas revistas, que pessoas famosas sejam situadas como modelos a serem seguidos, como provas de que a felicidade e o prazer idealizados são possíveis, de que basta o esforço e a dedicação das(os) leitoras(es) para corresponder ao que está sendo valorizado.

Assim, se retirarmos os trechos da introdução da matéria que ponderam sobre como os ideais são difíceis de serem alcançados, a mensagem transmitida é que o desejável, e também possível, é que a leitora: “(...) *tem que estar sarada. (...) tem que ser promovida todo ano. (...) [tem que ter um casamento] com a dose certa de surpresas e realizações, e sexo bom, claro. (...) [tem que ser] 100% feliz*”. Essa mensagem remete ao que discute Laura Kipnis (2009), sobre a relação entre os ideais e a insuficiência:

Entre as toneladas de manuais, as infundáveis orientações, as animadas “dicas úteis”, o objetivo é claramente perpetuar a insuficiência. Ansiosas por se sentirem minimamente menos agoniadas quanto a si mesmas, as personagens em questão se entregam a contínuos e geralmente caros esforços, melhorias e desespero a serviço do fugidio ideal feminino (KIPNIS, 2009, p. 49).

A idealização de uma vida prazerosa nas revistas vem acompanhada do incentivo para que leitoras e leitores busquem corresponder ao modelo idealizado, associado a uma vida feliz, satisfatória, interessante, cheia de realizações. Alcançar esses modos de viver é representado como desejável, como possível, bastando apenas que sejam seguidos os conselhos e recomendações sobre os esforços a serem empreendidos. A forma como os padrões são transmitidos pode, assim, suscitar sensações de desajuste, de insegurança e insuficiência, já que não corresponder aos modelos idealizados é relacionado a falhas individuais, falta de determinação e infelicidade. Como argumenta Pascal Bruckner (2002):

É o papel, por sinal, da imprensa supostamente frívola, masculina ou feminina, ficar nos lembrando semana após semana do dever da felicidade. Ao mesmo tempo recreativa, educativa e coercitiva, ou, para falar a linguagem dela “prática, divertida e simpática”, sustenta permanentemente duas coisas contraditórias: que a beleza, a boa forma, o prazer estão ao alcance de todos que queiram, de verdade, pagar o preço. Mas os que negligenciarem serão os únicos responsáveis pelo próprio envelhecimento, pela própria feiura, por sua incapacidade de gozar. (...) Acreditando folhear uma revista de diversão, abrimos um catálogo de delitos potenciais que faz pairar a dúvida sobre todos os instrumentos do prazer. O divertimento passa a ser inseparável da correção (BRUCKNER, 2002, p. 75).

A discussão de Bruckner (2002) aborda alguns elementos que são importantes para identificarmos como as revistas representam o prazer: a idealização de determinadas formas de ser e viver pode culminar na representação de que aqueles e aquelas que não correspondem à idealização são inferiores, menos felizes, ou, mais do que isso, menos merecedores de serem felizes e sentirem prazer, como responsáveis e culpados(as) pelo próprio fracasso em alcançar os modelos, sem que haja espaço para que esses modelos sejam refletidos e questionados.

Nas revistas masculinas homens famosos também são colocados como modelo e referência, mas o foco recai menos na realização pessoal e afetiva e mais no sucesso profissional, financeiro e nas conquistas sexuais. Os exemplos a seguir são da revista *Vip* e *Trip*:

“O Rei das Gatas. O empresário Eli Hadid é um cara de sorte. Este mês faz 30 anos que o dono da Mega Model se mudou para uma espécie de paraíso, um mundo perfeito e inatingível no qual vive rodeado pelas mais lindas mulheres do Brasil. (...) Apesar de não revelar números, vê-se que Eli Hadid ganha muito dinheiro. Nossos dois encontros foram interrompidos algumas vezes para que atendesse o celular, e numa dessas eu ouvi o seguinte: ‘Só 10 milhões?’” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 66);

“Pedrinho Aguinara era apenas um jovem carioca de família bem relacionada, até que foi eleito o homem mais bonito do Brasil em um programa de TV. Vieram os convites para festas e viagens, os amigos famosos e muitas mulheres: Monique Evans, Vera Fischer, Lisa Minelli, Demi Moore... A vocação para bon-vivant, é bem verdade, já despontava na família. (...)” (*TRIP*, fevereiro de 2012, p. 7).

Nos exemplos dados até aqui, das apresentações sobre as revistas nos materiais de divulgação, das matérias sobre aconselhamento e das matérias sobre famosos(as) como modelo, foi possível identificar algumas diferenças nas representações sobre o prazer entre os discursos das revistas femininas e masculinas. Discutiremos essas diferenças com mais especificidade na análise das edições das revistas selecionadas. Como forma de introduzir o modo como o prazer é representado, apresentaremos, a seguir, a análise dos materiais de divulgação.

6.1. As revistas femininas e o ideal de “viver bem”

A forma como o prazer é representado nas revistas femininas está associada à busca por uma forma de viver equilibrada, harmônica, repleta de realizações e de bem-estar, sendo construída, assim, a idealização do “viver bem”. Alguns dos elementos presentes nessa construção podem ser identificados na descrição das propostas das revistas:

“BOA FORMA é o guia completo (...) para proporcionar uma vida de bem-estar e equilíbrio emocional.” (*MÍDIA KIT BOA FORMA*, 2013, p. 6, grifos nossos);

“WOMEN’S HEALTH é a revista voltada para um novo perfil de mulher: aquela que acredita que saúde, bem-estar e equilíbrio estão ao seu alcance e dependem apenas de seu esforço (...). Ela é uma mulher real, que aprendeu a conciliar autonomia e feminilidade a serviço do seu bem-estar” (*MÍDIA KIT WOMEN’S HEALTH*, 2013, p. 2, grifos nossos);

“Autoconfiante, saudável e feliz. Essa é a melhor definição da leitora da *Women’s Health*.” (*MÍDIA KIT WOMEN’S HEALTH*, 2013, p. 4, grifos nossos);

“NOVA estimula (...) a construção da autoestima e da autoconfiança” (*MÍDIA KIT NOVA*, 2013, p. 4- 7, grifos nossos);

“A Atrê entende que cada garota é única e incentiva o autodescobrimento e a autoestima, que é tão cheia de altos e baixos quando se é adolescente” (*MÍDIA KIT ATREVIDA*, 2013, p. 2).

“Bem-estar”, “Equilíbrio emocional”, “Saúde”, “Autoestima” e “Autoconfiança” são algumas das palavras-chave para compreendermos como o prazer feminino é representado. Essas expressões têm em comum a valorização da habilidade feminina de lidar da melhor forma com as mais diversas áreas (pessoal, emocional, amorosa, social, familiar, profissional/escolar, sexual etc.) e de buscar continuamente aperfeiçoar a si própria e aos relacionamentos em que está envolvida.

O “bem-estar” refere-se à possibilidade de viver de forma tranquila, harmônica, equilibrada, cultivando pensamentos positivos, atitudes e relações saudáveis, ponderando

bem como lidar com o tempo e com as situações cotidianas para sentir-se o mais calma, relaxada e segura possível. A “autoestima” diz respeito ao quanto a garota ou mulher valoriza a si mesma, tem amor próprio, enxerga-se de forma positiva, sente-se bem consigo mesma, feliz com como é e com como é vista. A “autoestima” é relacionada também à “autoconfiança”, ou seja, à acreditar no próprio potencial, acreditar que é capaz de alcançar o que deseja, de ter uma vida repleta de realizações, conquistas e sucessos. A “autoestima” e a “autoconfiança” são colocadas como prioridades, como habilidades que devem ser aprendidas, desenvolvidas e aprimoradas.

Uma palavra que também pode ser associada ao “viver bem” é “cuidado”: meninas e mulheres devem aprender a cuidar de si mesmas, do próprio corpo, da própria imagem, das impressões que despertam, dos vínculos que estabelecem, dos objetivos que querem conquistar. Os cuidados com relação a si mesma, no geral, e os cuidados com a aparência, mais especificamente, são colocados como necessários e fundamentais para sentir-se bem, para o amor próprio e a confiança consigo mesma, como é possível notar nos trechos a seguir:

“Saudável e autoconfiante, assim é a mulher *WOMEN’S HEALTH*. Exercícios e boa alimentação são primordiais para conseguir seu estilo de vida balanceado. Ela malha e cuida da aparência (...) Informação é primordial para se manter bonita e jovem” (PUBLIABRIL, 2013, s/p).

“Só *NOVA* é a máxima referência para a mulher jovem que quer ficar cada vez mais bonita, antenada com as últimas tendências, poderosa e segura de si” (*MÍDIA KIT NOVA*, 2013, p. 4).

A valorização da “*autoestima*” e da “*autoconfiança*” reforça a concepção que tanto os motivos quanto as soluções para as mais diversas questões da vida precisam ser pensados em termos autocentrados, individualizados, sem que seja considerado o contexto e os múltiplos elementos presentes nas situações vividas. Esse movimento pode ser exemplificado pela afirmação do material de divulgação da *Women’s Health*:

“a mulher de *WOMEN’S HEALTH* (...) sabe que para alcançar seus objetivos só depende de si” (*MÍDIA KIT* da revista *Women’s Health*, 2013, p. 3).

São muitos os objetivos femininos representados pelas revistas, assim como são muitos os procedimentos, técnicas, estratégias, cuidados transmitidos como necessários, já que é afirmado às leitoras que alcançar esses objetivos “*só depende de si*”. Dentre as realizações valorizadas estão a realização profissional, afetiva e a obtenção de um corpo em forma, bonito e saudável, como é possível notar nos trechos a seguir:

“Só *NOVA* incentiva e orienta a mulher a crescer na carreira, conquistar um parceiro, bancar suas escolhas e ter sucesso em todos os seus desafios” (*MÍDIA KIT NOVA*, 2013, p. 4- 7);

“*WOMEN’S HEALTH* (...) sabe que o sucesso- nas relações pessoais ou profissionais- vem, principalmente, da capacidade de conquistar uma vida equilibrada. E isso significa fazer escolhas inteligentes no que se refere a alimentação, atividade física, saúde, amor (...)” (*MÍDIA KIT WOMEN’S HEALTH*, 2013, p. 2-4).

É preciso buscar o crescimento, o sucesso, as conquistas, as escolhas certas, em um contínuo processo de aperfeiçoamento de si mesma. A valorização do autoaperfeiçoamento pode ser exemplificada também pelo slogan da revista *Women’s Health*: “**Você, só que melhor**” e pela descrição trazida no site da editora Abril:

“*Women’s Health* é a revista feita para você viver do jeito que gosta: cada vez melhor e mais feliz consigo mesma” (*PUBLIABRIL*, 2013, s/p).

Figura 10: *Women’s Health*- “Você. Só que Melhor”



Fonte: *MÍDIA KIT* da Revista *Women’s Health* (2013, p. 1).

Além da incitação ao autoaperfeiçoamento, o slogan “*Você. Só que melhor.*” também expressa como a revista se posiciona como aquela que oferecerá modelos a serem seguidos, estando implícita a mensagem de que a mulher da foto, assim como as outras mulheres escolhidas para as capas e matérias representariam um parâmetro, uma referência, já que ela é apresentada à leitora a partir de uma estratégia tanto de identificação: “*Você.*” quanto de provocação: “*Só que melhor*”.

Na revista *Boa Forma* há as seções “**O melhor de você**” e “**Mais Feliz**”, que também expressam como a busca pela felicidade e pelo aperfeiçoamento pessoal são compreendidas como individualizadas e autocentradas. As revistas se encarregam de acompanhar as leitoras, oferecendo dicas e recomendações nos conteúdos em geral e dedicando espaços específicos para orientações e aconselhamentos, em grande parte das vezes a partir da consulta a profissionais, principalmente da Psicologia. Esse movimento pode ser notado na forma como as seções são descritas no site da revista:

“O Melhor de Você (...) O foco é na melhora da autoestima da mulher. Psicólogo responde carta de leitora dando dicas para controlar a ansiedade e domar outros sentimentos que atrapalham os planos de emagrecimento” (PUBLIABRIL, 2013, s/p);

“Mais Feliz (...) São dadas informações, truques e pesquisas sobre bem-estar (alívio do stress, combate à depressão) e qualidade de vida” (PUBLIABRIL, 2013, s/p).

A consulta a profissionais também ocorre na seção “**Dr. Gaudêncio explica**”, da revista *Nova*, em que: “**O psiquiatra Paulo Gaudencio responde às dúvidas das leitoras sobre comportamento, família, amizade, sentimentos...**” (PUBLIABRIL, 2013, s/p), e na seção “**Comportamento**”, da revista *Capricho*, que: “**Aborda os dramas pessoais e a relação da menina com a família, amigas e os garotos.**” (PUBLIABRIL, 2013, s/p).

A busca feminina por viver bem envolve, assim, diferentes formas de cuidado: para ser feliz ela buscará cuidar de si mesma, dos próprios pensamentos, sentimentos e hábitos, cuidará do ambiente em que vive, cuidará das relações que estabelece para que os vínculos sejam sólidos e positivos, assumindo a responsabilidade por compreender, solucionar e evitar os conflitos e cuidará também do próprio corpo, da saúde e da beleza.

A aparência, a “imagem” de si, recebe prioridade na busca contínua das meninas e mulheres para melhorar a própria vida. Estar satisfeita com o próprio corpo é algo colocado como indispensável para sentir-se bem e viver de forma mais feliz. Por isso, consumir cosméticos e outros produtos de beleza é representado como uma atividade prazerosa, como um investimento no bem-estar e na autoestima. A beleza e a moda são colocadas também como formas das meninas e mulheres expressarem a si mesmas, construírem e manifestarem criativamente o próprio estilo, a própria identidade, o que pode ser exemplificado no trecho a seguir, do “*Caderno Capricho da Garota Brasileira*”:

“Cada vez que uma adolescente escolhe uma roupa para ir à balada ou copia o make de uma celebridade, é porque está investindo na construção de sua própria imagem: a imagem que quer passar de si mesma para os outros” (CADERNO CAPRICHOS DA GAROTA BRASILEIRA, 2013, p. 8).

Na busca por “*construir a própria imagem*”, o consumo é situado como um elemento central. Consumir roupas, acessórios, sapatos, maquiagens, entre outros itens é representado como dedicar-se para si mesma, para a própria realização pessoal. Nos materiais de divulgação, há o movimento de apresentar as leitoras a partir do que consomem:

Figura 11: “Menina *Atrevida*: O que ela consome”



Fonte: MÍDIA KIT da revista *Atrevida* (2013, p. 7).

Figura 12: *Capricho*- “Hábitos de Consumo da Leitora”



Fonte: *MÍDIA KIT* da revista *Capricho* (2013, p. 6).

Na descrição da “*Menina Atrevida*”, são trazidos números sobre o que foi consumido pelas leitoras de *Atrevida* nos últimos três meses, subdivididos em Moda (com dados sobre quantas leitoras compraram sandálias e jeans), Higiene Pessoal e Cosméticos (com dados sobre maquiagem, cremes para rosto, corpo e mãos e sobre sabonetes íntimos); e Material Escolar, com um número menor de compras do que os itens anteriores. O mesmo movimento de descrever hábitos de consumo ocorre no material de divulgação da *Capricho*, em que são trazidos números sobre quantas utilizam perfume, esmaltes e batom/gloss.

No “*Caderno Capricho da Garota Brasileira*”, é afirmado, sobre as adolescentes:

“Elas elegeram o shopping center como ponto-de-encontro para as suas baladas. Não à toa, as adolescentes adoram consumir” (*CADERNO CAPRICHOS DA GAROTA BRASILEIRA*, 2013, p. 25).

Figura 13: Consumo no Caderno *Capricho* da Garota Brasileira



Fonte: Caderno *Capricho* da Garota Brasileira (2013, p. 25).

Esse material, disponibilizado na página da *Capricho*, foi produzido a partir de resultados de pesquisas realizadas com grupos de leitoras da revista, como o grupo “Galera *Capricho*”, formado por 35 leitoras e o grupo “Fraternidade *Capricho*”, formado por 150 leitoras, e também por enquetes realizadas com as garotas que acessaram o site da revista. O nome dado “*Caderno Capricho da Garota Brasileira*”, mostra como os dados são generalizados não como próprios das consumidoras da revista, mas como um retrato do “**universo das adolescentes brasileiras**” (*CADERNO CAPRICO DA GAROTA BRASILEIRA*, 2013, p. 3). “Leitora da *Capricho*” e “Garota Brasileira” são colocadas como sinônimos. Este movimento pretensioso de equivalência pode ser um interessante ponto de partida para problematizarmos como se dá a construção de ideais a partir das revistas. Embora nem todas as adolescentes brasileiras tenham interesse ou acesso à *Capricho*, mesmo que muitos grupos não sejam considerados e representados na forma como a adolescência é idealizada em suas páginas, e mesmo que grande parte das adolescentes não tenham possibilidades de desfrutar os padrões de consumo e as condições de vida valorizadas, o modelo oferecido por *Capricho* do que deva ser a adolescência tem um alcance abrangente, que acarreta efeitos mais amplos do que aqueles diretamente identificáveis no círculo de leitoras. Como discute Maria Rita Kehl (2008), ao falar sobre a publicidade, mesmo que sejam poucos os que têm acesso aos produtos

divulgados, o mais importante não é que os ideais difundidos tenham alcance apenas sobre aqueles(as) que têm condições financeiras de comprar, mas sim, que o ideal atinja a todos(as), gerando, naqueles(as) que não correspondem aos modelos idealizados, sensações de exclusão e inadequação, elementos que são inclusive necessários para a valorização do ideal.

João Freire Filho (2007, p. 135) também discorre sobre a revista *Capricho* como veículo de reiteração dos ideais de adolescência vigentes: “Folheando a *Capricho*, sentimo-nos persuadidos a concordar com a exatidão deste ‘retrato do universo juvenil’ (que homogeneiza gostos, experiências, problemas e expectativas de um grupo diverso e desigual de pessoas da mesma faixa etária)”.

A forma como as revistas apresentam, descrevem e homogeneizam as(os) leitoras(es) é atravessada por marcadores como gênero, orientação sexual, raça, idade, classe social. Esses fatores não são pensados de forma genérica, mas participam na construção sobre quais gostos, interesses, hábitos, preferências e desejos serão representados. A construção dessa imagem de leitor(a) norteia como cada revista é produzida.

O conceito de “modos de endereçamento” pode ser utilizado para pensarmos o público para quem os produtos midiáticos se dirigem. Segundo Elisabeth Ellsworth (2001), esse conceito surge com a teoria cinematográfica crítica, com a preocupação inicial de compreender as relações estabelecidas entre o texto de um filme e a experiência de seus(suas) espectadores(as). Há a busca do refinamento da proximidade entre a audiência suposta e a audiência real. Ainda assim, o endereçamento se caracteriza justamente pela impossibilidade de se “acertar o alvo”. Os(as) espectadores(as), no caso de um filme, e os(as) leitores(as), no caso de um material escrito nunca correspondem exatamente aos lugares a partir dos quais são imaginados(as). Rosa Fischer (2003) descreve como o modo de endereçamento diz respeito às questões: “quem esse produto midiático pensa que você é?”, “quem esse produto midiático quer que você seja?”. É um processo complexo, cheio de nuances, de tensão, que envolve inúmeros procedimentos e técnicas de linguagem e de expressividade.

Bill Osgerby (2001) parte do conceito de “identidades imaginadas” como algo que é inventado, criado, mas têm efeitos reais no mundo das relações cotidianas. As identidades imaginadas investem de significado e dão inteligibilidade às identidades vividas, organizando a forma como essas podem ser assumidas- a aparência corporal, a forma de se vestir, a conduta e formas de se relacionar, valores, aspirações, gostos,

preferências e desejos: “Representations furnish a repertoire of cultural forms that can be drawn upon in the imagining of living identities” (OSGERBY, 2001, p. 7). As identidades imaginadas podem ser aspiradas mais do que realmente atingidas, suportadas pelo desejo, já que são identidades ideais, desejáveis, em que as pessoas se esforçam em tornar-se o que acreditam que devem ser. São reforçadas a partir de fantasias, modelos e expectativas.

Nos materiais de divulgação das revistas são apresentadas informações sobre os leitores(as), tanto aquelas identificadas a partir de pesquisas de mercado, quanto características idealizadas, correspondentes ao ideal construído pela revista com o objetivo de despertar identificação no público que busca atingir. Mais do que dados concretos, é possível identificar a predominância do que Osgerby (2001) aponta como “identidades imaginadas”, como no caso da “Garota Brasileira” construída pela *Capricho*. Outro exemplo é o trecho a seguir, do material de divulgação da revista *Nova*:

“Carol possui cartão de crédito e adora parcelar suas compras. E a maior parte do que ganha, gasta com ela mesma, comprando itens de beleza, roupas e acessórios. O consumo dela é autoindulgente, mas consciente. Ela controla seus gastos, mas também tem prazer consumindo.

Carol ama maquiagem e cuidar do corpo, usa hidratante para o corpo, para o rosto e nunca deixa de limpar a pele com sabonete para o rosto e demaquilante antes de dormir” (*MÍDIA KIT NOVA*, 2013, p. 22-23).

A ideia de que cada revista se baseia em uma identidade imaginada de quem seria o(a) leitor(a) típica tem em Carol um exemplo interessante. Carol é uma personagem criada por *Nova* para apresentar características de suas leitoras. Nesse trecho é possível identificar a centralidade do consumo e dos cuidados com a beleza na idealização dessa identidade, e também a associação entre consumo e prazer.

Os modos de endereçamento de uma revista buscam alcançar o que as leitoras concretas são, mas, mais do que isso, buscam corresponder ao que as leitoras fantasiam, idealizam, desejam ser. Esse movimento também pode ser identificado no material de divulgação de *Nova*:

Figura 14: Leitora Imaginada pela Revista Nova



Fonte: *MÍDIA KIT* da revista *Nova*, 2013, p. 21.

“{Carol}

É: ambiciosa, determinada, vaidosa, antenada.

Busca: superar os próprios limites e viver intensamente a carreira, o amor e o sexo.

Quer: sentir-se bonita, poderosa e sofisticada.

Precisa: estar bem informada sobre as últimas novidades de moda e beleza”
(PUBLIABRIL, 2013, p. 21).

É breve a descrição sobre o que a leitora é, havendo três outros tópicos sobre o que ela quer, busca e precisa. Assim, bonita, poderosa, sofisticada, bem informada sobre moda e beleza, superando os próprios limites e vivendo intensamente a carreira, o amor e o sexo, não são, necessariamente, características que as leitoras devem possuir e sim, desejar possuir, é apresentado o ideal que supostamente as leitoras querem alcançar. Mais uma vez é possível identificar a importância dada para a vaidade.

No material de divulgação da revista *Boa Forma* também é possível identificar o destaque dado para o que as leitoras desejam:

“Quem é nossa leitora?”

A mais jovem persegue resultados rápidos para ter o peso certo e um corpo bem modelado.

A que foi mãe quer voltar a ficar em forma o mais rápido possível, igual à estrela da TV.

E a que passou dos 40 quer se manter bonita e sensual, como Luíza Brunet e Christiane Torloni” (*MÍDIA KIT BOA FORMA*, 2013, p. 13, grifos nossos).

Figura 15: Leitora Imaginada pela Revista *Boa Forma*

BOA FORMA

quem é nossa leitora?

BOA FORMA
Dietas
10 kg
10 kg

BOA FORMA
SOX
DIETA
3
4
48

BOA FORMA
BO
DIA
10 kg
10 kg

A mais jovem persegue resultados rápidos para ter o peso certo e um corpo bem modelado

A que foi mãe quer voltar a ficar em forma o mais rápido possível, igual à estrela da TV.

E a que passou dos 40 quer se manter bonita e sensual, como Luíza Brunet e Christiane Torloni.

Fonte: *MÍDIA KIT* da Revista *Boa Forma* (2013, p. 13).

Nas imagens do material de divulgação da *Boa Forma*, assim como nas imagens trazidas pelos materiais de divulgação das revistas *Capricho*, *Atrevida* e *Nova* é possível notar como as mulheres representadas são sempre brancas, magras e de acordo com os padrões estéticos vigentes.

Nas respostas dadas à pergunta “**Quem é nossa leitora?**”, as leitoras são descritas pelo que querem, não pelo que são. As capas das revistas são apresentadas como ilustração sobre como as famosas são posicionadas como referências, como modelos. Nos

trechos a seguir, sobre as leitoras das revistas *Boa Forma*, *Women's Health* e *Atrevida*, também é possível notar como a beleza, o corpo e o consumo são focos do que é representado como desejável:

“A leitora de *BOA FORMA* está sempre em busca de produtos de beleza para rosto e corpo. (...) Apesar de usar a atividade física para modelar as formas, valoriza os tratamentos estéticos como complemento para conquistar o corpo dos sonhos” (*MÍDIA KIT BOA FORMA*, 2013, p. 8);

“São mulheres que perseguem corpo e mente saudáveis e não abrem mão de produtos de ponta, pois sabem que vale a pena gastar um pouco mais para atingir seus objetivos- para elas, isso é um investimento” (*MÍDIA KIT WOMEN'S HEALTH*, 2013, p. 2);

“A leitora *Atrevida* está sempre em busca de referências para o que fazer, usar, copiar ou se inspirar” (*MÍDIA KIT ATREVIDA*, 2013, p. 7);

“Menina *Atrevida*: (...) Meninas de 14 a 17 anos, das classes A, B e C que querem conhecer e experimentar produtos e lugares novos.” (*MÍDIA KIT ATREVIDA*, 2013, p. 7, grifo nosso).

“*Sonhar*”, “*querer*”, “*buscar*”, “*perseguir*”, “*conquistar*”, “*atingir objetivos*” são algumas das expressões usadas, que evidenciam como as revistas focam nos desejos pressupostos para as leitoras para descrevê-las.

A revista *Tpm* tem como proposta editorial se contrapor às revistas femininas tradicionais, buscando quebrar padrões como a centralidade excessiva dada para o cuidado com a beleza. No material de divulgação a leitora também é descrita a partir do que deseja:

“Uma carreira de sucesso e uma vida familiar equilibrada. Conhecer moda sem ser escrava da indústria. Conhecer o mundo e curtir o prazer de ficar em casa. Ter e criar filhos sem deixar de ser mulher. Sexo e consumo sem culpa. Ver como pensam e vivem mulheres (e homens) interessantes. Tratar celebridades como pessoas normais e pessoas normais como celebridades. Beleza sem estresse, esporte, corpo equilibrado. Trabalho como forma de

expansão, dinheiro para construir um mundo menos desigual, humor e amor” (*MÍDIA KIT TPM*, 2013, p. 3).

Elementos como a carreira, a família, os filhos e o conhecimento estão presentes. Embora a revista se contraponha a alguns padrões vigentes de feminilidade, eles não são negados, apenas ponderados. Ao afirmar que a leitora quer “*conhecer moda sem ser escrava da indústria*”, a moda permanece como um elemento importante, ainda que haja a crítica à relação estabelecida com ela. “*Beleza sem stress*” indica como a beleza ainda é um elemento valorizado. “*Ter e criar filhos sem deixar de ser mulher*” não quebra a associação entre feminilidade e maternidade. “*Tratar celebridades como pessoas normais e pessoas normais como celebridades*” não põe em xeque a cultura da celebridade. É interessante notar como sexo e consumo são trazidos na mesma frase, acompanhados da afirmação “*sem culpa*”. Amor, ainda que de forma discreta, permanece como desejável. Esse trecho sobre o que as leitoras desejam ilustra como, apenas de realizar o movimento de propor modelos alternativos de feminilidade, a *Tpm* não escapa da lógica do consumo, como também pode ser ilustrado pelo trecho a seguir:

“Há mais de 10 anos a revista *Tpm* fala de um jeito novo com mulheres de atitude e independentes. (...) Mas, por adorar o universo feminino todinho, além de questionar os padrões e investigar o papel da mulher nos dias de hoje, a *Tpm* também quer saber qual é o sapato da moda, a cantora da vez e o lugar novo que ninguém conhece” (*MÍDIA KIT TPM*, 2013, p. 9).

As mulheres imaginadas por *Tpm* têm atitude e são independentes, mas também se interessam pelo “*sapato da moda*”, o que é associado, nesse trecho, ao “*universo feminino*”. Questionar os padrões, aqui, não significa questionar que haja um universo próprio das mulheres, com interesses específicos, como sapatos.

Assim, podemos destacar como o consumo é um elemento comum ao que é representado como prazer, na construção do ideal de “viver bem” das revistas femininas. O consumo também recebe centralidade no que é considerado como prazeroso para as revistas masculinas, como veremos a seguir.

6.2. As revistas masculinas e o ideal de “boa vida”

Nas revistas masculinas, o prazer é associado à possibilidade de desfrutar intensamente tudo o que a vida tem a oferecer, “tudo” podendo ser compreendido

principalmente como sinônimo de consumo, diversão e sexo. Há a valorização de frequentar lugares caros, com bebidas sofisticadas e alta gastronomia, conhecer sobre os melhores lugares para viajar e ter uma vida noturna intensa, acompanhar os lançamentos tecnológicos, ter objetos que conferem status, como carros, buscar ter um estilo elegante etc. O consumo é visto como uma forma de ter reconhecimento e sucesso, associado à maior possibilidade de acesso a mulheres bonitas e atraentes e mais oportunidades de conquistas sexuais, com ênfase na quantidade, nos excessos, sendo possível afirmar que também as relações são compreendidas pela lógica do consumo.

“Esta é a revista que defende, apresenta e indica os deliciosos prazeres do capitalismo” (PUBLIABRIL, 2013, s/p), diz a apresentação de *Playboy* no site de divulgação da Editora Abril. Esse breve trecho condensa a história percorrida pela revista, que contribuiu para construir um ideal de prazer e diversão que serviu de inspiração para a proposta editorial de muitas outras revistas masculinas. Desde seu surgimento, nos Estados Unidos, no período da Guerra Fria, *Playboy* assume o papel de convencer os leitores sobre o prazer de consumir, como descrevem Barbara Ehrenreich (1983), Elisabeth Fraterrigo (2009) e Bill Osgerby (2001), que utilizam o termo “good life” para expressar esse ideal de prazer e diversão. Alguns dos elementos considerados como indispensáveis para a “good life”, que traduziremos como “boa vida” podem ser identificados a partir da descrição atual da própria revista:

“Sejam esses prazeres as mulheres mais cobiçadas, os carrões que todos queremos dirigir, a moda mais adequada e bem cortada, o drink perfeito ou a iguaria gastronômica mais apreciada.” (PUBLIABRIL, 2013, s/p).

A seguir algumas imagens do material de divulgação da revista *Playboy* que também expressam aspectos valorizados, como carros, eletrônicos e bebidas:

Figura 16: Elementos do Ideal de “Boa Vida” na Revista *Playboy*



Fonte: *MÍDIA KIT* da Revista *Playboy* (2013, pp. 16-20).

O destaque para a “boa vida” também pode ser identificado na revista *Vip*, publicada pela mesma editora. Alguns dos aspectos valorizados são: **“baladas sem hora para acabar, mulheres para poder escolher, dinheiro para poder gastar com viagens, muitas roupas, novos restaurantes”** (PUBLIABRIL, 2013, s/p). Na descrição da seção que recebe justamente o nome de “Boa Vida”, os prazeres também são elencados: **“Bebida, comida, viagens e tecnologia (às vezes tudo junto). (...) Os lugares mais alucinantes para viajar com os amigos ou com a gata e os presentes que todo homem gostaria de ganhar. E também os drinks para cada ocasião e a tradicional subseção Garrafologia”**(PUBLIABRIL, 2013, s/p). A “boa vida” também está presente como seção no material de divulgação, como é possível notar nas imagens a seguir:

Figura 17- Elementos do Ideal de “Boa Vida” na Revista *Vip*



Fonte: *MÍDIA KIT* da revista *Vip* (2013, pp. 12-14).

A revista *Sexy* não possui material de divulgação, como as revistas da editoria Abril, mas na breve descrição encontrada no site “sexyclube”, o ideal de “boa vida” está presente:

“Qualidade em informação e entretenimento, a revista SEXY é o espaço certo para encontrar o público que sabe apreciar as boas coisas da vida” (SITE SEXYCLUBE, 2013, s/p).

Na descrição do site da Editora Abril sobre a revista *Men’s Health* o foco na boa vida também pode ser identificado:

“Men’s Health prepara todo mês uma série de matérias e conteúdos que auxiliam o homem no caminho do sucesso, além de trazer os grandes prazeres da vida do homem: carros, tecnologia, livros, dicas de compras e mais” (PUBLIABRIL, 2013, s/p).

O ideal de “boa vida” também está presente nas características atribuídas aos leitores. Na descrição dos leitores da *Playboy* é dito: **“Frequentam bares, restaurantes e shows.”** (*MÍDIA KIT PLAYBOY*, 2013, p. 5), sobre os leitores da *Vip*: **“Viajam pelo Brasil e para o exterior (...), frequentam bares, restaurantes e baladas”** (*MÍDIA KIT VIP*, 2013, p. 2) e, na *Men’s Health*: **“O leitor da MEN’S HEALTH é muito bem informado, tem alto poder aquisitivo, consome entretenimento (bares, restaurantes, baladas, cinema, revistas etc.) de forma generosa”** (*MÍDIA KIT MEN’S HEALTH*, 2013, p. 5). É possível notar, assim, que a vida idealizada para os leitores tem como aspectos centrais a diversão, o lazer e o consumo.

Como discutem Elisabeth Ellsworth (2001), Rosa Fischer (2003) e Bill Osgerby (2001) as revistas são construídas a partir de pressupostos sobre os(as) leitores(as) que, mais do que retratarem como os(as) leitores(as) concretos(as) são e vivem, buscam corresponder ao que eles(as) querem ser e viver, construindo, assim, identidades imaginadas, ideais. Assim, apresentar que os leitores das revistas masculinas têm uma vida de lazer intensa não significa uma descrição objetiva, mas sim, a construção de um modelo ideal a partir de pressupostos sobre os desejos dos leitores. Nos materiais de divulgação das revistas da editora Abril é possível notar como é construído e quais são as características atribuídas ao leitor imaginado:

Figura 18: Leitores Imaginados pelas Revistas *Playboy*, *Vip* e *Men's Health*



Fontes: *MÍDIA KIT* da revista *Playboy* (2013, p. 6); *MÍDIA KIT* da revista *Vip* (2013, p. 3) e *MÍDIA KIT* da revista *Men's Health* (2013, p. 7).

A partir das imagens, é possível notar como “o leitor” representado é branco, magro e corresponde aos padrões estéticos vigentes. Para facilitar a identificação de semelhanças e diferenças nas descrições trazidas, elas serão transcritas no quadro a seguir.

Quadro 1- Leitores Imaginados das Revistas *Playboy*, *Vip* e *Men's Health*

	<i>Playboy</i>	<i>Vip</i>	<i>Men's Health</i>
Faz	<ul style="list-style-type: none"> Trabalho é importante; Grandes hotéis; Joga futebol com os amigos; Tem um jeito mais clássico de se vestir. 	<ul style="list-style-type: none"> Trabalha muito e está em ascensão profissional; Viaja para pousadas descoladas; Pratica esportes; Usa o que está na moda. 	<ul style="list-style-type: none"> Busca equilíbrio entre trabalho e vida pessoal; Frequenta academia; Usa roupas confortáveis e tecnológicas.
Gosta	<ul style="list-style-type: none"> Mulher; Sair para jantar em bons restaurantes; Informações e notícias em geral; O que me destaca; “Pode confiar”. 	<ul style="list-style-type: none"> Mulher; Baladas; Cultura pop; O que me encanta “Perco um amigo, mas não perco a piada”. 	<ul style="list-style-type: none"> Mulher; Jantar em casa com amigos; Qualidade de vida; Pertence a um grupo de amigos.

Pensa	<ul style="list-style-type: none"> • Analítico; • Quer mais exclusividade; • Tem amigos “exclusivos”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Extrovertido; • Tudo ao mesmo tempo agora; • Status; • Tem muitas turmas de amigos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Autoconfiante; • Responsabilidade social; • Qualidade de vida; • Cultura prática (manuais práticos, guias); • O que é útil.
Idade	25 a 44 anos	Até 34 anos	18 a 34 anos
Classe Social	Classes A e B	Classes A e B	Classes A e B

Fontes: MÍDIA KIT da revista *Playboy* (2013, p. 6); MÍDIA KIT da revista *Vip* (2013, p. 3) e MÍDIA KIT da revista *Men’s Health* (2013, p. 7), grifos nossos.

A vida profissional recebe destaque na descrição da identidade, sendo o primeiro elemento abordado no tópico “**Faz**”, com diferentes perfis dos leitores diante do trabalho. Outro elemento em comum é a valorização da prática de atividades físicas: para o leitor de *Playboy*, o futebol; para o de *Vip*, esportes; e para o de *Men’s Health*, academia. As formas de se vestir são descritas de modos diferentes, mas as roupas também são colocadas como indicadores de identidade. No tópico “**Gosta**” são trazidas as preferências com relação a lugares frequentados, temas e relações estabelecidas com os amigos. No tópico “**Pensa**”, dentre outros elementos, os leitores de *Playboy* são associados à exclusividade; os de *Vip* à extroversão e os de *Men’s Health* à praticidade.

Além da classe social (A e B), há um elemento que se repete nas três descrições: os leitores gostam de mulher. Assim é possível notar a força da heteronormatividade no modo como a masculinidade nas revistas é construída. Ainda que tenham gostos, hábitos e pensamentos diferentes, os leitores se sentem, necessariamente, atraídos por mulheres. Essa centralidade do desejo sexual heterossexual também está presente nos materiais de divulgação, como mostram as imagens e as descrições a seguir:

Figura 19: Mulheres nas Revistas *Playboy*, *Vip* e *Trip*



Fonte: *MÍDIA KIT* da revista *Playboy* (2013, p. 11), *MÍDIA KIT* da revista *Vip* (2013, 8); *MÍDIA KIT* da revista *Trip* (2013, p. 2).

“As Mulheres. No Brasil, todo mundo é técnico da seleção e editor da *PLAYBOY*. Ou seja, a escalação do atacante ou da estrela de capa da revista vira tema de conversa em mesa de bar, trending topic no Twitter e discussão em blogs” (*MÍDIA KIT PLAYBOY*, 2013, p. 11);

“Um mundo de gatas. A *Vip* venera e mostra lindas mulheres em ensaios sensuais, dando destaque não somente a famosas, mas também apresentando belezas incríveis ainda desconhecidas” (*MÍDIA KIT VIP*, 2013, p. 8);

“*Trip* Girl. Ensaios sensuais com mulheres de verdade, inteligentes, contemporâneas, lindas...” (*MÍDIA KIT TRIP*, 2013, p. 2).

Na revista *Men's Health*, que tem como tema principal a saúde e os exercícios físicos, as imagens da capa são no geral homens musculosos como modelos a serem seguidos, assim como nos pôsteres, em que além das imagens masculinas há treinos prescritos. Pode haver a impressão de que a associação entre masculinidade e desejo sexual heterossexual não é central ou mesmo importante para a revista, mas logo essa impressão se contraria, já que, assim como nas outras revistas masculinas, são muitos os conteúdos e fotos que atribuem destaque para o corpo feminino.

A proposta editorial da revista *Men's Health* ilustra um movimento frequente nas revistas masculinas, que, desde a década de 90, têm aumentado o foco em questões como saúde, cuidado com o corpo e com a aparência e qualidade de vida. Na *Men's Health* esse foco é mais acentuado, o que pode ser notado na figura e no trecho a seguir, do material de divulgação:

Figura 20: *Men's Health*- “Viver Melhor é Fácil!”



Fonte: *MÍDIA KIT* da revista *Men's Health* (2013, p. 1).

“O desafio, aqui, é melhorar a vida do leitor dando a ele a informação mais relevante sobre bem-estar masculino- campo que só agora começa a ser explorado pela comunidade científica e até pouco tempo rejeitado pelos leitores mais conservadores (...) O leitor vê nossas sugestões- simples, práticas- como uma alavanca real para transformar sua vida. (...) ela acredita no que diz nosso slogan: viver melhor é fácil! Ok, mas como chegar lá? Simples. Deixar seu corpo mais forte e bonito. Transar com as mulheres de forma plena, em relacionamentos mais sólidos. Comer de forma mais saudável- sem prejuízo do prazer. Cuidar da saúde sem neura. Vestir-se com estilo e pertinência para não virar uma vítima da moda e turbinar sua aparência com sacadas e produtos de última geração. E, claro, colocar a carreira nos trilhos do sucesso e da grana” (*MÍDIA KIT MEN'S HEALTH*, 2013, p. 2).

O bem-estar é introduzido como um tema novo, que não é muito aceito pelos conservadores. Na *Men's Health*, a proposta é mais direta, mas as demais revistas

masculinas também incorporaram alguns aspectos da busca pelo bem-estar, principalmente a partir de discursos sobre “estilo de vida”. Como discutem Marko Monteiro (2010), Kirsten Wineski (2007), Marina Castañeda (2006) e Nucia Oliveira (2005), a maior abordagem das revistas masculinas de temas como comportamento e cuidados com o corpo e a aparência vêm acompanhados da preocupação em salientar que tais temas, que foram tradicionalmente colocados como femininos, são trazidos para as propostas editoriais sem comprometer os padrões de masculinidade, com ênfase em argumentos como o aumento do status, do sucesso, da elegância e da sofisticação. Esse movimento pode ser notado na figura a seguir:

Figura 21: Cuidados Pessoais na Revista *Men's Health*



Fonte: *MÍDIA KIT* da revista *Men's Health* (2013, p. 13).

“Aqui damos dicas de produtos e procedimentos para o homem ficar mais atraente, tudo sem excessos: cuidamos para não ofender sua virilidade e para que ele próprio não deixe sua vaidade se sobrepor ao bom senso” (*MÍDIA KIT MEN'S HEALTH*, 2013, p. 13).

Buscar ser atraente, sem ofender a virilidade, incentivar a vaidade, mas sem comprometer o bom-senso. As matérias das revistas masculinas sobre moda, produtos de beleza como perfumes, cremes e cosméticos, tem como principal objetivo incentivar o consumo, mas sem desestabilizar o ideal de masculinidade vigente. A imagem utilizada

mostra como a heteronormatividade é um elemento importante desse ideal, já que a promessa de “*ficar mais atraente*” é associada à conquista sexual de mulheres.

Com a análise dos materiais de divulgação das revistas femininas e masculinas foi possível identificar elementos presentes na forma como o prazer é representado, e também apresentar alguns pontos sobre como os padrões de gênero e a heteronormatividade estão presentes. Nas demais categorias, a questão norteadora será como o gênero influencia no que é valorizado como prazer. Antes, apresentaremos um resumo sobre quais foram os elementos valorizados como prazerosos em cada revista analisada.

6.3. Prazeres nas revistas femininas e masculinas

Apresentaremos a seguir uma síntese dos elementos identificados como prazerosos a partir da análise das 14 revistas da amostra: *Nova*, *Boa Forma*, *WoMen's Health*, *Tpm*, *Capricho*, *Atrevida*, *Todateen*, *Playboy*, *Sexy*, *Vip*, *Men's Health*, *Trip*, *G magazine* e *Júnior*. A partir desta síntese será possível identificar quais são as representações sobre o prazer predominantes, e como essas variam de acordo com o gênero ao qual as revistas se direcionam. Os exemplos apresentados serão analisados com mais especificidade nas categorias estabelecidas.

6.3.1. Prazeres na *Nova*⁴⁸

Os elementos valorizados por *Nova* podem ser identificados na entrevista realizada com a atriz da capa, em que ela é colocada como exemplo por ter: **“um casamento feliz, um corpo invejável e uma carreira de sucesso”** (p. 33). Já nesse trecho é possível notar que os relacionamentos amorosos⁴⁹, os cuidados com o corpo e com a beleza e a vida profissional são representados como fonte de prazer.



São recomendados muitos procedimentos de cuidados com a aparência, que são transmitidos como prazerosos em si mesmos e também como potencializadores das possibilidades de sentir prazer: **“Fechar a boca, malhar e suar muito faz bem à saúde, emagrece e aumenta a energia (...) e deixam você linda, gostosa e muuuito sexy!”** (p. 72). Cuidar da beleza está relacionado a ser atraente, à possibilidade de ser reconhecida e desejada.

Os relacionamentos amorosos são colocados como fonte de prazer, o que pode ser evidenciado pela resposta considerada como adequada diante da situação encontrar o namorado após um dia difícil: **“Só você mesmo para salvar o meu dia.”** (p. 140). Em uma lista sobre as coisas boas da vida está: **“Tudo o que seu namorado faz para agradar você- um beijo, uma surpresa, uma mensagem de texto durante o dia...”** (p. 140). Há a valorização do relacionamento heterossexual romântico, estável e monogâmico, com conselhos para que esse modelo seja alcançado, e, embora o prazer

⁴⁸ As imagens apresentadas nesta categoria referem-se às capas das revistas analisadas, publicadas em fevereiro de 2012.

⁴⁹ As expressões sublinhadas correspondem aos elementos identificados como prazerosos com mais frequência que deram origem às categorias de análise.

sexual seja valorizado, há uma hierarquização em que o amor é considerado mais importante: **“Quem não ama o começo de um namoro? Frio na barriga(...), sexo, sexo, sexo... Mas, se a relação perde a graça assim que essa fase deliciosa termina, saiba que você está deixando escapar a melhor parte: o amor e o companheirismo”** (p. 149).

Como os relacionamentos são muito valorizados, também são apresentados com frequência conselhos para a busca por eles. Por exemplo, na matéria *"Mapa da Conquista"* são dadas dicas sobre como paquerar em diferentes lugares: festas, bares, restaurantes, baladas, shows, no trabalho e no carnaval. **“Você nunca sabe em eu plataforma vai trombar com o homem da sua vida- ou com o gato por quem vale a pena perder o trem. Então é bom estar sempre com o bilhete da paquera em mãos. Descubra como ter passe livre para flertar quando (e onde) quiser!”** (p. 127). É ensinado sobre como se vestir, como sorrir, como mexer no cabelo, como dançar, como começar uma conversa, em que tom de voz falar, que movimentos fazer até mesmo em que direções e por quanto tempo olhar. Para aumentar as chances de conquista, é enfatizada a importância do cuidado com a aparência: **“Embora os homens adorem fingir que não ligam para esse tipo de coisa, um visual faço-parte-do-seu-mundo arrebatada corações”** (p. 128). A escolha da roupa, dos acessórios, da maquiagem e também as instruções sobre como agir são descritas com ênfase na importância de agradar os possíveis parceiros: **“Lance Perfeito: Adapte-se ao estilo do gato e conquiste-o na hora”** (p. 129). A própria diversão é colocada nos termos da necessidade de agradar: **“Você e o gato querem relaxar e o jeito certo de conquistá-lo é fazer com que ele se divirta bastante”** (p. 127).

O sexo é associado ao prazer e à diversão, como é possível notar já no editorial, que anuncia a matéria com dicas sexuais para o Carnaval: **“E porque em época de Carnaval o que queremos é curtir, delire com a matéria 239 Dias de Folia – ideias sen-sa-cio-nais e extra-hot. Sua cama vai tremer! Inspire-se... and have fun!!!”** (p. 8). A valorização do prazer sexual pode ser encontrada também em outras matérias e seções, como na coluna de dúvidas, na seção de contos, nos testes e até mesmo no horóscopo e na seção com dicas para a vida profissional, em que o orgasmo é recomendado para diminuir o estresse e aumentar a criatividade no trabalho: **“Depois de uma noite com orgasmo, fica fácil fazer uma tarefa complexa, já que você está mais relaxada e feliz”** (p. 66).

O trabalho também é visto como fonte de prazer e associado à identidade, a uma boa reputação e ao sucesso: **“Aqueles que são capazes de transformar trabalhos entediantes em experiências prazerosas são bem-sucedidos”**. (p. 140).

Há seções em que são dadas recomendações sobre espaços de lazer, como bares, restaurantes, shows, baladas: **“No mês do Carnaval, escolhemos os bares mais divinos de São Paulo para comemorar a grande festa pagã. Se jogue!”** (p. 51). Para o Carnaval, são dadas sugestões de bares em São Paulo e na seção "Turismo" são indicadas cidades como Ilhabela, Camburi e São Luis de Paraitinga: **“É festa! Seguir os blocos de rua no interior, secar os gatos nos beach clubs ou curtir as baladas do litoral. Aqui, os dias e as noites de folia estão garantidos”** (p. 56) Outra seção destinada a sugestões de viagens recebe o nome de **“Rotas do Prazer”** (p. 40).

6.3.2. Prazeres na *Boa Forma*

O principal prazer representado na revista *Boa Forma* é o prazer de cuidar do corpo e da beleza, o que pode ser evidenciado pelo número de seções destinadas a abordar o tema: 32, sem contar os anúncios publicitários e a presença do assunto em outras matérias. A vaidade é associada a elementos como amor próprio, autoestima e atratividade, o que pode ser identificado no trecho da matéria **“Mais sexy em instantes”** (p. 56), publicada na seção “vivamelhor”: **“Quer uma injeção instantânea de autoestima? Coloque um batom vermelho, faça as unhas ou deixe o colo à**



mostra. De acordo com uma pesquisa britânica com 2 mil mulheres, essas atitudes são tiro e queda para inflar o amor-próprio e fazer você se sentir poderosa no ato” (p. 56) Os cuidados com a beleza são tidos como uma atividade prazerosa para ser feita no tempo livre, como pode ser visto na fala de uma atriz: **“Sou vaidosa, e quando tenho uma folga do trabalho, adoro passar o dia no salão- faço unha, cabelo, limpeza de pele”** (p. 120) Na matéria **“O mapa do creme”**, hidratantes são representados como fonte de prazer para a maioria das mulheres, e seu uso é colocado como obrigatório mesmo para as que não gostam: **“Existem as mulheres que amam passar creme e as que odeiam. A verdade é uma só: é ele que deixa a pele macia, lisinha e jovem- tem que usar!”** (p. 70).

Dentre os cuidados com a aparência, o controle do peso tem um grande destaque, emagrecer é representado como um grande prazer. O corpo magro, já no editorial, é

descrito como **“o corpo dos sonhos”** (p. 10). Diante de um depoimento de uma leitora que afirma ter sofrido para emagrecer, desenvolvendo problemas emocionais como ansiedade, depressão e síndrome do pânico, com o relato de que teme engordar novamente, um dos conselhos dados pelo psicólogo consultado é: **“aproveite o prazer de entrar em um jeans mais justo, de se sentir bonita e disposta”** (p. 62). Até mesmo atividades sociais como sair com os amigos e se divertir são valorizadas porque diminuem o risco de que a leitora engorde: **“ficar em casa aumenta o risco de você devorar uma barra inteira de chocolate sentada em frente à televisão e piorar a situação. Portanto, não deixe de sair para encontrar os amigos, conhecer pessoas interessantes, dançar, se distrair”** (p. 41).

“Ficar linda” é colocado como importante pra aproveitar o Carnaval: **“Entre na folia: No clube, na rua, no bloco, no ritmo do samba, do axé... não importa como vai curtir o carnaval, mas você merece se divertir muito e com muito estilo nesse fim de verão. Preparamos um guia para você ficar linda e cheia de energia antes e depois das festas”** (p. 16).

A realização de exercícios e a prática de esportes são descritas como prazerosas e são listadas inúmeras vantagens: **“Quem pratica o esporte sabe que a hora do treino é propícia para ter insights e tomar decisões (...). Exercícios aeróbicos aprimoram a memória, a atenção e o raciocínio(...). Conclusão: além de magra, correr deixa você mais inteligente”** (p. 50); **“Não foi só meu corpo que mudou desde que comecei a fazer boxe, meu humor também: sempre saio mais feliz”**. (p. 100).

A representação do sexo como fonte de prazer pode ser identificada nessa mesma matéria, sobre as vantagens de se praticar esportes de luta: **“Sexo a mil- Quando você começa a praticar uma luta se sente mais capaz, poderosa e autoconfiante. Sem contar as mudanças no corpo, que fica mais forte e definido e faz com que se sinta mais bonita. (...) Junte a esse benefício outras habilidades que esse tipo de treino desenvolve- flexibilidade, agilidade e resistência- e o resultado é mais energia e diversão a dois. É um nocaute (de prazer, é claro) no seu parceiro”** (p. 101) Mais uma vez os cuidados com a aparência são atrelado à autoestima e à autoconfiança que por sua vez são então atreladas a um maior prazer sexual: **“afinal, a gente sabe que autoestima em dia é chave para transar mais gostoso, sem neuras com gordurinhas ou celulite”** (p. 101).

6.3.3. Prazeres na *Women's Health*

O cuidado com o corpo e com a beleza é um tema central. O planejamento de uma rotina repleta de exercícios físicos e de uma alimentação saudável é uma prioridade para alcançar o “**corpo dos sonhos**” (p. 36; p. 38; p. 58). Alguns dos elementos associados ao cuidado com o corpo são: “**o ânimo, a força de vontade e o melhor- (...) sua autoestima**” (p. 6). “**Autoestima, saúde e bom humor (...) com atividade física e reeducação alimentar**” (p. 40). Estar em forma é colocado como indispensável para viver bem. Escapar da dieta ou da academia é visto como uma tentação, um pecado, e diretamente associado à culpa, de forma que perder peso fisicamente é associado a perder peso na consciência. Na matéria “**Finde tentação**”, por exemplo, é possível notar a presença desses elementos: “**Um pânico assombra as noites de domingo de muitas mulheres(...). O drama vem do peso na consciência depois de dias regados a deliciosos pecados gastronômicos**” (p. 47). Na matéria são dadas recomendações sobre como recusar petiscos, bebidas e outras “tentações” presentes nos contextos de diversão e sociabilidade nos fins de semana, com a vinculação entre felicidade e controle do peso: “**É possível, sim, curtir o fim de semana e chegar à segunda-feira feliz com os números da balança. Pode começar a brindar!**” (p. 46).

São dadas recomendações sobre como cuidar do cabelo, da maquiagem, das roupas, da pele, das rugas, das espinhas, entre outros: “**Pele bem cuidada, cabelo de rica e maquiagem impecável são, sim, possíveis**” (p. 24). A aparência é colocada como fator importante para o bem-estar e para atrair os homens: “**Na hora da atração, a beleza continua a ditar as regras- seria hipocrisia negar isso**” (p. 82). Os esforços para melhorar o corpo também estão relacionados à preocupação com o que os homens prestam atenção na hora do sexo, como no tópico “**Em que ele repara na hora H: ‘Infelizmente a visão deles não é treinada para tornar invisíveis suas estrias, celulites e gordurinhas extras aqui ou ali.(...) Há dois pontos dos quais você não pode descuidar: lingerie e depilação.’**” (p. 85).

Os relacionamentos são abordados com frequência, como na matéria que se propõe a explicar o cérebro masculino, descrito como: “**maravilhoso, misterioso, intrigante, confuso, obtuso**” (p. 6). No editorial, a matéria é apresentada: “**Fizemos uma pesquisa nacional com mais de 400 homens a fim de entender um pouco melhor como eles encaram assuntos de nosso grande interesse: atração, relacionamento,**



sexo...” (p. 6). A prioridade na matéria é identificar o que os homens gostam e preferem para que as mulheres possam aprender a corresponder aos desejos e expectativas masculinas. Exemplo: **“Quer otimizar seu tempo e agradar o paquera? Use um vestido. A peça preferida de 64,3% dos homens, é feminina na medida e pode somar sensualidade ou romantismo ao seu visual”** (p. 81). A prioridade em agradar também está presente em outras matérias no decorrer da revista, com o mesmo tom prescritivo e normativo. São dadas instruções sobre os mínimos detalhes, inclusive, sobre com que cachorro sair para passear: **“Usar seu cão para encontrar um bom partido só funciona se você tiver a raça certa (...) Se você está interessada em um relacionamento mais sério, nada de sair por aí com um pincher”** (p. 20).

A busca pela juventude é uma preocupação abordada com frequência, que motiva diversos cuidados: **“É possível fazer o relógio biológico andar mais lentamente se você comer, se divertir, descansar e se exercitar da maneira correta. Anote na sua agenda os melhores hábitos para cada hora do dia”** (p. 72). Há a forma certa e a hora certa para cada atividade. Além disso, essas regras devem ser cumpridas com prazer, já que se sentir bem libera substâncias que contribuem para evitar o stress e rejuvenescer. É preciso se controlar para estar sempre calma, já que o nervosismo libera cortisol: **“hormônio que em grande quantidade a deixa irritada, cansada e... mais velha”** (p. 74). Além de tranquila, é preciso estar sempre bem-humorada: **“Praticar atividades prazerosas e dar risada são maneiras saudáveis de reduzir a quantidade de cortisol no organismo”** (p. 77). Rir até o abdômen doer também é uma prescrição para o cuidado com a saúde: **“Mais motivos para gargalhar: a ação libera hormônios do bem-estar e equivale a um exercício, pois aciona os músculos de várias partes do corpo e aqueles envolvidos na respiração, além de aumentar a oxigenação dos tecidos”** (p. 77).

A associação entre amizades e prazer também vem acompanhada de argumentos relacionados à saúde e à juventude: **“Segundo cientistas da Universidade de Havard, nos EUA, laços fortes de amizade aumentam a saúde do cérebro. Isso mostra que momentos de diversão com seus amigos são armas poderosas para reduzir o stress e retardar o processo de envelhecimento”**(p. 76). Outro motivo para o bom humor é a busca por agradar os homens: **“o que faz mesmo um homem ficar de quatro por você é o alto astral e o humor. Ria mais!”** (p. 82).

Na matéria “Renove suas baterias”, a partir do resultado de uma enquete realizada com leitoras no site da revista, estar com o parceiro e fazer sexo são atividades colocadas como fonte de ânimo e energia. No decorrer da revista, é constante a associação entre

prazer sexual e saúde: “**sexo libera oxitocina, substância que combate o stress e faz com que você e seu parceiro durmam melhor**” (p. 77). É possível notar também a representação do prazer sexual como uma tarefa a ser cumprida: “**É dever do casal lembrar que estar junto é uma escolha e que sempre dá para esquentar o clima com imaginação e humor**” (p. 94). Na matéria “**Cérebro Masculino- Decifrado!**”, são dadas instruções sobre como agradar o parceiro com relação ao sexo: “**Decifrado! Carícia no peito, sussurro no ouvido e beijo na nuca: Eles não resistem!**” (p. 84). Apesar da ênfase na insegurança com o corpo estar presente nessa e em outras matérias, para o sexo é ressaltada a importância da autoestima: “**(...) se o seu bumbum tem furinhos, relaxe- ao menos na hora H. Quando mais segurança você esbanjar, melhor**” (p. 85).

6.3.4. Prazeres na *Tpm*

O cuidado com o corpo e com a beleza é representado como prazeroso. São muitas as matérias recomendando produtos como base, xampu, condicionador, sabonete líquido, máscara de hidratação, hidratante facial, rímel, corretivo, gloss, blush bronzante, blush cremoso, removedor de esmalte, esfoliante. O editorial de moda tem como título "Jardim Secreto" e enfatiza os padrões de gênero: “**o brilho do verão em looks pra lá de femininos**” (p. 74). Na seção "Magazine-Semana de Moda *TPM*", são convidadas mulheres que servem



como referência de um estilo de vida, para que contem sobre o seu cotidiano, de segunda a domingo e mostrem que roupas vestem em cada situação. Há a descrição das peças usadas, com as respectivas marcas, para cada dia da semana. Algumas das atividades de lazer relatadas são: almoçar com namorado e amigos; um encontro de amigas na casa da vizinha; receber amigas queridas em casa; jantar fora com o namorado; ir ao cinema. O lazer é atrelado ao consumo, o que pode ser exemplificado pela matéria "Ode ao Ócio", em que é sugerido: “**Que tal aproveitar as folgas, ou os últimos dias do horário de verão, para curtir os parques da sua cidade? A *TPM* selecionou itens que vão deixar seu passeio mais gostoso**” (p. 35). Dentre esses itens, há a imagem de diversos produtos, acompanhada dos respectivos preços e marcas: bicicleta, mochila, câmera, garrafa, tênis, tecido, almofada.

A idealização dos relacionamentos amorosos está presente na fala de uma entrevistada na seção “Magazine Beleza”. Ao responder a pergunta sobre se é possível

que as mulheres se sintam 100% satisfeitas, ela diz: **“Quando estou com meu marido, só nós dois (...) não tem absolutamente nada que eu queira mudar. Então, naquele momento eu posso dizer que é possível sim me sentir 100% satisfeita”** (p. 96). O ensaio fotográfico, com o ator Malvino Salvador, apresenta uma descrição que enfatiza as características valorizadas em um homem, como ser um pai atencioso, lavar a louça e entender de decoração, ser bom em cuidados domésticos e no cuidado com o corpo: **“cuida da casa (e do tanquinho) como ninguém”** (p. 65).

A forma como o amor e o sexo são representados como fonte de prazer, assim como o movimento da revista em buscar quebrar os padrões frequentes em outras revistas femininas, pode ser notada na matéria na matéria “Toda Forma de Amor”, em que é abordado o desejo por outras pessoas no contexto de um relacionamento estável: **“Como lidar com a vontade de fazer sexo com outras pessoas mesmo quando se está feliz dentro de uma relação a dois? Cinco mulheres contam como encontraram (ou não) um meio-termo para que amor, liberdade e desejo caminhassem juntos”** (p. 56). São trazidos argumentos como a afirmação de que a obrigação pode diminuir o desejo sexual, e poder transar com outras pessoas pode aumentá-lo. É afirmado que os relacionamentos têm ciclos, momentos felizes e infelizes e que o que é conversado e combinado em um momento da relação pode ser conversado e repensado em outros momentos. Ao contrário do discurso das outras revistas femininas, que buscam oferecer técnicas e receitas para que se alcance o relacionamento amoroso perfeito, a revista *Tpm* busca desconstruir a representação de que um bom relacionamento deva corresponder aos padrões idealizados.

6.3.5. Prazeres na *Capricho*

“Não perca a chance de aproveitar cada minuto da sua vida” (p. 6), diz o editorial, enfatizando a importância de viver cada momento como se fosse o único. A revista se coloca na posição didática de ensinar a leitora sobre como aproveitar, como viver intensamente a adolescência, como conquistar o que deseja. Na matéria **“Como conseguir o que você quer”** (p. 74), são dados conselhos e instruções sobre como agir a partir de uma lista de objetivos a serem alcançados: conquistar um namorado; emagrecer; vencer a timidez e fazer mais amigos; ir bem na escola e ter uma boa relação com a família. Nesta lista é possível identificar quais elementos são transmitidos como valorizados e desejáveis pela revista.



Os relacionamentos amorosos são abordados em diferentes matérias e seções, com a predominância de uma representação idealizada, como quando um participante do Big Brother é descrito como o parceiro dos sonhos: **“Príncipe Encantado- Por trás da timidez, Jonas esconde um cara romântico, que faz de tudo para agradar quando está apaixonado. (...) é próximo da mãe, gosta de manter seu quarto arrumado e sabe cozinhar! O maior sonho dele? Casar, ter filhos e uma casa na praia para viver ao lado da família. É ou não é o namorado perfeito?!”** (p. 19). A capa anuncia: **“Resolva o rolo: aquele garoto vai virar seu namorado”**, exemplificando o movimento frequente da revista de aconselhar as adolescentes sobre como conquistar um relacionamento estável e romântico: **“É normal querer alguém para chamar de seu. (...) Ao seu redor, existem milhares de garotos que podem retribuir todo o amor que você tem para dar”** (p. 79-80). Uma mensagem frequentemente repetida é importância de ser “difícil”, agindo de forma discreta, vigiando e monitorando as próprias atitudes: **“Enquanto espera pela aliança, continue sendo divertida e carinhosa, sem se mostrar carente demais.(...) Não mostre que estará à disposição”** (p. 80).

Os famosos e famosas recebem bastante destaque, como namorados ideais e também como amigas ideais: **“Sofria Abrahão é a amiga dos sonhos”** (p. 21). Enquanto os famosos são colocados como modelos de parceiros desejáveis, as famosas são predominantemente consultadas como referência sobre como cuidar do corpo e da aparência. Sobre a atriz Sophia Abrahão, por exemplo, a revista descreve os cuidados com o cabelo e com a sobrancelha, além de recomendar **“os favoritos de Sophia”** (p. 23), produtos como base líquida, batom e tônico facial. Na entrevista, o tema da vaidade também é abordado: **“Você é vaidosa? Muito! Amo roupa e procuro looks na internet”** (p. 22). No decorrer da revista, as celebridades são também convidadas em outras matérias para ensinar sobre **“looks”** (p. 24), sobre como ser **“diva”** (p. 36), **“cheia de estilo”** (p. 46) e sobre como manter-se sempre alegre e sorridente: **“Nem Miley Cyrus seria tão linda se não fosse pela simpatia. Por isso, mesmo que seu cabelo acorde revolts amanhã, saiba que ele passará despercebido se você mantiver um sorriso no rosto”** (p. 34). Sorrir e ser simpática é importante para ser linda, além da frequente afirmação sobre a importância do amor próprio: **“Amar-se acima de tudo. Só quando a gente se valoriza é que nosso brilho aparece- fazendo com que os outros notem o que temos de melhor. (...) Destacar seus pontos fortes é o melhor jeito de dar um upgrade na autoestima”** (p. 34).

O Carnaval é descrito como **“a época mais animada do ano!”** (p. 17). A valorização da diversão é associada ao prazer em se produzir: **“Brilhe na folia! Aproveite a festa para abusar do olho colorido com glitter e dos acessórios de cabelo.”** (p. 28). Em outros momentos também é possível identificar como a escolha da roupa é parte integrante (ou mesmo a principal) da diversão, como na matéria **“De look novo na balada”**, em que experimentar um visual diferente é descrito como um sonho: **“A CAPRICHÓ desafiou sete leitoras a vestir o que sempre sonharam e garante: vale a pena se arriscar!”** (p. 58).

As relações de amizade são valorizadas, é atribuída importância para os contextos de lazer, diversão e sociabilidade. No teste **“Qual lugar do mundo é a sua cara?”**, as leitoras respondem sobre o que gostam de fazer no tempo livre: fofocas com as amigas, praia e sol, show da banda preferida, tarde de compras, balada animada, postar fotos no facebook, luau romântico com o namorado, entre outras. De acordo com as opções marcadas no teste, uma cidade é recomendada: **“Praia em Sidney, balada em Nova York, parque em Paris... Faça o teste e descubra em qual cidade você deve carimbar seu passaporte”** (p. 57). Cada cidade é associada a características da personalidade, por exemplo: **“Tranquila, mas sempre pronta para uma aventura. Se você é assim, combina direitinho com Sydney. Desencanada, é do tipo que curte aproveitar um dia de cada vez, sem muitas preocupações. Isso a transforma em uma companhia leve e divertida para qualquer momento. Entendeu agora por que seu telefone nunca para de tocar?”** (p. 57). Nesse trecho é possível destacar a valorização de se divertir, de aproveitar e ter uma rede social ampla.

O tema é sexo é abordado com menor frequência. Há uma seção destinada ao assunto, nesta edição, com o título **“Tá esquentando”**, são discutidas as preliminares, descritas como **“um dos momentos mais importantes do sexo”** (p. 70). A associação com o prazer pode ser notada no conselho dado: **“As preliminares são importantes porque ajudam você e o garoto a criar intimidade. Com elas, é possível conhecer melhor o seu corpo e o dele, o que dá mais liberdade e prazer para os dois”** (p. 70).

6.3.6. Prazeres na *Atrevida*

Na *Atrevida*, os relacionamentos amorosos são representados como fonte de prazer e estão presente em diferentes espaços, como na seção de cartas e em matérias como “Entre dois amores”, “O dia seguinte”, “Manual da Ficada Perfeita” e “Qual é a dele?”. Nelas é marcante o caráter normativo, com regras e prescrições sobre como a garota deve agir: “**16 dicas do que você deve (e do que não deve!) fazer para conquistar o gato logo na primeira ficada.**” (p. 80). São dados conselhos sobre o lugar, a roupa: “**evite se mostrar demais**” (p. 80), a maquiagem, a escolha do perfume, cuidados como hálito, sobre como beijar: “**não fique muito desesperada**” (p. 80), e sobre como conversar: “**Não fale pelos cotovelos.**” (p. 81). A principal preocupação é com como a garota será vista pelo garoto, que impressões e reações despertará. São dados diversos conselhos para que ela busque agradá-lo e conquistá-lo, principalmente no sentido de que ela não deve demonstrar que está interessada, deve agir discretamente, com calma, sendo “difícil”, muitas vezes em um tom de alerta: “**Essas dicas vão evitar que você pague de louca desesperada e impedir que acabe perdendo o garoto para todo o sempre.**” (p. 43).



O namoro estável é valorizado, colocado como uma meta: “**Tudo saiu como planejado e o pretê acabou pedindo você em namoro?**” (p. 44). Ao mesmo tempo em que são colocados como prazerosos, os relacionamentos também são representados como fonte de insegurança e nervosismo: “**Sempre rola aquele frio na barriga antes do primeiro encontro com a cara em que a gente está investindo há meses e meses. Normal! (...) é uma mistura de medo, ansiedade e prazer.**” (p. 43). No tópico “Divirta-se” é possível notar como apesar de serem ressaltadas sensações como a ansiedade e o nervosismo, há movimento do prazer como obrigação, como pode ser notado no tom imperativo utilizado: “**Dê um jeito de controlar toda essa ansiedade e relaxar para curtir o máximo que puder. (...) A ficada tem que ser uma coisa legal e divertida. Dê risada, fale sobre coisas interessantes e beije muuuito!**” (p. 81).

A importância dada para a diversão pode ser identificada na seção “Desafio Atrê”, em que uma leitora foi desafiada a ficar “**sem balada**” (p. 91). A dificuldade da tarefa é ressaltada tanto pela descrição da revista: “**A Atrê pegou pesado este mês e propôs um desafio megadifícil para a superatrê Mônica: ficar 15 dias sem sair!**”, quanto na fala

da leitora: **“Pensei que esses quinze dias nunca mais fossem acabar! (...) Senti muita falta e acabei ficando entediada (...), não foi nada fácil.(...) Quanto sofrimento!”**.

A importância da diversão também pode ser notada em outros espaços, como na crônica que encerra a revista, com o título **“Carnaval é muito eu”** (p. 114), e no horóscopo. Para o signo de gêmeos, é aconselhado: **“Depois de uma fase mais introspectiva, você já está preparada para agitar sua vida social. Reúna a galera e caia na balada.”** (p. 108), e, para o signo de gêmeos: **“Já que você é uma baladeira de carteirinha, arrase no make e curta muito esse restinho das férias!”** (p. 108).

Segundo o editorial, que tem como título **“Bloco da Alegria”**, o bom humor é o principal ingrediente da revista, e também **“o melhor remédio pro tédio”** (p. 4). O Carnaval e a diversão são associados aos cuidados com a aparência: **“Fevereiro é tempo de festa e alegria, ou seja, uma boa época para tirar a maquiagem da rotina!”** (p. 54), **“Carnaval é o momento de abusar do glamour, por isso escolhemos produtos com muito brilho para você se jogar na folia com estilo!”** (p. 58); **“Tire o shortinho do armário, abuse das cores e dos brilhos, vista um calçado confortável e bora pra avenida!”** (p. 60). Os cuidados com a aparência também são tema de diversas matérias, sobre como tingir o cabelo, sobre maquiagem, sobre como ter uma **“sobrancelha de diva”** (p. 84), sobre alimentação, sobre a escolha de shorts, de calçados, de bonés etc.

A valorização das amizades pode ser notada na matéria **“Entre dois amores”**, em que é discutida a situação de duas amigas estarem apaixonadas por um mesmo garoto, e no teste: **“Suas amigas são confiáveis?”**. O resultado que corresponde à maior pontuação tem como título **“Bests”** e traz uma descrição idealizada da amizade: **“Pode acontecer a maior catástrofe do mundo e você e sua amiga continuarão BFFs. A confiança entre vocês é natural, geralmente não acontece nenhum estresse e tudo é resolvido fácil. Continuem assim para ter uma amizade para a vida inteira.”** (p. 41).

Na seção **“Tudo sobre sexo”**, duas leitoras escrevem sobre dúvidas sobre a primeira vez, relatando sentirem medo da dor, do sangramento, do desconforto, da vergonha em tirar a roupa e do parceiro desconfiar sobre a virgindade. Há também a resposta a uma pergunta sobre masturbação, em que é afirmado: **“A masturbação é um ótimo jeito de conhecer o seu próprio corpo e descobrir quais são os pontos que mais a agradam”** (p. 15).

6.3.7. Prazeres na *Todateen*

Uma palavra que define como a Revista *Todateen* representa que a vida das adolescentes deve ser é “divertida!”. Isso pode ser notado na forma como é abordado o tema especial da edição “**Volta às aulas**”. A escola é representada como um espaço privilegiado para coisas “divertidas”: “**Animada com o retorno às aulas? Esse é o momento de rever os amigos, contar as novidades das férias, mostrar um visu novo e começar um ano com tudo! Separamos algumas sugestões para se dar bem no colégio e garantir diversão para o ano todo**” (p. 52). Nos testes sobre o assunto “**Você está pronta para voltar ao colégio?**”(p. 54) e “**Quem é você na escola?**” (p. 56), a diversão também recebe destaque, como no conselho dado no resultado “a nerd”: “**Estudar é importante, mas lembre-se de se divertir também!**” (p. 56).



Nesta edição também é apresentado o resultado da promoção “Estrela Teen”, em que a leitora vencedora pôde passar um final de semana com as amigas em uma casa na praia. Mais uma vez a diversão é o foco: “**Dias de praia, festa e agito: fique por dentro dessa temporada de sonho!**” (p. 70); “**Muitas luzes, ilhas de puff... Ficou tudo digno de uma pool party dos sonhos. Óbvio que a festa superbombou!**” (p. 75).

A importância dada para a diversão também pode ser notada nos conselhos do horóscopo: “**Áries: O mês do Carnaval é perfeito pra viver aventuras e ficadas! (...) Seu astral está com tudo e fará amigos rápido. Fevereiro-delicinha!**”; “**Touro: Sentiu as amigas desanimadas? Que tal ser você a agitadora oficial do carnaval?**” e “**Gêmeos: Você terá o dom de agitar a turma**” (p. 80).

Já na capa é possível identificar como os relacionamentos amorosos são um dos temas principais “**Paquera no colégio- Tudo para conquistar o coração do gato na escola**”. A busca por agradar os garotos é um elemento central, o que pode ser exemplificado pelo teste: “**Como ele vê você? Descubra a imagem que você passa para o cara**” (p. 8). Na seção “**Jogo da Verdade**”, com o título “**Rola ou enrola**”, quatro garotos são entrevistados sobre como esperam que uma garota seja e se comporte para que o envolvimento possa ser mais sério. Fica claro o quanto a iniciativa e a decisão para que um namoro aconteça deve ser masculina, cabendo às garotas conhecerem mais sobre as expectativas e preferências deles para atendê-las. A partir de questões como “**Quais os primeiros erros que a menina comete no primeiro encontro que podem assustar o cara?**” (p. 18), é possível identificar como os garotos são colocados na posição de avaliar

e julgar as garotas. Os conselhos dados também em outras matérias são no sentido de que a garota não expresse interesse: “**Se você topa ficar com o menino de cara, talvez ele não lhe dê o devido valor. Faça a difícil e misteriosa...**” (p. 49). Os cuidados com a beleza são representados como elementos importantes da paquera: “**A menina chama minha atenção quando é simpática e vaidosa, do tipo que vai arrumada ao colégio!**” (p. 51). Há o conselho de que a garota acorde com antecedência para se arrumar para ir para a escola e também são recomendadas roupas, sapatos e acessórios para que a leitora comece as aulas “com estilo”. É também sugerido que a leitora compre produtos e monte uma “necessaire” especial para levar com ela para o colégio. Os cuidados com o corpo e com a beleza são estão presentes em várias seções: “**Coisas de diva**”, “**Espelho**”, “**Closet**”, “**Fique linda**”, “**Quero ser**”, “**Fashionista**”, “**Moda in**”, “**Moda pra todas**”. A centralidade dada à vaidade pode ser exemplificada pela matéria “**10 aplicativos tem-que-ter**”, em que são recomendados aplicativos relacionados ao cuidado com a beleza: um em que a garota tira fotos das roupas, sapatos e acessórios para montar um guarda-roupa virtual; um que torna a tela do aparelho um espelho; um banco de dados de calorias e um e um simulador de esmaltes: “**É um jeito divertido e prático de decidir qual cor de esmalte usar**” (p. 38). Os procedimentos de beleza são compreendidos como “divertidos”.

Com relação ao sexo, em diferentes momentos foi afirmado a importância da adolescente procurar o ginecologista antes da primeira relação sexual. É também ressaltada a importância de a primeira experiência ser com alguém que ela goste, confie e se sinta segura, em um relacionamento sério. São dadas explicações sobre o rompimento do hímen, sobre o mito de que o corpo muda após as primeiras relações, sobre a possibilidade de dor e sangramento e sobre o material de que é feito a camisinha. Na seção que recebe o nome “**Papo íntimo**”, também foi recomendado o uso de protetores diários, sabonetes líquidos e o número de troca de absorventes para a higiene genital. Embora o sexo tenha sido discutido, em nenhum momento o foco foi o desejo, a curiosidade e o prazer, foram abordados principalmente preocupações e cuidados a serem tomados.

6.3.8. Prazeres na *Playboy*

Na Revista *Playboy* é possível notar, desde a capa até os ensaios, as matérias, os anúncios, como as imagens do corpo feminino são representadas como um objeto de prazer. Principalmente as imagens de uma parte específica do corpo: a bunda. Nesta edição, há o resultado do concurso “**Preferência Nacional**”, com um ensaio fotográfico da ganhadora do prêmio de melhor bunda, em que os critérios para a seleção foram “**as bundinhas mais redondas, durinhas e gostosas**” (p. 8). A forma como as mulheres são reduzidas ao corpo, e mesmo o corpo é reduzido à bunda pode ser exemplificada pela frase: “**Bunda boa é... Aquela que você olha e esquece o resto do corpo**” (p. 16). O Carnaval é representado como uma data associada ao prazer, também pela maior exibição de corpos e bundas femininas, já que nele “**as bundas ganham salvo-conduto para desfilarem livres, leves e soltas nas avenidas**” (p. 8). Há também um ensaio fotográfico que reúne imagens de rainhas e madrinhas de bateria de escolas de samba que já posaram nuas para a revista. Entretanto, o corpo e a nudez feminina só são compreendidos como objetos de prazer se corresponderem aos padrões estéticos vigentes. Na matéria “**Seja bem-vindo... Mas tire a roupa!**” é lamentado que algumas mulheres nuas demonstrem “**a força cruel da gravidade**” (p. 56). Esta matéria, sobre o balneário naturista francês Cap d'Adge, onde é comum a troca de casais, é ilustrativa sobre como o sexo é representado como fonte de prazer e diversão pelo discurso da revista. A praia é descrita como a “**Disneylândia do nudismo**”, mas não é a possibilidade de estar entre pessoas nuas que é representada como principal motivo de prazer, e sim, a possibilidade de ter experiências sexuais, que fica subentendida na fala de um taxista entrevistado: “**As pessoas não vêm para cá para ficar nuas. Existem dezenas de outras praias na França onde se pode tomar sol sem roupa. As pessoas vêm aqui para se divertir. Se divertir, você entende?**” (p. 55). Na matéria são narradas diversas situações onde as pessoas do local se envolvem e/ou podem assistir pessoas se envolvendo sexualmente. A representação das bebidas alcoólicas como fonte de prazer pode ser evidenciada pela presença de uma seção fixa na revista “**Boteco Playboy**”, onde são recomendadas marcas de bebidas, receitas de drinks entre outras dicas. Até mesmo na seção sobre cuidados com a aparência há a associação entre as bebidas e a diversão, já que os cosméticos sugeridos são para ajudar o leitor a curar-se da



ressaca. São recomendados: **“Oito produtos para encarar o Carnaval sem virar cinzas na quarta-feira”** (p. 124).

6.3.9. Prazeres na *Sexy*

Na revista *Sexy* a representação das imagens do corpo feminino como objeto de prazer também é central, assim como a valorização da bunda: **“E tinha forma melhor de iniciar o ano do que com a loira que possui a bunda mais impecável do Brasil?”** (p. 10). Mesmo em uma matéria em que o objeto desejado descrito é um carro, esse é valorizado por ter o formato da bunda feminina: **“com uma dupla ondulação no teto e no vidro traseiro que lembra a preferência nacional, o bumbum”** (p. 94). Há a valorização do corpo, mas não das mulheres, que em diversos



momentos são depreciadas com afirmações agressivas, como: **“aprenda: mulher é um ser completamente louco”** (p. 16); **“como toda mulher, elas só querem chamar atenção, e a única forma de prestarmos atenção numa mulher é quando elas estão peladas”** (p. 18). Há uma depreciação também do desejo sexual feminino. Nas matérias sobre Carnaval, é descrito que, nessa época, é oportuno se aproveitar das mulheres porque elas bebem muito e a maior parte delas está **“desesperada”**, **“subindo pelas paredes”** (p. 18) e usam o pretexto de que querem se divertir para ficarem bêbadas e compensarem o tédio que acumularam: **“Carnaval, expressão de origem latina que significa “desculpa de encalhadas para cair na farra”** (p. 18). O tom irônico e de deboche, presente nas revistas masculinas em geral mas especialmente predominante na *Sexy*, é utilizado para afirmar uma ampla gama de estereótipos. O sexo também é representado como prazer, e há a associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e oportunidades de prazer sexual pelo fato das mulheres estarem mais “desinibidas” está presente em diversos momentos. **“Você e a gata estão bêbados no salão... Essa é a situação perfeita para realizar qualquer loucura de Carnaval. Sexo atrás do trio elétrico, no banheiro, com mais de uma foliona...”** (p. 16) Há também uma seção fixa na revista destinada a sugerir bebidas alcoólicas, que tem o nome de *“Boteco”*. Nesta edição, é comentado o costume dos leitores de, no Carnaval, consumirem bebidas baratas. **“Em geral, os foliões, quando querem trançar as pernas, se atêm a um funil, a muita cerveja barata e aos destilados de pior qualidade, normalmente tomados em seu estado puro e na temperatura ambiente”** (p. 88).

6.3.10. Prazeres na *Vip*

Na revista *Vip* há também a valorização do corpo feminino e a associação entre mulheres, prazer e diversão. A representação das imagens do corpo das mulheres como prazer pode ser ilustrada pela frase que abre o ensaio, que afirma que os homens se sentirão: **“loucos babões, de língua de fora e olhos vidrados”** (p. 45) Na entrevista que tem como título **“O Rei das Gatas!”**, com o dono de uma agência de modelos, ele afirma: **“Existem três tipos de mulher: As que me dão dinheiro, porque trabalham comigo; as que me dão prazer, porque saem comigo; e as que me dão dinheiro e prazer. Essas são as melhores”**. (p. 62) Na matéria **“Se casar (ou não) vá para Las Vegas”**, sobre a cidade como cenário para despedidas de solteiro, é possível identificar diversos elementos e contextos associados com o prazer como mulheres, baladas, festas, bares, nightclubs, cassinos, boates de striptease, excessos, bebidas alcoólicas: **“A Noite Insana- Parece que todo mundo tem o mesmo objetivo: curtir até não poder mais. Todo dia da semana tem festa, e sempre uma delas vai ser bem melhor que todas as outras”** (p. 31). Na matéria também é possível notar como o prazer está associado a ser solteiro₂, na forma como é apresentada a proposta de **“montar o roteiro infalível dos seus últimos dias de liberdade na terra da diversão”** (p. 30). Casar-se é representado como equivalente a perder a liberdade. Na seção "Saideira", há o artigo **“Minha Varanda é Melhor que Ibiza”**, eu que são apontadas as vantagens de se fazer uma festa em casa. A associação da diversão com as bebidas alcoólicas pode ser notada: **“A festa no apê é mais simples. Abra as portas para os convidados, a geladeira para a cerveja. (...) A festa no apê é mais barata. Com os R\$ de uma long neck de cerveja Premium em uma casa noturna você compra um fardo na mercearia da esquina. ‘É o estado líquido da multiplicação dos pães’”** (p. 126). O sexo também é colocado como elemento de prazer e diversão: **“Festa no apê é recheada de calor humano. (...) Maquiagens borradas de suor e beijos são o termômetro de uma esbórnia boa de uma noite quente”** (p. 126) A valorização do sexo também está presente na crítica sobre um filme que aborda a vida de um personagem viciado em sexo, em que o sexo é apontado como **“a melhor coisa do mundo”** (p. 120) e **“uma das atividades mais prazerosas do ser humano”** (p. 120). O



tema festa também está no ensaio de moda, em que são recomendadas roupas coloridas como shorts e camisetas com o título “A Festa Começa Aqui”.

6.3.11. Prazeres na *Men's Health*

A edição de fevereiro da revista *Men's Health* tem como tema “Especial Diversão”. Na carta do editor é apresentada a proposta: “MH montou um guia pra você se divertir a valer e com qualidade” (p. 8). São descritas cenas de situações prazerosas, que envolvem churrasco, bebidas alcoólicas, música, baladas, mulheres e sexo. A primeira cena descrita é: “**Você, num churrascão, carne no ponto (aquele cheiro que faz sua boca inundar), cerveja gelada, flertes daqui, papos legais dali, som perfeito... Um roteiro simples e bem amarrado para uma diversão impagável**” (p. 8). A proposta da revista, ao descrever essas cenas, é propor que o esporte também possa ser compreendido como uma atividade prazerosa e divertida: “**Mexer o esqueleto jogando, disputando, dividindo uma quadra com alguém é uma das alavancas mais poderosas para o seu bem-estar. Tanto quanto o churrascão com os brothers ou a transa maravilhosa com a parceira**” (p. 8). Cerveja, churrasco, exageros e mulheres como fontes de prazer também estão presentes em outras matérias, como quando a revista faz alertas sobre os cuidados necessários com a saúde: “**O verão está no auge e, como sempre, traz muitas tentações- encher a lata com os amigos, comer petiscos gordurosos, ficar horas debaixo do sol escaldante na praia... (...) Tudo bem, você até aguenta, mas, como sabe, todo excesso tem um preço, e seu corpo vai cobrar por isso**” (p. 59). A revista oferece conselhos sobre como mudar a alimentação para que o “preço” seja pago. Surpreende que uma revista sobre saúde dê tanta ênfase para o prazer de consumir bebidas alcoólicas: “**para você a saborear ainda mais este enorme prazer da vida: abrir uma cerveja em casa após um dia estressante na firma, ou mesmo ao sentar-se no boteco preferido. (...) Brinde essa**” (p. 26).

A representação da imagem do corpo feminino como objeto de prazer pode ser notada na matéria “**Cura que é uma beleza!**”, em que pesquisas científicas são usadas de forma irônica para justificar que o leitor veja fotos sensuais, como uma desculpa: “**Olhar para mulheres lindas faz bem. É a ciência quem diz! Uma pesquisa americana publicada no New England Journal of Medicine afirma que olhar com desejo para alguém durante dez minutos por dia tem os mesmos efeitos positivos**



para a pressão sanguínea que 30 minutos de exercícios cardiovasculares. (...) É a desculpa que você precisava para desfrutar dessas imagens quantas vezes quiser...” (p. 64). São colocadas fotos de uma modelo usando lingerie com diferentes cores, cada cor sendo explicada por uma pesquisa na área da saúde. O corpo feminino como objeto de prazer combinado com explicações ditas científicas também está presente na matéria “**Derrape nas Curvas**”, em que, a partir do formato do corpo de cada mulher, são oferecidas descrições sobre como é a personalidade dela e que posições sexuais ela irá gostar. Por exemplo: “**A mulher violão é o tipo considerado mais feminino e atraente por apresentar curvas bem desenhadas e proporcionais. (...) Isso tende a significar que não existirão muitos ‘não me toques’ na hora da transa**” (p. 89). A valorização do sexo e, mais especificamente, do prazer sexual feminino, pode ser exemplificada pela matéria “**Jamais vou esquecer você!**”, em que são apresentados depoimentos de mulheres sobre momentos em que sentiram prazer e conselhos de especialistas para que o leitor dê prazer à parceira. Diferentemente das outras revistas masculinas, a *Men’s Health* valoriza os relacionamentos amorosos estáveis, o que pode ser ilustrado pela matéria “**Chega mais**”, em que são dados conselhos sobre como se relacionar com a namorada sem ser grudento e pegajoso. A valorização da parceira pode ser notada na frase: “**É, sua musa dá trabalho. Mas ela vale tudo e muito mais, certo?**” (p. 13).

6.3.12. Prazeres na *Trip*

A edição de fevereiro da revista *Trip* é um “**Especial Cigarro**” e tem como tema o combate ao fumo. Todas as matérias, entrevistas e colunas são sobre o cigarro e seus malefícios. Em uma das colunas, “**Fumar é humano**” o prazer é colocado como motivo para fumar, em contraposição com os princípios da natureza: “**Não se conhece animal que encha seus pulmões com algo nocivo que o deixará doente apenas por prazer- isso é humano demais para ser permitido pelos princípios que regem a vida e o bem-estar da natureza**” (p. 114). Ainda que o único tema seja o cigarro, está presente a valorização das imagens do corpo feminino como prazer, no ensaio fotográfico e também em algumas matérias, como a reportagem “**A Cobra Vai Fumar**”, sobre o “smoke fetish”, descrevendo homens que sentem tesão ao assistirem mulheres fumando. Um entrevistado diz: “**Me excitam os trejeitos, as caras e bocas... o fato de ser considerado**



uma coisa meio rebelde, fora da lei... Se a mulher for novinha então, aí ela parece mais rebelde ainda!” (p. 77). Em uma entrevista com um ex-garoto propaganda de uma marca de cigarros, as mulheres com quem ele se relacionou são representadas como “troféus” (p. 8), conquistados a partir da fama que ele teve com os anúncios. Na entrevista também é falado sobre a diversão noturna na época em que o entrevistado era famoso: “Era um outro Rio de Janeiro. Era o começo de muita coisa, da sexualidade, das drogas... As drogas não tinham essa conotação de violência, eram ligadas a outras coisas. (...) Ao prazer” (p. 10). Todos os meses a *Trip* publica uma lista com 12 temas que considera como prioritários e essenciais para a revista: corpo, alimentação, trabalho, sono, teto, saber, liberdade, biosfera, conexão, diversidade, acolhimento e desprendimento. A palavra prazer aparece na descrição do tópico “trabalho”: “**Buscar no trabalho algo que construa e gere prazer e crescimento, que seja um agente de aperfeiçoamento e realização, para nós e para os outros**” (p. 19).

6.3.13. Prazeres na *G*

A revista *G* tem como elemento central as imagens de nudez, com as imagens do corpo masculino como objeto de desejo e prazer: “Gosto demais da *G* Magazine e mais ainda dos modelos que fazem questão de tirar a roupa para o nosso deleite” (p. 95), diz um leitor. A valorização do corpo forte e musculoso, de acordo com os padrões estéticos vigentes, pode ser notada na descrição do modelo de um dos ensaios: “com abdomem definido e porte atlético” (p. 80). No trecho que abre o ensaio principal, é possível identificar a representação do sexo como prazeroso e a associação entre Carnaval e possibilidades de prazer: “Quem já não passou por uma daquelas noitadas de Carnaval e, na manhã seguinte, acordou ainda no pique da festa? Com a sensualidade a mil provocada pela época mais liberal do ano, Nicolas de Lucca convida você para caírem juntos na folia e se entregarem aos prazeres da carne” (p. 30).



É grande a ênfase na diversão, são dadas recomendações de lugares como bares, restaurantes, praias, cachoeiras, baladas, parques e também roteiros de viagens. Para o Carnaval, são sugeridos destinos turísticos, como Florianópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Olinda, Itacaré, entre outros, sempre com indicações de lugares que recebem de forma positiva os homossexuais: “Em um dos Carnavais mais

democráticos do país, o clima de liberdade só favorece o amor entre iguais. (...) O beijo e o namoro gay têm lugar garantido ” (p. 58).

A dificuldade em lidar com o preconceito é um assunto frequente, havendo uma seção especificamente para esse tema, chamada “*Voz ABGLT*”, que está presente também em outras seções, como nas entrevistas e nas recomendações de produtos, como nessa descrição de um livro sobre um adolescente que está tendo problemas com a família: “**ele desde cedo luta, ou pelo menos tenta lutar, contra os chamados ‘desejos proibidos’. Mas até que ponto podemos nos resguardar dessas vontades? Quem aguenta viver mentindo para si mesmo?**” (p. 92).

É recorrente a recomendação do preservativo. A associação entre bebidas alcoólicas e prazer está presente, mas, diferentemente das revistas masculinas direcionadas para heterossexuais, não há tanto a valorização dos excessos, com recomendações para que as bebidas sejam consumidas de forma comedida, como neste conselho de um colunista: “**Divirta-se! É se jogar numa balada com o estilo musical que agrada o seu gosto. Faça mais amigos, beba com moderação, transe o quanto quiser, mas sempre com preservativo! Só no samba, meu amor!**” (p. 39), e neste, de um médico: “**Evite os excessos para garantir um comportamento seguro e saudável com o seu parceiro. Agindo assim você terá uma noite prazerosa**” (p. 53).

Corresponder aos padrões de beleza é tido como importante para que se possa desfrutar da diversão, como pode ser notado na descrição do editorial: “**E como tudo gira em torno da autoestima, a seção BELEZA explica tudo sobre o famoso botox, para você chegar com um rostão incrível em qualquer um dos destinos do Carnaval que escolher na G Travel**” (p. 3). A grande importância dada aos cuidados com a aparência e com o corpo também pode ser identificada no trecho: “**uma parte considerável dos homens gays é fissurada na forma física e fariam de tudo para ter o corpo dos sonhos**”.

Há também discursos que incitam o autoaperfeiçoamento e a busca pela felicidade: “**(...) aproveitem sempre da melhor forma possível, sem prejudicar ninguém. Seja feliz da maneira que puder! O importante é ter atenção para aproveitar tudo numa boa**” (p. 5).

6.3.14. Prazeres na *Júnior*

Na revista *Júnior* há ensaios sensuais, mas não há fotos de nudez total. Um dos ensaios tem como título “**Boy next door**”, em clara alusão à forma da *Playboy* chamar as primeiras mulheres a posarem nuas (“girl next door”). A discussão sobre o preconceito está presente em diversas matérias. No editorial, é apontado que jornalheiros de algumas bancas de revistas têm relatado reclamações de clientes sobre a exposição das capas da revista com corpos masculinos. Há seções específicas para discutir a homofobia e a luta por direitos. Na matéria “**Era uma casa muito engraçada**”, sobre o cotidiano de repúblicas gays, é mencionado o preconceito que alguns jovens homossexuais sofrem em repúblicas tradicionais.



Possibilidades de diversão e de sexo são colocadas como vantagens das repúblicas formadas por homossexuais: “**Sei que muita gente acha que uma república gay é uma putaria total. Eu também pensava assim até vir morar em uma. Mas quando tem festa, daí ninguém se responsabiliza.(...) Já aconteceu de eu ficar com outro morador e em uma ocasião transamos a 3, junto com outro menino que eu conhecia. E eu falando que não rola putaria, né?**” (p. 43). Outras vantagens apontadas são a possibilidade de conhecer pessoas diferentes, aumentar rapidamente o círculo social e ter mais amigos.

O foco no prazer sexual pode ser exemplificado pela matéria “**O Test do Sex Shop**”, em que são descritos e testados produtos do sex shop que são chamados de “**acessórios divertidos**” e “**brinquedinhos sexuais**” (p. 56). Alguns dos produtos recomendados são um creme que prolonga a ereção, dildos coloridos com textura, camisinha de menta, anel peniano, dados eróticos com imagens do Kama Sutra gay e uma vela comestível.

A ênfase na diversão pode ser notada no modo como o Carnaval é descrito: “**Não existe nada como o carnaval. Festas sem fim, povo mais soltinho. Diversão como lema. Em todas as cidades com tradição carnavalesca, há blocos e eventos dirigidos a gays**” (p. 79). São sugeridos diversos destinos de viagem, com indicações de programas como praias, clubes, pousadas, bares, restaurantes, boates, baladas: “**Mini-clube bem simpático que concentra os mais bonitos da cidade. A noite gay é às sextas. O DJ residente é um gato completo, o Patrício. E tops da cena baixam por lá sempre. Vá sem medo de errar**” (p. 70); “**A surpresa fica no subsolo, com espaços para o povo se**

divertir. E tem um mirante que dá para ter uma idéia da movimentação deste subsolo. O subsolo conta com cabines, dark room e sala de vídeo. (...) Bar de adultos, se é que você me entende. É divertido” (p. 75). A seção “Turismo” é dividida em subseções: “Turismo Sul”, “Turismo EUA”, “Turismo Nacional” e “Turismo Carnaval”.

Os cuidados com a aparência e com a saúde são um tema frequente, com dicas de alimentação, de exercícios, de corte de cabelo, de depilação, de como prevenir rugas, de como se recuperar da ressaca. A associação com cuidados de beleza e o prazer sexual pode se notada na recomendação de um tratamento para o clareamento anal: **“Uma manutenção anual é indicada. Segundo consta, o ânus escurece por vários motivos. Um deles é o atrito: isso mesmo, aquele vai-e-vem que você conhece pode escurecer a mucosa que recobre o ânus. Os cremes clareiam sim, mas não deixam nada rosinha novamente”** (p. 85).

6.4. Considerações sobre o prazer nas revistas e apresentação das categorias de análise

Em nossa análise até este momento, buscamos investigar que elementos são valorizados como prazerosos pelas revistas e também como é transmitida essa valorização. A partir de agora, discutiremos como os padrões de gênero estão presentes na transmissão do que é valorizado como prazeroso.

No primeiro momento foi possível identificar como a valorização do prazer, tanto nas revistas femininas quanto nas masculinas, se dá a partir da incitação contínua à busca por aproveitar a vida, por sentir prazer e felicidade, incitação que é feita com a transmissão de regras e prescrições sobre como deve ser essa busca e sobre como deve ser a vida prazerosa e feliz. A linguagem utilizada, apesar de prescritiva, é bastante próxima, em um tom de intimidade e cumplicidade. São apresentados modelo ideais como referência que diferem em relação à feminilidade (com ênfase no corpo, nos relacionamentos e na realização pessoal, afetiva e profissional) e à masculinidade (com ênfase na diversão, nas conquistas sexuais e no sucesso financeiro). Nesse primeiro momento, em que foram analisadas as edições de fevereiro das revistas selecionadas assim como os materiais de divulgação, reconhecemos que nas revistas masculinas há a transmissão de um ideal de “boa vida”, com a valorização de que os prazeres sejam aproveitados intensamente com destaque para a quantidade de experiências e conquistas, enquanto nas revistas femininas há a transmissão de um ideal de “viver bem”, com a valorização do equilíbrio, do cuidado e da autoestima para uma realização prazerosa e harmônica nas mais diversas áreas da vida.

Os dois trechos a seguir foram criados para sintetizar alguns aspectos sobre como a valorização do prazer é transmitida e também a diferença entre o ideal de “viver bem” e o ideal de “boa vida”:

“Seja feliz! Buscar o bem-estar é algo muito importante para a nossa vida. Para isso, é importante cuidarmos de nós mesmxs, do nosso corpo, das nossas relações, buscar equilíbrio e harmonia com nossa família, amigxs, parceirx, no ambiente profissional... Autoestima e amor próprio são palavras chave, e, para isso, é indispensável reservarmos um tempo para nós mesmxs, para nos dedicarmos a nossa beleza, cuidarmos da nossa alimentação, nos exercitarmos regularmente, buscando estar sempre em forma e ficar de bem com o espelho. Estar confiante com a própria imagem ajuda para nos sentirmos mais atraentes para seduzir e conquistar x gatx que mexe com nosso coração. Afinal de contas, viver um grande amor é uma das experiências

mais prazerosas da vida. Amar e ser amadx é um ingrediente fundamental para a felicidade!”.

“Seja feliz! É prioridade buscar a diversão e desfrutar de tudo de bom que a vida tem para oferecer!! Feriado na praia, fim de semana na balada, fim de tarde com happy hour!! Com a companhia dos gatxs mais lindxs, cerveja gelada, churrasco no ponto!! Tem coisa melhor que comida boa, bebida boa, música boa, e os corpos mais monumentais desfilando para completar a paisagem?? A gente trabalha tanto e sua tanto pra quê?? Tanto esforço tem que valer alguma coisa. Prazer que é prazer tem que ser intenso e qualquer hora é hora, qualquer lugar é lugar!!

Boa mesmo é a vida com conforto, os melhores restaurantes, os melhores hotéis, as melhores academias, os carros mais velozes e os últimos lançamentos em tecnologia para tornar tudo mais fácil e prático! E claro, muitxs gatxs gostosxs pra inspirar e transpirar muito!”.

Embora os marcadores que indicariam o gênero do público para quem as mensagens se direcionam tenham sido substituídos por “x”, não é difícil identificar, nos aspectos valorizados como prazerosos elencados, se eles são considerados culturalmente como predominantemente femininos ou masculinos. O primeiro trecho corresponde ao ideal de “viver bem”, constantemente alimentado nas revistas femininas e o segundo ao ideal de “boa vida”, muito presente nas revistas masculinas. Na tabela a seguir serão destacados alguns dos exemplos analisados sobre como o prazer é representado nas revistas:

Tabela 3: O Prazer nas Revistas

	Exemplos
a) Valorização da busca por uma vida prazerosa	<p>“Como se fosse o único. (...) Não perca a chance de aproveitar cada minuto da sua vida” (<i>CAPRICHIO</i>, fevereiro de 2012, p. 6);</p> <p>“A vida é o aqui e o agora - e o presente precisa ser muito bem vivido” (<i>VIP</i>, fevereiro de 2012, p. 10).</p>
b) Transmissão da valorização do	<p>“A revista <i>NOVA</i> oferece a melhor orientação para que a leitora possa se sentir realizada (...) <i>NOVA</i> pode ser considerada a Bíblia</p>

<p>prazer a partir de regras e prescrições</p>	<p>da mulher que deseja sempre mais da vida” (<i>MÍDIA KIT NOVA</i>, 2013, p. 7);</p> <p>“A <i>VIP</i> o ajuda a aproveitar da forma mais prazerosa possível, sendo um guia bem-humorado essencial para que ele se relacione melhor com as mulheres, curta todos os prazeres da vida e, claro, se torne um homem mais completo” (<i>MÍDIA KIT VIP</i>, 2013, p. 2).</p>
<p>c) Transmissão da valorização do prazer a partir de uma linguagem de cumplicidade</p>	<p>“<i>PLAYBOY</i> é a parceira ideal para desfrutar as melhores coisas da vida” (<i>MÍDIA KIT PLAYBOY</i>, 2013, s/p);</p> <p>“<i>WOMEN’S HEALTH</i> inspira suas leitoras como uma amiga próxima” (<i>MÍDIA KIT WOMEN’S HEALTH</i>, 2013, p. 5).</p>
<p>d) Transmissão da valorização do prazer a partir de modelos ideais de feminilidade e masculinidade</p>	<p>“(…) Com tantas cobranças, é quase impossível encontrar alguém 100% feliz. Aí você conhece Flávia Alessandra. (…) Linda, apaixonada pelo marido (…) e com um corpo que em nada indica uma mulher de 37 anos e duas filhas (…)” (<i>NOVA</i>, fevereiro de 2012, p. 34).</p> <p>“O Rei das Gatas. O empresário Eli Hadid é um cara de sorte. (…) vive rodeado pelas mais lindas mulheres do Brasil. (…) Apesar de não revelar números, vê-se que Eli Hadid ganha muito dinheiro” (<i>VIP</i>, fevereiro de 2012, p. 66).</p>
<p>e) As revistas femininas e o ideal de “viver bem”</p>	<p>“<i>BOA FORMA</i> é o guia completo (…) para proporcionar uma vida de bem-estar e equilíbrio emocional” (<i>MÍDIA KIT BOA FORMA</i>, 2013, p. 6, grifos nossos);</p> <p>“<i>WOMEN’S HEALTH</i> é a revista voltada para (…) aquela que acredita que saúde, bem-estar e equilíbrio estão ao seu alcance e dependem apenas de seu esforço (...). Ela é uma mulher real, que aprendeu a conciliar autonomia e feminilidade a serviço do seu bem-estar” (<i>MÍDIA KIT WOMEN’S HEALTH</i>, 2013, p. 2, grifos nossos).</p>
<p>f) As revistas masculinas e o ideal de “boa vida”</p>	<p>“Esta é a revista que defende, apresenta e indica os deliciosos prazeres do capitalismo (…) Sejam esses prazeres as mulheres mais cobiçadas, os carrões que todos queremos dirigir, a moda mais adequada e bem cortada, o drink perfeito ou a iguaria gastronômica mais apreciada” (<i>MÍDIA KIT PLAYBOY</i>, 2013, s/p);</p>

	“Baladas sem hora para acabar, mulheres para poder escolher, dinheiro para poder gastar com viagens, muitas roupas, novos restaurantes” (<i>MÍDIA KIT VIP</i> , 2013, s/p).
--	--

Neste segundo momento buscaremos analisar com os padrões de gênero participam no que é considerado como prazer. Nas revistas femininas, os prazeres valorizados com mais frequência foram: **cuidados com a beleza e com o corpo, relacionamentos amorosos e sexo**. Nas revistas masculinas, os principais prazeres valorizados foram: **imagens do corpo feminino, sexo e consumo de bebidas alcóolicas**. Estabelecemos, assim, nossas categorias de análise, que foram divididas, para fins de organização e análise dos resultados, em subcategorias. Apresentaremos a seguir um breve resumo e alguns exemplos das categorias e subcategorias estabelecidas, que serão analisadas e discutidas nos próximos capítulos.

- **Cuidados com a Beleza e com o Corpo como Prazer Feminino.**

Cuidar da beleza e do corpo é apresentado pelas revistas tanto como um intenso prazer feminino, quanto como um meio para alcançar diferentes prazeres, já que os cuidados são colocados como importantes para a autoestima, a autoconfiança, a realização e a satisfação pessoal, afetiva, sexual, social e mesmo profissional, por haver uma grande valorização da imagem construída e transmitida às outras pessoas, principalmente no que diz respeito à busca pela aprovação do olhar masculino. A ênfase no prazer está presente na linguagem utilizada, que representa o modelo de beleza transmitido como intensamente sonhado e desejado e os muitos procedimentos recomendados como agradáveis, divertidos, fáceis e mesmo mágicos. Os preparativos relacionados à aparência antes de uma festa, por exemplo, são representados como tão ou mais estimulantes que a própria festa. Ainda que os aspectos prazerosos dos cuidados recebam tanta centralidade, a beleza e o corpo são também colocados como motivos de muitas preocupações, cada pequeno detalhe recebe prescrições e instruções minuciosas. Muitas vezes a relação com o próprio corpo é descrita em termos culpabilizantes ou mesmo bélicos, como se as leitoras precisassem estar sempre em uma batalha para corrigirem-se e aperfeiçoarem-se. Cuidar da beleza e do corpo é transmitido assim, como um imperativo. Na tabela a seguir estão as subcategorias estabelecidas a partir dos elementos descritos acompanhadas de exemplos:

Tabela 4: O Cuidado com a Beleza e o Corpo como Prazer Feminino

Subcategoria	Exemplos
a) Regras e prescrições sobre o cuidado com a beleza e com o corpo	“O Mapa do Creme- Tudo o que você precisa saber para escolher bem e passar o cosmético do jeito certo em cada parte do corpo- dos pés ao rosto” (<i>BOA FORMA</i> , fevereiro de 2012, p. 70).
b) Transmissão de modelos de beleza e corpo como desejados e sonhados	<p>“A hora é agora: esta edição é um superguia para começar já o projeto ‘corpo dos sonhos’” (<i>BOA FORMA</i>, fevereiro de 2012, p. 10);</p> <p>“Atire seu rímel favorito no chão se você não sonha em ter cílios enormes, volumosos e alongados como os de uma boneca” (<i>ATREVIDA</i>, fevereiro de 2012, p. 59).</p>
c) Transmissão dos cuidados com a beleza e o corpo como fáceis, agradáveis e divertidos	<p>“Uma aula que ensina a coreografia de musicais é tão divertida que você nem vai perceber que está fazendo exercício” (<i>NOVA</i>, fevereiro de 2012, p. 54);</p> <p>“As máscaras garantem pele hidratada com menos rugas e mais luminosidade em poucos minutos. Parece mágica!” (<i>NOVA</i>, fevereiro de 2012, p. 58).</p>
d) Os cuidados com a beleza e o corpo e o olhar masculino	“Quer otimizar seu tempo e agradar o paquera? Use um vestido. A peça preferida de 64,3% dos homens, é feminina na medida e pode somar sensualidade ou romantismo ao seu visual” (<i>WOMEN’S HEALTH</i> , fevereiro de 2012, p. 81).
e) Transmissão dos cuidados com a beleza e o corpo como fundamentais para a autoestima	“Quer uma injeção instantânea de autoestima? Coloque um batom vermelho, faça as unhas ou deixe o colo à mostra. De acordo com uma pesquisa britânica com 2 mil mulheres, essas atitudes são tiro e queda para inflar o amor-próprio e fazer você se sentir poderosa no ato” (<i>BOA FORMA</i> , fevereiro de 2012, p. 57).
f) Uso de uma linguagem culpabilizante na abordagem sobre a beleza e o corpo	“Um pânico assombra as noites de domingo de muitas mulheres- e ele não tem nada a ver com a volta ao trabalho no dia seguinte. O drama vem do peso na consciência depois de dias regados a deliciosos pecados gastronômicos. Não bastasse a culpa martelando na nossa cabeça, a boca livre da sexta, do sábado e do domingo pode somar até 1,5 k na silhueta” (<i>WOMEN’S HEALTH</i> , fevereiro de 2012, p. 47).
g) Uso de uma linguagem bélica na	“Se na briga com a balança, com o tempo e com o clima, eles andam levando a melhor, aqui vai uma boa notícia: Você não precisa passar fome, se entupir de cremes ou morar na academia para ficar linda.

abordagem sobre a beleza e o corpo	Quer vencer essa batalha de uma vez por todas? Vá às compras” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 72).
h) Conselhos sobre alimentação	“Quer manter a forma e controlar a alimentação de um jeito fácil? Neste app você tem um banco de dados com os valores nutricionais dos alimentos, calorias, proteínas e gorduras. Tudo para você ficar saudável!” (TODATEEN, fevereiro de 2012, p. 37)
i) Modelos ideais de beleza e corpo e a competitividade	“Ela [a atriz Flávia Alessandra] pertence àquele grupo seletivo de mulheres que não têm celulite! Daria até para sentir raiva, não fosse todo o esforço que ela faz para manter a forma” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 35).

- **Relacionamento Amoroso como Prazer Feminino**

Nas revistas femininas há a idealização do amor e do relacionamento amoroso, representado como fonte de prazer, felicidade, satisfação e completude. Muitas regras e prescrições são transmitidas sobre como ser e agir para a conquista, sempre a partir da pressuposição das leitoras como heterossexuais e preocupadas em agradar e corresponder aos desejos e expectativas masculinas. As recomendações sobre como se comportar são acompanhadas por alertas de que agir de alguma maneira tida como inadequada pode afastar, constranger, assustar e incomodar os possíveis parceiros, principalmente no que diz respeito a ser espontânea e expressar de forma sincera e direta os próprios desejos e interesses, já que é continuamente aconselhado que meninas e mulheres devem ser discretas e “difíceis”. Assim, ainda que sejam representados como prazerosos, os relacionamentos amorosos são fonte de muitas inseguranças, preocupações e ansiedades.

Para ser considerado bem-sucedido o relacionamento precisa ser romântico, estável e monogâmico, com a generalização de que esse modelo corresponderia às vontades e interesses de todas as leitoras. Não é incentivado o diálogo e a demonstração aberta de sentimentos e desejos. A responsabilidade por conquistar e manter a relação é representada como feminina, já que os homens “intrinsecamente” evitariam o compromisso. As diferenças entre os gêneros são naturalizadas e muitas vezes explicadas em termos biológicos, usadas para justificar, por exemplo, a infidelidade masculina. As representações sobre o amor são, assim, permeadas por regras e padrões normativos. Na tabela a seguir estão as subcategorias e exemplos correspondentes a elas:

Tabela 5- Relacionamento Amoroso como Prazer Feminino

Subcategoria	Exemplos
a) Idealização do Amor	“quando estou com meu marido, só nós dois (...) não tem absolutamente nada que eu queira mudar. Então, naquele momento eu posso dizer que é possível sim me sentir 100% satisfeita” (<i>TPM</i> , fevereiro de 2012, p. 96).
b) Regras e prescrições sobre como buscar o relacionamento idealizado a partir da centralidade dada à aprovação masculina	“Ligo? Ou é melhor esperar ele ligar?”, “Se eu mandar SMS vou parecer grudenta?”, “Será que a gente tá namorando?”, “Mas e se ele não der mais notícias? Ter esse tipo de dúvida é natural e acontece com todas (...) Essas dicas vão evitar que você pague de louca desesperada e impedir que acabe perdendo o garoto para todo o sempre” (<i>ATREVIDA</i> , fevereiro de 2012, p. 43).
c) Valorização de relacionamentos românticos, estáveis e monogâmicos	“Enquanto espera pela aliança, continue sendo divertida e carinhosa” (<i>CAPRICHOS</i> , fevereiro de 2012, p. 80). “Os pais dele têm um casamento feliz- É bem provável que ele carregue essa imagem como um valor. Inconscientemente, fará possível para reproduzir o histórico familiar bem-sucedido. Com você!” (<i>NOVA</i> , fevereiro de 2012, p. 134).
d) Naturalização da infidelidade masculina	“Um estudo publicado em novembro no Journal of Experimental Social Psychology mostrou que até a crise financeira contribuiu para inflacionar o número de casos extraconjugais- má notícia: aumentando a libido dos homens. Quando se sentem ameaçados, eles desejam espalhar seus genes para garantir a sobrevivência” (<i>NOVA</i> , fevereiro de 2012, p. 132).
e) Responsabilização feminina pela conquista e manutenção do relacionamento idealizado	“A probabilidade de seu amor pular a cerca será menor se você souber demonstrar quanto o admira. Preste atenção no modo como julga os gestos dele. Fazer cara feia quando ele vê o canal de esportes será entendido como censura. (...) Se ele não consegue dizer o que não está legal no relacionamento, é provável que arrume outro jeito de deixar você saber: tendo um caso. (...) Crie situações para que os dois possam falar sobre tudo, sem se sentir julgados, como em um jantar romântico a dois” (<i>NOVA</i> , fevereiro de 2012, p. 134).

- **Sexo como Prazer Feminino**

O prazer sexual é valorizado pelas revistas femininas adultas como fundamental para a saúde, para a autoestima e para o bem-estar. Ao mesmo tempo em que há a representação positiva do sexo, como prazeroso e também divertido, são prescritas regras a serem seguidas e metas a serem atingidas, de forma que o prazer é compreendido a partir da ênfase na produtividade e na funcionalidade. Mais do que uma possibilidade, sentir prazer sexual é transmitido como uma tarefa, uma obrigação. São dadas instruções detalhadas sobre como as mulheres devem agir sexualmente para proporcionar e sentir prazer. São muitas as regras e receitas sobre como a vida sexual deve ser, inclusive regras sobre a aparência, já que a beleza e o corpo em forma são representados como importantes para o prazer sexual. Nas revistas femininas para adolescentes, são mais frequentes os discursos que apresentam o sexo como fonte de ansiedades e preocupações. A importância da prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez não planejada é abordada constantemente, tanto nas revistas para adultas quanto para adolescentes. Na tabela a seguir serão apresentadas as subcategorias acompanhadas de exemplos:

Tabela 6- Sexo como Prazer Feminino

Subcategorias	Exemplos
a) Compreensão instrumental e funcional do sexo	“Tenha orgasmos. Mais uma razão para atingir o clímax: o orgasmo diminui o stress e pode aumentar a sua criatividade no trabalho. (...) ‘Depois de uma noite, com orgasmo, fica fácil fazer uma tarefa complexa, já que você está mais relaxada e feliz’” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 66).
b) Sexo como diversão	“Inspirações das escolas de samba para você transformar sua vida sexual em uma grande folia o ano inteiro” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 118).
c) Regras e prescrições para o desempenho e o prazer sexual	“Quer fazê-lo suspirar nas preliminares? Siga esta trilha de carícias que nossos entrevistados entregaram ser infalível: comece pressionando seu corpo contra o dele e, em meio aos amassos, passe leve as unhas no peito do gato. Depois, siga para os dois lugares onde eles mais gostam de ser beijados (sem contar o pênis, é claro): sussurre ao pé do ouvido enquanto puxa de leve o cabelo dele e, aí sim, siga para a nuca. O <i>grand finale</i> a gente

	nem precisa dizer onde vai ser...” (<i>WOMEN’S HEALTH</i> , fevereiro de 2012, p. 84).
d) Ênfase na beleza feminina como importante para o prazer sexual	“Sexo a mil- Quando você começa a praticar uma luta se sente mais capaz, poderosa e autoconfiante. Sem contar as mudanças no corpo, que fica mais forte e definido e faz com que se sintam mais bonita. Tudo isso já é suficiente para melhorar sua vida na cama, afinal, a gente sabe que autoestima em dia é chave para transar mais gostoso, sem neuras com gordurinhas ou celulite. (...) É um nocaute (de prazer, é claro) no seu parceiro” (<i>BOA FORMA</i> , fevereiro de 2012, p. 101).
e) A sexualidade feminina adolescente como motivo de medos e preocupações	“Namoro há alguns meses e agora estamos pensando em ter a nossa primeira relação juntos. Eu tenho muita vontade que role com meu namorado, pois eu o amo muito. Mas morro de vergonha de tirar a roupa na frente dele... E é por isso que a gente não transou até agora. O que eu faço?” (<i>ATREVIDA</i> , fevereiro de 2012, p. 15).
f) Prazer nas Revistas Femininas Para Adolescentes	“As preliminares são importantes porque ajudam você e o garoto a criar intimidade. Com elas, é possível conhecer melhor o seu corpo e o dele, o que dá mais liberdade e prazer para os dois” (<i>CAPRICHOS</i> , fevereiro de 2012, p. 70).
g) Prevenção	<p>“É essencial usar o preservativo, pois só ele consegue prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, como aids, sífilis e várias outras” (<i>TODATEEN</i>, fevereiro de 2012, p. 20)</p> <p>“A segurança de transar com proteção deixa você relaxada, o que é fundamental para o prazer” (<i>BOA FORMA</i>, fevereiro de 2012, p. 58).</p>

- **Imagens do Corpo Feminino como Prazer Masculino**

Nas revistas para homens heterossexuais, o prazer de olhar para imagens do corpo feminino é um elemento central. Nas capas, nos ensaios, como ilustrações das matérias e em anúncios publicitários é frequente a exposição de corpos que correspondem aos padrões estéticos vigentes, sendo marcante o objetivo de provocar a excitação masculina. Além de olharem e se excitarem, os leitores são posicionados como aqueles que avaliam, que julgam e selecionam de acordo com seus interesses e preferências, posição que

também é representada como prazerosa. As mulheres são colocadas como em busca de agradar e satisfazer o desejo masculino, a partir do desejo de ser desejada, do prazer em despertar prazer. Assim, todo o destaque é dado para o corpo feminino (para algumas partes do corpo especificamente, como a bunda) e para a disponibilidade em realizar fantasias sexuais, com a invisibilização e/ou a diminuição das características das mulheres que se referem a vida pessoal, afetiva ou profissional, o que culmina, muitas vezes, na naturalização da redução das mulheres ao corpo. O principal prazer valorizado, assim, é o de olhar para mulheres, se excitar e desejar se satisfazer sexualmente com elas, mas não o prazer de se relacionar ou mesmo o de interagir. As subcategorias estabelecidas acompanhadas por exemplos estão na tabela a seguir:

Tabela 7- Imagens do Corpo Feminino como Prazer Masculino

Subcategoria	Exemplos
a) O prazer masculino de olhar	“Aryane Steinkopf transpira, exala, transborda gostosura. (...) tem levado atrás de si uma legião de loucos babões, com língua de fora e olhos vidrados (entre os quais nos incluímos)” (<i>VIP</i> , fevereiro de 2012, p. 44).
b) O prazer masculino de julgar, avaliar e selecionar	“Recebemos centenas de inscrições e depois tivemos de observar cuidadosamente cada uma das candidatas para selecionar as bundinhas mais redondas, durinhas e gostosas” (<i>PLAYBOY</i> , fevereiro de 2012, p. 8).
c) Centralidade dada para o corpo e para a disponibilidade sexual feminina	“Tem alguma coisa que você faz na cama que acha que faz muito bem? Acho que, tudo o que eu faço, faço muito bem... [Risos.] (...) Por que acha que seu bumbum merece tanta atenção? Sendo bem sincera, sem modéstia, acho que é porque ele é todo natural. Eu sempre considerei a melhor parte do meu corpo” (<i>PLAYBOY</i> , fevereiro de 2012, p. 84).
d) O desejo masculino como central e a representação do desejo feminino como desejo de ser desejada	“Helena conta ter três sonhos: o primeiro: ser capa de <i>PLAYBOY</i> . ‘Seria o máximo, incrível. A mulher se sente gostosa, desejada (...)’”. (<i>PLAYBOY</i> , fevereiro de 2012, p. 42).
e) Naturalização da redução das mulheres ao corpo	“a única forma de prestarmos atenção numa mulher é quando elas estão peladas” (<i>SEXY</i> , fevereiro de 2012, p. 18).

- **Sexo como Prazer Masculino**

O sexo é valorizado como prazeroso, com grande ênfase para o número de conquistas sexuais, representadas como vinculadas à liberdade e à diversão. Ter um número alto de parceiras é colocado como fonte de status e sucesso. O prazer sexual é representado de forma genitalizada, sendo comuns informações sobre características do pênis, da ereção e da ejaculação, acompanhadas de modelos normativos de desempenho, que refletem uma compreensão instrumental e funcional do sexo. A beleza feminina recebe grande importância, como necessária para o prazer sexual, sempre pensado como heterossexual, estando presentes elementos como o machismo, a heteronormatividade e a homofobia. Os relacionamentos afetivos são desvalorizados, como um obstáculo para o prazer e a liberdade masculina. As subcategorias estabelecidas assim como os exemplos correspondentes estão na tabela a seguir:

Tabela 8- Sexo como Prazer Masculino

Subcategoria	Exemplos
a) Valorização do sexo como prazeroso	“O filme Vergonha mostra que até a melhor coisa do mundo [o sexo] pode ser ruim se você perde o controle. (...) Se um filme consegue diminuir, por breves segundos, o valor de uma das atividades mais prazerosas do ser humano, é porque foi bem-sucedido em provar que todo tipo de vício é destrutivo” (<i>VIP</i> , fevereiro de 2012, p. 120-121).
b) Centralidade dada para a genitalidade e para aspectos quantitativos das práticas e do desempenho sexual	“Segundo o doutor Celso Marzano, urologista e sexólogo, a intensidade da ejaculação está diretamente relacionada ao prazer: ‘Quanto mais excitação, maiores são as contrações musculares da região peniana e maior o volume ejaculado, com maior jato’, explica” (<i>PLAYBOY</i> , fevereiro de 2012, p. 79).
c) Associação entre conquistas sexuais e diversão	“Os bailes de clube voltaram com força total e a gente te indica onde e quando cair na bandalheira. (...) É entre quatro paredes que as grandes histórias de pegação carnavalesca acontecem. (...) os bailes fechados sempre foram protagonistas na azaração” (<i>SEXY</i> , fevereiro de 2012, p. 70).
d) Ênfase na beleza feminina como	“As mulheres não são iguais, nada iguais. E não estamos falando só de personalidade, não. Elas têm características físicas distintas, como aquela bunda

importante para o prazer sexual	que parece ter sido calibrada em um posto de gasolina, ou uma cinturinha de pilão. Peitos grandes, pequenos, com silicone... Saiba que essas peculiaridades fazem a maior diferença na hora do rala e rola” (<i>MEN’S HEALTH</i> , fevereiro de 2012,p. 87).
e) Compreensão instrumental e funcional do desempenho e do prazer sexual	“Aqui, você tem um dossiê completo de truques e técnicas para ter mais sexo que transformaram essas mulheres comuns em sedutoras máquinas de amor. Divirta-se. E inspire-se” (<i>MEN’S HEALTH</i> , fevereiro de 2012, p. 47).
f) Heteronormatividade, homofobia e machismo na construção dos padrões de sexualidade masculina	“Antes de sair por aí caçando travestis, certifique-se de que é isso mesmo que você quer. Pode ser que essa seja apenas uma fantasia sexual (como fazer um ménage com a namorada, por exemplo) que você, de fato, não quer realizar” (<i>PLAYBOY</i> , fevereiro de 2012, p. 41).

- **Consumo de Bebidas Alcolólicas como Prazer Masculino.**

Nas revistas masculinas o prazer é associado à liberdade, à diversão e aos excessos, elementos que são frequentemente evocados nas representações sobre o consumo de bebidas alcólicas. Relaxar, comemorar, socializar, usufruir de bares, festas, baladas, shows, restaurantes, viagens: o álcool é visto como parte integrante dos momentos de lazer e prazer, inclusive quando consumido em grandes quantidades, como forma de intensificar ainda mais a diversão. A prática de beber é também associada a um aumento nas possibilidades de conquistas sexuais, sendo frequentemente afirmado que o álcool atua como um desinibidor sexual feminino, como se, ao beberem, as mulheres estivessem necessariamente disponíveis sexualmente. Embora haja a valorização dessa disponibilidade, não são considerados o desejo e o consentimento feminino, como se a embriaguez fosse uma “desculpa”, uma justificativa para que os homens ajam de acordo com o que querem, sem dar importância se as parceiras ou possíveis parceiras querem o mesmo. Este apagamento da importância do consentimento feminino pode facilmente culminar na naturalização da violência. A seguir serão apresentadas as subcategorias estabelecidas sobre o consumo de bebidas alcólicas como prazer masculino acompanhadas de exemplos:

Tabela 9- Consumo de Bebidas Alcolólicas Como Prazer Masculino

Subcategoria	Exemplos
a) Valorização do consumo de bebidas alcólicas como prazeroso	“[o livro] ajuda você a saborear ainda mais este enorme prazer da vida: abrir uma cerveja em casa após um dia estressante na firma, ou mesmo ao sentar-se no boteco preferido. (...) Brinde essa” (<i>MEN’S HEALTH</i> , fevereiro de 2012, p. 26).
b) Representações sobre o consumo em excesso de bebidas alcólicas	<p>“Antes do show eu costumo beber muito, geralmente vodka e tequila e, durante o show, mudo para vinho tinto. Gosto de botar um cubo de gelo da tequila. E adorei a sua cachaça!” (<i>PLAYBOY</i>, fevereiro de 2012, p. 34).</p> <p>“Em geral, os foliões, quando querem tranças as pernas, se atêm a um funil, a muita cerveja barata e aos destilados de pior qualidade, normalmente tomados em seu estado puro e na temperatura ambiente” (<i>SEXY</i>, fevereiro de 2012, p. 88).</p>
c) Associação entre o consumo de bebidas alcólicas e a maior desinibição sexual feminina	“A mulher que vai para o baile com as amigas também usa a desculpa de que foi pela diversão, mas com um pouco de álcool já está rebolando freneticamente, denotando tesão acumulado. Um papinho e você descobre que ela deseja ser vendada, amarrada na cama e trepar por 12 horas seguidas” (<i>SEXY</i> , fevereiro de 2012, p. 18).
d) Naturalização da violência	“Você está sóbrio e ela, bêbada. Nada melhor do que um bom banho para curar a bebedeira.(...) Para não correr riscos de acidentes, é melhor ela ficar no chão. Você é o sóbrio da relação, nada mais justo do que fazer todo o trabalho pesado” (<i>SEXY</i> , fevereiro de 2012, p. 16).

Nos capítulos a seguir, organizados de acordo com as categorias estabelecidas, os resultados aqui apresentados serão analisados e discutidos.

Capítulo 7-

Valorização do Cuidado com a Beleza e com o Corpo como Prazer Feminino

7.1. Regras e prescrições sobre como a aparência feminina deve ser

Nas sete revistas femininas analisadas- *Nova*, *Boa Forma*, *Women's Health*, *TPM*, *Capricho*, *Atrevida* e *Todateen*, foram muitas as regras identificadas sobre como a aparência feminina deve ser. Nas diversas matérias destinadas ao tema cada detalhe do corpo se torna alvo de prescrições: barriga, cabelo, franja, sobrancelhas, cílios, sorriso, unhas, seios, perna, bumbum, pés. São muitas as receitas sobre como evitar olheiras, espinhas, rugas, manchas, odores, pêlos, estrias, celulites, gorduras localizadas. Para cada ocasião e para cada hora do dia há roupas, acessórios, sapatos, maquiagens, perfumes, cremes entre outros produtos classificados como adequados ou inadequados. Exemplos:

“O cabelo virou palha, o esmalte amarelou? Ok, Encontramos soluções rápidas para garantir uma temporada im-pe-cá-vel!” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 68);

“Cabelo armado. Espinhas. Nariz de batata. O corpo muda tanto durante a adolescência que é normal se sentir superdesengonçada” (*CAPRICH**O*, fevereiro de 2012, p. 31);

“Verão sem perrengue. O verão está aí e nada melhor do que aproveitar tudo de bom que a temporada oferece, certo? Mas fique ligada com alguns cuidados para garantir que seu corpo e seu cabelo não saiam no prejuízo!” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 65);

“Dieta da barriga chapada. Se existe uma coisa que tira as mulheres do sério- ainda mais no verão- é a barriga saliente” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 88);

“Alimentos para chapar a barriga, exterminar a celulite, turbinar os músculos” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 72);

“As técnicas do momento para clarear os fios sem errar e os produtos que prolongam o resultado platinado e saudável” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 64);

“Guia da coloração: dicas para mudar o visu sem erros” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 47);

“Sobrancelhas de diva: Truques para cuidar (bem!) das suas” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 84);

“Um manual para erradicar um problema que deveria ter ficado na adolescência: a acne” (*WOMEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, p.58);

“O Mapa do Creme- Tudo o que você precisa saber para escolher bem e passar o cosmético do jeito certo em cada parte do corpo- dos pés ao rosto” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 70).

As revistas transmitem, assim, a mensagem de que cada detalhe do corpo precisa de cuidados específicos, cuidados que são minuciosamente ensinados em nome de um modelo ideal de beleza que é continuamente reforçado por diferentes estratégias e com o uso de diferentes linguagens, como veremos nas categorias a seguir.

7.2. Transmissão dos modelos de beleza e corpo como desejados e sonhados

Embora o tom prescritivo seja predominante, o caráter impositivo das regras transmitidas é ocultado, principalmente através do movimento de, ao invés de afirmar “você tem que ser bonita!”, “você deve ser magra”, “a beleza é uma obrigação feminina”; prometer: “conquiste a beleza que você tanto deseja!”, “aprenda como conseguir o corpo dos seus sonhos!”, “ficar de bem com o espelho é o segredo da autoestima, da satisfação e da felicidade femininas!”. Ou seja, é a partir da ênfase no prazer que uma série interminável de cuidados são recomendados.

Nos exemplos a seguir, destacamos as palavras que definem a beleza e o corpo em forma como sonhados e desejados pelas leitoras:

“Linda da cabeça aos pés. A hora é agora: esta edição é um superguia para começar já o projeto “corpo dos sonhos”. (...) A gente sabe que quem cuida do corpo também quer estar sempre com o cabelo bacana, a pele macia, o make da moda: está aqui! (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 10);

“Você não está sozinha no caminho rumo ao corpo dos sonhos: os suplementos alimentares são seus aliados.” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 38);

“Fazer depilação a laser, rejuvenescer a área dos olhos e dar adeus à celulite usando aparelhos de última geração, sem tirar os pezinhos de casa. Parece sonho?” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 54).

“A *CAPRICH*O desafiou sete leitoras a vestir o que sempre sonharam e garante: vale a pena se arriscar!” (*CAPRICH*O, fevereiro de 2012, p. 58);

“Atire seu rímel favorito no chão se você não sonha em ter cílios enormes, volumosos e alongados como os de uma boneca.” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 59);

“Apostar na franja é o jeito mais fácil de radicalizar o visual. De quebra, você conquistará dois benefícios com os quais as mulheres sonham: parecer anos mais jovem e disfarçar imperfeições do rosto. Corte seu medo de mudar já!” (*WOMEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 21);

“Quer um abdômen lisinho? Veja como chegar lá com pequenas mudanças de hábito e com nove alimentos que ajudam a conquistar uma barriga de tábua” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 88);

“Sua lista de desejos desta temporada? Praia, sombra, água fresca... e produtos geladinhos para cuidar do corpo e da pele. Eles são grandes aliados da sua beleza no verão” (*WOMEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 28);

“Maior concentração de ativos, resultado mais rápido e aval dos dermatologistas. Tudo isso você encontra dentro dos potinhos dos dermocosméticos. Quer controlar a oleosidade, reduzir as linhas de expressão ou até mesmo combater manchas na pele? Faça a sua aposta!” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 34);

“Será que você está pronta para uma mudança radical? Escolha o visual que deseja e veja o que levar em conta antes de se jogar na tintura!” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 48);

“O look vencedor que você sempre quis para curtir a night” (*CAPRICHIO*, fevereiro de 2012, p. 58);

“Pulseiras de madeira, marfim, couro e até pedras para incrementar o look. Na dúvida, misture quantas quiser. Se segurar pra quê?” (*TPM*, fevereiro de 2012, p. 87).

Se segurar pra quê? Os cuidados com o corpo com a beleza são vistos como escolhas, como expressão da liberdade feminina em seguir os próprios sonhos, desejos e vontades mais íntimos, em apostar e acreditar em si mesma.

Naomi Wolf (1992) problematiza a mensagem repetidamente difundida pelas revistas femininas de que, ao seguirem os conselhos oferecidos, as meninas e mulheres alcançar todas as transformações que desejam. A possibilidade de transformação é inserida em um discurso sedutor, ainda mais se considerarmos como por tanto tempo na história as mulheres eram consideradas como incapazes ou impossibilitadas de realizar a maior parte das coisas que imaginavam. As revistas afirmam continuamente que as mulheres podem sempre melhorar, podem ser quem elas quiserem, trazendo sensações ambivalentes:

Ao fornecer uma linguagem onírica da meritocracia (“tenha o corpo que merece”; “não se tem um corpo maravilhoso sem esforço”), do espírito empreendedor (“tire o melhor partido dos seus atributos naturais”), da absoluta responsabilidade pessoal pela forma do corpo e pelo envelhecimento (“você pode moldar totalmente seu corpo”; “suas rugas estão agora sob seu controle”) e até mesmo confissões francas (“afinal você também pode conhecer o segredo que as mulheres belas guardam há anos”), essas revistas mantêm as mulheres consumindo os produtos dos seus anunciantes na busca da total transformação pessoal em status que a sociedade de consumo oferece aos homens sob a forma de dinheiro. Por um lado, a promessa otimista das revistas femininas de que elas podem fazer tudo sozinhas é sedutora para mulheres que até recentemente só ouviam dizer que não sabiam fazer nada sozinhas (WOLF, 1991, p. 36-37).

7.3. Transmissão dos cuidados com a beleza e com o corpo como fáceis, agradáveis e divertidos

Ser bonita e ter o corpo perfeito são elementos associados a uma vida mais feliz, com mais bem-estar, sucesso e realizações. Além da beleza ser associada a mais possibilidades de prazer, os próprios cuidados com a aparência e com o corpo são representados como prazerosos em si. As técnicas e procedimentos são descritos em uma linguagem que enfatiza a alegria e a diversão em realizá-los, com a afirmação de que são fáceis, rápidos, práticos, com resultados imediatos ou mesmo mágicos:

“Uma aula que ensina a coreografia de musicais é tão divertida que você nem vai perceber que está fazendo exercício” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 54);

“30 minutos = corpo malhado por inteiro. Você só precisa de um par de pesinhos, outro de caneleiras e meia hora do seu dia para fazer esta aula (...)” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 90);

“Seca sequinha (...) Não se preocupe: duas dietas chegaram para ajudá-la nesse desafio. Elas são fáceis de fazer, atuam direto o alvo e dá para comer quase de tudo. Escolha a sua e comece já” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 100);

“As máscaras garantem pele hidratada com menos rugas e mais luminosidade em poucos minutos. Parece mágica!” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 58);

“Como num passe de mágica, você ganha uma franja, mechas coloridas e até um novo corte” (*CAPRICHOS*, fevereiro de 2012, p. 30);

“A marca de esmalte OPI criou um simulador de esmaltes, onde você pode testar cores com diferentes tons de pele e formatos de unha. É um jeito

divertido e prático de decidir qual cor de esmalte usar” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 37);

“É preciso fazer escolhas espertas de alimentação, seguir uma rotina de treino possível de cumprir e praticar atividades prazerosas que espantem o stress. (...) Comece as mudanças hoje para sentir-se novinha em folha amanhã” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 72.).

Por serem afirmadas como atividades tão prazerosas e desejadas, é colocado como “natural” que, em seus momentos de lazer e descanso, as mulheres “escolham” passar horas em um salão, na academia, ou realizando procedimentos de beleza em casa. É transmitido que é assim que elas “desejam” aproveitar o tempo “livre”: destinando-o para o cuidado de com a própria aparência.

“Quais são seus maiores cuidados de beleza?

Com o cabelo e a pele. Sou vaidosa, e quando tenho uma folga do trabalho, adoro passar o dia no salão- faço unha, cabelo, limpeza de pele” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 120).

“Quem gasta a maior parte do dia com o que tem que fazer e deixa de lado o que quer fazer diminui a felicidade em todas as áreas da vida. (...) tente programar seus compromissos semanalmente reservando espaço para academia, manicure e happy hour (...)”. (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 58).

Embora o conselho da revista *Boa Forma* seja para que a leitora encontre tempo entre os compromissos para atividades como a academia e a manicure é importante notar como cuidar da beleza acaba também se tornando um compromisso. Cuidar da própria beleza é afirmado como algo que a leitora “quer” fazer, mas facilmente se converte em mais uma das tarefas que ela “tem” que fazer, mesmo que a ênfase seja na felicidade que os cuidados podem proporcionar.

A associação entre beleza e liberdade também está presente na representação de que cuidar da aparência e cultivar um estilo são modos de se expressar, de agir inventivamente. Um exemplo é o trecho a seguir, sobre maquiagem:

“Você pode escolher quais cores vai usar a partir da cor do seu cabelo, do seu olho, da roupa que está usando. Ou até mesmo usar as três cores no rosto, sem medo. O que vale é criar um mix de cores inesperado e que funcione ao seu favor” (*TPM*, fevereiro de 2012, p. 101).

São muitas as opções de escolha, embora não haja a escolha de não usar maquiagem.

O consumo é representado como um grande aliado da beleza. São oferecidos diversos produtos para auxiliarem em cada detalhe na busca pelo corpo e pela aparência dos sonhos. Além disso, consumir é colocado como fundamental na construção do próprio estilo e da própria identidade. É transmitido que meninas e mulheres têm liberdade para escolherem quem desejam ser, e, a partir daí, expressarem a própria personalidade com roupas, perfumes, cores de maquiagem, acessórios. A mensagem é que, cuidando da aparência, tornam-se originais e autênticas, podem ser quem realmente são. Por isso, fazer compras é significado como um dos maiores prazeres femininos. Voltar para a casa cheia de sacolas depois de uma tarde no shopping é representado como uma forma de se aliviar das tensões do dia-a-dia, relaxar, se divertir, se inspirar, despertar a motivação e a autoconfiança. **“O mundo é um shopping”**, diz o *MÍDIA KIT* da revista *Nova*, representação que também está presente na revista:

“Você adora fazer compras (como toda mulher de NOVA). (...) Escorregar de vez em quando e acabar saindo do shopping com o dobro de sacolas do que planejava não é crime. Na verdade, pode ser muito saudável- desde que não faça dívidas quilométricas ou acabe acumulando roupas demais no armário. Você também tem o direito de querer se reinventar às vezes... E, se for na medida certa, a mudança será para melhor!” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 141).

Assim como as compras, as horas dedicadas antes de cada evento para se arrumar, para escolher a roupa, os sapatos, os acessórios, a maquiagem (a composição do “look”) são representadas como momentos animados, divertidos e inspiradores. A associação entre cuidar da beleza e diversão pode ser notada nas diversas matérias sobre indicações para contextos de lazer, como festas, baladas e para o Carnaval:

“Brilhe na folia! Pode jogar confete quem não espera ansiosa pelo Carnaval! Aproveite a festa para abusar do olho colorido com glitter e dos acessórios de cabelo” (*CAPRICHOS*, fevereiro de 2012, p. 8);

“Brilhe! Carnaval é o momento de abusar do glamour, por isso escolhemos produtos com muito brilho para você se jogar na folia com estilo!” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 58);

“Make para brilhar! Fevereiro é tempo de festa e alegria, ou seja, uma boa época para tirar a maquiagem da rotina! Para ajudá-la nessa missão, a Atrê

reuniu dicas para acertar a mão no make com brilho seja você loira, morena, ruiva ou oriental” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 54);

“Folia fashion. Tire o shortinho do armário, abuse das cores e dos brilhos, vista um calçado confortável e bora pra avenida!” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 60);

“Quer virar a diva do carnaval? Aposte em makes e roupas criativas!” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 80);

“Entre no clima do Carnaval, experimente estes produtos que são a cara dos dias de festa e caia na folia” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 26);

“De look novo na balada” (*CAPRICHOS*, fevereiro de 2012, p. 58);

“Para ir à balada, brilhe com dourado ou tons escuros.” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 36);

“O make é tudo para arrasar na balada!” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 28).

Os exemplos da beleza como divertida foram identificados, principalmente, nas revistas para adolescentes. No “*Caderno Capricho da Garota Brasileira*” essa associação foi descrita como típica das adolescentes atualmente:

“O pré balada às vezes é mais divertido que a própria festa. Elas AMAM se reunir na casa de uma amiga da turma para se arrumar e tirar fotos (...). Elas experimentam e trocam entre si roupas, sapatos, acessórios e make. Aliás, muitas vezes essa já é a própria balada” (*CADERNO CAPRICHOS DA GAROTA BRASILEIRA*, 2013, p. 9).

Se arrumar é tão ou mais prazeroso que a situação para a qual as garotas se arrumam. Esta ênfase no tempo dedicado para se produzir e a associação entre a diversão em se produzir e a adolescência também estão presentes na revista *Nova*, na matéria “**Dez situações em que você não precisa bancar a adulta**”:

“Na noite de sábado, quando ligar mil vezes para as amigas antes de decidir o que vai vestir na balada. Muitas cabeças pensam melhor do que uma!” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 146).

É importante estar bonita e arrumada em todas as ocasiões, inclusive na escola. Acordar antes do horário para poder se arrumar é um hábito aprendido desde cedo:

“Giovanna Ewbank tem mais de 15 vidros de xampu no banheiro- e jura que usa todos, um em cada dia. (...) Fixação que começou na adolescência, quando

acordava uma hora antes de ir ao colégio para fazer escova, e que se intensificou desde que aderiu ao loiro” (*TPM*, fevereiro de 2012, p. 86).

As revistas adolescentes contribuem para esta aprendizagem da vaidade como indispensável:

“Sempre linda!

Mesmo na escola, é legal estar bem-arrumada, né? Se você não tem o hábito ainda, que tal montar um *necessaire* pequeno, mas precioso? Opte por miniaturas de produtos pra viagem como desodorante, protetor solar, absorvente e batom. Se sua escola exige uniforme, turbine os looks com acessórios. Uma biju divertida, um tênis ou sapatilha que seja sua cara, bolsa ou mochila fofa... Tudo serve pra dar mais personalidade ao look!” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 55).

A tecnologia também é representada como útil para o imperativo de estar sempre bela, como na matéria “10 aplicativos tem-que ter” da revista *Todateen*:

“Quer retocar a maquiagem, mas não tem nenhum espelho por perto? Este app transforma seu smartphone em um espelho para você checar o visual em qualquer lugar” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 37).

Ser feminina é ser vaidosa, ser vaidosa é prazeroso e divertido, a dedicação para a aparência não está relacionada à imposição de padrões, expectativas e pressões sociais, mas sim, aos desejos mais íntimos das leitoras, à vontade de cuidarem de si mesmas como expressão do amor próprio, da auto-confiança e da autoestima.

7.4. Os cuidados com a beleza e com o corpo e o olhar masculino

Além de ser colocado como indissociável do amor a si mesma, cuidar do corpo e da beleza é representado como indispensável para poder ser amada, para poder conquistar, agradar, atrair, seduzir, despertar e manter o desejo masculino (já que, além de colocadas como “naturalmente” vaidosas, as mulheres seriam “naturalmente” heterossexuais e estariam, “naturalmente”, em busca de agradar os possíveis parceiros). É comum a realização de entrevistas com garotos e homens sobre seus interesses, desejos e preferências, entrevistas que confirmam a mensagem transmitida pelas revistas: ser bonita, bem-vestida e com o corpo em forma é fundamental.

“A menina chama minha atenção quando é simpática e vaidosa, do tipo que vai arrumada ao colégio!” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 51);

“Quer otimizar seu tempo e agradar o paquera? Use um vestido. A peça preferida de 64,3% dos homens, é feminina na medida e pode somar sensualidade ou romantismo ao seu visual” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 81).

Nas matérias com conselhos e prescrições para a paquera como o “Mapa da conquista”, da revista *Nova*, e o “Manual da Ficada Perfeita”, da *Todateen*, os cuidados com a aparência são também enfatizados como importantes:

“Look perfeito. Por incrível que pareça, a escolha da roupa é o item mais decisivo. Embora os homens adorem fingir que não ligam para esse tipo de coisa, um visual faça-parte-do-seu-mundo arrebatava corações” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 127);

“(…) Escolha um perfume bem gostoso e dê preferência um que você já esteja acostumada a usar. (...) escolha o look que tenha a ver com o seu estilo. Lembre-se também de se vestir de acordo com a ocasião. Se vocês vão se encontrar em uma festa, vale apostar em um vestido bapho. Mas se a ficada for no shopping, um jeans e uma blusinha são suficientes. Invista nos acessórios. (...) O Make. Use pouco: blush leve, máscara para cílios e pronto! Se você já está mais familiarizada com a maquiagem, pode caprichar um pouco mais. Cuidado com o exagero! Meninos, geralmente, não gostam de muita maquiagem. Por isso, pegue leve. Se quiser um make mais elaborado, prefira destacar os olhos. Nem você nem ele querem ficar borrados de batom na hora do beijo, certo? ;)” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 80).

Para ser desejável, a aparência é colocada como um aspecto fundamental, como se não fosse possível despertar interesse e atenção sem o investimento na beleza.

7.5. Transmissão dos cuidados com a beleza e com o corpo como fundamentais para a autoestima

Ser atraente é colocado como sinônimo de ter autoestima, e vice-versa. Essa associação pode ser notada no trecho a seguir, na matéria “**Mais Sexy em Instantes**”, da revista *Boa Forma*:

“Quer uma injeção instantânea de autoestima? Coloque um batom vermelho, faça as unhas ou deixe o colo à mostra. De acordo com uma pesquisa britânica com 2 mil mulheres, essas atitudes são tiro e queda para inflar o amor-

próprio e fazer você se sentir poderosa no ato. Confira o que mais entra na lista do que as garotas fazem para se amar e faça o teste!” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 57).

Assim como cuidar da beleza é associado a ser sexy, é também vinculado ao amor próprio. É importante problematizar os significados atribuídos a termos como “*autoestima*”, já que não são considerados outros aspectos da vida da leitora, como interesses e atividades pessoais, sociais e profissionais que também possam fazer com que ela se sinta bem consigo mesma, apenas os cuidados com a beleza. Se a leitora tem “*amor próprio*” é porque ela cumpre os itens da seguinte lista:

“1. Borrifar seu perfume favorito; 2. Sorrir; 3. Mudar a cor ou alisar o cabelo; 4. Usar um sutiã que valorize os seios; 5. Mostrar as pernas num vestido ou minissaia; 6. Fazer ginástica; 7. Tomar um banho de banheira demorado; 8. Passar bastante rímel” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 57).

A associação entre beleza e sensualidade como motivadora para que as prescrições sejam seguidas também está presente no trecho a seguir, da revista *Nova*:

“Que fechar a boca, malhar e suar muito faz bem à saúde, emagrece e aumenta a energia todo mundo já sabe. Mas saiba que além de proteger a sua saúde deixam você linda, gostosa e muuuito sexy!” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 72).

Os cuidados com o corpo e com a aparência também são diretamente relacionados com o amor próprio pelo discurso de outras revistas, que recomendam o uso de maquiagem, a prática de exercícios físicos e a realização de dietas para melhorar a autoestima:

“Você usa aparelho fixo e, por isso, odeia seu sorriso. Então que tal apostar em uma maquiagem que valoriza os olhos? Destacar seus pontos fortes é o melhor jeito de dar um upgrade na autoestima.” (*CAPRICHOS*, fevereiro de 2012, p. 31, grifo nosso);

“Nunca é tarde para começar (...) vamos mostrar que, independentemente do motivo que a fez dar um tempo nos exercícios, dá para resgatar o ânimo, a força de vontade e- o melhor- seu corpo e sua autoestima” (*WOMEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 6, grifo nosso);

“As mulheres estão e rendendo para valer às aulas de lutas e artes marciais na academia. Benefícios não faltam: além de menos gordura e músculos definidos, alívio do stress, sexo mais gostoso e uma força para a autoestima”

(*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 98, grifo nosso);

“Autoestima, saúde e bom humor são as conquistas que Alessandra Souto somou com atividade física e reeducação alimentar” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 40, grifo nosso).

A “*autoestima*” é colocada praticamente como sinônimo de cuidado com o corpo e com a beleza. É alimentada assim a representação de que meninas e mulheres que não se empenham em sempre melhorar a aparência e buscar o corpo em forma não têm amor próprio, são desleixadas, inseguras, com dificuldades em acreditar em si mesmas, o que facilita que se sintam deprimidas, solitárias e rejeitadas. Diante desse quadro de “baixa autoestima” as revistas se posicionam como motivadoras, assumindo a função didática de ensinar como solucionar essas questões, principalmente a partir de mais e mais conselhos sobre beleza. Um exemplo é a matéria “**Eu me acho feia**”, da revista *Capricho*, em que, diante do depoimento de uma leitora sobre se sentir infeliz com a própria aparência, os conselhos dados são:

“Amar-se acima de tudo. Só quando a gente se valoriza é que nosso brilho aparece- fazendo com que os outros notem o que temos de melhor.

(...) Antes de tudo, você precisa se amar e se aceitar. Caso contrário, nem uma cirurgia plástica pode dar fim a essa insegurança toda. Além disso, você não precisa de uma mesa de cirurgia para se sentir mais bonita. Acredite, pequenos truques de maquiagem podem dar uma forcinha. É possível suavizar os traços do nariz e desviar a atenção deles para outros pontos do seu rosto como a boca ou os olhos” (*CAPRICH*O, fevereiro de 2012, p. 31).

Ao mesmo tempo em que a revista afirma que a cirurgia plástica não resolverá a questão da leitora não se sentir bem consigo mesma, evocando o argumento da autoaceitação, os padrões vigentes de beleza, ao invés de questionados e problematizados, são mais uma vez reforçados, com a recomendação de que sejam usados truques de maquiagem para que a adolescente se adeque ao que é considerado bonito. A solução não é refletir sobre a imposição de ter um nariz dentro dos padrões, e sim, aprender mais sobre maquiagem.

A ênfase na autoestima é uma forma de individualizar a questão, de negligenciar a força e o peso repressivos dos padrões e reduzir o conflito sentido à responsabilidade de cada garota de amar-se, de cuidar-se, de dedicar-se aos mais diversos esforços e investimentos para corresponder ao que é esperado em nome do “amor próprio”:

“Você não precisa conviver com algo que detesta no seu corpo. Está se

achando gordinha? Peça para sua mãe marcar um nutricionista. Orelhas de abano? O penteado certo pode escondê-las. Só certifique-se que está mudando porque quer, e não para agradar alguém ou se encaixar em um padrão” (*CAPRICHOS*, fevereiro de 2012, p. 31).

É reforçada a representação de que é preciso ter cuidados com o corpo e com a beleza não porque há a imposição de padrões, mas sim, porque esses cuidados significam que a garota ama a si mesma e quer mudar, sendo aconselhada a “*certificar-se*” que não está agindo para agradar, mas sim, porque é o que deseja.

Na seção “*nodivã*” da revista *Boa Forma*, um psicoterapeuta é consultado para responder a carta de uma leitora que tem dificuldades para emagrecer e já desenvolveu problemas emocionais por isso, como ansiedade, depressão e síndrome do pânico. O sofrimento vivido pela leitora diante da busca por emagrecer pode ser identificado no trecho:

“Desde pequena, luto contra o excesso de peso. Aos 7 anos, fiz a minha primeira dieta e nunca mais parei. Agora, aos 27 anos, saí de mais um regime maluco e estou com 60 quilos- perfeitos para a minha altura (1,71 metros)... Mas, sempre que emagreço, sei que vou engordar tudo de novo. Da última vez que cheguei aos 80 quilos, fiquei deprimida e ainda mais ansiosa do que já sou. Tive depressão e síndrome de pânico- problemas agravados pelas anfetaminas que tomei por conta própria. Não saía de casa e deixei de namorar” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 62).

Na resposta dada pelo psicoterapeuta, em nenhum momento é discutida e problematizada a centralidade que emagrecer tem para a vida da leitora, mesmo que o medo de engordar tenha desencadeado comportamentos destrutivos como regimes excessivos, uso de anfetaminas, problemas emocionais e diminuição do interesse por atividades como sair e namorar. Ao contrário, o medo é reforçado e o emagrecimento é enfatizado como fonte de felicidade e prazer:

“Vamos começar pela solução! (...) aproveite o prazer de entrar em um jeans mais justo, de se sentir bonita e disposta” (*Boa Forma*, fevereiro de 2012, p. 62).

O título da matéria é “**Acredite mais em você!**”. Como solução para as questões trazidas, é apontada a importância de se valorizar:

“Você acabou de enfrentar uma dieta e saiu vencedora. (...) Dizer que vai voltar a engordar é uma forma de autodepreciação que você não merece”

(*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 62).

É proposto que ela continue investindo no emagrecimento, adotando medidas que possam contribuir para essa meta:

“Em vez de gastar sua energia pensando nisso use-a para caminhar ou para fazer outra atividade física- exercício é indispensável para queimar calorias e manter a forma. Também funciona como um excelente remédio para amenizar a ansiedade e a depressão, além de ajudar a tirar o foco da comida e dos problemas em casa ou no trabalho. Mais ainda: quando você se exercita, tende a melhorar a alimentação, passando a priorizar comidas mais nutritivas e menos calóricas” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 62).

Os exercícios são colocados como solução para tudo: para a preocupação que ela está sentindo, para sensações negativas, para a vontade de comer, para a possibilidade de voltar a engordar e mesmo para problemas em casa e no trabalho, já que são como “um excelente remédio para amenizar a ansiedade e a depressão”. Pensar sobre a questão é contraindicado como um gasto de energia. É preciso ignorar problemas, tensões e conflitos e focar-se no controle da alimentação:

“Você tem que vigiar um pouco mais o tamanho do prato e, aos poucos, achar a medida certa para o seu organismo, sem ter que se submeter a mais uma dieta maluca, muito menos apelar para os inibidores de apetite. Mas lembre-se: para que tudo isso aconteça, é essencial ter uma postura mais positiva de si mesma. Você pode! E repito: o momento é agora. Um abraço, Tommaso” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 62).

A questão colocada pela leitora sobre o sofrimento trazido pela intensa preocupação com o emagrecimento é respondida de forma a enfatizar justamente a importância do emagrecimento. Os excessos cometidos e os comportamentos destrutivos são abordados com o apontamento de que serão resolvidos com “*uma postura mais positiva de si mesma*”, diretamente associada à capacidade de “*vigiar o tamanho do prato*”.

Nesse exemplo é possível identificar como emagrecer é colocado como uma condição necessária para que a leitora possa se sentir bem, satisfeita e feliz. Essa associação também pode ser identificada na resposta dada para uma leitora na seção “**menos calorias**”, no quadro “Fale com a Lucília Diniz”. Lucília Diniz é uma mulher que emagreceu 61 quilos sem cirurgia e oferece conselhos sobre a perda de peso. A pergunta e a resposta estão a seguir:

“Engordei e as roupas não me caem bem. Até perdi a vontade de sair. O que faço para esconder as gordurinhas?”

Usar roupa preta e evitar listras horizontais são truques que disfarçam os excessos na cintura e nos quadris. Mas não é dessa maneira que você vai se sentir feliz, pois as gordurinhas vão continuar ali ameaçando sua autoestima e sua saúde. Por outro lado, ficar em casa aumenta o risco de você devorar uma barra inteira de chocolate sentada em frente à televisão e piorar a situação. Portanto, não deixe de sair para encontrar os amigos, conhecer pessoas interessantes, dançar, se distrair. Tudo isso funciona como incentivo para você entender e mudar o que há de errado com suas emoções. Também vai querer colocar em prática hábitos que contribuem para um visual mais enxuto como fazer exercícios e escolher melhor os alimentos. Assim que os efeitos positivos começarem a aparecer, pode apostar: a vontade de se esconder vai dar lugar ao desejo de se mostrar para o mundo. Mesmo que ainda estejam sobrando alguns quilinhos e você precise disfarçá-los na hora de se vestir. Pelo menos vai ser apenas uma questão de tempo” (BOA FORMA, fevereiro de 2012, p. 41).

A sociabilidade é diretamente atrelada ao imperativo de ser bonita e magra, o que pode ser evidenciado pelo trecho:

“Ficar em casa aumenta o risco de você devorar uma barra inteira de chocolate em frente a televisão e piorar a situação. Portanto, não deixe de sair para encontrar os amigos, conhecer as pessoas, dançar, se distrair” (BOA FORMA, fevereiro de 2012, p. 41).

O incentivo para que ela saia não se dá pelos aspectos prazerosos possíveis ao sair, mas por ser uma forma para não engordar mais. Emagrecer é a prioridade, a centralidade das preocupações. No trecho a seguir também é possível notar como ser feliz é colocado como sinônimo de ser magra, que também é compreendido como equivalente a ter saúde e autoestima:

“não é dessa maneira (usando roupas para disfarçar) que você vai se sentir feliz, pois as gordurinhas vão continuar ali, ameaçando sua autoestima e sua saúde” (BOA FORMA, fevereiro de 2012, p. 41).

As “gordurinhas” são uma ameaça para a felicidade. Controlar a alimentação e fazer exercícios são estratégias que tornarão possível aproveitar as situações sociais, já que para sair com os amigos é preciso ter o corpo adequado para “se mostrar para o

mundo”, e o fato de ter engordado justifica “*a vontade de se esconder*”. Diante da afirmação da leitora que, por ter engordado, perdeu a vontade de sair, não é problematizada a associação entre precisar ser magra para sentir interesse e desejo de se divertir, o que evidencia a representação de que para ser feliz e sentir prazer a mulher deve ter o corpo de acordo com os padrões.

Como discute Jacqueline Martins (2006), muito mais do que uma preocupação em relação à saúde, o controle alimentar e a prática de exercícios são estimulados como questões de estética e aceitação social, de forma que ser magra é colocado como sinônimo de ser bem-recebida, ter uma boa convivência e integração com diferentes pessoas em diferentes espaços. Esta associação entre ser bonita e ser aceita também está presente na resposta a seguir, dada na seção “Pergunte ao amigo gay”, da revista *Women’s Health*:

“Não tenho amigos. Onde estou errando?”

Provavelmente em tudo. Não a conheço nem vi sua foto, mas sua breve cartinha me faz suspeitar que você seja feia, malvestida, chata e desinteressante. Ou talvez seja algo ainda pior: você não tem nenhuma das “qualidades” citadas acima, mas acha que as tem. A verdadeira questão? Sua autoestima é baixa. Você não aceita a si mesma, seja lá qual for o motivo. E isso é fatal. Ninguém vai gostar da gente se a gente mesmo não se gostar. (...) Um novo corte de cabelo, um banho de loja ou até mesmo um bom livro de autoajuda podem fazer milagres”(*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 96).

A partir de uma ironia depreciativa, não ter amigos é explicado pela possibilidade da mulher ser “*feia, malvestida, chata e desinteressante*” ou por se sentir assim, por falta de “*autoestima*”. Mais uma vez o cuidado com a aparência é colocado como solução, com a recomendação de que, para melhorar a autoestima e ter amigos, a leitora corte o cabelo e faça compras.

7.6. Uso de uma linguagem culpabilizante na abordagem sobre a beleza e o corpo

Para ser feliz e cultivar o amor por si mesma é preciso praticar exercícios, controlar a dieta e investir em cosméticos, maquiagens e roupas. Quebrar essas regras e não corresponder a esses padrões é colocado como motivo de culpa, ou mesmo de desespero e “pânico”:

“Finde tentação. (...) Um pânico assombra as noites de domingo de muitas mulheres- e ele não tem nada a ver com a volta ao trabalho no dia seguinte.

O drama vem do peso na consciência depois de dias regados a deliciosos pecados gastronômicos. Não bastasse a culpa martelando na nossa cabeça, a boca livre da sexta, do sábado e do domingo pode somar até 1,5 k na silhueta” (*WOMEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 47).

A evocação da culpa para afirmar a importância de emagrecer está presente também na revista *Boa Forma*: “**Neste verão, elimine os quilinhos a mais do seu corpo e da sua consciência**” (p. 50).

O uso de termos como “*tentação*”, “*pecado*” e “*peso na consciência*” remete a um vocabulário religioso. Naomi Wolf (1992) discute sobre as semelhanças entre os discursos da beleza e das dietas e os discursos da religião:

Os Ritos da Beleza suplantam praticamente todas as proibições judaico-cristãs com relação ao apetite sexual através de um tabu equivalente com relação ao apetite oral. Todo o drama do desejo, da tentação, da capitulação, do pavor de que “*apareça*”, dos esforços desesperados de eliminar as “*provas*” do corpo e em última análise de ódio a si mesma pode ser imaginado quase sem alterações (WOLF, 1992, p. 72-73).

Wolf (1992) afirma que a preocupação com a beleza que permeia a vida das mulheres sustenta rigorosos rituais e um poderoso sistema de crenças que são ensinados desde a infância. A cultura atual condena o apetite e os comportamentos alimentares das mulheres como a cultura vitoriana condenava o desejo e as práticas sexuais. O valor religioso antes atribuído à virgindade agora é atribuído ao controle da alimentação e do peso. Quando o sexo deixou de ser motivo para condenações e castigos é com relação a engordar e envelhecer que se estabelecem os mais fortes medos, vergonha e culpa. Ao invés de se rezar o terço, contam-se calorias. As mulheres são encarregadas de uma minuciosa monitoração de si mesmas. Assim como com a virgindade, as pressões para que as mulheres sejam magras e belas é muito mais forte do que a cobrança dirigida aos homens. Beatriz Albino e Alexandre Vaz (2008) descrevem as revistas femininas como “*cartilhas evangelizadoras para a religião do fitness*” (p. 33), que transmitem uma incisiva pedagogia do corpo, com a configuração de um “*dever ser*” feminino.

7.7. Uso de uma linguagem bélica na abordagem sobre a beleza e o corpo

Nas revistas femininas, a importância dada à beleza incita uma verdadeira “*guerra*” contra os defeitos colocados como indesejáveis. “*Briga*”, “*combate*”, “*batalha*”, “*ataque*”, são alguns exemplos do vocabulário bélico utilizado para descrever os procedimentos de transformação do corpo:

“Se na **briga** com a balança, com o tempo e com o clima, eles andam levando a melhor, aqui vai uma boa notícia: Você não precisa passar fome, se entupir de cremes ou morar na academia para ficar linda. Quer vencer essa **batalha** de uma vez por todas? Dê um pulinho no supermercado. Quer acabar com o seu problema de beleza mais chatinho? Vá as compras.” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 72, grifos nossos);

“Após ultrapassarem a barreira dos 20 ou 30 anos, as mulheres não **lutam** apenas contra as ruguinhas. Estudos- e rostos- mostram que as espinhas nunca incomodaram tanto essa faixa etária.” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 59, grifos nossos).

“Acompanhamos de pertinho a rotina de três leitoras, cada uma com queixas diferentes- tipo dúvidas de make, espinhas demais e cabelo volumoso. Quer saber como a nossa **patrulha** resolveu isso?” (*CAPRICHOS*, fevereiro de 2012, p. 39, grifo nosso).

Os conselhos sobre como cuidar da pele, do cabelo, da maquiagem, da alimentação, são apresentados como estratégias de combate.

7.8. Conselhos sobre alimentação

Na seção “**Nutrição**”, da revista *Nova*, são dados conselhos sobre como melhorar a alimentação montando “**um prato mais colorido**” (p. 77). Além da lista de supermercado, com os alimentos de diferentes cores recomendados (caju, pimentão amarelo, mamão, cereja, kiwi etc.), há também a lista de metas a serem cumpridas: Ter “**pele de bebê**”, ter um cabelo incrível, emagrecer, manter o “**bronze**”, acabar com a acne, dormir bem, fortalecer os músculos, chapar a barriga, rejuvenescer, exterminar a celulite. Cada alimento corresponde a uma meta, o que exemplifica como a comida adquire cada vez mais funções “**medicinais**” e “**cosméticas**”. Comer deixa de ser um hábito cotidiano e passa a ser um procedimento planejado de um minucioso tratamento para a saúde e para a beleza. Como discute Pascal Bruckner (2002, p. 64-65):

A mesa não é mais somente o altar das suculências, um momento de partilha e de trocas, mas também virou um balcão de farmácia onde se pesam, minuciosamente, gorduras e calorias, onde se mastigam com consciência alimentos que passaram a ser agora apenas remédios.

Nos exemplos a seguir também é possível notar a ênfase no cuidado com a alimentação:

“Todo mundo sabe que uma alimentação saudável é responsável por muito mais do que um corpitho bonito. Sabe aquele ditado ‘você é o que você come’? Ele é a mais pura verdade! Então, preste atenção nas dicas sobre alimentação que a Atrê preparou para você” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 90);

“10 aplicativos tem-que-ter. (...) Quer manter a forma e controlar a alimentação de um jeito fácil? Neste app você tem um banco de dados com os valores nutricionais dos alimentos, calorias, proteínas e gorduras. Tudo para você ficar saudável!” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 37);

“Selecionamos conselhos de experts da nutrição para evitar as ciladas que podem colocar a perder todo o esforço da semana. Assim você vai chegar à segunda-feira com a motivação a mil- e sem ter de afrouxar o cinto” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 47).

7.9. Modelos ideais de beleza e corpo e incitação à competitividade

Alcançar o modelo de corpo requer motivação, dedicação, empenho e persistência. Para mostrar como os esforços, sacrifícios e renúncias necessários nessa “guerra” valem a pena, são trazidos exemplos de “vencedoras”, geralmente mulheres famosas, mas também mulheres comuns, para contarem sobre como se tornaram mais felizes, confiantes, satisfeitas e realizadas ao conquistarem a aparência que sonharam:

“Eu consegui! Transformei meu corpo com musculação e dieta” (*BOA FORMA*, fevereiro de 2012, p. 114);

“Nossa leitora superou a depressão e a obesidade com dieta e exercício” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 40);

“Ela [a atriz Flávia Alessandra] pertence àquele grupo seletto de mulheres que não têm celulite! Daria até para sentir raiva, não fosse todo o esforço que ela faz para manter a forma” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 35).

Naomi Wolf (1992) aponta como o discurso sobre a beleza muitas vezes se pauta na imagem da relação entre as mulheres como marcada por competitividade, concorrência e disputa. Olhar para uma mulher com um corpo mais bonito pode despertar inveja, frustração e raiva, como nesse exemplo, sobre a atriz pertencer ao “*grupo seletto*” de mulheres que não têm celulite. Mas logo é evocado o esforço e a leitora é lembrada que, caso deseje pertencer a esse “*grupo seletto*”, deve se empenhar mais. Sobre a rivalidade, Wolf (1992) discute:

O olhar com que mulheres que não se conhecem às vezes se avaliam mutuamente já diz tudo. Um rápido relance da cabeça aos pés, breve e desconfiado, que registra a imagem mas deixa de fora a pessoa. Os sapatos, o tônus muscular, a maquiagem são observados com precisão, mas os olhos se evitam. As mulheres podem apresentar uma tendência ao desagrado quando uma delas tem a aparência “boa” demais ou ao desprezo quando sua aparência é muito “ruim”. (...) as mulheres são treinadas para serem rivais de todas as outras no que diz respeito à “beleza” (WOLF, 1992, p. 124).

Considerações sobre a valorização do cuidado com a beleza e com o corpo como prazer feminino

Despertar inveja em outras mulheres, atrair a atenção e o desejo dos homens, proporcionar a eles prazer sexual, ter uma vida social mais intensa, conquistar mais saúde, mais autoestima e felicidade: são muitos os motivos apontados pelas revistas para que as mulheres cuidem do corpo e da aparência.

Imagine que uma leitora se esforce e se dedique para atender às prescrições dadas por uma das revistas. Consultando a edição da revista *Boa Forma*, ela seguirá o projeto proposto no editorial “*Corpo dos Sonhos*” que fará com que ela fique “*linda da cabeça aos pés*”(p. 10). Aprenderá a usar o delineador do jeito certo (p. 26); aumentará os cílios a partir de um tratamento (p. 26); terá seu rosto renovado com uma máscara (p. 26); passará “*cremes turbinados*” (p. 34) para controlar a oleosidade, reduzir linhas de expressão e combater manchas na pele; encontrará também os cremes corretos para as costas, o colo, os braços, as mãos, a barriga, o bumbum e os pés (p. 72); procurará um médico para saber se sua prótese de seios está com problemas (p.28); renovará o visual com um corte de cabelo mais curto (p. 32); fará em casa cachos usando a chapinha (p. 36); clareará o cabelo com mechas loiras, em um tom que pareça natural; passará por um tratamento para prisão de ventre (p. 106); comerá melancia, melão, salmão, gérmen de trigo e folhas verde-escuras batidas em um suco para amenizar o fotoenvelhecimento (p. 44); comerá aveia, castanhas, grão de bico e arroz integral para evitar dor muscular (p. 44); praticará esportes que trabalham a força e a flexibilidade como ioga gravitacional; praticará esportes de luta para aliviar as tensões, ansiedades e ter uma vida sexual “*a mil*” (p. 88); correrá para ter mais ideias inteligentes e menos estresse (p. 50), andará de bicicleta fora da cidade (p. 118), reservará tempo para uma massagem (p. 58) e para um spa com terapias que utilizem água para cuidar do bem-estar (p. 115). Para emagrecer, passará dois dias comendo apenas proteínas (p. 38); tomará chá verde solúvel (p. 38); escolherá sorvetes com menos calorias para “*refrescar-se sem culpa*” (p. 42); aprenderá

a fazer “*sandubas de verão*” (p. 78); evitará ir ao supermercado com fome (p. 40); fará a dieta da “*barriga chapada*” (p. 88), comprará pesinhos e caneleiras para fazer em casa exercícios durante meia hora por dia (p. 90); praticará o movimento que recebe o nome de “*barriga de tábuas*” (p. 55) e perderá cinco quilos em um mês (p. 10). Finalmente, para se sentir mais sexy, confiante e poderosa, colocará um batom vermelho, passará rímel, fará as unhas, usará minissaia e decote com um sutiã que valoriza os seios e sorrirá (p. 56).

A leitora de *Women’s Health*, ao seguir os conselhos da revista, passará a usar franja para parecer mais jovem e “*disfarçar imperfeições do rosto*” (p. 21); utilizará cremes para ter a pele e os lábios hidratados, camuflar as rugas e garantir brilho ao rosto (p. 24); conquistará um rosto livre de acne (p. 58); fará hidratação no cabelo buscando brilho, maciez e nutrição para os fios (p. 25); experimentará produtos gelados para manter a maquiagem por mais tempo, para diminuir a dor com tratamentos para varizes e vazinhos, para reduzir celulites e para desinchar os olhos (p. 29-30); vestirá roupas vermelhas nos treinos na academia para aumentar a “*confiança, iniciativa e força de vontade*” (p. 31); tonificará o corpo fazendo exercícios com rolo de espuma (p. 33); pulará corda para fortalecer as pernas (p. 36); tomará suplementos alimentares para ganhar massa muscular, energia, resistência, força e perder gordura (p. 38-39); preparará receitas com melancia, melão e molhos light para a salada (p. 42-45); controlará com mais rigor o que ingere, o quanto dorme e as horas das refeições nos finais de semana (p. 47-48); controlará também os horários durante a semana, estabelecendo uma rotina regrada, com estratégias como acordar mais cedo para fazer exercícios e melhorar a qualidade do sono (p. 72-77); rirá mais para diminuir a quantidade de cortisol no organismo (p. 77); cuidará da depilação para não desapontar o parceiro no sexo (p.85) e usará brilho nas unhas, no rosto e no corpo para aproveitar o Carnaval (p. 95).

A leitora de *Nova* fará aulas de dança, para “*desfile linda por aí*” (p. 54), prestará atenção no que veste, para identificar “*a medida da sensualidade*” (p. 28) tornando-se sexy sem se tornar vulgar, aprenderá a roupa certa para parecer “*mais magra, mais alta, mais curvilínea*” (p. 51) e escolherá jeans de acordo com o formato do corpo, a altura e o tamanho do bumbum (p. 44). Para ficar com “*as curvas perfeitas*” (p. 55) fará um tratamento com um ultrassom que produz compressão e rompe as células de gordura (p. 54). Aproveitará a praticidade dos “*home devices*” (p. 55) para fazer tratamento contra a celulite e depilação a laser em casa. Iniciará um tratamento para o cabelo (p. 52); utilizará hidratantes para ter menos rugas e mais luminosidade (p. 58), usará maquiagem para

esconder as olheiras e a pele sem brilho (p. 97) e escolherá batons para transformar os próprios lábios “*na maior atração do verão*” (p. 53). Preparará a lista de supermercado seguindo dicas nutricionais que ajudarão na beleza e na saúde e fará dietas para ter um “*abdômen chapado*” (p. 100).

A leitora de *Tpm* escolherá texturas, comprimentos e estampas para compor “*looks pra lá de femininos*” (p. 74) e incrementará esse look com pulseiras de madeira, marfim, couro e pedras (p. 87), aproveitando para combinar a cor da maquiagem com a roupa, com o cabelo e com a cor da pele (p. 100). Terá cremes anti-idade, anti-estrias, esponjas removedoras de esmalte e esfoliante corporal “*sempre à mão*” (p. 102), e, para renovar-se, utilizará um creme para manter o bronzeado, xampu para remover o cloro, um gloss que hidrata e corretivos coloridos “*para todas as situações*” (p. 103). Escolherá condicionadores para desembaraçar, fortalecer, definir, dar volume e hidratar os cabelos (p. 98) e, para emagrecer, comerá um “*lâmen milagroso*” (p. 44).

A leitora da *Capricho* turbinará o look da balada (p. 58), cuidará da pele e do cabelo “*do jeito certo*” descobrindo os cuidados de beleza que “*fazem a diferença*” (p. 38). Imitando as famosas, fará um novo penteado, com “*fios presos em um bagunçado chique*” (p. 24), colocará franja e mechas coloridas postiças (p. 30) e vestirá roupas de cores vibrantes (p. 46). Também usará camisa de chiffon de um “*jeito descolado*” (p. 52), sapato cap toe, minissaia de paetês, moletom com capuz, tênis com plataforma e meias soquete (p. 55) com acessórios de borboletas, cogumelos, besouros e flores (p. 48) e maquiagem com brilho no Carnaval (p. 28).

A leitora da *Atrevida* mudará radicalmente o visual colorindo os cabelos (p. 48), ousará no make com brilho para “*tirar a maquiagem da rotina*” (p. 54), abusará também do brilho, das cores e do glamour nas roupas (p. 6) e em esmaltes, cosméticos e acessórios para “*se jogar na folia com estilo*” (p. 58), customizará o abadá para “*não passar despercebida na avenida*” (p. 70), montará looks com shorts em diferentes ocasiões como praia e balada (p. 86), usará rasteirinhas para “*encarar o verão com muito estilo*” (p. 88) e bonés para ter “*looks superestilosos*”, aprenderá como ter “*sobrancelha de diva*” (p. 84) e a deixar os cílios “*enormes, volumosos e alongados como os de uma boneca*” (p. 59) e controlará a alimentação para evitar espinhas, tpm, cólica e ter mais energia (p. 90).

A leitora da *Todateen* aprenderá a fazer um “*esfumaçado dark*” para valorizar o olhar e “*arrasar na balada*” (p. 28), testará cores de esmalte e contará calorias com o auxílio de aplicativos do smarphone (p. 38), aprenderá como usar os tons de bases (p. 32), utilizará chá de camomila para as olheiras, tomará banho com esponja vegetal e fará

esfoliação com açúcar (p. 35), experimentará um creme depilatório (p. 32), utilizará tons de verde em roupas e acessórios (p. 30), usará estampas de borboleta e chapéu para proteger-se do sol (p. 38), dará uma “*cara mais rocker*” para o visual aplicando tachas no short jeans (p. 39) e aprenderá também como dar um “*toque fashion*” ao uniforme escolar (p. 55).

A seleção de trechos breves de cada revista deu origem a uma lista extensa, o que pode ilustrar a enorme quantidade de mensagens sobre corpo, moda e beleza dirigida a garotas e mulheres todos os meses. São muitas matérias, muitas imagens, muitos conselhos, que ocupam a maior parte do espaço das revistas, o que transmite a ideia de que a beleza também deve ocupar um grande espaço na vida feminina.

A construção do que é ser mulher se associa a um contínuo cuidado com a beleza, a partir de um padrão bastante homogêneo e estereotipado que equivale ser bonita a ser magra, cuidar da pele, dos cabelos, de diversas características do corpo com os produtos recomendados e usar roupas e acessórios de acordo com as tendências postas. A busca por se sentir bem com a própria imagem não diz respeito às singularidades, às múltiplas e plurais características das diferentes meninas e mulheres, mas à expectativa de corresponder a um modelo bastante uniforme que se revela inalcançável, embora diversos procedimentos e produtos a serem consumidos sejam repetidamente recomendados a partir da afirmação de que através do esforço pessoal e da contínua dedicação e investimento é possível corresponder a ele.

Quanto mais impossível for sentir-se de acordo com o padrão imposto, mais é alimentada a sensação de insuficiência, a crença de que há algo errado com a leitora que não está se dedicando, se esforçando o bastante. Desta forma, é colocado que, se o padrão não é alcançado, a falha está no que a leitora está fazendo ou deixando de fazer, o que limita a possibilidade de que as garotas e as mulheres reconheçam e questionem que o problema está nos modelos estabelecidos, e não nelas mesmas.

Os cuidados com a beleza podem ser prazerosos para muitas mulheres, mas é importante problematizar como eles são representados como a principal forma de prazer feminino ou como a principal forma para tornar possível sentir prazer. Feminilidade e vaidade são colocadas em uma relação de equivalência, o que negligencia as múltiplas formas de ser mulher, de buscar prazer, de buscar se sentir bem consigo mesma. A reflexão crítica revela-se importante para que possa ser construída a compreensão de que corresponder aos (inalcançáveis) padrões normativos de beleza não é uma condição indispensável para que meninas e mulheres possam se sentir felizes, satisfeitas consigo

mesmas e com a própria vida, nem para desejarem e se sentirem desejadas.

Nas revistas femininas, autoestima, autoconfiança, amor próprio, satisfação, felicidade, prazer e realização pessoal, amorosa, sexual, social e profissional são elementos associados diretamente ao ideal de beleza e corpo. Aquelas que não correspondem ao ideal (por não conseguirem ou mesmo por não desejarem tentar) são alertadas sobre os riscos de terem menos oportunidade, valor e reconhecimento em diversas áreas da vida: poderão sofrer bullying na escola, terão obstáculos em fazer amizades, terão menos chances de passar em uma entrevista de emprego, receberão críticas e cobranças da família, não serão atraentes e seguras o suficiente para conquistar um namorado e a vergonha do próprio corpo atrapalhará o prazer sexual. São apontadas muitas dificuldades, mas essas não são relacionadas aos padrões e à forma repressiva como são transmitidos, incorporados e reforçados, mas sim, à falta de “autoestima” e “amor próprio”, algo que é causado e deve ser solucionado no nível individual. As sensações de inferioridade, insuficiência, culpa e vergonha são alimentadas. Aqui podemos identificar como atua a repressão às avessas: os modelos de beleza e corpo são representados como algo com que todas as adolescentes e mulheres sonham, como um intenso desejo, e não como modelos restritivos e impositivos. Cabe então ressaltar a importância da discussão sobre os padrões de gênero e sobre a associação repressiva entre feminilidade- vaidade- prazer em grupos de educação sexual, espaços nos quais a reflexão crítica pode, se não romper e desconstruir os padrões, ao menos abrir algumas brechas e suscitar algumas mudanças.

Capítulo 8-
Valorização do Relacionamento Amoroso
Como Prazer Feminino

8.1. Idealização do amor

Nas revistas femininas, os relacionamentos amorosos são abordados com frequência, o amor é representado como fonte de prazer e como elemento fundamental para a realização, a felicidade, a satisfação e a completude. O trecho a seguir, extraído de uma entrevista na revista *Tpm*, pode ilustrar essa idealização:

“Acha possível as mulheres se sentirem 100% satisfeitas?”

A gente sempre tenta melhorar uma coisa aqui, outra ali. Mas quando estou com meu marido, só nós dois, pode nascer uma espinha enorme na ponta do meu nariz, que não tem absolutamente nada que eu queira mudar. Então, naquele momento eu posso dizer que é possível sim me sentir 100% satisfeita” (*TPM*, fevereiro de 2012, p. 96).

Nessa resposta é possível notar como o par, o casal, o mundo a dois, é situado como possibilidade de distanciamento do mundo e das preocupações: “*quando estou com meu marido (...) não tem absolutamente nada que eu queira mudar*”. Ainda que a revista *Tpm* tenha como proposta editorial se contrapor aos modelos predominantes de feminilidade, neste trecho há tanto a valorização do ideal amoroso quanto da aparência como questões centrais, já que a possibilidade de esquecer os problemas momentaneamente é atrelada a “ameaça” de nascer uma espinha na ponta do nariz. A entrevistada é uma atriz, casada com um ator. Os pares famosos como modelos exemplares de romantismo também estão presentes em outras revistas analisadas:

“QUANDO O AMOR ACONTECE. Flávia me falava do que gosta em um homem (“Sexy é ser cavalheiro, seja em que século for!”) quando o celular toca. Era Otaviano. “Olha um exemplo de um homem desse ligando!”, disse. A atriz atende o telefone: “Oi, love”. (...) A gente combina em tudo- por isso fica mais gostoso e mais natural. Curtimos as mesmas bandas, as mesmas pessoas e até fazemos as mesmas piadinhas nas mesmas horas. É até ridículo [risos]” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 34);

“Emma e Andrew Garfield se conheceram e se apaixonaram nas filmagens de *O Espetacular Homem-Aranha*. (...) Que romântico! A gatinha é superdiscreta quando o assunto é sua vida pessoal, mas ela não cansa de dizer que Andrew é um dos atores mais talentosos com quem ela já trabalhou. Não é o casal mais fofo #ever?” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 82);

“O lance de Selena e Justin parece coisa de cinema, tipo aqueles filmes em que o casal até passa por altos e baixos, mas sempre acaba juntinho” (TODATEEN, fevereiro de 2012, p. 68);

“Manu e Chay: é namoro? Os boatos de que Manu Gavassi e Chay Suede estavam juntos começaram em novembro de 2011 (...) Agora, eles são vistos toda hora juntos. (...) ‘Eles se falam toda hora e se dão muito bem. Eles são carinhosos e preocupados um com o outro’, contou o amigo. Ele não confirmou se o casal está namorando oficialmente mas garantiu: ‘Eles estão apaixonados’. Vamos colocar uma hashtag para eles ficarem juntos no TT do Twitter?” (CAPRICHIO, fevereiro de 2012, p. 14).

Nesses trechos é possível perceber a valorização do namoro, como um relacionamento estável, romântico, repleto de carinho, companheirismo e complementariedade: *“a gente combina em tudo”*; *“Eles se falam toda hora e se dão muito bem. Eles são carinhosos e preocupados um com o outro”*; *“que romântico! (...) não é o casal mais fofo #ever?”*; *“parece coisa de cinema”*; *“o casal (...) sempre acaba juntinho”*. Além de modelos de casais, os famosos são colocados como modelos de parceiros perfeitos:

“Romântico e apaixonado por lasanha, o BBB Jonas(...) faz o estilo príncipe encantado- é próximo da mãe, gosta de manter seu quarto arrumado e sabe cozinhar! O maior sonho dele? Casar, ter filhos e uma casa na praia para viver ao lado da família. É ou não é o namorado perfeito?!” (CAPRICHIO, fevereiro de 2012, p. 18-19).

O par romântico, o *“príncipe encantado”*, o *“namorado perfeito”*, o *“homem da sua vida”*, são idealizações frequentemente evocadas pelas revistas femininas, tanto adolescentes quanto adultas.

8.2. Regras e prescrições sobre como buscar o relacionamento idealizado a partir da centralidade dada à aprovação masculina

A valorização do amor como um prazer feminino é associada à busca pelo “parceiro dos sonhos”, e essa busca é pautada por uma lógica em que cabe às meninas e mulheres a dedicação para agradar o olhar masculino, a preocupação em ser e agir de modo a corresponder às expectativas e desejos dos possíveis parceiros. As relações idealizadas são sempre representadas como heterossexuais e é ressaltada a importância do esforço feminino para despertar boas impressões:

“Você nunca sabe em eu plataforma vai trombar com o homem da sua vida- ou com o gato por quem vale a pena perder o trem. Então é bom estar sempre com o bilhete da paquera em mãos. Descubra como ter passe livre para flertar quando (e onde) quiser!” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 127).

Estar “*sempre com o bilhete da paquera em mãos*” corresponde à necessidade da contínua disponibilidade das mulheres para buscar um parceiro e, nessa busca, seguirem todas as recomendações sobre que cuidados são necessários para aumentar as chances de atrai-lo caso o encontre.

Esta matéria da revista *Nova* tem como título “**Mapa da Conquista**” (p. 127). A palavra “*mapa*” expressa a compreensão de que há direções certas a serem seguidas, cabendo à revista orientar quais caminhos devem ser percorridos. Para isso, são dadas instruções minuciosas sobre como paquerar em diferentes lugares: festas, bares, restaurantes, baladas, shows, trabalho e carnaval.

Os contextos de lazer e diversão são diretamente associados à valorização da conquista e ao reforço de preocupações que vão desde a escolha do lugar, a seleção da roupa, dos acessórios, do perfume, entre outros cuidados com a aparência; até a forma de se comportar antes, durante e depois das situações sociais. São dadas orientações sobre como se aproximar, como ser bem humorada, como chamar a atenção, como começar um assunto, como acertar no tom de voz, como usar comunicação não verbal... Até mesmo a forma de olhar é ensinada e prescrita, o que pode ser notado no conselho abaixo:

“Olhos nos olhos

A técnica é tão antiga quanto a paquera, mas muitas mulheres ainda não sabem segurar o olhar- ou exageram e fazem com que o gato pense que são psicóticas ou só dão olhadas de relance. Para não errar, siga a regra dos três olhares. Primeiro: olhe para ele, espere que ele olhe de volta e desvie. Depois: olhe para ele, segure o olhar durante um segundo, meça-o de cima a baixo, encare-o novamente durante uma fração de segundo e olhe para o lado. Terceiro: na última olha, dê um sorriso assim que seus olhos se cruzarem. É quase infalível!” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 130).

Esse conjunto detalhado de instruções ilustra como nenhum elemento escapa da normatização. A revista se colocada na posição de autoridade, dotada da competência de ensinar as leitoras sobre cada mínimo movimento, com um tom disciplinador para que não haja erros nem exageros, alimentando a demanda um autocontrole ininterrupto.

Nas demais recomendações dadas, é destacada a importância de ser delicada e discreta, com advertências para evitar qualquer atitude que possa dar a impressão de ser “louca” ou “desesperada”, como falar alto, se mover de forma espaçosa ou se insinuar de forma direta. Esses elementos também podem ser notados no conselho a seguir, em que é prescrita a forma de dançar:

“Dança sedutora.

Não, a dança da sedução não envolve ficar bêbada, ir até o chão três vezes na mesma música e rebolar loucamente. Se seu objetivo é sair acompanhada, invista em movimentos lentos e sensuais. Levante o braço e mexa no cabelo. Dance com as mãos na coxa. De vez em quando feche os olhos, sinta o ritmo da música e finja que está no seu quarto. ‘Ao perceber que você está sentindo prazer, todo homem inconscientemente vai imaginá-la na cama com ele.’ Diz o sexólogo e terapeuta Amaury Mendes Jr., de São Paulo. Daí para a fantasia virar realidade é meio caminho andado” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 130).

Dançar buscando causar a impressão de que está sentindo prazer, para que o homem se atraia, é mais importante do que realmente sentir prazer. Vários movimentos são censurados como “rebolar loucamente”. Cada passo permitido é descrito, inclusive em sequência: “Levante o braço e mexa no cabelo. Dance com as mãos na coxa. De vez em quando feche os olhos”. Como poderá a mulher sentir prazer tendo que decorar e cumprir tantas regras? Até mesmo o que fingir é prescrito. É dito também que, se as sugestões forem seguidas, “todo homem inconscientemente vai imaginá-la na cama com ele”, uma afirmação generalizante e pretensiosa: como é possível prever o que “todo homem” vai sentir? Aqui está presente a heteronormatividade, com o pressuposto de que todo homem se sente atraído por mulheres, e, mais especificamente, pela leitora caso ela siga as recomendações dadas.

A associação da possibilidade de prazer e diversão com a busca por proporcionar prazer e diversão ao homem pode ser exemplificada na seguinte afirmação:

“Você e o gato querem relaxar e o jeito certo de conquistá-lo é fazer com que ele se divirta bastante” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 129).

É interessante questionar como a mulher conseguirá relaxar se deve estar tão preocupada com “o jeito certo” de conquistá-lo, que inclui, entre tantas preocupações com cada movimento, esforçar-se para que ele se divirta.

A forma como a mulher deve se preocupar em se adaptar às expectativas masculinas ao invés de agir espontaneamente pode ser exemplificada também pelo trecho:

“Adapte-se ao estilo do gato e conquiste-o na hora, não importa se ele é certinho ou descolado” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 129).

“*Adapte-se*”. Essa expressão sintetiza muito do que é dito nos conselhos das revistas femininas. A importância central dada para a opinião e para o olhar masculino pode ser exemplificada também no teste **“Como ele vê você?”**, da revista *Todayteen*, que tem como linha de apoio: **“Descubra a imagem que você passa para o cara.”** (p. 8). Os resultados possíveis são **“Extrovertida”**, **“Simpática”** e **“Tímida”**. O contraste entre agir espontaneamente e buscar agradar pode ser notado no trecho a seguir, do resultado **“extrovertida”**:

“Os garotos enxergam você como uma menina divertida, empolgada e super a fim de aproveitar a vida. Alguns caras não sabem como lidar com meninas assim, então cuidado para não assustar muito o gato. Vale a pena ser mais calma também. E isso todo garoto gosta. ;)” (TODATEEN, fevereiro de 2012, p. 8).

Mais uma vez há a pressuposição e a generalização do interesse masculino, com a afirmação de que *“todo garoto”* gosta de meninas calmas. A adolescente deve evitar ser vista como divertida, empolgada e *“super afim de aproveitar a vida”*. É mais importante a suposta imagem transmitida para os garotos e a suposta dificuldade deles em lidar com essa imagem do que como a garota é, se sente e age.

As revistas constroem as matérias como se fosse possível resumir os relacionamentos a receitas, como se fossem calculáveis, previsíveis, como se o fato de alguém se interessar ou não, se sentir atraído ou não, agradar ou não, fosse determinado por uma sequência de atitudes adequadas a serem seguidas. São frequentes as generalizações sobre como são (e devem ser) as garotas, sobre como são (e devem ser) os garotos e sobre como são (e devem ser) os relacionamentos, generalizações que assumem o caráter de regra.

Enquanto a revista *Nova* oferece o **“Mapa da Conquista”**, a revista *Atrevida* traz o **“Manual da ficada perfeita”**, em que o caráter prescritivo também é evidente: **“16 dicas do que você deve (e do que não deve!) fazer para conquistar o gato logo na primeira ficada.”** (p. 80). São dados conselhos sobre o lugar, a roupa **“evite se mostrar demais”** (p. 80), a maquiagem, a escolha do perfume, cuidados como hálito, sobre como

beijar: **“não fique muito desesperada”** (p. 80), e sobre como conversar: **“Não fale pelos cotovelos”** (p. 81).

No tópico **“Divirta-se”** é possível notar como apesar de serem ressaltadas as preocupações, inseguranças e sensações como a ansiedade e o nervosismo, também é afirmada a necessidade do primeiro encontro ser prazeroso, com a utilização de um tom imperativo:

“Dê um jeito de controlar toda essa ansiedade e relaxar para curtir o máximo que puder. (...) A ficada tem que ser uma coisa legal e divertida. Dê risada, fale sobre coisas interessantes e beije muuuito!” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 81).

A ficada tem que ser uma coisa legal e divertida! Além de tantas regras a serem seguidas, se divertir também se converte em dever. Mas claro, considerando sempre a opinião e as possíveis reações do garoto, como é possível destacar neste trecho, sobre a escolha do que vestir:

“Você pode acabar usando uma coisa que não tem nada a ver com o seu jeito e assustar o garoto” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 80).

Como o garoto pode ser assustar com uma roupa? Essa ameaça de *“assustar”* é recorrente, evocada em diferentes momentos nas revistas femininas. Não apenas no momento da conquista, mas também quando os dois já estiverem namorando:

“Tudo saiu como planejado e o pretê acabou pedindo você em namoro? Agora é hora de investir na relação, mas sem assustar o gato” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 44).

Ser pedida em namoro indica que *“tudo saiu como o planejado”*, ou seja, o namoro é generalizado como meta feminina. Esse trecho é da matéria **“O Dia Seguinte”**, da revista *Atrevida*, em que é ensinado sobre como agir após o primeiro encontro, o primeiro beijo e a primeira transa. Em um tom prescritivo, a revista promete dar respostas para ajudar as leitoras a **“ganhar de vez o coração do gato!”** (p. 42), o que aponta como o principal objetivo é a conquista de uma relação amorosa. A insegurança sobre como agir é descrita pela revista como **“autotortura”** e resumida em algumas dúvidas:

“Ligo? Ou é melhor esperar ele ligar?”, “Se eu mandar SMS vou parecer grudenta”, “Será que a gente tá namorando?”, “Mas e se ele não der mais notícias? Ter esse tipo de dúvida é natural e acontece com todas” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 43).

“Acontece com todas”. O nervosismo diante das impressões e reações masculinas

é colocado como um elemento natural da feminilidade. A revista recomenda calma, e prescreve uma série de regras com a promessa:

“Essas dicas vão evitar que você pague de louca desesperada e impedir que acabe perdendo o garoto para todo o sempre” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 43).

Além da ameaça recorrente de que a adolescente pode “*assustar*” os garotos, aqui é dito que é necessário impedir que ela “*pague de louca desesperada*”. Esse tom alarmista é para evitar que a garota expresse diretamente o interesse e o desejo, já que é transmitido que os garotos apenas prestarão atenção nela caso ela disfarce, esconda o que quer: **“Afinal, que cara não gosta de uma menina um pouquinho difícil?”** (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 43). O risco é “*perder o garoto para todo o sempre*”, um vocabulário dramático para enfatizar, mais uma vez, que o principal objetivo da garota é a conquista amorosa.

“Você só não precisa ser tão direta na hora de abordá-lo. Por exemplo: você pode apenas deixar no ar que tá a fim de assistir um filme legal que está no cinema, e deixar que ele faça o convite. No fundo, a maioria dos meninos se sente bem tomando a iniciativa” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 44).

É insistentemente repetido na matéria a importância da iniciativa masculina e da discricção feminina, colocada também como uma forma da menina “*valorizar-se*”:

“(…) tudo bem tentar uma aproximação, mas sem cobranças nem pressão. (…) dê tempo a ele de retribuir as suas investidas em vez de sufocá-lo com tanto carinho. Valorize-se gata!” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 44).

Nos conselhos dados sobre o que fazer após a primeira relação sexual, mais uma vez a principal preocupação é agradar, agir considerando como o garoto irá se sentir:

“Você pode comentar sobre o que foi legal, mas não fique só nisso, para não deixar o menino constrangido” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 45).

Os garotos sentem-se constrangidos, assustados, pressionados, cobrados, sufocados. E as garotas como se sentem? Não, isso não importa, é melhor deixar de lado, porque caso elas reconheçam como se sentem e expressem, isso pode desagradá-los. A matéria prossegue com mais mensagens de advertência:

“vá com mais calma”; “sem fazer pressão”; “Afinal, você não quer assustar o garoto e fazê-lo sumir pra sempre, certo?” “a regra é clara: vá com calma”; “dê tempo ao tempo em vez de se precipitar e acabar colocando tudo a perder!” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 45).

Mais uma vez é assinalado como as atitudes das meninas podem ter consequências indesejáveis como “*assustar o garoto*”, “*fazê-lo sumir pra sempre*”. Para evitá-las é preciso que elas se controlem e se monitorem de acordo com as regras prescritas, caso não queiram “*acabar colocando tudo a perder!*”. “*Tudo*”, neste caso, significa a possibilidade do relacionamento amoroso idealizado.

O tom de alerta também está presente na matéria “**Paquera no colégio**”: “**Vá de mansinho e não banque a extrovertida, ele pode se assustar**” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 49).

Outro conselho dado é:

“Você pode ser mais indiferente. Olhe e desvie, puxe conversa e saia rápido. É por aí. Não o deixe na certeza do que sente. Se você topar ficar com o menino de cara, talvez ele não lhe dê o devido valor. Faça a difícil e misteriosa... Deixe no ar que você só quer a amizade dele...” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 49).

Mais um exemplo em que é evocada a possibilidade de “*assustar*” é o trecho a seguir, da revista *Todateen*:

“Quais os primeiros erros que a menina comete no primeiro encontro que podem assustar o cara?”

Eduardo: Ela não deve ser nem oferecida nem reservada demais, é preciso encontrar o meio termo. Danilo: Querer mandar no cara logo de cara é sinal para cair fora. Ficar muito grudada também é horrível. Lucas: Se a menina se mostrar supérflua e não me dar atenção, já era!”(*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 18).

A pergunta foi feita na seção “**Jogo da Verdade**”, que é publicada todos os meses, com uma entrevista com quatro garotos sobre como eles pensam que as garotas devem ser e agir. A seção é um exemplo de como, nas revistas femininas, a opinião masculina recebe um grande destaque. Nesta edição, o tema é “**Rola ou enrola**”, em que os meninos são perguntados sobre o que é necessário para um relacionamento se tornar sério. Além de como a menina deve agir no primeiro encontro, os garotos são perguntados sobre o que transforma uma ficada em um namoro, sobre o que pensam se a menina toma a iniciativa e sobre quais devem ser as atitudes femininas com relação ao sexo. Já na proposta apresentada é possível reconhecer como a decisão sobre como será ou não o relacionamento depende dos meninos, sem que seja considerado como as garotas se sentem e o que desejam, ou melhor, é pressuposto que as garotas sempre desejam uma

relação séria.

A opinião masculina norteia como é preciso agir nas revistas adolescentes e também nas revistas adultas. Na matéria “**Cérebro Masculino-Decifrado!**”, da revista *Women’s Health*, a linha de apoio é:

“Que tipo de mulheres chama mais a atenção deles na balada? O que faz com que eles evitem um segundo encontro? Querem transar de cara?” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 79).

É perguntado sobre as atitudes femininas no primeiro encontro, com aspectos como roupa, assuntos, quem paga a conta, se eles aprovam ou não que as mulheres bebam ou falem palavrão, entre outras coisas.

A preocupação com a impressão masculina e a valorização de relacionamentos estáveis também podem ser identificadas na seção “**Qual é a dele?**” da revista *Atrevida*, em que três meninos respondem a pergunta: “**Você namoraria uma garota com fama de piriguete?**” (p. 102). “*Piriguete*” é um termo depreciativo para se referir a uma menina que se envolve com vários meninos, e as respostas dadas pelos entrevistados ressaltam a dificuldade de lidar com essa “*fama*”. A matéria representa assim, a desvalorização de meninas que quebram o padrão colocado como desejável, se envolvendo em mais experiências do que é considerado como aceitável, com a ameaça de que, se elas agirem assim, podem ser prejudicadas na busca pelo idealizado relacionamento sério.

8.3. Valorização de relacionamentos românticos, estáveis e monogâmicos

A idealização do amor envolve regras sobre como este relacionamento deve ser: romântico, estável, duradouro e monogâmico. A condenação de se envolver com um número alto de parceiros está presente tanto nas revistas adolescentes quanto nas revistas adultas. Um exemplo é a questão a seguir, do teste “Com prazo de validade”, da revista *Nova*:

“2. Seja sincera: nos últimos cinco anos, quantos parceiros sexuais você teve? É para falar a verdade?

Menos de 5, claro” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 139).

Nesse breve trecho, são três as expressões usadas que remetem a concepção tão frequentemente difundida que as mulheres mentem sobre as próprias experiências sexuais: “*Seja sincera*”, “*É para falar a verdade?*” e “*claro*”, o que se relaciona a como a informação sobre o número de parceiros é recoberto pelo receio do julgamento e da

avaliação negativa para as mulheres. A alternativa “*Menos de 5, claro*”, soma pontos para o resultado tido como positivo “**Mudança saudável**”. A leitora que declararia ter tido mais de cinco parceiros nos últimos cinco anos não teria como opção responder, e sim, esconder, recuar: “*é para falar a verdade?*”, o que explicita a desaprovação de uma variedade maior de experiências. As outras alternativas associadas ao resultado positivo são sobre nunca ter traído e não demonstrar ao parceiro irritação e indisposição, como na opção apresentada sobre, depois de um dia cansativo, dizer a ele: “**só você para salvar o meu dia**” (p. 139). O resultado ressalta essa posição:

“Mudança saudável

Você não é do tipo que larga o namorado depois de dois anos para viver uma aventura. Ou simplesmente porque cansou do cara. (...) você consegue renovar a relação sem precisar sair dela” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 139).

A estabilidade de um relacionamento e a recusa de aventuras são colocadas como “*saudáveis*”. Não cabe à leitora escolher de acordo com o que deseja, com o que prefere ou com as possibilidades relacionadas à própria experiência. A única opção valorizada é de se esforçar para manter um relacionamento, como também pode ser notado na advertência feita no resultado tido como negativo: “**difícilmente algum namoro seu irá para frente enquanto você não mudar sua postura**” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 139). É preciso que a leitora mude a própria postura para corresponder ao que é colocado como aprovado: um relacionamento estável com o parceiro “certo”.

Na matéria “**Desenrola!**”, da revista *Capricho*, são dados conselhos sobre como conquistar um relacionamento ideal a partir de exemplos nomeados pela revista como “**enrolados**”. As situações são classificadas segundo o “**grau de enrolação**” conforme se distanciam do modelo de relacionamento romântico, monogâmico e estável. Por exemplo, a situação relatada por uma leitora em que o garoto com quem ela está ficando saiu com outra garota, é classificada como “**muuuuuito enrolada**”, e é dado o conselho:

“(...) Desencane: é normal querer alguém para chamar de seu. Se não estiver a fim de fazer parte de uma lista de ficantes, caia fora. (...) as chances de sair magoada são grandes. Então, por mais que ele seja divertido, lindo e inteligente, não tope um esquema que não te faz bem. Existem outros garotos a fim de namorar” (*CAPRICHOS*, fevereiro de 2012, p. 79).

“*É normal querer alguém para chamar de seu*” é uma afirmação que ilustra como os conselhos da revista se dão a partir da pressuposição de que há uma única forma de relacionamento desejada, como se essa fosse a vontade de todas as leitoras, a vontade

“normal”. A sugestão “*existem outros garotos a fim de namorar*” é feita como uma sinalização de que são esses parceiros que devem ser buscados. A leitora é advertida sobre a possibilidade de se magoar, com a sugestão direta “*não tope um esquema que não te faz bem*”, mais uma vez com a pressuposição de que é um relacionamento sério que seria adequado e positivo. No conselho a seguir também é possível notar a representação idealizada e romantizada de relacionamento:

“Ao seu redor, existem milhares de garotos que podem retribuir todo o amor que você tem para dar” (CAPRICHÔ, fevereiro de 2012, p. 80).

Mais importante do que as situações vividas é o ideal de amor ser correspondido, o que é colocado como possível: “*existem milhares de garotos que podem retribuir*”. As relações não são pensadas a partir de suas particularidades e singularidades. No trecho a seguir, diante do relato da leitora, mais uma vez é posta como prioridade a busca por um compromisso:

“Todos os fins de semana, vou para a casa da minha prima e lá está o garoto, todo fofo, me esperando. Saímos juntos no carro dele, vamos ao bosque, comemos hambúrguer, enfim, fazemos programas de namorados. Mas ele nem fala em namorar, mesmo porque acabou de terminar um relacionamento. Estamos ficando há dois meses e parece que ele nunca vai querer nada sério! (...)

(...) Quando sentir uma abertura, tente tocar no assunto e fale sobre assumirem algo mais sério. Sim, isso pode afastá-lo, mas é melhor do que esperar a vida inteira. Deixe claro o que quer, pois, se você fala para a galera que os dois estão só curtindo, ele vai achar que, para você, as coisas vão bem do jeito que estão” (CAPRICHÔ, fevereiro de 2012, p. 80).

A busca para o relacionamento se tornar “*mais sério*” é mais importante que o modo como o garoto e a garota se sentem e o vínculo construído entre eles. É melhor que ele se afaste do que não corresponda a essa expectativa. A possibilidade de passar a impressão de que estão “*só curtindo*” é representada como algo negativo, a ser evitado. Para que o relacionamento “*sério*” seja conquistado, são sugeridas diversas estratégias, entre elas fingir e dissimular:

“Mostre que você não depende dele. Da próxima vez que ele te chamar para sair, diga que já tinha algo marcado. Ah, e tudo bem que não é legal beijar outro para causar ciúme, mas paquerar faz muito bem à autoestima! Se o enrolão souber que está pintando um clima entre você e outro garoto, melhor

ainda! Perceber que você não vive em função dele vai fazê-lo ter medo de te perder” (*CAPRICHOS*, fevereiro de 2012, p. 80).

Não é aconselhado que a garota não dependa dele, e sim, que “mostre” que não depende dele, simulando situações em que ele possa sentir ciúmes, para que pareça que ela “*não vive em função dele*” e tenha medo de perdê-la. A linguagem utilizada evidencia como a lógica da dependência não é quebrada, mas sim, reforçada, contribuindo para que a garota acredite que realmente vive em função de como o garoto a vê e do que ele espera do relacionamento, embora seja necessário esconder e disfarçar essa dependência.

“Enquanto espera pela aliança, continue sendo divertida e carinhosa, sem se mostrar carente demais.(...) Não mostre que estará à disposição. (...)” (*CAPRICHOS*, fevereiro de 2012, p. 80).

Aqui mais uma vez é construída a imagem de uma garota carente, que está à disposição do garoto, embora tenha que se esforçar para não demonstrar isso. É aconselhado que ela seja divertida e carinhosa não como expressão de como se sente com ele, e sim, como uma estratégia “*enquanto espera pela aliança*”. O objetivo de conquistar o relacionamento idealizado é mais importante que ser sincera e se expressar abertamente, já que ela é continuamente advertida que ser espontânea pode afastar o garoto ou “assustá-lo”.

Na matéria “**À Prova de Traição**”, da revista *Nova* são dados exemplos em que os relacionamentos continuaram após ter havido uma traição. Inicialmente, pode haver a impressão de que a indissociabilidade entre relacionamento amoroso e monogamia está sendo problematizada:

“Ser traída dói. Mas em alguns casos pode servir para rever e melhorar o relacionamento. Conheça a história de mulheres- e homens- que perdoaram uma escapadinha do parceiro e hoje se dizem mais felizes” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 130).

São trazidos dados de uma enquete feita com 750 leitoras: 57,33% respondem que perdoariam uma traição, 36,7% já foram perdoadas por trair um parceiro e 71,47% perdoaram uma traição.

Em nenhum momento durante a matéria é questionado ou problematizado o que significa traição. O papel do diálogo e do acordo entre os parceiros para definir o que desejam para o relacionamento não é considerado, como se a monogamia e a exclusividade fossem condições necessárias e inquestionáveis para um vínculo afetivo.

A idealização normativa do relacionamento amoroso com a afirmação da monogamia como um valor incontestável pode ser notada em uma das razões apresentadas para os homens não traírem:

“Ele valoriza a fidelidade- Se ele se importa em ter uma relação estável e segura, provavelmente não enganará você. Já se vê a fidelidade como uma regra banal e restritiva, cuidado.

Os pais dele têm um casamento feliz- É bem provável que ele carregue essa imagem como um valor. Inconscientemente, fará possível para reproduzir o histórico familiar bem-sucedido. Com você!” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 134).

A valorização da relação estável é explicitada na forma como o casamento dos pais que dura é representado como um *“histórico familiar bem-sucedido”*, como um indício de que o relacionamento entre eles também será feliz, sem em nenhum momento ser abordado o que significa um casamento *“feliz”*. O que fica implícito é a valorização de uma relação estável, o que também é exemplificado pelo alerta caso a fidelidade seja para ele uma regra banal e restritiva. Não é considerada a possibilidade da regra da exclusividade ser dialogada e refletida pelo casal, para que ambos discutam e escolham se consideram a regra importante ou não, ela é afirmada enquanto norma. A possibilidade de discordar dela e questioná-la também só é mencionada com relação ao homem, pressupondo que para as leitoras isso não acontece.

8.4. Naturalização da infidelidade masculina

Na mesma matéria, *“À Prova de Traição”*, da revista *Nova*, é possível identificar a presença dos padrões de gênero no modo como a fidelidade é representada. Apesar de a traição ser condenada, o tom de condenação não é dirigido da mesma forma à infidelidade masculina. A naturalização ocorre mesmo quando a questão abordada é a razão de alguns homens terem perdoado as parceiras: os entrevistados afirmam que é porque já haviam traído.

“Como eu já tinha ficado com outra, achei que devia à Melissa uma segunda chance.

Quando a raiva passou, perdoei, porque também já aprontei muito. Fiquei magoado, mas perdoei. Eu também tinha ficado com outra” (NOVA, fevereiro de 2012, p.135, grifos nossos)

A naturalização também ocorre a partir de argumentos biológicos:

“Um estudo publicado em novembro no Journal of Experimental Social Psychology mostrou que até a crise financeira contribuiu para inflacionar o número de casos extraconjugais- má notícia: aumentando a libido dos homens. Quando se sentem ameaçados, eles desejam espalhar seus genes para garantir a sobrevivência” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 132).

Mesmo um fato obviamente cultural, como a crise financeira, é utilizado para justificar um comportamento, desconsiderando a capacidade de escolha e a responsabilidade dos próprios sujeitos, e atribuindo a causa a um suposto “*instinto de sobrevivência*” e à necessidade de “*espalhar os genes*”.

Os argumentos biológicos também estão presentes no trecho a seguir, em que traços do rosto masculino são apresentados como indicativos de que o homem é mais propenso a trair:

“Homens com muita testosterona são mais másculos, calientes e... infíéis. Quer saber se o seu tem o hormônio bombando? Repare nestes sinais: 1. Maxilar proeminente; 2. Testa Larga; 3. Lábios finos.” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 134).

A traição masculina não é compreendida como um comportamento consciente, escolhido, fruto de conflitos e decisões do homem como sujeito mas sim, como resultado dos níveis hormonais, do estresse, da testosterona, ou de falhas da mulher no relacionamento. Nesse sentido, podemos resgatar o que diz Marina Castañeda (2006), sobre a forma como uma pretensa “natureza masculina” é usada para justificar assimetrias entre homens e mulheres:

O enfoque sociobiológico conquistou muitos seguidores em certas esferas acadêmicas, científicas e políticas. Trata-se de uma perspectiva que combina esplendidamente com o machismo, porque confere uma base pseudocientífica a suas expressões mais extremas, como a promiscuidade, a possessividade, o ciúmes, o estupro... Quantos homens não falam da própria sexualidade como se fosse um imperativo biológico irrevogável? Quantos não se esquivam de compromissos e responsabilidades com o argumento de que são incapazes de controlar seus impulsos sexuais? Quantos não justificam suas ocasionais (ou frequentes) relações extraconjugais com a ideia de que o homem é naturalmente promíscuo? (CASTAÑEDA, 2006, p. 47).

A traição masculina é abordada também na matéria “**Cérebro masculino-decifrado**”, da revista *Women’s Health*, que, no tópico “**Pulando a Cerca**”, a partir de uma pesquisa com 400 homens, afirma:

“51% dos homens admitem que já traíram alguma parceira, seja ela a atual ou ex. 21,1% traíram com uma colega de trabalho. Ex-namoradas aparecem em terceiro na lista, seguidas pelas garotas de programa” (*WOMEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 85).

8.5. Responsabilização feminina pela conquista e manutenção do relacionamento idealizado

Nas revistas femininas, as meninas e mulheres são representadas como responsáveis por conquistar o relacionamento, e também por mantê-lo. A matéria **“Amor à prova de traição”**, da revista *Nova*, é um exemplo dessa responsabilização, colocando as atitudes femininas como decisivas não só para que o relacionamento idealizado “dê certo” mas também para garantir a fidelidade do parceiro, como é possível identificar no tópico **“6 razões para um homem não trair”**:

“Você sabe valorizá-lo- A probabilidade de seu amor pular a cerca será menor se você souber demonstrar quanto o admira. Preste atenção no modo como julga os gestos dele. Fazer cara feia quando ele vê o canal de esportes será entendido como censura.

O sexo é bom- Homens tendem a ser infiéis quando o sexo está ruim ou raro na relação. O mais importante é driblar o comodismo que geralmente toma conta da vida sexual de um casal que está junto há muito tempo. Não estão a fim? Fiquem!

Vocês conversam sobre tudo- Se ele não consegue dizer o que não está legal no relacionamento, é provável que arrume outro jeito de deixar você saber: tendo um caso. (...) Crie situações para que os dois possam falar sobre tudo, sem se sentir julgados, como em um jantar romântico a dois” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 134).

Cabe à mulher valorizar o parceiro; não se dirigir a ele de forma a parecer censura, mesmo quando ele estiver fazendo algo que a desagrade; fazer sexo mesmo quando ambos não estiverem com desejo e criar situações de diálogo, já que o parceiro não parece ser capaz de se expressar (*“ele não consegue dizer o que não está legal na relação”*), cabendo a ela se responsabilizar por promover a comunicação. Toda a manutenção do relacionamento é vista como uma tarefa feminina, são os esforços e as habilidades dela que poderão fazer com que o casal continue junto, mais uma vez negligenciando o homem enquanto sujeito que deseja, escolhe e é capaz de se responsabilizar por essas escolhas.

No trecho a seguir notamos também essa representação, se a mulher for traída, é porque não correspondeu à forma como deveria agir e ser com o parceiro:

“Quando nos casamos, eu tinha 18 anos e era muito romântica. Cobrava carinho o tempo todo. Sem notar, o afastei com tantas exigências. Também não era uma mulher admirável como hoje, cheia de ideias” (NOVA, fevereiro de 2012, p.133)

A traição masculina é justificada pelas exigências femininas e por ela não ser uma *“mulher admirável e cheia de ideias”*.

Também é possível identificar a presença dos padrões de gênero e da responsabilização feminina na seção “Conversa de banheiro”, da revista *Capricho*, em que o tema é “Um amor sem brigas”. Na linha de apoio, é afirmado: **“Se você e o garoto se gostam, mas não param de brigar, está na hora de mudar de atitude”** (p. 71). Aqui se torna importante questionar por que a indicação diante do contexto das brigas não é afirmada no plural: “está na hora de mudarem de atitude”? Nos conselhos dados, também elaborados no singular, isso se torna mais evidente:

“Em vez de soltar os cachorros em todos os conflitos, escolha as suas batalhas e discuta pelo que realmente vale a pena.

Converse e não grite. (...)Antes de perder a cabeça, pense no que você quer dizer ao garoto e, então, converse com ele sem alterar a voz.

Ouçã o garoto. Preste atenção no que o seu namorado tem a dizer e nunca dê a entender que ele não sabe do que está falando.

Lembre-se de que você não tem o poder de mudar o seu namorado. Dá pra ajustar os problemas da relação, e não de quem está nela” (CAPRICHOS, fevereiro de 2012, p. 71).

Nesse último conselho fica clara a contradição: a garota deve mudar a forma como age para evitar brigas, mas não deve esperar que o namorado possa mudar. *“Ajustar os problemas da relação”* corresponde ao esforço da garota em agir de forma diferente, sem envolver o parceiro nessas mudanças. Deve, por iniciativa própria, sem envolver o parceiro nessa busca, ponderar o que realmente vale a pena discutir, pensar no que vai dizer, conversar sem alterar a voz, ouvi-lo com atenção para que ele se sinta compreendido, e, apesar de ter de se esforçar para seguir todas essas regras, não deve esperar nenhum esforço e mudança da parte dele. A leitora é aconselhada que, quando se sentir irritada, busque se acalmar e se controlar. Já quando quem se irrita é o garoto, é preciso se colocar no lugar dele e entender as razões que ele tem:

“Se você tem a sua razão, ele também tem a dele. O cara está com ciúmes do seu amigo? Imagine como se sentiria se estivesse no lugar dele” (CAPRICHOS, fevereiro de 2012, p. 71).

Quando o que é discutido é o que incomoda a namorada, não é mencionada a importância de o garoto entender como a garota se sente e de se colocar no lugar dela. Ao contrário, o que ele pode pensar e como pode interpretar o que ela faz e diz se tornam motivo para que ela se monitore e se controle mais:

“Durante a discussão com o garoto tudo o que você diz ou faz pode ter um significado maior do que você gostaria. Por isso, cuidado se você acha que a culpa é sempre dele. Se agir assim, o garoto vai entender que você é egoísta e imatura. O melhor é assumir que você também pode estar errada” (CAPRICHOS, fevereiro de 2012, p. 71).

Se não assumir que pode estar errada, o garoto entenderá que ela é egoísta e imatura. Assim, ao invés de lidar com os motivos da briga por meio do diálogo e da busca de compreensão mútua, a garota deve ter cuidado com o que diz e faz e admitir que pode ter errado. Ela também é advertida que não deve listar problemas antigos, não deve perder a calma, nem brigar ou dar indiretas na frente de outras pessoas. É preciso evitar irritá-lo e envergonhá-lo. É também ensinado como ela deve pedir desculpas, sem fazer dramas:

“Envie um presente fofo para a casa dele dizendo ‘Você tem razão. Vamos conversar?’. Ele não vai resistir” (CAPRICHOS, fevereiro de 2012, p. 71).

Mais uma vez é pressuposta uma situação em que o garoto que tem razão ou que a garota deve agir como se ele tivesse razão para lidar com a briga.

O fato do relacionamento ter brigas é colocado como natural ou mesmo positivo:

“Brigar é okay! Todo casal tem diferenças (...).

Desentendimentos são normais desde que eles não rolem por qualquer detalhe bobo.

Melhora a relação. Acredite se quiser, mas uma discussão pode fortalecer seu namoro” (CAPRICHOS, fevereiro de 2012, p. 71)

Os conselhos são dados a partir da pressuposição de que as brigas acontecem por motivos bobos, cabendo à menina aprender como lidar para evitá-las. Não é considerado que as adolescentes possam estar envolvidas em relacionamentos em que as brigas não são por razões pequenas, banais, em que o garoto possa realmente estar sendo destrutivo e agressivo. O tema das brigas também está presente na seção **“Dilema”**, coluna de consultas da revista *Todateen*. Com o título **“Namô ciumentão”**, uma leitora se queixa

do ciúmes excessivo do namorado, que não a deixa sair de casa. A pergunta é respondida por uma psicóloga e psicoterapeuta, é aconselhado que a garota converse abertamente e se coloque no lugar do namorado:

“(...) a melhor maneira de entender esse ciúme é conversando com ele num momento calmo e ouvir o que ele tem a dizer sem interrompê-lo. Vale se colocar no lugar do seu namorado também. Só assim pra você entender porque ele é tão ciumento e resolver o problema de vez” (TODATEEN, fevereiro de 2012, p. 22).

É possível sim que as brigas sejam desentendimentos comuns em um relacionamento, mas é preocupante que em matérias de revistas femininas seja ignorado como, em muitas relações, as meninas e mulheres realmente passam por situações de violência e agressão. A própria forma como as leitoras são aconselhadas a passar por cima do que sentem, a controlarem-se e vigiarem-se, sempre em busca de agradar os parceiros e esforçando-se para aceitarem e compreenderem como ele age, reproduz um quadro de assimetria de gênero que está muito relacionado com contextos de violência. Como diz Dagmar Meyer (2009, p. 222):

As relações amorosas e as múltiplas possibilidades de vivê-las são temas que precisam ser melhor examinados quando se trata de discussões que envolvem gênero, sexualidade e relações de poder, sobretudo se quisermos entender como elas se conectam com (e materializam como) atos violentos entre homens e mulheres, mas também entre homens e entre mulheres. Ao meu ver, trata-se de perguntar, mais demorada e repetidamente: o que aprendemos com essas pedagogias sobre amor, sexualidade e relações afetivas e sexuais? E onde, sobretudo como, as fazemos?

8.6. Heteronormatividade

Nas revistas femininas analisadas, o tema da homossexualidade foi identificado apenas uma vez, na seção **“Ficadas e rolos”**, da revista *Atrevida*, com a apresentação de um relato de uma leitora que desde criança pensava que era lésbica, mas agora, apaixonada por um garoto, tem medo da reação das pessoas já que já havia assumido para todos gostar de meninas. A resposta é dada em tom entusiasmado, ressaltando a associação entre viver o sentimento heterossexual e ser feliz:

“Uma das coisas mais legais que a vida ensina é que ser feliz é muuuito melhor do que estar certa. Porque ser feliz significa reconhecer a verdade do presente, os nossos sentimentos agora, enquanto estar certa pode significar

compromisso com uma verdade do passado. Entre o seu sentimento e o julgamento das suas amigas, o que sua voz mais verdadeira escolheria?"

(*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 14).

Seria possível imaginar uma resposta tão positiva e otimista se a pergunta se referisse à situação de uma leitora que pensava ser heterossexual mas que agora está apaixonada por uma menina? Não houve uma situação parecida nas revistas analisadas nesta pesquisa. Em um trabalho anterior (PASTANA; MAIA, 2011), analisamos as seções de cartas das revistas *Atrevida* e *Todateen* publicadas em 2010 e identificamos que, diante de relatos das leitoras sobre estarem apaixonadas por meninas, havia o aconselhamento sobre ser uma possível confusão, um sentimento passageiro, uma amizade forte que estava sendo interpretada como paixão, com a recomendação de que a leitora esperasse mais para entender melhor o que estava acontecendo. Realizamos algumas comparações, por exemplo, sobre como eram as respostas dadas quando as leitoras falavam sobre sentimentos pela melhor amiga e sentimentos pelo melhor amigo. No caso da paixão ser por um menino, havia o mesmo tom entusiasmado da resposta aqui apresentada, com afirmações como “ouça seu coração, ele conhece o caminho certo” (PASTANA; MAIA, 2011, p. 9) e “um romance que começa a partir da amizade tem grandes chances de um final feliz” (PASTANA; MAIA, 2011, p. 7).

Na dissertação “*A Heteronormatividade Ensinada "Tintim por Tintim": Uma análise das revistas *Atrevida* e *Capricho**”, Patrícia Conceição da Silva (2010) discute como a heterossexualidade é um elemento central na idealização da trajetória de vida das garotas, em que as perspectivas e desejos representados pelo discurso da revista pressupõem a busca por um relacionamento amoroso romântico. A constituição da identidade feminina passa invariavelmente pelos garotos, ter um namorado é expresso como um sonho de toda garota, e são fornecidas muitas orientações para se encontrar e manter um grande amor, com diversas instruções sobre como agir principalmente no que diz respeito a agradar e os parceiros e possíveis parceiros.

A trajetória de vida construída para as adolescentes, bem como a própria definição do que significa ser uma garota para as publicações, encontra-se firmemente atrelada à heterossexualidade e marcada pela necessidade de agradar o garoto. Ou seja, aqui a heteronormatividade se alia, também, a manifestações de misoginia (SILVA, 2010, p. 137).

Os discursos das revistas sobre relacionamentos são permeados, assim, por padrões de gênero e pela heteronormatividade. São muitas as matérias que aconselham,

prescrevem e descrevem didaticamente para as meninas e mulheres sobre como devem ser e agir para conquistar o modelo de relacionamento tido como desejável. Nesse sentido, caberia questionar: se o amor, a feminilidade e a heterossexualidade são tão naturais, por que precisam ser continuamente prescritos e ensinados?

Considerações sobre os relacionamentos amorosos como prazer feminino

Ao representar os relacionamentos amorosos como fonte de prazer, as revistas femininas legitimam e naturalizam as mais diversas normatizações em nome da busca pelo amor idealizado. Como argumenta Laura Kipnis (2005):

Evidentemente o amor é sujeito a tanta regulação quanto qualquer substância que induza ao prazer. Seja ou não uma fantasia que acalentamos enquanto nos agrada, livres como pássaros e borboletas, existe uma quantidade interminável de instrução social para nos dizer o que ele é e o que fazer com ele, e como, e quando. E nos diz, e nos diz: a quantidade de conselhos sobre como amar adequadamente é quase tão infinita quanto são limitadas as formas sancionadas que ele assume (KIPNIS, 2005, p. 51).

Se retomarmos a questão de Dagmar Meyer (2009) sobre o que aprendemos com as revistas enquanto pedagogias sobre o amor e as relações afetivas, podemos apontar, a partir dos resultados dessa análise: As revistas ensinam que o amor é necessário para que as meninas e mulheres possam se sentir 100% satisfeitas e felizes. O casal romântico tem um poder anestésico, capaz de aliviar tensões e fazer com que problemas e preocupações sejam esquecidos. Nesse casal os dois devem se completar, combinar em tudo, com carinho e paixão ininterruptos. Para conquistar o namorado dos sonhos, o príncipe encantado, é necessário estar sempre preparada para o momento em que poderá encontra-lo e prestar atenção em cada detalhe, como a aparência, roupas, atitudes, falas e gestos. Para cada lugar frequentado, há uma série de regras a serem seguidas, qualquer falha pode ser fatal e “*colocar tudo a perder para todo o sempre*”. Até mesmo o modo de olhar deve ser cuidadosamente ensaiado, para que não haja erros. É preciso ser delicada, meiga e discreta, esperando que ele tome a iniciativa. É necessário lembrar-se da regra: “*Todo garoto*” e “*todo homem*” gostam de garotas e mulheres “*difíceis*”. Caso demonstre interesse, expresse os próprios desejos e aja espontaneamente, são grandes os riscos de parecer “*louca*”, “*desesperada*” e “*assustar*” o possível parceiro, incomodá-lo e constrangê-lo. O pior que pode acontecer a ela é ser vista como vulgar, “*oferecida*” e “*piriguete*”.

Durante um encontro, o parceiro quer relaxar, quer se divertir, e cabe a ela se incumbir desta tarefa. Apesar do nervosismo com a imagem que pode transmitir e com tantas preocupações em agradar (colocadas como naturais da feminilidade), estar com ele precisa ser um grande prazer, eles devem rir, aproveitar e beijar muito.

Quem decide se o relacionamento será um namoro ou não é o parceiro, não há diálogo nem decisão conjunta. Caso ele não demonstre interesse por uma relação “*séria*”, ela deve lançar mão de estratégias como fingir que não está interessada, disfarçar o que deseja sem em nenhum momento demonstrar carência, inventar que tem outro compromisso quando ele a chama para sair, agir como se não dependesse dele e paquerar outros para despertar ciúmes.

Quando a meta for alcançada e os dois começarem a namorar, ela deve continuar tendo cuidado para não expressar de forma aberta como se sente e o que deseja, porque ainda há o perigo de “*assustá-lo*”. Ela precisa se dedicar para que a relação se mantenha, buscando formas de renovar continuamente o interesse e o desejo do parceiro por ela. Ela deve ser sempre fiel e também ser responsável por garantir a fidelidade dele: valorizando-o, mantendo o diálogo e inovando a vida sexual. Caso briguem, é necessário que ela sempre se controle e se mantenha calma, escute-o, preste atenção no que ele tem a dizer sem interrompê-lo, busque entendê-lo e colocar-se no lugar dele para imaginar como ele se sente. Deve esforçar-se para mudar em si mesma atitudes impulsivas, mas, com relação às atitudes dele, deve ser compreensiva e não esperar e muito menos cobrar que ele mude.

Com tantas normatizações sobre como devem ser os relacionamentos e sobre como devem ser as meninas e mulheres para que esse ideal de relacionamento se torne possível, é importante a reflexão sobre o caráter repressivo dessa idealização. Podemos retomar o que diz Jurandir Freire Costa (2004):

Quando não realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade culpando a nós mesmos, aos outros ou ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar (COSTA, 1998, p. 34).

Os grupos de educação sexual podem ser um espaço propício para que essas regras sejam refletidas e problematizadas. É importante considerar como os padrões de gênero e a heteronormatividade estão presentes na idealização sobre o amor e o quanto essa idealização pode ser normativa e repressiva. A associação entre a feminilidade e a necessidade de agradar e atender aos desejos masculinos pode tornar as meninas e

mulheres mais suscetíveis a relações de violência, em que seus desejos e sua liberdade são desrespeitados e anulados e isso é interpretado como “prova de amor”. Outro contexto em que essa associação pode contribuir para a vulnerabilidade feminina é o do uso do preservativo, já que se o mais importante é corresponder ao que o parceiro deseja e espera, a importância da saúde pode ficar em segundo plano. É necessário, assim, que as intervenções em educação sexual busquem contribuir para uma compreensão mais igualitária e justa sobre as relações entre os gêneros, o que contribui também para uma visão mais crítica e abrangente das formas de amar, buscar prazer e viver os relacionamentos.

Capítulo 9-

Valorização do sexo como prazer feminino

9.1. Compreensão instrumental e funcional do sexo

Nas revistas femininas analisadas, embora as matérias sobre sexo tenham sido publicadas em menor número que as matérias sobre temas como beleza e relacionamentos amorosos, o sexo foi valorizado como fonte de prazer, principalmente nas revistas direcionadas para as mulheres adultas (*Nova*, *Boa Forma*, *Women's Health* e *Tpm*).

A representação do sexo como positivo pode levar à impressão de que há uma maior liberdade da busca feminina por prazer. Essa impressão se contraria quanto percebemos que, com intensa frequência, ao invés de compreendido como um campo múltiplo de possibilidades, o prazer é transmitido a partir de uma concepção instrumental e funcional, como é possível notar no exemplo a seguir, da seção “Se Joga!” da Revista *Nova*, sobre as vantagens do orgasmo:

“Tenha orgasmos. Mais uma razão para atingir o clímax: o orgasmo diminui o stress e pode aumentar a sua criatividade no trabalho. Pois é! Ao gozar, o corpo libera endorfina e oxitocina, hormônios que aumentam a sensação de bem-estar. ‘Depois de uma noite, com orgasmo, fica fácil fazer uma tarefa complexa, já que você está mais relaxada e feliz’, diz a ginecologista Carolina Ambrogini, da Unifesp. Desculpa perfeita para o gato hoje” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 66).

“*Tenha orgasmos*”. O próprio uso imperativo no começo do conselho indica como, mais do que uma sugestão, a recomendação de ter orgasmos se converte em um dever, em uma obrigação. Assim, ao mesmo tempo em que é afirmado que ter orgasmos facilita a realização de tarefas, o próprio orgasmo se torna mais uma das tantas tarefas que a leitora precisa cumprir.

As sensações de bem-estar, relaxamento e felicidade são explicadas em termos de uma resposta hormonal: “*o corpo libera endorfina e oxitocina*”, o que evidencia uma compreensão essencializante do prazer, circunscrito à liberação de substâncias. A voz de uma especialista do campo da ginecologia é convocada para dar credibilidade à explicação que está sendo dada sobre o “modo de funcionamento” do corpo da mulher, o que ilustra a autoridade conferida ao discurso científico para definir o que é o prazer.

Se tornar mais produtiva, com mais criatividade e menos stress é a “*desculpa perfeita para o gato hoje*”, como se o prazer sexual precisasse ser justificado com pretextos, com argumentos sobre sua utilidade, ao invés de ser relacionado com a dimensão do desejo, da vontade e da escolha.

Assim, mais do que uma possibilidade, o prazer sexual é representado como uma tarefa a ser cumprida; mais do que uma experiência integrada à vida como um todo, é recoberto de expectativas para que seja uma fonte de alívio, compensação para as pressões cotidianas, estímulo e motivação.

Na dissertação “*Sexualidade em Revista*”, Gabriela Hollenbach (2005) descreve que *Nova* foi a primeira revista feminina a utilizar a palavra “orgasmo”, já na capa da primeira edição, em 1973. Desde as publicações iniciais, *Nova* declarou ter propósito de falar abertamente sobre sexo, rompendo com a discricção e a cautela predominantes em outras revistas femininas do período. A questão do “direito ao prazer”, defendida pelo pensamento feminista, teve influência na construção da proposta editorial da revista, de modo que o sexo, o prazer e a liberação foram muito abordados, principalmente nas décadas de 70 e 80. Entretanto, essa relação foi gradativamente perdendo a força, de forma que o prazer, mais do que uma liberdade e um direito, passou a ser representado como uma tarefa a ser cumprida. Sentir mais prazer e um prazer cada vez melhor se converte em um imperativo, e os conselhos da revista passam a ser pautados na “eterna possibilidade de intensificação do prazer” (HOLLENBACH, 2005, p. 78).

Na análise da revista *Nova* realizada por Giovana Lopes Feijão (2010), na dissertação “*A Vida Sexual Politicamente Correta em Revista*”, também foi identificada uma grande diversidade de técnicas e exercícios prescritos para o aprimoramento das práticas sexuais e a potencialização do prazer. A autora discute sobre a presença da associação entre prazer e saúde, assim como da representação de que uma vida sexual é necessária para o bem-estar do corpo e da mente.

No exemplo a seguir, da matéria “**24 horas + jovem & saudável**”, da revista *Women’s Health*, é possível reconhecer a associação entre sexo e saúde, e, assim como *Nova*, a compreensão do prazer como ligado à liberação de substâncias:

“23:00. Tenha uma boa noite de sono (...) Se deseja melhorar sua performance na cama, nada de notebook ou smartphone entre os lençóis. Para pegar no sono como um anjo, prefira um companheiro de carne e osso: sexo libera oxitocina, substância que combate o stress e faz com que você e seu parceiro durmam melhor” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 77).

“**Anote na agenda os melhores hábitos para cada hora do dia**” (p. 72), é a linha de apoio desta matéria, em que são dadas recomendações sobre atitudes saudáveis que devem ser feitas com indicação dos horários mais adequados, inclusive para o sexo, recomendado para melhorar a qualidade do sono. Melhorar a performance na cama,

dormir melhor, combater o stress: o sexo é valorizado pela sua utilidade e pelos benefícios que pode trazer para a saúde.

A preocupação com a saúde também está presente na matéria **“Transa sem compromisso e sem neura”**, da revista *Boa Forma*:

“Fazer sexo casual é parte da rotina das mulheres modernas e não precisa ser um drama- desde que não provoque sofrimento nem coloque a saúde em risco. Fique de olho em algumas regras para a diversão não virar encanação.” (BOA FORMA, fevereiro de 2012, p. 58).

Na linha de apoio é alertado *“fique de olho”* e no decorrer da matéria são apresentadas algumas regras:

“Na sua casa ou na dele? Qualquer uma das duas só é boa opção se vocês tiverem intimidade e ficarem à vontade para ir (ou pedir que o outro vá) embora quando quiserem. Caso contrário, prefira um motel ou hotel.

Dobre a atenção se o gato for um desconhecido. Avise uma amiga sobre aonde vai e controle-se para não dar detalhes da sua vida pessoal logo de cara.

Não espere flores ou mensagens fofas no dia seguinte. Assim, você evita frustração caso o gato não dê sinal de vida” (BOA FORMA, fevereiro de 2012, p. 58).

Preocupar-se com o lugar, tomar precauções caso o parceiro seja desconhecido, evitar frustrações não alimentando expectativas são algumas das regras transmitidas. Assim, é possível notar que, embora a matéria se proponha a afirmar que o sexo casual pode ser *“divertido”* e o título seja *“Transa Sem Compromisso e Sem Neura”* a ênfase dada foi justamente nas preocupações.

9.2. Regras e prescrições para o desempenho e o prazer sexual

Na capa da Revista *Nova* é destacado o anúncio: **“239 ideias que vão revolucionar sua vida sexual”**. É possível destacar o uso da expressão *“revolucionar”*, que indica a valorização atribuída ao sexo, ao mesmo tempo em que reflete o esvaziamento do caráter político, social e histórico da expressão *“revolução”*, inclusive no que se refere a como já foi compreendida como revolucionária a busca pelo prazer sexual das mulheres, como discutimos no capítulo 2. O anúncio diz respeito à matéria **“239 dias de Folia”**, em que são dados 239 conselhos sobre diferentes momentos da relação sexual. O uso da palavra *“folia”* no título, assim como a forma como a matéria é apresentada no editorial e na linha de apoio exemplificam a associação enfatizada pela

revista entre sexo e diversão:

“E porque em época de Carnaval o que queremos é curtir, delirar com a matéria 239 Dias de Folia (pág. 118) – ideias sensacionais e extra-hot. Sua cama vai tremer! Inspire-se... and have fun!!!” (NOVA, fevereiro de 2012, grifos da revista).

“Inspirações das escolas de samba para você transformar sua vida sexual em uma grande folia o ano inteiro” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 118).

O sexo é representado de forma positiva, incentivado, estimulado, festejado, colocado como uma grande folia. As 239 dicas oferecidas estão relacionadas à importância de se ter uma vida sexual prazerosa, divertida, satisfatória e animada:

“Devagarzinho, em ritmo frenético ou só uma rapidinha: o importante é manter a animação sempre!” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 119).

“O importante é manter a animação sempre!”. Através de um tom entusiasmado, diversas regras sobre como a vida sexual deve ser são prescritas, de forma que o caráter normativo dos conselhos é diluído em meio a tantas representações de diversão. As dicas são divididas a partir de temas carnavalescos: concentração (sobre as preliminares); comissão de frente (sobre os seios); alegorias e adereços (sobre acessórios a serem usados, principalmente itens de sex shops); evolução (sobre a relação sexual); harmonia (sobre chegarem ao orgasmo juntos); samba enredo (sobre músicas a serem escolhidas); desfile na avenida (sobre locais fora de casa onde é possível fazer sexo); no camarote (sobre o prazer de observar); desfile do grupo B (sobre sexo anal).

Com um vocabulário lúdico e descontraído, a revista se coloca na posição de ensinar como a vida sexual deve ser. As mais diversas práticas sexuais são detalhadas por meio de regras, com o uso do modo imperativo: *“faça!, toque!, pegue!, mexa!, mova!, use!”*, como é possível notar no trecho a seguir:

“5. Antes de começar a fazer sexo oral, tome água para ajudar na produção de saliva e manter os lábios lubrificados. 6. Não caia de boca de uma vez. Gaste alguns minutinhos lambendo a virilha. (...) 9. Use a língua para vibrar em torno do pênis dele com rapidez antes de sugá-lo. (...) 10. Mantenha o pênis preso em sua boca e faça movimentos para a frente e para trás com a ponta da língua. 11. Enquanto suga o pênis, circule-o continuamente com a língua da direita para a esquerda e vice-versa. Estimule a base do pênis com suaves lambidas. 13. Quando estiver perdendo o fôlego, pare e beije as pernas, o umbigo, o peito... Assim você recupera o ar e continua a excitá-lo.

14. Não curte engolir? Retire o pênis da boca na hora do orgasmo e deixe que ele goze onde você achar melhor” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 119).

Também são dados conselhos sobre como masturbar o parceiro:

“41. Segure a base do pênis e, com a palma da outra mão, faça movimentos circulares sobre a cabeça. 42. Para evitar que ele chegue ao fim, envolva a região em volta da glândula com o polegar e o indicador. Aperte, bloqueando a saída do esperma. 43. Pegue o equipamento dele com as duas mãos, deixando um espaço entre elas. Faça movimentos constantes e delicados para cima e para baixo. 44. Segure com firmeza na base. Faça um círculo com o polegar e o indicador da outra mão, como se fossem um anel, e o pênis, o dedo. Ponha e tire o anel diversas vezes, aumentando a velocidade. Sem parar um minuto!” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 120).

“*Sem parar um minuto!*” A lógica fabril, como se houvesse uma máquina sendo operada (e não um sujeito com um corpo sensível sendo estimulado), fica clara na linguagem utilizada, como quando o pênis do parceiro é chamado de “*equipamento*”.

Embora a abordagem do sexo de forma aberta nas revistas femininas muitas vezes seja compreendida como uma maior “liberdade” sexual, é preciso questionar, a partir desses exemplos, se alguma liberdade é possível se todo o desejo e todo o prazer são convertidos em coordenadas a serem seguidas, sem deixar nenhum espaço para movimentos próprios, como se o sexo fosse uma coreografia a ser desempenhada com passos pré-determinados. Nos trechos a seguir, sobre que sons são ou não permitidos, também é possível notar como o controle é incisivo:

“142. (...) Não economize nos gemidos. 146. (...) Se você não estiver no clima para expressar todo o seu prazer, não fique muda. Basta um “uuuh” para ele saber que está agradando. (...) 151. Não tente bancar a estrela pornô: dizer frases ou coisas vulgares pode ser estranho. 152. Altere tons de voz graves e agudos enquanto sussurra sacanagens nos ouvidos dele. (...) 166. Gemidos são essenciais. Mas seus vizinhos não precisam participar” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 123).

“*Se você não estiver no clima para expressar todo o seu prazer*” é uma consideração que implica a possibilidade de que, na verdade, não haja tanto prazer sendo sentido, embora a ênfase claramente recaia não na construção de um “*clima*” em que o prazer possa ser espontaneamente e sentido e sinceramente expresso, mas sim, na necessidade do parceiro “*saber que está agradando*”, o que culmina na instrução de que

“*gemidos são essenciais*”. Ainda que haja a ênfase de que valorizar a performance do parceiro seja essencial, são elencadas mais e mais regras sobre como é adequado ou não demonstrar esse suposto prazer que ele estaria despertando.

A falta de espaço para a imaginação e para a espontaneidade pode ser evidenciada pelo modo como até mesmo o que pensar e o que fantasiar é prescrito, como nos exemplos a seguir:

“86. Imaginem que você é uma garota de programa e ele um cliente. Enquanto ele beija seus seios, você acaricia os testículos dele e tira a calcinha. (...) 92. Fantasiem que você é uma garota da praia, vestindo uma regata sem sutiã, e ele um surfista bonito. Vocês tomam um vinho e derramam a bebida no peito um do outro, perto da piscina ou do mar. (...) 94. Imagine que seu parceiro é um primo distante e muuuito gato. Durante uma festa de família, vocês se encontram no lavabo e fazem sexo curvados sobre a pia com medo de serem flagrados” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 121, grifos nossos).

A revista também se coloca na posição de antecipar, de prever o que será sentido pelo parceiro, como se as reações fossem algo controlável e não algo espontâneo, próprio de cada relação e de cada momento em particular, o que pode ser notado nas afirmações feitas: **“O gato vai amar!”**; **“Ele irá enlouquecer de expectativa!”**, **“O gato ficará em ponto de bala!”** (NOVA, fevereiro de 2012, p. 119-120).

Na tese *“Prazeres Perigosos: Erotismo, gênero e limites da sexualidade”*, Maria Filomena Gregori (2010), ao analisar manuais sobre sexo encontrados em sex shops, afirma que é possível compará-los a bulas de remédios ou a guias técnicos sobre ginástica:

Impressiona a variedade e a sofisticação da informação fornecida. Chama particular atenção a quantidade de manuais. Há como que uma tentativa explícita de ensinar técnicas de exercício sexual, com ilustrações e descrições pormenorizadas sobre os movimentos corporais. Não existem muitas diferenças entre esses manuais e todos os seus dispositivos de apresentação das várias técnicas e os manuais de ginástica. Fontes de uma mesma tradição (GREGORI, 2010, p. 63).

Gregori (2010) assinala como as mulheres deixaram de ser representadas como passivas nas práticas sexuais e como a iniciativa e a ousadia femininas passaram a ser mais valorizadas. A criatividade é situada como uma qualidade necessária para satisfazer os parceiros e estimular os relacionamentos, o que, ao mesmo tempo em que indica uma abertura maior para a experiência feminina dos prazeres sexuais, reforça a representação da mulher como responsável por agradar o homem para a manutenção da relação. Há

assim o risco de, ao invés de haver a ruptura de limites, ser reforçada “uma espécie de etiqueta erótica composta por convenções ainda fortemente heteronormativas” (GREGORI, 2010, p. 198). A autora realizou uma pesquisa etnográfica em sex shops, investigando sobre os diversos usos de acessórios sexuais e produtos eróticos. Voltando à matéria “**239 dias de folia**”, em que vários acessórios e produtos são recomendados, como vibradores, cintos, lenços, elásticos e lubrificantes comestíveis, é possível identificar o reforço ao invés da ruptura nos padrões de gênero no exemplo a seguir:

“Realize a fantasia dele de transar com uma virgem: use um gel simulador de virgindade (à venda em sex shops) que contrai as paredes da vagina. Peça para ele ir bem devagarzinho...” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 120).

A forma como a recomendação da invocação e da diversificação de práticas eróticas e a sugestão do uso de acessórios e produtos vem acompanhada de representações que reiteram os padrões de gênero e sexualidade tradicionais pode ser exemplificada também pela forma como a revista prescreve como deve ser feito o sexo anal:

“214. Prefira a semana da ovulação, quando a sua excitação atinge o ápice. 215. Peça para ele acariciar outras zonas erógenas durante a penetração. Estimuladores clitorianos e vibradores de ponto G são ótimas opções. (...) 217. Enquanto fazem sexo anal de ladinho, coloque os dedos dele (ou os seus) dentro da sua vagina. 218. Explore o lado B depois de gozar com a penetração vaginal ou com carícias orais daquelas, quando você já estará beem mais relaxada. (...) 222. Não é uma relação vaginal. A transa deve ser lenta e, principalmente nas primeiras vezes, breve. (...) 227. Não force: o ânus não comporta um pênis médio, ereto, inteiro.” (NOVA, fevereiro de 2012, p. 125).

Ainda que o prazer anal seja afirmado enquanto possível, ele é representado como secundário, como “*lado B*”, enquanto o “*lado A*”- a penetração vaginal, continua a receber prioridade e centralidade. É preciso ter gozado antes pela penetração na vagina e é necessário estimulá-la e estimular o clitóris durante as tentativas de facilitar a “temida” penetração anal, com prescrições de que deve ser lento, breve, sem colocar o pênis inteiro, com a representação do ânus como uma área frágil e cerceada por limitações. Há também a associação entre ovulação e excitação, que reitera a concepção do modelo reprodutivo como referência para compreender o prazer feminino.

Giovana Lopes Feijão (2010), na dissertação “*A Vida Sexual Politicamente Correta em Revista*”, discute como a diversificação de práticas sexuais tidas como aceitas

e valorizadas, como o sexo oral, o sexo anal, a masturbação etc. não implica, necessariamente, em uma flexibilização dos padrões de gênero. Na análise da revista *Nova* realizada pela autora, foram muitas as posições, fantasias e técnicas de estimulação identificadas, mas, ainda assim, algumas práticas permanecem como cerceadas ou desaconselhadas, principalmente aquelas que destoam dos padrões de gênero vigentes. Esse movimento se reflete no modo como, no trecho a seguir, há a recomendação de que a leitora explore a região anal do parceiro, acompanhada de uma série de ressalvas:

“228. Comece com uma massagem nas costas, escorregue suas mãos até embaixo e espalhe os dedos abertos sobre o bumbum. Fique um tempo por ali, fazendo movimentos circulares. A técnica o prepara para o ‘toque de mestre’ que virá em seguida. (...) 232. Melhor não se afobar. Quando quiser brincar com o lado B do gato, peça permissão para entrar! Se ele der, introduza o dedo no ânus do seu parceiro durante o sexo oral, quando sentir que ele está quase gozando. (...) Jamais faça movimentos de vaivém, como quem simula a penetração com o pênis (isso fere a masculinidade deles). Prefira os giratórios nos dois sentidos ou deslize suavemente o dedo, sem impor nenhuma força. Vá com calma!” (*NOVA*, fevereiro de 2012, p. 122).

“Melhor não se afobar!”, *“Peça permissão para entrar!”*, *“Vá com calma!”* *“Jamais faça movimentos de vaivém!”*. O tom de advertência evidencia como o padrão de masculinidade vigente é representado como algo a ser preservado, a ser mantido intacto, ainda que o ânus do parceiro possa ser tocado.

Enquanto na revista *Nova* são dadas instruções sobre como deve ser a penetração com o dedo no ânus no parceiro, o sexo anal, o sexo oral, a masturbação, as fantasias sexuais, o uso de acessórios e produtos eróticos, entre tantas outros “scripts” para o sexo, na matéria **“Por que tantas mulheres fingem o orgasmo?”**, da revista *Women’s Health*, é apresentado um roteiro passo-a-passo sobre como simular o prazer:

“De vez em quando pode?”

Um blefe ocasional não é tão danoso assim. Há dias em que tudo deu errado e você quer resolver logo a questão para poder dormir. (...) 1. Comece gemendo devagar e baixo, mantenha os olhos meio abertos e a expressão neutra. Entre os gemidos, fale algumas palavras de encorajamento, como ‘como isto é gostoso’. 2. Gradualmente, comece a gemer mais alto, fique com a respiração mais rápida e pesada. Mas tem que ser gradual. Se você mudar o ritmo de uma hora para outra e começar a gritar, vai parecer falso. 3. Faça

mais caras e bocas. **Morda o lábio inferior, abra ligeiramente a boca, pressione os dentes, aperte os olhos. 4. Use o corpo todo. De forma ‘involuntária’, estremeça as pernas de forma que os corpos se massajem, mas sem que pareça que você está tendo um ataque epilético. 5. Acelere ainda mais o ritmo da respiração, morda os lábios e diga: ‘estou quase lá’. 6. Abrace-o com força, finja que está perdendo o controle. Grite, vire a cabeça para os lados, morda os lábios, diminua o intervalo entre as respirações, faça o que normalmente faz quando está tendo um orgasmo de verdade. 7. Enquanto tem o orgasmo, com todas as caras e bocas, diga que quer que ele goze também. 8. Imediatamente, elogie a performance dele, com a voz ainda cheia de manha e gemidos. Diga que foi incrível enquanto se esfrega no corpo meio com preguiça. Você está cansada, lembra?’** (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 41).

Prescrições sobre como sentir prazer, como intensificar o prazer sentido, como proporcionar prazer ao parceiro e até mesmo como fingir prazer: nas revistas tudo é ensinado minuciosamente. Termos como “manual”, “guia”, “roteiro”, “receita” são frequentes, como se o sexo pudesse ser reduzido a uma forma adequada de fazer, com movimentos pré-determinados a serem cumpridos, sequências a serem seguidas, e uma direção correta a ser percorrida, como ilustra o trecho a seguir, também da revista *Women’s Health*, em que com o título “**O mapa do tesouro**”, é apresentada uma trilha descrita como “*infalível*”:

“Quer fazê-lo suspirar nas preliminares? Siga esta trilha de carícias que nossos entrevistados entregaram ser infalível: comece pressionando seu corpo contra o dele e, em meio aos amassos, passe leve as unhas no peito do gato. Depois, siga para os dois lugares onde eles mais gostam de ser beijados (sem contar o pênis, é claro): sussurre ao pé do ouvido enquanto puxa de leve o cabelo dele e, aí sim, siga para a nuca. O grand finale a gente nem precisa dizer onde vai ser...” (*WOMEN’S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 84).

Esse trecho é anunciado pela afirmação: “**Decifrado: Carícia no peito, sussurro no ouvido e beijo na nuca: eles não resistem!**”. A transmissão de instruções como se fossem “infalíveis” e “irresistíveis”, generaliza o que seriam as preferências e desejos dos parceiros, como se houvesse uma forma única de sentir prazer, passível de ser “decifrada”; como se as mesmas estimulações feitas na mesma sequência com a artificialidade de quem cumpre sempre as mesmas regras pudessem despertar as mesmas

sensações em pessoas **diferentes**; como se os parceiros fossem uma máquina e o desejo e a excitação pudessem ser acionados a partir do manuseio adequado aprendido com um “manual de instruções”; como se o sexo não se referisse ao contato e a interações entre humanos, que possuem suas singularidades, suas particularidade, sentimentos e desejos que não podem ser reduzidos a um “modo de funcionamento” previsível, calculável e regulável.

9.3. Ênfase na beleza feminina como importante para o prazer sexual

Os discursos sobre o prazer sexual feminino são muitas vezes articulados aos discursos sobre o cuidado com o corpo e a beleza, como quando o sexo é anunciado como um exercício ou como os exercícios físicos, dietas e outros procedimentos estéticos são representados como potencializadores da atratividade e do prazer sexual. Essa articulação pode ser identificada no trecho a seguir, da matéria “6 motivos para você ir à luta”, publicada na seção “Fitness”, da revista *Boa Forma*. São apontados argumentos para convencer as leitoras a praticarem esportes de luta, como boxe, MMA, muay thai, kung fu, jiu jitsu, taekwondo. Dentre os argumentos está a possibilidade de melhorar a vida sexual:

“Sexo a mil- Quando você começa a praticar uma luta se sente mais capaz, poderosa e autoconfiante. Sem contar as mudanças no corpo, que fica mais forte e definido e faz com que se sinta mais bonita. Tudo isso já é suficiente para melhorar sua vida na cama, afinal, a gente sabe que autoestima em dia é chave para transar mais gostoso, sem neuras com gordurinhas ou celulite. Junte a esse benefício outras habilidades que esse tipo de treino desenvolve- flexibilidade, agilidade e resistência- e o resultado é mais energia e diversão a dois. É um nocaute (de prazer, é claro) no seu parceiro” (BOA FORMA, fevereiro de 2012, p. 101).

“Flexibilidade, agilidade e resistência” são habilidades que podem ser desenvolvidas pelo treino e vistas como necessárias e valorizadas para a prática sexual. Há também a associação entre sexo e energia, diversão e prazer (um “nocaute” de prazer). A compreensão positiva (“sexo a mil”) coexiste com a transmissão de padrões e modelos a serem seguidos, como nas incitações para cuidar do corpo. A relação entre se sentir bonita e o prazer sexual é colocada como óbvia, inquestionável. A insegurança com relação ao próprio corpo, como “neuras com gordurinha e celulite”, é naturalizada. Não ter gordurinhas ou celulite é colocado como sinônimo de “autoestima”, com a afirmação

“*autoestima em dia é chave para transar mais gostoso*”. O importante é cuidar para corresponder aos padrões de aparência, mobilizar esforços para que não se tenha gordurinhas e celulites, sem em nenhum momento problematizar se de fato esses elementos interferem na possibilidade de sentir prazer (ou mesmo se são necessários para a proclamada “autoestima”).

A associação direta entre a beleza e as possibilidades de realização sexual é também problematizada na análise realizada por Gabriela Hollenbach (2005) sobre revistas femininas: “A arte de se fazer querer está profundamente ligada à arte de se fazer bela” (HOLLENBACH, 2005, p. 94). A autora destaca como é transmitido continuamente que para ser desejável é necessário estar com o corpo em forma, minuciosamente esculpido por meio de inúmeros esforços detalhadamente descritos para serem seguidos pelas leitoras.

A importância da beleza para o sexo também é evocada pela revista *Women's Health*, que, a partir de entrevista com 400 homens, apresenta o que foi respondido por eles com o título “**Em que ele repara na hora H**”:

“Infelizmente a visão deles não é treinada para tornar invisíveis suas estrias, celulites e gordurinhas extras aqui ou ali. (...) se o seu bumbum tem furinhos, relaxe- ao menos na hora H. Quando mais segurança você esbanjar, melhor. “Em vez de se prender aos estereótipos, foque nas sensações que o parceiro desperta no seu corpo e você no dele”. (...) Há dois pontos dos quais você não pode descuidar: lingerie e depilação” (*WOMEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 85).

Embora haja a ênfase na importância de um corpo bonito para ser considerada como desejável e atraente, há também a afirmação da necessidade de relaxar, de “*esbanjar*” segurança, e, ao menos no momento da relação sexual, esquecer os “*estereótipos*” (embora eles sejam lembrados o tempo todo nos demais conteúdos da revista). Além da aparência ser o elemento evocado para falar sobre o risco de desagradar os homens (com estrias, celulite, gordurinhas, descuido com lingerie e depilação), também é sobre a aparência a informação sobre o que mais os agrada:

“Por mais que o implante de silicone nos seios mantenha seu lugar fixo no topo das cirurgias plásticas mais realizadas no Brasil, a comissão de frente ainda perde para o bumbum na preferência dos brazucas. 45,8% dos entrevistados disseram que o derriére é a parte do corpo que provoca mais tesão” (*WOMEN'S HEALTH*, fevereiro de 2012, p. 84).

A importância de buscar agradar o olhar masculino é mais uma vez reforçada, com o corpo feminino sendo representado não como fonte de prazer, satisfação e tesão para as mulheres, mas sim como sendo avaliado e fragmentado em partes hierarquizadas a partir de dados estatísticos sobre quais provocariam mais ou menos o tesão dos homens consultados.

9.4. A sexualidade feminina adolescente como motivo de medos e preocupações

A busca por agradar o olhar masculino e a preocupação com as possíveis falhas na aparência também são temas abordados com frequência nas revistas femininas para adolescentes, em que a abordagem sobre sexo, no geral, se refere ao início da vida sexual. Um exemplo é a carta a seguir, enviada por uma leitora para a seção **“Tudo Sobre Sexo”**, da revista *Atrevida*:

“Sem roupa.

Namoro há alguns meses e agora estamos pensando em ter a nossa primeira relação juntos. Eu tenho muita vontade que role com meu namorado, pois eu o amo muito. Mas morro de vergonha de tirar a roupa na frente dele... E é por isso que a gente não transou até agora. O que eu faço?” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 15).

A resposta dada não leva em consideração os padrões e exigências sobre a aparência feminina presentes na cultura no geral e reforçados pelas próprias revistas, mas ressalta a importância de sentir segurança:

“(...) Um relacionamento é feito à base de confiança. Se você namora é porque confia nele, e vice-versa, se ele está com você é porque a aceita da forma como você é! No sexo é preciso ter confiança e o ideal é que você só o faça quando estiver segura, não apenas para agradar seu namorado” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 15).

Embora na resposta dada tenha sido afirmado que o mais importante é se sentir segura, e não agradar o namorado, a mesma revista, na mesma edição, publica a matéria **“O Dia Seguinte”**, em que dá conselhos com ênfase em como agradar o parceiro para conseguir um relacionamento sério, inclusive com prescrições sobre o que fazer após a primeira relação sexual:

“Você pode comentar sobre o que foi legal, mas não fique só nisso, para não deixar o menino constrangido. (...) O que fazer? Quebrar o gelo, demonstrar interesse e envolvimento, mas sem fazer pressão. Essa é a melhor forma de

investir no romance. Afinal, você não quer assustar o garoto e fazê-lo sumir pra sempre, certo? (...) Pra resumir, confie no seu taco e dê tempo ao tempo em vez de se precipitar e acabar colocando tudo a perder!” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 45).

Deixar o menino constrangido, assustar o garoto, “*fazê-lo sumir pra sempre*”, colocar tudo a perder... São muitos os riscos apresentados diante da possibilidade da garota não agir do jeito “certo”. A representação de que há uma forma certa de agir e a preocupação em agradar o garoto também estão presentes na matéria “**Tá esquentando**”, sobre preliminares, publicada na seção “**Sexo**” da revista *Capricho*:

“62% das garotas não sabiam o jeito certo de acariciar um menino nas primeiras vezes que trocaram carinhos.

5 entre 10 meninas se preocupam em agradar o garoto na hora de acariciá-lo” (*CAPRICH*O, fevereiro de 2012, p. 70).

A seção “Sexo” da revista *Capricho* foi nosso objeto de análise em uma pesquisa anterior (PASTANA; MAIA, 2012), descrita no artigo “*Medo, Tensão, Arrependimento e Vergonha: Representações Negativas de Sexualidade na Seção ‘Sexo’ da Revista Capricho*”. A partir da análise da seção em 18 edições da revista, foi possível identificar a predominância de representações negativas com relação às experiências sexuais, como a tensão, o nervosismo, a preocupação em agradar o parceiro e a vergonha do próprio corpo e da própria aparência. Por meio da análise de conteúdo e do cálculo de frequência, identificamos que “medo” foi a palavra mais utilizada pela seção. Dentre os medos associados à vida sexual estavam: medo de sentir dor, medo de engravidar, medo de pegar doenças, medo da camisinha estourar, medo do garoto desaparecer, medo de ir ao ginecologista, medo de não estar preparada para iniciar a vida sexual, medo de se arrepender da primeira vez, medo de não gostar de sexo, medo de não saber fazer sexo direito, medo de ser a última virgem da turma, medo de ser julgada por ser uma das primeiras a transar, entre outros.

Medos, inseguranças e preocupações com relação ao sexo e ao corpo também foram predominantes nas matérias sobre sexualidade das revistas adolescentes analisadas nesta pesquisa. Além das questões discutidas anteriormente, sobre a vergonha de tirar a roupa na frente do parceiro e a preocupação sobre como agir no dia seguinte, os trechos a seguir ilustram outros motivos de tensão:

“Primeira vez

Meu namorado sabe que sou virgem, e a gente combinou que vai transar em

breve. Mas eu tô com medo de não conseguir me soltar na primeira vez porque estou nervosa. Fico pensando no quanto vai doer e tenho medo de travar na hora. Também fico pensando sobre o sangramento. Se eu não sangrar na hora, será que ele vai pensar que eu não sou mais virgem?” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 15).

“Primeira vez

Tentei transar com meu namorado pela primeira vez. Ele não pôs o pênis todo, mas senti dores e também sangrou um pouco. Depois, não senti mais dores nem teve sangramento. Será que ainda sou virgem?” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 20).

Sangramento, dor, receio de não conseguir se soltar, de travar, da impressão despertada no parceiro são medos presentes nas perguntas das revistas *Atrevida* e *Todateen*, ambas com o título “*Primeira Vez*”. A importância dada para a virgindade aparece na fala das duas leitoras, a primeira, com a preocupação do parceiro pensar que ela não é mais virgem caso não sangre, e a segunda, com a possibilidade de continuar ou não virgem após a primeira tentativa de transar. A explicação a seguir, dada na seção “**Papo Íntimo**” da revista *Todateen*, aborda outro medo frequente: o medo do corpo mudar após a primeira relação sexual:

“Meu corpo vai mudar?

Já ouviu falar que depois da primeira vez o corpo da menina muda? Se sim, esqueça isso. De acordo com especialistas, a única alteração que acontece é que o hímen (membrana que fica bem na entrada da vagina) é rompido, mas isso não é visível, a não ser pelo ginecologista, e é supernormal. Transar não faz os seios crescerem ou o quadril alargar, isso é apenas invenção mesmo” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 20).

As preocupações das leitoras sobre a possibilidade ou não do corpo mudar, de doer, de sangrar, de não sangrar e sobre o risco desses elementos provocarem a desconfiança do parceiro evidenciam como a virgindade em nossa cultura, muito mais do que a ruptura do hímen, carrega muitos significados que influenciam a compreensão e a experiência do prazer sexual feminino.

Nas colunas analisadas, especialistas de diferentes áreas são convidados(as) para esclarecer as dúvidas e fornecer informações sobre a sexualidade e o corpo feminino. As questões sobre primeira vez das revistas *Atrevida* e *Todateen* foram respondidas por profissionais que afirmaram a importância de procurar acompanhamento médico e utilizar

o preservativo. Além de recomendações sobre procedimentos a serem seguidos, também foram dados conselhos sobre como as garotas devem se sentir: **“O importante é você estar segura do que quer fazer e do menino que está com você!”**, **“No sexo é preciso ter confiança e o ideal é que você só o faça quando estiver segura”** (p. 15), afirma uma ginecologista na seção **“Tudo sobre sexo”** da revista *Atrevida* e o conselho **“Para ficar tranquila na hora, o melhor jeito é confiar no menino e ter certeza do que você quer”**(p. 70), é dado por uma psicóloga e terapeuta sexual na seção **“Sexo”** da revista *Capricho*.

Lado a lado com alertas sobre perigos e riscos, são transmitidas prescrições de estar muito segura, muito confiante e tranquila, o que é contraditório diante da associação tão frequentemente alimentada entre sexo e preocupações. Essa contradição também foi problematizada em nossa análise anterior da seção **“Sexo”**:

É necessário questionar como a leitora se sentirá livre e confiante se as representações de sexualidade apresentadas a ela são todas tão negativas. O imperativo da importância de estar o mais segura possível contrasta com os discursos da própria revista, que repete tantas vezes que o normal é sentir-se tensa, nervosa e com medo na primeira vez. Provavelmente uma exigência de se sentir segura funciona mais como forma de aumentar a insegurança do que de ajudar a leitora a lidar com ela (PASTANA; MAIA, 2012, p. 39-40).

Além de especialistas, garotos também são consultados sobre como deve ser a primeira relação da garota, como é possível notar na matéria **“Rola ou Enrola”**, da seção **“Jogo da Verdade”**, da revista *Todateen*:

“Eduardo: Acho importante ela conhecer o parceiro, gostar e se sentir segura com ele (...).

Danilo: Quando a menina começa a ficar curiosa e acha que chegou a hora, deve procurar um médico para conversar. É importante também que o casal se conheça, que role o clima...

Nil: Acho importante os dois sentarem, conversarem e procurarem um ginecologista. Conversar com os pais dos dois também é importante.

Lucas: não adianta forçar a barra, é preciso o relacionamento ficar mais sério” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 18).

O relacionamento precisa ficar sério, é importante que o casal se conheça, é necessário conhecer o parceiro, gostar e se sentir segura com ele. Como discute Patrícia Silva (2010), a sexualidade feminina adolescente é sempre pensada no contexto de um

relacionamento estável, o que não ocorre com relação às expectativas para as experiências sexuais masculinas.

No artigo “*Educação Sexual e Primeira Relação Sexual: Entre expectativas e prescrições*”, Helena Altmann (2007) problematiza sobre a assimetria entre os gêneros com relação às representações sobre as primeiras experiências sexuais, a partir de uma pesquisa etnográfica desenvolvida em uma escola municipal do Rio de Janeiro, em que entrevistou meninos e meninas que tinham em média 14 anos. Enquanto para os meninos, há a expectativa de que a relação aconteça o mais cedo possível, para as meninas, há a valorização de que a relação seja adiada e que os mais diversos fatores sejam considerados para que essa possa acontecer. Dentre esses fatores estão a idade, o parceiro com quem a relação acontecerá, como é o relacionamento estabelecido entre eles (se há vínculo afetivo, como um namoro) e a necessidade da prevenção. A primeira experiência é cercada por prescrições e cuidados.

Naomi Wolf (1996) no livro “*Promiscuidades*”, discute como no decorrer da história de educação sexual, ocorre um aprendizado intenso para as meninas de que serão julgadas, avaliadas e classificadas a partir do número de parceiros e experiências sexuais que tiverem, principalmente se essas relações não acontecerem no contexto de um relacionamento com vínculo afetivo.

Patrícia Conceição da Silva (2010), na dissertação “*A Heteronormatividade Ensinada ‘Tintim por Tintim’: Uma análise das revistas Atrevida e Capricho*”, também aborda como as garotas são aconselhadas a pensar bastante antes de “perder” a virgindade. Além das recomendações para que ocorra no contexto de um vínculo afetivo, é recorrente a abordagem sobre preocupações e receios, como o medo da gravidez, sendo raras discussões sobre o prazer. Há a representação de que a relação deve acontecer com um parceiro estável, o compromisso deve ser “sério”, tendo o amor romântico como referencial. Outras formas de relações e outras motivações para desejar fazer sexo que não sejam relacionadas ao vínculo amoroso são invisibilizadas ou desvalorizadas. A autora problematiza também como as revistas sempre partem do pressuposto de que a primeira relação sexual será heterossexual. O preservativo mencionado é sempre o masculino, ou seja, para o comportamento seguro recomendado, só são consideradas relações entre garotas e garotos: “A heterossexualidade é construída não como uma opção para iniciar a vida sexual, mas como o único caminho possível” (SILVA, 2010, p. 97). Essa discussão também é realizada por Altmann, sobre os discursos de educação sexual:

Mais do que prescrever o uso do preservativo, prescrevia-se um tipo de relação: heterossexual e com algumas etapas a serem seguidas. Assim, a importância da camisinha era destacada sempre dentro de um padrão idealizado de relacionamento e não dentro de relacionamentos sexuais de um modo geral, independentemente de quais fossem suas características e configurações. Outras formas de relacionamento eram, direta ou indiretamente, desvalorizadas ou, no mínimo, não consideradas (ALTMANN, 2007, p. 351-352).

9.5. Prazer nas revistas femininas para adolescentes

Apesar da predominância da abordagem sobre medos e preocupações, houve a associação entre sexualidade e prazer em dois momentos nas revistas femininas para adolescentes: na seção **“Tudo Sobre Sexo”**, da revista *Atrevida*, sobre a masturbação: **“A masturbação é um ótimo jeito de conhecer o seu próprio corpo e descobrir quais são os pontos que mais a agradam”** (p. 15); e na matéria **“Tá esquentando”**, da seção **“Sexo”** da revista *Capricho*, sobre as preliminares: **“As preliminares são importantes porque ajudam você e o garoto a criar intimidade. Com elas, é possível conhecer melhor o seu corpo e o dele, o que dá mais liberdade e prazer para os dois.”** (p. 70).

9.6. Prevenção

Tanto nas revistas femininas adolescentes quanto nas adultas recomendações sobre a prevenção estão presentes na abordagem sobre sexo. Na *Atrevida*, nos conselhos sobre primeira vez, é dito: **“Sempre use camisinha. (...) não se esqueça de sempre usar a camisinha!”** (p. 15), enquanto a *Todateen* ressalta: **“É essencial usar o preservativo, pois só ele consegue prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, como aids, sífilis e várias outras.”** (p. 20). Na matéria **“No Carnaval está liberado”**, da revista *Women’s Health*, um dos itens apresentados é: **“Ter sempre uma camisinha à mão”** (p. 95). Nas revistas *Boa Forma* e *Nova*, o uso do preservativo é associado ao prazer: enquanto *Nova* descreve a camisinha como **“indispensável para a festa”** (p. 118), *Boa Forma* afirma: **“A segurança de transar com proteção deixa você relaxada, o que é fundamental para o prazer”** (p. 58).

Considerações sobre a valorização do sexo como prazer feminino

Em síntese, podemos elencar algumas das características presentes nas revistas femininas sobre a associação entre sexo e prazer:

- O sexo é sempre representado como heterossexual, e, nas revistas para adolescentes, é recorrente a expectativa de que as primeiras experiências ocorram no contexto de uma relação estável;
- Nas revistas adultas, há a representação do sexo como divertido, animado, descrito como uma festa, como uma grande “*folia*”, como uma possibilidade de aproveitar, delirar, “*fazer a cama tremer*”;
- O sexo também é representado como um antídoto contra o stress, um alívio para tensões e preocupações, benéfico para a saúde e para o bem-estar e potencializador da criatividade e da produtividade, dentre outras vantagens a serem obtidas, o que faz com que ao mesmo tempo em que é colocado como prazeroso, o sexo seja colocado como útil e funcional;
- A compreensão utilitária e funcional do sexo faz com que muitas vezes ter uma vida sexual ativa e com orgasmos tornem-se recomendações transmitidas em uma linguagem de tarefa, de compromisso, de obrigação, convertendo sentir prazer em um dever;
- O caráter instrumental da representação sobre sexo pode ser evidenciado pela contínua transmissão de regras e técnicas, em que cada prática e cada movimento são prescritos em minuciosos detalhes sobre como devem ser as carícias no parceiro; onde; quando; com que velocidade; com que intensidade; o que fantasiar; que sons fazer; instruções sobre sexo oral; sobre sexo anal; sobre masturbação; sobre o uso de acessórios eróticos; com coordenadas principalmente sobre como proporcionar prazer, mas também sobre como sentir prazer e mesmo sobre como fingir prazer, em uma linguagem que muito se assemelha a um manual de instruções;
- Os cuidados com a beleza e com o corpo são ressaltados como necessários para agradar o parceiro e também representados como importantes para o prazer sexual, de modo que celulites, estrias, gorduras e depilação mal-feita são colocados como elementos indesejáveis, que devem ser alvo de preocupações das mulheres;
- Nas revistas adolescentes, além da preocupação em agradar, são descritas outras preocupações, medos e vergonhas, principalmente em relação à primeira relação sexual: medo de sangrar, medo de doer, vergonha de tirar a roupa, preocupação com a impressão despertada no parceiro, preocupação com como ele agirá no dia seguinte, entre outras.

Assim, ainda que haja a proposta de falar abertamente sobre o assunto com uma abordagem positiva (em nenhum momento é dito que o sexo é errado, que não deve ser feito, que é prejudicial), são muitos os aspectos repressivos que, sem que haja a reflexão crítica, podem passar despercebidos, o que aponta a importância de discussões sobre como a repressão sexual ocorre atualmente. O espaço dos grupos de educação sexual é um campo rico para que essas discussões ocorram. Nesse sentido, podemos retomar o que dizem Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Ari Fernando Maia (2005), ao referirem-se à educação sexual na infância, com apontamentos que podem ser estendidos a diferentes grupos e idades:

A repressão sexual, então, tanto pode ser evidente e explícita como camuflada, velada, sutil e disfarçada. (...) Como aprendemos e internalizamos este conjunto de regras e normas de conduta? Por meio da educação. (...) Como educadores sexuais devemos lutar por uma educação sexual que incentive, em nossos educandos, a busca pela autonomia. Que nossas ações e atitudes, em relação à sexualidade, sejam de fato escolhas e não mera reprodução de regras aprendidas ou incorporadas. Certamente isso não é uma tarefa fácil. Romper com os padrões vigentes é remar “contra a maré”. (...) Se houver oportunidades para as crianças falarem livremente e expressarem seus medos, dúvidas, desejos e “teorias” sobre a sexualidade, sem dúvida criaremos um ambiente menos repressivo. Quem sabe, podemos ensiná-los que nessa seara não há verdades absolutas, que todos temos direito ao prazer e à expressão de nossa individualidade, que os valores e regras da sociedade são, em grande medida, arbitrários e que podemos contribuir para modificá-los (MAIA; MAIA, 2005, pp. 53; 61-62).

Capítulo 10-
Valorização das Imagens do Corpo Feminino
como Prazer Masculino

10.1. O prazer masculino de olhar

Nas cinco revistas voltadas para o público masculino heterossexual analisadas há a presença constante de imagens de mulheres em poses sensuais, nuas ou seminuas. A escolha da modelo feminina para a capa e para o ensaio fotográfico principal é pensada cuidadosamente pela equipe editorial por ser considerada um elemento-chave para agradar os leitores e aumentar o número de vendas. São 4 ensaios sensuais na *Playboy*, 3 na *Sexy*, 3 na *Vip* e 1 na *Trip*, contabilizando, ao todo, 170 páginas de imagens de corpos femininos nas 5 revistas analisadas, incluindo a *Men's Health*, que, apesar de não trazer ensaios ou mesmo mulheres na capa, ilustra com bastante frequência suas matérias com imagens do corpo feminino. Um exemplo é a matéria “Cura que é uma beleza”, em que o prazer masculino de olhar para a beleza feminina é o foco das imagens e dos conteúdos:

“Olhar para mulheres lindas faz bem. É a ciência quem diz! Uma pesquisa americana publicada no New England Journal of Medicine afirma que olhar com desejo para alguém durante dez minutos por dia tem os mesmos efeitos positivos para a pressão sanguínea que 30 minutos de exercícios cardiovasculares. A *Men's Health* pegou a ideia e foi adiante. Cada elemento destas páginas foi pensado sob medida para que o simples fato de olhá-la dê ao corpo e à mente uma vantagem. É a desculpa que você precisava para desfrutar dessas imagens quantas vezes quiser...” (MEN'S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 64).

A matéria foi publicada na seção “Saúde”. A partir de uma pesquisa médica, são apontados dados apresentados como científicos para afirmar os benefícios do olhar masculino para o corpo feminino. A heteronormatividade se evidencia pelo fato de, a partir de uma afirmação sobre os efeitos benéficos de “*olhar com desejo para alguém*”, esse “*alguém*” ser pressuposto como necessariamente uma mulher. No decorrer da matéria são oferecidas imagens com o objetivo de despertar e reforçar esse desejo, por uma mulher que corresponde aos padrões estéticos vigentes.

O tom irônico da linha de apoio, como na afirmação “*É a ciência quem diz!*”, demonstra o quanto os argumentos científicos são colocados apenas como um pretexto para anunciar as imagens: “*é a desculpa que você precisava*”. Nelas, uma modelo é fotografada em poses sensuais usando roupas de banho ou lingerie de diferentes cores e o uso de cada cor é explicado por uma pesquisa. Como na foto em que a cor escolhida é o amarelo, com o título “**Seja esperto**”, seguido pela explicação:

“Cientistas ingleses da Manchester Metropolitan University descobriram que os movimentos horizontais dos olhos fazem com que os hemisférios do cérebro trabalhem melhor juntos. Isso ajuda a absorver a informação e a lembrar-se dela depois” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 65).

Lado a lado com a explicação científica está o tom irônico se referindo ao olhar masculino para a mulher:

“Passe seus olhos pela delícia ao lado e se demore no processo. (...) Passe o olho da esquerda para a direita e volte. Já se sente mais esperto?” (MEN’S HEALTH, p. 64).

Para a foto com a cor vermelha, o título é **“Tenha a força”**, onde também está presente a centralidade do olhar masculino:

“Dar uma boa olhada para esta garota antes do treino vai deixá-lo mais forte” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 65).

A argumentação também se dá a partir de pesquisas:

“Psicólogos americanos da Universidade de Rochester apontam que nossa associação subjetiva da cor vermelha com o perigo proporciona um aumento na velocidade e na força muscular” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 65).

A sequência da matéria obedece a mesma lógica, com fotos sensuais, comentários irônicos e exemplos de pesquisas que legitimam a escolha das cores. A cor verde é anunciada pelo título **“Fique Tranquilo”**, e a púrpura para **“Durma bem”**. Na foto de cor azul o título é **“Perca a Pança”** e a modelo é fotografada chupando um pirulito, com a legenda irônica:

“Deleite-se com esta doçura (o pirulito!).” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 66).

A explicação científica sobre a foto legitima o preconceito contra pessoas gordas em nome da "saúde", ressaltando a importância de procurar estar perto de *“pessoas de aparência saudável”*:

“Um estudo publicado no periódico americano New England Journal of Medicine revelou que estar cercado por pessoas de aparência saudável, como a beleza que segura o pirulito, diminui o risco de obesidade em 57%. Considere esta foto como sua nova companhia para o jantar” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 67).

É interessante observar como é sugerido que a foto seja a companhia para o jantar,

e não a modelo fotografada ou uma mulher com as mesmas características que ela, o que ilustra o que é afirmado por autoras como Elisabeth Fraterrigo (2009) e Beatriz Preciado (2010) sobre o prazer central valorizado pelas revistas ser o de olhar imagens e se excitar com elas, e não o de imaginar e desejar a interação e a relação com mulheres.

A forma como a mulher enquanto sujeito é apagada, com ênfase apenas na imagem, pode ser notada no comentário sobre a última foto, em que é dito: **“você pode dormir animado com a ideia de ver a garota de maiô amarelo amanhã de manhã”** (p. 69), sem que seja notado que em todas as imagens a modelo fotografada é a mesma pessoa.

A matéria é um exemplo de como o discurso científico, a partir de menção a pesquisas, consulta a especialistas e uso de números e dados estatísticos, muitas vezes é usado como justificativa para legitimar padrões normativos e preconceitos, com distorções que, nesse caso, não são nem mesmo disfarçadas, já que é afirmado em tom irônico que os argumentos da ciência servem apenas como “pretexto”.

Na seção “Colaboradores”, sobre as pessoas que participam da produção da revista, há uma frase que fala sobre o uso do humor:

“O humor, a mais bem-acabada válvula de escape da sociedade, é vital na MH. Alivia o tom clínico de reportagens, por exemplo” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 10).

No caso da matéria “Cura que é uma beleza!”, as informações clínicas, médicas e psicológicas é que serviram como plano de fundo em uma abordagem de humor que tinha como principal tema a valorização da posição do homem como sujeito do desejo e do olhar e das imagens femininas como objeto de prazer.

Nas demais revistas masculinas, o discurso científico não é evocado com tanta frequência, assim como o foco na saúde, mas a utilização do humor é constante. Imagens de mulheres também são utilizadas para ilustrar as matérias e a principal forma de exibição dos corpos femininos são os ensaios fotográficos, que ocupam grande parte do espaço das revistas. A seguir alguns exemplos de como os ensaios são anunciados:

“Um Furação de Panicat- Aryane Steinkopf transpira, exala, transborda gostosura. Desde que entrou para o Pânico na TV, há sete meses, tem levado atrás de si uma legião de loucos babões, com língua de fora e olhos vidrados (entre os quais nos incluímos)” (VIP, fevereiro de 2012, p. 44);

“Viva! Vivi Voltou! A deusa Viviane Araujo retorna às páginas da SEXY em um ensaio digno de parar o trânsito até na Marquês de Sapucaí!” (SEXY,

fevereiro de 2012, p. 14);

“**Ellen Carvalho. O charme ruivo, as sardas e o corpo nu da garota de 25 anos, na paradisíaca chapada das mesas, interior do Maranhão**” (*TRIP*, fevereiro de 2012, p. 28);

“**Bumbum de ouro- Jéssica Amaral saiu da pequena Alvorada, no Rio Grande do Sul, para mostrar seu valor (...) Entenda o verdadeiro significado da palavra ‘monumento’**” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 60).

Os ensaios são apresentados a partir da ênfase na beleza e na sensualidade das mulheres, como nas expressões usadas “*bumbum de ouro*”, “*monumento*”, “*transpira, exala, transborda gostosura*” e “*o frescor dos 20 anos*”. Recebe também destaque o prazer masculino de olhar para essas imagens, como na ideia de que esse prazer é responsável por “*parar o trânsito*” e a definição dos leitores como uma “*legião de loucos, babões, com língua de fora e olhos vidrados*”.

10.2. O prazer masculino de julgar, avaliar e selecionar

Outro prazer masculino que é com frequência explorado a partir dos ensaios fotográficos é o prazer de julgar, avaliar e selecionar a beleza e os corpos das mulheres. Esse movimento pode ser evidenciado no concurso “**Preferência Nacional**”, tema da revista *Playboy* de fevereiro, que teve seu resultado anunciado no ensaio “**Bumbum de Ouro**”, sendo apresentado com a afirmação de que a modelo: “**superou centenas de candidatas e foi escolhida pelos leitores de Playboy como a dona da bunda mais bonita do Brasil**” (p. 60). Nesse concurso, que começou em outubro do ano anterior, muitas mulheres enviaram fotos para se candidatar ao prêmio de “**melhor bunda**”. No editorial é relatado esse processo, com o título “**Talento Abundante**”:

“**Recebemos centenas de inscrições e depois tivemos de observar cuidadosamente cada uma das candidatas para selecionar as bundinhas mais redondas, durinhas e gostosas**” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 8).

Esse trecho ilustra como os homens são posicionados na função de julgar as mulheres segundo seus critérios, principalmente com relação à beleza. Nesse caso, os critérios diziam respeito à escolha das “bundinhas mais redondas, durinhas e gostosas”.

Esta posição de avaliação e julgamento também pode ser exemplificada pela seção “**Coelhinhos**”, publicada todos os meses, em que são apresentadas em cada edição fotos de três mulheres que concorrem ao concurso “**Coelhinha do Ano**”, cujo prêmio é ser capa da *Playboy*. As fotos são enviadas pelas próprias candidatas e, em cada edição, os

leitores da revista devem avaliá-las, escolhendo qual preferem para votarem por meio do site da revista. Nos trechos a seguir estão o convite para que as mulheres enviem fotos e para que os homens votem:

“Queremos sua foto! Você sempre teve vontade de sair nesta seção e não sabia como? É muito fácil, veja o manual em nosso site (www.Playboy.com.br/coelhinhass) ou fale com a gente pelo email coelhinhass@Playboy.com.br ou pelo telefone (11) 3037- 5733, e explicaremos como enviar sua foto.

(...) Concurso Coelhinha 2012. Para conhecer a classificada do mês e votar em uma candidata desta edição acesse www.Playboy.com.br/coelhinhass. A vencedora do concurso ganhará um ensaio na revista. Você também pode votar por SMS.” (PLAYBOY, fevereiro de 2012, p. 43).

Na seção é reforçada a posição do homem enquanto sujeito do olhar e do desejo, enquanto as imagens femininas são posicionadas como objetos desse olhar e desse desejo. O desejo da mulher é colocado como o desejo de ser desejada.

O nome da seção, “**Coelhinhass**”, está relacionado à coelha como símbolo da revista *Playboy*, desde a criação da revista americana, que também foi adotado pela *Playboy* brasileira. A “coelhinha” corresponde à busca por construir um ideal da mulher como um animal dócil e domesticado, em oposição, por exemplo, à representação cultural das mulheres como “panteras”, selvagens e difíceis de serem domadas. Beatriz Preciado (2010), ao discutir a história da revista *Playboy*, assinala a forma como as imagens são construídas de modo que as mulheres não representem nenhuma ameaça ao desejo e ao prazer sexual masculinos. As mulheres são posicionadas como sempre disponíveis para o olhar e para a fantasia dos homens, sem apresentar obstáculos nem desejos próprios.

Na busca por aprovação, por serem selecionadas, as candidatas respondem perguntas onde contam um pouco sobre si mesmas. Nos relatos são destacadas características do corpo, fantasias e práticas sexuais que já realizaram ou estão dispostas a realizar e que podem provocar a excitação dos leitores. É possível comparar esta seção com uma vitrine, uma prateleira, em que diferentes produtos são oferecidos para serem consumidos, com um correspondente apelo publicitário de cada uma para vencer a concorrência. Os exemplos a seguir são trechos das descrições dadas sobre duas candidatas:

“Quando o assunto é anatomia, ela não tem a menor dúvida sobre seus

atributos: ‘Gosto muito do meu bumbum. Na verdade, gosto das pernas e das coxas também. Muito. Na verdade acho toda a parte inferior do meu corpo muito bonita’” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 42).

“Na abundância de atributos para escolher, a bela morena diz que o nariz é a parte de que mais gosta em seu corpo. ‘Mas eu sei que os homens preferem a bunda’, admite, entre risos” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 42).

Na Revista *Sexy*, há uma seção no mesmo formato, que recebe o nome de **“Pimentinhas”**. Em cada edição, as modelos respondem a uma pergunta feita pela revista, além de descreverem as próprias medidas, a posição sexual favorita e uma fantasia sexual que já tenha sido realizada. Nesta edição, a pergunta é **“Qual marchinha de Carnaval combina com você?”**. Exemplo:

“Mamãe eu Quero

Medidas_busto: 90 cm, cintura: 65 cm, quadril: 101 cm.

Posição favorita_de quatro

Fantasia que já realizou_transar no acostamento de uma estrada, debaixo da chuva” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 14).

10. 3. Centralidade dada para o corpo e para a disponibilidade sexual feminina

A presença das mulheres nas revistas masculinas, como objeto de desejo e de prazer, diz respeito principalmente à exposição do corpo, em poses sensuais com nudez total ou parcial. Mesmo que sejam feitas entrevistas, as perguntas não correspondem a um interesse sobre o que elas têm a dizer sobre si mesmas, sobre a própria história, as próprias experiências, realizações e conquistas, como acontece nas entrevistas com homens, mas sim, na maioria das vezes, o foco das questões feitas é sobre o corpo e/ou a disponibilidade em realizar os desejos e fantasias sexuais masculinos, como podemos notar a partir destes trechos de entrevistas nas revistas *Playboy*, *Sexy* e *Vip*:

“(…) Vale tudo entre quatro paredes? Claro!

Alguma fantasia? Algo para apimentar? Eu gosto de usar lingerie, pra fazer uma brincadeira diferente.

Qual a sua posição favorita? De quatro, de lado, por cima... É tudo bom (risos)!” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 69);

“Como deve ser uma boa preliminar? Ah, com sexo oral!

Tem alguma coisa que você faz na cama que acha que faz muito bem? Acho que, tudo o que eu faço, faço muito bem... [Risos.]” (*PLAYBOY*, fevereiro de

2012, p. 84);

“Qual a parte favorita do seu corpo? Bumbum, barriga, rosto... Tudo (risos). E qual a preferida dos homens? Eles preferem o bumbum.” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 69);

“Qual a parte do seu corpo que eles mais apreciam? O bumbum” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 40);

“Qual é a parte do seu corpo que você mais gosta? No meu corpo? Ah, eu adoro o meu bumbum” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 27);

“Por que acha que seu bumbum merece tanta atenção? Sendo bem sincera, sem modéstia, acho que é porque ele é todo natural. Eu sempre considerei a melhor parte do meu corpo. Acho que mereci a vitória” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 84).

É possível identificar nas respostas como, na valorização do corpo feminino, o bumbum é uma parte que recebe destaque. Esse destaque é dado não só nas entrevistas, mas nas matérias de forma geral, principalmente nas revistas *Playboy* e *Sexy*:

“Bunda boa é... Aquela que você olha e esquece o resto do corpo” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 16);

“Você acha que a bunda é uma das grandes belezas naturais do Brasil? Claro! Assim como o futebol, o Brasil é o país das bundas.

Este Carnaval promete? Com certeza! Haverá muita mulher linda, gostosa e com muita bunda de fora, é claro!” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 16);

“Afinal, é fevereiro, mês em que as bundas ganham salvo-conduto para desfilar livres, leves e soltas nas avenidas” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 8);

“Bumbum de Ouro (...) Não acha perigoso andar com algo tão valioso assim na rua? Pois é, agora estou tendo mais cuidado. Não estou andando tanto na rua e tentando me reservar um pouco” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 84, Bumbum de Ouro);

“E tinha forma melhor de iniciar o ano do que com a loira que possui a bunda mais impecável do Brasil?” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 10);

“Se um carro pode ser considerado sensual, talvez a novidade da Peugeot seja a sensualidade em forma de carro. Ou melhor, um carro com formas sensuais. Eu explico: o design da Peugeot RCZ ostenta uma dupla ondulação no teto e no vidro traseiro que lembra a preferência nacional, o bumbum” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 94).

Ainda que o corpo feminino seja tido como central para as revistas masculinas, no primeiro exemplo é possível notar como mesmo o corpo é apagado, já que a “*bunda boa*” é aquela que faz com que “*o resto do corpo*” seja esquecido. Além do apagamento da totalidade da mulher enquanto sujeito, ocorre também o apagamento da totalidade do corpo feminino, que é fragmentado nas imagens em partes que recebem maior ou menor destaque segundo o que é suposto como mais estimulante para o desejo sexual masculino. Nos exemplos seguintes, a bunda também é separada do corpo e representada como uma grande beleza natural, como um motivo para o Carnaval ser promissor, como uma ótima forma de começar o ano, sendo até mesmo personificada, como a possibilidade de desfilar “*livre, leve e solta*”. A ideia da bunda como um objeto em si, avulso, também está presente na insinuação feita na entrevista sobre o risco do “*bumbum de ouro*”, “*algo tão valioso*”, ser roubado. A resposta dada pela entrevistada reforça esse risco, quando ela diz que procura tomar cuidado, que evita andar na rua e se reserva. Há assim a reiteração da concepção de que cabe à mulher ser responsável por cuidar-se diante das possíveis violações infringidas por homens, ainda que em tom de humor. A separação entre a bunda e o corpo também se evidencia na forma como a “*preferência nacional*” é evocada para vender um produto, no anúncio do carro “*com formas sensuais*”.

Agrupar as questões feitas nos ensaios possibilita identificar a ênfase no corpo: “*Qual a parte favorita do seu corpo?*”; “*E qual a preferida dos homens?*”; “*Qual a parte do seu corpo que eles mais apreciam?*”; “*Qual é a parte do seu corpo que você mais gosta?*” “*Por que acha que seu bumbum merece tanta atenção?*”. Mesmo quando a entrevista não acompanha o ensaio sensual e tem como proposta apresentar aspectos pessoais e profissionais da entrevistada, a ênfase no corpo permanece, como é possível notar nos trechos a seguir, de entrevistas com a atriz de um seriado americano Kalei Cuoco e com a apresentadora de um programa televisivo sobre esportes, Renata Fan:

“Você costuma ser admirada pelo seu corpo cheio de curvas. Você se considera sensual? Odeio quase tudo no meu corpo, mas tenho orgulho da minha barriguinha” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 130, 20p);

“Por que toda mulher que fala de esportes na TV é bonita e gostosa, enquanto os homens costumam ser feios e malvestidos? Porque o requisito para os homens, na maioria das vezes é a experiência. O cara foi um atleta, foi um jogador... Em relação às mulheres, a estética é uma exigência da TV como um todo. Isso é um padrão nacional e internacional, a estética é valorizada no mundo capitalista globalizado” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 44);

“No Sul, as mulheres, além de bonitas, são inteligentes. E acho que essa é uma das minhas qualidades também”, disse ela [Renata Fan] à *Playboy*. O que nos faz lembrar de uma frase que não cansamos de citar por aqui “Dá gosto de ver tanta inteligência se movendo em um corpinho como esse...” (PLAYBOY, fevereiro de 2012, p. 52).

Ainda que as exigências estéticas para mulheres que atuam na televisão estejam sendo discutidas e mesmo diante do movimento da entrevistada de deslocar o foco na beleza, afirmando que a inteligência também é uma de suas qualidades, a revista retoma esse foco e diz “dá gosto de ver tanta inteligência se movendo em um corpinho como esse”. Também é necessário problematizar, a partir da afirmação da entrevistada de que as mulheres no sul são bonitas e inteligentes, como essa fala pode ilustrar a reprodução dos padrões vigentes, alimentando o preconceito de mulheres em outras regiões do Brasil tanto em relação à normatização da beleza (o modelo estético valorizado de mulheres loiras, altas, magras que, embora não corresponda a todas as “mulheres no sul” é frequentemente associado à região a partir de estereótipos) quanto em relação à possibilidade de serem bonitas e inteligentes.

10. 4. O desejo masculino como central e a representação do desejo feminino como desejo de ser desejada

Adriane Câmara (2007), Edney Souza (2009) e Naomi Wolf (1992) abordam como, no processo de produção das imagens das revistas masculinas há a fragmentação do corpo das mulheres, alguns pedaços recebem foco e são apresentados após inúmeros cuidados técnicos de correção e aperfeiçoamento, como o uso de maquiagem, iluminação e photoshop, com o objetivo de adaptar as imagens para que elas correspondam o mais fielmente possível ao que é tido como o desejo masculino. A exposição de corpos com a finalidade de despertar excitação em meninos e homens é compreendida como parte natural e esperada da educação sexual masculina, como discute Wolf (1992):

Os homens são estimulados visualmente pelos corpos femininos e demonstram menos vulnerabilidade às personalidades das mulheres porque desde cedo são treinados a reagir assim (...). Essa assimetria na educação sexual mantém o poder masculino no mito. Eles olham para o corpo de uma mulher, fazem um julgamento e vão em frente. Seus próprios corpos não são examinados, avaliados e tomados ou descartados (WOLF, 1992, p. 203-204).

Iani Luna (2006) afirma que a forma como os corpos e a sexualidade feminina são

representados nos discursos midiáticos reitera a concepção de que o que as mulheres desejam é o desejo masculino por elas, sendo a exposição das imagens de nudez uma forma de provocar esse desejo. É estabelecida uma divisão: ao homem, o prazer de olhar, à mulher, o prazer de ser vista, notada, apreciada. A autora problematiza também como a principal questão não se refere ao fato da mulher ser representada como objeto de desejo: todos(as) somos, simultaneamente, sujeitos e objetos de desejo. O principal ponto é como a dimensão relacional é negada e anulada. Assim, a partir da representação unilateral do olhar masculino, é como se o desejo e o controle fossem sempre masculinos. Não seria um avanço inverter e tornar o olhar feminino, com a objetificação do corpo dos homens, mas ressaltar a impossibilidade dessa unilateralidade, de um olhar que se impõe e de um desejo que se anula. É necessário reconhecer que todos somos sujeitos desejantes, e que as posições de desejar e ser objeto de desejo são intercambiáveis, relacionais.

Neste sentido, ao considerarmos como nas revistas da amostra as mulheres são posicionadas como objeto do prazer de olhar masculino e criticarmos a naturalização e os possíveis efeitos nocivos para a sexualidade feminina nesse movimento, não tomamos as mulheres como vítimas, ou como passivas nesse processo. As mulheres que escolhem posar para as revistas são sujeitos que decidiram e desejaram fazê-lo, muitas vezes, inclusive, havendo o prazer de estar nessa posição, o prazer de ser olhada e desejada. O prazer feminino em ser objeto do olhar e do desejo pode ser ilustrado pelos trechos a seguir:

“Helena conta ter três sonhos: o primeiro: ser capa de *PLAYBOY*. ‘Seria o máximo, incrível. A mulher se sente gostosa, desejada (...)’” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 42);

“Você já imaginava que um dia seria a mulher mais gostosa de fevereiro? [Risos] Sempre sonhei em posar para *PLAYBOY*. Por isso, quando surgiu a oportunidade, eu me inscrevi com bastante esperança. E consegui!” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 84);

“Foi a primeira vez que você fez fotos do tipo? Foi sim, e achei muito gostoso.” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 69);

“O que você espera da sua estreia em uma capa da *VIP*?

Estou muito ansiosa porque só vai sair coisa boa disso, tenho certeza. Espero que as pessoas conheçam uma outra Aryanne, em um conceito diferente de foto. É sensual, mas é outra vibe, sabe? Outro nível” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 55).

Posar para os ensaios é colocado pelas entrevistadas como um sonho, como uma oportunidade, como algo desejado e gostoso. A partir das respostas dadas, é possível apontar que, além do prazer de olhar masculino, há também o prazer feminino em ser objeto desse olhar, desse desejo. O que é necessário ser problematizado e questionado é a unilateralidade desses prazeres: como se coubesse ao homem apenas o prazer de olhar e desejar e, às mulheres, o prazer de ser olhada e desejada. Olhar e ser olhado(a), desejar e ser desejado(a) são prazeres possíveis tanto para homens, quanto para mulheres, mas nas revistas masculinas, a dimensão de objeto é predominante, ou mesmo a única forma de representar a sexualidade feminina, o que incorre no risco de ser legitimada a posição das mulheres enquanto sempre disponíveis e submissas para satisfazer o desejo dos homens, como se posição esta fosse “naturalmente” feminina.

10.5. Naturalização da redução das mulheres ao corpo

Na revista *Sexy*, em tom de humor, é apresentada uma compreensão depreciativa das mulheres como reduzidas ao corpo:

“Não entendo por que grupos feministas fazem protestos nuas. Você não acha isso muito contraditório?

Já desisti de tentar entender a cabeça de feminista. Mas o que fica claro é que, como toda mulher, elas só querem chamar atenção, e a única forma de prestarmos atenção numa mulher é quando elas estão peladas. Já que o forte delas não é o raciocínio e a lógica, elas fazem esses protestos nuas e acham que estão sendo coerentes” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 18, grifo nosso).

A afirmação “*a única forma de prestarmos atenção numa mulher é quando elas estão peladas*”, assim como outras frases depreciativas sobre as mulheres como “*elas só querem chamar a atenção*”, “*o forte delas não é o raciocínio e a lógica*”, evidenciam a importância de problematizarmos o quanto pode haver violência no processo de construção da imagem das mulheres e do corpo das mulheres nas revistas masculinas.

A pergunta e a resposta foram publicadas na coluna “*Testosterona*”, assinada por Edu Testosterona, que mantém um blog com o mesmo nome que com frequência apresenta conteúdos claramente machistas. Um exemplo foi a publicação de um vídeo com o propósito de “ensinar” como fazer sexo anal com a namorada mesmo que ela não consinta: foram dadas instruções “didáticas” que recomendavam bater na cabeça dela com um tijolo até provocar um desmaio, já que deixar a parceira inconsciente facilitaria

estuprá-la⁵⁰. Mais uma vez o “humor” foi utilizado como justificativa para uma valorização tão explícita da violência contra as mulheres.

A questão de como as revistas masculinas desvalorizam o consentimento feminino será abordada com mais especificidade no tópico “Naturalização da violência” do capítulo 12 “Valorização do consumo de bebidas alcóolicas como prazer masculino”.

Considerações sobre a valorização das imagens do corpo feminino como prazer masculino

As imagens de mulheres e de corpos femininos nas revistas masculinas recebem destaque como fonte de prazer: “*delícia*”, “*doçura*”, “*gostosura*” “*Deusa*”, “*monumento*”, “*furacão*” são algumas das expressões utilizadas para descrevê-las. Uma parte específica do corpo, a bunda, também é constantemente adjetivada como “*beleza natural*”, “*mais bonita*”, “*impecável*”, “*redonda*”, “*durinha*”, “*gostosa*”, “*valiosa*”, “*de ouro*”, entre outras. A definição dada em um ensaio da *Vip* sobre os leitores pode exemplificar como eles são posicionados: “*uma legião de loucos babões, com língua de fora e olhos vidrados*”.

Inicialmente o nome desta categoria foi pensado como “As mulheres como prazer masculino”. Com um olhar mais atento para as revistas, essa nomeação deixou de fazer sentido, já que não são exatamente as mulheres que são valorizadas, não são as características, o modo de ser das mulheres e a relação com elas que são indicados como fonte de prazer, inclusive em alguns momentos ocorre o contrário: a companhia feminina é representada como descartável ou mesmo indesejável. Não é a mulher enquanto sujeito que atrai, mas sim, seu corpo.

A categoria poderia ser então “O corpo feminino como prazer masculino”, pela intensa atenção dedicada ao corpo das mulheres nas revistas. Ainda assim, a nomeação não parecia expressar o que as revistas valorizavam, já que o “corpo”, mais do que a aparência, a superfície, é também um corpo que respira, que se move, que interage, que, além de despertar sensações, também sente, também reage. As problematizações de Maria Rita Kehl (2002), sobre como a centralidade dada ao corpo em nossa cultura não significa necessariamente uma valorização do corpo, apresentam aspectos importantes para

⁵⁰ Mais informações são apresentadas no blog “*Escreva Lola Escreva*”, em posts como: “*Duas Notinhas Contra o Preconceito*”, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/08/duas-notinhas-contrao-preconceito.html> e “*Sexy e MTV, livrem-se dos intermediários*”, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/10/sexy-e-mtv-livrem-se-dos-intermediarios.html>.

pensarmos sobre as representações dos corpos femininos nas revistas:

(...) Não porque ele seja, o corpo, a sede pulsante da vida biológica. Não porque possua uma vasta superfície sensível ao prazer do toque -a pele, esse invólucro tenso que protege o trabalho silencioso dos órgãos. Não pela alegria com que experimentamos os apetites, os impulsos, as excitações, a intensa e contínua troca que o corpo efetua com o mundo (KEHL, 2002, s/p).

Nossa cultura dá centralidade ao corpo não enquanto corpo vivo, mas enquanto corpo-imagem. Uma imagem a ser exibida, a ser mostrada, e que para isso, exige cuidados, esforços, dedicação, como vimos na análise das revistas femininas:

O corpo é um escravo que devemos submeter à rigorosa disciplina da indústria da forma (enganosamente chamada de indústria da saúde) e um senhor ao qual sacrificamos nosso tempo, nossos prazeres, nossos investimentos e o que sobra de nossas suadas economias (KEHL, 2002, s/p).

Kehl (2002) discute sobre a cultura de forma geral, mas, como o objetivo desta pesquisa é identificar como o que é representado como prazer varia de acordo com o gênero, cabe salientar que, enquanto a representação identificada com mais frequência nas revistas femininas foi o cuidado com o corpo e com a beleza, nas revistas masculinas o prazer predominante foi o de olhar para corpos belos. Corpos-imagens, corpos fabricados, como disse a autora, a partir de rigorosas disciplinas e sacrifícios.

“O corpo tem alguém como recheio”, diz Arnaldo Antunes, na canção “Corpo”, também citada por Kehl (2002). Mas essa afirmação não corresponde às representações presentes nas revistas. O “alguém como recheio” do corpo feminino é, quando possível, negado, como evidencia um ditado pejorativo que diz “O corpo é bom, pena que a mulher vem junto”. Redução que se torna ainda mais enfática em uma das frases analisadas, publicada na *Playboy*: “*Bunda boa é aquela que faz você esquecer o resto do corpo*”.

A mudança do nome da categoria de, inicialmente “Mulheres como prazer masculino”, passando para “O corpo feminino como prazer masculino”, chegando a “Imagens do corpo feminino como prazer masculino”, foi impulsionada também pelas reflexões de Beatriz Preciado (2010) sobre o “dispositivo masturbatório”. A autora discute como, em revistas masculinas como a *Playboy* e em outros materiais eróticos e pornográficos, o corpo feminino é exibido com objetivo claro de despertar a excitação sexual masculina. O homem é posicionado enquanto sujeito do prazer, de modo que as diversas técnicas de produção envolvidas nas imagens de nudez partem da compreensão

do olho masculino como centro.

A autora ressalta a importância de pensar o “olho masculino” não como um elemento biológico, mas como uma estrutura política do olhar, que situa o homem como receptor dessas imagens. A valorização do corpo feminino diz respeito muito mais a um objeto a ser olhado, apreciado e despertar excitação do que ao desejo de se relacionar com mulheres. O prazer predominantemente estimulado é o prazer masculino de ver sem ser visto, que rege os códigos visuais nos ensaios fotográficos das revistas. As imagens situam o leitor em uma posição de voyeur, proporcionando a ele o acesso a uma feminilidade cuidadosamente coreografada. Ao olhar, não há nenhuma ameaça, nenhum risco, o desejo feminino não entra em questão, apenas o desejo masculino de ver e se excitar, sem inseguranças ou ansiedades.

A imagem a seguir, encontrada no site da revista *Playboy* é interessante para pensarmos como se estabelece o dispositivo masturbatório:

Figura 22: Playboy- “O Prazer em Suas Mãos”



Fonte: Publiabril (2013, s/p).

A ambiguidade da expressão utilizada “*em suas mãos*” remete tanto à prática da masturbação como prazer masculino propiciado pelas imagens de mulheres na revista, quanto à sensação de poder, de domínio, situando a imagem do corpo da mulher e o prazer do homem “*nas mãos*” do leitor, ou seja, sob o controle dele.

Preciado (2010) ressalta que o prazer de olhar para mulheres e de manifestar

desejo sexual por elas é visto culturalmente como prova de masculinidade, de heterossexualidade e de virilidade. Assim, o principal propósito do contato masculino com as imagens eróticas não é aproximá-lo das mulheres, mas sim, atestar a masculinidade frente a outros homens. Nas palavras da autora:

Un placer aún más intenso que el placer sexual, baseado en la exclusión de las mujeres y en el consumo homoerótico de sus imágenes, parecía definir la economía visual de la pornografía: un placer de género, derivado de la producción de la masculinidad (PRECIADO, 2010, p. 54)⁵¹.

Elisabeth Fraterrigo (2009) também problematiza sobre como as mulheres são posicionadas como disponíveis para a satisfação masculina, que deve ocorrer sem nenhum empecilho ou ansiedade. O homem pode olhar as fotos, masturbar-se, sentir prazer e depois fechar a revista, sem nenhuma das exigências e dificuldades presentes em uma interação face a face. O prazer a partir de imagens de corpos de mulheres não se dá com as mulheres enquanto parceiras, mas sim, à revelia delas. Reforça-se assim a construção da imagem da mulher enquanto objeto de prazer do homem, anulando que ela também é um sujeito de desejo.

Adriane Câmara (2007), Edney Souza (2009) e Naomi Wolf (1992) discutem como, embora possa parecer que o corpo feminino é valorizado, ou ao menos que os corpos expostos nas revistas são, essa impressão é também contrariada pelo fato de que as imagens dos corpos recebem os mais diversos retoques, alterações e correções para satisfazer aos desejos e expectativas masculinas, o que alimenta modelos de beleza feminina inatingíveis e irreais. Wolf (1992) compara esses mecanismos de correção a uma forma de censura e problematiza os efeitos dessas representações para a educação sexual de meninas e mulheres:

O corpo feminino “ideal” foi desnudado e colocado em exibição por toda parte. Pela primeira vez na história, isso deu às mulheres os detalhes nítidos da perfeição, com os quais ela deveria se comparar, e fez surgir uma nova experiência feminina, o exame ansioso e minucioso do corpo como algo ligado intrinsecamente ao prazer sexual feminino (...). Se a única abertura que uma menina tivesse para a sexualidade masculina fosse uma série de imagens baratas, bem iluminadas e fáceis de se encontrar de rapazes pouco mais velhos do que ela, no final da adolescência, dando um sorriso encorajador e exibindo simpáticos pênis eretos da cor das rosas ou de moca, ela bem poderia olhar essas

⁵¹ Tradução Nossa: “Um prazer ainda mais intenso que o prazer sexual, baseado na exclusão das mulheres e no consumo homoerótico de suas imagens, parecia definir a economia visual da pornografia: um prazer de gênero, derivado da produção da masculinidade” (PRECIADO, 2010, p. 54)

imagens, masturbar-se com elas e, quando adulta, “precisar” da pornografia da beleza baseada nos corpos de homens. E se um desses pênis iniciadores fosse apresentado para a menina como tendo uma ereção pneumática, sem inclinação nem para a direita nem para a esquerda, como tendo o gosto de canela ou de frutinhas do mato, sem a presença de pêlos ocasionais e com uma disponibilidade constante; se eles fossem apresentados tendo ao lado suas medidas de comprimento e circunferência em centímetros; se eles parecessem estar à disposição dela sem nenhuma personalidade problemática vinculada a eles; se o prazer dela parecesse ser a única razão para eles existirem; nesse caso, um rapaz de verdade provavelmente se aproximaria da cama de uma jovem com, no mínimo, muito medo de fracassar (WOLF, 1992, p. 203-204).

Wolf (1992) discute como o quadro em que há o posicionamento único dos homens enquanto sujeito do desejo e do olhar e da mulher enquanto objeto não é de forma alguma imutável, de modo que é possível buscarmos promover uma maior reciprocidade e igualdade na forma como homens e mulheres aprendem sobre o olhar, sobre o desejo, sobre a sensibilidade e sobre a vulnerabilidade. É importante que esse objetivo esteja inserido na elaboração de intervenções em educação sexual.

Salientamos que a crítica e o questionamento não se direcionam aos modos de buscar e sentir prazer: ao prazer de olhar, ao prazer de desejar, ao prazer da excitação, assim como ao prazer de ser olhada(o), desejada(o), despertar prazer e provocar excitação. A problematização se dá no sentido de refletir criticamente sobre os padrões rígidos presentes na forma como esses prazeres são incentivados e explorados, e também sobre a cristalização do binarismo de gênero em que o homem é aquele que olha, deseja e se excita e a mulher é aquela que deve ser bela e disponível para despertar interesse, desejo, prazer e excitação no homem. Assim, discutir sobre como, apesar da aparente liberdade, a exposição de imagens de corpos pode revelar padrões repressivos em relação à sexualidade, assim como a discussão sobre como essa exposição é atravessada pelos padrões de gênero, se revelam pontos importantes a serem abordados nas reflexões sobre como o sexo, os corpos, os desejos, os prazeres são representados nos meios de comunicação.

Muitos dos pontos problematizados na discussão sobre como ocorre o aprendizado sobre a sexualidade a partir da exposição de imagens do corpo feminino podem também ser discutidos abrangendo o tema da pornografia. Atualmente, com o crescimento do acesso à internet, há uma grande facilidade em encontrar imagens e vídeos com conteúdos que visam a excitação sexual e cenas de sexo explícito, e a maior parte deles obedece a um roteiro bastante rígido e estereotipado sobre as práticas sexuais, principalmente no

que diz respeito à naturalização da heterossexualidade, à centralidade dada ao olhar, ao desejo e ao prazer masculino, com pouco espaço para o prazer feminino, já que as mulheres são posicionadas predominantemente como em busca de agradar e satisfazer os parceiros. Além de facilitar o acesso, a internet também promove um aumento nas condições de produção e circulação dos materiais, o que tem favorecido iniciativas que buscam romper com as representações normativas sobre o sexo, sobre os gêneros, sobre a excitação, as fantasias e o prazer, como nas produção de materiais pornográficos feministas⁵². Ainda assim, as propostas alternativas acontecem em um número muito pequeno perto da intensa proliferação de materiais que reproduzem os padrões.

Considerando como a sexualidade em nossa cultura é um tema cercado por silenciamentos, tabus e censuras, muitas vezes o aprendizado sobre sexo, inclusive nos primeiros contatos com o tema, se dá a partir de imagens e vídeos pornográficos. O diálogo sobre dúvidas e inseguranças é raro, o que faz com que a busca por esclarecê-las se dê muitas vezes recoberta por um aspecto de clandestinidade, como algo escondido e proibido. A busca masculina por materiais pornográficos é socialmente mais aceita e incentivada e a maior parte dos materiais é dirigido para o público masculino, o que não impede, principalmente com o maior anonimato proporcionado pelo acesso privado à internet, que meninas e mulheres também consumam pornografia, e assim, também aprendam e assimilem, assim como os meninos e homens, os padrões transmitidos através dela.

Desta forma, é necessário reconhecer a importância da problematização sobre alguns dos aprendizados sobre sexualidade e gênero que ocorrem nesses materiais nas intervenções em Educação Sexual. São muitas as mensagens distorcidas transmitidas, principalmente no que diz respeito à negligência do desejo e do prazer femininos e aos imperativos de desempenho e performance masculina. É passada a ideia de que as mulheres se sentirão excitadas e terão orgasmo mesmo sem nenhuma estimulação no corpo delas ou no clitóris; que estarão sempre dispostas e disponíveis para a penetração vaginal, anal e para o sexo oral; que todas também se sentem bem em engolir esperma e/ou receber a ejaculação no rosto; que todas gostam serem chamadas de nomes como “putas” e “vadias”, terem os cabelos puxados, a cabeça empurrada à força no sexo oral,

⁵² No post “Pornógrafa feminista explica sua arte” do blog Escreva Lola Escreva, disponível no endereço: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/01/pornografa-feminista-explica-sua-arte.html>, Lola Aronovich (2012g) traz mais informações e problematizações sobre essa questão.

levarem tapas etc.; que todas devem ser depiladas e corresponder aos padrões estéticos, entre outras normatizações. Com a ausência de informações e de espaços onde possa haver diálogo e esclarecimento, essas mensagens são tomadas como “verdades” como se as imagens pornográficas traduzissem o sexo como é e como deve ser. Há pouca conscientização sobre como se trata de uma encenação, sobre como as cenas são dirigidas, as posições são pensadas a partir dos melhores ângulos para a câmera e sobre como o desempenho exibido, ao invés de espontâneo, é obtido a partir de um longo processo de edição. É preciso promover o reconhecimento de que a pornografia é regida pela lógica de mercado, que os materiais pornográficos são um produto, e provocar a excitação é a estratégia central para o consumo. O sexo ali é mostrado é atravessado pelos padrões alimentados pela incitação ao consumo que embasa a construção dos materiais midiáticos de uma forma geral. Mais uma vez, a principal questão é a transmissão de padrões e como esses padrões podem ser repressivos e restritivos. Como discute Naomi Wolf (1992, p. 178-179):

A questão não é o sexo explícito. Poderíamos aceitar muito mais nesse sentido, se explícito significasse honesto e revelador. Se houvesse um amplo espectro de imagens eróticas de mulheres livres de verdade e de homens de verdade em contextos de confiança sexual, a pornografia (...) teoricamente não faria mal a ninguém(...). Os defensores da pornografia baseiam seu posicionamento na idéia da liberdade de expressão, fazendo passar as imagens pornográficas como uma linguagem. De acordo com a sua própria argumentação, algo surpreendente surge a respeito da representação dos corpos femininos. A representação desses corpos é extremamente censurada (...). Em vez de vermos imagens do desejo feminino ou que atendam ao desejo feminino, vemos simulações com manequins vivas, forçadas a contorções e caretas, imobilizadas e em posições desconfortáveis sob holofotes, quadros profissionais que revelam pouco sobre a sexualidade feminina.

Pedro Pinto, Maria da Conceição Nogueira e João Manuel Oliveira (2010) no artigo “*Debates Feministas Sobre Pornografia Heteronormativa*”, ressaltam como a naturalização da submissão feminina aos desejos masculinos é intensamente ensinada pelos materiais pornográficos, assim como por muitos materiais midiáticos que circulam em nossa cultura, mesmo naqueles que não apresentam representações explícitas sobre as práticas sexuais. Desta forma, o principal objetivo ao realizar a crítica da pornografia não se refere à crítica da exposição de imagens sobre o sexo, mas sim, a crítica às representações distorcidas e normativas transmitidas por essas imagens. Os autores exemplificam problematizando sobre as revistas femininas para adolescentes:

Aos nossos olhos, as “verdades” sobre o corpo e a sexualidade reificadas nos “conselhos” das demais revistas para adolescentes, serão tão ou mais perversas- sobretudo no que respeita ao policiamento heteronormativo do desejo- do que muitos dos filmes pornô do circuito mais comercial. (...) Na ideologia midiática contemporânea, para lá do que é sócio-institucionalmente reconhecido como “pornografia”, o desejo permanece submetido a uma rígida disciplina, de acordo com roteiros sexuais e relacionais que dificilmente fogem às regras hegemônicas do padrão heterossexual (...) Em muitos destes roteiros, a mais subjetiva vontade é castrada do próprio corpo e remetida para um manual de instruções (...) (PINTO; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 380).

A importância de problematizar os padrões presentes na pornografia se relaciona, assim, com a importância de reconhecer como esses padrões são tão frequentes e continuamente repetidos na cultura de uma forma geral, buscando questioná-los e desconstruí-los também a partir da crítica a como estão presentes em outros espaços. Na categoria a seguir abordaremos como o sexo é representado nas revistas masculinas, o que possibilitará o reconhecimento de outros elementos a serem problematizados sobre as práticas sexuais e o prazer.

Capítulo 11-

Valorização do Sexo como Prazer Masculino

11.1. Valorização do sexo como prazeroso

A representação do sexo como prazer foi identificada com frequência nas revistas masculinas. O tema é abordado nas chamadas de capa, nos ensaios fotográficos, nas seções de dúvidas, em diferentes matérias, específicas sobre o assunto ou não. O trecho a seguir, da seção “Cabeça” da revista *Vip*, destinada a recomendações de livros, músicas e filmes, exemplifica como mesmo quando o assunto principal não é diretamente o sexo, o prazer sexual é evocado:

“O filme Vergonha mostra que até a melhor coisa do mundo pode ser ruim se você perde o controle. (...) Se um filme consegue diminuir, por breves segundos, o valor de uma das atividades mais prazerosas do ser humano, é porque foi bem-sucedido em provar que todo tipo de vício é destrutivo” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 120-121).

As descrições “*A melhor coisa do mundo*”, “*uma das atividades mais prazerosas do ser humano*” se referem ao sexo, e o filme é sobre um personagem que tem compulsão sexual. Ainda que o prazer sexual seja tão valorizado, essa valorização é atravessada por padrões sobre como o sexo deve ser, como veremos nas categorias a seguir.

11.2. Centralidade dada para a genitalidade e para aspectos quantitativos das práticas e do desempenho sexual

A valorização do sexo como prazeroso é acompanhada por padrões sobre as práticas sexuais. Os principais padrões identificados nas revistas analisadas foram a heteronormatividade, a centralidade dada para a genitalidade e a ênfase nos aspectos técnicos e quantitativos das práticas e do desempenho sexual.

A seção fixa “**O Mundo do Sexo**” da revista *Playboy* é destinada à publicação de fatos e notícias do mês anterior relacionados ao tema sexo. Os padrões de sexualidade masculina exercem influência no que é escolhido para receber destaque, como nos exemplos a seguir, publicados na edição de fevereiro, em que é possível notar a valorização do pênis, da quantidade de conquistas sexuais, da frequência de relações sexuais e a naturalização da infidelidade:

“25 de janeiro- O ator pornô britânico Keiran Lee revelou ao jornal the Sun que fez um seguro do próprio pênis no valor de 1 milhão de dólares. A seguradora Lloyds garante a cobertura no caso de acidente ou problema de saúde com o instrumento de trabalho de Lee” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 26);

“14 de janeiro- O Ex- BBB Kleber Bambam afirmou que já saiu com mais de mil mulheres depois de participar do reality show da TV Globo. O vencedor da primeira edição do programa garantiu ao site Ego que entre suas conquistas estão mais de ‘50 capas de revista’” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 26);

“21 de janeiro- Melissa Satta, namorada do jogador do Milan Kevin-Prince Boateng, afirmou que a lesão que o atleta sofreu na coxa na partida contra o Inter tem a ver com a vida sexual intensa do casal. A modelo disse que eles costumam fazer sexo de sete a dez vezes por semana” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 26);

“24 de janeiro- Uma pesquisa do site Ashley Maddison apontou que os paulistanos são os brasileiros que mais gastam com infidelidade no país. Segundo o levantamento, os infiéis da capital paulista gastam em média 186 reais por mês com amantes” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 26).

Um pênis que vale 1 milhão de dólares, um vencedor que saiu com mais de mil mulheres, um jogador que faz sexo de sete a dez vezes por semana, moradores de uma cidade que gastam 186 reais por mês com amantes. A sexualidade representada pela *Playboy* é uma sexualidade exposta e avaliada a partir de números.

Rafael Aragão (2010), na análise realizada da seção de cartas “Playboy Responde”, ressaltou também a frequência das medições, com informações sobre o tamanho do pênis em centímetro, duração do ato sexual em minutos, quantidade do esperma em litros etc. O autor afirma que os números servem como indicadores para classificar e hierarquizar o que é tido como a masculinidade esperada. É representado um prazer quantificável, mensurável, verificável. O conteúdo das cartas é principalmente sobre o desempenho sexual: técnicas, informações sobre a ereção e a ejaculação, disfunções e tratamentos e discussões sobre as características do pênis. O autor afirma que a valorização dada à genitalidade é tanta que é como se o pênis fosse “a superfície de contato do homem com o mundo” (ARAGÃO, 2010, p. 10).

O exemplo a seguir refere-se a uma dúvida publicada nesta mesma seção “Playboy Responde”. O leitor relatou ter duas namoradas e afirmou que, apesar de sentir tesão pelas duas, o volume e a distância atingida ao ejacular são diferentes. Perguntou se essa diferença estava relacionada ao desejo por elas. A explicação dada foi:

“Segundo o doutor Celso Marzano, urologista e sexólogo, a intensidade da ejaculação está diretamente relacionada ao prazer: ‘Quanto mais excitação,

maiores são as contrações musculares da região peniana e maior o volume ejaculado, com maior jato’, explica” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 79).

É possível identificar como o prazer é representado de forma genitalizada. A partir da fala de um especialista, é afirmado que a intensidade da ejaculação está diretamente relacionada ao prazer e à excitação.

O pênis é também tema nas entrevistas, como é possível notar a seguir nas perguntas feitas pela revista *Playboy* à Renata Fan, apresentadora de um programa esportivo, e pela revista *Vip* ao modelo Pedrinho Aguinara, que participou de um anúncio publicitário sobre cigarros:

“O tamanho do carro do piloto é importante? [Risos.] Não! O que faz a diferença é a potência do motor do carro” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 47); **“O Slogan ‘O Fino que Satisfaz’ é um tanto dúbio. Faziam piada na época? Faziam associação com baseado Mas nunca ninguém brincou com a ideia de que eu tivesse pinto fino”** (*TRIP*, fevereiro de 2012, p. 8).

Outro tema frequente nas perguntas feitas nas entrevistas é a quantidade de conquistas sexuais, como é possível notar a seguir, no trecho também da entrevista com Pedrinho Aguinara:

“Você contava as mulheres com que ficava? Não, era incontável. Entre os anos 70 e 80 era toda noite. Não tinha problema, era só olhar. Minha vida era fácil nesse sentido. (...) Tinha um motel perto do Hippopotamus, cansei de sair de lá, ir para o motel, voltar lá e pegar outra, ir de novo para o motel...” (*TRIP*, fevereiro de 2012, p. 13).

É comum que nas entrevistas sejam ressaltadas características dos entrevistados valorizadas de acordo com os padrões de masculinidade vigente, como um desempenho invejável no campo sexual. Nesse exemplo, as conquistas sexuais “*incontáveis*” são colocadas como uma consequência positiva que o modelo obteve com a fama que conseguiu participando de anúncios publicitários. As mulheres “*coleccionadas*” por ele são descritas como “*troféus*”:

“Sem muito esforço, Pedrinho construiu uma biografia das mais consteladas. (...) Colecionou tantos affairs que faria inveja à Jorginho Guilnle, entre os troféus que ele revela, estão Vera Fischer (na época com 18 anos), Rose di Primo, Maria Callas, Bianca Jagger, Marisa Berenson (‘O melhor corpo que já vi’), Liza Minelli, Demi Moore e Monique Evans” (*TRIP*, fevereiro de 2012, p. 8).

Na matéria **“O Rei das Gatas!”**, da Revista *Vip*, em que o próprio título remete à valorização de conquistas sexuais, o entrevistado é o dono de uma agência de modelos, Eli Hadid. Quando perguntado sobre com quantas mulheres já saiu, ele responde: **“muito mais do que você sonhou nos melhores sonhos”** (p. 67). Na matéria é enfatizado o quanto ele está sempre rodeado de mulheres bonitas e com a possibilidade de se relacionar com muitas delas, como na descrição feita de seu trabalho: **“uma espécie de paraíso, um mundo perfeito e inatingível no qual vive rodeado pelas mais lindas mulheres do Brasil”** (p. 62). Sobre as mulheres, ele diz: **“Existem três tipos de mulher: As que me dão dinheiro, porque trabalham comigo; as que me dão prazer, porque saem comigo; e as que me dão dinheiro e prazer. Essas são as melhores”** (p. 62).

11.3. Associação entre conquistas sexuais e diversão

A representação do acesso a uma grande quantidade de mulheres como prazer recebe destaque nas matérias sobre lazer e turismo, em que a beleza feminina e as oportunidades de sexo são valorizadas como elementos associados à diversão. Os exemplos a seguir, das revistas *Sexy*, *Vip* e *Playboy*, foram extraídos de matérias sobre indicações de viagens, festas, bailes e desfiles para o Carnaval:

“A Folia de Salvador é incomparável: pelos trios elétricos, pelo axé e, principalmente, pelas mulheres. Nesse último quesito, o Bloco e o Camarote Harém ocupam o primeiro lugar. Entendeu por que a *VIP* fez parceria com eles? Este ano nós e o pessoal do Harém juntamos nossas experiências em fazer boas baladas e reunir belas mulheres. O resultado será avassalador” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 15);

“Os bailes de clube voltaram com força total e a gente te indica onde e quando cair na bandalheira. (...) É entre quatro paredes que as grandes histórias de pegação carnavalesca acontecem. (...) os bailes fechados sempre foram protagonistas na azaração. Confira a seguir um guia com os bailes promovidos por Amaral e mais seis carnavais fechados para você perder as estribeiras” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 70);

“O maior show da Terra! Carnaval é samba-enredo, é Bumbum Paticumbum, Prugurundum, é um monte de mulheres gostosas! Selecionamos as mais belas musas, madrinhas e rainhas de bateria e os horários em que suas escolas desfilarão para que você não perca nem um minuto do espetáculo.” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 94).

O Carnaval também é tema da seção “Testosterona”, da revista *Sexy*, em que é descrito como uma época cheia de oportunidades propícias para o sexo:

“Carnaval, expressão de origem latina que significa ‘desculpa de enalhadas para cair na farra’. E elas caem mesmo. Aquela sua amiga que passou o ano sem pegar ninguém e já está subindo pelas paredes encontra a solução para todos os problemas nessa época. Dá pra classificar o tipo de apetite sexual das moçoilas de acordo com a festa. As mais tímidas gostam de ver o desfile na avenida e dar a impressão de que estão ali só pra isso, mas, no fundo, querem achar alguém pra fazer sexo selvagem pela madrugada afora. (...) Já a mulher que vai para micareta, além de beijar todo mundo, organiza um bacanal sem limites à noite. Ao final, todas voltam para suas vidas normais e guardam na memória as aventuras dessa semana mágica” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 18).

É possível identificar a representação de que as mulheres escondem, disfarçam ou se envergonham do próprio desejo sexual, com expressões como: *“desculpa de enalhadas para cair na farra”*, *“gostam de ver o desfile na avenida e dar a impressão de que estão ali só pra isso”*, como se fossem necessários pretextos e desculpas para as mulheres expressarem as próprias vontades. Essa questão será discutida com mais especificidade na categoria “Consumo de bebidas alcoólicas como prazer masculino” em que abordaremos a relação presente nas revistas masculinas entre consumo de álcool e desinibição sexual feminina e também na subcategoria “A Naturalização da Violência”, em que discutiremos como em algumas das situações descritas pela revista *Sexy* sobre sexo no Carnaval o consentimento feminino não é considerado.

Assim como nas matérias sobre Carnaval, a valorização do acesso a uma grande quantidade de mulheres e a ênfase nas oportunidades sexuais também está presente nas matérias sobre viagens, como na reportagem sobre Las Vegas, da revista *Vip*, e na reportagem sobre um balneário de nudismo na França, da revista *Playboy*.

A matéria “Se casar (ou não) vá para Las Vegas”, da seção “Boa Vida” da revista *Vip* recomenda a cidade de Las Vegas como um destino para uma despedida de solteiro. Há a valorização de estar solteiro como um momento de prazer, liberdade e diversão, como pode ser notado na proposta anunciada pela matéria: **“montar o roteiro infalível dos seus últimos dias de liberdade na terra da diversão”** (p. 30) Os dias que antecedem o casamento são descritos como os “últimos dias de liberdade”. Essa representação também pode ser notada no trecho: **“pedimos para os nossos consultores bolarem um breve roteiro de um dia ideal para celebrar o fim da liberdade de um amigo”** (p. 32)

Para os que estão e continuarão solteiros, a revista afirma que o roteiro servirá para **“curtir como nunca a solteirice”** (p. 30).

Esta valorização de estar solteiro remete ao que discutem Barbara Ehrenreich (1983), Bill Osgerby (2001), Elisabeth Fraterrigo (2009), e Beatriz Preciado (2010), sobre como nas revistas masculinas predomina um ideal de masculinidade em que o lazer, o prazer e a diversão são aspectos centrais, de forma que as responsabilidades e compromissos de um relacionamento estável devem ser evitados ou, no mínimo, adiados. A ênfase na possibilidade de diversão pode ser notada no trecho a seguir:

“A Noite Insana- (...) Parece que todo mundo tem o mesmo objetivo: curtir até não poder mais. Todo dia da semana tem festa, e sempre uma delas vai ser bem melhor que todas as outras. (...)” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 31).

As autoras também apontam como divertir-se, no masculino, equivale a ter muitas conquistas sexuais. Um homem inteligente e esperto é aquele que consegue atrair as mulheres com agilidade e eficiência, e descartá-las com ainda mais agilidade e eficiência. Os relacionamentos afetivos são desvalorizados pelas revistas, as mulheres não são interessantes como companhia, como parceiras, apenas como oportunidade de prazer sexual. O casamento é representado como uma armadilha, uma ameaça para a liberdade e para o usufruto dos prazeres. As esposas, namoradas e mulheres em busca de relacionamentos estáveis são descritas como indesejáveis, um risco a ser evitado, ou mesmo como “parasitas”.

Nas recomendações para Las Vegas, há, assim, a ênfase no **“festival de mulheres”** (p. 32), com indicações bares, pool parties, nightclubs, hotéis e cassinos, com instruções sobre como escolher, quais são os preços, como se vestir etc. Há também um quadro com um roteiro com atividades programadas por hora, para o dia todo:

“O prato principal da despedida de solteiro em Las Vegas é a balada. Acomode-se no camarote e só espere o festival de mulheres que vão assediar você. ‘É um absurdo’, exalta Rodrigo. (...) Nem é preciso sair da mesa para conhecer a mulherada. Os seguranças trazem as pretendentes até o camarote, o que facilita muito a ação. ‘Tem muita americana linda, e elas se encantam por nós, brasileiros. É fácil’, garante Fernando” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 32);

“Ver, pegar, pagar. - Não deixe de conferir os strip clubs da cidade. Existem dois tipos: os só para olhar e os que oferecem o ‘serviço completo’. No primeiro, muito pole dance e topless. (...) Se quiser ir além, procure os

serviços de acompanhante- a prostituição não é ilegal no estado de Nevada. ‘Os taxistas já andam com catálogo’, diz Rodrigo” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 31);

“9 h- Na piscina. Nas pool parties é que vão começar os primeiros contatos. Troque telefones, descubra onde elas estão hospedadas...

(...) 23 h- Depois de entrar, os seguranças ficam liberando as mulheres para visitarem o seu camarote.

(...) 5h- Final feliz. É hora da after party no seu quarto” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 32).

O prazer e a liberdade valorizados pela matéria correspondem, assim, a oportunidades de diversão, mulheres e sexo, associação que também está presente na matéria **“Seja bem-vindo... mas tire a roupa”**, da revista *Playboy*, sobre o balneário naturista francês Cap d'Agde. O lugar é apontado como a **“capital do sexo livre”** (p. 57), devido a procura por turistas para a prática de swing, descrita como uma forma de **“aliar a liberdade do naturismo aos prazeres da carne.”** (p. 55). A valorização do prazer e da diversão também pode ser notada nos trechos a seguir:

“Conhecida como ‘a Disneylândia do nudismo’, a Praia de Cap d’Agde, localizada na costa mediterrânea da França, é a prova de que outro mundo é possível.” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 55);

“A maioria dos turistas é gente comum (...), mas que, em contato com novos ares, decide deixar a timidez de lado para buscar prazer e diversão” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 55);

“As pessoas não vêm para cá para ficar nuas. Existem dezenas de outras praias na França onde se pode tomar sol sem roupa. As pessoas vêm aqui para se divertir. Se divertir, você entende? Esqueça o que você leu sobre esse lugar. O que você vai ver é muito mais intenso” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 56).

Cap d'Agde é a **“Disneylândia do nudismo”**, onde **“outro mundo é possível”**, repleto de prazer e diversão, mas não qualquer diversão, como é possível notar na fala de um entrevistado: **“se divertir, você entende?”**, que se refere à possibilidade de assistir e/ou se envolver em relações sexuais com os outros(as) frequentadores(as) da praia:

“(...) a praia é onde os pelados ficam realmente à vontade- e põe à vontade nisso. (...) na parte conhecida como Baía dos Porcos, ficam casais e solteiros mais ousados. Eles costumam abordar outros veranistas com predisposição

para troca de casais e transam na areia mesmo, à luz do dia e à vista de todos. (...) As dunas devem ser evitadas pelos mais tradicionais- se é que se pode usar esse adjetivo em Cap d'Adge. É lá que rolam as gang bangs, modalidade em que uma só moça transa com vários homens. Em geral, quem está nas dunas é porque quer participar da farra” (PLAYBOY, fevereiro de 2012, p. 57).

Essa descrição é dada por uma entrevistada, que, ao falar sobre o que é permitido e esperado em cada área da praia **“explica solicitamente as regras não escritas do local”** (p. 57). Essa afirmação sobre a presença de “regras não escritas” é interessante para pensarmos sobre a presença de regras mesmo em contextos considerados menos repressivos ou não repressivos, como as praias de nudismo e os locais com práticas de troca de casais. Olívia von der Weid (2008), na dissertação *“Adultério Consentido: Gênero, corpo e sexualidade na prática do swing”*, realiza um estudo de campo e faz entrevistas com praticantes do swing, e discute como, apesar da representação frequente de que na troca de casais há “liberdade total”, são muitas as regras envolvidas nessas práticas. A autora destaca, por exemplo, a constante preocupação das mulheres em se mostrarem desejáveis, com cuidados especiais para a valorização do corpo. A beleza, a magreza e a juventude são elementos que dão status ao casal. Há uma divisão dentro do swing, entre aqueles(as) considerados(as) mais desejáveis e os que não são, sendo que os(as) primeiros(as) têm uma maior possibilidade de escolha dos(as) parceiros(as) sexuais, enquanto os(as) últimos(as) acabam se relacionando entre si. Embora os homens não sejam tão preocupados com a aparência, a tensão maior é com relação ao tamanho do pênis e à performance sexual, as comparações são frequentes assim como o medo com relação ao desempenho, como a possibilidade de não ter ereção. Essas preocupações e tensões observadas por Weid (2008) em sua pesquisa etnográfica também estão presentes na revista *Playboy*, como é possível notar no trecho a seguir:

“A Baía dos Porcos é a mais movimentada. Dezenas de turistas disputam um pedaço de areia para esticar a toalha. (...) afinal, estamos na praia em que a expressão ‘ver e ser visto’ é levada ao extremo. Diferentemente das praias naturistas ‘puritanas’, ali não pega mal estudar o físico alheio. É normal, aliás, sentir-se constantemente observado e analisado. Os homens travavam uma silenciosa competição por volumes anatômicos, e a maioria deles tem pelos pubianos raspados. Sem biquíni, algumas mulheres demonstram a força cruel da gravidade. Mas, principalmente no verão- o período das férias

universitárias-, é possível encontrar muitas beldades desfilando sua nudez pela areia” (PLAYBOY, fevereiro de 2012, p. 58).

Aqui se torna importante retomarmos a discussão sobre o quanto a forma como a ‘liberdade’ sexual é compreendida atualmente remete a uma maior visibilidade, assim como a um maior número de experiências, ao mesmo tempo em que o controle e a vigilância sobre o próprio corpo e o corpo dos outros se torna mais intenso, com exigências altas do que significa ser desejável: “*É normal, aliás, sentir-se constantemente observado e analisado*”. Expressões como “*travam uma silenciosa competição*” e “*demonstram a força cruel da gravidade*” exemplificam como a exposição do corpo, associada à liberdade, pode também ser repressiva. A maior ênfase na aparência das mulheres pode ser ilustrada pelo trecho a seguir:

“À noite, a nudez já não é o traje tradicional, mas, pelo menos para as mulheres, ainda vale a regra do ‘menos é mais’: vestidos transparentes, saias curtíssimas, isenção de calcinha e saltos altos são indispensáveis. Enquanto isso, os homens vestem terno e gravata, num figurino que, acompanhado pelas mulheres, faz com que pareçam cafetões.” (PLAYBOY, fevereiro de 2012, p. 59).

No capítulo “*Da sedução como mercado*”, Pascal Bruckner (2011) descreve como, apesar do contexto das relações atuais ser descrito como de maior permissividade, se torna ainda maior a insegurança, o medo de não despertar desejo, a ameaça da rejeição. Nossas experiências se tornam então atravessadas por muitas regras sobre como ser, como agir, como despertar interesse, o que pode ou não ser valorizado na dinâmica da sedução. Aspectos como a idade, o tamanho, o peso, a voz, as roupas, são elementos que podem gerar exclusão e inferiorização. Aqueles(as) que não correspondem aos modelos do que é tido como sedutor e atraente se sentem diminuídos(as), insuficientes. Em um contexto social em que se valoriza tanto a busca por prazer, não ter acesso a esse prazer é vivenciado como muito negativo, a insatisfação se torna mais forte justamente quando o hedonismo é a norma. O autor destaca como nossas relações são mediadas por uma lógica de mercado. A sedução pode ser comparada a uma “máquina de triagem”:

Cada um, nesse comércio humano, tem uma nota que varia segundo os dias, a posição social, a fortuna. (...) o mercado das graças femininas e masculinas está sujeito a leis implacáveis, por serem tácitas e compartilhadas por todos. Nós todos tomamos parte nessa guerra de aparências. Observar é avaliar, e portanto rejeitar (BRUCKNER, 2011, p. 49-50).

A forma como os padrões normativos de gênero, sexualidade, juventude e beleza se fazem presentes e suscitam situações de desaprovação e rejeição pode ser evidenciada pelo trecho a seguir, em que aqueles(as) que destoam das normas são descritos como “figuras estranhas”:

“Algumas figuras estranhas circulam pela rua principal, na qual se concentra a maioria dos bares e restaurantes: um anão de terno prateado, uma mulher que poderia ser a bisavó do anão usando um robe transparente, um travesti com um vestido mais curto do que a reserva monetária da Europa etc.” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 59).

Enquanto o robe transparente de uma mulher mais velha e o vestido curto de uma travesti são descritos de forma depreciativa, o mesmo não acontece quando a narrativa é sobre uma mulher que corresponde aos padrões estéticos vigentes:

“Para delírio dos voyeurs, uma loira que aparenta ter recém-chegado à maioridade improvisa uma dança no mastro a um metro do chão, de forma bastante amadora. Com bem delineadas curvas, ela usa um vestidinho rosa colado ao corpo e nenhuma calcinha. Entre os ávidos marmanjos que assistem à cena a poucos centímetros do mastro, um rosto chama atenção: uma mulher, também loira, mas mais velha, não desgruda os olhos da moça que dança. Enquanto isso, o marido dela, que aparenta ter no mínimo 30 anos a mais, tenta conter um bocejo, mas não disfarça o cansaço. Na pista, moças suadas se tocam, se beijam e se acariciam como se estivessem em um set de filme pornô” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 58).

O destaque dado para a aparência e para a sensualidade das mulheres, assim como o modo como na maior parte das vezes os homens são descritos como aqueles que assistem, estão presentes também no trecho a seguir:

“Poucos minutos depois de chegarmos à praia, um casal próximo ao mar começou, com toda naturalidade, uma animada sessão de sexo oral. Alguns dos pelados à volta nem se importaram, mas quatro ou cinco observavam a cena com atenção de quem assiste final de Copa do Mundo. Em certo momento, a moça responsável pelo show (...) levanta a cabeça e olha fixamente para um casal formado por uma morena alta com pinta de modelo e por um sujeito ruivo com idade para ser o avô dela. Para eles, é a senha de que devem ir até lá. Observada pelo parceiro, a morena levanta-se e se posta diante do casal. Inicia-se um ménage à trois a céu aberto. O ruivo apenas

assiste enquanto se masturba. Pouco a pouco, uma roda de espectadores vai se juntando e aprecia o espetáculo, em pé. Já são cerca de 20 pessoas formando a plateia quando, poucos minutos depois do início da cena a roda bate palmas: sinal de que uma das mulheres chegou ao orgasmo” (PLAYBOY, fevereiro de 2012, p. 58).

As práticas sexuais são descritas como um “*espetáculo*”, como um “*show*”, com uma das cenas comparadas com uma “*final de copa do mundo*”, inclusive com a presença de “*plateia*” e de aplausos. Na maior parte da descrição os homens são apontados como “*espectadores*”.

É possível notar também a atenção dada para as idades das pessoas descritas. Nos trechos anteriores, a repórter destacou nas narrativas que o parceiro da “*morena alta com pinta de modelo*” tinha “*idade para ser o avô dela*”, e, na outra cena, que o marido “*aparenta ter no mínimo 30 anos a mais*” enquanto a mulher “*parece ter recém-chegado à maioridade*”. Tais trechos podem ser relacionados a análise feita por Weid (2008) sobre como, além da beleza, a juventude das mulheres é compreendida como um elemento desejável.

Weid (2008) discute também sobre como nos contextos de swing as mulheres são posicionadas muitas vezes como objetos do prazer masculino, o que está presente inclusive na frequente expectativa de que as mulheres se relacionem com outras mulheres, não por um desejo das parceiras, mas porque é considerado como excitante para o olhar masculino. Já entre os homens, é comum que sejam evitados qualquer contato físico ou qualquer interação que possa ter conotação sexual, havendo a busca constante para afirmar a própria heterossexualidade. Essa questão também pode ser identificada no trecho da matéria que aponta como a presença de homens que vão sozinhos é indesejável:

“O que atrapalha a aparente harmonia dos pares são os homens solteiros que circulam por ali. Como moscas em um piquenique, eles rondam a praia à espera de que algo aconteça e, às vezes, insistem em participar das atividades, mesmo quando não solicitados. Não por acaso foram apelidados de charognards (‘urubus’, em francês) pelos frequentadores da praia. Desde 2010 homens solteiros não podem entrar sozinhos na vila a partir das 19h30” (PLAYBOY, fevereiro de 2012, p. 57).

Weid (2008) aponta como o swing pode ser compreendido como uma forma de quebra de padrões, já que rompe com a forte expectativa da monogamia entre os casais, assim como permite uma maior experimentação de prazeres e desejos. A matéria não teve

como foco a questão da troca de casais, mas sim, a possibilidade de assistir e/ou participar de diferentes práticas sexuais, com ênfase nas mulheres, principalmente as belas e jovens, de modo que as que destoavam desse modelo eram descritas como “estranhas”. Nesse sentido podemos concluir que o foco da matéria foi no prazer masculino de ver e no prazer das mulheres em serem vistas, apreciadas pela beleza e pela sensualidade, lembrando o quanto a rigidez dos padrões de beleza feminina e de virilidade e heterossexualidade para os homens contrasta com a anunciada “liberdade” que a matéria desde o início destacou.

11.4. Ênfase na beleza feminina como importante para o prazer sexual

O foco na beleza feminina é um elemento constante na abordagem sobre o sexo e o prazer sexual das revistas masculinas. A matéria “**Derrape nas Curvas**”, da revista *Men’s Health*, exemplifica esse movimento, ao descrever diferentes formatos do corpo feminino e oferecer diferentes conselhos sexuais de acordo com cada “tipo” de corpo:

“As mulheres não são iguais, nada iguais. E não estamos falando só de personalidade, não. Elas têm características físicas distintas, como aquela bunda que parece ter sido calibrada em um posto de gasolina, ou uma cinturinha de pilão. Peitos grandes, pequenos, com silicone... Saiba que essas peculiaridades fazem a maior diferença na hora do rala e rola” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 87).

A matéria é como uma espécie de “manual de instruções” do corpo da mulher, em que o manuseio deve ser diferente de acordo com o formato do “objeto”. A apresentação: “*as mulheres não são iguais, nada iguais*”, pode dar a impressão de que a matéria valoriza a multiplicidade de formas e características dos corpos femininos, mas logo essa impressão é contrariada e a multiplicidade é reduzida e categorizada em 4 tipos: Retangular, pera, triângulo invertido e violão. Cada categoria é definida, ilustrada e associada a uma descrição de como seria a personalidade das mulheres que têm aquele formato de corpo, além de indicações sobre quais seriam as preferências delas no sexo, com figuras ilustrando as posições sugeridas.

As mulheres do tipo “**retangular**”, por exemplo, são caracterizadas por ter uma medida proporcional entre o ombro, a cintura e o quadril. A partir dessas características, é afirmado que essas são mulheres que exibem boa forma, e por isso, “**tendem a ser menos envergonhadas e gostam de receber elogios**” (p. 88). As preferências sexuais também são inferidas a partir da descrição da aparência:

“O fato de a mulher ser segura quanto ao corpo permite que as luzes fiquem

acesas na hora do sexo. Você pode sugerir diferentes posições que, certamente, a parceira vai topa- desde o tradicional papai e mamãe até ela por cima e de frente para você. Nesta, o corpo da garota fica mais à mostra e ela se sente valorizada (...)” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 89).

A partir de medidas genéricas do ombro, da cintura e do quadril a revista se autoriza a se colocar na posição de inferir como a mulher se sente em relação ao corpo e o que fará ou não na relação sexual. Esse mesmo movimento ocorre com relação aos outros “tipos”. Para todas as descrições de personalidade e sugestões de posições, são consultados(as) especialistas: uma psicóloga, um psicólogo, uma psicoterapeuta, uma terapeuta sexual, conferindo um caráter de credibilidade e cientificidade às generalizações feitas.

As mulheres categorizadas como “**violão**” são descritas como mais confiantes e por isso é atribuído a elas uma maior desinibição no sexo:

“A mulher violão é o tipo considerado mais feminino e atraente por apresentar curvas bem desenhadas e proporcionais’, explica Priscila [psicóloga consultada]. Isso tende a significar que não existirão muitos ‘não me toques’ na hora da transa. (...)” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 89).

O nível de “*feminilidade*” e de “*atratividade*” é mensurado a partir do formato do corpo, como se esses elementos fossem definidos por atributos naturais. Sobre a mulher do “**tipo pera**”, com medidas que não correspondem ao padrão vigente, é afirmado que:

“nem todas se sentem à vontade com tamanha voluptuosidade. Algumas ficam constrangidas em relação às suas formas” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 88).

É ensinado ao leitor que posição sexual pode “ajudar” a parceira a lidar com esse “constrangimento”:

“(…) sugira algo que disfarce o quadril largo dela. Tente a posição tesoura: vocês dois, deitados de lado, entrelaçam as pernas formando quase um ângulo reto” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 89).

Já para a mulher “**Triângulo Invertido**”, descrita como tendo os ombros mais largos, são sugeridas posições em que ela tenha que usar os membros superiores para se apoiar.

A forma como a mulher se sente com o próprio corpo é presumida a partir do formato, do tamanho da cintura, dos quadris e dos ombros, com afirmações que indicam

que as mulheres que correspondem aos padrões de beleza se sentem bonitas e valorizadas, aceitando com mais facilidade qualquer posição sexual, enquanto as que não correspondem podem ser “ajudadas” pelo parceiro com sugestões dele de posições que “disfarçam” características de seus corpos. Essa associação entre corresponder aos padrões de beleza e se sentir confortável sexualmente é problemática, e se torna ainda mais problemática por ser feita a partir do respaldo de falas de “especialistas”. A afirmação feita por uma profissional de que **“A mulher que se sente bem com a autoimagem não tem restrições no sexo”** (p. 89) ilustra o quanto estão sendo reforçados padrões normativos e repressivos em relação à aparência e ao desejo sexual feminino, como se esse pudesse ser entendido pelo formato do corpo e não pela voz e pela expressão da própria mulher. O fato desse tipo de explicação ser apresentada como científica, em uma revista destinada a abordar temas como saúde, é algo que precisa ser questionado e problematizado.

Ainda na mesma matéria, com o subtítulo **“Conquiste o peito dela”**, são dados conselhos sobre como estimular os seios para despertar tesão na parceira, no mamilo, na lateral, embaixo e no decote. Os conselhos também são divididos de acordo com o formato do peito: grandes, caídos, com silicone e aqui também há a consulta a um profissional. Especialistas também são consultados para a construção de uma **“Linha do tempo dos seios”**, com previsões para como os peitos serão no futuro. Exemplos:

“(…) 2050: Mamoplastia para todas. De acordo com Anissimov, à medida que conquistamos a capacidade de mudar o corpo como quisermos, testemunhamos o óbvio: mulheres com peitos maiores.

2060: Tomada pelo tamanho G. Vamos chegar a um ponto em que todas as mulheres terão peitos grandes” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 90).

Assim, a partir da voz de profissionais, é afirmado que todas as mulheres buscaram aumentar os peitos, já que é “óbvio” que elas buscarão se adequar as supostas preferências masculinas.

11.5. Compreensão instrumental e funcional do desempenho e do prazer sexual

Na categoria anterior vimos como mesmo quando os desejos e preferências sexuais das mulheres são abordados, esse movimento não se dá a partir da valorização de que as próprias mulheres expressem o que querem e o que sentem, mas sim, a partir de pressupostos generalizantes que se convertem em instruções. Nos exemplos a seguir, da matéria **“Jamais Vou Esquecer Você”**, da revista *Men’s Health*, os conselhos sobre o

prazer feminino também são apresentados a partir de um viés instrumental:

“Aqui, você tem um dossiê completo de truques e técnicas para ter mais sexo que transformaram essas mulheres comuns em sedutoras máquinas de amor. Divirta-se. E inspire-se” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 47).

A partir desse trecho podemos destacar a presença de uma compreensão funcional do sexo, com a descrição das mulheres enquanto “*máquinas*” para as quais a revista propõe “*truques*” e “*técnicas*”.

A matéria é baseada no depoimento de 12 mulheres, com perguntas sobre o que dá tesão a elas, e na consulta a profissionais: uma psicóloga, coordenadora do Ambulatório de Sexualidade (Ambsex), da Associação Brasileira de Sexualidade, e um psiquiatra, membro da Associação Brasileira de Estudos sobre a Impotência e consultor da revista. Cada conselho dado é seguido por depoimentos das mulheres e comentários dos(as) especialistas.

Os títulos dos dois primeiros conselhos são “**Use sua força física**” e “**Decida sem palavras**”, e os comentários dos(as) especialistas reforçam a importância da postura ativa e de dominação masculina para que a mulher sinta prazer. Ambos os títulos, no formato imperativo, podem ser considerados problemáticos, por remeterem a imposição do desejo do homem e à desvalorização do consentimento da parceira. Nos depoimentos que correspondem aos conselhos não fica claro por que os títulos foram escolhidos:

“Fizemos sexo a noite toda e dormimos abraçados. Mas logo fui acordada. Fazia frio e eu estava meio descoberta. Ele se mexeu para me cobrir, se enfiou debaixo do cobertor e começou a me beijar, a me lambe. O diferente foi que, durante o sexo oral, ele não deixava eu me descobrir e ver o que estava acontecendo. O estímulo era apenas físico. Foi maravilhoso!” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 48).

O fato de, ao estimular sexualmente a parceira, impedir que ela visse, não significa que ele tenha “*usado a força física*”. Já no comentário dos especialistas o prazer que ela sentiu é explicado da seguinte forma:

“Ele concretizou uma fantasia comum entre mulheres: ser fisicamente dominada por um homem, ficar sem ação sob a força dele. Isso é excitante para ela” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 48).

Afirmar que é fantasia comum entre mulheres ser fisicamente dominada e ficar sem ação sob a força dele não corresponde diretamente ao depoimento dado. Da mesma forma, a explicação fornecida pelo prazer que ela sentiu por não ver o parceiro

estimulando-a é baseada apenas na inferência dos especialistas, não na fala dela:

“A parceira é obrigada a esquecer paranoias inibidoras de libido- ‘ai, o que ele está olhando na minha barriga?’- já que não tem como lutar contra elas. Não pode se mexer para esconder uma parte do corpo que não curta, por exemplo” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 48).

Nesse trecho é pressuposta como negativa a forma como a mulher se sente com o próprio corpo, mais especificamente, com a própria barriga, com “*paranoias inibidoras de libido*”. Como esse pressuposto foi formulado? De que forma está relacionado com o que foi dito pela entrevistada? Como do prazer de ser lambida, beijada e estimulada através do sexo oral por baixo da coberta, o prazer se tornou o prazer de não poder se mexer? Ela estava coberta, isso não significa que não podia se mover. A passividade feminina pressuposta como elemento de prazer fica clara nos termos utilizados no decorrer do comentário: “*ser fisicamente dominada*”; “*ficar sem ação sob a força dele*”; “*é obrigada a esquecer*”; “*não tem como lutar contra*”; “*não pode se mexer*”.

No tópico “*Decida sem palavras*”, o depoimento dado é:

“Ele me pegou em casa e eu ainda não tinha decidido aonde ir. Em cada farol vermelho, os amassos rolavam. Eu usava vestido, e a facilidade com que ele tirou minha calcinha, ali, impressionou. Os beijos iam ficando mais molhados e ele já gemia. O destino natural foi o motel. Chegamos ao quarto quase sem fôlego” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 48).

Fica claro que ambos decidiram sem palavras, que durante todo o tempo ela também demonstrou interesse, tesão e excitação. Mas no comentário dos(as) especialistas, a excitação que ela sentiu é atribuída à imposição do parceiro do próprio desejo, com a afirmação de que agir sem palavras é sedutor por mostrar autoconfiança:

“Provocando muito tesão, jogou qualquer pudor feminino para escanteio. Mostrou-se um homem decidido (...)” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 48).

Em que momento do depoimento é possível notar o pudor feminino que está sendo jogado para escanteio? Mais uma vez é um elemento pressuposto pelos(as) especialistas. Ainda assim, a continuidade do conselho, ressaltando a importância do consentimento, é bastante válida:

“Mas se ligue: só ouse assim se a garota também estiver curtindo. Do contrário, ela pode querer voltar para casa, sozinha” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 48).

A ênfase no prazer feminino pode ser notada principalmente nos depoimentos:

“Sentamos e, com a boca, ele tirou minha roupa e lambeu cada parte do meu corpo. (...) Não vi mais nada. Só sentia o corpo dele, úmido, dentro de mim. Gozei duas vezes. Seguidas” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 48);

“O mais bacana: gozei duas vezes e ele nem havia desafivelado a calça. Achei o máximo!” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 48);

“Por quase meia hora ele beijou meu corpo todo. Fiquei louca de prazer!” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 48);

“Ele me beijou por uma hora, explorou todos os milímetros do meu corpo. Isso é enlouquecedor!” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 50).

Embora o tom dos depoimentos seja mais espontâneo, no comentário dos especialistas são oferecidas técnicas, na forma de passo-a-passo:

“Enquanto toca a vagina com as mãos por cima do tecido, dê delicadas mordidas no pescoço e nos ombros dela- são zonas erógenas (nervos dali causam excitação). Alterne carícias leves e firmes nos seios e sussurre no ouvido da garota- primeiro, palavras singelas; com o esquentar do clima, lance mais erotismo” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 48).

Há instruções sobre qual sequência seguir, em que lugares, com que toque, com que palavras, prescrevendo onde, como e quando deve ser o prazer. Além de informações técnicas sobre nervos de zonas que causam excitação, há também o uso de estatísticas: **“Cerca de 40% do prazer sexual dela vem da vagina, e 60%, de outras partes”** (p. 48). Como essa mensuração estatística foi feita?

Giovana Feijão (2012) discute como a fala de profissionais nas revistas muitas vezes sustenta a compreensão do corpo e do prazer como reduzidos a dimensão biológica: **“(...) as revistas usam e abusam das pesquisas, porcentagem, números e abordagem de especialistas. São eles que informam, referendam, dão as dicas e receitas e que, ao lado das pesquisas e dados, fornecem para essa matérias credibilidade e veracidade”** (FEIJÃO, 2012, p. 91).

No depoimento de uma das entrevistadas, ela fala sobre a importância dele perguntar a ela como ela gosta:

“Enquanto transávamos, colocava a mão atrás da minha cabeça e perguntava como eu mais gostava (o ritmo, a posição, a intensidade etc). Esses detalhes fazem o sexo pleno e inesquecível” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 50).

Essa fala é anunciada no conselho com o título “**Enxague-se antes**” e no comentário dos(as) especialistas é reforçada a importância de lavar as mãos antes de tocar a vagina. A forma calculista como o prazer é pensado pode ser exemplificada também pelo trecho a seguir:

“(...) pare, pense, planeje, aja- e lucre com seu plano. A mulher reconhece seu esforço focado só nela, ganha tesão e retribui na mesma moeda” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 50).

“*Pare, pense, planeje, aja- e lucre*”, nesse trecho e na matéria no geral é possível identificar a compreensão utilitarista e funcionalista do sexo. Ainda que a proposta fosse partir da fala das próprias mulheres sobre o que dava prazer a elas, a abordagem da revista, sustentada pela fala dos(as) profissionais, foi principalmente no sentido de prescrever regras e indicar técnicas, em um movimento que transmitiu a concepção de que os(as) especialistas detinham um saber maior sobre as mulheres e seus desejos do que elas próprias. A intenção de “*lucrar*” e a expectativa de que a mulher “*retribua na mesma moeda*”, ilustram a forma calculista como o prazer é representado. Essa abordagem remete ao que discute Adriane Câmara:

Embora se apresente de alguma forma o prazer feminino, o ensinamento central não é uma postura que privilegie a igualdade de direitos entre homens e mulheres, inclusive em relação ao prazer, mas o foco reside no desempenho satisfatório por parte do homem para que ele possa assumir uma postura de superioridade em relação à parceira e aos seus pares, exibindo a sua performance. A quantidade de reportagens que referenciam os desejos e práticas sexuais já é por si só um indício do valor que a sexualidade apresenta para as trajetórias masculinas. Existe também uma valorização muito grande do desempenho sexual, e da qualidade técnica do sexo (CÂMARA, 2007, p. 66).

11.6. Heteronormatividade, homofobia e machismo na construção dos padrões de sexualidade masculina

Nas revistas *Playboy*, *Sexy*, *Vip*, *Trip* e *Men’s Health* a construção das masculinidades tem como referência central o desejo sexual, representado de forma marcada pela heteronormatividade- a compreensão da heterossexualidade como o único modo esperado e valorizado de desejar, de se relacionar e de buscar prazer; e pela homofobia- a desvalorização e a inferiorização de outros modos de viver a sexualidade que não correspondam ao modelo heteronormativo. Esses elementos podem ser exemplificados pela resposta dada para a questão a seguir:

“Atração fatal

Sempre tive relações heterossexuais e sou doido por mulheres. Mas, de uns tempos para cá, ando sentindo atração por travestis. Quando mais femininos eles são, maior o meu tesão, embora eu saiba que eles nasceram homens. Nunca tive atração por gays, tampouco por homens. O que está acontecendo comigo? D.V., Frutal, MG.

Saber que os travestis nasceram homens já é um bom começo, amigo fruta...lense. Mas, antes de sair por aí caçando travestis, certifique-se de que é isso mesmo que você quer. Pode ser que essa seja apenas uma fantasia sexual (como fazer um ménage com a namorada, por exemplo) que você, de fato, não quer realizar. ‘Não se pode considerar uma patologia ou disfunção sexual se não há sofrimento, culpa ou algum tipo de prejuízo físico ou psicológico’, afirma o terapeuta sexual Celso Marzano” (PLAYBOY, fevereiro de 2012, p. 41).

A ironia é o principal recurso utilizado para reiterar o padrão heteronormativo, como no trocadilho com o nome da cidade do leitor: “*amigo fruta...lense*”, e na forma como o gênero é atrelado a características binárias e inatas: “*saber que os travestis nasceram homens já é um bom começo*”. Sobre a possibilidade de realizar a fantasia com travestis, é utilizado um tom de alerta, de prevenção: “*antes de sair por aí caçando travestis, certifique-se de que é isso mesmo que você quer*”, com a insinuação de que esse não seria “verdadeiramente” um desejo do leitor: “*Pode ser que essa seja apenas uma fantasia sexual (...) que você, de fato, não quer realizar*”. Ao mesmo tempo que a fantasia de transar com travestis é representada como negativa e indesejável, outras formas de fantasia são naturalizadas e representadas como positivas e esperadas, desde que expressem desejos heterossexuais, como “*fazer um ménage com a namorada*”.

Apesar de a resposta ter sido dada em tom irônico e depreciativo, é convocado um profissional para dar credibilidade ao que está sendo afirmado: “*Não se pode considerar uma patologia ou disfunção sexual se não há sofrimento, culpa ou algum tipo de prejuízo físico ou psicológico*”. Aqui, de uma forma vaga, pode estar sendo evocada a associação entre a atração por travestis e a patologização, já que o sofrimento, a culpa e os prejuízos físicos ou psicológicos são colocados de forma individualizada, como se fossem próprios ao sujeito e não construídos socialmente e culturalmente, a partir do forte peso da heteronormatividade, continuamente reforçados, inclusive pelo discurso da própria revista.

Na entrevista da revista *Sexy* com João Gordo, ao ser perguntado sobre como era a convivência com homossexuais na vida noturna, o entrevistado afirma ter empurrado Cazuza da escada do Madame Satã. É também feita a pergunta:

“No mundo do hardcore, tem muito de homem virar mulher e de mulher virar homem?”

Teve uma época foda. No começo eu era preconceituoso, agora isso mudou. Embora a gente tire aquele baratinho, é brincadeira. E eu respeito as bichas” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 29).

“*Embora a gente tire aquele baratinho, é brincadeira*”. O humor, um recurso eficaz de reiteração das normas, é colocado como inofensivo, como apenas uma “*brincadeira*”, “*um baratinho*”.

O humor como legitimador de preconceitos também pode ser notado na seção de piadas da revista *Vip*, que tem o nome de “**Gozadas**”:

“Vaselina

Um homem com cara de bravo entra numa farmácia e vai logo pedindo:

- Eu quero um pote de vaselina.

O farmacêutico vai ao depósito, traz um frasco e entrega ao cliente. O cara abre o pote, cheira, sente a textura e reclama:

- Mas que porcaria é essa? Essa vaselina é fedorenta e muito seca! Você não tem uma vaselina de melhor qualidade, não? Eu quero a melhor vaselina que você tiver, entendeu? É para comer um c*, ouviu?

O farmacêutico volta ao depósito e traz uma nova embalagem.

- Essa é a melhor que existe! Só que vou avisando: prepare o bolso, pois custa R\$120 o pote. O homem cheira o pote, experimenta a viscosidade com os dedos e aprova.

- Agora sim... Essa cheira bem. E olha a textura, que ótimo, Vou levar!

Ele paga os R\$120 e se manda todo sorridente.

Um velhinho que esperava a vez de ser atendido e assistiu à discussão entre os dois diz, sem pestanejar:

- Alguém vai comer esse cara hoje...

O farmacêutico retruca: Que é isso, meu senhor, o homem com aquela cara de mau? Ele quer é impressionar algum murelhão!

O velho, mostrando toda sua experiência adquirida ao longo dos anos, rebate com um tom de filósofo:

- Não, meu filho... Ninguém toma tanto cuidado assim com o c* dos outros”
(VIP, fevereiro de 2012, p. 12).

O tema da piada é a possibilidade de o homem que comprou a vaselina na farmácia faça sexo anal e seja penetrado. Esse tema remete à valorização cultural do homem ser aquela que penetra, que “*come*”, o ativo na relação sexual, havendo a depreciação e a inferiorização daquele que é penetrado, tendo a masculinidade questionada, desvalorizada.

Assim, nas revistas masculinas, em que o desejo sexual heterossexual é um elemento central, o movimento de negar, depreciar e inferiorizar a homossexualidade, principalmente por meio do humor, evidencia o quanto a homofobia está presente no processo de construção dos ideais de masculinidade. Outro elemento presente é o machismo, que pode ser notado no exemplo a seguir, em que o tema da piada é o estupro:

“Um ancião de 80 anos foi acusado de estupro. No tribunal, a advogada do idoso lhe segura o pênis e pergunta ao juiz:

- Vossa Excelência acha que este bilau desfalecido poderia violar alguém?

O velho murmura ao pé do ouvido da advogada:

- Não balance muito se não a gente perde a causa” (VIP, fevereiro de 2012, p. 12).

A piada se refere à representação de que, na terceira idade, há a perda da potência sexual e, conseqüentemente, da virilidade. Assim, a possibilidade do homem ter uma ereção diante dos movimentos da advogada, além de atestar a chance de ter havido o estupro, atesta também a masculinidade dele. Ser capaz de estuprar significa que a virilidade não falhou, o que evidencia como a valorização da masculinidade pode culminar na valorização da violência. Discutiremos mais sobre essa questão no tópico “Naturalização da violência” do próximo capítulo.

Considerações sobre a valorização do sexo como prazer masculino

Em síntese, podemos apontar a partir da análise das revistas masculinas *Playboy*, *Sexy*, *Vip*, *Trip* e *Men’s Health* que, ao mesmo tempo em que o sexo é valorizado como prazeroso, representado como “*a melhor coisa do mundo*”, são muitos os padrões normativos que permeiam essa valorização. Dentre esses padrões, podemos destacar:

- O desejo sexual valorizado é sempre representado como heterossexual;
- O prazer sexual é muitas vezes relacionado à quantificação e à mensuração. Os números

são recursos frequentes para falar sobre o tamanho do pênis, sobre as contrações musculares da ejaculação, a porcentagem do prazer sentido na vagina e nas outras partes do corpo, as conquistas sexuais, a frequência das relações, o dinheiro gasto para seduzir, entre outros. Homens famosos são colocados como modelo e referência por terem saído com “*mais de mil mulheres*”, com um “*número incontável*” de parceiras vistas como troféus a serem colecionados;

- O sexo é colocado como indispensável para a diversão, relação evidenciada pelo uso de termos como: “*pegação*”, “*azaração*”, “*rala e rola*”, “*curtir como nunca*”, “*curtir até não poder mais*”, “*perder as estribeiras*”, “*cair na bandalheira*”, participar de um “*bacanal sem limites*” etc.;

- Festas, eventos e destinos turísticos são apresentados como mais interessantes e atrativos a partir da quantidade de mulheres disponíveis e acessíveis, com a idealização de múltiplas conquistas sexuais sucessivas e descartáveis. Quanto maior for o “*festival de mulheres*”, melhor;

- Além de alvos sexuais, há também a valorização das mulheres como objetos a serem vistos, apreciados, admirados, como um “*espetáculo*”, em que os homens são a audiência, o sujeito do olhar e do desejo. Para isso, os corpos femininos devem corresponder aos padrões estéticos vigentes, apresentando, por exemplo, uma “*bunda que parece ter sido calibrada em um posto de gasolina ou uma cinturinha de pilão*”, “*curvas bem desenhadas e proporcionais*”, além da afirmação de que, quanto mais corresponderem padrões, mais desinibidas as mulheres serão sexualmente: “*a mulher que se sente bem com a autoimagem não tem restrições no sexo*”.

A forma como as revistas masculinas representam o prazer sexual reflete como, na socialização masculina, os meninos e homens são incentivados a manifestar desejo intenso e constante sobre sexo, mas sem que seja estimulada a expressão de curiosidades, inseguranças e dúvidas. Como discute Marina Castañeda (2006): “conforme as concepções do machismo, o homem sempre sabe o que faz em matéria de sexualidade” (CASTAÑEDA, 2006, p. 216). A autora aponta também:

Uma premissa central da visão machista é que o desejo sexual é o que faz o homem. Os verdadeiros homens são sempre “ardentes”, prontos para o ato sexual a qualquer momento: aquele que recusa uma oportunidade tem uma masculinidade ambígua; aquele que não a aproveita tem uma virilidade duvidosa (...) Muitos homens, para demonstrar sua masculinidade, acham importante exhibir desejo continuamente e aludir constantemente à sua vida sexual (CASTAÑEDA, 2006, p. 208-209).

Sobre a forma como esses padrões são transmitidos e reiterados pelas revistas, Adriane Câmara (2007) aponta a importância de desconstruir a compreensão de que esses sejam “naturais”, de que correspondam a “impulsos” inerentemente masculinos:

É preciso pontuar que as revistas, enquanto um roteiro para a masculinidade, não ‘reflete’ simplesmente o leitor, mas sim o produz. (...) A sexualidade masculina, aprendida através dos vários ensinamentos oferecidos não é fruto de um impulso sexual masculino, mas sim de constantes e reiterados investimentos, vigilância e normalização dos desejos masculinos, mesmo mediante a um roteiro que antes de tudo propõe entretenimento (CÂMARA, 2007, p. 201).

Considerando que são raros os espaços em que a sexualidade possa ser pensada para além dos padrões normativos, torna-se importante que, em grupos de educação sexual, sejam abordados os aspectos repressivos presentes na compreensão predominante sobre a sexualidade masculina, e que também sejam pensadas atividades e estratégias que propiciem espaço para a reflexão, para a desconstrução desses padrões e para a problematização da forma como eles são continuamente reproduzidos e naturalizados.

Capítulo 12-

Valorização do Consumo de Bebidas Alcoólicas Como Prazer Masculino

12.1. Valorização do consumo de bebidas alcoólicas como prazeroso

Nas revistas masculinas o consumo de bebidas alcoólicas é associado ao lazer, ao relaxamento, à diversão e à sociabilidade. A importância dada às bebidas como fonte de prazer pode ser notada na existência de seções fixas, publicadas mensalmente, destinadas a abordar o tema: na revista *Vip* há a seção “**Garrafologia**”, na revista *Sexy* a seção “**Boteco**” e na *Playboy* a sub-seção “**Boteco Playboy**”, publicada na seção “**Happy Hour**”. Nessas seções são sugeridas marcas de bebidas e também instruções para o preparo de drinks. A revista *Men’s Health* não possui seções fixas, mas também são frequentes as matérias que abordam as bebidas alcoólicas, como nos exemplos a seguir, de recomendações de livros publicadas na seção “**Ócio**”:

“Cachaça

Marvada, teimosa, quebra-goela, meu-consolo, tome-juízo, tira-teima, água-que-passarinho-não-bebe... A bebida genuinamente brasileira, que ganhou incontáveis apelidos populares desde que veio ao mundo no século 16, recebe aqui roupagem sofisticadíssima. (...) Deguste sem pressa” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 26).

“Grandes Cervejas

(...) [o livro] ajuda você a saborear ainda mais este enorme prazer da vida: abrir uma cerveja em casa após um dia estressante na firma, ou mesmo ao sentar-se no boteco preferido. (...) Brinde essa” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 26).

Aqui podemos assinalar a descrição do ato de beber como um “enorme prazer da vida” com o convite para que os leitores “saboreiem” e “degustem sem pressa”.

A edição da *Men’s Health* de fevereiro tem como tema “**Especial Diversão**”. Na Carta do Editor, são descritas cenas consideradas como divertidas pela revista. Na primeira cena já é possível notar a presença das bebidas alcoólicas como fonte de prazer:

“Cena 1: Você, num churrascão, carne no ponto (aquele cheiro que faz sua boca inundar), cerveja gelada, flertes daqui, papos legais dali, som perfeito... Um roteiro simples e bem amarrado para uma diversão impagável” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 8).

A bebida vem associada a outros prazeres, como o churrasco, a conversa, a paquera, a música. Juntos, eles são relacionados a uma “diversão impagável”.

Na coluna “**Saideira**”, da revista *Vip*, foi publicada a matéria: “**Minha Varanda é Melhor que Ibiza**” (p. 126), em que o colunista defende que as festas na própria casa ou apartamento são a melhor opção de diversão, por motivos como os preços cada vez mais altos em bares e baladas, a lei anti-fumo e a blitz da lei seca. Na argumentação é possível notar a forma como as bebidas alcoólicas são associadas à diversão:

“A festa no apê é mais simples. Abra as portas para os convidados, a geladeira para a cerveja. Abra espaço para a pista improvisada. A festa no apê é mais barata. Com os R\$ de uma long neck de cerveja Premium em uma casa noturna você compra um fardo na mercearia da esquina. É o estado líquido da multiplicação dos pães. (...) Drinques? Sempre tem alguém disponível para tirar uma onda na coqueteleira. (...) E seu chefe que esquece que é chefe e se permite tomar um porre relax na frente de todos? E ninguém liga- pelo menos não na hora” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 126).

A nome desta coluna, “**Saideira**”, que é publicada todos os meses na última página da revista, se refere a um trocadilho com a expressão "saideira", que significa a última rodada de bebidas alcoólicas (principalmente cervejas) em um bar.

12.2. Valorização do consumo em excesso de bebidas alcoólicas

Na seção “**Boa Vida**”, da revista *Vip*, são dadas sugestões sobre a cidade de Las Vegas. São recomendados bares, *pool parties*, *nightclubs*, hotéis e cassinos, com instruções sobre como escolher, quais são os preços, como se vestir e também quais bebidas comprar e onde encontra-las. É destacada a possibilidade de diversão:

“A Noite Insana- Parece que todo mundo tem o mesmo objetivo: curtir até não poder mais. Todo dia da semana tem festa, e sempre uma delas vai ser bem melhor que todas as outras” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 31).

Na descrição das festas e dos atrativos da cidade, está a ênfase nos excessos, incluindo o excesso de consumo de bebidas alcoólicas:

“A combinação de jogatina, boates de *strip-tease* e consumo insano de álcool- os cassinos oferecem bebida grátis para que o turista perca a noção e o dinheiro- rendeu a Las Vegas o apelido de Sin City, Cidade do Pecado” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 30, grifos nossos).

É possível notar como, além do uso em ocasiões festivas, em contextos de lazer e sociabilidade, há a representação e a valorização do consumo em excesso. Nesse trecho é afirmado que na cidade ocorre o “consumo insano de álcool”, inclusive como maneira

de diminuir o controle dos turistas nos gastos. O roteiro apresentado inclui a recomendação de compra de bebidas: **“Para fechar um camarote, compre duas ou três garrafas de vodca, uísque ou champanhe”** (p. 31). Um dos entrevistados para a produção do roteiro avisa sobre ser melhor andar de táxi do que alugar um carro: **“Olha, você bebe muito o tempo todo”** (p. 31).

Nas entrevistas trazidas pelas revistas masculinas são comuns perguntas sobre quais bebidas os entrevistados gostam, o que e quanto costumam beber. Um exemplo é o trecho seguir da fala de Perry Farrel, mentor do festival musical “Lollapalooza”, publicado na revista *Playboy*:

“Antes do show eu costumo beber muito, geralmente vodca e tequila e, durante o show, mudo para vinho tinto. Gosto de botar um cubo de gelo da tequila. E adorei a sua cachaça!” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 34).

Além das bebidas alcoólicas, é frequente que os entrevistados sejam perguntados sobre o consumo de outras substâncias, como nos exemplos a seguir, da entrevista com João Gordo, na revista *Sexy*, e com Pedrinho Aguinara, na Revista *Trip*:

“Tomei mais ácido do que você imagina. Pra caralho. A minha balada normal: quinta-feira dava teco. Sexta descansava. Sábado tomava um ácido, ia pro Matrix, comprava 50 paus de pó, cheirava e cortava o ácido. Tudo isso à base de uísque com Flash Power. Dessa balada, já ia para o Lov.E e pegava quatro, cinco ecstasy, tomava e depois dormia o dia inteiro. (...)

O que você usa hoje em dia? Uso um baseadinho. (...)

Você chegou a fumar crack também? Cheguei, é delícia (risos)! Pra falar a verdade, eu não me lembro do gosto e do efeito” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 32).

“Você sente falta da vida da noite? Não é que eu sinto falta, mas gosto de lembrar, claro. Era um outro Rio de Janeiro. Era o começo de muita coisa, da sexualidade, das drogas... As drogas não tinham essa conotação de violência, eram ligadas a outras coisas.

A que exatamente? Ao prazer.

O que se usava mais na época? Maconha.

Mas na noite imagino que o pessoal usava mais cocaína, não é? Ah, muito mais. Às vezes eu ficava pensando que os arquitetos tinham que fazer boates com dez banheiros e uma sala, em vez do contrário. Todo mundo ficava só nos banheiros.

Como é sua relação com as drogas? Posso dizer que extraí o melhor delas”
(*TRIP*, fevereiro de 2012, p. 16).

A partir das respostas dos entrevistados, é possível notar como o lazer noturno, a diversão e o prazer são associados com o consumo de substâncias, como na resposta em que Perry Farrel aponta um tipo de bebida para cada momento do show; na descrição de João Gordo sobre o consumo de uísque, energético, cocaína, ácido e ecstasy em uma “balada normal”; e a associação de Pedrinho Aguinara da vida da noite com drogas e sexualidade, com a lembrança da conotação de prazer dada às drogas e a afirmação de que o entrevistado extraiu o melhor delas.

Em diferentes matérias, o consumo excessivo de álcool é representado como naturalizado e esperado, com conselhos dados a partir dessa naturalização. Na seção “Dropes”, da revista *Men’s Health*, são dadas **“38 dicas pra quem pensa que cachaça é água...”** Na linha de apoio, há a descrição: **“Carnaval é a farra que esperamos para exorcizar os momentos ruins e se divertir como se não houvesse amanhã”** (p. 98). É possível notar como o consumo em excesso de álcool é associado à diversão e ao alívio de tensões, como em um “exorcismo”.

Na matéria “Detonou? Salve-se comendo!”, também da revista *Men’s Health*, são dadas dicas de alimentação, com conselhos para compensar os excessos praticados durante o verão, como o excesso no consumo de bebidas alcoólicas:

“O verão está no auge e, como sempre, traz muitas tentações- encher a lata com os amigos, comer petiscos gordurosos, ficar horas debaixo do sol escaldante na praia, exagerar no esporte e até estressar além da conta no trânsito com a ida ao litoral...” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 59).

“Encher a lata com os amigos” é uma tentação associada ao verão. A naturalização dos excessos também ocorre na matéria **“Por um pé na jaca mais digno”**, da seção **“Boteco”**, da revista *Sexy*, em que são recomendadas receitas de drinques para que os leitores consumam bebidas de melhor qualidade:

“Em geral, os foliões, quando querem tranças as pernas, se atêm a um funil, a muita cerveja barata e aos destilados de pior qualidade, normalmente tomados em seu estado puro e na temperatura ambiente. Por mais que a tranqueiragem esteja no DNA do Carnaval, ninguém precisa dessa folia masoquista, principalmente se tem o mínimo de tempo para produzir alguns drinques tão fáceis de fazer (...)” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 88).

Tanto na revista *Men's Health* quanto na revista *Sexy*, beber em grandes quantidades é representado como um comportamento esperado no Carnaval. Essa representação também está presente na revista *Playboy*, na seção destinada aos cuidados com a beleza. Com o título “O dia depois de amanhã”, são apresentadas recomendações de produtos para serem usados durante a ressaca, como hidratantes, energizantes para a pele do rosto e cremes que camuflam olheiras, manchas e marcas de cansaço. A linha de apoio é: **“Oito produtos para encarar o Carnaval sem virar cinzas na quarta-feira”**. (p. 124). Com o subtítulo **“Olha a ressaca aí, gente!”** são também recomendados água, frutas, verduras, legumes, barras de cereais, azeite, filtro solar, lenços umedecidos, brócolis, couve e couve-flor, chá de carqueja com lascas de gengibre, creme a base de ureia e ácido glicólico: **“para sobreviver à gandaia”**. (p. 124).

Na matéria da revista *Playboy* é possível notar um movimento interessante: a revista parte de um tema considerado como tipicamente masculino- o consumo excessivo de álcool e a consequente ressaca- para inserir conselhos sobre cuidados com a beleza e com a saúde, que muitas vezes são alvos de uma abordagem cuidadosa por não corresponderem ao modelo de masculinidade. Como discute Nucia Oliveira (2005), estratégias como essas fazem com que o incentivo ao consumo de produtos se expanda sem que haja rupturas nos padrões normativos de gênero.

O consumo em excesso de bebidas alcoólicas também está presente na seção “Gozadas” da Revista *Vip*, espaço destinado à publicação de piadas enviadas pelos leitores:

“Dois amigos se encontram. Um diz para o outro:

- Você está com uma cara horrível! Está doente?

- Sim, estive no médico e ele diagnosticou deslocamento de órgão.

- Deslocamento de órgão? Nunca ouvi falar. O que é isso?

- O médico disse que meu fígado foi para o caralho!” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 12, Gozadas).

O tema da piada são as consequências para a saúde derivados da ingestão excessiva de bebidas alcoólicas, como o prejuízo do fígado.

A revista *G*, destinada ao público homossexual, foi a única a abordar o consumo em excesso de bebidas alcoólicas a partir da questão dos cuidados com a saúde, no conselho dado por um médico:

“(…) O álcool é uma droga, a mais consumida neste país. A medida que vai aumentando no seu sangue, pode torná-lo mais disposto e feliz. E ao chegar

no seu cérebro, a primeira coisa que faz é eliminar sua inibição. Assim, você poderá topor uma relação sexual casual que, caso estivesse em seu estado normal, possivelmente recusaria. (...) Evite os excessos para garantir um comportamento seguro e saudável com o seu parceiro. Agindo assim você terá uma noite prazerosa” (*G*, fevereiro de 2012, p. 53).

Enquanto nas revistas masculinas para heterossexuais tanto o consumo em excesso de bebidas quanto as possibilidades de conquistas sexuais são valorizados e exaltados, na revista *G* a associação entre consumo de álcool e ocorrência de sexo casual é descrita em tom de alerta, com foco na necessidade de um comportamento seguro e saudável com o parceiro e a pressuposição sobre a probabilidade de que, se estivesse sóbrio, o leitor recusaria a relação.

12.3. Valorização do consumo de bebidas alcoólicas como associado à maior desinibição sexual feminina

Nas revistas masculinas é frequente a associação entre o consumo de álcool e o aumento de oportunidades sexuais, principalmente a partir da representação de que o álcool ocasiona uma maior desinibição sexual nas mulheres. Essa associação pode ser notada no trecho a seguir, da seção “Sexyonário”, da revista *Sexy*:

“Você e a gata estão bêbados no salão... Essa é a situação perfeita para realizar qualquer loucura de Carnaval. Sexo atrás do trio elétrico, no banheiro, com mais de uma foliona... No dia seguinte, nenhum dos dois vai se lembrar de nada mesmo. Dá até para repetir a fantasia. Ou experimentar outra” (*SEXY*, fevereiro de 2012, p. 16).

É representado que o homem, no Carnaval, tem mais chance de realizar “loucuras” e fantasias.

O álcool como fator de desinibição sexual feminina também está presente em uma notícia publicada na seção “O Mundo do Sexo”, da revista *Playboy*:

“A atriz Keira Knightley disse que por pouco não conseguiu fazer as cenas de sexo (...). A inglesa contou que precisou de duas doses de vodca antes de cada cena erótica” (*PLAYBOY*, fevereiro de 2012, p. 26).

Na seção “Testosterona”, da revista *Sexy*, o consumo de bebidas alcoólicas por mulheres é colocado como sinônimo do desejo de fazer sexo:

“(...) A mulher que vai para o baile com as amigas também usa a desculpa de que foi pela diversão, mas com um pouco de álcool já está rebolando

freneticamente, denotando tesão acumulado. Um papinho e você descobre que ela deseja ser vendada, amarrada na cama e trepar por 12 horas seguidas. (...) O bicho pega com as mulheres nos blocos de rua. Birita, calor, aperto: ninguém é de ninguém e ela é de todos que a quiserem, quer mesmo é transar com o máximo de caras possível, seja onde for” (SEXY, fevereiro de 2012, p. 18).

O álcool é descrito como um elemento importante para que as mulheres deixem de dar “*desculpas*” como a “*diversão*” e dissimular que não estão interessadas em sexo.

A suposição de que as mulheres sentem “*tesão acumulado*” e buscam oportunidades para transar não se dá a partir da compreensão do desejo sexual feminino como algo prazeroso que pode ser expresso e experienciado com liberdade pelas próprias mulheres, mas sim como algo que é escondido e disfarçado por elas, cabendo aos homens interpretar as “verdadeiras” intenções.

Neste sentido, é importante considerarmos como nas revistas masculinas há a predominância da representação do desejo sexual como masculino, muitas vezes sem que haja espaço para a expressão do desejo feminino. Autoras como Iani Luna (2006), Lia Machado (2004) e Naomi Wolf (1996) abordam como, em nossa cultura, há a expectativa de que as mulheres hesitem e disfarcem o que sentem e desejam, já que demonstrar interesse diretamente não é valorizado. O “não” das mulheres, ao invés de uma recusa, é interpretado como uma estratégia de sedução.

Na matéria da revista *Sexy* está presente a concepção de que todas as mulheres que vão para os bailes de Carnaval e bebem têm como intenção “verdadeira” transar. Afirmações como “*ela é de todos que a quiserem, quer mesmo é transar com o máximo de caras possível, seja onde for*” alimentam uma imagem em que é pressuposta a disponibilidade sexual da mulher por estar em um bloco de rua e estar bebendo, com a transmissão de uma mensagem distorcida que pode levar a naturalização de comportamentos violentos, em que não haja a preocupação em reconhecer o real desejo com o real consentimento das mulheres.

Como discute Wolf (1996), em nossa cultura predomina uma visão que negligencia e desvaloriza o desejo sexual feminino, de modo que não é incentivado que as mulheres reconheçam e expressem o que sentem, o que querem e o que dá prazer a elas no que se refere ao sexo. A forma como a sexualidade feminina é diretamente atrelada à passividade, à receptividade, faz com que qualquer iniciativa ou expressão direta do desejo feminino sejam vistos de forma negativa. No momento da aproximação, a mulher

é quem espera, quem cede, quem demonstra se está interessada ou não apenas por indiretas ou insinuações. A autora relaciona o uso do álcool com esse contexto em que as mulheres, sóbrias, são reprovadas caso demonstrem interesse sexual conscientes e com controle de si mesmas:

Em muitos colégios secundários e campi universitários que visitei, as garotas explicam que não são consideradas promíscuas as que fizerem sexos quando estiverem bêbadas, subjugadas ou “enleavadas”. Só é considerada promíscua aquela que faz sexo quando está consciente do que está acontecendo e tem condições de e pronunciar a respeito do assunto (...). O “branco”- a falta de consciência- é uma absolvição. Vou expressar o mesmo ponto de outra forma para dar mais ênfase. Na nossa cultura, a disponibilidade sexual das garotas tem um valor positivo para os rapazes; e a falta de consciência das garotas com relação às suas próprias escolhas sexuais também tem um valor positivo para a sociedade (WOLF, 1996, p. 190).

Wolf (1996) assinala também como há a expectativa de que as mulheres estejam sexualmente disponíveis, mas que não respondam, não se responsabilizem pelo que fazem. O fato das mulheres estabelecerem limites sexuais com os quais se sintam à vontade tem um valor negativo, assim como a conscientização erótica, a valorização e a aceitação do próprio corpo e da própria sexualidade, a liberdade para explorar e estabelecer até onde se deseja ir. Há mensagens que apontam que o que os homens fazem e desejam fazer com elas é mais significativo do que o que elas mesmas escolhem e preferem fazer.

12.4. Naturalização da violência

No mês de janeiro, que antecedeu a publicação das revistas, houve um episódio de grande repercussão na mídia em que um participante do programa Big Brother Brasil se aproximou e fez gestos e movimentos de conotação sexual com uma participante que estava alcoolizada e adormecida. Foi amplo o debate sobre a questão do estupro se referir a qualquer forma de contato sexual sem consentimento, com muitas pessoas se posicionando, principalmente grupos feministas nas redes sociais⁵³. O participante foi

⁵³ São apresentadas mais informações sobre o episódio no post “Estupro no BBB12”, do Blog “Escreva Lola Escreva”, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/01/estupro-no-bbb12.html>, e no post “Estupro de Vulnerável Não é Amor Bial” disponível no Blog “A Maior Digressão do Mundo”, disponível em: <http://maioridigressao.blogspot.com.br/2014/03/estupro-de-vulneravel-nao-e-amor-ou.html>, em que a autora Gizelli (2014) descreve: “Monique bebeu muito e acabou indo dormir. Aconteceu então o que ninguém esperava: Daniel começou a acariciar o seu corpo enquanto ela estava desacordada. Se esfregou nela enquanto ela não esboçava reação nenhuma. (...) Para quem não sabe, na nossa legislação o estupro não envolve somente a penetração, mas todo ato não consensual para obtenção de prazer. E quando isso acontece com alguém apagado pela bebida, chamamos de estupro de vulnerável. Tentando botar panos

desligado do programa pela produção da Rede Globo. Esse episódio foi tratado como ironia na matéria **“38 dicas pra quem pensa que cachaça é água”**, publicada na revista *Men’s Health*. Dentre as recomendações sobre coisas que os leitores devem evitar fazer quando bebem está o conselho:

“Não cutuque se ela estiver dormindo ou com sono. Especialmente se tiver câmeras no local” (MEN’S HEALTH, fevereiro de 2012, p. 98).

O conselho de não “cutucar” especialmente se houver câmeras remete diretamente ao que ocorreu no programa, em um movimento de diminuir a questão da importância do consentimento e enfatizar apenas os riscos em ser filmado.

Já na Revista *Sexy*, em uma situação em que a mulher está embriagada, não é recomendado que o leitor “não cutuque”, mas sim, que faça o “trabalho pesado”:

“Você está sóbrio e ela, bêbada. Nada melhor do que um bom banho para curar a bebedeira. Leve a gata para o chuveiro, ensaboe o corpo inteiro dela, com cuidado especial nas partes estratégicas. Para não correr riscos de acidentes, é melhor ela ficar no chão. Você é o sóbrio da relação, nada mais justo do que fazer todo o trabalho pesado” (SEXY, fevereiro de 2012, p. 16).

Aqui há o conselho de que, com a parceira bêbada, o homem a ensaboe, deixe-a no chão e “faça o trabalho pesado”. É importante notar que nada é dito sobre a questão do consentimento, se a mulher realmente deseja fazer sexo com ele ou não. Há assim uma naturalização de que, com a parceira bêbada, o homem se aproveite de uma situação em que se propõe a ajudar para fazer sexo com ela. Isso se configura em uma violência.

A forma como a violência é naturalizada também pode ser notada na piada a seguir, publicada na seção “Gozadas”, da revista *Vip*:

“Remédio caseiro

A mulher vai ao médico:

- Doutor, eu não sei o que fazer. Toda vez que meu marido chega em casa bêbado, ele me enche de porrada.

- Eu tenho um remédio muito bom para isso. Quando seu marido chegar em casa embriagado, basta que você o espere com um copo de chá de camomila, fazendo bochecho com o chá. Apenas faça bochecho e gargareje, sem parar.

Duas semanas depois, ela retorna ao médico e parece ter nascido de novo:

quentes na situação, o apresentador Pedro Bial chegou a dizer ao vivo que "O amor é lindo", referindo-se ao casal Monique e Daniel, sabendo que havia ali uma investigação criminal a ser realizada”.

- Doutor, sua ideia foi brilhante! Sempre que meu marido chega em casa bêbado, eu gargarejo e faço bochechos com o chá de camomila e as agressões não aconteceram mais!

- Viu como manter a boca fechada ajuda?” (*VIP*, fevereiro de 2012, p. 12, Gozadas, grifos nossos).

As agressões do marido, que chega em casa bêbado e “enche de porrada” a esposa, são justificadas a partir do “remédio” receitado pelo médico, como se o “problema” a ser evitado fosse o fato da mulher “falar demais”. Há a mensagem de que, para não sofrer violência, é necessário que a mulher fique com “a boca fechada”, que mantenha-se na posição de passividade, submissão e silêncio. A mulher é culpabilizada pela violência sofrida e esse movimento ainda é colocado como engraçado, como uma piada. É importante problematizar, a partir do teor violento dessa piada, o modo como os padrões assimétricos de gênero são legitimados e reforçados e também como o excesso na ingestão de bebidas alcoólicas muitas vezes é associado a uma naturalização de comportamentos agressivos e violentos.

Considerações sobre a valorização do consumo de bebidas alcoólicas como prazer masculino.

Ambientes festivos, momentos alegres, confraternizações, comemorações, lazer, prazer, alegria e diversão: o consumo de álcool em nossa cultura é inserido em diversas ocasiões compreendidas como prazerosas e associado a muitos elementos positivos. Ainda que frequentemente sejam transmitidas por diferentes meios informações e alertas sobre as possíveis consequências negativas do uso em excesso (riscos de envolvimento em acidentes de trânsito, brigas e outras situações de violência; altos índices de alcoolismo e outros problemas de saúde), a prática de consumir bebidas alcólicas em contextos de lazer e sociabilidade é amplamente aceita e mesmo valorizada e incentivada.

As revistas masculinas são um espaço onde é possível notar esse incentivo e valorização. O consumo de bebidas alcoólicas é representado como um “*enorme prazer da vida*”, a ser “*brindado e degustado sem pressa*”. As bebidas são associadas a contextos diversão, como um elemento importante para aproveitar e interagir. Há também com frequência a representação do uso em excesso, do consumo “*insano*”, até “*trançar as pernas*”, colocado como uma forma de “*curtir até não poder mais*”, de “*exorcizar os*

momentos ruins” de “*se divertir como se não houvesse amanhã*”, de cair na “*gandaia*” e fazer “*tranqueiragem*”.

Como vimos no decorrer desta dissertação, principalmente no capítulo 3: “O Aprendizado dos Padrões de Gênero no Decorrer da Educação”, o ideal de masculinidade envolve força, domínio, controle, atividade, enquanto o ideal de feminilidade envolve delicadeza, sensibilidade e receptividade. A força destes ideais está presente no fato de que apesar de tanto homens quanto mulheres beberem, inclusive sendo crescente os índices do consumo de álcool entre mulheres (aspecto destacado no relatório “*O Consumo de Álcool no Brasil: Tendências entre 2006 e 2012*”, publicado em 2013), há uma maior valorização cultural do beber masculino, visto como sinônimo de virilidade, como uma prática de “homens de verdade”, enquanto muitas vezes há uma maior reprovação cultural do beber feminino, com a desinibição da embriaguez sendo vista como inadequada. Denise Jardim (2001), no estudo realizado sobre bares populares destinados ao público masculino, aponta como é esperado que os homens bebam em grandes quantidades mas que mantenham-se com o domínio das próprias ações. Assim como aqueles que se descontrolam, aqueles que não bebem tornam-se alvo de desconfiança e deboche, como se não fossem suficientemente homens.

Nas revistas femininas analisadas não houve a associação entre consumo de bebidas alcoólicas e prazer, o que pode também ser relacionado à reprodução dos padrões de gênero. Há homens e mulheres que experienciam o consumo de bebidas alcóolicas como prazeroso, assim como há homens e mulheres que não gostam e/ou não tem o hábito de beber, mas há um maior incentivo cultural (ou mesmo uma maior pressão) para que os homens bebam, como discute Andrea Lacombe (2005), que aborda também como as pesquisas que investigam o consumo de bebidas alcoólicas têm predominantemente como participantes os homens.

A valorização das bebidas alcoólicas como fonte de prazer pode também ser relacionada às discussões realizadas por Maria Rita Kehl (2008), Letícia Lins (2004) e Mariana Lioto (2012) sobre como nos discursos midiáticos há a construção de expectativas sobre o consumo de bebidas alcoólicas que envolvem a diversão, a animação e a euforia, a diminuição de inibições e pudores, com a possibilidade de realizar desejos e fantasias sem limites e impedimentos. Nos contextos em que são consumidas bebidas alcóolicas como bares, festas, eventos e estabelecimentos voltados ao lazer há a suspensão de alguns padrões e regras que estão presentes no cotidiano, um comportamento que seria

julgado como inadequado ou inconveniente em outros momentos e espaços pode ser aceito ou mesmo esperado.

Dentre os comportamentos que se tornam menos alvo de avaliações negativas e censuras em contextos onde o álcool é consumido, estão os comportamentos sexuais, havendo maior permissividade e mesmo a expectativa de que as pessoas expressem desejo e interesse, que se aproximem e se envolvam sexualmente. No estudo realizado em uma Universidade americana por Lisa Weid e Caroline Heldmann (2011) sobre as experiências sexuais no primeiro ano de faculdade, os(as) estudantes universitários(as) consideraram as bebidas alcólicas como elemento comum e esperado nas interações entre possíveis parceiros(as) como um “preparativo” para as práticas sexuais, sendo raras as experiências em que os(as) parceiros(as) estivessem sóbrios(as). Beber em grandes quantidades foi representado tanto quanto um pretexto para que os(as) parceiros(as) se aproximem, quanto como uma desculpa, já que colocando o álcool como motivo as escolhas não precisam ser justificadas como conscientemente tomadas.

Weid e Heldmann (2011) apontam haver uma espécie de “roteiro”, que é bastante atravessado pela heteronormatividade e pelos padrões de gênero: é esperado que as interações se dêem entre um homem e uma mulher, que o homem tome a iniciativa para a relação sexual e, inicialmente, a mulher resista, para, depois de alguma pressão, ceder. As participantes mulheres relataram sentir receio de serem julgadas e rotuladas por seus comportamentos sexuais e descreveram que o “roteiro” envolve também que o prazer sexual masculino seja priorizado. Foram comuns afirmações sobre as mulheres “estarem muito bêbadas para dizer não”.

Assim como Wade e Heldman (2011), Naomi Wolf (1996) problematiza como o beber feminino é associado à disponibilidade sexual e à promiscuidade, como se, por estar bebendo, necessariamente as mulheres estivessem expressando desejo e abertura para se relacionarem sexualmente com os homens. Mariana Lioto (2012) relaciona essa concepção com as mensagens transmitidas em artefatos culturais como as revistas e também as músicas e anúncios publicitários, em que é construído um imaginário em que o homem que bebe vive rodeado por mulheres bonitas, pouco vestidas e insinuantes, em contextos festivos, com a associação do consumo de bebidas alcólicas a um maior número de oportunidades de conquistas sexuais. Com relação à imagem das mulheres nestes espaços a autora afirma: “não importa muito se ela bebe ou não, se se diverte ou não, sua principal atribuição é gerar satisfação ao homem” (LIOTO, 2012, p. 89).

Nos exemplos identificados nas revistas masculinas analisadas, vimos como o aumento nas oportunidades sexuais por uma maior desinibição e disponibilidade sexual das mulheres que bebem é uma expectativa alimentada com frequência nas representações transmitidas sobre o consumo de bebidas alcóolicas como fonte de prazer. Embora a disponibilidade seja representada como positiva, o desejo sexual feminino não é valorizado, mas sim, é representado como escondido, negado, disfarçado, cabendo aos homens identificar as “verdadeiras” intenções das mulheres, que supostamente são reveladas com mais facilidade após o uso de álcool. Na abordagem das revistas não houve, assim, atenção para a questão do consentimento, para a possibilidade das mulheres expressarem o próprio desejo, sendo colocada a associação direta entre mulheres beberem e mulheres quererem sexo, o que é perigoso de ser naturalizado.

Nesta análise sobre como os padrões de gênero perpassam as concepções sobre o prazer, é possível notar como mesmo na abordagem sobre contextos de lazer, diversão e sociabilidade há a presença de padrões repressivos e do binarismo entre os gêneros. A valorização do excesso, das conquistas, de realizar as próprias fantasias e desejos corresponde aos padrões de masculinidade vigente. Os padrões de feminilidade que representam a sexualidade feminina como marcada pela disponibilidade, pela passividade, pela receptividade, também estão presentes nas representações sobre o consumo do álcool, em que é esperado que haja uma maior desinibição feminina, não para que as próprias mulheres possam sentir prazer, mas para que proporcionem mais oportunidades de prazer aos homens. É importante que os padrões de gênero sejam problematizados para que sejam desconstruídas essas representações normativas e repressivas sobre o prazer, tanto para homens, quanto para mulheres. O espaço dos grupos de educação sexual é um espaço interessante onde essas discussões podem acontecer.

Capítulo 13-
Diversão e Lazer nas Revistas Masculinas para
Homossexuais

13. Diversão e lazer nas revistas masculinas para homossexuais

Nos capítulos anteriores nesta segunda parte da dissertação, foram analisados e discutidos os elementos mais presentes nas representações sobre prazer, lazer e diversão das revistas femininas de uma forma geral (importância do cuidado com o corpo e com a beleza, busca por conquistas e relacionamentos amorosos, valorização do prazer sexual) e nas revistas masculinas para heterossexuais (possibilidade de ver e de se relacionar sexualmente com um número alto de mulheres e consumo de bebidas alcoólicas). Neste capítulo apresentaremos algumas especificidades sobre como o lazer e a diversão são representados nas revistas masculinas para homossexuais e no próximo abordaremos as especificidades das revistas femininas para adolescentes.

As revistas masculinas voltadas para o público homossexual buscam visibilizar de forma positiva o desejo de homens por homens e as relações entre eles, construindo a imagem de um universo repleto de lazer, sociabilidade, diversão e consumo. Baladas, bares, restaurantes, praias, cachoeiras, parques e as mais diversas opções de lazer são divulgados, com matérias e seções fixas destinadas a esse propósito.

As edições analisadas foram publicadas no mês de fevereiro, mês do Carnaval, e o feriado foi um tema abordado com frequência pelas revistas *G* e *Júnior*. “**Carnaval é fervo!**” e “**As Cores do Carnaval**” foram as matérias publicadas, respectivamente, na seção “**Turismo**” da revista *Júnior* e na seção “**G Travel**” da revista *G*. Em ambas são recomendados diferentes destinos turísticos e diversos roteiros de atividades em cidades como Itacaré, Salvador, Recife, Olinda, São Paulo e Rio de Janeiro. Na *G* o Carnaval também é tema do ensaio principal:

“Quem já não passou por uma daquelas noitadas de Carnaval e, na manhã seguinte, acordou ainda no pique da festa? Com a sensualidade a mil provocada pela época mais liberal do ano, Niccolas de Lucca convida você para caírem juntos na folia e se entregarem aos prazeres da carne” (*G*, fevereiro de 2012, p. 30).

O Carnaval é representado como uma época animada, divertida e também como favorável para a sensualidade. As revistas valorizam que nesse período algumas restrições sociais são flexibilizadas, tornando maiores as possibilidades de expressões de afetos e desejos entre os homens:

“(...) o clima de liberdade só favorece o amor entre iguais. (...) O beijo e o namoro gay têm lugar garantido (...). O clima de festa injeta nas pessoas um sentimento de que tudo é normal. É nesse clima que acaba o preconceito e os

romances gays ganham até territórios delimitados de dia e de noite” (G, fevereiro de 2012, p. 58).

Com relação à busca por não enfrentar situações de preconceitos, há também a recomendação de estabelecimentos “gay friendly”, que podem ser identificados pela bandeira do arco-íris. A revista *Júnior* anuncia uma matéria sobre o Carnaval dizendo: **“Roteiros e dicas insiders para aproveitar o feriado mais animado do ano”** (*JÚNIOR*, fevereiro de 2012, p. 79). “Insiders” é uma expressão da língua inglesa que indica “por dentro”, ou seja, pessoas que estão envolvidas no meio LGBT. Na sub-seção **“Turismo EUA”** (p. 72- 75), com o título **“New York Insider”** é apresentado um guia da cidade de Nova York:

“Quantas vezes você leu roteiros sobre Nova York? Muitas, é certo. Há guias de compras, de comidas, de brechós, de clubes, de bares, de drinks e até de seriados de tv. Mas nem nós, até agora, publicamos um guia 100% gay. Um gay clássico, por assim dizer. Quer saber qual academia os mais lindos da cidade malhar? A gente diz. Qual restaurante os meninos estão indo? Tem. A boate? Falamos. Praia, hotel, compras...” (*JÚNIOR*, fevereiro de 2012, p. 72).

Outro exemplo na ênfase da receptividade ao público gay é a descrição de um novo hotel em São Paulo voltado para executivos que tem a proposta de atender o público LGBT. Nele os funcionários recebem preparo específico, principalmente com o foco de receber a alta demanda na época da Parada Gay:

“Este repórter, que ao lado de seu companheiro passou sua primeira noite de oficialmente casado no [hotel] Pullman, ficou muito satisfeito com o tratamento dado, a começar pelo check-in feito sem dramas com sobrenome comum do casal” (*JÚNIOR*, fevereiro de 2012, p. 69).

Isadora Lins França (2010), ao abordar mudanças que ocorreram com relação a estabelecimentos voltados para o público homossexual, descreve como por muito tempo a vida noturna foi associada ao “gueto”, à clandestinidade e à marginalidade, mas, a partir dos anos 90, em um movimento impulsionado pelo crescimento do mercado, a “noite gay” passou a ser legitimada e valorizada como um importante setor de entretenimento e consumo. A autora destacou também como as revistas tiveram um papel importante nesse crescimento, por divulgarem os estabelecimentos em seus roteiros e propagarem uma imagem do “universo gay” como “aberto, iluminado, colorido e sofisticado” (FRANÇA,

2010, p. 62). Esse movimento pode ser associado a como as baladas são divulgadas nos exemplos a seguir:

“Mini-clube bem simpático que concentra os mais bonitos da cidade. A noite gay é às sextas. O DJ residente é um gato completo, o Patrício. E tops da cena baixam por lá sempre. Vá sem medo de errar” (*JÚNIOR*, fevereiro de 2012, p. 70);

“Centro paulistano ganha bar moderno com subsolo para bafos. O projeto modernoso conta com objetos em acrílico, poltronas coloridas e um lounge bem confortável. A surpresa fica no subsolo, com espaços para o povo se divertir. E tem um mirante que dá para ter uma idéia da movimentação deste subsolo. O subsolo conta com cabines, dark room e sala de vídeo. (...) Bar de adultos, se é que você me entende. É divertido” (*JÚNIOR*, fevereiro de 2012, p. 75);

“Sabe aquele clube gay mais fervido? Com drags por todos os lados, gogo boys nos queijinhos e música de dublagem na pista?” (*JÚNIOR*, fevereiro de 2012, p. 70).

A partir dos exemplos apresentados é possível destacar como, enquanto em outros materiais midiáticos e também em outros espaços da cultura ainda são muitos os desafios com relação à homofobia e ainda predominam representações distorcidas, que desvalorizam e depreciam a homossexualidade, nas revistas *G* e *Júnior* o universo gay é transmitido como repleto de diversão, prazer, lazer e sociabilidade. São transmitidas representações sobre um estilo de vida positivo, animado e estimulante, com muitas sugestões sobre como aproveitar intensamente esse universo. É importante considerarmos, no entanto, como o acesso a esses prazeres e diversões se dá sobretudo a partir do consumo, de modo que mesmo que seja um avanço que a homossexualidade não seja vista como fator de exclusão, a questão do poder aquisitivo para usufruir das festas, baladas, clubes, shows, viagens entre outras atrações recomendadas se converte também em um elemento excludente. Como problematiza Flávia Azevedo (2010, p. 16): “afinal, quantos dentre os gays têm acesso a este mundo do consumo, para ficar na questão mais simples” (AZEVEDO, 2010, p. 16). Adriana Piscitelli (2009) e Camilo Braz (2009) também chamam a atenção para como ao mesmo tempo em que os desejos e práticas homossexuais são positivados e reconhecidos, contribuindo para desestabilizar a normatividade, novas normatizações e desigualdades são geradas pela forma como os

marcadores de gênero, raça, geração, classe social e estética atravessam a construção de modelos de identidade homossexual.

Capítulo 14-
Diversão e Lazer nas Revistas Femininas para
Adolescentes

14. Diversão e lazer nas revistas femininas para adolescentes.

“A adolescência não é só o conjunto das vidas dos adolescentes. É também uma imagem ou uma série de imagens que muito pesa sobre a vida dos adolescentes”, afirma Contardo Calligaris (2000, p. 5). Nesta categoria buscaremos responder à questão: que imagens sobre a adolescência são transmitidas?

A relação entre a incitação ao prazer e a construção de um ideal de adolescência como momento de diversão, lazer, euforia, festividade foi discutida por autores(as) como Contardo Calligaris (2000), Maria Rita Kehl (2005), João Freire Filho (2007) e Elisabeth Fraterrigo (2009). Em nossa análise foi possível identificar esta relação, em diversos momentos as revistas aconselham e instruem sobre a necessidade de aproveitar ao máximo cada momento, desde a escola até as baladas, desde uma tarde no shopping até viagens para diferentes lugares, desde a compra de maquiagens e roupas para o Carnaval até a oportunidade de conhecer o “gato dos sonhos” nos bailes, desde um passeio com as amigas até a escolha sobre qual foto postar nas redes sociais desse passeio.

Nos editoriais das edições de fevereiro das três revistas femininas para adolescentes analisadas, é possível identificar como a adolescência é idealizada como um momento para se divertir, curtir, ser feliz, viver momentos alegres e intensos. O editorial da *Capricho* tem como título “**Como se fosse o único**” (p. 6) e aborda a expressão “*Carpe Diem*”, ressaltando a importância de aproveitar o momento, o tempo presente, o hoje, sem se preocupar demais com o futuro. “**Bloco da Alegria**” (p. 4) é o título do editorial da *Atrevida*, que destaca a importância do bom-humor e afirma que ele é o principal ingrediente na produção da revista. A *Todateen* traz um editorial com o título “**Acredite**” (p. 3), conta sobre realizações de desejos de leitoras e de famosos, trazendo como mensagem a importância de acreditar nos sonhos e correr atrás das próprias vontades, já que há “**100% de chances de realizá-los**” (p. 3).

Viver intensamente os momentos, com muita alegria e bom humor e acreditando na força da própria vontade: podemos resumir assim as “lições” transmitidas pelas revistas em seus editoriais, o que ilustra a centralidade dada para a felicidade e o prazer.

O mês de fevereiro, mês em que as revistas analisadas foram publicadas, é o período em que no Brasil geralmente ocorre a volta às aulas, após as férias de verão. A escola é um espaço onde as adolescentes passam grande parte do seu tempo, e torna-se, assim, tema recorrente nas revistas, nas matérias sobre comportamento, sobre moda e beleza, nos testes e mesmo nos horóscopos. Um exemplo de como a vida escolar também

é atrelada à valorização da diversão pode ser identificado no trecho a seguir da revista *Todateen*:

“Animada com o retorno às aulas? Esse é o momento de rever os amigos, contar as novidades das férias, mostrar um visu novo e começar um ano com tudo! Separamos algumas sugestões para se dar bem no colégio e garantir diversão para o ano todo” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 52).

Nos testes sobre o assunto **“Você está pronta para voltar ao colégio?”**(p. 54) e **“Quem é você na escola?”** (p. 56), a diversão também recebe destaque, como no conselho dado no resultado **“a nerd”**: **“Estudar é importante, mas lembre-se de se divertir também!”** (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 56).

Além da volta às aulas, outro tema abordado no mês de fevereiro é o Carnaval, que também é atrelado à valorização da diversão. Na revista *Capricho* ele é descrito como **“a época mais animada do ano!”** (p. 17). Na seção “Manual de Sobrevivência” da revista *Atrevida*, é trazida uma crônica com o título **“Carnaval é muito eu!”** (p. 114), em que a diversão é ressaltada:

“Tem festa mais animada que o carnaval? (...) Tudo o que eu quero é rachar de rir com as minhas amigas, até a barriga doer. Depois, no dia das cinzas, vou lotar o meu Face de fotos divertidas(...)” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 114).

A diversão com as amigas vem acompanhada da intenção de registrar essa diversão em uma rede social. Além de divertido, o Carnaval é descrito pela matéria como: **“a festa de quem não tem vergonha de ser feliz”** (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 114). Aqui é importante problematizar como “não ter vergonha de ser feliz” pode facilmente se deslocar para a vergonha de não corresponder à felicidade idealizada. No trecho a seguir é possível notar como a valorização da felicidade beira a obrigatoriedade, a partir do modo como a colunista deprecia as pessoas que não gostam de Carnaval:

“Afe, que gente mais mal-humorada! Quem não gosta de Carnaval é aquele tipo de pessoa que desistiu de ser feliz, mais ainda finge que tenta. (...) Eu fico revoltada com esse tipo de gente que nasceu mal-humorada e, de alguma forma, quer contaminar o mundo com esse astral pesado. Eu tenho mais ou menos uns 2.569 problemas na minha vida, mas ainda insisto em achar isso tudo muito engraçado. (...) Quero mais é folia! Quero deixar os outros pra lá... E ser eu mesma, só que ainda mais feliz!” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 114).

São dados outros exemplos sobre “esse tipo de gente que nasceu mal-humorada”, com a afirmação contínua de que o melhor é estar sempre feliz, se divertindo, achando “tudo muito engraçado”, mesmo com problemas. Como discute João Freire Filho (2010), o imperativo de felicidade se expressa nessa demanda para que as pessoas se esforcem continuamente para a eliminação de problemas, conflitos, estresse e ansiedades. Não conseguir erradicar, ou ao menos eliminar as dificuldades, é visto como uma falha individual, uma incompetência em gerir a própria vida. São consideradas “felizes” as pessoas bem-adaptadas, que irradiam confiança e entusiasmo e exibem uma personalidade descontraída, extrovertida e dinâmica. Essa representação também pode ser exemplificada por um dos resultados do teste “**Quem é você no Carnaval?**”, da revista *Todateen*:

“Você é superanimada, brincalhona e faz todo mundo entrar no clima com muito astral. É isso aí, felicidade nunca é demais!” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 12).

Em um dos resultados do teste “**Que lugar do mundo é a sua cara?**” da revista *Capricho*, também é possível notar esta valorização:

“Desencanada, é do tipo que curte aproveitar um dia de cada vez, sem muitas preocupações. Isso a transforma em uma companhia leve e divertida para qualquer momento. Entendeu agora por que seu telefone nunca para de tocar?” (*CAPRICH*O, fevereiro de 2012, p. 57).

Nesse teste são feitas perguntas sobre as atividades preferidas das leitoras. Nas opções de respostas oferecidas, é possível identificar que atividades são valorizadas como prazerosas e divertidas: fofocas com as amigas, praia e sol, luau romântico com o namorado, show da banda preferida, tarde de compras, balada animada etc. A partir das respostas dadas, chega-se no resultado sobre para qual cidade a leitora deve viajar:

“Praia em Sidney, balada em Nova York, parque em Paris... Faça o teste e descubra em qual cidade você deve carimbar seu passaporte” (*CAPRICH*O, fevereiro de 2012, p. 56).

O teste “**Que lugar do mundo é a sua cara?**” é estruturado de uma forma lúdica, que se propõe mais a estimular a fantasia sobre quais destinos internacionais a leitora se identifica do que a apresentar um roteiro turístico para os países elencados. A possibilidade de realizar as viagens anunciadas requereria um alto poder aquisitivo e também não dependeria apenas da escolha das leitoras, que ainda são menores de idade. Embora a revista não anuncie diretamente, como ocorre nas revistas para o público adulto,

incita, como na expressão: “em qual cidade você deve carimbar seu passaporte”. Assim, a relação entre diversão e consumo se faz presente.

As baladas são um espaço de lazer e sociabilidade frequentemente abordado e valorizado nas matérias como comum na vida das adolescentes. Na seção “Desafio Atrê”, da revista *Atrevida*, uma leitora foi desafiada a ficar 15 dias sem frequentar baladas. A dificuldade da tarefa é ressaltada tanto pela descrição da revista: “**A Atrê pegou pesado este mês e propôs um desafio megadifícil para a superatrê Mônica: ficar 15 dias sem sair!**”, quanto na fala da leitora: “**Pensei que esses quinze dias nunca mais fossem acabar! (...) Senti muita falta e acabei ficando entediada (...), não foi nada fácil.(...) Quanto sofrimento!**” (p. 91). Nesses trechos é possível notar como o tédio é colocado como uma grande dificuldade, fonte de sofrimento, com a necessidade de se divertir e socializar muito e sempre.

Podemos destacar como nos exemplos dados até aqui o ideal de adolescência envolve diversão, animação, bom-humor, alto-astral, popularidade, descontração, despreocupação e disposição para aproveitar os mais diversos contextos de lazer, como viagens, baladas e Carnaval. Outro espaço em que a valorização desses elementos está presente é nos horóscopos:

“Touro: vai rolar uma viagem bem legal. Hum. O Carnaval está aí, heim?”
(*CAPRICHOS*, fevereiro de 2012, p. 89);

“Gêmeos: Depois de uma fase mais introspectiva, você já está preparada para agitar sua vida social. Reúna a galera e caia na balada! (...)

Leão: Já que você é uma baladeira de carteirinha, arrase no make e curta muito esse restinho das férias!” (*ATREVIDA*, fevereiro de 2012, p. 108);

“Áries: O mês do Carnaval é perfeito pra viver aventuras e ficadas! (...) Seu astral está com tudo e fará amigos rápido. Fevereiro-delicinha!

Touro: Sentiu as amigas desanimadas? Que tal ser você a agitadora oficial do carnaval?

Gêmeos: Você terá o dom de agitar a turma.

Libra: O que deve ferver esse mês são as amizades: a galera inteira irá colar em você.” (*TODATEEN*, fevereiro de 2012, p. 80).

Viagens, baladas, aventuras, ficadas, amizades e agitação no Carnaval estão “escritos nas estrelas”. Theodor Adorno (2008) em “*As Estrelas Descem à Terra*” analisa a seção de horóscopos de um jornal e discute como são constantes as recomendações de que se sinta prazer e afirmações de que é preciso ser feliz. O autor problematiza esses

conselhos discutindo como a diversão, ao invés de espontânea e voluntária, se torna alvo de administração e controle. Se divertir é transmitido como necessário para receber reconhecimento e aceitação:

Em outras palavras, cada vez mais as atividades do tempo livre, que oficialmente servem ao propósito da diversão ou do relaxamento, são capturadas pelo interesse racional e realizadas não mais porque alguém de fato gosta delas, mas porque são uma exigência para abrir caminhos ou manter o status (ADORNO, 2008, p. 107).

A valorização do prazer e da diversão ocorre em uma relação direta com a centralidade dada para a visibilidade, para a exposição. Mais do que aproveitar e se divertir, é preciso construir continuamente uma imagem de felicidade, prazer e divertimento. Esse movimento pode ser notado na descrição a seguir do “*Caderno Capricho da Garota Brasileira*” sobre como é prazeroso para as adolescentes tirarem fotos após se arrumarem:

“Picture Parties. O pré balada às vezes é mais divertido que a própria festa. Elas AMAM se reunir na casa de uma amiga da turma para se arrumar e tirar fotos – típico de uma geração posar, que valoriza a cultura da imagem explorada em blogs (...). Elas experimentam e trocam entre si roupas, acessórios e make. (Aliás, muitas vezes essa já é a própria balada)” (CADERNO CAPRICHOS DA GAROTA BRASILEIRA, 2013, p. 9).

A centralidade da visibilidade e da exposição é alimentada pelo uso constante da internet, principalmente das redes sociais. Construir uma imagem de diversão é representado como mais interessante que divertir-se, ou melhor, a construção da imagem é representada como divertida em si. Esse movimento remete ao que discute Maria Rita Kehl (2009):

Celulares e máquinas fotográficas computadorizadas oferecem às pessoas a imagem instantânea de cada momento vivido, de modo a garantir que, pelo menos nas férias ou nas noites de sábado, algum acontecimento tenha merecido registro- se não no psiquismo, ao menos na telinha destinada, também ela, à rápida superação. (...) Os grupos que se reúnem na tentativa de compartilhar um momento inesquecível dedicam-se freneticamente a registrar as provas incontestáveis de sua felicidade. Se a foto não corresponder à imagem esperada, é fácil apagá-la e substituí-la por outra, até se obter uma edição perfeita da noite ou do fim de semana. Que por sua vez terá sido todo ele ocupado pela própria atividade de perpetuar sua existência fugaz numa foto perfeita (KEHL, 2009, p. 189).

Esse contexto também é abordado por Contardo Calligaris (2010), no artigo “Felicidade nas Telas”:

Por que precisaríamos mostrar ao mundo uma cara (ou uma careta) de felicidade? 1) A felicidade dá status, como a riqueza. Por isso, os sinais aparentes de felicidade podem ser mais relevantes do que a íntima sensação de bem-estar; 2) além disso, somos cronicamente dependentes do olhar dos outros. Consequência: para ter certeza de que sou feliz, preciso constatar que os outros enxergam minha felicidade (CALLIGARIS, 2010, s/p).

O reconhecimento passa a ser visto como dependente da exposição, da visibilidade. Além dos momentos de sociabilidade e diversão, a centralidade da visibilidade alcança também as questões pessoais e íntimas, sendo cada vez mais frequentes as práticas de contar sobre si mesma, sobre as próprias emoções e mesmo sobre os detalhes mais banais do cotidiano em espaços que podem ser acessados por muitas pessoas:

“O diário virou agenda, a agenda virou blog e o blog virou twitter. Toda a privacidade das agendas das adolescentes dos anos 90 foi trocada pela exposição dos blogs instantâneos- elas adoram atualizar, minuto a minuto, o status de sua vida” (CADERNO CAPRICO DA GAROTA BRASILEIRA, 2013, p. 7).

Fernanda Bruno (2004), ao discutir sobre o uso destes artefatos como blogs, weblogs, twitter e outras redes sociais, assinala como há mudanças na construção das experiências subjetivas. Com a crescente exposição da vida cotidiana, há um deslocamento das fronteiras entre o público e o privado. Se antes a subjetividade era vista como interioridade, agora ela se constitui por meio da exteriorização. O olhar do outro é posicionado enquanto o que atribui ao eu reconhecimento, sentido, existência. A autora relaciona esse movimento com a sociedade do espetáculo, a cultura das celebridades, em que ser visto(a) e notado(a) passa a significar pertencimento e maior oportunidades sociais, afetivas, financeiras etc. A naturalização e a valorização desse processo podem ser exemplificadas pelo trecho a seguir:

“O mais legal das redes sociais é que garotas comuns podem transformar-se em celebridades. E, por isso, não há nada de mal em se exhibir. Elas postam muuuuitas fotos, e pedem por audiência em todos os espaços disponíveis na web. Se ninguém vê, perde a graça” (CADERNO CAPRICO DA GAROTA BRASILEIRA, 2013, p. 7).

“Se ninguém vê, perde a graça”. É como se o que acontecesse precisasse o tempo todo receber atenção e aprovação dos olhares alheios para que seja reconhecida e atestada a existência. Como afirma Bruno (2010) a tela, seja a do computador, da televisão, do

celular ou dê câmeras, torna-se o suporte privilegiado da relação consigo e com os outros. No caderno o celular é descrito como **“quase como um anexo do corpo”** para as adolescentes (*CADERNO CAPRICHOS DA GAROTA BRASILEIRA*, 2013, p. 17). Sobre o uso contínuo da internet, é afirmado:

“Quando têm um tempo livre- geralmente, à noite- as meninas vão para a internet. Quando estão online, elas dedicam quase todo o tempo para as redes sociais das quais fazem parte. Elas são as precursoras dos relacionamentos por meio digitais” (*CADERNO CAPRICHOS DA GAROTA BRASILEIRA*, 2013, p. 6).

No tópico sobre amizades é colocado como os amigos são considerados **“a segunda família das meninas”** (*CADERNO CAPRICHOS DA GAROTA BRASILEIRA*, p. 20), as pessoas com quem elas têm mais contato e com quem se sentem mais à vontade para conversar pessoalmente, pela internet, por telefone. A família também é colocada como cada vez mais próxima, com um diálogo mais aberto e com um tom maior de igualdade, já que os adultos **“mataram de vez o gap de gerações e prolongam cada vez mais a juventude”** (*CADERNO CAPRICHOS DA GAROTA BRASILEIRA*, p. 18). Essa afirmação pode ser relacionada com a discussão realizada por Kehl (2008), sobre a “teenagização da cultura”: já não são os mais jovens que desejam crescer e amadurecer tendo os adultos como modelo, e sim, os adultos que buscam permanecer sempre jovens.

A partir dos exemplos analisados é possível identificar como nas revistas se dá a construção de um ideal de adolescência como um momento voltado para o lazer, a diversão, o entretenimento e o consumo. A mensagem contínua de que é preciso aproveitar intensamente todos os momentos, sentindo o máximo de felicidade e demonstrando sempre uma imagem de animação, disposição e descontração ilustra como a força do imperativo de prazer se faz presente. As revistas para adolescentes, assim, são um espaço privilegiado para identificarmos como se dá a incitação ao prazer e à felicidade.

Capítulo 15-
Prazer, Gênero e Sexualidade:
Síntese dos resultados e considerações sobre
possibilidades de atuação em grupos de educação sexual

15.1. Sexualidade, Gênero e Prazer: Síntese dos resultados.

Como forma de sintetizar os resultados identificados na análise de como o prazer é representado nas revistas femininas e masculinas, retomaremos neste momento as questões apresentadas na introdução deste trabalho:

⇒ *Que prazeres?*

O prazer sexual, o prazer de cuidar do corpo e da beleza, o prazer de olhar para imagem de corpos belos, o prazer de se relacionar amorosamente e o prazer de consumir bebidas alcoólicas foram os prazeres identificados e discutidos em nossa análise. Abordamos também como os prazeres valorizados se relacionam à construção de ideais sobre como viver, como o ideal de “boa vida”, que envolve aproveitar intensamente, excessos, exageros, inúmeras conquistas e o ideal de “viver bem”, que envolve o equilíbrio, a harmonia, o bem-estar e o cuidado.

⇒ *Quais são os significados predominantes do que seja prazeroso?*

As revistas evocam com frequência imagens de animação, diversão, da necessidade de aproveitar cada momento da vida intensamente, de usufruir as horas de lazer e também da busca por um alto nível de felicidade, bem-estar, satisfação e realização pessoal. Essa valorização do prazer vem acompanhada de padrões e regras sobre como o prazer deve ser buscado e vivido, o que discutiremos com mais especificidade nas demais questões.

⇒ *Que prazeres são representados com mais frequência, incentivados, estimulados, e, considerando a linguagem didática utilizada nas publicações, ensinados?*

A valorização do prazer permeia muitos dos conteúdos, mas, de uma forma geral, é possível identificar que os prazeres representados com maior frequência são aqueles relacionados ao corpo e à imagem do corpo: o corpo cuidado, o corpo embelezado, o corpo exercitado, o corpo transformado, o corpo admirado, o corpo desejado, o corpo olhado, o corpo excitado, o corpo que excita, o corpo que sente prazer e que proporciona prazer a outra pessoa.

Os cuidados estéticos são continuamente valorizados, estimulados e ensinados, assim como a ênfase na busca por construir uma imagem de si próprio(a) de felicidade, sucesso e realização. A beleza e a boa forma são representadas como elementos que

facilitam as mais diversas realizações: pessoal, afetiva, sexual, social, profissional. Aqueles(as) que não correspondem aos modelos são associados(as) à possibilidade de enfrentarem maiores dificuldades nas mais variadas situações.

Os padrões de desempenho sexual também são muito frequentes, o prazer sexual é associado à saúde e ao bem-estar, o que muitas vezes o converte em uma meta a ser alcançada, uma tarefa a ser cumprida, culminando em uma compreensão instrumental e funcional da sexualidade.

⇒ *Que prazeres são desvalorizados, desestimulados? E quais prazeres não aparecem, são invisibilizados, desconsiderados?*

Os prazeres desestimulados são principalmente aqueles que contrariam as regras sobre cuidados com a beleza, com o corpo e com o desempenho sexual a serem seguidas. Comer em excesso, descansar ao invés de praticar exercícios físicos, ficar em casa ao invés de frequentar bares e baladas em busca de conquistas, ter um relacionamento em que o sexo não é praticado com frequência ou optar por não estar em um relacionamento e/ou por não ter envolvimento sexuais, não são representados como prazeres possíveis e inclusive são associados à falta de amor próprio e autoestima.

Corresponder aos padrões estéticos é muitas vezes colocado como uma condição necessária para atrair, para despertar desejo, para proporcionar e sentir prazer sexual. Há também a associação entre as práticas sexuais e a saúde, o bem-estar e mesmo ao sucesso e ao status: pessoas que não são correspondem ao modelo de vida sexual transmitido são colocadas como mais infelizes, frustradas e inseguras.

Com relação ao prazer sexual podemos destacar também a presença dos padrões heteronormativos, com a depreciação de relações entre homens (que muitas vezes são colocadas como alvo de piadas) e a ausência de representações sobre relações entre mulheres.

É intensa a transmissão de regras, instruções e prescrições sobre como buscar e viver o prazer, de forma que é também possível afirmar que a criatividade, a espontaneidade e a singularidade são desconsideradas e desestimuladas, como se houvesse formas únicas e padronizadas de sentir prazer e o prazer não estivesse relacionado à história pessoal de cada um(a), aos vínculos que são estabelecidos, aos interesses e habilidades que são desenvolvidos, às diferentes experiências vividas e às múltiplas formas de desejar, viver e se relacionar provindas dessas diferentes experiências.

⇒ *Como a segmentação das revistas em femininas e masculinas influencia no que é representado como prazer?*

A partir da análise das edições selecionadas, dos materiais de divulgação e das informações reunidas sobre o percurso histórico das publicações é possível identificar como a divisão das revistas em femininas e masculinas parte do pressuposto (e sustenta esse pressuposto) de que os gostos, interesses, preferências, desejos e prazeres de homens e mulheres são naturalmente diferentes, como se existisse uma separação, ou mesmo uma oposição entre um “universo feminino” e um “universo masculino”. Assim, a valorização do prazer e da felicidade não incide sobre os mesmos aspectos, não se relaciona com o incentivo de formas similares de sentir e buscar prazer, mas sim, adquire diferentes significados conforme o direcionamento da publicação segundo o gênero.

⇒ *Que prazeres são valorizados como femininos?*

A beleza e o amor são representados como aspectos centrais na busca feminina pela felicidade e pelo prazer. Os cuidados com a aparência e com o corpo são representados tanto como prazerosos em si, quanto como facilitadores de que as meninas e mulheres possam ter prazer e realização em diversas áreas da vida, como pessoal, afetiva, sexual e mesmo social e profissional. Corresponder aos padrões estéticos é associado ao prazer de ser aceita, de ser reconhecida, de ser desejada, de ser amada e também de ser invejada. O relacionamento amoroso com um parceiro (a relação é sempre pressuposta como heterossexual) é representado como fundamental, a vida em casal que corresponda aos ideais de romantismo, exclusividade e estabilidade é colocada como fonte de alegria, realização, satisfação e completude. O sexo também é representado como prazeroso, mas a ênfase em agradar, em corresponder às expectativas do parceiro, inclusive às expectativas sobre padrões estéticos, é mais frequente em relação às revistas masculinas.

Para pensar o prazer nas revistas femininas é importante considerar o ideal de “viver bem”, que envolve a valorização de aspectos como bem-estar, harmonia, equilíbrio, autoestima, autoconfiança, cuidado consigo mesma, com o próprio corpo e com os relacionamentos que estabelece, assim como a busca por evitar e eliminar os conflitos e contradições com o objetivo de realização plena nas mais diversas esferas da vida.

⇒ *Que prazeres são valorizados como masculinos?*

Os principais prazeres identificados nas revistas masculinas foram o prazer de olhar para imagens do corpo feminino, o prazer sexual e o prazer de consumir bebidas alcoólicas. Há a predominância do ideal de boa vida, associado à diversão, ao lazer, ao consumo e à liberdade de aproveitar intensamente, com a valorização dos excessos (como em relação às bebidas alcoólicas) e a centralidade dada para a quantidade de conquistas sexuais.

Há a associação entre masculinidade e um desejo sexual sempre forte e presente, o que se evidencia na grande quantidade de imagens que são apresentadas com o objetivo de despertar a excitação sexual, de mulheres nas revistas voltadas para heterossexuais e de homens nas revistas voltadas para homossexuais. A sexualidade é representada de forma predominantemente genitalizada, com foco no pênis, na ereção, na ejaculação, em detrimento das sensações do corpo como um todo e dos sentimentos e afetos. Com relação ao consumo de bebidas alcoólicas, além de ser valorizado pela possibilidade de escapar da rotina e perder o controle, ele também é associado nas revistas para heterossexuais ao aumento nas oportunidades sexuais, por ser considerado como desencadeador de uma maior desinibição sexual feminina.

⇒ *Como os padrões de gênero participam na compreensão do que é valorizado como prazer? Como o prazer participa na transmissão dos padrões de gênero?*

A valorização do prazer foi identificada em todas as revistas analisadas, com diferenças no que é transmitido e incentivado como prazeroso. A segmentação das revistas por gênero é um aspecto de grande influência nessas diferenças, já que a estimulação para a busca por prazer não ocorre da mesma forma nas revistas femininas e masculinas. Além disso, a relação entre gênero e prazer está presente no modo como a própria transmissão de modelos de feminilidade e masculinidade é permeada pela representação de que corresponder a esses modelos é muito prazeroso.

Como discutimos no decorrer deste trabalho, os padrões de gênero são construídos e aprendidos por meio de diferentes práticas em diferentes instâncias, como a família, a escola, o contexto social, os meios de comunicação etc. Esse aprendizado não se dá apenas por meio da transmissão de regras, mas também envolve atividades que divertem, entretêm, estimulam a imaginação, o desejo e a fantasia, como nas brincadeiras e jogos infantis, nas práticas de lazer e no contato com diversos artefatos midiáticos como filmes, músicas, programas televisivos e também as revistas. A separação de acordo com os

padrões de gênero tão presente na infância entre as meninas que cuidarão das bonecas e os meninos que apostarão corrida com seus carrinhos, também está presente quando as revistas femininas ensinam que as meninas e as mulheres são responsáveis pelos cuidados com o relacionamento enquanto os meninos e homens são “naturalmente” impulsivos e estão em busca de conquistas e de excessos.

Na construção do projeto editorial de uma revista há a delimitação do público que se pretende alcançar, o que envolve o processo de imaginar quais serão as expectativas, interesses e preferências dos possíveis leitores e leitoras. A partir do conceito de modos de endereçamento vimos como o foco dessa construção incide menos em como o público almejado objetivamente é e vive, e mais na busca por corresponder ao que se pressupõe que esse público deseja e fantasia ser e viver, pressupostos que são atravessados por padrões normativos, dentre eles os padrões de gênero.

A forma como as revistas idealizam a feminilidade e a masculinidade é permeada por promessas de recompensa para aqueles(as) que correspondam ao que é transmitido: os homens que seguirem o modelo oferecido terão o prazer de terem sucesso, status e as mais diversas conquistas; as mulheres que obedecerem aos conselhos terão o prazer de tornarem-se lindas, amadas, desejadas e encontrarão felicidade e realização em seus relacionamentos. Assim, os padrões de gênero são colocados como ponto de partida para o estabelecimento da separação do que é considerado como prazer, e o prazer é um elemento-chave para a difusão dos padrões de gênero, já que corresponder aos modelos de feminilidade e masculinidade é representado como fundamental para o alcance de diversos prazeres.

Como abordamos na estória que abriu esta dissertação, as revistas são como dicionários e guias turísticos, que auxiliam a ganhar fluência em uma língua que é falada em cenários representados como deliciosos e paradisíacos, sendo necessário seguir diversas regras sobre como se expressar nesse cenário e cumprir passo-a-passo as coordenadas dos “mapas” e “guias” trazidos para chegar até eles.

Há um discurso sedutor e persuasivo de que as mulheres, se forem bonitas e magras, serão felizes e sentirão prazer; se realizarem seus sonhos românticos, serão felizes e sentirão prazer; se dedicarem-se para aprimorar a vida sexual terão mais saúde, autoestima, bem-estar, serão felizes e sentirão prazer; enquanto para os homens é transmitido que, se forem cercados por mulheres belas, serão felizes e sentirão prazer; se viverem satisfazendo seus desejos sexuais em múltiplas conquistas, serão felizes e sentirão prazer; se comemorarem e se divertirem “bebendo todas”, serão felizes e sentirão

prazer. Se as formas de viver apresentadas, descritas e prescritas, são assim, tão felizes e prazerosas, por que não busca-las? Qual seria o motivo para questioná-las, para transformá-las?

Como são muitas as instâncias que reforçam os padrões de gênero e muitas as maneiras pelas quais eles são reforçados, os conteúdos das revistas transmitem a impressão de apresentarem um retrato fiel de como a realidade é, de como as coisas são, naturalmente, inquestionavelmente e imutavelmente. Um retrato fiel em que as cores em que essa realidade é pintada transmitem sensações prazerosas, que a torna agradável desejável, e não passível de transformação.

Ao transmitirem, de forma praticamente complementar, que as mulheres sentem prazer em serem olhadas e desejadas e que os homens sentem prazer em olhar e desejar; que as mulheres são responsáveis por conquistar e manter o relacionamento dedicando-se para agradar os homens e que os homens são, em “essência”, arredios ao compromisso e apegados à “liberdade”; que as mulheres devem ser discretas, meigas e delicadas e que os homens devem sempre fazer valer os próprios desejos e vontades, as revistas reiteram a divisão binária e contribuem não apenas para que ela se sustente, mas para que seja considerada natural, esperada e desejável.

⇒ *Quais são os aspectos repressivos na forma como o prazer é representado?*

Em nossa análise sobre os aspectos repressivos, consideramos como a repressão não se dá necessariamente por negações, proibições, interdições, mas também pela estimulação, pela transmissão de ideais e prescrições sobre como ser, agir, sentir etc. que muitas vezes atuam de forma impositiva. Nos materiais de divulgação elaborados pelas revistas, elas definem a si mesmas como “manuais”, “guias”, “roteiros” e mesmo “bíblis” o que evidencia como é contínua a transmissão de regras e modelos a serem seguidos. O prazer, assim, é colocado como positivo e valorizado, mas essa valorização é acompanhada por muitos padrões que delimitam quais seriam as formas desejáveis de buscar e sentir esse prazer.

Um exemplo é a forma como os ideais de beleza são transmitidos nas revistas femininas: os cuidados com o corpo e com a aparência são representados, ao mesmo tempo, como importantes fontes de prazer e como recorrentes fontes de preocupações para as meninas e mulheres. Felicidade, satisfação, realização são elementos atrelados à dedicação para a própria aparência, a mesma dedicação que implica esforços e cobranças que geram ansiedade, insegurança e sensação de insuficiência. O vocabulário

predominante não é o da exigência e da obrigação, mas sim, o dos sonhos e dos desejos. “Ter” que ser bonita e magra para ser feliz não é colocado como uma imposição, mas como uma busca que corresponde às vontades mais íntimas das leitoras. Dietas, exercícios, procedimentos estéticos são recomendados com a ênfase no quão prazeroso pode ser realiza-los, tanto que são descritos como agradáveis, divertidos ou mesmo “mágicos”. O tempo livre e de lazer deve ser dedicado para cuidados com a aparência, não porque há fortes expectativas e pressões sociais, mas porque esses cuidados são representados como revitalizantes, motivadores, relaxantes, transformadores, como uma forma de investimento em si mesma, na autoestima e na autoconfiança. Ainda assim, lado a lado com o entusiasmo sobre o quão positivos esses esforços podem ser, há também o destaque para a necessidade de sacrifícios e renúncias, inclusive com o uso de termos bélicos como “batalha”, “luta” e “guerra” contra as imperfeições que devem ser corrigidas.

Os cuidados estéticos são também associados à saúde e a possibilidades de se relacionar socialmente e afetivamente. Não ser vaidosa é colocado como desleixo, descuido e falta de amor próprio. Apesar de ser apresentado como um prazer feminino, cuidar da beleza e do corpo logo se converte em uma responsabilidade, um imperativo.

Há uma intersecção entre a valorização dos cuidados com a beleza e a valorização da conquista amorosa, quando é assinalada a importância de ser bonita e ter o corpo de acordo com os padrões estéticos para ser desejável e atraente, para ser possível conquistar e seduzir. A escolha das roupas, dos acessórios, dos calçados, da maquiagem, do perfume, entre muitos outros detalhes recebe orientações que reiteram a necessidade de agradar o olhar masculino, o que também se revela como repressivo.

A beleza feminina é também colocada como um elemento importante para o prazer sexual. As preocupações com relação ao corpo, com gorduras, celulites, estrias, entre outras, são colocadas como um empecilho para que as meninas e mulheres possam se sentir confortáveis e confiantes sexualmente, tanto pelas revistas femininas quanto pelas masculinas.

O ideal de amor é muito presente nas revistas femininas, o relacionamento romântico é representado como fonte de felicidade, satisfação e completude. O aspecto repressivo dessa representação pode ser notado na intensa e contínua transmissão de regras e prescrições sobre como as meninas e mulheres devem ser e agir para terem chances de conquistar um parceiro, principalmente no que diz respeito à preocupação em agradar e atender às expectativas e desejos masculinos. Em tom de alerta, é afirmado que

agir da forma tida como inadequada pode afastar, assustar, incomodar e constranger os possíveis pretendentes, o que é colocado como motivo para que cada comportamento e cada movimento sejam pensados e controlados cuidadosamente, sem que as meninas e mulheres possam ser espontâneas, dialogar e expressar abertamente como se sentem e o que desejam. São feitas generalizações que se propõem a explicar como “todo homem” pensa, o que “todo garoto” prefere, o que apaga a singularidade de cada experiência, de cada relação. As leitoras são assim, sempre pressupostas como heterossexuais, e também como dependentes do interesse e da aprovação masculina para sentirem-se bem e felizes.

Os relacionamentos, para serem considerados bem-sucedidos, precisam, necessariamente ser românticos, estáveis, duradouros e monogâmicos, cabendo às meninas e mulheres o esforço e a dedicação para que o ideal se cumpra. As meninas e mulheres devem buscar transformar e corrigir em si mesmas o que identificarem como prejudicial à relação, sem esperar que o parceiro mude, o que culmina na culpabilização feminina pelas possíveis falhas, faltas e frustrações.

É repressiva a forma como apesar de serem colocados como experiências desejadas e prazerosas, a conquista amorosa e o vínculo amoroso são representados predominantemente como fonte de ansiedades, preocupações e inseguranças. Não há, como foi dito, espaço para a espontaneidade e para a criatividade nas relações, já que o foco recai em receitas a serem cumpridas e expectativas a serem atendidas. Agradar é mais importante do que se expressar. Se adequar a um modelo rígido de como o relacionamento deve ser para “dar certo” recebe prioridade em detrimento da riqueza das experiências vividas e das trocas estabelecidas nas relações.

Com relação ao prazer sexual feminino, esse é valorizado como fundamental para a saúde, para a autoestima e para o bem-estar. Ao mesmo tempo em que há a representação positiva do sexo, são prescritas regras a serem seguidas e metas a serem atingidas, de forma que o prazer é compreendido a partir da ênfase na produtividade e na funcionalidade. Mais do que uma possibilidade, sentir prazer sexual torna-se uma tarefa, uma obrigação. São dadas instruções detalhadas sobre como as mulheres devem agir sexualmente para proporcionar e sentir prazer. A repressão pode ser notada, mais uma vez, na forma como os movimentos próprios são limitados pela quantidade de regras e receitas que delimitam como a vida sexual deve ser.

Um aspecto repressivo na forma como o prazer sexual masculino é representado é a ênfase na genitalidade e no número de conquistas. O pênis, a ereção, a ejaculação etc. recebem centralidade em detrimento das múltiplas possibilidades de sensações do corpo

como um todo, que torna-se alvo de controle e vigilância para se adequar aos modelos normativos de performance e desempenho. Ter uma quantidade alta de parceiras é valorizado como fonte de status e sucesso, as mulheres são muitas vezes colocadas como troféus a serem colecionados. Os relacionamentos estáveis e os vínculos afetivos são desvalorizados, como obstáculos que impedem que a diversão e a liberdade sejam desfrutadas.

Enquanto nas revistas femininas há a ênfase para a beleza das mulheres com a transmissão de prescrições e regras, nas revistas masculinas a beleza feminina também é central, com a intensa presença de imagens de corpos femininos que correspondem aos padrões estéticos vigentes como fonte de prazer e excitação. Aos homens cabe o prazer de olhar, desejar e se satisfazer sexualmente; enquanto às mulheres cabe a posição de serem olhadas e desejadas, representadas como disponíveis e dispostas a atender aos desejos e expectativas masculinos, como nos diferentes momentos em que os leitores são convidados a julgar e avaliar diferentes candidatas e votar de acordo com o que preferem. Nas imagens, conteúdos e questões feitas nas entrevistas, é dado destaque para o corpo, e para partes específicas do corpo, como a bunda, que muitas vezes é representada como avulsa, como se não fosse ligada a um corpo e, esse corpo, a uma mulher, a um sujeito que existe e deseja.

É valorizado o prazer de olhar para mulheres, se excitar e se satisfazer sexualmente com elas, mas não o prazer de se relacionar, de conviver, ou mesmo de interagir. O que importa não é a mulher enquanto companhia, mas sua sensualidade, sua disponibilidade em realizar as vontades e fantasias do parceiro, sem manifestar desejo próprio e muito menos limitações aos desejos dos homens. A associação entre bebidas alcoólicas e maior desinibição sexual feminina é inserida nessa mesma lógica, em que a expressão dos desejos femininos e o consentimento mútuo são muitas vezes desconsiderados. Em alguns momentos, principalmente por meio de uma linguagem irônica, em piadas, há o movimento de depreciação das mulheres e também a naturalização da violência contra elas, o que é necessário ser problematizado.

O controle, o domínio, e a necessidade de múltiplas conquistas são fatores considerados como “provas” da masculinidade, como se os meninos e homens precisassem corresponder a esse ideal para serem “verdadeiramente” masculinos. Essa imposição de um modelo inalcançável (e violento, por anular o desejo feminino) como forma de “atestar” a virilidade, embora seja recoberta pelo sedutor discurso da “liberdade sexual” masculina, se mostra como repressivo, já que negligencia a dimensão relacional

entre os sujeitos e os engessa em posições rígidas e binárias, que restringem ou mesmo impedem a expressão de sentimentos e desejos que não correspondam às normas e expectativas.

Por fim, podemos reforçar mais uma vez como as revistas se apresentam como roteiros: roteiros para a feminilidade, roteiros para a masculinidade, roteiros para a heterossexualidade, roteiros para o prazer, roteiros para quais prazeres são aceitos e valorizados como femininos e masculinos. Torna-se importante, assim, levantar a discussão sobre como os prazeres são múltiplos e sobre como são muitos os aspectos da busca por prazer que escapam à normatização, que escapam à delimitação de padrões, o que abordaremos nas questões a seguir, que se referem a considerações sobre grupos de educação sexual a partir da análise realizada.

15.2. Considerações sobre possibilidades de atuação em grupos de educação sexual a partir da análise realizada

⇒ *Qual é a importância da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual?*

Quando um(a) participante chega a um grupo de educação sexual, traz consigo uma série de dúvidas, curiosidades, interesses, inseguranças, ansiedades, lembranças, expectativas, concepções, preconceitos, resistências, medo de tocar em assuntos que foram anteriormente silenciados, medo também desses assuntos serem novamente silenciados... Ou seja, traz consigo aprendizados sobre a sexualidade que aconteceram em sua vida, de forma intencional ou não, de forma consciente ou não, que participam na construção da compreensão da sexualidade e também da construção subjetiva. Assim, a sexualidade é um tema que pode suscitar ao mesmo tempo grande atração mas também muitos receios, o que se revela logo nos primeiros encontros, seja por meio de risos, seja por meio de caretas, seja por meio de comentários de desconforto ou condenação, seja por meio de relatos entusiasmados sobre dúvidas e curiosidades, seja por muitas outras expressões.

Retomemos as críticas mais frequentes a como os grupos de educação sexual são realizados: muitos deles têm o foco restrito em explicações sobre a prevenção; alertas sobre a necessidade de evitar a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis, instruções sobre como colocar a camisinha, explicações detalhadas sobre o aparelho reprodutor. Nenhuma palavra sobre o sexo que escape da finalidade reprodutiva,

nenhuma palavra sobre práticas sexuais que não sejam entre um homem e uma mulher, nenhuma palavra sobre o orgasmo (principalmente o feminino- mesmo que sejam descritos minuciosamente muitos órgãos, o clitóris é ignorado), nenhuma palavra sobre tesão, nenhuma palavra sobre as possíveis complexidades das relações em que o tal momento que o espermatozoide fecundaria o óvulo ou o vírus contaminaria o organismo acontece. Com o resgate dessas críticas já seria possível ressaltar a importância de discutir (ou ao menos mencionar!) o prazer em grupos de educação sexual.

Mas voltemos à nossa discussão sobre as revistas. Nelas o prazer é abordado o tempo todo. Abordado, evocado, valorizado, destacado, exposto, ensinado, descrito, prescrito, exaustivamente recomendado e estimulado. E então? Bastaria deixar o espaço dos grupos de educação sexual para as informações científicas sobre o corpo humano e recomendar aos(às) participantes a leitura de revistas. Na verdade, não precisaríamos fazer isso, afinal de contas, grande parte deles(as) já leem, gostam, se interessam e estabelecem uma relação de confiança com o que é dito pelas revistas. Muitas das questões que tiveram e não encontraram outro espaço para conversar, foi por meio da mídia que aprenderam. Talvez não nas revistas, mas em sites da internet, em programas televisivos, em filmes, em vídeos, ou seja, em algum dos meios de comunicação em que o sexo e o prazer são continuamente representados. Considerando esse contexto, podemos voltar à nossa pergunta: Qual é a importância da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual?

O prazer envolve a imaginação, a fantasia, a criatividade. Requer espaço para a descoberta, para a exploração, para a invenção. Como vimos no decorrer de nossa análise, a abordagem sobre o prazer nas revistas se dá predominantemente por meio de regras, técnicas, prescrições. Mas as formas como construímos nossos vínculos, o processo de se aproximar e conhecer outras pessoas, os modos como afetamos e somos afetados, como desejamos e como despertamos desejos e como expressamos esses afetos e desejos, como vivemos e compreendemos nossas experiências, transformamos e somos transformados por elas são singulares.

A dimensão da singularidade é apagada quando o prazer é abordado por meio de manuais, técnicas, receitas. Pode parecer confortante, diante das ansiedades e inseguranças suscitadas por situações novas, receber prescrições detalhadas, instruções minuciosas... Como se sente uma adolescente quando, com dúvidas e expectativas sobre o primeiro beijo, se depara com uma matéria com coordenadas sobre como olhar, em que momento fechar os olhos, a hora certa de aproximar o rosto, como deve ser a sequência e

o ritmo para beijar? Como se sente um adolescente quando, sem ter com quem conversar sobre sexo, desejo e excitação sexual e tendo ouvido tantas vezes a ordem “seja homem!”, folheia pela primeira vez uma revista masculina e se depara com uma infinidade de imagens de nudez, imagens de corpos que supostamente estão lá justamente para corresponder aos desejos dele? Quando estão com dificuldades no relacionamento, como é para um leitor receber a mensagem de que se envolver é um “desperdício” e como é para uma leitora ver tantas dicas e conselhos sobre tudo o que ela deve fazer para “salvar o romance”? As respostas e soluções parecem estar lá, prontas, disponíveis, explicadas cuidadosamente para serem seguidas, cumpridas. Para sentir prazer basta “apenas” corresponder aos modelos fornecidos.

O prazer nas revistas é colocado como uma “meta” a ser alcançada, uma “tarefa” a ser executada, com regras sobre o que precisa ser feito, o que precisa ser dito, o que precisa ser sentido. Assim, torna-se importante que nos grupos de educação sexual haja espaço para a problematização de como a incitação ao prazer pode, ao invés de ser estimulante, ser engessante e restritiva. É preciso questionar o prazer previsto, calculado, normatizado e resgatar a dimensão dos prazeres como “plurais, mutáveis e de diversas ordens” (COSTA, 2004, p. 91), como colocamos na definição que apresentamos no início desta dissertação.

Assim, na abordagem sobre o prazer é preciso considerar que temos diante de nós pessoas que sentem, que desejam, que têm ansiedades e inseguranças, que têm curiosidades e paixões, e que agem e escolhem movidas por esses elementos. Torna-se fundamental, assim, a reflexão sobre a própria história, o olhar para a própria trajetória percorrida e para como a compreensão sobre a sexualidade e sobre o prazer foi construída.

⇒ *Qual é a importância da problematização sobre como os padrões de gênero participam na construção da compreensão sobre o prazer em grupos de educação sexual?*

No processo de reflexão sobre as próprias experiências, muitas participantes se lembrarão de frases ouvidas no decorrer da educação como “*senta como uma mocinha*”, “*se você continuar fazendo assim ninguém vai gostar de você*”, “*se você repetir a sobremesa vai ficar gorda e cheia de celulite*”, “*você tem que se cuidar mais, se valorizar*”, “*se você se vestir assim todos pensarão que é uma vadia*”, “*mulher rodada e piranha acaba sozinha*”, “*dar no primeiro encontro é coisa de puta*”, “*todos os homens gostam de mulheres difíceis*”, “*já arranjou um namorado?*”, “*vai ficar pra titia!*”, entre

outras. Enquanto isso, os participantes recordarão de ouvir frases como “*chorar é coisa de boiola*”, “*fala que nem homem*”, “*isso é coisa de viado*”, “*dormir com ursinho é coisa de bicha, vamos jogar fora essa porcaria*”, “*quantas gostosas você pegou ontem à noite?*”, “*não deixa essa daí te colocar na coleira*”, “*homem que é homem manda*”, “*homem que é homem não tem medo*”, “*homem que é homem não nega fogo*”, e muitas outras variações do “*homem que é homem*”.

Os exemplos apresentados de frases que são muito comuns no decorrer da educação sexual de meninos e meninas mostram como o aprendizado sobre a sexualidade e sobre o prazer envolve a transmissão de diversos padrões sobre o que é culturalmente aceito, valorizado, incentivado e o que é culturalmente reprovado, depreciado, condenado. Mas esse aprendizado não se dá predominantemente de forma consciente e refletida. Aprende-se que termos como “viado” e “puta” são usados para ofender e humilhar muito antes de conhecer o significado dessas palavras, e muitas vezes sem que haja a possibilidade compreender como são construídas socialmente a marginalização de sujeitos e grupos, a violência e o preconceito sofridos, elementos que estão cristalizados no teor depreciativo das expressões “viado” e “puta”. Embora não haja espaço para o diálogo sobre os padrões transmitidos, são muitas as consequências e formas de punição, sutis ou explícitas, quando eles não são seguidos e obedecidos.

Os grupos de educação sexual podem ser o espaço onde esses padrões são discutidos, refletidos de forma crítica e problematizados, podem ser o espaço onde a separação binária entre masculino e feminino pode ser desnaturalizada e onde os elementos que participam no processo de construção dessas separações podem ser reconhecidos e questionados. Os grupos de educação sexual podem ser um espaço de combate ao preconceito, à discriminação, à violência, estimulando o diálogo e a consciência crítica sobre como esses elementos são muito presentes em nossa sociedade e em nossa educação.

Como discutimos até aqui, os padrões não são ensinados apenas por meio de proibições, condenações e punições, mas também a partir de idealizações. Na análise que realizamos das revistas vimos como as representações sobre o prazer feminino são atravessadas pelos ideais de beleza, pelos ideais de amor e pelos ideais de viver bem, e como as representações sobre o prazer masculino são atravessadas pelos ideais de desejo sexual heterossexual, pelos ideais de desempenho sexual e pelos ideais de boa vida. Vimos também como esses ideais podem ser repressivos.

Os grupos de educação sexual podem ser o espaço onde seja construído o diálogo sobre esses ideais, e sobre a força repressiva que exercem. Pode ser um espaço onde o que é colocado como “normal”, como inevitável e como necessariamente desejável pode ser desestabilizado. Pode ser um espaço onde os(as) participantes tenham a oportunidade de reconhecer como esses ideais fazem parte da própria história, da própria relação com o mundo. E podem ser um ponto de partida para que esses ideais e os padrões de gênero sejam transformados.

⇒ *Qual é a importância da leitura crítica dos meios de comunicação em grupos de educação sexual?*

Os padrões, preconceitos e ideais presentes na sociedade de uma forma geral são também muito presentes nos meios de comunicação. Os materiais midiáticos fazem parte do dia-a-dia das pessoas como fontes de informações, entretenimento, diversão, distração e prazer. Muito é aprendido por meio deles, mesmo que esse aprendizado não se dê de forma intencional, consciente. A compreensão do mundo, as concepções formadas no decorrer do desenvolvimento sobre os mais diversos temas, dentre eles a sexualidade e o gênero, são construídas de forma que é difícil separar o que foi aprendido com a família, com a escola, no meio social e em outros contextos do que foi assimilado a partir do contato- cada vez mais intenso e constante- com os meios de comunicação. O que é ser feminina? O que é ser masculino? O que é ser adolescente? O que é amar? Como sentir prazer? Respostas para essas questões são transmitidas implicitamente ou explicitamente, pelos programas televisivos, pelos filmes, pelas músicas, pelos anúncios publicitários, pelas imagens e conteúdos de jornais, sites, revistas, em uma linguagem cativante, persuasiva, com um amplo alcance.

Na realização de intervenções com grupos, conhecer os materiais que eles e elas têm acesso, que gostam, que se interessam, que procuram com frequência, possibilita conhecer mais sobre o próprio grupo, ampliando o repertório para as discussões e reflexões. Por exemplo, no caso das revistas, saber quais são as mais lidas, as mais preferidas, pode abrir espaço para o diálogo, abordando questões como: Quando esta revista surgiu? Qual é o projeto editorial? Para que público se direciona? Que padrões sobre sexualidade e gênero estão presentes? Transmitir informações sobre como os materiais midiáticos são produzidos e contextualizar como ocorre essa produção contribui para que os(as) participantes dirijam um olhar mais amplo para o que é recebido e assimilado através deles. Realizar exercícios de análise de edições destas revistas e

estimular que todos(as) compartilhem impressões, contem sobre o que se interessaram, com o que se identificaram, do que discordaram, o que consideraram que faltou ser abordado, o que fariam diferente, permite que a relação com o material se dê de forma mais ativa, mais aberta.

Utilizar exemplos de materiais midiáticos costuma ser uma atividade que gera interessantes debates, férteis discussões. O espaço para o diálogo contrasta com o fato de que a relação estabelecida com os meios de comunicação é predominantemente unilateral: diante de um programa de televisão, um jornal, uma revista, um filme, o(a) espectador(a) ou leitor(a) recebe as imagens e conteúdos mas a sua reação imediata não tem os mesmos efeitos que em uma interação direta. Assim, muitas vezes, mensagens são assimiladas sem que sejam refletidas, sem que sejam alvo de atenção. Proporcionar um espaço de diálogo é quebrar essa relação unilateral, permite que seja notado como, diante de um mesmo material, são muitas as impressões, as interpretações, as questões despertadas. Uma cena ou um trecho sobre violência, por exemplo, que seriam recebidos de forma passiva, silenciosa se a pessoa estivesse sozinha, quando colocada em grupo pode gerar polêmicas, problematizações, incômodos, indignações. E esse exercício permite que o olhar crítico seja expandido para outros contextos, outras situações.

Os materiais midiáticos têm grande importância na vida das pessoas hoje e podem também ser fonte de muitas informações e reflexões construtivas. A possibilidade de reconhecer e repensar a relação estabelecida com os meios de comunicação pode abrir espaço para que uma nova forma de compreender seja estabelecida, mais aberta e mais ativa.

⇒ *Como as discussões e os resultados identificados nesta pesquisa podem trazer contribuições para grupos de educação sexual?*

É natural que homens e mulheres, sejam diferentes? Pensem diferente? Ajam diferente? Sintam diferente? Tenham interesses, preferências, desejos e prazeres diferentes ou mesmo opostos? É natural a divisão entre feminilidade e masculinidade?

É natural que meninas e mulheres sejam vaidosas? É natural que a beleza seja a principal referência para que elas sejam aceitas e valorizadas? É natural que elas dediquem muito tempo e esforços para corresponder ao modelo ideal de aparência, afinal, corresponder a esse modelo possibilitará que elas se sintam mais felizes e realizadas? É natural que a busca por corresponder a esse ideal provoque insegurança, culpa e autocobrança constantes? E quanto aos meninos e homens, é natural que a beleza seja o

que chame mais a atenção nas meninas e mulheres? É natural que olhar para elas desperte um desejo intenso e difícil de ser controlado? É natural que eles avaliem, comentem, provoquem, expressem de diferentes formas que o que importa em uma mulher é o corpo? É natural que homens olhem e mulheres sejam olhadas? É natural que homens desejem e mulheres sejam desejadas?

É natural que meninas e mulheres busquem no amor toda a felicidade, completude e realização que desejam? É natural que meninas e mulheres desejem o romance enquanto meninos e homens busquem fugir de relações com compromisso e prefiram viver muitas e variadas conquistas? É natural que meninas e mulheres se esforcem para agradá-los, para corresponder às suas expectativas e desejos e se dediquem intensamente para conquistar o relacionamento idealizado? É natural que meninos e homens não se importem com amor, apenas com sexo? Insistir e pressionar para conseguir sexo com as parceiras é um comportamento masculino natural? É natural que meninas e mulheres resistam e busquem conter seus parceiros até que seja o momento certo para fazer sexo, um momento especial e com muito amor?

É natural que as relações afetivas e sexuais sejam entre um homem e uma mulher? É natural que homens que desejam e se relacionam com homens e mulheres que desejam e se relacionam com mulheres sofram e sejam discriminados(as)? É natural que, para serem felizes, as pessoas precisem viver em um casal heterossexual, estável, monogâmico, romântico, para formar família e ter filhos(as)? É natural que haja apenas um modelo de relacionamento visto como natural?

Agora vamos imaginar uma festa. É natural que as mulheres passem horas se arrumando, e que escolher as roupas, os acessórios, a maquiagem, o penteado, o perfume, seja um momento tão importante e prazeroso quanto a própria festa? É natural que um dos principais objetivos para se arrumarem seja atraírem possíveis parceiros em busca do “namorado dos sonhos”? É natural que elas se preocupem sobre como se comportam, como olham, como falam, como se movimentam para tornarem maiores as chances da conquista amorosa? É natural que, ao considera-las atraentes, os homens tenham como principal objetivo o sexo? É natural que os homens se atraiam só por mulheres e as mulheres só por homens? É natural que, após beberem, os homens se tornem ainda mais insistentes para que as mulheres se envolvam com eles? É natural que eles pensem, sobre as mulheres que beberam, que por consumirem álcool estão mais disponíveis sexualmente?

É natural que a compreensão e a experiência do corpo, dos relacionamentos

amorosos, do sexo, da diversão e do prazer sejam diferentes para homens e mulheres? É natural?

São muitas as questões aqui reunidas e todas elas têm em comum expressões sobre como a divisão binária entre os gêneros é forte em nossa cultura e participa em como a sexualidade e o prazer são vividos e compreendidos. Para quem acompanhou o desenvolvimento desta dissertação até aqui, as perguntas podem parecer repetitivas e ingênuas, mas a proposta de elencá-las se refere ao exercício de imaginarmos como seria colocá-las em um encontro com um grupo de educação sexual. É uma reação muito frequente, quando abordamos sexualidade, gênero e prazer, que os padrões sejam vistos como naturais, como corretos e esperados, como inquestionáveis e imutáveis. Sejam os(as) participantes adolescentes, adultos(as), educadores(as), universitários(as) ou de outros grupos, cada pergunta que formulamos pode tornar-se motivo de um longo e intenso debate. É possível que surjam afirmações enfáticas: “*Claro que é assim! Os homens têm pênis, as mulheres têm vagina, é natural que sejam diferentes!*”, que podem ser acompanhadas de outras afirmações sobre diferenças biológicas, relatos e exemplos do cotidiano e também de argumentos religiosos como: “*É assim porque Deus quis!*”. Sim, ser um(a) educador(a) sexual é uma tarefa desafiante, que requer disposição e preparo, e foi pensando nesse desafio que esta pesquisa foi realizada. Para buscarmos responder como os resultados alcançados podem contribuir na realização dos projetos, podemos partir, assim, da afirmação de Guacira Louro (1997, p. 63): “A tarefa mais urgente talvez seja essa: desconfiar do que é tomado como 'natural'”.

A análise crítica de revistas, assim como de outros materiais midiáticos, pode ser uma interessante estratégia para o exercício de desconfiança da naturalidade dos padrões. Nelas a divisão entre feminilidade e masculinidade é continuamente transmitida, ensinada, prescrita, o que pode ser notado já na segmentação por gêneros. Mas se a divisão é assim, tão natural, por que seriam necessários tantos ensinamentos e prescrições? Provocar um estranhamento diante do que é tão repetido pode ser um ponto de partida para que as discussões e reflexões se desenvolvam.

Considerando os pontos destacados até aqui sobre as possibilidades de atuação em grupos de educação sexual, organizamos a tabela a seguir, em que alguns dos objetivos que podem ser buscados na elaboração e na realização dos encontros serão apresentados e relacionados aos tópicos desta dissertação em que os elementos presentes nesses objetivos foram abordados e discutidos. Os objetivos elencados foram pensados principalmente visando promover discussões em que a reflexão sobre prazer, gênero e

sexualidade esteja presente assim como a inserção da leitura crítica dos meios de comunicação.

Tabela 10- Objetivos Relacionados à Discussão sobre Prazer, Gênero e Sexualidade e à Inserção da Leitura Crítica da Mídia em Grupos de Educação Sexual

Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> Promover um espaço de diálogo e reflexão, no qual seja possível a transmissão de informações e esclarecimentos; a problematização de padrões normativos; o enfrentamento ao preconceito e à violência e a construção de uma compreensão mais abrangente e crítica sobre a sexualidade.
<p>Tópicos relacionados:</p> <p>4.3. O que são as intervenções em educação sexual? (p. 188); 2.1. O que é sexualidade? (p. 73); 4.2. Como a sexualidade e o gênero estão presentes no espaço da escola? (p.179); 3.8. Qual é a importância da discussão sobre gênero e do combate ao preconceito no espaço da escola? (p.171).</p>
<ul style="list-style-type: none"> Contribuir para a formação de vínculos a partir de atividades que estimulem a integração entre os(as) participantes para que todos(as) possam se sentir confortáveis e dispostos(as) para expressar suas experiências, impressões e dúvidas e para participarem ativamente na construção do grupo.
<p>Tópicos relacionados:</p> <p>4.3. O que são as intervenções em educação sexual? (p.188); 4.4. Qual é a importância da discussão sobre prazer em grupos de educação sexual? (p.190).</p>
<ul style="list-style-type: none"> Esclarecer sobre o conceito de sexualidade como um conceito amplo, que se relaciona à forma como as pessoas experienciam seus corpos, prazeres, desejos, fantasias e vínculos e que abrange elementos sociais, culturais, históricos e políticos.
<p>Tópicos relacionados:</p> <p>2.1. O que é sexualidade? (p. 73); 4.4. Qual é a importância da discussão sobre prazer em grupos de educação sexual? (p. 190); 2.2. A construção histórica da vinculação entre sexualidade e prazer (p.76); 2.2.9. O pessoal é político: A influência do movimento feminista na compreensão sobre sexualidade e prazer (p.111).</p>
<ul style="list-style-type: none"> Esclarecer sobre o conceito de educação sexual que refere-se a como o aprendizado sobre a sexualidade ocorre por toda a vida, com a participação de diferentes instâncias como a família, a escola, o contexto social, os meios de comunicação, entre outras. Promover a reflexão sobre como o processo de educação sexual aconteceu e acontece na história de cada um(a).

<p>Tópicos relacionados:</p> <p>4.1. O que é educação sexual? (p. 178); 4.2. Como a sexualidade e o gênero estão presentes no espaço da escola? (p. 179); 3.2. Como são construídos os ideais de feminilidade e masculinidade? (p. 151); A Escola de Normalidades (p. 18).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Problematizar sobre como em nossa cultura os assuntos relacionados à sexualidade são muitas vezes silenciados, cercados por representações negativas e proibições. Assinalar a importância do diálogo aberto sobre o tema e a possibilidade de construir uma compreensão sobre a sexualidade mais abrangente e vinculada ao prazer.
<p>Tópicos relacionados:</p> <p>2.1. O que é sexualidade? (p.73); 4.1. O que é educação sexual? (p. 178); 4.4. Qual é a importância da discussão sobre prazer em grupos de educação sexual? (p.190); 2.2.9. O pessoal é político: A influência do movimento feminista na compreensão sobre sexualidade e prazer (p.111).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer sobre o conceito de repressão às avessas, que refere-se a como a repressão não acontece apenas por meio de silenciamentos, proibições e interdições, mas também através da forma como determinados prazeres são valorizados e idealizados, atravessada pela prescrição de regras e pela transmissão de modelos normativos sobre como as pessoas devem ser, sentir e agir.
<p>Capítulo relacionado:</p> <p>Capítulo 1- O Imperativo de Prazer (p. 42); Capítulo 6- O Prazer nas Revistas (p. 280);</p> <p>Tópicos relacionados:</p> <p>4.4. Qual é a importância da discussão sobre prazer em grupos de educação sexual? (p. 190); 5.11. As revistas e a normatização da adolescência (p. 332); 5.12. As revistas e a normatização da feminilidade (p. 234); 5.13. As revistas e a normatização da masculinidade (p. 242); 7.1. Regras e prescrições sobre como a aparência feminina deve ser (p. 348); 7.2. Transmissão dos modelos de beleza e corpo como desejados e sonhados (p. 349); 7.3. Transmissão dos cuidados com a beleza e o corpo como fáceis, agradáveis e divertidos (p. 352); 8.2. Regras e prescrições sobre como buscar o relacionamento idealizado (p. 373); 9.2. Regras e prescrições para o desempenho e o prazer sexual (p. 397); 11.5. Compreensão instrumental e funcional do desempenho e do prazer sexual (p. 448).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer sobre o conceito de imperativo de prazer e promover a reflexão sobre como o prazer em nossa cultura é muitas vezes representado não como uma possibilidade, mas como um dever, e como esse movimento repressivo abrange a forma como compreendemos e experienciamos o corpo, os relacionamentos e também o prazer sexual.

- Valorizar a dimensão da escolha para que as experiências possam ser pensadas como relacionadas a cada contexto vivido e em sua dimensão singular, e não pela busca por corresponder a padrões e imperativos.

Tópicos relacionados:

- 1.2.3. A construção do prazer como imperativo (p. 49);
- 1.2.4. Que prazeres? (p. 52);
- 1.2.5.1. O imperativo de prazer e os ideais de corpo (p. 60);
- 1.2.5.2. O imperativo de prazer e os ideais de relacionamentos amorosos (p. 63);
- 1.2.5.3. O imperativo de prazer e os ideais de prazer sexual (p. 66);
- 4.4. Qual é a importância da discussão sobre prazer em grupos de educação sexual? (p. 190);
- 6.1. O prazer nas revistas (p. 280).

- Discutir sobre como são transmitidos e aprendidos modelos ideais inalcançáveis sobre como sentir prazer que, ao invés de prazer, geram sensações de ansiedade, autocobrança, insegurança e insuficiência. Abordar como dentro desses ideais estão os padrões rígidos de corpo e beleza, as expectativas inatingíveis de performance e desempenho sexual e a construção de um único referencial valorizado de relação amorosa e de família.
- Problematizar como esses modelos ideais são repressivos e normativos, ressaltando como tanto as formas de corpo e beleza, quanto os desejos, quanto os relacionamentos, quanto os prazeres são múltiplos e plurais, não podendo, assim, serem limitados e encaixados em modelos únicos.

Tópicos relacionados:

- 1.2.3. A construção do prazer como imperativo (p. 49);
- 1.2.4. Que prazeres? (p. 52);
- 1.2.5.1. O imperativo de prazer e os ideais de corpo (p. 60);
- 1.2.5.2. O imperativo de prazer e os ideais de relacionamentos amorosos (p. 63);
- 1.2.5.3. O imperativo de prazer e os ideais de prazer sexual (p. 66);
- 4.4. Qual é a importância da discussão sobre prazer em grupos de educação sexual? (p. 190);
- 6.1. O prazer nas revistas (p. 280).

- Esclarecer sobre o conceito de **gênero** que refere-se a como as diferenças entre os homens e mulheres, os ideais de masculinidade e feminilidade, são construídos culturalmente, historicamente e socialmente (não constituindo-se, assim, em atributos “naturais”, frutos de uma “essência”) e promover a reflexão sobre como ocorre o aprendizado sobre os padrões de gênero no decorrer da educação.

Tópicos relacionados:

- 3.1. O que é gênero? (p. 146);
- 3.2. Como são construídos os ideais de feminilidade e masculinidade? (p.151);
- 3.3. Como o prazer participa na construção e na reprodução dos padrões de gênero? (p. 153);
- 3.4. Como a violência participa na construção e na reprodução dos padrões de gênero? (p. 156);
- 3.5. O que é o machismo? (p. 157);
- 3.8. Qual é a importância da discussão sobre gênero e do combate ao preconceito no espaço da escola? (p. 171);

<p>4.2.Como a sexualidade e o gênero estão presentes no espaço da escola? (p. 179); 2.2.9. O pessoal é político: A influência do movimento feminista na compreensão sobre sexualidade e prazer (p.111).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Problematizar as concepções que reduzem a sexualidade, o gênero e o prazer a explicações biologizantes e essencializantes, como se fossem frutos de uma “natureza” fixa, inquestionável e imutável.
<p>Tópicos relacionados: 2.1. O que é sexualidade? (p.73); 3.1. O que é gênero? (p. 146); 1.2.2. O que é prazer? (p.48); 4.4. Qual é a importância da discussão sobre prazer em grupos de educação sexual? (p. 190).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer sobre como o que compreendemos como “normalidade” refere-se a uma construção e problematizar como essa construção pode culminar em preconceitos, discriminações e exclusões.
<p>Tópicos relacionados: A Escola de Normalidades (p. 18); 3.8. Qual é a importância da discussão sobre gênero e do combate ao preconceito no espaço da escola? (p. 171).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer sobre os conceitos de heteronormatividade, homofobia e machismo, promovendo a reflexão sobre como esses elementos estão presentes no processo de socialização, no aprendizado sobre a masculinidade e a feminilidade, sobre os relacionamentos, sobre a sexualidade e na cultura de uma forma geral. • Assinalar a importância do enfrentamento à violência e ao preconceito abordando como, para isso, é necessária a reflexão crítica sobre como os padrões normativos e discriminatórios estão presentes nas próprias concepções e foram transmitidos na própria trajetória de educação sexual.
<p>Tópicos relacionados: 3.4. Como a violência participa na construção e na reprodução dos padrões de gênero? (p. 156); 3.5. O que é o machismo? (p. 157); 3.7. O que é a heteronormatividade? (p. 170); 3.8. Qual é a importância da discussão sobre gênero e do combate ao preconceito no espaço da escola? (p. 171); 4.2.Como a sexualidade e o gênero estão presentes no espaço da escola? (p. 179)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Abordar como há diversas formas de compreender e experienciar a sexualidade e os gêneros nos diferentes contextos sociais e momentos históricos. • Discutir sobre fatores sociais que contribuíram para as concepções sobre gênero, sexualidade e prazer predominantes atualmente. • Esclarecer sobre a importância do movimento feminista e do movimento de gays, lésbicas, transexuais, travestis e transgêneros (LGBTTT) para a conquista de

direitos no campo da sexualidade e do gênero, abrangendo também os questionamentos da Teoria *Queer* acerca da normatividade.

Tópicos relacionados:

- 2.2. A construção histórica da sexualidade como vinculada ao prazer (p. 76);
- 2.2.9. O pessoal é político: A influência do movimento feminista na compreensão sobre sexualidade e prazer (p.111);
- 2.2.10. A influência do movimento homossexual na compreensão sobre sexualidade e prazer (p. 129);
- 3.1. O que é gênero? (p. 146);
- 3.6. Como os padrões de gênero participam no aprendizado sobre a sexualidade? (p. 167);
- 3.7. O que é a heteronormatividade? (p. 170);
- 3.8. Qual é a importância da discussão sobre gênero e do combate ao preconceito no espaço da escola? (p. 171).

- Discutir como historicamente a sexualidade feminina foi com mais frequência objeto de controle e proibições, que ainda são intensos em nossa cultura e precisam ser refletidos criticamente.
- Abordar sobre a forma como a virgindade feminina é significada culturalmente e sobre a importância de questionar padrões que transmitem a primeira experiência sexual feminina como cercada por preocupações, tensão e vergonha.
- Problematicar sobre concepções frequentes na cultura que representam as experiências, desejos e prazeres sexuais femininos como negativos, como alvos de julgamentos e reprovações.

Tópicos relacionados:

- 3.6. Como os padrões de gênero participam no aprendizado sobre a sexualidade? (p. 167);
- 2.2.9. O pessoal é político: A influência do movimento feminista na compreensão sobre sexualidade e prazer (p. 111);
- 4.4. Qual é a importância da discussão sobre prazer em grupos de educação sexual? (p.190);
- 9.4. Transmissão da sexualidade feminina adolescente como motivo de medos e preocupações (p. 406).

- Problematicar como os padrões de masculinidade e de sexualidade masculina vigentes envolvem a concepção de que meninos e homens não devem expressar dúvidas, inseguranças e ansiedades sobre o sexo, e também a desvalorização da expressão de sentimentos e emoções. Assinalar a importância de que esses padrões sejam desconstruídos, apresentando o espaço do grupo como propício para o diálogo e para o esclarecimento das questões trazidas pelos participantes.

Tópicos relacionados:

- 3.6. Como os padrões de gênero participam no aprendizado sobre a sexualidade? (p. 167);
- 4.4. Qual é a importância da discussão sobre prazer em grupos de educação sexual? (p. 190);
- 5.13. As revistas e a normatização da masculinidade (p. 242);
- 5.14. Sobre a ausência de revistas masculinas para adolescentes (p. 243);

Capítulos Relacionados:

- Capítulo 11- Valorização do Sexo como Prazer Masculino (p. 434).

<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer sobre os materiais midiáticos que os(as) participantes têm mais acesso e interesse e promover atividades que envolvam a análise crítica sobre os padrões de sexualidade, gênero e prazer presentes nesses materiais. • Problematizar como a relação estabelecida com os materiais midiáticos é caracterizada por um grande potencial de aprendizagem, de forma que podemos considerá-los como “pedagogias culturais”. • Promover a reflexão sobre como muitas das nossas concepções sobre sexualidade, gênero e prazer foram aprendidas através do contato com os meios de comunicação.
<p>Tópicos relacionados:</p> <p>4.5. Como a mídia participa na construção da compreensão sobre sexualidade, gênero e prazer? (p. 203);</p> <p>4.6. Qual é a importância da leitura crítica dos meios de comunicação em grupos de educação sexual? (p. 205);</p> <p>Capítulo relacionado:</p> <p>5. Revistas, gênero e prazer (p. 209).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Promover atividades que envolvam a análise sobre como as diferenças são representadas nos meios de comunicação, sobre como são reforçados padrões normativos, hierarquias e desigualdades, promovendo o reconhecimento sobre a importância da compreensão crítica e sobre as possibilidades de transformação.
<p>Tópicos relacionados:</p> <p>4.5. Como a mídia participa na construção da compreensão sobre sexualidade, gênero e prazer? (p. 203);</p> <p>4.6. Qual é a importância da leitura crítica dos meios de comunicação em grupos de educação sexual? (p. 205);</p> <p>5.11. As revistas e a normatização da adolescência (p. 332);</p> <p>5.12. As revistas e a normatização da feminilidade (p. 234);</p> <p>5.13. As revistas e a normatização da masculinidade (p. 242);</p> <p>A Escola de Normalidades (p. 18);</p> <p>3.8. Qual é a importância da discussão sobre gênero e do combate ao preconceito no espaço da escola? (p. 171).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Discutir sobre como é aprendida e naturalizada no decorrer da educação a associação entre a feminilidade e a vaidade, a idealização do amor romântico e a busca por agradar e corresponder às expectativas masculinas. • Problematizar sobre a força repressiva exercida pelos padrões normativos de beleza e corpo, de relacionamentos e de sexualidade questionando como são transmitidos modelos idealizados rígidos e inalcançáveis. • Promover a reflexão crítica sobre como esses padrões são reforçados pelos meios de comunicação, como nas revistas.
<p>Tópicos relacionados:</p> <p>5.12. As revistas e a normatização da feminilidade (p. 234);</p>

- 3.2. Como são construídos os ideais de feminilidade e masculinidade? (p.151);
3.3. Como o prazer participa na construção e na reprodução dos padrões de gênero? (p. 153).

Capítulos relacionados:

7. Valorização do Cuidado com a Beleza e com o Corpo como Prazer Feminino (p. 347);
8. Valorização do Relacionamento Amoroso como Prazer Feminino (p. 371);
9. Valorização do Sexo como Prazer Feminino (p. 394).

- Discutir sobre como é aprendida e naturalizada no decorrer da educação a associação entre a masculinidade e a agressividade, assim como a concepção de que ser masculino corresponde a ter um desejo sexual heterossexual sempre forte e presente.
- Questionar como muitas vezes os homens são posicionados enquanto sujeitos do olhar, do desejo e do prazer, e as mulheres posicionadas enquanto objetos disponíveis para a satisfação masculina, o que sustenta uma compreensão desigual sobre os desejos, sobre as possibilidades de expressão desses desejos, sobre as formas de sentir e buscar prazer e sobre as relações. Problematizar como essa desigualdade muitas vezes culmina em uma naturalização da violência.
- Promover a reflexão crítica sobre como os padrões normativos de sexualidade masculina são transmitidos e reforçados pelos meios de comunicação, como nas revistas.

Tópicos relacionados:

- 3.1. O que é gênero? (p. 146);
3.2. Como são construídos os ideais de feminilidade e masculinidade? (p.151);
3.3. Como o prazer participa na construção e na reprodução dos padrões de gênero? (p. 153);
3.4. Como a violência participa na construção e na reprodução dos padrões de gênero? (p. 156);
3.5. O que é o machismo? (p. 157);
3.7. O que é a heteronormatividade? (p. 170);
5.6. Novos ideais de masculinidade: A ética da “good life” (p. 220);
5.13. As revistas e a normatização da masculinidade (p. 242);
5.17.3.2. Sexualidade, gênero e corpo nas revistas masculinas para heterossexuais (p. 263);
6.2. As revistas masculinas e o ideal de “boa vida” (p. 301).

Capítulo relacionado:

10. Valorização das Imagens do Corpo Feminino como Prazer Masculino (p. 414);
11. Valorização do Sexo como Prazer Masculino (p. 434).

- Promover análises sobre como o sexo e o prazer sexual são representados nos meios de comunicação, com a discussão sobre como essas representações são atravessadas pelos padrões de gênero.
- Questionar a concepção de que a intensa exposição de imagens e conteúdos sobre sexo corresponderia a uma maior liberdade sexual, esclarecendo como padrões normativos e repressivos são transmitidos com frequência nessas imagens e conteúdos.

Tópicos relacionados:

- 1.2.5.3. O imperativo de prazer e os ideais de prazer sexual (p. 66);
- 4.5. Como a mídia participa na construção da compreensão sobre sexualidade, gênero e prazer? (p. 203);
- 4.6. Qual é a importância da leitura crítica dos meios de comunicação em grupos de educação sexual? (p. 205);
- 4.4. Qual é a importância da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual? (p. 190);
- 2.2.1. A influência da expansão dos meios de comunicação na compreensão sobre sexualidade e prazer (p. 79);
- 2.2.2. A influência da incitação ao consumo na compreensão sobre sexualidade e prazer (p. 81);
- 2.2.8. A influência dos estudos de Foucault na compreensão sobre a sexualidade como uma construção social (p. 103);
- 3.6. Como os padrões de gênero participam no aprendizado sobre a sexualidade? (p. 167);
- 5.17. Sexualidade, gênero e corpo nas revistas selecionadas (p. 549).

Capítulos relacionados:

- 9. Valorização do Sexo como Prazer Feminino (p. 394);
- 10. Imagens do Corpo Feminino como Prazer Masculino (p. 414);
- 11. Valorização do Sexo como Prazer Masculino (p. 434).

- Discutir como atualmente os materiais pornográficos participam no aprendizado sobre o sexo e a sexualidade, problematizar sobre a presença de padrões normativos de sexualidade e gênero nesses materiais, promovendo a análise sobre como são transmitidos modelos incalçáveis de beleza e de desempenho sexual;
- Abordar sobre a vinculação crescente entre sexualidade e incitação ao consumo, discutindo como essa vinculação se reflete na produção de materiais midiáticos.

Tópicos relacionados:

- 2.2.1. A influência da expansão dos meios de comunicação na compreensão sobre sexualidade e prazer (p. 79);
- 5.13. As revistas e a normatização da masculinidade (p. 242);
- 5.14. Sobre a ausência de revistas masculinas para adolescentes (p. 243).

Capítulo relacionado:

- 10. Valorização das Imagens do Corpo Feminino como Prazer Masculino (p. 414).

- Discutir sobre o consumo de bebidas alcoólicas e sobre as expectativas em torno desse consumo, de prazer, diversão e também de maiores possibilidades de experiências sexuais. Relacionar as expectativas de desinibição às regras e padrões presentes em nossa cultura em relação ao prazer e à sexualidade;
- Problematizar como as concepções e expectativas em relação ao consumo do álcool variam de acordo com os padrões de gênero, promovendo a reflexão crítica sobre a compreensão de que a prática feminina de beber corresponde a uma maior disponibilidade sexual, esclarecendo sobre a importância do consentimento e sobre a valorização de que as mulheres possam expressar abertamente os próprios desejos;

<ul style="list-style-type: none"> • Promover atividades que envolvam a análise sobre como o consumo de bebidas alcóolicas são representadas nos meios de comunicação e sobre que padrões estão presentes nessas representações.
<p>Tópico relacionado: 1.2.4. Que prazeres? (p. 52).</p> <p>Capítulo relacionado: 12. Valorização do Consumo de Bebidas Alcóolicas Como Prazer Masculino (p.458).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer sobre a adolescência como uma construção cultural, social e histórica e promover atividades em que os(as) participantes reconheçam e reflitam sobre as formas como a adolescência é predominantemente significada atualmente. Promover atividades em que os(as) participantes possam identificar e discutir representações midiáticas sobre a adolescência. • Discutir como a vinculação entre o ideal de adolescência e o lazer, o entretenimento e o consumo está relacionada ao imperativo de prazer e problematizar sobre a transmissão de regras e padrões que estabelecem um modelo único, normativo e excludente sobre como a adolescência deve ser. • Transmitir informações sobre as mudanças corporais na puberdade e promover o diálogo sobre as experiências, expectativas e dúvidas relacionadas à adolescência.
<p>Tópico relacionado: 5.9. A “good life” e a cultura jovem (p. 226); 5.10. A construção do ideal de adolescência e o surgimento da revista <i>Capricho</i> (p. 230); 5.11. As revistas e a normatização da adolescência (p. 232); 4.4. Qual é a importância da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual? (p. 190);</p> <p>Capítulos relacionados: 14. Diversão e Lazer nas Revistas Femininas para Adolescentes (p. 477); 1. O Imperativo de Prazer (p. 42).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Discutir sobre a transmissão de modelos normativos de corpo e beleza nos meios de comunicação e em outros espaços da cultura; • Problematizar sobre como muitas vezes os modelos ideais transmitidos alimentam uma relação negativa com o próprio corpo, representado como fonte de inseguranças, cobranças e culpas; • Informar sobre o que são os transtornos alimentares e a frequência com que ocorrem e promover a reflexão crítica sobre os fatores culturais que influenciam para que eles ocorram; • Promover a reflexão sobre como corresponder aos padrões estéticos não é uma condição necessária para sentir-se bem consigo mesma(o), para ser atraente, para

<p>desejar e ser desejada(o), problematizando criticamente as mensagens que reforçam ser necessário;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ressaltar como é possível questionar os padrões transmitidos e buscar estabelecer novas formas de relação com o corpo e a beleza.
<p>Tópicos relacionados:</p> <p>1.2.5.1. O imperativo de prazer e os ideais de corpo (p. 60);</p> <p>4.5. Como a mídia participa na construção da compreensão sobre sexualidade, gênero e prazer? (p. 203);</p> <p>4.6. Qual é a importância da leitura crítica dos meios de comunicação em grupos de educação sexual? (p. 205);</p> <p>4.4. Qual é a importância da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual? (p. 190);</p> <p>Capítulos relacionados:</p> <p>7. Valorização do Cuidado com o Corpo e a Beleza como Prazer Feminino (p. 347);</p> <p>10. Valorização das Imagens do Corpo Feminino como Prazer Masculino (p. 414).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Discutir sobre como a idealização do amor romântico é muito presente em nossa cultura, inclusive nos meios de comunicação, problematizando como essa idealização é transmitida de forma mais incisiva para meninas e mulheres e atravessada pela heteronormatividade; • Promover a reflexão sobre como as formas de se relacionar são múltiplas e plurais e não podem ser encaixadas em um modelo único; • Apresentar como o amor, os relacionamentos e a família foram e são compreendidos de modos diferentes em diferentes sociedades e diferentes momentos históricos buscando historicizar o modelo que é transmitido como “natural” e como o único desejável; • Identificar junto com os(as) participantes como muitas das concepções sobre os relacionamentos são atravessados por padrões de gênero e outros padrões normativos que limitam a possibilidade de diálogo e de expressão de desejos e sentimentos, sem que sejam valorizadas a sinceridade e a espontaneidade; • Promover a reflexão sobre como é possível que as pessoas que se relacionam busquem criar, juntas, formas mais abertas e menos normativas de se relacionarem.
<p>Tópicos Relacionados</p> <p>1.2.5.2. O imperativo de prazer e os ideais de relacionamentos amorosos (p. 63);</p> <p>5.11. As revistas e a normatização da adolescência (p. 332);</p> <p>5.12. As revistas e a normatização da feminilidade (p. 234);</p> <p>4.4. Qual é a importância da discussão sobre prazer em grupos de educação sexual? (p. 190);</p> <p>Capítulo Relacionado</p> <p>8. Valorização do Relacionamento Amoroso como Prazer Feminino (p. 371).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Promover a reflexão sobre a importância de que os relacionamentos e as experiências sexuais envolvam o respeito mútuo, a não violência, o cuidado com o

<p>corpo e com o prazer (tanto o próprio quanto o da(s) pessoa(s) com quem se relaciona), a igualdade de condições e a responsabilidade.</p>
<p>Tópico relacionado: 4.4. Qual é a importância da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual? (p. 190);</p> <p>Capítulos relacionados: 3. O Aprendizado Sobre os Padrões de Gênero no Decorrer da Educação (p. 145).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir informações de forma contextualizada com o contexto vivido pelos(as) participantes e com as questões e experiências compartilhadas com eles(as), buscando promover a reflexão crítica e a desconstrução do caráter prescritivo e normativo que é frequentemente utilizado na abordagem sobre a sexualidade; • Assinalar a importância de que cada sujeito possa refletir criticamente acerca das atitudes e escolhas que realiza no campo da sexualidade, para que essas ações e escolhas possam acontecer com maior autonomia; • Conscientizar sobre os direitos sexuais e reprodutivos e transmitir informações sobre os métodos de prevenção da gravidez não planejada e de doenças sexualmente transmissíveis. Esclarecer sobre como as informações possibilitam que os(as) participantes conheçam mais sobre os recursos disponíveis para ampliar as possibilidades de escolha e discutir sobre a importância da reflexão sobre as condições nas quais as escolhas acontecem.
<p>Tópico relacionado: 4.4. Qual é a importância da discussão sobre o prazer em grupos de educação sexual? (p. 190).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Estimular continuamente que todos(as) do grupo participem ativamente dos encontros, expressando as próprias ideias e questões, se envolvendo nas diferentes discussões realizadas e contribuindo para a escolha dos temas a serem trabalhados. • Promover atividades que permitam reconhecer as concepções iniciais assim como atividades que possibilitem que os(as) participantes avaliem os encontros realizados, participem na escolha dos temas a serem trabalhados e expressem sobre o que foi aprendido nos encontros. • Promover atividades que possibilitem que(os) participantes construam materiais e expressem o próprio olhar sobre os temas que discutiram, incentivando que identifiquem quais foram as mudanças na forma como compreendem a sexualidade, o gênero e o prazer e estimulando que pensem em formas para que a discussão sobre esses temas possa ser expandida e multiplicada para novos espaços.
<p>Capítulo Relacionado: 4. A Importância da Discussão Sobre Prazer e da Leitura Crítica da Mídia nos Grupos de Educação Sexual (p. 177).</p>

15.3. Relato de experiências sobre o grupo “Sexualidade, Gênero e Mídia”.

Para pensarmos a relação entre os resultados desta pesquisa e contribuições para intervenções em educação sexual, gostaria de relatar algumas experiências vividas no grupo “**Sexualidade, Gênero e Mídia**”, nos encontros semanais que acontecem desde 2011 com diálogos e trocas que foram muito importantes desde a elaboração do projeto desta dissertação, até a escrita das linhas finais. O grupo teve início em meu último ano de graduação em Psicologia, quando propus, como intervenção veiculada ao estágio curricular em Sexualidade e Educação Sexual, supervisionado pela Professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia, a criação de um espaço em que estudantes universitários(as) dos cursos de Comunicação (Jornalismo, Rádio e Televisão, Relações Públicas e Design) e Psicologia pudessem discutir criticamente sobre como os temas sexualidade e gênero são representados em materiais midiáticos e sobre possibilidades de atuação profissional que busquem transformar a normatividade predominante. Ao final de cada ano do projeto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os(as) participantes sobre as discussões realizadas nos(as) encontros. O estranhamento e a desconfiança diante do que é tomado como "natural" foi um elemento destacado por eles(as), como nas falas a seguir:

“Uma coisa que a gente fez muito no grupo foi questionar a naturalidade das coisas. A gente encara tudo como sendo natural: 'é natural que o homem se atraia pela mulher, é natural que o amor faça a gente feliz, é natural que o homem faça isso e a mulher faça isso', a gente acha que é super natural, mas é uma idéia construída culturalmente, e isso é muito negativo, leva a segregar pessoas, ao preconceito, ao julgamento (...). Passar a questionar isso, o que é natural e o que não é, desconstruir isso, foi uma das coisas mais importantes que aconteceram no grupo.” (P6, dezembro de 2011).

“Eu achei que eu fosse uma pessoa sem preconceitos, (...) e percebi que eu tinha muitos preconceitos, percebi que quanto mais a gente reflete mais a gente entende o quanto estamos imersos na nossa cultura (...). Isso foi algo que ficou, que vou levar comigo, instigou muita curiosidade, a realmente questionar o mundo que eu vivo (...). Perceber a força desses padrões, como eles são impositivos sobre a gente” (P4, dezembro de 2011).

Um movimento frequente desde o início do grupo tem sido a reflexão sobre a importância de que os(as) profissionais que trabalham com o tema sexualidade e gênero

reflitam sobre a própria história, sobre a própria trajetória, buscando reconhecer como as próprias concepções, valores e preconceitos interferem e atravessam a atuação profissional. Assim, muitas vezes nos deparamos com como a compreensão normativa e repressiva da sexualidade e do gênero permeou e permeia a educação de todos(as). Este exercício de refletir sobre as próprias experiências foi relatado nas falas a seguir:

“No grupo nós fomos além da normatividade, questionar, desconstruir (...) e também refletir criticamente nossos padrões, o que tem em nós que é normativo, nos nossos relacionamentos, o que internalizamos, como foi nossa educação, na escola, na família, na religião, cada um trazia uma experiência, da infância, da família, dos relacionamentos... (...) As experiências pessoais foram uma das coisas mais importantes, falar do que você experienciou, viveu, os depoimento pessoais, longe de serem digressões, foi falar do tema na pele” (P3, dezembro de 2011).

O processo de olhar para os materiais midiáticos, de forma atenta e questionadora, foi descrito como importante para o reconhecimento da forma como os padrões são transmitidos e aprendidos:

“O mais importante que ficou do grupo é a reflexão. É a sementinha da inquietude que fica. É a reflexão crítica sobre o que eu faço, sobre o que eu vejo na TV, o que eu vejo na revista, no filme que eu assisto. Não tem mais como olhar pra isso sem reflexão.” (P6, dezembro de 2011).

“No grupo, discutimos coisas do dia-a-dia, (...) olhamos para o que está sendo produzido na mídia, o que está nas revistas, no youtube, nos sites, isso prepara para discutirmos com outras pessoas depois... (...) ajuda a desenvolver a linguagem, o preparo, para discutir com outras pessoas” (P7, dezembro de 2013).

“Além da crítica, a gente sempre pensa em possibilidades de ação, não é uma crítica com desânimo, é crítica no sentido de 'vamos fazer alguma coisa!'”. (P2, dezembro de 2013).

“Vamos fazer alguma coisa!” é mesmo uma expressão que ilustra a disposição que sentimos quando discutimos materiais midiáticos no grupo. Enquanto o desenvolvimento de uma pesquisa é um exercício em grande parte solitário, no qual muitas vezes me vi incomodada e mesmo indignada diante de algumas representações que analisava, nas muitas oportunidades que tive de levar essas análises para nossos encontros, pude ver as reflexões críticas ganhando vida, ganhando fôlego, aliviando a

sensação de imobilidade que era frequente quando eu pensava sobre o que era possível ser feito e dando lugar para uma intensa motivação para defender que o diálogo sobre os materiais midiáticos e os questionamentos sobre os padrões presentes nesses materiais pudesse ocorrer em muitos outros espaços.

No primeiro ano o tema escolhido para os encontros foi “Um Espaço de Diálogo entre Psicologia e Comunicação” e, a partir de debates sobre revistas, jornais, programas televisivos, sites, músicas, filmes e anúncios publicitários buscamos identificar as representações predominantes de sexualidade e gênero e também pensar possibilidades sobre como representá-los rompendo com a normatividade e abrangendo suas expressões múltiplas e plurais.

No ano seguinte o tema escolhido foi: “A Atuação de Profissionais da Psicologia na Mídia: Possibilidades de Atuação”. As atividades envolveram a discussão sobre diferentes exemplos de espaços em que psicólogos(as) são convidados(as), o que é requerido desses(as) profissionais e como eles(as) se posicionam, por exemplo, em reportagens de programas televisivos sobre questões que envolvem sexualidade e gênero e em colunas de consulta de revistas em que são enviadas e respondidas dúvidas. Nas falas a seguir é possível identificar quais foram os elementos que mais chamaram a atenção dos(as) participantes:

“Espera-se do psicólogo a posição de normatizar, de dar o aval de normalidade, com uma fetichização do profissional, como se ele fosse capaz de mudar as pessoas, de torna-las “normais” (...)” (P2, dezembro de 2012).

“É esperado que os psicólogos dêem nomes para o que as pessoas são e têm, dêem uma resposta, dêem um motivo, apontem a doença, apontem o desvio, sem nenhuma problematização” (P5, dezembro de 2012).

“É como se a Psicologia tivesse milhões de respostas para tudo, como se o psicólogo fosse um guru e pudesse responder tudo, independente da pergunta, independente da área, como se ele soubesse tudo o que precisa ser feito (...) É como se o psicólogo soubesse muito mais sobre a pessoa do que ela mesma” (P8, dezembro de 2012).

Além dos questionamentos sobre a posição normativa e prescritiva

frequentemente requerida aos (às) profissionais da Psicologia, buscamos refletir sobre como a participação de psicólogos(as) nos meios de comunicação poderia ser diferente:

“O maior desafio é tentar seguir a direção do pensamento crítico, a desconstrução desse viés de normalidade, com uma linguagem acessível, uma linguagem mais simples. Pensar na população com quem está lidando, pensando como comunicar, como passar o conhecimento (...) praticando mais isso, exercitando, tanto a linguagem, a forma de comunicar, como expor as ideias de forma mais simples, se não a gente vai ficar sempre dialogando apenas com pessoas com o mesmo nível de instrução, outros profissionais, a gente também quer isso, mas não quer que a discussão fique apenas nesse espaço” (P5, dezembro de 2012).

“Acho que há uma lacuna muito grande entre o que é produzido e o que chega na população, então promover esse diálogo é muito importante, (...) questionar os padrões, os padrões são muito naturalizados. Ver que pode ser diferente, pode ser compreendido de forma diferente, existem alternativas, existe diversidade, as coisas podem ser diferentes” (P2, dezembro de 2012).

O tema escolhido para os encontros em 2013 foi "Possibilidades de Inserção da Leitura Crítica da Mídia em Grupos de Educação Sexual", escolha relacionada ao fato de que a maior parte dos(as) participantes estava matriculada no estágio em Sexualidade e Educação Sexual, do curso de Psicologia, supervisionado pela Professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia e por mim, como bolsista didática. Foram realizados projetos com diferentes grupos: alunos(as) do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública; educadores(as) de um projeto social e de instituições abrigo; adolescentes que viveram situações de violência sexual e seus familiares e educadores(as); idosos(as); pessoas com deficiência física e estudantes universitários(as) dos cursos de comunicação. O cartaz a seguir, que foi elaborado por Tom Rodrigues e Kadu Nunes (2013) para a divulgação do projeto com universitários(as) ilustra a busca por promover a reflexão que está presente em nossas propostas de intervenção em educação sexual.

**Figura 23: Cartaz de Divulgação do Grupo Gênero e Sexualidade nos Mídia-
O que você pensa sobre o que você pensa?**



Fonte: Página da rede social facebook do grupo Sexualidade, Gênero e Mídia⁵⁴

Nas entrevistas realizadas sobre os encontros com o tema "Possibilidades de Inserção da Leitura Crítica da Mídia em Grupos de Educação Sexual", os(as) participantes destacaram como os materiais midiáticos podem ser recursos férteis para as discussões realizadas nas intervenções, seja como objeto de análise, seja como exemplos de temas discutidos, seja como ponto de partida para conhecer mais sobre o grupo, sobre que mensagens eles(as) recebem sobre sexualidade e gênero e para buscar discutir criticamente essas mensagens:

“Grande parte das atividades que a gente elaborou foi sobre materiais midiáticos, porque era uma forma interessante de entrar nos assuntos. Por exemplo, como vamos discutir sobre corpo? Vamos lá, vamos pegar uma revista, a *Capricho* e ver o que está falando sobre corpo. Passamos um vídeo falando sobre o uso do photoshop⁵⁵ e elas ficaram até o último encontro lembrando deste vídeo, sugeriram para as amigas. (...) Os materiais midiáticos eram usados como ponto inicial para provocar debate. Seja para criticar ou para falar 'olha que legal, como é possível fazer'” (P8, dezembro de 2013).

⁵⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/194052967327085/>

⁵⁵ O vídeo refere-se a um trecho do documentário “Miss Representation”, dirigido por Jennifer Siebel Newsom (2011).

“É legal trabalhar com materiais que eles conhecem, da realidade deles, porque eles não ficam pensando assim “a mídia”, como algo distante, mas a *Capricho*, o *Crepúsculo*, a *Malhação*, a *Playboy*. A mídia é um hábito cotidiano. (...) Fazia mais sentido pra eles quando eram coisas que eles já conheciam (...) o mais importante foi ver que eles desenvolverem um olhar crítico para aquilo que já estavam acostumados, mas não tinham pensado sobre. Como tem machismo, violência nos materiais que eles mesmos disseram gostar. Vê-los problematizando, ficando bravos, era muito interessante. (...) Eles surpreenderam nossa expectativa. Eles mostravam indignação, e isso era muito motivador” (P5, dezembro de 2013).

As revistas foram materiais frequentemente utilizados nos projetos realizados pelos(as) estagiários(as), inclusive aproveitando as análises que foram apresentadas nesta dissertação, como em atividades nas quais trechos de matérias das diferentes publicações eram apresentados e discutidos criticamente, com problematizações que relacionavam os padrões normativos identificados nesses trechos com a presença de padrões normativos na cultura de uma forma geral. Assim, foi possível discutir sobre os padrões de feminilidade, de masculinidade, de relacionamentos, de corpo, de adolescência, de práticas sexuais, de prazer, esclarecendo sobre conceitos como imperativo de prazer, repressão às avessas, gênero, machismo e heteronormatividade. O exercício de imaginar como os materiais poderiam ser diferentes, como os temas poderiam ser abordados considerando a multiplicidade e a pluralidade de formas de ser, agir, se relacionar, buscar e sentir prazer também se revelou bastante interessante. Um exemplo é quando uma das participantes de um projeto realizado por Flávio Firmino e Simone Simões no Centro de Referência Especializado de Assistência Social- CREAS, ao criar uma capa como alternativa para as capas da revista Boa Forma, desenhou diferentes tipos de corpo com a legenda: “todas as formas são boas”.

Para concluir sobre essas considerações sobre possibilidades de atuação em grupos de educação sexual a partir do exemplo do grupo “Sexualidade, Gênero e Mídia”, gostaria de ressaltar como um dos pontos mais ricos é o vínculo formado entre os(as) participantes, que favorece que a discussão se dê de forma muito fértil a partir de diferentes olhares, de diferentes trajetórias e de diferentes e criativas formas de buscar intervir e transformar os padrões. É marcante o interesse demonstrado por todos(as) para

dialogar, trocar ideias e experiências, contribuir a partir de exemplos, relatos e reflexões das próprias áreas de estudo, pesquisa e atuação sempre em busca de enriquecer e ressignificar a compreensão dos temas trabalhados.

“Muito bacana. É um espaço muito interessante pra debate. Eram muitas reuniões, faltava tempo, o mais legal é isso, faltava tempo para discutir. É muito difícil as pessoas quererem discutir qualquer coisa, quando falta tempo, é sinal que as pessoas estão gostando, isso é muito bom. Esse é um fator extremamente positivo do grupo, sabe?” (P1, dezembro de 2011).

Me identifico com a fala do participante ao me ver diante da necessidade de concluir este tópico, e também esta dissertação. É interessante como ele coloca a ausência de tempo para discutirmos tudo o que gostaríamos não como uma limitação, mas como uma expressão sobre como os(as) integrantes do grupo estavam envolvidos(as) e interessados(as) na discussão. É assim que me sinto agora, tão envolvida, tão motivada por ter esse espaço para relatar sobre o grupo após ter concluído as análises da pesquisa, mesmo ansiosa com a proximidade do prazo para entregá-la. Retomo assim o que disse Deborah Britzman (2010, p. 89), na afirmação já citada na introdução desta dissertação:

O modelo de educação sexual que tenho em mente está mais próximo de discussões surpreendentes e interessantes, pois quando nos envolvemos em atividades que desafiam nossa imaginação, que nos propiciam questões para refletir (...), nós sempre temos algo mais a fazer, algo mais a pensar (BRITZMAN, 2010, p. 89).

Considerações Finais

“Como tudo começou?”: pode parecer contraditório, mas foi nessa pergunta que pensei logo após digitar “Considerações Finais”. Imaginei como eu me sentia quando, ainda muito nova, encontrava nas revistas um espaço de acolhimento, de confiança, de desejo, de curiosidade, de descoberta, de aprendizado. Lembro especialmente dos testes, quando, ao escolher alguma das cinco alternativas oferecidas, eu era convidada a explorar questões que parecem em uma primeira impressão tão bobas, mas que ganhavam para mim sentidos tão estimulantes: “*Descubra sua personalidade*”, “*Que amiga é você?*”, “*Qual é o seu jeito de amar?*”, “*Quais são seus poderes de conquista?*”, “*Qual profissão é a sua cara?*”, “*Como será o seu futuro?*”. Antes de tudo, era um exercício de imaginação. Dentro de limites bastante normativos, poderia afirmar agora, depois de ter me dedicado para analisá-las criticamente. Mas toda aquela linguagem de fantasia e identificação que tanto me cativava teria efeitos muito além dos imediatos... Por que escolhi estudá-las? Por que escolhê-las como tema de pesquisa em um curso de Psicologia, e, depois, em um mestrado em Educação na linha de Sexualidade, Cultura e Educação Sexual? Essas questões me remetem a uma frase de Rubem Alves (1980, p. 30) que gosto muito: “Todo pensamento sai do nosso ventre, como o fio da teia. Cada teoria é um acessório da biografia”.

Rubem Alves (1980) argumenta que as construções teóricas partem das trajetórias singulares, emergem das histórias de vida, são antes de tudo pessoais, expressam e coordenam experiências de cada um(a). O esforço em conhecer resulta do desejo de aprender sobre coisas que são pessoalmente importantes. Tais apontamentos me fazem mais uma vez voltar à pergunta “Como tudo começou?”, e me lembram que, no momento da escolha do curso, era grande a dúvida entre Psicologia e Jornalismo. As matérias das revistas que lia me despertavam tanto interesse, que minha vontade era me tornar redatora desses materiais, escrever sobre os relacionamentos, escrever sobre a subjetividade, escrever sobre o corpo, escrever sobre a feminilidade e a masculinidade, escrever sobre sexualidade. Pensava que tanto Jornalismo quanto Psicologia podiam me preparar para realizar esse plano. Qual não foi minha surpresa quando, logo nas primeiras aulas do primeiro ano, a posição da Psicologia em revelar quem as pessoas são, em ensinar sobre a melhor forma de ser e agir, sobre “*como fazer dar certo*”, sobre quais são as “*receitas para o prazer e para a felicidade*”, foi intensamente questionada e problematizada. Ao invés de frustrada, me vi literalmente deslumbrada com aquela desestabilização, com o

desafio de romper com a posição prescritiva e pensar sobre os relacionamentos, as subjetividades, os corpos, as feminilidades, as masculinidades, as sexualidades considerando a multiplicidade, a riqueza de possibilidades. As promessas das revistas de ensinarem “*passo-a-passo*” sobre como corresponder à “*normalidade*”, que antes me pareciam tão necessárias, passaram a ser alvo de estranhamento, chegando logo a parecer absurdas, o que me atraiu como um ímã não só para a pesquisa nessa área, mas para buscar intervenções em que fosse criado um espaço para que outras pessoas também pudessem passar por esse fértil exercício de reconhecer o quanto é intenso o aprendizado que ocorre através dos meios de comunicação e poder olhar para esse aprendizado de forma crítica, questionadora, descobrindo ser possível transformar o que é transmitido tão continuamente como “*natural*”.

Houve um momento que pensei em desistir da Psicologia já que imaginava que buscar a inserção nos veículos que questionava seria uma forma de buscar transformar. Decidi, então, antes de trancar o curso, me matricular nas matérias que mais me interessavam. Foi quando solicitei a matrícula na matéria sobre sexualidade, que estava prevista apenas para o quinto ano. Foi muito marcante já a primeira aula, quando fui apresentada ao conceito de “repressão às avessas”, quando me deparei com a compreensão de que a repressão sexual não se dá apenas pela proibição “*não faça!*”, mas também por imperativos como “*faça!*”. Esse momento também seria uma boa resposta para a pergunta “Como tudo começou?”. As aulas da Professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia, que expressa tanta convicção e dedicação sobre as possibilidades de questionar a normatividade, fizeram com que eu me encantasse mais uma vez com a Psicologia e me ensinaram a apostar no espaço dos grupos de educação sexual, aliando a prática com leituras, estudos e pesquisas que buscam compreender a sexualidade de forma ampla, movimento que passou a ser muito presente na minha formação desde 2008, quando ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura-GEPESEC. Em 2011, quando propus como projeto do estágio em Sexualidade e Educação Sexual, a criação do grupo “Sexualidade, Gênero e Mídia- Um espaço de diálogo entre Psicologia e Comunicação”, apresentado no último tópico desta dissertação, foi um momento no qual me deparei mais uma vez com como a relação entre nossas escolhas acadêmicas e nossas experiências pessoais é de enriquecimento recíproco, de potencialização de sentidos. Ao pensar sobre esse processo, me identifico muito com o que diz Guacira Lopes Louro (1997, p. 9):

As perguntas que valiam a pena fazer, as pesquisas que importavam, as aulas ou os debates proveitosos, as lutas que faziam sentido lutar tinham a ver com as mulheres e os homens que eu conhecia ou que podia conhecer, tinham a ver comigo. As diferenças e desigualdades que me perturbavam não estavam apenas “lá fora”, distantes, mas estavam se fazendo e refazendo constantemente, próximas, no cotidiano, tinham a ver com minhas/nossas práticas sociais imediatas.

Sim, escolher pesquisar sobre sexualidade, gênero e prazer é uma escolha que reflete como o que desejo estudar, me perguntar e buscar transformar está relacionado aos vínculos que construí com pessoas tão especiais que tive a oportunidade de conhecer e discutir, à minha trajetória pessoal e às diferenças e desigualdades que me perturbam. Escolher a análise de materiais midiáticos também foi uma forma de me deparar com como essas diferenças e desigualdades não estão “lá fora”, mas se fazendo e refazendo continuamente, próximas, no cotidiano, nas práticas sociais imediatas.

Retornando à pergunta “Como tudo começou?”, penso como quando escolhi estudar as revistas, em minha pesquisa de iniciação científica, imaginava que minha tarefa seria a de ler nas entrelinhas, de investigar mensagens implícitas, de desvelar significados que não seriam identificados facilmente, em uma primeira leitura. A surpresa mais uma vez foi grande: é incrível como os padrões são transmitidos de forma explícita, escancarada, como a proposta normativa não é nem um pouco ocultada. Às vezes brinco que, antes de definir qual será o meu material de análise, telefono para a redação das revistas e peço: “estou fazendo uma pesquisa que discutirá sobre o imperativo de prazer e os padrões de gênero, vocês não poderiam me ajudar produzindo matérias relacionadas diretamente a esses temas?”. Assim, no mês, seguinte, atendendo à minha solicitação, chegariam às minhas mãos matérias que anunciam coisas como “*Tenha orgasmos!*”; “*239 instruções minuciosas sobre como ter e proporcionar prazer sexual passo-a-passo*”, “*Como conquistar escondendo tudo o que sente e deseja e se esforçando para não parecer louca e desesperada*”; “*Transforme o(a) parceiro(a) em uma máquina de amor*”; “*Aprenda a posição favorita da parceira a partir do formato do corpo*”; “*Aproveite que as mulheres bebem para transar sem se importar com o consentimento no Carnaval*”; “*Entenda que a única forma de prestarmos atenção em uma mulher é quando elas estão sem roupa*”. De tão absurdos, tão lamentáveis, parece que esses conteúdos foram realmente “encomendados” para facilitar a análise crítica. Infelizmente não. Essas mensagens circulam todos os meses, todos os dias, não apenas nas páginas das revistas, mas em muitos outros espaços, como em outros materiais midiáticos e também em conversas cotidianas, nas interações sociais, como em conselhos que nós mulheres

recebemos com tanta frequência sobre como devemos ser, como devemos nos comportar na busca ininterrupta por agradar, e também nas tantas “piadas” que são naturalizadas na convivência masculina sobre como mulheres são objetos para o prazer masculino e sobre como não ver e tratar as mulheres assim os desqualificam, os torna menos homens, com o risco constante de serem alvos de deboches homofóbicos, de mais e mais violência com o ridículo rótulo de “piada”. E esses são apenas alguns exemplos. Quando, na primeira leitura de cada revista analisada, eu me deparava com concepções que faziam meu estômago embrulhar, eu sabia que de nada adiantaria rasgar aquela página, que não adiantaria até mesmo se a editora responsável pela publicação fechasse, porque o que é escrito lá não está apenas lá, e sim, repetido, valorizado e legitimado em muitos, muitos outros espaços.

E o que podemos fazer? Pode parecer, à primeira vista, pouco, mas proporcionar espaços onde cada pessoa possa repensar o que foi aprendido por meio da mídia, possa estranhar e desnaturalizar os padrões de gênero, sexualidade e prazer tão presentes em nossa sociedade, possa se questionar sobre como é possível transformar esses padrões e buscar formas criativas de intervir, de multiplicar tais espaços de diálogo e questionamento é um movimento cheio de potencialidades. As discussões do GPESEC e do “Sexualidade, Gênero e Mídia”, grupos que mencionei anteriormente, foram muito ilustrativas para mim nesse sentido, me fizeram acreditar cada vez mais na aposta de que é possível sim, transformar. Encontrei também outros espaços especialmente motivadores e inspiradores quando, no decorrer do mestrado, participei como bolsista didática supervisionando projetos de estágio em Sexualidade e Educação Sexual, com estagiários(as) muito dedicados(as), comprometidos(as) e que compartilhavam também a aposta na possibilidade de reflexões críticas e transformações, e também como responsável pela disciplina “Psicologia da Comunicação”, na qual encontrei alunos(as) muito criativos(as), dispostos(as) e envolvidos(as), que me mostraram como a leitura crítica da mídia, sem deixar de ser muito séria, pode ser também muito lúdica.

Neste momento me lembro do que disse Louro (1997, p. 141): “não há como negar que a disposição de questionar nossas próprias convicções é sempre muito mobilizadora”. Não há como negar que aqueles temas que tanto me mobilizavam quando eu era adolescente, diante da paixão pelas revistas, se tornaram ainda mais vivos e mobilizadores quando passaram a ser estranhados, questionados, desnaturalizados, discutidos com outras pessoas que também estavam nesse movimento de contínua desconstrução.

Quando cursei a matéria “Sexualidades, gêneros e processos de subjetivação”, o Professor Fernando Silva Teixeira Filho, nos pediu como trabalho final que criássemos um “objeto estético” relacionado aos temas trabalhados no semestre. Quando visitei minha mãe nas férias de julho, recortei, em cada uma das revistas da minha coleção de quando era mais nova, imagens que foram marcantes para mim na época. Como exemplo, posso citar as fotos de uma matéria que tinha o intuito de ensinar as leitoras sobre o primeiro beijo: os movimentos do casal fotografado eram descritos acompanhados de prescrições- para onde virar a cabeça, como posicionar a língua, em que ritmo se mover. Após reunir diversas imagens, convidei meus(minhas) amigos(as) e integrantes do grupo “Sexualidade, Gênero e Mídia” para uma oficina, em Bauru, na qual todas(os) contribuíram para reunir e colar essas imagens em um lençol, que, depois de concluído, cobriu uma cama na exposição dos trabalhos. Nas fronhas que cobriam os travesseiros estava a pergunta: “O que vai para a cama com você?”. A ideia era problematizar como essas imagens, sobre o amor, sobre o sexo, sobre os relacionamentos, sobre o corpo, sobre o prazer, tão onipresentes culturalmente, em cenas televisivas, capas de revistas, anúncios publicitários, outdoors, filmes, videoclipes, sites da internet, não são apenas públicas, expostas, mas também atravessam nossos momentos de privacidade, de intimidade, a construção das nossas subjetividades. Ver a cama coberta por imagens foi uma oportunidade de visualizar muitos dos significados dos temas que estudo e pesquisa.

Figura 24: O que vai para a cama com você?



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 25: Oficina de Elaboração do Lençol com o Grupo “Sexualidade, Gênero e Mídia”.



Fonte: Acervo Pessoal.

Gosto muito de olhar essas fotos, em que estávamos juntos(as), conversando, discutindo e combinando os diferentes recortes. Associo com como foi o processo de escrita desta dissertação, e mais uma vez penso na pergunta “Como tudo começou?”. Recordo com carinho de quando me vi diante das diferentes leituras que havia feito e que tanto haviam me envolvido, das diferentes discussões de autores(as) que me suscitaram tantas questões, do que havia aprendido e realizado nos grupos de educação sexual que participei e também diante dos dados que estavam transcritos das 14 revistas selecionadas que foram aos poucos sendo agrupados com o estabelecimento das categorias temáticas. Por onde começar a análise? Que temas discutir, e em que sequência? Escolhi escrever de acordo com as questões que mais me mobilizavam em cada momento, como se houvesse um ímã para atrair as discussões, seja em algum momento de um projeto do estágio em educação sexual que acompanhei naquela semana, seja em alguma discussão nos grupos, sejam em alguma conversa com amigos(as) ou com meu namorado, seja em algum fato ou notícia recente que tinha ouvido, diferentes elementos que me motivavam para a revisão das leituras realizadas, para o olhar dirigido aos resultados e para a escrita do trabalho. Assim, temas como gênero, corpo, amor, sexo, consumo de bebidas alcoólicas, machismo, normatividade, educação sexual, e é claro, prazer, foram muito presentes nesses últimos dois anos. Refletir e escrever sobre eles foi uma oportunidade de grande aprendizado.

No livro “*Variações Sobre o Prazer*” Rubem Alves (2012) aborda como escrever, ao mesmo tempo que é um prazer, é também estranho, gera apreensão e incômodo, pela ansiedade que sentimos diante do desafio de expressar as ideias no papel. É uma tarefa exigente e trabalhosa buscar organizar em um sistema coeso ideias que divagam, flutuam, chegam na forma de associação livre: “As ideias tem ideias próprias- são dotadas de vida, resistem, lutam, determinam direções. (...) Forçadas a marchar numa direção única, elas se rebelam” (ALVES, 2012, p. 16). O autor compara a escrita com a montagem de um quebra-cabeça, em que, antes de nos engajarmos na busca por encaixar as peças, nos deparamos com as ideais soltas, desencaixadas, espalhadas. Busquei sempre seguir o conselho dele, de, ao invés de me angustiar com a “bagunça”, reconhecer que aquelas ideias são dotadas de vida e determinam direções. Foi um processo delicioso, tanto agora, ao pensar em como tudo começou e me deparar com o resultado final, com o “quebra-cabeça” montado, quanto em cada momento em que as peças foram se encaixando. Como também aconselha Rubem Alves (2012, p. 28), a alegria trazida por nossas escolhas não

é derivada apenas do resultado final, mas sim, principalmente, do caminho percorrido, “o prazer de estar indo”.

Prazer, potencialização dos sentidos, curiosidade, envolvimento... É a partir desses elementos que Rubem Alves (1980) reflete sobre o processo de aprendizagem e aborda apaixonadamente sobre a paixão pelo que lemos, a paixão pelo que aprendemos, a paixão pelo que ensinamos, a paixão pelo que produzimos, a paixão pelo que escrevemos. Me identifico muito quando o autor se refere ao prazer da construção de um trabalho e descreve pesquisar como uma experiência expressiva, lúdica, criadora, através da qual compomos não apenas as páginas escritas, mas nosso próprio mundo. É nesse sentido que, ao chegar nestas linhas finais, digo com tanto carinho como a construção desta pesquisa foi um processo vivido com muito, muito prazer!

REFERÊNCIAS

ALBINO, Beatriz Staimbach; HAMMES, Priscila Daniela; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre o bem-estar na revista Boa Forma: corpo, lazer, normalização. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, p. 569-585, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12527>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na revista Boa Forma. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, p. 199-223, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115316019010>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

ALLISSON, Dorothy. Public silence, private terror. Em: VANCE, Carol (org.). **Pleasure and Danger: exploring female sexuality**, Routledge & Kegan Paul, Boston, 1984, pp. 103-114.

ALTMAN, Meryl. Everything they always wanted you to know: the ideology of popular sex literature. Em: VANCE, Carol (org.). **Pleasure and danger: exploring female sexuality**, Routledge & Kegan Paul, Boston, 1984, pp. 115-130.

ALTMANN, Helena. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. 2004. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, Agosto de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jul. 2013.

_____. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educar em Revista**, Belo Horizonte, v. 46, p. 287-310, 2007b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jul. 2013.

ALTMANN, Helena, MARTINS, Carlos José. Educação sexual: ética, liberdade e autonomia. **Educar em Revista**, Belo Horizonte, v.35, p. 63-80, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602009000300006&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0104-40602009000300006>. Acesso em: 22 mar. 2014.

ALVES, Rubem. **Variações Sobre o Prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

_____. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1980.

ALVES, Vera Lúcia Pereira. **Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de autoajuda**. 2005. 222 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2005.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Uma boa forma de ser feliz: representação de corpo feminino na revista Boa Forma**. 2002. 139f. Dissertação. (Mestrado em Educação) –

Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ARAGÃO, Rafael. O hegemônico não existe ou por que os homens querem ser playboys. **Anais do VI Congresso Internacional Sobre Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH**, Salvador, 2010. Disponível em: <http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=125:r&catid=42:a&Itemid=88>. Acesso em: 20 jul. 2013.

ARONOVICH, Lola. O machismo não fica mais impune. Em: **Escreva Lola Escreva** (Blog). Fortaleza, 1 de fevereiro de 2013a. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/02/o-machismo-nao-fica-mais-impune.html>. Acesso em: 10 de março de 2014.

_____. O feminismo, firme e forte, não precisa de novidades. Em: **Escreva Lola Escreva** (Blog). Fortaleza, 16 de dezembro de 2013b. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/12/o-feminismo-firme-e-forte-nao-precisa.html>. Acesso em: 10 de março de 2014.

_____. Sexy e MTV, livrem-se dos intermediários. Em: **Escreva Lola Escreva** (Blog). Fortaleza, 2 de outubro de 2012a. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/10/sexy-e-mtv-livrem-se-dos-intermediarios.html>. Acesso em: 10 de março de 2014.

_____. Duas notinhas contra o preconceito. Em: **Escreva Lola Escreva** (Blog). Fortaleza, 31 de agosto de 2012b. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/08/duas-notinhas-contrao-preconceito.html>. Acesso em: 10 de março de 2014.

_____. Cultura de estupro? Não, imagine! Em: **Escreva Lola Escreva** (Blog). Fortaleza, 1 de agosto de 2012c. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/08/cultura-de-estupro-nao-imagine.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.

_____. O grande sucesso da marcha das vadias. Em: **Escreva Lola Escreva** (Blog). Fortaleza, 27 de maio de 2012d. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/05/o-grande-sucesso-da-marcha-das-vadias.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014

_____. O caso Eloá e os feminicídios da semana. Em: **Escreva Lola Escreva** (Blog). Fortaleza, 21 de janeiro de 2012e. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/02/o-caso-eloa-e-os-femicidios-da-semana.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014

_____. Estupro no BBB 12. Em: **Escreva Lola Escreva** (Blog). Fortaleza, 19 de janeiro de 2012f. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/01/estupro-no-bbb12.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014

_____. Pornógrafa feminista explica sua arte. Em: **Escreva Lola Escreva** (Blog). Fortaleza, 02 de janeiro de 2012g. Disponível em:

<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/01/pornografa-feminista-explica-sua-arte.html>.

_____. Mulheres sem roupa chamam atenção para suas causas. Em: *Escreva Lola Escreva* (Blog). Fortaleza, 16 de maio de 2011, Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2011/05/mulheres-sem-roupa-chamam-atencao-para.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014

AZERÊDO, Sandra. **Preconceito contra a “mulher”**: diferença, poemas e corpos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Preconceitos, v.1).

AZEVEDO, Flávia Amaral de Oliveira. **Uma leitura queer da Revista Júnior**. 2010. 58 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais)- Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

BABO, Thais; JABLONSKI, Bernardo. Folheando o amor contemporâneo nas revistas femininas e masculinas. *Alceu*, Rio de Janeiro, v. 2, n.4, jan/jun, 2002. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Babo.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2013.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. 2. ed. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. **Um amor conquistado**: O mito do amor materno. Tradução de Waltersin Dutra. São Paulo, SP, Brasil: Editora Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENATTI, Grahal. **Da Trip à Tpm**: um estudo sobre a produção de significados no mercado de revistas. 2005. 98 f. Dissertação de mestrado em Antropologia Social pela Unicamp. Campinas, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

BEZERRA, Berenice Mendes; NASSIF, Maria de Fátima, ARÊAS, James. A produção de sujeitos: a tensão entre ficção e realidade. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Mídia e psicologia**: produção de subjetividade e coletividade. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009, p. 319-333.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar. Em: FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser feliz hoje**: Ser feliz hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 117-134.

_____. **Novas fronteiras de subjetivação**. Conferência apresentada no programa Café Filosófico. CPFL Cultura, Campinas, 2009. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/wp/2009/12/02/integra-novas-fronteiras-da-subjetivacao-benilton-bezerra-junior/>.

BIRMAN, Joel. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. Em: Freire Filho, João (Org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo de felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 27-48.

BIROLI, Flávia. Autonomia, opressão e identidades: a ressignificação da experiência na teoria política feminista. **Revista Estudos Feministas**, n.1, v.21, p.81-105, abril de 2013.

BORGES, Dulcina Tereza Bonati. **A cultura 'psi' das revistas femininas (1970/90): gênero, subjetividade e psicologização**. 1998. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BORGES, Zulmira Newlands ; MEYER, Dagmar Estermann. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Avaliação de Políticas Públicas em Educação**, v.16, n.58., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440362008000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jul. 2013.

BOZON, Michel. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília: SEF/MEC, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

BRAUNSTEIN, Nestor. **Gozo**. Tradução de Monica Seincman. São Paulo: Escuta, 2007

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. Em: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.83-112.

BRONSTEIN, Michelle Muniz. **Consumo e adolescência: um estudo sobre as revistas femininas juvenis**. 112 f. (Dissertação — Mestrado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BRUCKNER, Pascal. **O paradoxo amoroso: ensaio sobre as metamorfoses da experiência amorosa**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

_____. **A euforia perpétua: ensaios sobre o dever de felicidade**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

BRUCKNER, Pascal; Finkielkraut, Alain. **A nova desordem amorosa**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v.1, n. 24, p. 110-124, julho de 2004. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3271/2531>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

BUCCI, Eugenio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BUITONI, Dulcília Helena Schroder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. Dulcília Helena Schroder. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BURBULHAN, Fernanda; GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. Relações de Gênero, Mídia escrita e contemporaneidade: análise do discurso nas revistas *Trip* e *Tpm*. **Publicatio UEPG**: Ciências Sociais Aplicadas, Ponta Grossa, v. 19, n.1, p. 67-76, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALLIGARIS, Contardo. Felicidade nas telas. Em: **Folha de São Paulo**. São Paulo, Caderno Mais, 23 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2309201026.htm>>. Acesso em: 19 ago 2013.

_____. O ideal de amor romântico está em que filme? Em: **Folha de São Paulo**. São Paulo, Caderno Mais, 28 de junho de 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2806200129.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

_____. A paixão pelo novo e o casamento. Em: **Folha de São Paulo**. São Paulo, Caderno Mais, 07 de junho de 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0706200127.htm>>. Acesso em: 19 ago 2013.

_____. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. A geopolítica do prazer. Em: **Folha de São Paulo**. São Paulo, Caderno Mais, 18 de janeiro de 1998. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs180127.htm>>. Acesso em: 19 out. 2013.

CÂMARA, Adriane Peixoto. **Gênero e sexualidade na revista Sexy**: um roteiro para a masculinidade heterossexual. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

CARVALHO, Antonio Fernando Barros de. Pode chamar de G: notas sobre um projeto editorial. **Anagrama**, São Paulo, v.4., n.1.,p. 2-10, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35480/38199>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

CASALI, Caroline. **Revistas**: configuração do relacionamento entre homem e mulher como estratégia de segmentação do público. 2006. 239 f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual**: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. Tradução de Fernando Silva Teixeira Filho. São Paulo, SP, Brasil: A Girafa, 2007.

_____. **O machismo invisível.** Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: A Girafa, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual:** essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAUÍ, Marilena; KEHL, Maria Rita; WEREBE, Maria José; BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.36, p. 99-110, fev. de 1981. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n36/n36a09.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

CONDE, Diva Lúcia Gautério; GUARESCHI, Pedrinho, AUTOUN, Henrique. A produção dos sujeitos: a tensão entre cidadania e alienação. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Mídia e psicologia:** produção de subjetividade e coletividade. 2.ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura:** corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. **A face e o verso:** estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

_____. Diálogos sobre o amor romântico. Em: COSTA, Jurandir Freire. **Razões Públicas, Emoções Privadas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.

_____. Foucault e a terapêutica dos prazeres. **Revista Agora**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 9-25, 1999b.

_____. **Sem fraude nem favor:** estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A inocência e o vício:** estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DARDE, Vicente William da Silva. O padrão normativo na notícia: Uma reflexão sobre as representações das masculinidades no discurso jornalístico. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.194-203, dez. 2009.

DOMIT, Renata Simone. **A nova mulher e o novo homem:** modelos de gênero na contemporaneidade. 2004. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

DORAIS, Michel. **O erotismo masculino.** São Paulo: Loyola, 1994.

DUBOIS, Ellen Carol; GORDON, Linda. Seeking ecstasy on the battlefield: danger and pleasure in nineteenth-century feminist sexual thought. Em: VANCE, Carol (Org.) **Pleasure and danger:** exploring female sexuality, Routledge & Kegan Paul, Boston, 1984, pp. 31-48.

EHRENREICH, Barbara. **The hearts of men:** American dreams and the flight from commitment. New York: Anchor Books Doubleday, 1983.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente**: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. Summus, São Paulo, 2009.

FALUDI, Susan. **Backlash**: o contra-ataque na guerra não declarada as mulheres. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FEIJÃO, Giovana Lopes. **A vida sexual politicamente correta em revista**. 2012. 146f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas), Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, São Paulo, 2012.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como galmourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. Em: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 31-45.

_____. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 1, p. 41-54, 2006. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/ct/tecnologiasociedade/index.php/000/article/view/47/51>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre Toaldo. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação Infantil. Em: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual e educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. v. 32, p. 141-157. (Coleção Educação para todos).

FERRARI, Anderson. “Eles me chamam de feia, macaca, chata e gorda. Eu fico muito triste” – Classe, raça e gênero em narrativas de violência na escola. **Instrumento**: Revista Estudos e Pesquisas em Educação. Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 21-30, 2010. Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/revistainstrumento/article/view/468>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Representações de corpo adolescente feminino na Revista Capricho**: saúde, beleza e moda. 2002. 171f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola. Em: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009, p. 141-172.

FIRMINO, Flávio Henrique; PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Coisas de macho? A construção do homem heterossexual na revista *Playboy*. Em: **Anais da XIX Semana e VI Congresso de Psicologia UNESP/Bauru - SP**, 2012. p. 162-167. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/capsi/congresso2012/anais_VI_congresso2012.pdf>. Acesso em: 17 out. 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, juventude e educação: modos de construir o outro na cultura. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas**, Arizona, vol. 16, p. 1-20,

2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=275020545002>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

_____. Currículo, mídia e cultura. **Nós da escola**, Rio de Janeiro, v. 2, n.14, p. 23-24, 2003.

_____. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividade. 1996. 300f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **História da sexualidade II**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1990a. 7ª edição.

_____. **História da sexualidade III**: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1990b. 7ª edição.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. 2010. 291f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas –Unicamp, 2010.

FRANÇA, Vera. “A felicidade ao seu alcance”: que felicidade, e ao alcance de quem, afinal? Em: Freire Filho, João (Org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 213-226.

FRANCO, Maria Laura Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2a edição. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa).

FRATERRIGO, Elisabeth. **Playboy and the making of good life in modern America**. Oxford University Press, New York, 2009.

FREIRE FILHO, João. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 18, p. 717-745, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/10379/727>>. Acesso em: 16 jul. 2013

_____. O Anseio e a obrigação de ser feliz hoje. Em: Freire Filho, João (org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010^a, p. 13-26.

_____. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo pessoas “cronicamente felizes”. Em: Freire Filho, João (org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010b, p. 49-82.

_____. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista *Capricho*. **Fronteiras**- Estudos Midiáticos, Florianópolis, v. 8, p.

102-111, 2006. Disponível em:
<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/fronteiras/article/viewArticle/3142>>.
Acesso em: 16 jul. 2013.

_____. Seja diferente. Seja você: romantismo, pós-feminismo e consumismo nas páginas da Revista *Capricho*. **Logos: Comunicação e Universidade**, Canoas, v. 12, n.22, p. 166-186, 2005. Disponível em:
<<http://www.logos.uerj.br/PDFS/anteriores/logos22.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

FREITAS, Leila Karla Moraes Rodrigues. **Discurso, mídia e memória na (re)construção da história da sexualidade femininas**. 2012. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2012.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro, Imago, vol. II, p. 123-198, 2006.

_____. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XXI, 1974.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. VII, 129-250, 1972.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1983. Coleção Primeiros Passos.

FURLANI, Jimena. **“O bicho vai pegar”**: um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir do livro paradidático infantil. 2005. 272 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

GARTON, Stephen. **História da sexualidade**: da antiguidade à revolução sexual. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. Em: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes: 2007. p. 28-40.

GOLDENBERG, Mirian. A outra: uma reflexão antropológica sobre a infidelidade masculina. Em: NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 131-147.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos**: erotismo, gênero e limites da sexualidade. Tese (Livre Docência), Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, junho de 2010.

_____. Relações de violência e erotismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.20, p.87-120, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a03.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

GUERRA, Judite. “**Dos segredos sagrados**”: sexualidade e gênero no cotidiano de uma escola infantil. 2005. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer**. Tradução Maria Helena Kükner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HOLLIBAUG, Amber. **Desire for the future**: radical hope in passion and pleasure. Amber Hollibaugh. Em: VANCE, Carol (Org.) *Pleasure and danger: exploring female sexuality*, Routledge & Kegan Paul, Boston, 1984, pp. 401-410.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

GURGEL, Raquel Torres. A mulher de *Capricho*: uma análise do perfil das leitoras através dos tempos. **Estudos semióticos**, São Paulo, v. 6., n 1, p. 94-106, junho de 2010. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe61/2010esse61-rtgurgel.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

HOLLENBACH, Gabriela Boellner. **Sexualidade em revista**: as posições de sujeito em *Nova* e *TPM*. 2005. 174 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JARDIM, Denise Fagundes. **De bar em bar**: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares. 1991. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, novembro de 1991.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. Em: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual e educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. v. 32, p. 13-51 (Coleção Educação para todos).

_____. Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. Em: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual e educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009b. v. 32, p. 367-444 (Coleção Educação para todos).

_____. Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhora da educação de tod@s. Em: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. Rio de Janeiro: FURG, 2008, p. 72-93.

_____. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**, Natal-RN, v. 1, n. 1, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf>. Acesso em 17 jul. 2013.

KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da heterossexualidade**. Tradução de Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KAWATA, Heloísa de Oliveira; NAKAYA, Karen Mayumi; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Reeducação sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.11, n. 1, p.85-111, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2018>. Acesso em: 16 jul. 2013.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. A juventude como sintoma de cultura. Em: NOVAES, Regina Novaes, VANNUCHI, Paulo (Orgs.), **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**, Rio de Janeiro, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, pp. 44-62.

_____. **A fratria órfã: conversas sobre a juventude**. São Paulo: Olho d'água, 2008b.

_____. **Corpos estreitamente vigiados**, 2006. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/busca.php>>. Acesso em: 19 jul. 2013.

_____. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. Sexualidade recontextualizada. Em: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (Orgs.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002b, p. 70-87.

_____. O desejo de realidade. Em: Novaes, Adauto (Org.) **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002c, p. 360- 378.

_____. **Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KIPNIS, Laura. **Contra o amor, uma polêmica**. Rio de Janeiro, Record, 2005.

_____. **Coisa de mulher**. São Paulo, Record, 2009.

_____. **Bound and gagged: pornography and the politics of fantasy in America**. New York: Grove Press, 1996.

LACOMBE, Andrea. **“Pra homem já tô eu”**: Masculinidade e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro. 2005. 106 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Fevereiro de 2005.

LEITE JÚNIOR, Jorge. Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. **Cadernos Pagu**, v. 1, n.38, pp.

99-128, 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 mar. 2014.

_____. **Das maravilhas e prodígios sexuais:** a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

LINS, Leticia Alves. **Cerveja, mulher, diversão:** representações e diálogos nas propagandas de cerveja brasileiras. 2004. 164 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

LIOTO, Mariana. **Felicidade engarrafada:** bebidas alcoólicas em músicas sertanejas. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, PR, 2012.

LIRA, Luciane Cristina Eneas. **Como se constrói uma mulher:** uma análise do discurso nas revistas brasileiras para adolescentes. 2009. 179 f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. Em: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 7-34.

_____. Heteronormatividade e homofobia. Em: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas (pp.85-94). (Coleção Educação para Todos). Brasília: MEC; SECAD; UNESCO, 2009.

_____. Foucault e os estudos queer. Em: RAGO, Margareth. VEIGA-NETO, Alfredo. Para uma vida não-fascista. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b, p. 135-142.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago 2008. Disponível em: <<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/56-dossie-lourogl.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

_____. Currículo, gênero e sexualidade- o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". Em: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.) **Corpo, Gênero e Sexualidade:** Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 41-52.

_____. Sexualidades contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidade. Em: UZIEL, Ana Paula; RIOS, Luiz Felipe Rios; PARKER, Richard (Orgs.). **Construções da sexualidade:** gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 203-212.

_____. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.

_____. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n. 2, p.541-553, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

LUNA, Ianni Barros. **O Estupro e a “norma” de Gênero no Cinema.** 2006. 87 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LUZA, Eledinéia. Análise crítica do discurso das capas de *Women's Health* Brasil. 2010. 21 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social), Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. Em: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.) **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 35-78.

_____. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 11, p. 231-273, 1998. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/pagu11.15.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

MAGALHÃES, William. Evolução e involução em 30 anos de jornalismo gay no Brasil. 2009. 48 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social), Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2009.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. **Revista Psicopedagogia on line-** Educação & Saúde, 2010.

_____. Sexualidade, deficiência e gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. Em: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual e educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. v.32, p. 265-291 (Coleção Educação para todos).

_____. A educação sexual repressiva: padrões definidores de normalidade. Em: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade, diversidade e culturas escolares: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores.** Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; Alcalá de Henares: Universidade de Alcalá, 2008, p. 67-83 (Série Temas em Educação Escolar, n.9).

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando. Educação para as questões de gênero e diversidade sexual. Em: MORAES, Mara Sueli Simão; MARANHE, Elisandra André (Orgs.). **Educação de temas específicos.** São Paulo, SP; Bauru, SP: UNESP, Pró Reitoria de Extensão; Faculdade de Ciências, 2009, v. 4, p. 41-72. Coleção UNESP-SECAD-UAB- Diversidade e Cidadania.

_____.; _____. (Orgs.). **Sexualidade e infância.** Bauru: Faculdade de Ciências. Brasília: MEC/SEF, 2005, n.1. (Cadernos Cecemca).

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; GUEDES, Amanda; RODRIGUES, Marcelo Gonsalves; GARCIA, Diogo Alfonso; PASTANA, Marcela. Contribuições da Psicologia para a educação sexual: uma proposta de estágio na formação acadêmica. **Anais do Encontro Ibero Americano em Educação (EIDE),** 2012.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; PASTANA, Marcela; PEREIRA, Patrícia Cristine; SPAZIANI, Raquel Batista. Projeto de intervenção em educação sexual com educadoras e alunos de uma pré-escola. **Revista Ciência e Extensão**, Assis, v.7, n.2, p. 115- 129, 2011. Disponível em:

<http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/419/577>. Acesso em: 16 jul. 2013.

MARTINS, Jaqueline. **Tudo, menos ser gorda**: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza. 2006. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, março de 2006.

MATOS, Auxiliadora Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista *Trip* para Mulheres. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 16, v.1, p. 61-76, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a05v16n1.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

MELLO, Cecília Souza; ADESSE, Leila. **Violência sexual no Brasil**: perspectivas e desafios. Brasília: IPAS/SPM, 2005

MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. Em: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual e educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. v. 32, p. p.213-233. (Coleção Educação para todos).

_____. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 1, p. 13-18, 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019638002>. Acesso em: 18 jul 2013.

MEYER, Dagmar E. Estermann; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982007000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 set. 2010.

MEYER, Dagmar Estermann; SANTOS, Luis Henrique Sacchi; OLIVEIRA, Dora Lúcia; WILHELMS, Daniela Montano. “Mulher sem-vergonha” e “traidor responsável”: problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 51- 76, agosto de 2004, . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jul. 2013.

MEYER, Dagmar E. Estermann; MELLO, Débora Falleiros; VALADÃO Marina Marcos; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. “Você aprende. A gente ensina?”: interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cadernos de Saúde Pública**, v.22, n.6, p.1335-1342, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2006000600022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 set 2013.

MIGUEL, Raquel Barros Pinto. **De “moça prendada à “menina super poderosa”**: um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na revista *Capricho*

(1952-2003). 2005. 169 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MILLET, Kate. Beyond politics? Children and sexuality. Em: VANCE, Carol (org.) **Pleasure and danger: exploring female sexuality**, Routledge & Kegan Paul, Boston, 1984, pp. 217- 224.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, mar. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 mar. 2013.

MIRA, Maria Celeste. “O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.21, p. 13-38, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a03.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

_____. **O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril**. 1997. 366 f. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000122361>>. Acesso em: 19 jul. 2013.

MIRANDA-RIBEIRO, Paula; MOORE, Ana. **Papéis de gênero e gênero no papel: uma análise de conteúdo da revista *Capricho*, 2001-2002**. 2013. 21 p. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. Um corpo estranho na sala de aula. Em: ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.) **Afirmando diferenças: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2010, p. 13-26.

_____. A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, v.8, p. 150-182, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

_____. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu** (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

MISKOLCI, Richard; LARA, Oswaldo. Transformações da intimidade? Corpo e identidade na revista *VIP*. **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero**, Florianópolis, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Miskolci-Lara_43.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2013.

MONTARDO, Jorge Luiz Vargas. **Do pecado ao perigo: discursos sobre educação sexual para adolescentes brasileiros no século XX**. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências)- Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ, Ijuí, 2008.

MONTEIRO, Marko. Corpo e masculinidade na revista *VIP* Exame. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 16, 2001, p. 235-266. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332001000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 jul. 2013.

_____. **Masculinidade em revista:** um estudo da *Vip Exame*, Sui Generis e Homens. 2000. 196f. Dissertação de mestrado em Antropologia Social pela Unicamp. Campinas, 2000.

MORAES, Eliane; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia.** São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

MOTTIER, Véronique. **Sexuality:** a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

MUCHEMBLED, Robert. **O orgasmo e o Ocidente:** uma história do prazer do século XVI a nossos dias. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MUNTER, Carol. Fat and the fantasy of perfection. Em: VANCE, Carol (Org.) **Pleasure and danger:** exploring female sexuality, Routledge & Kegan Paul, Boston, 1984, pp. 225- 231.

NARVAZ, Martha, Caetano; NARDI, Henrique. Problematizações feministas à obra de Michel Foucault. **Revista Mal-estar e Subjetividade.** Março de 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27170105>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2014.

NECKEL, Roselaine. A sexualidade e vida a dois nas revistas femininas e masculinas nos anos de 1970. **Caderno Espaço Feminino**, Santa Catarina, v. 17, n. 1, p. 317-333, jan/ jul 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/444/413>>. Acesso em: 18 jul 2013.

NIEMEYER, Fernanda; KRUSE, Maria Henriqueta Luci. Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da revista *Capricho*. **Texto contexto – Enfermagem.**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 457- 465, set. 2008, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n3/a06v17n3.pdf>>. Acesso em: 18 jul 2013.

NOGUEIRA, Rose. Revistas masculinas ou de macho? Em: GRANDISO, Aldino et. al. **Macho, masculino, homem:** A sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro. São Paulo: Editora L&PM, 1986.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson:** Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. **A Desconstrução do Masculino.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. **O Mito da Masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OGAWASSARA, Juliana Sayuri. O homem na *Tpm*: A representação do corpo masculino na mídia impressa. Em: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos/SP, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0451-1.pdf>>. Acesso em 20 jul. 2013.

OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. Guest Post: Cadê as negras nas revistas adolescentes. Em: ARONOVICH, Lola. **Escreva Lola Escreva** (Blog). Fortaleza, 26 de fevereiro de 2013. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/02/guest-post-cade-as-negras-nas-revistas.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.

_____. **Adolescentes negras no discurso da revista Atrevida**. 2009. 154 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. **Corpo, beleza e gênero: rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1980)**. 2005. 274 f. Tese (Pós-Graduação em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

OLIVEIRA, Vera Lucia Bahl. Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. Em: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009, p. 173-189.

OSGERBY, Bill. **Playboys in Paradise: Masculinity, Youth and Leisure-style in Modern America**. Berg, New York, 2001.

PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos; NOGUEIRA, Poliana de Almeida Carvalho e. Memória discursiva e práticas de subjetivação na mídia: Mens's Health x Women Health. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 39, p. 832-844, 2010. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/39/v2/EL_V39N3_11.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2013.

PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade, gênero e mídia: projeto de Educação Sexual com estudantes de Comunicação e Psicologia. **Psicologia.com.pt**, v. -, p. 1--, 2013. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0712>. Acesso em: 17 out. 2013.

_____.; _____. Medo, tensão e vergonha: representações negativas de sexualidade na seção Sexo da revista *Capricho*. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 11, p. 93-99, 2012. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewArticle/256>>. Acesso em: 17 out. 2013.

_____.; _____. Discussões sobre gênero e vulnerabilidade a partir da análise de matérias sobre sexualidade das revistas *Capricho* e *Playboy*. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 11, p. 60-66, 2012. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/247/284>>. Acesso em: 17 out. 2013.

_____.; _____. Caminho certo x armadilha passageira: A abordagem dos relacionamentos heterossexuais e homossexuais nas colunas de consulta das revistas *Atrevida* e *Todateen*. Em: **Anais do II Simpósio Internacional de Educação Sexual- Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares**, 2011. II Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2011.

_____.; _____. "As leis da atração": Algumas reflexões sobre a heteronormatividade a partir da análise da Revista *Capricho*. Em: **Anais do II Simpósio Internacional de Educação Sexual- Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares**, 2011, Maringá. II Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2011.

_____.; _____. Padrões normativos em sexualidade e gênero em revistas lidas por adolescentes. Em: **Anais do XIII Congresso de Iniciação Científica**, 2011, Bauru. XIII Congresso de Iniciação Científica, 2011.

PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando. Análise sobre padrões de relacionamentos amorosos no livro 'Sex and the City'. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, p. 55-65, 2010. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/72/220>>. Acesso em: 17 out. 2013.

PASTANA, Marcela; PEREIRA, Patrícia Cristine; MEIRA, Marisa Eugênia Mellilo; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Discussões sobre sexualidade e mídia com adolescentes em um projeto de educação sexual. Em: **Anais do VI Encontro Iberoamericano de Educação**, 2011, Araraquara. VI Encontro Iberoamericano de Educação, 2011.

_____.; _____.; _____.; _____. Educação Sexual na escola: possibilidades de trabalho interdisciplinar. Em: **Anais do III Congresso Brasileiro de Educação**, Bauru, 2011. p. 409-415.

_____.; _____.; _____.; _____. Expectativas, receios e surpresas: refletindo sobre os bastidores de um estágio em Educação Sexual. Em: **Anais do 8º Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual**, Campinas, 2010.

PEREIRA, Patrícia Cristine; PASTANA, Marcela; MEIRA, Marisa Eugênia Mellilo; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação sexual para adolescentes: problematizando preconceitos e estereótipos através da pedagogia histórico-crítica. Em: **Livro de resumos do Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual**, Coimbra: Edições ESEC. Escola Superior de Educação- Instituto Politécnico de Coimbra, 2010. v. 1. p. 182-184.

_____.; _____.; _____.; _____. Informar x formar: a contribuição da Pedagogia Histórico-Crítica na elaboração de um projeto de Educação Sexual reflexivo. Em: **Anais do IX Encontro Local de Psicologia Social Comunitária**, ABRAPSO Bauru e I Encontro Local de Psicologia Social, Abrapso Cuesta de Botucatu Movimentos Sociais e Políticas Públicas: Desafios da Psicologia Social, Bauru, 2010.

PERES, William Siqueira. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. Em: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual e educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. v. 32, p. 235-264 (Coleção Educação para todos).

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O que é AIDS?** São Paulo: Brasiliense, 1987. Coleção Primeiros Passos.

PINAFI, Tânia. **Militante... já viu, né?** A homofobia nos processos de subjetivação dos militantes do movimento LGBT. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2011.

POMBO, Mariana Ferreira. **Depressão na contemporaneidade:** mídia e produção de uma subjetividade vulnerável. 2011. 161 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

PORCHAT, Patrícia. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(1): 161-170, janeiro/abril, 2010.

_____. **Gênero, Psicanálise e Judith Butler:** do transexualismo à política. 2007. 153 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo, 2007.

PRECIADO, Beatriz. **Pornotopía:** arquitetura y sexualidade en <<Playboy>> durante la guerra fría. Barcelona: Anagrama, 2010.

_____. **Testo Yonqui**, Madrid: Espasa Calpe, 2009.

QUADRADO, Raquel Pereira. A adolescência como construção sócio-cultural e histórica. Em: RIBEIRO, Paula Regina Costa et. al (Orgs.). **Educação e sexualidade:** identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceito, homofobia. Rio Grande: Editora da FURG, 2008, p. 26-43.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

_____. Os feminismos no Brasil: dos anos de chumbo à era global. **Labrys**, n. 3, janeiro/ julho 2003. Disponível em:
<<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/margal.htm>>. Acesso em: 23 set. 2013.

REIS, Giselle Volpato; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal Ribeiro. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. Em: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando (Orgs.). **Sexualidade e infância**. Bauru: Faculdade de Ciências. Brasília: MEC/SEF, 2005, n.1, p. 35-46 (Cadernos Cecemca).

RIBEIRO, Paula Regina Costa. A sexualidade e o discurso biológico. Em: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (Orgs.). **Corpos, gêneros e sexualidades:** questões possíveis para o currículo escolar. 2ª ed. Rio Grande: FURG, 2008.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade também tem história. Em: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando (Orgs.). **Sexualidade e infância**. Bauru: Faculdade de Ciências. Brasília: MEC/SEF, 2005, n.1, p. 17-34 (Cadernos Cecemca).

_____. **Educação sexual:** além da informação. São Paulo: EPU, 1990.

ROCHA, Patrícia. **Jornalismo em primeira pessoa:** a construção de sentidos das narradoras da revista *TPM*. 2007. 155 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e

Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RODRIGUES, Bruna Mariano. **Novas representações da mulher:** um estudo dos editoriais da revista *TPM*. Em: Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2011.

RODRIGUES, Gabriel de Oliveira. **Corpos em evidência:** uma perspectiva sobre os ensaios fotográficos de *G Magazine*. 2007. 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Marjorie. **Backlash à brasileira:** a construção do feminino em veículos jornalísticos impressos. 2010. 381 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ROLAND, Maria Inês de França. **A construção social do problema da gravidez na adolescência:** estudo de caso sobre o Campo Institucional da Central da Gestante, em Piracicaba, SP. 1994. 293 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. Em: VANCE, Carol (Org.), **Pleasure and danger:** exploring female sexuality, Routledge & Kegan Paul, Boston, 1984, pp. 267-319.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 1, v. 9., p. 9-21, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>>. Acesso em: 18 jul 2013.

SALIH, Sarah. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Uma história da construção do direito à felicidade no Brasil. Em: FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser feliz hoje:** Ser feliz hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 181-194.

SANTOS, Daniela Barsoti. **Ideais de mulher:** estética de corpo e de relações afetivo-sexuais veiculados pela mídia escrita em revistas direcionadas ao público jovem no contexto brasileiro. 2006. 370 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

SANTOS, Leonel Cardoso dos. A construção de posições identitárias na revista *G magazine*: intersecções entre homossexualidades masculinas e consumo. Em: **Anais do Fazendo Gênero 9-** Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=180>. Acesso em: 19 jul. 2013.

SCALZO, Marina. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade:** representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. 2003. 261 f. Tese (Doutorado em

Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

SEIXAS, Rebeca Bruno da Silva. "**Seja homem!**": Construção de masculinidade na revista *Men's Health* Brasil. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria- RS, 2012.

SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite**: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas. 2007. 311 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

SIBILIA, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. Em: FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser feliz hoje**: Reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 195- 212.

SILVA, Daniela Agendes. **O Bê-a-Bá do jogo da sedução**: Uma análise crítica dos discursos jornalístico e de divulgação científica nas revistas *Gloss* e *Men's Health*. 2012. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas- RS, 2012.

SILVA, Maria Cecília Pereira. **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SILVA, Patrícia Conceição da. **A heteronormatividade ensinada "tintim por tintim"**: uma análise das revistas *Atrevida* e *Capricho*. 2010. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

_____. **A sexualidade construída nas páginas das revistas adolescentes**: um estudo de caso de *Atrevida*, *Capricho* e *Todateen*. 98 f. 2006. Monografia (Graduação em Comunicação Social), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SOUZA, Edney Clemente de. **Playboy**: a estética do inatingível. 2009. 115f. Dissertação (Mestrado apresentada em Comunicação Social), PUC-Rio, Rio de Janeiro, março de 2009.

SOUSA FILHO, Alípio de. Sexualidade e política: maio de 68 e depois. **Anais do Evento 40 anos de Maio de 68**: rupturas e continuidades, Trabalho Completo, 2011.

_____. **Orientação sexual**: construção política do desejo, ou crítica da substancialização. Departamento de Políticas Públicas, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS_PDF/Orientacao%20sexual%20-%20a%20construcao%20politica%20do%20desejo.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2013.

SPAZIANI, Raquel Batista. **Violência sexual infantil**: concepção de professoras sobre conceito e prevenção. 2013. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2013.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. **Psicologia e Teoria Queer: das identidades aos devires**. 2013. 204f. Tese (Livre Docência em Psicologia)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

THOMPSON, Sharon. Search for tomorrow: on feminism and the reconstruction of teen romance. Em: VANCE, Carol (Org.) **Pleasure and danger: exploring female sexuality**, Routledge & Kegan Paul, Boston, 1984, pp. 350- 384.

TOLEDO, Livia Gonsalves. “**Será que eu tô gostando de mulher?**”: Tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista. 2013. 434 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

_____. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**. 2008. 234f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

TONG, Rosemarie. **Feminist thought: a more comprehensive introduction**. Westview Press, Philadelphia, 2009.

USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. Tradução de Sônia Alberti. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

VANCE, Carol. Pleasure and danger: towards a politics of sexuality. Em: VANCE, Carol (Org.) **Pleasure and danger: exploring female sexuality**, Routledge & Kegan Paul, Boston, 1984, pp. 1-27.

VAZ, Paulo. A vida feliz das vítimas. Em: FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o dever da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 135-164.

VIVARTA, Veet (Org.). **A mídia como consultório?** Brasília: Andi, Unicef, Ministério da Saúde, 2003.

WADE, Lisa.; HELDMAN, Caroline. Hooking up and Opting out: Negotiating sex in the firsts year of college. Em: **Sex for life: From virginity to Viagra, how sexuality changes throughout our lives**. New York University Press: New York, 2012.

WEBSTER, Paula. The forbidden: eroticism and taboo. Em: VANCE, Carol (Org.) **Pleasure and danger: exploring female sexuality**, Routledge & Kegan Paul, Boston, 1984, pp. 385-398.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. Em: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2010. p. 35-82.

_____. Sexuality and its discontents. London: Routledge; New York: Keagan Paul, 1985.

WEID, Olivia Von Der. **Adultério consentido: gênero, corpo e sexualidade na prática do swing**. 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Menino-Menina: sexo ou gênero? Em: SERBINO, Raquel Volpato; GRANDE, Maria Aparecida Rodrigues de Lima (Orgs.). **A**

escola e seus alunos: o problema da diversidade cultural. São Paulo: Editora da Unesp, 1995. p. 31-52.

WINESKI, Kirsten. **Maximizing masculinity:** a textual analysis of maxim magazine. 2007. 144f. Dissertação (Mestrado em Artes)- University of Massachusetts, Massachusetts, 2007.

WOLF, Naomi. **Promiscuidades:** a luta secreta para ser mulher. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Fogo com fogo.** Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco: 1996.

_____. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1992.

WOLFF, Carlos Castilho. **Como é ser menino e menina na escola:** um estudo de caso sobre as relações de gênero no espaço escolar. 2006. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

REVISTAS ANALISADAS

ATREVIDA. São Paulo: Editora Escala, fevereiro de 2012.

BOA FORMA. São Paulo: Editora Abril, fevereiro de 2012.

CAPRICHO. São Paulo: Editora Abril, fevereiro de 2012.

G. São Paulo: Editora Ultra Friends, fevereiro de 2012.

JÚNIOR: São Paulo: Editora Mix Brasil, fevereiro de 2012.

MEN'S HEALTH. São Paulo: Editora Abril, fevereiro de 2012.

NOVA. São Paulo: Editora Abril, fevereiro de 2012.

PLAYBOY. São Paulo: Editora Abril, fevereiro de 2012.

SEXY. São Paulo: Editora Rickdan, fevereiro de 2012.

TODATEEN. Bauru: Editora Alto Astral, fevereiro de 2012.

TPM. São Paulo: Editora Trip, fevereiro de 2012.

TRIP. São Paulo: Editora Trip, fevereiro de 2012.

VIP. São Paulo: Editora Abril, fevereiro de 2012.

WOMEN'S HEALTH. São Paulo: Editora Abril, fevereiro de 2012.

